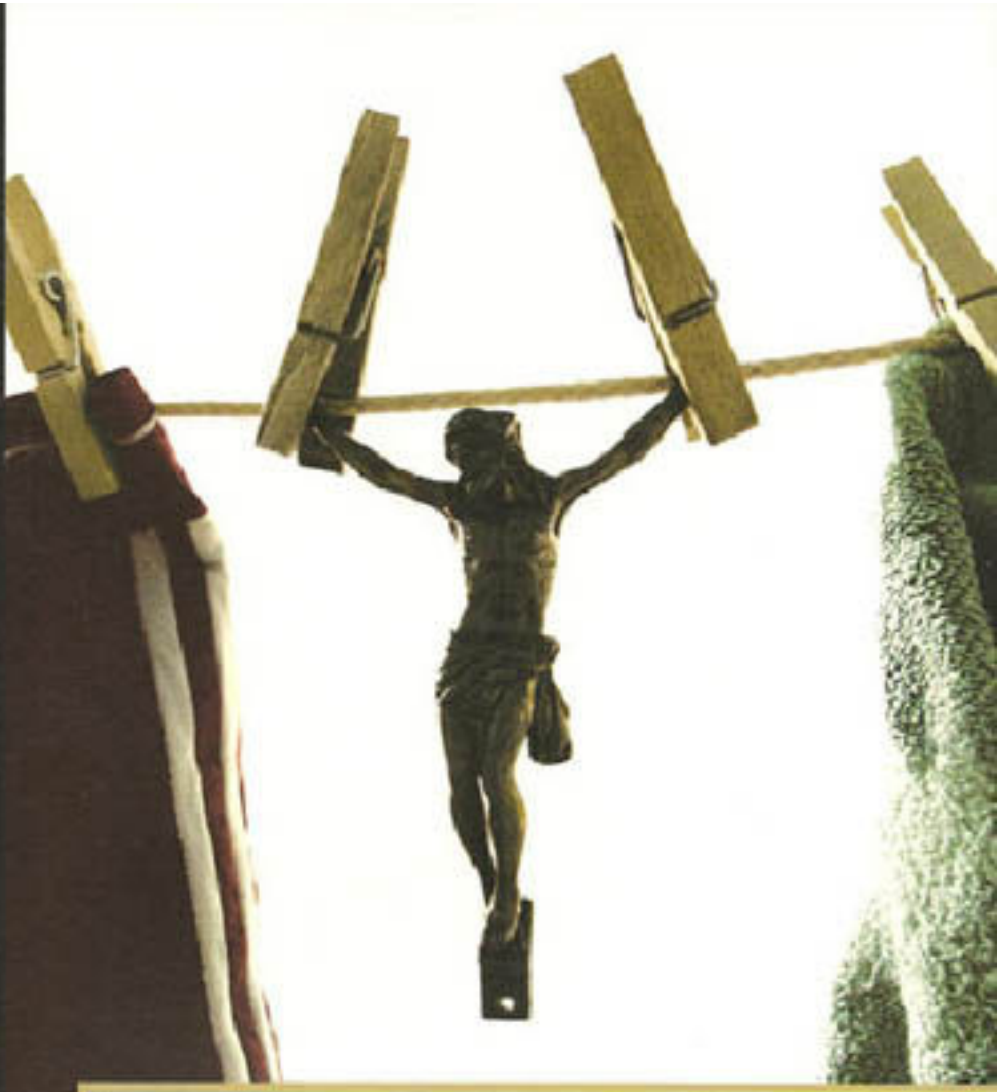
SÉRIE ✷ TEOLOGIA ESPIRITUAL



A maldição do Cristo genérico

A banalização de Jesus na espiritualidade atual

EUGENE H. PETERSON

A maldição do Cristo genérico

Eugene H. Peterson

Digitalizado por Luizito
Revisado por Amigo Anônimo

LANÇAMENTO
SEMEADORES DA PALAVRA

www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

A MALDIÇÃO DO CRISTO GENÉRICO

Categoria: Espiritualidade

Copyright © 2005 por Eugene H. Peterson

Publicado originalmente por William B. Eerdmans Publishing, Grand Rapids, EUA

Título original: Christ Plays in Ten Thousand Places
Editora responsável: Silvia Justino
Editor-assistente: Omar de Souza
Supervisão de produção: Lilian Melo
Colaboração: Miriam de Assis
Capa: Douglas Lucas
Imagem: Joan Vicent Roig

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão *Almeida Revista e Atualizada,* 2.ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peterson, Eugene H., 1932-

A maldição do Cristo genérico : A banalização de Jesus na espiritualidade atual/ Eugene H. Peterson; traduzido por Suzana Klassen. — São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

Título original: Christ Plays in Ten Thousand Places
ISBN 978-85-7325-470-9

1. Espiritualidade 2. Teologia 3. Vida cristã 4. Vida espiritual I. Título. II. Série

06-0257 CDD-248

Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia espiritual: Espiritualidade : Cristianismo 248

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela: Associação Religiosa Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147 — Home page: www.mundocristao.com.br
Editora associada a:

- Associação de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em abril de 2007.
Impresso no Brasil

Sumário

Agradecimentos 6
Prefácio 7
Introdução 8
1. Limpando o campo 20
2. Cristo atua na criação 66
3. Cristo atua na história 171
4. Cristo atua na comunidade 292
Epílogo 427
Bibliografia 438

Para James e Rita Houston

... Pois Cristo atua em mil lugares,
Belo em membros, belo em olhos que
não são seus
Para o Pai, nos traços do rosto de homens
dissimilares.

GERARD MANLEY HOPKINS

AGRADECIMENTOS

Três congregações presbiterianas me ofereceram um longo treinamento em teologia espiritual: a Towson Presbyterian, em Maryland; a White Plains Presbyterian, em Nova York, e a Christ Our King Presbyterian, em Maryland. Foi nesses lugares e com as pessoas dessas congregações que esta conversa começou.

Durante anos, várias instituições educacionais me receberam como professor visitante ou adjunto, proporcionando estímulo e reflexões que aprofundaram minha visão e estenderam meu interesse pela teologia espiritual além da minha realidade local. Boa parte do conteúdo deste livro foi testada e desenvolvida enquanto eu lecionava no Seminário St. Mary, em Baltimore, no Seminário Teológico de Pittsburgh e no Regent College de Vancouver, no Canadá.

Os primeiros esboços de várias partes do texto foram publicados nos periódicos *The Christian Century, Christianity Today, Crux, Ex Auditu, Journal for Preachers*, *Reformed Review* e *The Rutherford Journal* (este na Escócia). As aulas de Thessien, no Canadian Menonite College, em Winnipeg, Canadá, e as aulas de Selwyn, na catedral de Litchfield, na Inglaterra, foram de grande importância para a constituição do projeto final deste livro.

Os pastores Michael Crowe e Steven Trotter tiveram uma contribuição relevante nos estágios finais da redação.

A esses e tantos outros amigos e colegas cujos nomes não são citados aqui, minha imensa gratidão pelas conversas e orações ao longo dos anos e pelos diálogos formativos que tomaram corpo neste livro. Muito obrigado.

PREFÁCIO

Dois campos de atuação convergem nestas páginas: o trabalho de pastor e o de professor. Até o presente, a maior parte de minha vida foi dedicada ao ofício de pastor de igrejas. É proveniente desse âmbito de trabalho quase tudo o que está escrito na forma de uma longa conversa sobre a teologia espiritual, o caráter prático da revelação de Deus entre nós e em nós.

Escrever sobre a vida cristã (chamada aqui de "teologia espiritual") é como tentar reproduzir num quadro um pássaro voando. A própria natureza do tema, em que tudo está sempre em movimento e cujo contexto sempre muda — o ritmo das asas, as penas coloridas pelo sol, nuvens levadas pelo vento (e muito mais) —, coíbe a precisão. É justamente por isso que a maioria das definições e explicações deixa escapar exatamente o que nos interessa. Histórias, metáforas, poemas, orações e conversas descontraídas são mais apropriados para esse tipo de tema, um diálogo que, necessariamente, inclui o outro .

Meu trabalho como professor, porém, foi também formativo. Como professor visitante ou adjunto nos anos em que exerci o ofício de pastor, tive diversas oportunidades de passar bom tempo com alunos e pastores refletindo sobre a interseção das Escrituras, da teologia, da história e da igreja no trabalho de levar o evangelho a ser vivenciado nas condições reais que defrontamos em nossa cultura.

Nesse tempo, depois de trinta anos de ministério pastoral, passei a lecionar teologia espiritual em tempo integral no Regent College, no Canadá. A sobreposição de campos de atuação — ministério e magistério — promoveu uma troca dinâmica de influências e forneceu a oportunidade e a energia necessárias para que este livro fosse escrito. Posso atribuir o caráter eclético do texto, a mistura de estilos acadêmico e pessoal, à grande variedade de pessoas que participaram de cultos e aulas comigo e com as quais

converso sobre esses assuntos (agricultores e pastores, donas de casa e engenheiros, crianças e idosos, participantes dos cultos e das aulas, pais e acadêmicos).

Procurei escrever sobre a teologia espiritual nos mesmos termos em que ela é vivida, ou seja, usando uma linguagem ora proveniente dos livros, ora das conversas numa lanchonete, que numa página provém de perguntas levantadas numa palestra; em outra, de impressões acumuladas durante um passeio de caiaque num rio. Minha intenção é dar estrutura e coerência à espiritualidade de nosso tempo, amplamente difundida, porém muitas vezes desorientada, trabalhando com base nas Escrituras e com uma concepção trinitária.

Para mim, todas as conversas em congregações e escolas se reuniram de maneira particularmente fortuita na vida e na obra do doutor e da senhora James Houston, do Regent College. Eles personificaram o significado e a importância da teologia espiritual (Jim com suas aulas e conselhos e Rita com sua hospitalidade). Este livro é dedicado a eles com gratidão.

Advento de 2003

INTRODUÇÃO

Começamos pelo fim. "No meu fim está o meu começo" (T.S. Eliot).[1] Os fins têm precedência sobre os começos. Iniciamos uma viagem decidindo, em primeiro lugar, o destino. Coletamos informações e usamos a imaginação, preparando-nos para aquilo que está por vir: a vida é o fim da vida; vida, vida e mais vida.

O fim de toda crença e obediência cristãs, do testemunho e da instrução, do casamento e da família, do lazer e do trabalho, da pregação e do ministério é viver tudo o que sabemos acerca de Deus: vida, vida e mais vida. Se não sabemos para onde estamos indo, qualquer caminho serve. Mas, se temos destino — neste caso, uma vida dedicada à

[1] "East Coker", em *The Complete Poems and Plays, 1909-1950,* p. 129.

glória de Deus —, o caminho está definido: é o caminho que Jesus Cristo revelou.

Teologia espiritual é a atenção que damos aos detalhes de viver trilhando esse caminho. É um protesto contra a teologia despersonalizada, transformando-a num conjunto de informações sobre Deus; é um protesto contra uma teologia funcionalizada, convertendo-a num planejamento estratégico para Deus.

Um soneto do poeta e padre jesuíta Gerard Manley Hopkins declara, de forma impressionante e precisa, o fim da vida humana bem vivida:

Como arirambas se incendeiam, libélulas ardem em chama;
Lançadas na beira de um poço arredondado
As pedrinhas ressoam; feito corda tangida, sino tocado
A curva meneando de encontro ao badalo, seu nome proclama;
Cada coisa mortal faz uma coisa só e mesma:
Revela o ser recôndito por ele habitado;
Asimesma — a si mesmo se move; *eu mesmo,* diz e escreve, soletrando,
Aquilo que faço sou eu: foi para isso que vim — eis que clama.
Digo mais: homem justo, de justiça são os atos teus;
Guarda a graça: ela guardará como graças tudo o que realizares;
Age aos olhos de Deus conforme é aos olhos de Deus —
Cristo. Pois Cristo atua em dez mil lugares,
Belo em membros, belo em olhos que não são seus
Para o Pai, nos traços do rosto de homens dissimilares.[2]

Percebemos que a vida é mais do que as coisas com as quais temos contato neste momento, mas não é diferente nem desligada delas. Temos vislumbres de totalidade e vitalidade que vão além daquilo que podemos gerar com

[2] Em Gardner e Mackenzie, p. 90

nossos recursos. Vemos indícios da congruência entre quem e o que somos e o mundo ao redor — pedras e árvores, campinas e montanhas, aves e peixes, cães e gatos, arirambas e libélulas —, confirmações vagas e fugazes, porém convincentes, de que estamos todos envolvidos, de que somos relacionados a tudo o que existe, existiu e existirá.

Sentimos no íntimo que fazemos parte de um empreendimento maior do que a soma das partes que podemos identificar olhando ao redor, ou relacionar num levantamento dos detalhes de nosso corpo, de nossas famílias, dos pensamentos e das idéias, das condições do tempo e das notícias, do trabalho e das atividades de lazer. Temos essa sensação (que nunca conseguiremos definir exatamente, nem explicar ou esquematizar) de que sempre viveremos um mistério — mas um mistério bom.

Todos que estão vivos neste momento, incluindo você, que está lendo esta página, e eu, a pessoa que está escrevendo, sem nenhuma outra consideração específica além do fato de ter os olhos abertos, de receber o ar nos pulmões, de poder dar testemunho desse Algo Mais, dessa Congruência, dessa Relação, desse Mistério segundo o qual

Cada coisa mortal faz uma coisa só e mesma: Revela o ser recôndito por ele habitado...

A palavra mais simples que temos para definir isso é vida. As últimas linhas do poema de Hopkins apresentam a imagem que escolhi como ambiente metafórico para esclarecer os detalhes de tudo o que a vida cristã abrange:

Pois Cristo atua em mil lugares,
Belo em membros, belo em olhos que não são seus
Para o Pai, nos traços do rosto de homens dissimilares.

A FORMA COMO HOPKINS se expressa transmite o vigor, a energia e a espontaneidade inerentes à vida como um todo. Esses versos manifestam a convicção nítida de que Cristo, aquele que revela Deus, está por trás de tudo e faz

parte de tudo nesta vida. A mensagem é de que tudo nesta vida de arirambas e libélulas radiantes, de pedrinhas rolando, de cordas de harpa e de sinos ressoantes se desenrola em nós, em nossos membros e olhos, em nossos pés e palavras, no rosto de homens e mulheres que vemos o dia inteiro, todos os dias, no espelho e na calçada, na sala de aula e na cozinha, nos locais de trabalho e nos parques, nos santuários e nas reuniões.

O verbo central "atuar" capta a superabundância e a liberdade que marcam a vida quando vivida além da necessidade, além da mera sobrevivência. Esse verbo também sugere palavras, sons e ações coordenados, como numa dança, expressando outras realidades acerca da beleza, da verdade ou da bondade. Ao falar dos membros, dos olhos, do rosto, Hopkins incorpora o sentido de dançar com Deus como o "outro" supremo ("... Para o Pai") — o que corresponde a dizer que a vida, em sua totalidade, é (ou pode ser) adoração.

O soneto de Hopkins é uma das maneiras mais apropriadas de apresentar aquilo que buscamos ao tentar entender a vida, o "fim" da vida: o vigor e a espontaneidade, o Cristo que revela Deus envolvendo a nós e a tudo ao nosso redor, a liberdade lúdica e a superabundância — a dedicação total de nossa vida como "atuação", uma postura de adoração diante de Deus. A fim de evitar interpretações equivocadas ou limitadas, às vezes acrescentamos o adjetivo "cristã" a essa "vida". Cabe à comunidade cristã dar testemunho e orientar quanto ao modo de vivê-la numa cultura que a reduz, estrangula e enfraquece implacavelmente.

Assim, escolhi o poema de Hopkins para dar o tom e identificar a natureza de minha proposta ao escrever este livro. Espero representar, de maneira clara e precisa, aquilo que a igreja cristã tem vivido no mundo e para o mundo nos últimos dois mil anos. Meu objetivo não é muito diferente do de Hopkins em seu poema. Poema é um conjunto complexo de sons e ritmos, significados claros e repletos de cores, de justaposições do comum com o inesperado, tudo reunido de

maneira a nos envolver como participantes da vida, de mais vida, de vida real.

Essa é minha intenção — não, prioritariamente, explicar alguma coisa ou transmitir informações, mas envolver nossa história (de meus amigos e vizinhos, de minha família e minha igreja, de meus vizinhos e alunos) com a de Cristo. Não tenho nada de novo a dizer; os cristãos conhecem todos os fundamentos pelo simples fato de estarem vivos e serem batizados. Já participamos dessa história, pois, de fato, Cristo atua "em mil lugares". No entanto, espero aumentar o envolvimento dos que são membros, olhos e rostos por meio dos quais Cristo atua.

ESTE LIVRO É UMA CONVERSA sobre teologia espiritual. Escolhi o termo "conversa" porque denota o vaivém das pessoas, muitas empenhadas na tarefa de considerar, explorar, discutir e desfrutar não apenas o tema em questão, mas também a companhia umas das outras. A expressão "teologia espiritual" é um par de palavras que mantém a coesão daquilo que, com freqüência, é "desmembrado". Representa o esforço da comunidade da igreja para manter o que pensamos a respeito de Deus (teologia) em ligação orgânica com a maneira como vivemos com Deus (espiritualidade) .

O crescimento meteórico do interesse pela espiritualidade nas últimas décadas deve-se, em grande parte, a uma profunda insatisfação com abordagens da vida aridamente racionalistas, constituídas de definições, explicações, esquemas e instruções (de psicólogos, pastores, teólogos ou planejadores), ou impessoalmente funcionais, compostas de *slogans,* objetivos, incentivos e programas (de anunciantes, palestrantes, consultores, líderes de igreja ou evangelistas). Mais cedo ou mais tarde, quase todos descobrimos um desejo profundo de viver de coração o que já sabemos com a mente e fazemos com as mãos.

Mas "a quem recorrer"? As instituições educacionais demonstram interesse apenas secundário em lidar com o desejo — oferecem livros para ler e exames para aprovar,

mas, fora isso, não dão muita atenção. Em nosso local de trabalho, descobrimos logo que somos valorizados, principalmente (senão exclusivamente) em razão da utilidade e da lucratividade — somos recompensados quando desempenhamos bem nosso papel; do contrário, somos demitidos.

As instituições religiosas, que em outros tempos eram (e em outras culturas ainda são) os lugares mais óbvios para tratar das questões de Deus e da alma, causam decepção a cada vez mais pessoas. Elas descobrem estar sendo cuidadosamente desenvolvidas como consumidoras num mercado que comercializa Deus como produto; ou se vêem tratadas como alunos aprendendo em ritmo irritantemente vagaroso, sendo preparados para provas finais sobre "a mobília do céu e a temperatura do inferno".[3]

Por causa dessa pobreza espiritual que nos cerca, da falta de interesse em tratar daquilo que é de suma importância — e está ausente tanto de escolas, empregos e vocações quanto dos lugares de culto —, a "espiritualidade" (usando um termo genérico) saiu das estruturas institucionais e se encontra um tanto dispersa. A espiritualidade está "no ar". O lado bom é o fato de que os aspectos mais profundos e característicos da vida passaram a ser preocupações correntes; a fome e a sede pelo eterno e duradouro são amplamente reconhecidas e abertamente expressas; a recusa das pessoas em ser reduzidas a uma descrição de cargo e a resultados de avaliações é, hoje, realidade clara e definida.

No entanto, a dificuldade encontra-se na constatação de que, de uma forma ou de outra, todos estão convidados a criar a espiritualidade mais adequada a si mesmos. Da miscelânea de testemunhos de celebridades, gurus da mídia, fragmentos de êxtase e fantasias pessoais, inúmeras pessoas, com as melhores intenções do mundo, montam, "por conta própria", identidades espirituais e modos de vida dotados de

---

[3] Reinhold NIEBUHR, *The Nature and Destiny of Man,* p. 294.

inclinação clara para vícios, relacionamentos rompidos, isolamento e violência.

Não há dúvida de que existe o interesse amplamente difundido de viver além dos papéis e das funções atribuídos pela cultura. No entanto, grande parte dessa preocupação resulta numa espiritualidade moldada segundo parâmetros determinados pela mesma cultura. Assim, parece-nos preferível usar o termo "teologia espiritual" para nos referir de modo específico à tentativa dos cristãos de tratar das experiências vividas e reveladas nas Sagradas Escrituras e da riqueza de conhecimentos e práticas de nossos antepassados ao aplicá-las ao mundo contemporâneo, no qual a "fome e sede de justiça" são difusas e indistintas.

Os termos "teologia" e "espiritual" formam um ótimo par. "Teologia" é a atenção que dedicamos a Deus, nossa tentativa de conhecê-lo conforme é revelado nas Sagradas Escrituras e em Jesus Cristo. O adjetivo "espiritual" se refere à insistência de que toda revelação de Deus sobre si mesmo e suas obras pode ser vivida por homens e mulheres comuns em seus lares e locais de trabalho. O "espiritual" impede que a "teologia" se deteriore num simples e distante exercício de pensar, falar e escrever sobre Deus. A "teologia" evita que o "espiritual" se torne apenas a atividade emocional de pensar, falar e escrever sobre sentimentos e idéias individuais de Deus. Uma palavra necessita da outra, pois sabemos como é fácil desassociar o estudo sobre Deus (teologia) da maneira como vivemos; também sabemos como é fácil desvincular nosso desejo de viver com plenitude e satisfação (vida espiritual) daquilo que Deus é, de fato, e das maneiras como ele opera entre nós.

A teologia espiritual é a atenção que dedicamos à teologia prática que vivemos e sobre a qual oramos, pois se não orarmos, mais cedo ou mais tarde ela deixará de ser vivida de dentro para fora e em harmonia com o Senhor da vida. É nossa tentativa de viver aquilo que sabemos e cremos acerca de Deus. É o desenvolvimento da vida como adoração, ajoelhados perante Deus, o Pai; da vida como sacrifício, usando nossos pés para seguir Deus, o Filho; da vida como

amor, envolvendo e sendo envolvidos pela comunidade de Deus, o Espírito.

A teologia espiritual não é uma área a mais para ser listada juntamente com as disciplinas da teologia sistemática, bíblica, prática e histórica; ela representa a convicção de que toda teologia, sem exceção, diz respeito ao Deus vivo, que nos torna criaturas cujo propósito é viver para a sua glória. É o desenvolvimento da consciência e de percepções ao mesmo tempo alertas e responsivas em nosso local de trabalho e de culto; igualmente ativas quando trocamos as fraldas de um bebê no quarto e quando meditamos no meio de um bosque; necessárias tanto ao ler editoriais do jornal quanto ao fazer a exegese de uma frase escrita em hebraico.

Alguns podem querer simplificar tudo, mantendo o espiritual e descartando a teologia. Outros se contentarão em continuar com a teologia habitual e deixar de lado o espiritual. No entanto, a verdade é que vivemos apenas porque Deus vive, e vivemos bem apenas quando o fazemos de modo coerente com a forma como Deus nos cria, salva e abençoa. A espiritualidade começa com a teologia (a revelação e a compreensão acerca de Deus) e é norteada por ela. E a teologia nunca se encontra inteiramente separada de sua expressão no corpo de homens e mulheres aos quais Deus deu vida, sendo o desejo dele que todos vivam a salvação na plenitude (espiritualidade).

A NOÇÃO DE "TRINDADE" é a formulação teológica que fornece a estrutura mais adequada para manter as conversas sobre a vida cristã coerentes, focadas e pessoais. Desde o início, a comunidade cristã percebeu que tudo a nosso respeito — adorar e aprender, conversar e ouvir, ensinar e pregar, obedecer e decidir, trabalhar e brincar, comer e dormir — se desenrola no "território" da Trindade, ou seja, na presença e no meio das operações de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Se a presença e a operação de Deus não forem entendidas como o que define quem somos e

o que estamos fazendo, nada será entendido e vivido corretamente.

Em vários meios, a Trindade sofreu a indignidade de ser tratada como artefato verbal dissecado, esquadrinhado e investigado por octogenários artríticos que Robert Browing, em sua crítica mordaz, considerou "mortos da cintura para baixo".[4] Na verdade, trata-se de nosso empreendimento intelectual mais exuberante sobre Deus.[5] A Trindade é a tentativa conceitual de dar coerência a Deus conforme ele é revelado diversamente como Pai, Filho e Espírito Santo nas Escrituras: Deus é intensamente pessoal; é Deus única e exclusivamente em relacionamentos.

A Trindade não é uma tentativa de explicar ou definir Deus por meio de abstrações (ainda que, em parte, seja isso também), mas um testemunho de que Deus se revela pessoal, em relacionamentos pessoais. A conseqüência prática desse fato é que Deus nos resgatou das especulações dos metafísicos e nos trouxe ousadamente para uma comunidade de homens, mulheres e crianças chamados a ter essa vida comum de amor, uma vida extremamente pessoal, na qual experimentam a si mesmos em termos pessoais de amor, perdão, esperança e desejo.

Descobrimos, sob a imagem da Trindade, que não conhecemos Deus ao defini-lo, mas ao sermos amados por ele e ao corresponder mos a esse amor. As conseqüências são pessoalmente reveladoras: outra pessoa não vem a me conhecer, nem eu a outrem, pela definição, explicação, categorização ou "psicologização", mas de modo relacional, ao aceitar e amar, dar e receber. Os aspectos pessoais e interpessoais oferecem as imagens centrais (Pai, Filho, Espírito Santo) tanto para conhecermos Deus quanto para sermos conhecidos por ele. Isso é viver, e não pensar sobre viver; é viver com alguém, e não desempenhar funções para alguém.

---

[4] "A Grammarian's Funeral", em The Poems and Plays of Robert Browning, p. 169.

[5] William BARRET, "The Faith to Will", em *The American Scholar,* p. 526.

Assim, estas conversas sobre a teologia espiritual têm como contexto o território mapeado pela Trindade, no qual conhecemos Deus Pai na criação, Deus Filho na história e Deus Espírito na comunidade, nele cremos e a ele servimos.

Ao falarmos da Trindade, não podemos nos limitar a entender corretamente o dogma teológico; o território da Trindade abrange a criação (o mundo em que vivemos), a história (tudo o que acontece à nossa volta) e a comunidade (as maneiras como participamos pessoalmente da vida diária na companhia de outros ao nosso redor). A Trindade não é algo imposto a nós, mas um testemunho da co-inerência de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) e da co-inerência de nossa vida com a imagem de Deus (onde estamos, o que está acontecendo e quem somos ao falar, agir e nos envolver uns com os outros).

A Trindade mapeia o território em que conhecemos, recebemos e obedecemos a Deus. Ela não é o território em si, é o seu mapa. E, por certo, um mapa extremamente útil, pois Deus é amplo e variado, opera de forma visível e invisível. Se somos deixados por nossa própria conta, muitas vezes acabamos perdidos em becos sem saída, emaranhados em touceiras, sem a mínima idéia de onde estamos. O mapa nos situa: fornece o vocabulário e identifica a experiência pela qual podemos explorar Deus quando não há nenhuma placa apontando para ele, quando não há nenhum rótulo definindo claramente a forma ou o sentimento estranho que está diante dos olhos.

Podemos também dizer a respeito de um mapa que, apesar de ser artefato, algo feito, não é imposto arbitrariamente sobre a região por ele representada. Ao contrário, é resultante da observação minuciosa e do registro preciso da realidade. Os mapas devem ser fiéis. Além disso, são humildes — não aspiram a ser o território. Estudar um mapa não oferece experiência da região que ele retrata. O propósito do mapa é nos mostrar o caminho dentro desse território e evitar que nos percamos na viagem.

TENDO O ESPÍRITO SANTO como fonte de estrutura e contexto, as conversas se desenvolverão sob a metáfora de que "Cristo atua em mil lugares". Faremos isso primeiramente limpando o campo e, depois, explorando as três dimensões intersecionais: da criação, da história e da comunidade em que vivemos.

LIMPANDO O CAMPO

Vivemos num tempo em que há enorme interesse no que é conhecido popularmente como "espiritualidade". No que diz respeito a dar orientação sobre como viver a vida, a igreja não tem monopólio nessa área. O campo da espiritualidade está repleto de escombros de regras e tentativas improvisadas de viver esta vida. Assim, procurarei remover esse entulho e determinar uma base comum para o diálogo, definindo algumas histórias, metáforas e termos fundamentais que nos prepararão para entender a vida cristã em termos bíblicos e pessoais.

CRISTO ATUA NA CRIAÇÃO

Vivemos num universo extraordinariamente complexo. Temos uma vida conjunta e relacional com milhões de outras formas de vida. Há um bocado de coisas acontecendo e não queremos ficar de fora. Numa era que funcionaliza tudo e todos, e num tempo em que o sagrado, o santo, quer em coisas, quer em pessoas, se encontra num processo contínuo de desgaste, trataremos de como os cristãos recebem, celebram e honram toda a criação como dádiva sagrada cujas origens e cuja expressão plena se encontram no nascimento de Cristo.

CRISTO ATUA NA HISTÓRIA

Mas a vida não se resume à dádiva da criação. Também estamos mergulhados numa história em que o pecado e a morte desempenham papel importante: sofrimento e dor, decepção e perda, catástrofe e perversidade. Numa era de conhecimento crescente e proficiência tecnológica impressionante, é fácil pressupor que um pouco mais de

conhecimento e tecnologia logo mudará o destino da humanidade para melhor. Mas não foi assim no passado, e não será no futuro. Usando documentos detalhados e irrefutáveis, os historiadores mostram que o século XX foi o mais aniquilador de que se tem registro.[6] Precisamos de ajuda. Trataremos de como os cristãos se envolvem numa história cujo significado final provém da morte de Cristo e da vida de salvação resultante desse sacrifício.

CRISTO ATUA NA COMUNIDADE

A vida cristã é vivida com outros e para outros. Nada pode ser feito de modo isolado ou egoísta. Numa era de individualismo crescente, é fácil pressupor que a vida cristã é, antes de tudo, uma responsabilidade exclusivamente minha. Todavia, nem a auto-ajuda nem o egoísmo tem lugar na teologia espiritual. Trataremos de como somos inseridos na comunidade formada pelo Espírito Santo de Cristo e pelas quais nos tornamos participantes integrais de tudo o que o Cristo ressurreto é e faz, vivendo uma vida de ressurreição.

---

6 George STEINER, *Grammar of Creation,* p. 323.

1. LIMPANDO O CAMPO

Vinde a mim [...] aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração...

MATEUS 11:28-29

Assim que os evangelhos foram escritos, o discurso inexperiente começou a tratar de maneira superficial os fatos novos propostos pela existência da Igreja [...] As pessoas tentaram pensar sobre a vida nova sem ser tocadas, antes, por algum tipo de chamado, sem ouvir, sem paixão ou transformação interior.

EUGENE ROSENSTOCK-HUESSY. [7]

A energia efervescente da espiritualidade pode ser vista em toda parte. A princípio, trata-se de um fenômeno positivo. A espiritualidade, contudo, também tende para imprecisões que entulham o campo e dificultam o diálogo. Existem quatro empecilhos. Em primeiro lugar, a espiritualidade desenvolve com facilidade e quase inevitavelmente posturas elitistas, ao observarmos que tantos homens e mulheres com os quais convivemos no trabalho e na igreja "não são espirituais".

Em segundo lugar, no entusiasmo de ter uma experiência pessoal, a espiritualidade se desvia imperceptivelmente da Bíblia, seu texto fundamental, e aceita o mundo convidativo da auto-ajuda. Em terceiro lugar, exposta a uma cultura que não hesita em fornecer os termos do discurso, a espiritualidade é diluída ou esvaziada de toda peculiaridade do evangelho. Por fim, numa reação ao que se acredita ser uma teologia "morta", a espiritualidade passa facilmente a sofrer de amnésia teológica e acaba isolada de qualquer consciência dos horizontes grandiosos e maravilhosos de Deus, dos cenários vastos nos quais somos convidados a viver a vida cristã.

Minha intenção é colocar essas energias contemporâneas imprecisas dentro de limites bíblicos e

---

[7] *The Fruit of Lips,* p. 85.

orientá-las para entrarem na companhia de Jesus, preparando para nos juntarmos à "atuação" de Cristo na criação, na história e na comunidade. Usarei duas histórias, três textos, quatro termos e uma dança para remover o entulho das interpretações e conceitos equivocados nessas quatro áreas: duas histórias, para nivelar o campo de modo a vivermos com humildade e sem pretensão (em contraposição ao elitismo); três textos, para definir os alicerces bíblicos de modo a vivermos em obediência (em contraposição ao modismo da auto-aju-da); quatro termos que oferecem o enfoque do evangelho para vivermos corretamente (em contraposição à imprecisão); e uma dança para colocar a teologia em posição proeminente dentro do campo de ação, de modo que nossa imaginação seja ampla o suficiente para abranger a vida (em contraposição ao horizonte secular reduzido).

DUAS HISTÓRIAS

Uma história é a maneira mais natural de ampliar e aprofundar nossa percepção da realidade e, então, nos convidar a participar dela. As histórias abrem portas para áreas ou aspectos da vida cuja existência desconhecíamos ou que havíamos deixado de observar por terem se tornado triviais, ou, ainda, que imaginávamos estar fora do nosso alcance. As histórias, então, nos recebem de braços abertos, pois são atos verbais de hospitalidade.

No início de seu evangelho, o apóstolo João conta duas histórias que, sem dúvida, acolhem todos na vida cristã. A primeira é a de Nico-demos, rabino judeu (Jo 3). Preocupado com sua reputação, ele vai, escondido, falar com Jesus. Se os seus colegas rabinos soubessem de sua conversa com o mestre itinerante, de fama duvidosa e discurso profético irrefreável, vindo da cidade desprezada de Nazaré, na Galiléia, Nicodemos perderia a credibilidade. Assim, ele foi procurar Jesus à noite. Ao que parece, não tinha assunto definido para tratar; queria apenas conhecer Jesus, e começou a conversa com um elogio: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer

estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (Jo 3:2).

Mas Jesus percebeu um interesse por trás dessas palavras, uma pergunta por fazer; Nicodemos estava procurando alguma coisa. Jesus colocou de lado os comentários preliminares e foi direto ao assunto; sondou o coração de Nicodemos e tratou do que viu ali: "Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (3:3). Então era *por isso* que Nicodemos estava lá: para saber como chegar ao reino de Deus, viver sob o governo de Deus, fazer parte da realidade de Deus. Que coisa estranha!

É estranho porque Nicodemos deveria ser perito nesse assunto. Por que, então, procurar Jesus furtivamente e conversar com ele às escondidas? Foi por humildade? É uma possibilidade plausível. Os líderes que são sempre admirados, que respondem com grande competência e que, supostamente, vivem aquilo que pregam muitas vezes têm um sentimento intenso de dissonância: "A pessoa que sou e a pessoa que os outros pensam que sou não são, nem de perto, iguais. Quanto mais me sobressaio como rabino, maior é a minha reputação e mais impostor me sinto. Minha vivência fica tão aquém de tudo o que *sei!* Quanto mais tempo vivo e mais conhecimento adquiro, maior o abismo entre o que sei e o que vivo. A situação piora a cada dia...".

Assim, é possível que essa inquietação profunda baseada numa humildade verdadeira tenha levado Nicodemos até Jesus naquela noite. Ele não estava à procura de informações teológicas, mas de uma *porta de entrada;* não queria saber mais *sobre* o reino de Deus, queria um guia e amigo que lhe mostrasse essa porta e o conduzisse para dentro: "Como posso *entrar...?".*

Ou ele foi motivado apenas pela curiosidade? A fim de manter sua influência, os líderes precisam estar sempre à frente na corrida, acompanhar as tendências, saber o que vende mais no mercado atual. Naquele tempo, Jesus atraía uma atenção extraordinária sobre si. "Então, qual é a dele? Qual o seu segredo? Como ele faz isso?" Nicodemos era

competente em seu trabalho, mas não podia simplesmente descansar nos louros. O mundo passava por transformações rápidas. Israel se encontrava num redemoinho cultural — educação grega e governo romano com tradições morais judaicas misturadas a seitas gnósticas, cultos de mistério, grupos terroristas e uma miscelânea de especuladores e fanáticos messiânicos.

Essa mistura mudava a cada semana. Para garantir a firmeza e a continuidade de sua liderança, Nicodemos precisava estar atento a qualquer mudança na direção dos ventos. Jesus era a atração do momento, de modo que o rabino estava lá naquela noite para extrair alguma informação ou descobrir uma estratégia valiosa. Essa também é uma possibilidade plausível.

Mas o apóstolo João, narrador da história, não compartilha do nosso interesse em identificar o motivo que levou Nicodemos até Jesus. Como autor, não demonstra nenhuma preocupação em determinar a razão do encontro. É uma história sobre Jesus, e não sobre Nicodemos. Jesus não pergunta sobre os motivos de Nicodemos, e João não entra nos detalhes dessa questão. Depois do prelúdio breve, Jesus toma a iniciativa e apresenta uma metáfora surpreendente, que cativa a atenção do seu interlocutor: "Te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (3:3) e, na seqüência, antes que Nicodemos pudesse tomar fôlego, acrescenta outra metáfora, ainda mais estranha do que a primeira: "Te digo: Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus" (3:5). Em aramaico, supostamente a língua que Jesus falava, e também no grego, a língua na qual o apóstolo João escreveu seu evangelho, usa-se uma palavra só para "vento", "fôlego" e "Espírito". Pelo fato de essas línguas empregarem o mesmo termo para o movimento do ar causado pela contração dos pulmões, o deslocamento de ar provocado por mudanças barométricas e o movimento do Espírito vivificador do Deus vivo dentro de nós, era necessário um exercício de imaginação cada vez que o termo era usado. Nesse caso,

trata-se de uma referência à respiração, às condições do tempo ou a Deus?

Mal fazemos a pergunta e João logo esclarece, colocando o literal e o metafórico lado a lado: "O vento [*pneuma*] sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito [*pneuma*]" (3:8).

Nicodemos balança a cabeça. Não entende o que Jesus está dizendo.

NA SEQÜÊNCIA, TEMOS A história da mulher samaritana (Jo 4). A história não se passa à noite, como a de Nicodemos, mas à plena luz do dia, junto ao poço de Jacó em Samaria. Jesus está sentado sozinho quando a mulher chega para pegar água. Jesus inicia o diálogo pedindo que ela lhe dê de beber. A mulher se surpreende com o simples fato de ser abordada por esse homem, esse *judeu,* pois os dois grupos étnicos estavam separados por séculos de animosidade religiosa.

Além de se surpreender, será que ela também não fica cismada? Podemos sentir certa tensão no tom da pergunta: "Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?" (4:9). Será que desconfia do homem sentado junto ao poço? Tudo indica que essa mulher sofrida tem motivos de sobra para não confiar nele. Mais adiante na história, descobrimos que ela teve cinco maridos e que, no momento, vive com um sexto homem, com o qual não é casada. Não é difícil imaginar o contexto de rejeições subseqüentes, inúmeros fracassos acumulando, ano após ano, cicatrizes na mente e no corpo. Para ela, ser mulher é ser vítima. Estar perto de um homem é estar em perigo. O que esse desconhecido vai fazer em seguida, o que vai dizer? Ela mantém a guarda levantada.

Ou é justamente o contrário? Talvez o que percebemos em sua pergunta não seja desconfiança, mas certa insinuação provocante. Pode estar à procura de outro homem. Provavelmente tenha usado os cinco maridos e o atual amante, cansado deles e esteja seduzindo mais um

homem. Ou veja os homens como oportunidades de gratificação ou forma de conseguir poder e promoção, e quando eles não servem mais para o seu orgulho, ambição ou desejo, os descarta. É inteiramente possível que, ao ver Jesus, ela tenha começado a elaborar estratégias de sedução: "Mas que surpresa agradável! Vamos ver o que posso conseguir dele".

Gostamos desses jogos, de preencher as lacunas, de adivinhar a realidade por trás das aparências, de saber da intimidade das pessoas. Mas, como na história de Nicodemos, Jesus não demonstra interesse em usar subterfúgios, e João não se preocupa em explorar os motivos. Ele a aceita como ela se apresenta, sem fazer perguntas. Vemos que, como no caso anterior, esta história não é sobre a mulher, mas sobre Jesus.

Depois do diálogo de introdução, Jesus começa a falar por enigmas: "Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva" (4:10). Não demora a ficar claro que, em sua conversa com a samaritana, Jesus emprega "água" de forma metafórica, como fez com "vento" para Nicodemos. A palavra "água", que inicialmente se referia à água tirada do poço com um balde, passa a ser usada para indicar algo completamente diferente, algo interno, "uma fonte a jorrar para a vida eterna" (4:14). A essa metáfora, então, é acrescentada a anterior, usada com Nicodemos: "Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (4:24).

Mais uma vez, "espírito" é a palavra que liga nossa experiência senso-rial de respiração e vento com a natureza e atividade de Deus. Quando a conversa está prestes a desandar e se transformar numa discussão sobre o local de adoração, as palavras de Jesus criam subitamente uma nova realidade, na qual Deus assume a posição central.

A mulher entende. Ela faz a ligação entre o que sabe sobre o Messias e o que Jesus lhe diz, o que ele *é* para ela. A samaritana é convertida no mesmo instante.

O QUE MAIS IMPRESSIONA nas duas histórias, quando postas em paralelo, como o apóstolo João faz, é o fato de que o Espírito de Deus está no cerne da ação: a vitalidade de Deus, sua presença criadora, o fôlego soprado em nossa vida como ele o soprou em Adão, o fôlego que nos torna vivos de maneiras que a biologia não é capaz de controlar nem explicar.

Notamos uma característica correspondente: ao serem consideradas em conjunto, as histórias sustentam a acessibilidade. Hoje, o uso do termo "espiritual" tem, muitas vezes, conotação infeliz — um traço de elitismo, de que apenas os escolhidos ou iniciados podem entendê-lo. Mas essas duas histórias negam isso inteiramente. A vida soprada por Deus é geral, totalmente acessível para o amplo espectro da condição humana. Somos acolhidos na vida e ponto final. Não há precondições.

A compreensão dessa acolhida generosa é obtida, primeiramente, pela escolha do vocabulário. As metáforas introdutórias das duas histórias são completamente acessíveis; todos sabem o que as palavras significam sem precisar usar dicionário; são termos da vida comum. No caso de Nicodemos, Jesus fala do nascimento; no caso da mulher, fala de água. Todos temos experiência suficiente relacionada a essas duas palavras para saber a que se referem sem precisar de mais esclarecimentos. Todos sabemos o que é nascimento: o fato de estarmos aqui prova que nascemos. Todos sabemos o que é água: bebemos ou nos lavamos com ela várias vezes por dia. A metáfora comum às duas histórias, vento/fôlego, também é clara. Todos sabemos o que é vento ou fôlego: assopre em sua mão, respire fundo, olhe para as folhas movendo-se com a brisa.

Além disso, encontramos as seguintes características: a primeira história é sobre um homem; a segunda, sobre uma mulher. A vida cristã não favorece nenhum dos sexos.

A primeira história se desenrola numa cidade que é centro de sofisticação, educação e moda; a segunda, nos arredores de uma cidade pequena do interior. A geografia não

exerce nenhuma influência em termos de percepção ou aptidão.

Nicodemos é um membro respeitável da seita estritamente ortodoxa dos fariseus; a mulher de reputação duvidosa faz parte da seita desprezada dos samaritanos. Em se tratando de questões de espiritualidade, as origens étnicas, a identidade religiosa e o histórico moral não vêm ao caso. O nome do homem é citado; o da mulher, não. A reputação e a posição social não contam.

Devemos considerar também que Nicodemos começa a conversa com Jesus fazendo uma declaração religiosa: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus". Jesus começa a conversa com a mulher pedindo um pouco de água, com uma frase que não parece nada religiosa. Tudo indica que, na vida cristã, não faz diferença quem começa, se é Jesus ou nós, e se o assunto é de cunho celestial ou terreno.

Além disso, nas duas histórias, uma reputação corre perigo: Nicodemos põe em risco a sua ao ser visto com o Mestre galileu; Jesus arrisca a sua ao ser visto com a samaritana. Pode-se perceber que as duas partes colocam de lado as convenções e cruzam a linha da precaução; ambas se mostram dispostas a correr o risco de serem interpretadas equivocadamente. Quando nos aproximamos do cerne das coisas, não estamos lidando com resultados garantidos ou comportamentos convencionais. Temos, portanto:

- Um homem e uma mulher.
- Cidade e campo.
- Alguém que faz parte do sistema; alguém que vive à margem dele.
- Um homem respeitável e uma mulher de reputação duvidosa.
- Um ortodoxo e uma herege.
- Alguém que toma a iniciativa; alguém que deixa a iniciativa ser tomada.
- Uma pessoa que tem nome e uma pessoa anônima.
- A reputação humana em perigo; a reputação divina em perigo.

Ademais, nas duas conversas a palavra central é "espírito". Esse termo liga as diferenças e contrastes nos dois relatos, transformando-os em aspectos de uma só história. Nos dois diálogos, o "Espírito" se refere, em primeiro lugar, a Deus e somente de forma secundária ao homem e à mulher. Na primeira conversa, o Espírito dá à luz ("assim é todo o que é nascido do Espírito"); o Espírito é um agente, uma fonte, uma causa do nascimento que torna a pessoa capaz de "ver" e "entrar" (dois verbos usados nesse diálogo). Na segunda, Deus é Espírito; em decorrência disso, o adoramos em espírito e em verdade. É somente pelo fato de Deus ser Espírito que temos algo a dizer a respeito daquilo que fazemos ou deixamos de fazer.

Por fim, devemos observar ainda que Jesus é a figura principal das duas histórias. Apesar de Nicodemos e a mulher samaritana darem o ensejo, é Jesus que fornece o conteúdo. Ele trabalha no centro de tudo aquilo ligado ao viver, o contexto mais amplo de todas as palavras e ações. Ele é muito mais ativo do que nós; é Jesus quem provê a energia.

NÃO ESTAMOS ACOSTUMADOS com isso. Para nós, "espiritual", adjetivo proveniente da atividade do Espírito Santo, normalmente é um termo usado para descrever disposições, características ou realizações em nós. O resultado infeliz desse equívoco é que essa palavra sofreu terrível distorção. As duas histórias apresentadas nos salvam da confusão. Ao estudar os caminhos de Deus entre nós em Jesus Cristo e as maneiras como somos acolhidos nesses caminhos, deixaremos de consultar experiências, sentimentos ou desempenho, bem como os de nossos amigos. Começamos com essa história, abrindo uma clareira onde podemos nos colocar. Já removemos parte do entulho observando que a espiritualidade:

- Não é um conjunto de conhecimentos secretos.
- Nada a ver com aptidão ou temperamento.

- Não diz respeito, em primeiro lugar, a você ou a mim; ao poder ou ao enriquecimento pessoal. Ela diz respeito a Deus.

Mas, pelo fato de os termos "espiritual" e "espiritualidade" serem usados nos dias de hoje de forma tão ampla e distante da revelação (e, por vezes, contrária a ela), nas páginas a seguir usaremos com freqüência (porém não exclusivamente) a designação "vida cristã" como sinônimo de espiritualidade.

A IGREJA CRISTÃ GUIADA pela Bíblia sempre manteve posição aberta e receptiva aos "perdidos", os que foram privados de seus direitos pela religião institucional ou que são privados de educação, piedade ou respeitabilidade social. Muitas vezes, porém, especialmente quando foi adotada pela cultura e se mostrou numericamente bem-sucedida, ela se desviou desse compromisso, e os párias da sociedade foram deixados também de fora da comunidade dos cristãos. Nessas ocasiões foi, com freqüência, a voz dos marginalizados que resgatou a acolhida original e reinseriu os excluídos.

É necessário vigilância constante em todas as questões de espiritualidade. O elitismo sempre "jaz à porta" (Gn 4:7) — o evangelho pode ser para todos, mas no que se refere às questões mais "avançadas" do reino, alguns são mais adequados que outros e, em termos culturais e sociais, esse grupo parece sempre provir da classe média ou alta. Tem-se a impressão de que os pobres e os pouco instruídos nunca recebem muita atenção nessas questões.

Mas o "evangélico" leva consigo a mesma energia e a mesma aceitação tanto aos de fora quanto aos de dentro do sistema. A pequena missão que trabalha com os pobres no centro da cidade e o ponto de pregação em algum lugar remoto muitas vezes têm espiritualidades cristãs profundamente desenvolvidas, mesmo que seus vocabulários não se enquadrem no que se ouve nos centros de retiro nas montanhas ou nas igrejas dos bairros de classe mais alta.

TRÊS TEXTOS

As duas histórias colocam em primeiro plano a palavra "espírito", convidando todos para uma vida de intimidade crescente com o Senhor. O termo "espírito" com referência ao Espírito de Deus, o Espírito Santo, ocupa um lugar de destaque em todas as Escrituras e tradições, designando a presença viva de Deus operando em nossa dimensão. Três textos representativos indicam a extensão da obra formativa do Espírito no mundo: Gênesis 1:1-3, Marcos 1:9-11 e Atos 2:1-4. Cada um marca um começo e, em todos eles, a iniciativa é do Espírito.

G. K. Chesterton diz que existem dois tipos de pessoas no mundo: uma, ao ver árvores com os galhos e folhas balançando fortemente ao vento, acredita que é o vento que move as árvores; a outra afirma que o movimento das árvores é que cria o vento.[8] O primeiro conceito corresponde ao que foi aceito pela humanidade por quase todos os séculos de sua história. De acordo com Chesterton, só nos últimos tempos tem surgido um novo tipo de pessoas que acredita tranqüilamente que é o movimento das árvores que cria o vento.

O consenso sempre foi que o invisível está por trás e dá energia ao visível. Em seu trabalho como jornalista, observando pessoas e acontecimentos de perto e comentando sobre eles, Chesterton relatou com espanto que o consenso mais amplo se desintegrou, e hoje em dia a maioria das pessoas ingenuamente identifica o que vê, ouve e toca como a realidade fundamental que gera tudo o que se imagina e não pode ser verificado com os sentidos. Para elas, o visível explica o invisível.

Como perdemos a origem metafórica da palavra "espírito", em nossas conversas operamos com sério déficit de vocabulário. Imagine como nossas percepções mudariam se

---

[8] "O grande dogma humano é que o vento move as árvores. A grande heresia humana é que as árvores movem o vento" *(Tremendous Trifles,* p. 92).

eliminássemos a palavra "espírito" de nossa língua e usássemos apenas "vento" e "fôlego". Para nossos antepassados, espírito não era algo "espiritual"; era sensorial. Era o invisível com efeitos visíveis. Era invisível, mas não imaterial. O ar possui tanta materialidade para nós quanto uma montanha de granito: pode ser sentido, ouvido e medido; fornece as moléculas para a respiração silenciosa que faz parte de toda vida humana e animal, desperta e adormecida — os sopros de ar usados para articular palavras, a brisa suave que acaricia a pele, os ventos fortes que inflam as velas dos navios, os furacões incontroláveis que arrancam telhados de celeiros e árvores do solo.

Seria extremamente esclarecedor se pudéssemos remover temporariamente do vocabulário os termos "espírito" e "espiritual".

Mas esses três textos, se atentarmos para eles, podem servir de placas de sinalização em meio ao lamaçal de imprecisão em que nos encontramos. Esses três textos marcam três começos: o da criação, o da salvação e o da igreja — criação sagrada, salvação sagrada e comunidade sagrada.

Gênesis 1:1-3

No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: Haja luz...

Deus começa. E começa criando. Esse ato de criação explica tudo o que existe, o visível e o invisível, "os céus e a terra". A criação toma a não-criação ou a anticriação, que está "sem forma e vazia", que não tem luz ("trevas sobre a face do abismo"), e a faz existir, lhe dá forma e conteúdo e a inunda de luz. A não-criação ou pré-criação é retratada como as águas profundas e escuras do oceano — sem forma, caóticas, imprevisíveis, mortais.

Deus respira ou sopra sobre essas águas. O fôlego é vida e vivifica. Vemos o vento se movendo sobre essas águas

desordenadas, escuras e mortais, Deus soprando vida nessa antivida, nessa não-vida.

Então, esse fôlego de Deus deixa de ser um sopro inarticulado e é usado para formar palavras. O mesmo fôlego/espírito que produz o vento agora forma a linguagem. Primeiro *vemos* o efeito do fôlego de Deus sobre a água e depois *ouvimos* a articulação do fôlego divino em palavras: "Disse Deus...". Deus fala oito vezes nessa narração. As oito frases esclarecem tudo o que existe; a abrangência é ampla. "Criar" explica tudo o que há no céu e na terra.

Mas não é só isso. O Espírito de Deus que se movia sobre a face das águas "no princípio" continua a se mover, continua a criar. O texto de Gênesis sobre a criação não se limita a contar como o mundo começou a existir; também dá testemunho da obra criadora do Espírito de Deus nos dias de hoje. Na Bíblia, o verbo "criar" sempre tem Deus como sujeito. Homens, mulheres e anjos não criam. Somente Deus cria. E o uso mais freqüente do verbo não se dá na história do princípio do céu e da terra, mas num ministério profético/pastoral exercido entre o povo de Deus exilado na Babilônia no século VI a.C. Os hebreus haviam perdido praticamente tudo — a identidade política, o lugar de culto, seus lares e propriedades rurais. Haviam sido obrigados a percorrer a pé uma distância de quase mil quilômetros no deserto para sobreviver com dificuldade, exilados numa terra estranha. Não tinham nada. Haviam sido privados não apenas de seus bens, mas também da própria identidade como povo de Deus. Haviam sido arrancados de sua terra e lançados numa sociedade estrangeira idólatra.

Nesse lugar e nessas condições começaram a ouvir o verbo "criar" de Gênesis de maneira nova e inesperada. O Espírito criou vida do nada na Babilônia do século VI a.C. como quando "havia trevas sobre a face do abismo". Por meio do texto de Isaías, o Espírito é visto criando tanto uma estrutura na qual se pudesse viver quanto vidas humanas adequadas para sobreviver nessa estrutura, *agora.* O significado de "criar" não se limita ao que o Espírito fez;

refere-se ao que o Espírito *faz.* A criação não é um ambiente impessoal, é um lar pessoal — é *nela* que vivemos.

A realização extraordinária de Isaías foi trazer, tomando como base o exílio, cada detalhe dos primórdios de Gênesis para o presente, no qual nos sentimos tão incriados, informes e inadequados para o mundo em que nos encontramos. A obra do Espírito na criação não se limita às perguntas "quando ocorreu?", "como ocorreu?". Agora, perguntamos: "Como posso fazer parte dela?". E oramos: "Cria em *mim..."* (Sl 51:10).

Marcos 1:9-11

Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galiléia e por João foi batizado no rio Jordão. Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

Mais uma vez, é Deus quem começa. Um segundo começo: Jesus é batizado e identificado como o "Filho amado" de Deus.

Gênesis é cosmológico e nos apresenta um caos aquático no qual Deus soprou forma, plenitude e luz; da não-vida, surge a vida orgânica e inorgânica. O evangelho de Marcos apresenta um rio local conhecido no qual Jesus foi batizado, primeiro imerso no rio e depois emergindo dele. O batismo é uma repetição de Gênesis. Quando Jesus sai da água, Deus sopra vida nele. Desta vez, isso se dá de forma visível, por meio de algo que se parece com uma pomba descendo do céu.

A pomba que desce sobre Jesus fornece o elo visual com Gênesis 1. O verbo usado para "o Espírito de Deus pairava (*merachepheth*) por sobre as águas" é também usado em Deuteronômio (32:11) para uma águia que "voeja" de forma cuidadosa ou protetora sobre os filhotes em seu ninho.[9] As aves — a águia pairando em Deuteronômio e a

[9] Nem todos concordam que existe aqui a sugestão de um movimento de pairar como um pássaro. Alguns estudiosos preferem traduzir a expressão como "uma tempestade terrível" ou "tempestade de Deus". Gerhard VON RAD, *Gênesis,* p. 47.

pomba no Evangelho de Marcos — oferecem à nossa imaginação uma representação do Espírito de Deus.

Assim como em Gênesis o fôlego de Deus, que primeiro se torna visível, imediatamente passa a ser audível na declaração "Haja ...", em Marcos também se ouve a voz: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Mc 1:11).

Foram muitos os acontecimentos entre Gênesis e a chegada de Jesus. A criação que surgiu pelo sopro vivificador de Deus já havia passado por maus bocados. A morte tornou-se fator decisivo — morte, anticriação, a negação da vida, a eliminação da vida, a inimiga da vida. Na morte não há energia, nenhum movimento, nenhuma palavra. Mas ela nunca prevaleceu. A vida — soprada por Deus, articulada por Deus — sempre sobreviveu e, por vezes, até prosperou. A medida que a morte se infiltrou no mundo criado, desenvolveu-se um vocabulário extenso associado a ela para identificar suas diversas formas, em palavras como "pecado", "rebelião", "iniqüidade", "perversidade".

A Bíblia apresenta uma longa narrativa da vida agredida pela morte, mas sempre sobrevivendo a ela. Vemos Deus constantemente — de maneiras novas e antigas — soprando vida em sua criação, nessas vidas contaminadas e assoladas pela morte. Observamos uma trama complexa ao ler esta história: Deus criando um modo de vida a partir desse caos e miséria, Deus opondo-se à morte, Deus soprando vida na criação e nas criaturas, esse sopro de vida tornando-se audível repetidamente na forma de linguagem. O vocabulário constituído de palavras de vida opõe-se à morte e a sobrepuja: palavras como "amor" e "esperança"; "obediência", "fé" e "salvação" ; "graça" e "louvor". Palavras de aleluia e amém.

O mesmo Espírito de Deus, articulado tão profusamente em palavras que criam, da informidade, do vazio e da escuridão, tudo o que há, "céus e terra", peixes e pássaros, estrelas e árvores, plantas e animais, homem e mulher, agora desce sobre Jesus, que infundirá palavras de

salvação na realidade do mundo acometido pela morte e dizimado pelo pecado.

A vida de Jesus soprada por Deus, a pessoa de Jesus abençoada por Deus começa, nesse momento, a realizar a consumação da salvação, conquistando a morte.

Atos 2:1-4

> Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.

Mais uma vez, a iniciativa é de Deus. Um terceiro começo, quando Deus sopra sobre um grupo de 120 seguidores de Jesus e cria a comunidade sagrada, a igreja.

No dia de sua ascensão ao céu, Jesus disse a seus apóstolos que Deus sopraria vida neles como havia criado o céu e a terra com seu sopro e como havia soprado sua bênção sobre o Filho em seu batismo, confirmando e autorizando nele a consumação da salvação. Uma vez que tivessem recebido a vida soprada por Deus — "batizados com o Espírito Santo", conforme Atos 1:5 —, teriam força e energia para dar continuidade ao que havia sido iniciado pelo sopro divino: a criação do céu e da terra e o batismo de Jesus. O termo que ele usou para designar a nova identidade de seus apóstolos foi "minhas testemunhas" (At 1:8).

Eles creram na promessa. Passaram-na adiante para outros seguidores de Jesus. Logo, havia um grupo de 120 à espera do cumprimento dessa promessa. Estavam esperando que o sopro de Deus na criação do céu e da terra e no batismo de Jesus também incidisse sobre eles. A espera durou dez dias.

Quando aconteceu, como não podia deixar de ser, houve surpresas. A continuidade do sopro vivificador de Deus na criação em Gênesis e no batismo de Jesus mostrou-se de forma evidente, porém ampliada — o sopro sagrado tornou-se vento sagrado, "um vento impetuoso": "... de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa" (2:2). Logo, o vento que encheu toda a casa também os encheu (v. 4).

Como se não bastasse, outro sinal foi acrescentado, o sinal do fogo. Aqueles que estavam reunidos ali naquele dia participaram de uma tradição na qual o fogo, normalmente o fogo do altar, era associado à presença de Deus — Abraão no monte Moriá, Arão no tabernáculo, Elias no monte Carmelo. Neste caso, porém, o fogo não se ateve ao altar, mas foi *distribuído* — cada pessoa foi marcada individualmente por uma língua de fogo, cada um como um altar, ardendo visivelmente com a presença de Deus.

À medida que o sopro da criação e do batismo de Jesus cresceu e se transformou em vento, o fogo dos altares de outrora se multiplicou, transformando-se em fogo personalizado ardendo sobre cada homem e mulher que aguardara o cumprimento da promessa, de modo que cada um passou a ser sinal do Deus vivo, Deus presente.

Então, repetindo o padrão de Gênesis e Jesus, o sopro/vento, ou seja, a presença de Deus que encheu cada um, tomou a forma de palavras proferidas por eles. As línguas de fogo tornaram-se línguas articuladas de fala. O sopro divino tomou forma de discurso que saiu da boca de homens e mulheres falando em todas as línguas (são citadas dezesseis) representadas em Jerusalém naquele dia, sendo que todas expressaram essencialmente a mesma coisa, a saber, "as grandezas de Deus" (v. 11).

É evidente que todos ficaram atônitos. A primeira coisa a chamar a atenção de todos foi o milagre das línguas, o discurso proveniente de Deus e que dava testemunho de Deus sendo proferido em (pelo menos) dezesseis línguas diferentes por homens e mulheres comuns ("galileus", isto é, gente provinciana que, supostamente, sabia apenas uma ou

duas línguas). A confusão de línguas em Babel (Gn 11) inverteu-se. O milagre incessante que continua a surpreender é o fato de o mesmo fôlego (vida) de Deus, que criou os céus e a terra e validou e abençoou Jesus, ser soprado em homens e mulheres comuns e articulado em palavras que continuam a dar testemunho da criação do mundo e da salvação por meio de Cristo.

ESTES TRÊS TEXTOS FORMAM um tripé, servindo de base para todos os aspectos da vida — a criação, a salvação e a comunidade — no Deus que vive e respira. O Deus vivo que dá vida. Deus Espírito que concede espírito. O Espírito de Deus não é um coadjuvante na ação central, ele *é* a ação central. O Espírito é abrangente. Os três textos também deixam claro que a linguagem sempre faz parte da criação, da salvação e da continuação da vida.

Na tradição cristã, o Espírito e a Palavra apresentam uma ligação orgânica. Não são apenas relacionados ou complementares; são aspectos da mesma coisa. De tempos em tempos, há quem procure iniciar formas de espiritualidade que têm o silêncio como objetivo. Sem dúvida, há conversa demais em grande parte da religião ou da espiritualidade. No entanto, esses três textos são peremptórios: mais cedo ou mais tarde, algo é dito, a realidade vem a existir pela palavra *proferida.*

QUATRO TERMOS

Quatro termos fornecem vocabulário comum para a exploração da natureza e da dinâmica da vida cristã, da espiritualidade cristã. Os quatro termos trabalham em conjunto como um quarteto; não há solistas. Todos são necessários ao mesmo tempo, ainda que, por vezes, um deles tome a frente por um curto período. A relevância de cada um é decorrente tanto de como "soa" no conjunto quanto de sua própria natureza.

Um quarteto de termos: "espiritualidade", "Jesus", "alma" e "temor-do-Senhor". A "espiritualidade" faz soar a nota da abrangência — tudo aquilo que homens e mulheres

designam ao falar ou pensar sobre a importância de sua vida, incluindo tanto Deus quanto o significado pessoal e o interesse que têm pelo mundo. "Jesus" traz à mente a idéia de enfoque e particularidade. "Alma" expressa nossa identidade humana singular. "Temor-do-Senhor" dá o tom e a cadência que permitem aos quatro termos permanecer juntos, movendo-se no mesmo ritmo.

Não há nada de esotérico ou obscuro em nenhum desses quatro termos; todos fazem parte de nosso discurso comum e podem ser ouvidos em qualquer restaurante, salão de beleza ou reunião de família. No entanto, são usados em nossa cultura de maneiras diversas e descuidadas, normalmente muito distantes do contexto de linguagem em que se formaram. Como esses termos oferecem um vocabulário básico nas páginas deste livro, convém refletirmos sobre como eles soam e suas relações no meio mais natural, em que ficam mais à vontade, ou seja, na vida cristã.

Espiritualidade

A "espiritualidade" é uma rede que, quando lançada no mar da cultura contemporânea, pega uma grande quantidade de peixes espirituais, não muito diferente da pesca de 153 "grandes peixes" depois da ressurreição, conforme a narrativa do apóstolo João (Jo 21:11). Hoje em dia, a "espiritualidade" tornou-se importante negócio para os empreendedores, uma recreação para os entediados e, para outros, muitos ou poucos (é difícil discernir), um compromisso sério e disciplinado de viver profunda e plenamente um relacionamento com Deus.

Em outros tempos, o termo era usado exclusivamente em contextos religiosos; agora, é empregado de forma indiscriminada por gente de todo tipo, em quaisquer circunstâncias e com toda espécie de significados. Essa palavra, outrora pura, foi arrastada para a vala comum do mercado e do entretenimento. Muitos lamentam esse fato, mas não sei ao certo se o lamento é a reação apropriada. Precisamos de um termo assim.

A tentativa de resgatar o uso exclusivamente cristão ou religioso do termo normalmente começa com uma definição. No entanto, os numerosos esforços para apresentar definições de "espiritualidade" são fúteis. O termo foge à disciplina do dicionário. A utilidade atual dessa palavra não se encontra em sua precisão, mas na maneira como ela dá nome a algo indefinível, porém bastante reconhecível — transcendência vagamente entretecida com intimidade. Transcendência: uma noção da existência de algo mais, de que a vida se estende muito além de mim, além do salário que recebo, além daquilo que minha esposa e meus filhos pensam de mim, além de meu nível de colesterol. Intimidade: percepção de que, nos recônditos de meu ser, há um cerne inacessível à sondagem dos psicólogos ou aos exames dos médicos, às perguntas de pesquisadores, às estratégias de anunciantes. Apesar de o termo "espiritualidade" não ser preciso, tem uma abrangência que reconhece uma ligação orgânica entre esse "além" e esse "íntimo" que fazem parte da experiência de todos.

Precisamos de um termo amplo que reúna tudo o que indique o além e o íntimo, um termo que seja indiscriminadamente abrangente: "espiritualidade".

EM TERMOS HISTÓRICOS, a palavra "espiritualidade" é relativamente recente, e apenas há pouco tempo se tornou parte da linguagem cotidiana. O apóstolo Paulo usou o adjetivo "espiritual" *(pneumatikos)* para se referir a ações ou atitudes decorrentes da obra do Espírito Santo em todos os cristãos.[10] Foi somente mais tarde, na igreja medieval e, principalmente, no contexto do monasticismo, que esse termo começou a ser usado para indicar um modo de vida restrito à elite do cristianismo, àqueles que operavam em um nível mais elevado do que o dos cristãos comuns.

---

[10] Gordon FEE apresentou a exegese definitiva para o termo. Ver *God's Empowering Presence,* p. 28s.

A vida dos cristãos "espirituais", em sua maioria monges e freiras sob votos de celibato, pobreza e obediência, contrastava com a vida desregrada de homens e mulheres que se casavam e tinham filhos, que sujavam as mãos nos campos e mercados num mundo onde "tudo é marcado pelo comércio; turvado, maculado pelo labor; / tudo carrega a mácula do homem e exala o cheiro do homem".[11] Assim, o termo "espiritualidade" passou a ser usado para designar o estudo e a prática de uma vida perfeita diante de Deus, de santidade extraordinária na vida cristã. Era uma palavra especializada, associada a um pequeno grupo de pessoas e, portanto, não fazia parte da linguagem cotidiana.

De certo modo, essa palavra entrou para a linguagem coloquial pela porta dos fundos. Um movimento que se desenvolveu na França do século XVII entre católicos leigos que defendiam a idéia — então considerada radical — de que os monastérios não detinham o monopólio da vida cristã vivida de forma correta. Argumentavam que o cristão comum era plenamente capaz de viver a vida cristã como qualquer monge ou freira — e de fazê-lo igualmente bem. Madame Guyon e Miguel de Molinos, vozes proeminentes desse movimento, foram calados pelas autoridades eclesiásticas, que condenaram suas crenças, taxando-as de "quietismo".

A instituição religiosa, com toda presunção, usava o termo *"la spiritualité"* de forma pejorativa para os leigos que praticavam a devoção com intensidade excessiva; um desprezo esnobe da parte de cristãos arrogantes que não sabiam o que estavam fazendo, escrevendo, pensando e praticando. Era mais conveniente deixar esses assuntos nas mãos de especialistas. Mas a tentativa da igreja oficial de calar esses indivíduos veio tarde demais; um processo irreversível já estava em andamento.

Não tardou, porém, para que a palavra perdesse seu tom pejorativo. Entre os protestantes, a seriedade espiritual voltada para os leigos passou a ser expressada pelos

---

[11] "God's Grandeur", em *The Poems of Gerard Manley Hopkins,* p. 66.

puritanos como "piedade"; pelos metodistas como "perfeição"; e pelos luteranos como "pietismo". Em nosso tempo, "espiritualidade", esse termo indefinido e vagamente abrangente, é designação corrente e aceita por todos. Hoje em dia, qualquer um pode ser espiritual.

É curioso notar que alguns "especialistas" atuais em religião voltaram a usar o termo de forma depreciativa. Tendo em vista o tom de modismo e o uso amplamente difundido desse termo por homens e mulheres considerados por membros credenciados da instituição religiosa como sendo iludidos, ignorantes e indisciplinados, alguns profissionais estão voltando a assumir uma postura de superioridade em relação à espiritualidade em suas formas populares.

O CERNE DE TODA espiritualidade séria é viver — viver bem e plenamente. Nas três línguas originais — hebraico, grego e latim —, "espírito" tem o significado essencial de fôlego, e pode ser usado facilmente como metáfora para a vida. Essa palavra aparece de modo proeminente em duas histórias (de Nicodemos e da mulher samaritana) e em três textos (Gênesis, Marcos e Atos) que determinam o tom de nossa conversa. Em cada um desses casos, "espírito" se refere ao Espírito de Deus: Deus vivo, Deus criando, Deus salvando, Deus abençoando. Deus vive e dá vida. Deus vive e transborda de vida. Deus vive e permeia tudo o que vemos, ouvimos, provamos e tocamos, tudo o que experimentamos.

Neste momento de nossa história, "espiritualidade" parece ser o termo predileto para se referir a essa teia enorme e complexa de "vivências". Pode não ser o mais adequado, mas é o que temos. Sua principal fraqueza reside no fato de que seu significado foi corrompido e se transformou numa abstração, apesar de ser possível perceber a metáfora "fôlego" logo abaixo da superfície. Como abstração, "espiritualidade" muitas vezes torna mais confuso exatamente o sentido que deve transmitir — Deus vivo, ativo e presente.

A dificuldade está no fato de o termo ter sido amplamente secularizado em nossa cultura e, em

decorrência disso, reduzido ao significado de "vitalidade", "energia concentrada", "fontes ocultas de superabundância" ou "uma força vital interior". Para a maioria das pessoas, não transmite nenhuma percepção da vida de Deus: *Espírito* de Deus, *Espírito* de Cristo, *Espírito* Santo. Quanto mais a palavra é secularizada, menos proveito ela tem. Ainda assim, é dela que dispomos e, como acontece com muitas palavras destruídas ou dissecadas (como, por exemplo, "casamento", "amor", "pecado" e assim por diante), ela exige uma constante reabilitação. A meu ver, o melhor é usá-la o mínimo possível — seguindo o precedente das Escrituras que mostram aversão a qualquer tipo de abstração — e dar preferência a histórias e metáforas que nos mantêm envolvidos e participando do que se encontra bem diante de nossos olhos.

A imprecisão difícil dessa palavra serve de disfarce conveniente para a idolatria. A idolatria, a redução de Deus a um conceito ou objeto que podemos usar em benefício próprio, é endêmica à condição humana. Enquanto a palavra tem conotações de sinceridade e anseio por tudo o que é bom, é fácil e comum ver motivações idólatras se ligarem a ela discreta e despretensiosamente e nos envolverem em formas incapacitantes de viver e pensar.

Os equívocos superficiais podem ser colocados de lado sem dificuldade: a espiritualidade não é algo imaterial em contraste com o material; não é interior, em contraste com exterior; não é invisível em contraste com visível. Muito pelo contrário: a espiritualidade é intimamente ligada àquilo que é material, exterior e visível. A idéia transmitida por ela corretamente é de algo vivo, em contraste com algo morto. Quando sentimos que não há vida em coisas e pessoas, instituições e tradições, mais cedo ou mais tarde (às vezes, leva algum tempo) percebemos a ausência. Procuramos uma palavra de categorização dentro da qual possamos espremer *insights,* imagens e desejos para os quais não temos designação exata. "Espiritualidade" é um termo adequado para essa categorização.

O uso freqüente dessa palavra como expressão geral é compreensível numa sociedade em que somos

despersonalizados, funcionalizados e psicologizados de várias maneiras. A particularidade de cada vida é obscurecida por abstrações redutoras. A vida escoa lentamente de nós e nos vemos tratados como objetos, papéis, imagens, potencial econômico, mercadorias, consumidores. Apesar de a vida diária ser grandemente simplificada e facilitada por essas reduções, algo em nós se rebela, mesmo que aos trancos e barrancos. Pelo menos de vez em quando, quase todos sentimos que há algo mais, algo imensamente maior. Precisamos de uma palavra, qualquer palavra, para dar nome àquilo de que sentimos falta.

Mas, se vamos usar esse termo, e é difícil pensar em como poderíamos evitá-lo, nosso uso deve ser marcado por vigilância e atenção. Vigilância: discernir a "desespiritualização" da espiritualidade, ficando alertas e dando nomes às muitas e variadas maneiras como caímos nos laços do inimigo para sermos "como Deus" (Gn 3:5). Essa vigilância é mantida principalmente por meio de leitura contínua e cuidadosa das Escrituras Sagradas.

E atenção: observar as muitas e generosas maneiras como Deus dá, renova e abençoa a vida. Reparar e depois insistir no fato de que tudo nessa criação é digno de ser vivido. A principal forma de cultivar essa atenção é o culto em comunidade e a oração pessoal.

Não me incomodo de trabalhar no campo da espiritualidade com tudo o que é colocado diante de mim, por mais vago e confuso que seja. No entanto, me preocupo em oferecer o máximo de clareza e foco possível pela identificação da vida — vida em sua totalidade, proveniente de Deus, mantida e abençoada por ele: "Andarei na presença do Senhor, na terra dos viventes" (Sl 116:9).

Jesus

Se a utilidade do termo "espiritualidade" está em poder sugerir de modo vago, porém abrangente, tudo o que é relacionado a "além", "mais" e "íntimo", o termo "Jesus" é útil porque reúne toda a imprecisão difusa num foco restrito, definido e repleto de luz, pois na visão cristã a vida não é, de

modo algum, imprecisa (apesar de envolver um bocado de ambigüidade!). A espiritualidade jamais será um assunto que podemos tratar como "uma coisa em si". É sempre uma operação de Deus pela qual a vida humana é atraída para dentro da vida de Deus, da qual somos feitos participantes, quer como amantes rebeldes quer como rebeldes.

A comunidade cristã se interessa pela espiritualidade porque está interessada em viver. Nos preocupamos com a espiritualidade porque sabemos, como resultado de longa experiência, como é fácil nos envolvermos com idéias sobre Deus e projetos para ele e, aos poucos, deixarmos de nos importar com o Deus vivo, amortecendo nossa vida com essas idéias e projetos. Isso acontece com freqüência. Como o nome de Deus é associado às idéias e projetos, é fácil pressupor que estamos envolvidos com Deus. O trabalho do diabo é nos encorajar a pensar e agir para Deus e, então, nos afastar sutilmente de uma relação de obediência e adoração, colocando a nós mesmos, nosso próprio ego, no lugar antes ocupado por Deus.

Jesus é o nome que nos mantém atentos para a vida definida e revelada por Deus. Com esse nome, a fraqueza amorfa comumente associada à "espiritualidade" recebe esqueleto, tendões, definição, forma e energia. Esse é o nome próprio de uma pessoa que viveu num tempo datável, num lugar real, com montanhas que ainda podemos escalar, flores do campo que ainda conseguimos fotografar, cidades onde ainda compramos tâmaras e romãs, água que ainda temos possibilidade de beber e nas quais podemos ser batizados. Esse nome, assim, opõe-se à abstração que assola como praga a "espiritualidade".

Jesus é a figura central e definidora na vida espiritual. Sua vida é, justamente, *revelação.* Ele traz à luz aquilo que jamais teríamos entendido sozinhos, que sequer teríamos imaginado em um milhão de anos. Ele é Deus entre nós: Deus falando, agindo, curando, ajudando. E o termo mais amplo em que tudo isso se encaixa é "salvação". O nome "Jesus" significa "Deus salva" — Deus presente e operando, salvando em nossa língua e em nossa história.

Apoiados por um contexto abrangente fornecido pelos profetas e poetas de Israel, os quatro autores dos evangelhos nos dizem tudo que precisamos saber a respeito de Jesus. E Jesus nos diz tudo que precisamos saber a respeito de Deus. Ao lermos, meditarmos, estudarmos esses evangelhos; quando cremos neles e oramos sobre eles, descobrimos que tanto as Escrituras, como um todo, quanto a vida espiritual, em sua totalidade, são acessíveis e se encontram claramente diante de nós, na presença convidativa de Jesus de Nazaré, o Verbo que se fez carne.

Quando, porém, os quatro evangelistas apresentam Jesus num contexto extremamente real, não muito diferente do que encontramos nas cidades grandes e regiões rurais onde vivemos, e ao mesmo tempo que o fazem com um vocabulário e sintaxe semelhantes à linguagem que usamos ao nos sentarmos à mesa para jantar ou quando saímos para fazer compras, eles não satisfazem nossa curiosidade — há muita coisas que eles *não* contam. Há muito mais que gostaríamos de saber. Nossa imaginação anseia por fornecer os detalhes. Qual era a aparência de Jesus? Como foi sua fase de crescimento? Como seus amigos de infância o tratavam? O que ele fez durante os anos em que crescia, trabalhando como carpinteiro?

Na verdade, não demoraram a entrar em cena escritores extremamente dispostos a satisfazer nossa curiosidade, a nos dizer como Jesus era *de fato.* Até hoje, continuam surgindo pessoas com essa disposição. Mas é de conhecimento geral que as "biografias" de Jesus — recriações fantasiosas de sua vida com todas as influências da infância, nuanças emocionais, fofocas da vizinhança, incluídos os elementos sociais, culturais e políticos — são insatisfatórias. Ao que parece, o que sempre obte-mos com esses exercícios de imaginação não é o Jesus que nos revela Deus, mas um Jesus que desenvolve algum ideal ou justifica alguma causa do autor. Quando terminamos o livro, descobrimos que temos menos de Jesus, e não mais.

Esse anseio por saber mais sobre Jesus do que os escritores dos evangelhos canônicos escolheram nos contar

surgiu logo no início do século II. As primeiras pessoas a preencher as lacunas da história tinham uma imaginação maravilhosa, mas ficavam devendo em veracidade; não avisavam que os detalhes complementares tão interessantes eram produto dessa imaginação. Alguns deles escreveram sob pseudônimos apostólicos a fim de dar autoridade às suas invenções. Outros declararam ter sido inspirados pelo Espírito Santo na redação de suas ficções. Pouco tempo depois, a igreja começou a se cansar dos remendos fantasiosos e das expansões criativas sobre Jesus e resolveu pôr um ponto final nas especulações. Os líderes da igreja comunicaram sua decisão: os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João são a última palavra sobre Jesus. Não há nada mais a dizer sobre o assunto.

A proibição de inventar novas histórias e declarações relacionadas a Jesus não foi, como sugerem alguns, de caráter repressivo. Antes, libertou nossa imaginação para fazer o correto, a saber, seguir o exemplo de Maria, a mãe de Jesus, e refletir sobre Jesus em nosso coração (Lc 2:19,51); pela meditação, nos colocarmos na presença de Jesus conforme ele é apresentado pelos evangelistas ou visualizarmos as situações nas quais o encontramos e o rejeitamos ou nele cremos novamente. E é isso que temos feito desde então por meio de sermões e estudos bíblicos, histórias e poemas, em peregrinação e em silêncio, em hinos e orações, em atos de obediência e no serviço em nome de Jesus.

É essencial que honremos essa discrição dos autores dos evangelhos. A espiritualidade não é aprimorada por especulações. A vida cristã não nos dá o direito de nos entregarmos a fantasias piedosas.

Ao aceitar Jesus como revelação final e definitiva de Deus, a igreja cristã torna impossível criarmos nossas próprias variações personalizadas da vida espiritual sem sofrer nenhuma conseqüência, apesar de continuarmos tentando fazer isso. Não podemos, contudo, nos desviar dele nem nos afastar dele: Jesus é a encarnação de Deus, é Deus entre nós e conosco. Jesus reuniu as palavras divinas

proferidas para e por meio do povo de Deus, transmitidas a nós pelas Escrituras Sagradas. Ele as proferiu pessoalmente para nós. Ele realizou as obras divinas de cura e compaixão, perdão e salvação, amor e sacrifício entre *nós,* homens e mulheres com nomes próprios e histórias próprias.

Pelo fato de Jesus ter nascido em Belém, crescido em Nazaré, reunido discípulos na Galiléia, cultuado em sinagogas, feito refeições em Betânia, comparecido a um casamento em Caná, contado histórias em Jericó, orado no Getsêmani, descido o monte das Oliveiras à frente de uma multidão, ensinado no templo, crucificado no monte Gólgota e, três dias depois, jantando com Cléopas e seus amigos em Emaús, não temos liberdade de criar espiritualidades particulares; sabemos demais sobre a vida *dele,* sobre a espiritualidade *dele.* A história de Jesus nos dá acesso a uma infinidade de episódios e palavras específicos com lugares, horas e nomes, todos eles combinados e entretecidos, formando uma revelação coerente de quem Deus é, de como ele age e daquilo que ele diz.

Jesus nos impede de pensar que a vida é feita de idéias a serem ponderadas ou conceitos a serem discutidos. Ele nos poupa de desperdiçar nossa existência em busca de emoções baratas e distrações banalizadoras. Jesus nos dá a capacidade de levar a sério quem somos e onde estamos sem nos seduzirmos pelas mentiras e ilusões intimidantes encontradas por toda parte, de modo que não precisamos ser outra pessoa ou estar em algum outro lugar. Jesus mantém nossos pés no chão, cuidando das crianças, conversando com pessoas comuns, compartilhando refeições com amigos e desconhecidos, ouvindo o vento, observando as flores do campo, tocando enfermos e feridos, orando de forma simples e espontânea. Jesus insiste que tratemos com Deus aqui e agora, no lugar onde estamos e com as pessoas que nos cercam. Jesus *é* Deus aqui e agora.

É FUNDAMENTAL PARA a fé cristã a afirmação de que Jesus é, de fato, Deus entre nós. Por mais difícil de acreditar e impossível de imaginar que seja, os cristãos crêem nisso.

Toda a obra complexa da salvação desde "antes da fundação do mundo" (Ef 1:4) é reunida e consumada no nascimento, na vida, na morte e na ressurreição de Jesus — um milagre de proporções espantosas e sem precedentes. Reconhecemos tudo isso quando, seguindo o exemplo do apóstolo Pedro, acrescentamos o título "Cristo" ao nome de Jesus: Jesus Cristo. Cristo: o ungido de Deus, Deus entre nós para nos salvar dos nossos pecados, Deus falando a nós na mesma linguagem que aprendemos no colo de nossa mãe, Deus nos ressuscitando dos mortos para a vida real e eterna.

Ao contrário do que se poderia supor, o mais difícil não é crer que Jesus é Deus entre nós. Na verdade, o mais difícil é crer que a obra de Deus — esta criação fascinante, esta salvação surpreendente, esta efusão de bênçãos — está se realizando dentro das condições de nossa humanidade e sob essas condições: em piqueniques e ao redor de mesas de jantar, em conversas e enquanto andamos pelas estradas, em perguntas cheias de perplexidade e em histórias simples, com mendigos, cegos e leprosos supurantes, em casamentos e funerais. Tudo que Jesus diz e faz ocorre dentro dos limites e das condições da nossa humanidade. Sem fogos de artifício, sem efeitos especiais. É certo que há milagres, e muitos. Mas pelo fato de, em sua maioria, fazerem parte das coisas quotidianas, são poucos os que conseguem vê-los. A natureza miraculosa do milagre é obscurecida pela familiaridade do cenário, pela trivialidade das pessoas envolvidas.

JESUS CONTINUA SENDO Deus entre nós dessa forma. E é isso que continua sendo tão difícil de acreditar. É difícil crer que essa obra maravilhosa de salvação está se desenrolando em nossas vizinhanças, em nossas famílias, em nossos governos, em nossas escolas e empresas, em nossos hospitais, nas estradas em que dirigimos, nos corredores em que andamos, entre as pessoas cujo nome sabemos. A trivialidade de Jesus foi um grande empecilho para a crença em sua identidade e sua obra nos dias em que ele "veio em carne", e continua sendo hoje em dia.

Num episódio relatado pelo apóstolo João, o povo que ouviu Jesus pregar uma mensagem extremamente impressionante e espantosa na sinagoga de Cafarnaum — na qual ele ofereceu seu corpo e sangue como alimento para a vida eterna — não creu no que ele disse porque ele não parecia tão impressionante. Chamaram-no desdenhosamente de "este" (Jo 6:52). Tendo em vista a tentativa anterior de desabonarem sua declaração extraordinária ("Eu sou o pão que desceu do céu", v. 41), chamando a atenção para sua humanidade inequívoca ("Não é este Jesus, o filho de José? Acaso, não lhe conhecemos o pai e a mãe?", v. 42), a designação "este" tem a conotação clara de "este joão-ninguém". De repente, muitos seguidores de Jesus deixaram de crer nele — não conseguiram conciliar seus milagres e sua mensagem com a forma nada impressionante "deste" que estava diante de seus olhos. Sua pergunta retórica "Quem o pode ouvir [crer]?" (v. 60) exigia uma resposta negativa: "Nós não podemos".

Jesus traz à tona essa corrente subjacente de dissensão: "Isto vos escandaliza? Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava? O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita" (v. 61-63). Em outras palavras, "Qual é o problema? Se me vissem levitar aqui diante de seus olhos e subir ao céu, então creriam no que estou lhes dizendo? Provavelmente sim, mas quem dá vida é o espírito, que é semelhante ao vento, e não a carne, não as maravilhas sobrenaturais". Mais uma vez, o Espírito. Essa palavra-chave nas conversas anteriores com Nicodemos e a samaritana marca o meio silencioso e com freqüência oculto pelo qual Deus opera sua salvação em nosso mundo.

Eles não se impressionaram. Deixaram de ser seus seguidores e partiram: "À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele" (v. *66). À* vista de quê? À vista do fato de Jesus ser tão obviamente humano — tão comum, tão sem carisma, tão desinteressante, tão cotidianamente humano.

Jesus pergunta aos doze se também pretendem abandoná-lo. Aqui, o apóstolo João registra a resposta do apóstolo Pedro, o momento culminante da passagem: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna [...] tu és o Santo de Deus" (v. 68-69). Pedro chegou ao ponto em que todos devemos chegar a fim de continuar seguindo Jesus: ele não impôs sobre o Mestre próprias idéias ou ambições de como Deus deve operar; antes, mostrou-se disposto a deixar que Jesus fizesse as coisas à sua maneira, *como homem.*

A ameaça constante à experiência da vida real, da vida autêntica, verdadeira e honesta é evitar ou descartar "este homem", esse Jesus, essa maneira trivial como ele vem até nós e essas pessoas vulgares com as quais ele anda para, em nossa pretensão, tentarmos ser nosso próprio deus ou criar um deus ou deuses glamorosos que satisfaçam nossa vaidade.[12] Em se tratando do relacionamento com Deus, quase todos nós gastamos tempo considerável em tentativas de ser deuses ou criá-los. Jesus é o empecilho. Jesus não é um deus segundo os nossos padrões e, certamente, não é um deus criado para se sobressair numa pesquisa de opinião pública.

Alma

Quando passamos a olhar para nós mesmos e para os homens e mulheres com quem trabalhamos "de acordo com as Escrituras", nossa identidade central se manifesta como pessoas de relacionamentos. Cada indivíduo é uma criatura singular feita "à imagem de Deus". Essa expressão, quaisquer

---

[12] A reflexão de Lesslie NEWBIGIN sobre a passagem é incisiva: "A incredulidade brota do desejo de uma religião mais 'espiritual'. A 'carne' de Jesus 3/4 a humanidade concreta do Filho do homem 3/4 é a pedra de tropeço, pois não permite o tipo de 'espiritualidade' que deixa cada indivíduo livre na privacidade de seus próprios pensamentos para se dedicar à 'verdade' conforme ele próprio a descobriu. Esse tipo de 'religião espiritual' é exatamente 'a carne' na linguagem bíblica. É incredulidade e está presente no meio dos discípulos" *(The Light Has Come,* p. 89).

que sejam seus outros significados, transmite uma idéia de imensa dignidade e de caráter completamente relacional.

A palavra que define isso é "alma".[13] É o termo mais pessoal que possuímos para definir quem somos. O termo "alma" é uma afirmação de inteireza, a totalidade daquilo que significa ser humano. "Alma" é uma barreira contra a redução, contra a vida humana reduzida à biologia e aos órgãos genitais, à cultura e à utilidade, à raça e à etnicidade. Indica uma interioridade que permeia toda a exterioridade, uma invisibilidade que reside em toda visibilidade. O termo "alma" ressoa como algo criado por Deus, mantido por Deus, abençoado por Deus. É a palavra mais abrangente da qual dispomos para designar o cerne do ser de homens e mulheres.

Na língua hebraica, "alma" (*nephesh*) é uma metáfora, usada para designar "pescoço". O pescoço é a parte estreita da anatomia que liga a cabeça — o centro da inteligência e do sistema nervoso — ao restante do corpo; é a parte que, literalmente, nos mantém "inteiros". Em termos físicos, a cabeça é mais alta que o tronco, pelo menos quando estamos em pé; e, assim, nos referimos por vezes às funções "superiores" pensar, ver, ouvir e provar, em contraste com as funções "inferiores" da digestão e excreção, transpiração e cópula.

Mas, se existem aspectos superiores e inferiores na vida humana (duvido que seja o caso), não se pode dizer que são independentes uns dos outros. A ligação entre eles é feita pelo pescoço. No pescoço fica a passagem estreita pela qual o ar vai da boca para os pulmões e volta quando falamos, como fôlego, espírito, vida soprada por Deus. É o conduto para todo o sistema nervoso que se origina e se ramifica do

---

[13] Infelizmente, a palavra "alma" se deteriorou na linguagem popular, comunicando um tipo de abstração "espiritual" da vida real, algo indefinido, etéreo e sobrenatural, distante das coisas do cotidiano. No entanto, é uma palavra boa demais para ser abandonada aos bárbaros. As associações ricas que se acumularam entre nós durante séculos de leitura das Escrituras e conversas entre cristãos precisam ser preservadas.

cérebro. E é onde se localiza a importante veia jugular, uma região extremamente vulnerável de 7 a 10 centímetros por onde o sangue flui em proximidade perigosa com a superfície da pele.

O que mantém tudo isso unido é a alma, *nephesh.* Sem a alma, seríamos uma confusão de partes desconexas, massas informes de protoplasma. Nosso entusiasmo moderno pela análise e dissecação à procura daquilo que nos faz funcionar não é bíblico. As Escrituras têm outra abordagem; transmitem um senso de totalidade *criada.* Os hebreus tinham um talento extraordinário para metáforas, e "alma" é uma das melhores. Existem vários sinônimos de "alma" — coração, rins, lombo — acumulando metáforas que intensificam a sensação de interioridade e profundidade. Mas o termo central é "alma".

A palavra "alma" funciona como um ímã, atraindo todas as partes de nossa vida para a unidade, a totalidade. A pessoa humana é uma totalidade ampla, designada como "alma".[14] O relato bíblico que apresenta essa metáfora em Gênesis 2 deixa claro que o fôlego que passa pelo pescoço/ alma é o fôlego de Deus. Se o fôlego de Deus se vai, o ser humano se vai. Sem Deus, não há nada em nós.

Quase todas as línguas têm uma palavra ou palavras semelhantes a esta, palavras que procuram expressar o que o ser humano é de modo único e abrangente. Em termos bíblicos, essa "abrangência" inclui Deus e todas as operações divinas em homens e mulheres. A maior parte do que nos torna humanos é Deus. Quando dizemos "alma", estamos chamando a atenção para as origens, intenções e operações divinas que fazem de nós aquilo que somos. É o termo mais pessoal e abrangente para o que somos — homem, mulher e criança.

Mas em nossa cultura, atualmente, a "alma" deu lugar ao "eu" como termo preferível para designar quem e o que

---

[14] Johannes PEDERSEN apresenta um estudo extenso sobre a visão hebraica de que "em sua essência total, o homem é uma alma". Ver *Israel: Its Life and Culture,* vol. 1, p. 99-181.

somos. O "eu" é a alma sem Deus; é aquilo que resta da alma quando se remove toda a transcendência e intimidade; é o ser interior com pouca ou nenhuma relação com Deus (transcendência) ou com os outros (intimidade).

- "Eu" é uma palavra pobre, uma palavra ilusória.
- "Alma" é uma palavra vibrante de relacionamentos: com Deus, com os outros, com a Terra.
- "Eu", tanto na linguagem comum quanto no vocabulário científico, é principalmente um termo isolante: o indivíduo.
- A "alma" penetra além das aparências superficiais fragmentárias, afirmando uma intimidade e afinidade com todas as pessoas próximas e tudo que esteja à mão.

Quando "alma" e "eu" exercem função de adjetivos, o contraste é mais claro: dizer que alguma coisa é "da alma" transmite a sensação de algo inerente e relacional, que vai fundo, sondando as fontes subjacentes de motivações, como a "música que vem da alma", "os olhos que refletem a alma", "abrir a alma"; o que é centrado no "eu"; por sua vez, lembra egoísmo, insensibilidade e individualismo — uma vida superficial e artificial.

Ao colocarmos as duas palavras lado a lado, nos damos conta de que um aspecto fundamental de nossa identidade é atacado diariamente. Vivemos numa cultura que colocou o "eu" no lugar da alma; é uma redução que transforma as pessoas em indivíduos problemáticos ou consumidores. À medida que aquiescemos com essa substituição, regredimos lenta, porém certamente, em nossa identidade, pois acabamos pensando em nós mesmos e nos outros em termos de mercado: cada pessoa com a qual nos encontramos é um possível recruta para nosso empreendimento ou um consumidor potencial para o que estamos vendendo; ou, ainda, nós mesmos somos recrutas e consumidores em potencial. Nossos amigos e nós mesmos não temos nenhuma dignidade inerente, pelo que somos, mas apenas em função de como podemos ser usados.

Duas palavras muito usadas hoje em dia são sintomáticas da redução da alma para o "eu" em nossa

sociedade. A primeira é "recurso", empregada com freqüência para pessoas que podem nos ajudar em nosso trabalho. Ainda me lembro de como essa palavra me pareceu dissonante na primeira vez em que a ouvi sendo usada com esse sentido, uns quarenta anos atrás, por um homem que me orientava no desenvolvimento de uma congregação. Ele insistia que eu identificasse "recursos humanos" para usar no meu trabalho. Percebi logo que ele também considerava o conselho da igreja, o comitê de finanças e o comitê de planejamento como "recursos" a nosso dispor.

No entanto, um "recurso" identifica algo ou alguém a ser usado. Não tem nada de pessoal — é uma coisa, um negócio, uma função. Se o termo for usado com freqüência suficiente, começará a mudar a maneira como vemos uma pessoa. Imagino que a expressão teve origem numa metáfora inocente e, como tal, se mostrou bastante útil. Quando se torna habitual, porém, corrói nossa percepção do outro como alma — alguém de cerne relacional e dimensão divina.

A outra palavra é "disfuncional". É assustador como as pessoas são chamadas com freqüência de disfuncionais: famílias disfuncionais, líderes disfuncionais, relacionamentos disfuncionais, políticos disfuncionais. Porém, esse não é um termo pessoal, mas mecânico. Máquinas são disfuncionais, almas não; bicicletas são disfuncionais, crianças não; bombas d'água são disfuncionais, cônjuges não. O uso constante e impensado dessa palavra corrói o nosso senso de valor e dignidade inerentes às pessoas com as quais nos encontramos e trabalhamos, por mais confusas que sejam.

Em se tratando do uso das palavras, todo cuidado é pouco; começamos usando as palavras e acabamos sendo usados por elas. Nossa imaginação se torna insensível. Afinal de contas, tratamos apenas de superfícies, funções, papéis.

Em nossa cultura, atualmente, todos nós descobrimos que somos estudados, designados e tratados como funções e coisas. "Consumidor" é o termo geral empregado para a maneira como somos vistos. Desde a mais tenra infância, somos considerados indivíduos com capacidade de comprar, desempenhar um papel ou ter determinado uso. Os

anunciantes começam a nos dirigir suas propagandas nesses termos a partir do momento que somos capazes de escolher o tipo de biscoito ou doce preferido.

Para as pessoas criadas na cultura americana, é inevitável adquirir inconscientemente essa forma de olhar para todos em redor. Outros indivíduos são consumidores em potencial para aquilo que estou vendendo; alunos para o que estou lecionando; recrutas para o que estou fazendo; um eleitorado para o que estou propondo; recursos para o que estou construindo ou formando; clientes para os serviços que estou oferecendo. Ou, invertendo os elementos, eu me identifico como comprador, aluno, recruta, recurso, cliente em potencial e assim por diante. De um jeito ou de outro, não passa de consumismo.

Até certo ponto, não tenho nenhuma queixa contra esse sistema. Preciso de coisas, e outras pessoas oferecem aquilo de que preciso; pago e desfruto de bom grado das vantagens do que está sendo oferecido, comida, roupa, informação, assistência médica ou legal, liderança numa causa importante para mim, defesa em questões de justiça e direito. Não me importo de ser consumidor nesta economia capitalista em que há tanto a se consumir.

Porém... não desejo ser apenas um consumidor. Não desejo nem mesmo que esta seja minha característica predominante. Ser reduzido a consumidor é deixar de fora a maior parte do que sou, do que forma *a minha essência.* Ser tratado como consumidor é ser reduzido a serviço ou produto para o benefício de outros. Não faz muita diferença se esse uso se dá no contexto de uma causa generosa ou egoísta; de uma forma ou de outra, é uma redução. O consumismo generalizado resulta numa despersonalização geral. E toda vez que a despersonalização toma conta, a vida se esvai.

Mas as almas não são peneiras; elas transbordam de vida: "Bendize, ó minha *alma,* ao Senhor"!

Temor-do-Senhor

Por fim, precisamos de um termo comum e abrangente para nos referirmos à maneira como vivemos a vida espiritual

— não apenas aquilo que fazemos e dizemos, mas o modo como agimos, falamos. Como podemos viver adequadamente neste mundo que nos foi revelado em Jesus Cristo?

Trata-se de uma pergunta que precisa ser adiada pelo maior tempo possível. A maior parte da vida cristã (e a teologia espiritual é responsável por manter a vigilância nesse aspecto) envolve a prática de atentar para quem Deus é e o que ele faz. No entanto, essa observação não pode se ater apenas a *quem* e *o que,* devendo estender-se ao *como,* aos *meios* que Deus emprega para realizar seus fins. Se nos preocupamos excessiva e prematuramente com aquilo que *nós* fazemos e somos, perdemos inteiramente o rumo. Ainda assim, fazemos parte disso e precisamos de um termo que identifique o lado humano da espiritualidade, que designe o modo como atravessamos esse campo minado tão complicado que é o mundo no qual vivemos a vida cristã. Porém, precisamos de um termo que não nos transforme no centro da questão. (As palavras mais correntes entre nós tendem a enfatizar o que iniciamos e realizamos: disciplina espiritual, piedade, prática devocional, hora silenciosa e assim por diante.) Deve ser também um termo que não contribua para a dicotomização da espiritualidade entre a parte de Deus e a parte do homem.

Esta pergunta — "Qual é nossa parte nisso?" — exige uma resposta extremamente cautelosa. Vemos como é essencial usar o termo certo quando olhamos ao nosso redor e nos damos conta do volume incrível de absurdo, sordidez, maldade e estupidez que se acumulam sob o teto de empreendimentos dedicados a dirigir e motivar as pessoas a servir a Deus, enquanto nossos "líderes" nos dizem o que fazer e o que falar a fim de nos considerarmos, distintivamente, povo de Deus. Tendo em vista a freqüência com que homens e mulheres distorcem as palavras e obras de Deus, pode parecer melhor não fazer nada — apenas sair do caminho e deixar tudo ao encargo de Deus.

Alguns mestres formularam exatamente essa resposta, levando a idéia a sério: quanto menos fizermos para Deus, melhor; damos mais espaço para Deus fazer algo por nós —

afinal, é isso que importa de fato.[15] No entanto, para quase todos nós, não parece um conselho adequado. Temos a sensação de que, de uma forma ou de outra, precisamos nos envolver com o que Deus faz; *queremos* nos envolver, queremos *fazer* algo. Mas o que podemos fazer sem atrapalhar, sem ser um estorvo?

A EXPRESSÃO QUE A BÍBLIA escolhe para articular essa idéia é "temor-do-Senhor". Trata-se de um termo comum nas Escrituras para o modo responsivo e apropriado de vivermos diante de Deus como ele é, Pai, Filho e Espírito Santo.

Nenhum dos sinônimos em nossa língua (respeito, reverência, veneração) parecem adequados. Falta-lhes o impacto da expressão "temor-do-Senhor". Quando Rudolf Otto, um dos grandes estudiosos dessas questões, analisou essa atitude e reação central de cunho religioso/espiritual, lançou mão de expressões em latim (*numen* e *mysterium tremendum*), pois também não encontrou nada que servisse na língua alemã.[16]

O temor-do-Senhor é cultivado, acima de tudo, na oração e na adoração — na oração pessoal e na adoração em comunidade. Interrompemos deliberadamente nossa preocupação conosco e voltamos toda a nossa atenção para Deus, colocamo-nos intencionalmente num espaço sagrado, num tempo sagrado, na presença sagrada... e esperamos. Calamo-nos e nos aquietamos a fim de ouvir e responder àquele que é o Outro. Quando entendemos como funciona, descobrimos que isso pode ser feito a qualquer hora e em qualquer lugar. Mas a base é a oração e a adoração.

"Temor-do-Senhor" é a expressão mais apropriada que temos para indicar esse modo de vida que cultivamos como cristãos. A vida cristã é constituída, na maior parte, daquilo que Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — é e faz. Mas também temos participação. Não a parte principal, mas,

---

[15] Essa abordagem é chamada de "quietismo". Foi uma forma bastante difundida de espiritualidade na França do século VII e condenada como heresia.

[16] *The Idea of the Holy,* 1923.

ainda assim, uma parte. Por meio da revelação, abriu-se para nós um mundo no qual nos encontramos caminhando em solo sagrado e vivendo num tempo sagrado. No momento em que nos damos conta disso, ficamos tímidos, cautelosos. Desaceleramos o passo, olhamos ao redor com ouvidos e olhos atentos. Como crianças perdidas que vão parar numa clareira na floresta e encontram duendes e fadas cantando e dançando em círculo, ao redor de um unicórnio saltitante de meio metro de altura, paramos em silêncio reverente para assimilar essa revelação inopinada e maravilhosa.

Quando nos vemos inesperadamente na presença do sagrado, nossa primeira reação é parar em silêncio. Não fazemos nada. Não dizemos nada. Tememos nos intrometer acidentalmente; tememos dizer algo inapropriado. Mergulhados em mistério, nos aquietamos, nos calamos, com todos os sentidos alertas. Isso é o temor-do-Senhor.

Ou fazemos o contrário. Incomodados com o desconhecido, também como crianças, corremos de um lado para o outro feito loucos, gritando e berrando, tentando colocar nosso selo de familiaridade naquilo que nos é estranho. Quando as crianças fazem isso na igreja, dizemos que se trata de um comportamento inapropriado. Mas, nessas questões, o comportamento inapropriado não consiste naquilo que dizemos ou fazemos em si, mas no fato de que nossas palavras e atos são incongruentes com o tempo e o lugar sagrados. Enquanto não soubermos o que está acontecendo, tudo que dissermos ou fizermos pode ser errado ou, no mínimo, inapropriado.

Todos nós passamos pela experiência, por mais breve que seja, de nos encontrarmos na presença sagrada ou em solo sagrado de tempos em tempos. A experiência mais comum nesse sentido é estar na presença de uma criança recém-nascida. Quase todos nos calamos e aquietamos. Não sabemos o que dizer ou fazer. Somos envolvidos pelo mistério da vida concedida por Deus. Algo profundo dentro de nós reage à sacralidade da vida, à existência em si; nossa reação se transforma em culto, adoração, orações, reverência — temor-do-Senhor.

Há algo, porém, acerca do sagrado que nos incomoda. Não gostamos de ficar no escuro, de não saber o que fazer. Assim, tentamos domesticar o mistério, explicá-lo, sondá-lo, rotulá-lo e usá-lo. O termo que empregamos para essas transgressões verbais e violações do sagrado é "blasfêmia": tomar o nome de Deus em vão, desonrar momentos e lugares sagrados, reduzir Deus a fofocas e falatório. Incomodados com o mistério, tentamos bani-lo com clichês.

Toda cultura tem histórias e tabus que visam treinar e disciplinar o povo para proteger e honrar o mistério sagrado. Os seres humanos não são deuses; no momento em que nos esquecemos disso, transgredimos os limites da humanidade, e algo é violado na própria realidade. O universo é prejudicado.

Assim, tomamos o propósito de desenvolver o temor-do-Senhor, "o preceito essencial que expressa resumidamente as bases elementares que mantêm a união da comunidade da aliança", como define Bruce Waltke.[17] Apesar de sua proeminência na Bíblia, essa expressão não é de uso amplo entre vários cristãos . A palavra "temor" parece fazer-nos começar com o pé esquerdo. Os gramáticos nos ajudam a resgatar o sentido bíblico chamando a atenção para o fato de que o temor-do-Senhor é uma "expressão justaposta", um sintagma.

As três palavras em nossa língua (duas, no hebraico) são ligadas de modo a formar uma só palavra. Sua função como palavra única não pode ser entendida separando os termos constituintes e somando os significado de cada uma dessas partes. O temor-do-Senhor não é uma combinação de temor + do + Senhor; é uma coisa só. Assim, não devemos procurar no dicionário o significado de "temor" e depois de "Deus", combinando em seguida as duas acepções: "temor", sentimento de apreensão, mais "Deus", ser divino digno de

---

[17] "The Fear of the Lord: the Foundation for a Relationship with God", em: *Alive to God: Studies in Spirituality Presented to James Houston,* p. 17-33

adoração, não é "temor-do-Senhor". Esse recurso analítico só serve para nos desviar do rumo certo.

Mas, quando deixamos que o contexto bíblico forneça as condições para entendermos essa expressão, descobrimos que seu significado mais próximo é um modo de vida no qual sentimentos e comportamentos humanos são amalgamados com o ser e a revelação de Deus. O termo ocorre mais de 138 vezes em vários livros do Antigo Testamento, principalmente em Provérbios, Salmos, Isaías, Crônicas e Deuteronômio.[18] "Temor-do-Senhor" representa a atividade divina e a atividade humana.

Designa um modo de vida que não pode ser analisado em duas partes, assim como um bebê não pode ser dividido entre o que vem do espermatozóide e o que vem do óvulo. "Temor-do-Senhor" é uma expressão nova em nosso vocabulário; caracteriza um modo de vida apropriado para nossa criação, salvação e bênção por Deus.

A resposta mais comum para a pergunta "E agora, o que fazemos?" — que infelizmente impede um relacionamento de devoção e intimidade com Deus — é criar um código de conduta. O ponto de partida, normalmente, são os Dez Mandamentos, complementados por provérbios, com enfoque dado pela síntese de Jesus (amar a Deus/amar ao próximo), temperados com a regra de ouro e arrematados com as bem-aventuranças. Pode parecer o caminho mais simples, mas as comunidades religiosas que tomam esse rumo raramente ou nunca são capazes de se ater a isso. Muitas vezes, consideram que o contexto peculiar em que vivem exige medidas específicas: regras são acrescentadas, regulamentos são impostos e, em pouco tempo, o código de conduta cresce e se transforma num grande emaranhado de normas talmúdicas.

O caminho oposto ao código de conduta é simplificar tudo ao máximo, desenvolvendo uma espiritualidade minimalista que mais parece uma colagem de *slogans* como os que vemos em adesivos de carros: "Busque a sua

---

[18] Ver WALTKE, *Alive to God,* p. 17-33.

felicidade!", "Pare e curta a natureza!", "Faça sempre o bem!". Meu favorito é um trecho de um poema atribuído por vezes a W. H. Auden:

Amo pecar; Deus ama perdoar;
O mundo é maravilhosamente ordenado.

Os códigos de conduta, porém, são fundamentalmente inadequados para nos orientar acerca da vida espiritual, uma vez que nos colocam no controle (ou, o que é igualmente ruim, colocam outros para nos controlar); Deus é posto fora do âmbito de ação e limitado à tribuna do juiz, de onde avalia nosso desempenho. Assim que assumimos o controle, "conhecendo o bem e o mal", colocamo-nos em apuros e, quase ao mesmo tempo, também colocamos outros em apuros.

Por mais úteis que sejam os códigos de conduta, de modo geral, não devem ser nosso ponto de partida para responder à pergunta: "E agora, o que fazemos?".

UMA DAS VIRTUDES da expressão "temor-do-Senhor" é o fato de não poder ser definida com precisão; estamos tratando de algo que não podemos controlar, vivemos num mistério, não podemos ter certeza absoluta de nada, desenvolvemos uma expectativa atenta e reverente diante de todas as pessoas, acontecimentos, pedras e árvores. A presunção vai sumindo, a atenção vai crescendo, a expectativa se intensifica.

"Temor-do-Senhor", conforme usado pelos escritores bíblicos, é uma expressão óbvia sem ser redutora, clara sem ser excessivamente simplificada e precisa sem dissipar o mistério inerente a tudo que se relaciona a Deus e a seu mundo. Também tem a vantagem considerável de fugir à definição precisa ou "controle" de que poderíamos nos valer para nos colocarmos dentro de uma área de piedade ou bondade que satisfaria nosso instinto por intimidade com Deus.

O que fazemos, então, tendo iniciado esta caminhada seguindo Jesus? "Temei o Senhor, vós os seus santos" (Sl 34:9). Temer ao Senhor não é estudar sobre Deus, mas viver em reverência diante de Deus. O que nos falta não é tanto o conhecimento; falta-nos, sim, a reverência. O temor-do-Senhor não é uma técnica para adquirir *know-how* espiritual; antes, é um não-saber deliberado. O que nos falta não é o *know-how,* falta-nos simplesmente estar disponíveis. Quando nossa vida é transformada pelo temor-do-Senhor, cultivado em adoração e oração, em silêncio e quietude, em amor e sacrifício, Deus se torna o ar que respiramos.

E UMA DANÇA

Perichoresis significa "dança" em grego. Esse termo era usado pelos teólogos gregos como metáfora para se referir à Trindade. Como escreveu Karl Barth, *perichoresis* "afirma que os modos divinos de existência se condicionam e se permeiam mutuamente com tamanha perfeição que um se encontra invariavelmente nos outros dois, e os outros dois, neste".[19] Imagine uma contradança folclórica de roda, com três participantes em cada grupo. A música começa e os três, de mãos dadas, começam a se mover num círculo. Com um sinal do marcador, eles soltam as mãos, mudam a formação, vão de um lado para o outro.

O ritmo acelera, os participantes movem-se com mais rapidez, entretecendo-se uns com os outros, balançando e girando, segurando e soltando, aproximando-se e separando-se. Mas não há confusão, todos os movimentos são perfeitamente coordenados, seguindo ritmos precisos (são dançarinos experientes e hábeis!), e cada pessoa mantém sua própria identidade. Para um observador, os movimentos são tão rápidos que, por vezes, é impossível distinguir uma pessoa da outra; os passos são tão complicados que é difícil

[19] *Church Dogmatics* I /1.

prever como o grupo se formará em seguida: *perichoresis* (*peri* = ao redor; *choresis* = dança).[20]

A essência da Trindade, o elemento central da teologia cristã, considerada, por vezes, a doutrina mais sutil e oculta de todas, é captada aqui numa imagem que qualquer um pode observar numa festa popular do interior.

A Trindade é a estrutura mais inclusiva e integradora que possuímos para entender a vida cristã e dela participar. Desde o início de nossa história, nossos pastores e mestres formularam a Trindade para expressar o que é distintivo na revelação de Deus em Cristo. Essa teologia forneceu um horizonte vasto, um pano de fundo para compreendermos e praticarmos a vida cristã de forma ampla e abrangente. Sem uma teologia devidamente representada, a espiritualidade é reduzida ao mundo restrito exibido pelos jornalistas ou ao mundo plano estudado pelos cientistas. A Trindade revela o mundo imenso de Deus criando, salvando e abençoando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, com implicações práticas e imediatas para nosso modo de viver e nossa espiritualidade.

A Trindade é a tentativa da igreja de entender a revelação de Deus, do ser divino em todas as suas partes e relações; uma empreitada que tem se mostrado extremamente proveitosa. Em um nível mais prático, ela

---

[20] *Perichoresis* não é um termo do Novo Testamento, e nem todos os teólogos de hoje o aceitam como uma imagem apropriada para a Trindade. É uma palavra do grego clássico que só entrou no vocabulário da comunidade cristã no século VIII, quando o teólogo grego João Damasceno a usou para destacar o caráter dinâmico e interpessoal da Trindade em contraste com imagens e abstrações impessoais. Catherine LaCugna escreve sobre "o motivo pelo qual a imagem da 'dança divina' foi usada para traduzir *perichoresis*. Mesmo que haja pouco fundamento filológico para isso, a metáfora da dança é eficaz. A coreografia sugere parceria simétrica, porém não redundante, de movimentos à medida que cada dançarino se expressa e, ao mesmo tempo, se realiza um em relação ao outro. Em interação e intercurso, os dançarinos (e observadores) experimentam um movimento fluente que abrange, permeia, envolve e estende. Na dança divina, não há líderes nem seguidores, apenas um movimento eterno e recíproco de dar e receber, dar novamente, receber novamente [...] A imagem da dança não nos permite pensar em Deus como sendo solitário. A idéia de *perichoresis* trinitária oferece uma porta de entrada maravilhosa para a contemplação daquilo que significa dizer que Deus está vivo desde toda a eternidade em amor" (*God for Us,* p. 272).

oferece um modo de entendermos Deus e respondermos a ele que penetra nas questões cotidianas que enfrentamos como pessoas, igrejas e comunidades, desde o momento em que nos levantamos pela manhã até a hora em que pegamos no sono à noite, e nos traz para um âmbito participativo nos termos de Deus, ou seja, nos termos da Trindade. Ela nos impede de nos envolvermos em modos de viver a vida cristã extremamente religiosos, porém nocivos à nossa alma.

A TRINDADE COMPREENDE Deus como sendo constituído de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, Deus em comunidade, cada "pessoa" em comunhão ativa com as outras.[21] Isso nos dá uma visão enfaticamente pessoal e interpessoal de Deus. Ele não é acima de tudo pessoal. Se Deus é revelado como sendo pessoal, o único modo de ser conhecido é pela resposta pessoal. Precisamos estar cientes disso, pois a coisa mais fácil do mundo é usar palavras como conceitos ou princípios abstratos, tratar o evangelho como informação. Não podemos despersonalizar o evangelho ou a verdade para torná-la mais fácil, simples e conveniente sem sofrer conseqüências. Conhecer Deus por meio de abstrações não é opção; conhecer Deus por meio de projetos programáticos está descartado; o conhecimento de Deus em isolamento solitário é proibido. A Trindade assevera que Deus não é uma idéia, uma força ou experiência particular, mas pessoal e conhecida somente pela responsividade e pelo envolvimento pessoal.

A Trindade também nos impede de reduzir Deus a algo que podemos entender ou de que precisamos apenas ocasionalmente. Existem muitos fatos acontecendo conosco neste mundo, muito mais do que somos capazes de assimilar. Ao nos relacionarmos com Deus, lidamos com um mistério, algo que não conhecemos, que não somos capazes de controlar e com o qual não podemos lidar em nossos termos. Precisamos estar cientes disso, pois vivemos num

---

[21] Uma excelente discussão sobre a Trindade no contexto pós-moderno é apresentada por Colin GUNDTON, *The One, the Three, and the Many,* 1993.

mundo que tem respeito excessivo pela praticidade. Queremos que Deus seja "relevante" para nosso estilo de vida. Queremos aquilo que somos capazes de entender. Somos fortemente pressionados a reduzir Deus às nossas necessidades e expectativas imediatas.

Mas Deus nunca é um produto para o nosso uso. Num mundo funcionalizado, em que somos treinados para nos conhecer em função daquilo que podemos fazer, deparamo-nos com uma realidade que não podemos controlar. E, assim, desenvolvemos a reverência. Estamos na presença daquele que está à frente e além de nós. Ouvimos e esperamos. A presunção — Deus na hora e como queremos — revela-se simples tolice. Colocamos de lado as definições de Deus que o rebaixam ao nível das nossas emoções e nossos pensamentos e as exigências de que Deus trabalhe de acordo com nossos interesses em troca de uma vida de adoração e oração, obediência e amor — um modo de vida aberto e suscetível àquilo que *Deus* está fazendo, no lugar de uma vida em que criamos estratégias para envolver Deus naquilo que *nós* estamos fazendo. A Trindade nos atrai continuamente para um mundo muito mais amplo, além dos limites de nossa imaginação.

A Trindade também é um chamado, um convite contínuo para participarmos da vida energicamente ativa de Deus — mais uma vez, a imagem da dança. É a participação na Trindade (Deus como ele se revelou a nós) que confere às coisas e pessoas seu caráter particular e distintivo. Não somos espectadores de Deus; sua mão está sempre estendida, puxando-nos para as ações trinitárias da criação, salvação e comunidade sagrada. Assim como nós, Deus nunca está alheio ao que faz. Não existem não-participantes de uma vida revelada pela Trindade.

Precisamos estar cientes disso. Seja em casa, seja no trabalho, é muito mais fácil guiar, motivar, planejar e dirigir à distância. Assim, encontramos formas de delegar para não precisarmos nos envolver demais. Mas a realidade da Trindade não nos permite isso. Se desejamos conhecer Deus, temos de participar do relacionamento que é Deus.

Descobrimos, então, que somos participantes ímpares — cada um de nós é singular — na vida de Deus. A vida cristã não é programada; é uma concessão de liberdade. A Trindade nos mantém alertas e receptivos à liberdade derivada da participação na vida de Deus. E todo ato de participação é único.

Deixada por sua própria conta, toda expressão de espiritualidade tende a ser mais sobre mim mesmo e menos sobre Deus. A teologia espiritual faz frente a isso testemunhando do Deus vivo, usando os termos mais amplos e abrangentes possíveis. A Trindade oferece esses termos, uma linguagem teológica que nos permite afirmar nossa identidade cristã segundo a imagem de Deus, e não de acordo com o que vemos no espelho a cada manhã.

2. CRISTO ATUA NA CRIAÇÃO

[Cristo é o] primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra.

COLOSSENSES 1:15-16

Não é lícito amar a Criação segundo o propósito que tenho para ela, da mesma forma como não é lícito amar o meu vizinho com o objetivo de pegar emprestadas suas ferramentas.

WENDELL BERRY[22]

EXPLORANDO A VIZINHANÇA DA CRIAÇÃO

Despertamos a cada manhã para um mundo que não criamos. Como ele veio parar aqui? Como *nós* viemos parar aqui? Abrimos os olhos e vemos o sol, essa "grande bola de fogo", percorrendo seu caminho no horizonte. Mexemos os dedos dos pés. Um pássaro começa a cantar, improvisando temas de maravilhosa complexidade. Sentimos o cheiro de café e já antecipamos o gosto do pãozinho quente e crocante com manteiga derretida.

---

[22] *The Gifi of Good Land,* p. 273.

Há tanta coisa *aqui* — ao redor, acima, abaixo, dentro e fora de nós. Mesmo com a ajuda de poetas e cientistas, só conseguimos explicar uma pequena parcela de tudo isso. Observamos de um lado e de outro. Começamos explorando a vizinhança. Andamos por uma rua, depois outra. Aventuramo-nos para o outro lado dos trilhos do trem. Não demora e estamos usando telescópios e microscópios, curiosos e fascinados com a proliferação infindável da mais pura existência — cor e forma, textura e som.

Depois de um tempo, nos acostumamos com as coisas e deixamos de notá-las. Restringimo-nos a um horizonte pequeno e acanhado. Em algum lugar ao longo do caminho, essa expansão exponencial da consciência, aquela observação cheia de admiração dos nossos arredores, aquele prazer puro e inato no que está diante de nós sofre uma inversão: o mundo se contrai; somos reduzidos a uma vida de rotina pela qual passamos feito sonâmbulos.

Mas não por muito tempo. Algo sempre aparece para nos despertar: a pergunta de uma criança, a beleza lustrosa de uma raposa, uma dor aguda, o sermão de um pastor, uma nova metáfora, a visão de um artista, um tapa no rosto, o perfume de uma violeta pisada. Acordamos, voltamos a ficar alertas e maravilhados: como isso aconteceu? E por quê? Por que tudo isso? Por que não absolutamente nada?

A gratidão é nossa resposta espontânea a tudo isso: à *vida.* Algo cresce dentro de nós: "Muito obrigado!" Na maioria das vezes, esse agradecimento é dirigido a Deus, mesmo quando vem daqueles que não crêem nele. Havia em nossa igreja um rapaz chamado Johnny Bergman. Ele e sua esposa eram membros muito animados, até que as ervas daninhas do mundo e suas distrações sufocaram a fé ainda tenra desse casal. Eles tiveram filhos. Enriqueceram rapidamente e sua vida se ocupou de carros e barcos, da construção da casa e de compromissos sociais. Iam cada vez menos aos cultos.

Depois de uma ausência de dois anos, num domingo ensolarado, Johnny apareceu. Surpreso ao vê-lo, perguntei: "Então, Johnny, o que você faz por aqui?". Ao que ele respondeu: "Acordei esta manhã me sentindo tão bem, tão

abençoado — tão *criado* — que precisava agradecer; e o único lugar onde posso fazer isso de forma correta e adequada é aqui. Eu queria dizer isso a Jesus". Ele não voltou no domingo seguinte, nem nos outros. Ainda assim, esse momento chamou minha atenção, pois me pareceu, justificadamente, uma "epifania".[23]

A simples admiração diante da vida, da criação, deste lugar onde estamos vivos neste momento exige uma resposta, um agradecimento. Há algo tão profundamente congruente no mundo em que vivemos e em quem nós somos que, quando nos damos conta, surpreendemo-nos com seu milagre e sua maravilha. Na Antigüidade, Platão observou que toda filosofia começa com o "maravilhar-se". No mundo moderno, Heidegger usou a expressão "espanto radical" para enfatizar a idéia de Platão. Leibniz fez a pergunta que continua a provocar reflexões infindáveis acerca do fato de nos encontrarmos inseridos neste lugar e neste tempo: "Por que não nada?".[24]

Maravilha. Espanto. Adoração. Devem ser poucas as pessoas que nunca foram acertadas em cheio pela mais pura realidade da existência. Descalçamos nossas sandálias diante da sarça ardente. Perdemos o fôlego ao ver um falcão mergulhando. "Muito obrigado, Deus!" Vemo-nos numa existência copiosa na qual experimentamos uma sensação profunda de afinidade — *Este é o nosso lugar,* agradecemos à vida com nossa vida. E não dizemos apenas "Muito obrigado!", mas "Muito obrigado, Deus!". Não se trata apenas de aprendermos a ter bons modos, como as crianças a dizer "muito obrigado" como convenção social. Antes, é o cultivo da adequação interior à realidade, desenvolvendo a capacidade de ter sempre uma resposta apropriada para a natureza extraordinária e a generosidade da vida.

---

[23] A história continua. A ausência dominical de Johnny se estendeu por cinco anos. Então, ele voltou, mas com outra disposição mental. Dessa vez ele estava sofrendo. Sua esposa o havia deixado, ele vivia um caos de emoções e seus filhos estavam confusos e aflitos. A dor o trouxe de volta pela segunda vez, e dessa vez ele ficou. Mas esse é assunto da próxima seção: "Cristo atua na história".

[24] Cit. George STEINER, *Grammar of Creation,* p. 16.

Maravilhar-se é o único ponto de partida apropriado para explorar a criação espiritual, pois nos mantém alertas, na expectativa, vivos para uma vida que é sempre mais do que podemos explicar, que sempre excede nossas previsões, que está sempre além de tudo que somos capazes de imaginar.

QUERIGMA: O NASCIMENTO DE JESUS

Estamos evidentemente interessados naquilo que há por trás de tudo isso: o significado, o propósito, as implicações. O primeiro passo é crer em Deus. A criação não é algo que entendemos, deduzimos, discutimos ou simplesmente apreciamos como é — antes, é aquilo em que cremos: *credo.* "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem" (Hb 11:3).

Mas a criação em si não leva ninguém a crer em Deus. Muita gente considera a criação de acordo com os próprios valores, chamando-a, com freqüência, apenas de "natureza" e abordando-a como se seu significado e sua "espiritualidade" lhe fossem inerentes. Há algo de muito atraente nessa idéia: é extremamente clara, descomplicada e não causa nenhuma controvérsia. Além disso, é óbvia. Percebemos com satisfação aquilo que é inerentemente divino na vida em si, sem todas as complicações da teologia, a confusão da história da igreja, as hipocrisias de homens e mulheres que insistem em ocupar lugares nos bancos das igrejas, a incompetência de pastores, os pedidos de dinheiro.

A criação parece, por si mesma, perfeitamente capaz de nos oferecer uma espiritualidade que exulta com praias belíssimas e ocasos deslumbrantes, com a prática do surfe ou do esqui, com massagens relaxantes, com estados emocionais e estímulo estético. Mas, apesar de todos esses atrativos consideráveis, esse tipo de espiritualidade apresenta sérias deficiências.

As Escrituras cristãs usam uma abordagem muito diferente: Deus se revela de maneira mais completa numa pessoa chamada Jesus.

Os relatos da criação em Gênesis começam com "os céus e a terra", mas, na verdade, esse é apenas um prólogo para a parte principal, a criação da vida humana, do homem e da mulher, feitos "à imagem de Deus". A vida do homem e da mulher tem o fôlego ("espírito") do próprio Deus. Se você quer ver a criação em sua plenitude, em seu auge, olhe para uma pessoa — um homem, uma mulher, uma criança. A preferência da moda que dita a apreciação da natureza num buquê de flores no lugar de um bebê chorão, um dia na praia, em vez de horas sentado numa igreja abarrotada de gente — criação sem a inconveniência de pessoas — é algo compreensível. No entanto, decididamente não corresponde à criação nos termos em que ela nos foi revelada.

Tudo isso — a criação como a dádiva da vida por Deus e a condição necessária para a vida, para a *nossa* vida — é reunido na forma de boas novas no nascimento de Jesus. Esta é, de fato, uma boa nova, o que os gregos chamavam de *kerigma,* uma proclamação pública que insere o que é proclamado numa realidade histórica. O nascimento de Jesus oferece o enfoque querigmático para se receber a criação, entrar nela e dela participar, para *vivê-la* e não apenas usá-la ou considerá-la algo trivial. Em seus evangelhos, Mateus e Lucas dão a entender que esse nascimento também é um "nascimento virginal".

No evangelho de João, lemos Gênesis reescrito: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1:14). Mateus e Lucas começam seus evangelhos com um relato detalhado do nascimento de Jesus. Na primeira referência escrita a esse fato, o apóstolo Paulo chama Jesus de "primogênito de toda a criação" (Cl 1:15).[25]

No ato de crer na criação, aceitamos o que Deus faz, nos inserimos nele e nos sujeitamos ao que ele realizou e continua a realizar. Não somos expectadores da criação, mas participantes dela. Em primeiro lugar, somos participantes pelo simples fato de termos nascido; então, percebemos que o

---

[25] Jesus também é chamado de "primogênito" em outros contextos: "primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8:29); "o primogênito de entre os mortos" (Cl 1:18 e Ap 1:5); e "primogênito no mundo" (Hb 1:6).

nascimento de todos nós se dá no contexto definidor do nascimento de Jesus. A vida cristã consiste na prática de se viver inserido no que Deus fez e está fazendo. Queremos saber a origem das coisas não para satisfazer nossa curiosidade acerca de fósseis, dinossauros e o *big bang,* mas para podermos viver de acordo com nossas origens. Não queremos associar nossa vida a algo periférico. Queremos viver de forma *original,* e não derivada.

Assim, começamos com Jesus. Ele é a revelação do Deus que criou os céus e a terra; também é a revelação do Deus que está conosco, Emanuel. Karl Barth entra em detalhes intermináveis (escreveu quatro volumes enormes) para apresentar uma única questão: "Constatamos que, em todos os sentidos, Jesus Cristo é a chave para o segredo da criação".[26]

O RELATO MAIS EXTENSO da história do nascimento de Jesus é apresentado por Lucas. Gabriel, o mensageiro de Deus, começa com a anunciação querigmática a Maria: "Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo" (1:28), ao que ela se mostra naturalmente surpresa (*diatarachthe*). O anjo Gabriel a tranqüiliza e, em seguida, transmite sua mensagem do evangelho: "Eis que conceberás e darás à luz um filho" (v. 31). Só então Maria fica sabendo que a concepção de seu filho será uma obra do Espírito Santo de Deus: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (v. 35). Maria aceita e recebe essa palavra fecundante e vivificadora do evangelho e se torna grávida de Jesus: "Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra" (v. 38).

A história da gestação de Maria continua no contexto de outra gestação, a da prima idosa de Maria, Isabel. Maria procura Isabel para fazer um "teste de gravidez". As duas gestações são prodígios paralelos, porém contrastantes: a

---

[26] *Church Dogmatics,* III /1.

mulher idosa e estéril e a jovem virgem, ambas impossivelmente grávidas. Isabel, que já estava no sexto mês da gestação, confirma a gravidez recente de Maria: "Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto de teu ventre!" (v. 42). A resposta jubilosa de Maria é seu grandioso *Magnificat:*

A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador... (v. 46-55).

Quando Maria dá à luz a criança concebida pelo Espírito Santo, Lucas usa a mesma palavra que Paulo havia usado para descrever Jesus Cristo aos cristãos colossenses: "O primogênito (*prototokos*) de toda a criação" (Cl 1:15), identificando Jesus, o bebê de Maria, como seu "filho primogênito" (*prototokon*) (Lc 2:7). O nascimento é saudado, então, por toda a criação: céu e terra, cântico dos anjos e boas-vindas dos pastores. Os mais sublimes (anjos) e os mais humildes (pastores) se unem em admiração para receber Jesus, que "vos nasceu" (2:11) ou, talvez, que nasceu "para vós" (*etechthe humin*). O nascimento diz respeito enfaticamente a nós.

O Espírito que vem sobre Maria e concebe o Salvador é um eco do Espírito que pairava sobre as águas no relato da criação (Gn 1:2). Como escreve Raymond Brown: "A terra estava sem forma e vazia quando esse Espírito apareceu; assim também o ventre de Maria estava vazio até o Espírito de Deus enchê-lo com uma criança que era Seu Filho".[27]

Esse relato das Escrituras, básico e definidor da criação, começa com a palavra de Deus sendo pregada (pelo mensageiro Gabriel) — uma palavra que concebe vida (pelo Espírito Santo) e resulta numa gravidez que traz maravilha e bênção (a saudação de Isabel e o *Magnificat* de Maria) — e termina com um nascimento que reúne os anjos do céu e os pastores da terra em um jubiloso testemunho confirmador e em adoração.

---

[27] *The Birth of the Messiah,* p. 314.

CINCO RELATOS ANTERIORES de concepção e nascimento nas Escrituras também revelam Deus envolvido de modo decisivo e íntimo na criação da vida humana.

- Abraão e Sara e o nascimento de Isaque: "Visitou o SENHOR a Sara, como lhe dissera, e o SENHOR cumpriu o que lhe havia prometido. Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão na sua velhice" (Gn 21:1-2).
- Manoá e sua esposa, cujo nome não é citado, e o nascimento de Sansão: "Apareceu o Anjo do SENHOR a esta mulher e lhe disse: Eis que és estéril e nunca tiveste filho; porém conceberás e darás à luz um filho" (Jz 13:3).
- Boaz e Rute e o nascimento de Obede: "E o SENHOR lhe concedeu que concebesse, e teve um filho" (Rt 4:13).
- Elcana e Ana e o nascimento de Samuel: "Elcana coabitou com Ana, sua mulher, e, lembrando-se dela o SENHOR, ela concebeu e, passado o devido tempo, teve um filho, a que chamou Samuel" (1Sm 1:19-20).
- Zacarias e Isabel e o nascimento de João: "E não tinham filhos, porque Isabel era estéril [...] Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho [...] Isabel, sua mulher, concebeu" (Lc 1:7,13,24).

E agora, este relato de concepção e nascimento no qual Deus é revelado explicitamente como Criador: José e Maria e o nascimento de Jesus.

A obra de Deus na concepção e nascimento de Jesus por meio de Maria é consoante com os cinco nascimentos "impossíveis" anteriores, mas, ao mesmo tempo, é diferente. Desde Sara até Isabel, a impossibilidade a ser superada era um ventre estéril; essas mulheres queriam muito um filho. Mas, no caso de Maria, a "impossibilidade" era sua virgindade; aqui, não há nenhum anseio ou expectativa por uma criança. Para Maria, a concepção e o nascimento é a surpresa da criação. De acordo com Brown: "Esta é a iniciativa de Deus, ultrapassando tudo que homens e mulheres sonharam".[28] Este é o nascimento que colocará

---

[28] *The Birth of the Messiah,* p. 314.

todos os outros nascimentos condicionados à iniciativa criadora de Deus.

Esses seis relatos "íntimos" de nascimentos tomam o que chamamos de processos naturais de reprodução, concepção, gestação e nascimento e revelam Deus operando nas condições impossíveis de esterilidade e virgindade e criando vida.

O FATO DE JESUS SER, como diz o apóstolo Paulo, "nascido de mulher" (Gl 4.4) ressalta de modo silencioso que Jesus é enfaticamente humano, o "primogênito da *criação".* O fato de Maria ser, ao mesmo tempo, virgem, ressalta que o nascimento de Jesus não pode ser explicado por aquilo que sabemos ou somos capazes de reproduzir em nossa experiência. Temos diante de nós vida inequivocamente *humana,* um bebê real proveniente do ventre real de uma mãe; ao mesmo tempo, há um milagre aqui, um mistério que não pode ser descartado em nossas tentativas de manter sob controle as intervenções de Deus, sem falar em nossa vida. O milagre do nascimento virginal, declarado desde os tempos mais remotos da igreja e confessado em seus credos, é, na expressão sem rodeios de Karl Barth, uma "convocação à *reverência* e à *adoração".* Barth afirmou que os pontos de vista unilaterais dos que questionaram ou negaram a declaração "nascido da virgem Maria" devem, "em última análise, ser entendidos apenas como provenientes de um medo terrível da reverência e como simples convites para um encontro cômodo com um Deus excessivamente próximo ou extremamente distante".[29]

Artistas, poetas, músicos e arquitetos são nossas principais testemunhas da importância do significado do termo "virgem" no nascimento virginal como "uma convocação à reverência e à adoração". São eles que, repetidamente, nos resgatam de uma vida que perdeu a maravilha. Enquanto teólogos e estudiosos da Bíblia discutem — por vezes, de modo extremamente contencioso —

[29] *Credo,* p. 68.

sobre textos, fatos da sexualidade e paralelos mitológicos, nossos artistas pintam madonas, nossos poetas oferecem ritmos e metáforas para nossa imaginação, nossos músicos enchem o ar de cânticos alegres e hinos que nos fazem ajoelhar em adoração e nossos arquitetos desenham e constroem capelas e catedrais onde podemos adorar a Deus.

O poema "Depois da Anunciação" explica por quê:

> Este é o tempo irracional
> No qual o amor floresce brilhante e desenfreado
> Tivesse Maria sido apenas racional
> Não teria havido lugar para o filho ser gerado.[30]

A linguagem da concepção, da gravidez e do nascimento que apresenta Deus como o Criador ocupa um lugar de proeminência nas Escrituras ao dar testemunho da vida cristã. As palavras de Jesus a Nicodemos, "Importa-vos nascer de novo" (Jo 3:7), certamente são as mais conhecidas desse vocabulário. No diálogo, Jesus e Nicodemos usam a palavra "nascer" sete vezes. A linguagem do apóstolo Paulo também é expressiva. Ao escrever para a comunidade cristã em Roma, ele considera toda a criação um processo de nascimento: "Porque sabemos que toda a criação (*pasa he ktisis*), a um só tempo, geme e suporta angústias até agora" (Rm 8:22); e, logo em seguida, faz um paralelo com o que acontece em nós: "... também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (8:23). Em outra ocasião, ao escrever para os cristãos da Galácia, o apóstolo chega a se identificar para eles como uma mãe em dores de parto: "... de novo, sofro dores de parto, até ser Cristo formado em vós" (Gl 4:19).

O RELATO DO NASCIMENTO de Jesus é nossa porta de entrada para compreender o desenrolar da criação e participar dela. Mas, se assim permitirmos, todo nascimento

---

[30] Madeleine L'ENGLE, *The Weather of the Heart,* p. 45.

pode nos levar de volta à maravilha do nascimento de Jesus, à revelação da vida pura como dádiva, da vida de Deus conosco e para nós.

Deus é o Criador, e sua criação mais abrangente é a vida humana, um bebê. Somos também participantes da criação quando geramos e concebemos bebês, damos à luz e cuidamos deles. Ocupamos o cerne da criação. Todo nascimento é querigmático. Há muito mais evangelho em todas aquelas repetições do termo "gerou" nas listas genealógicas das Escrituras ("Ezequias gerou a Manassés, Manassés a Amom; Amom a Josias...") do que imaginamos.

ALGUNS ANOS ATRÁS, minha nora me convidou para presenciar o nascimento de seu terceiro filho. Ela sabia como eu ficara decepcionado de não poder presenciar o nascimento de nenhum dos meus três filhos. Na época em que Jan e eu tivemos nossos filhos, os pais eram banidos para as trevas (" [onde há] choro e ranger de dentes") na ocasião do nascimento. Assim, sua generosidade me permitiu experimentar com esse neto aquilo que havia perdido com meus próprios filhos. O parto ocorreu alguns dias depois do Natal, de modo que, enquanto minha esposa e eu íamos para o hospital em Tacoma às duas da madrugada, minha mente e meu coração não transbordavam apenas de expectativa, mas também dos cânticos e relatos do nascimento de Jesus.

Nenhum dos lugares que visitei e nenhuma das coisas que fiz chega perto da experiência que tive naquela sala de parto. O cenário era austero — asséptico e funcional —, mas a vida, a vida pura saindo do ventre naquela madrugada, transformou-o num lugar de revelação. Meu filho recebeu sua filha nos braços assim que ela veio ao mundo: "Seja bem-vinda, Sadie Lynn!".

Já escalei montanhas e, de seus picos, vi cordilheiras cobertas de neve, mas nenhuma paisagem magnífica chegava aos pés da experiência de ver um bebê entrando no mundo; já ouvi o canto delicado e exótico dos pássaros e as peças de alguns dos melhores músicos do mundo, mas nenhum som se equiparava ao choro daquele bebê.

Para mim, essa experiência comum à maioria dos pais hoje em dia, e à raça humana como um todo, aconteceu mais tarde na vida. Mas será que alguém se acostuma com isso? Fui cativado pela maravilha, pelo milagre, pelo mistério, pela glória da vida.

No dia seguinte ao que Sadie Lynn nasceu, fui fazer compras no supermercado. Olhei ao redor e vi uma porção de mães andando pelos corredores com seus filhos. Várias ralhavam e falavam rispidamente com crianças cheias de vida, energia e curiosidade. Fiquei com vontade de pegar essas mães, abraçá-las e dizer-lhes: "Você tem idéia do que fez? Você deu à luz uma criança, *uma criança* — este milagre, esta maravilha, esta glória. Você é uma Madona! Por que você não está admirada e ajoelhada como os magos, junto com os pastores?". Felizmente, me contive. Provavelmente elas não teriam entendido "Madona" com o sentido que eu tinha em mente.

O nascimento, qualquer nascimento, é nosso principal acesso à obra da criação de Deus. O nascimento virginal de Cristo dá e mantém o foco na realidade de que o próprio Deus está presente pessoalmente, participando plenamente da criação, o que, de fato, são boas novas. A criação, em si, é querigmática. Se mantido vívido em nossa imaginação, em orações, cânticos e relatos, o nascimento de Jesus não deixa nossos pés escorregarem da rocha firme e nos dá sensibilidade constante para todas as nuanças de obediência e louvor evocadas pela vida que nos cerca.

AMEAÇA: GNOSTICISMO

No entanto, o nascimento virginal de Jesus nunca foi uma verdade fácil de aceitar. Sempre haverá muita gente ao nosso redor que recusará os detalhes: a trivialidade humana, os fluidos corporais, os sentimentos nus e crus de raiva e aversão, o cansaço e a solidão. O parto é doloroso. Os bebês são sinônimo de inconveniência e bagunça. Ter filhos acarreta uma série de problemas. Que dizer de Deus tendo um bebê? É mais fácil aceitar Deus como o criador das montanhas majestosas, dos mares com suas ondas

gigantescas, das flores delicadas do campo, dos unicórnios fantásticos, dos tigres ferozes de cores intensas (como no poema de William Blake).

Deus certamente ficará bem longe da esqualidez sórdida da matéria-prima que faz parte do ser humano. Temos aspirações profundas inerentes à nossa alma que abominam fraldas e dívidas, impostos e trivialidades domésticas. Imaginamos que fomos criados para coisas mais elevadas, que existe um universo de idéias sutis, sentimentos refinados e êxtases requintados para cultivarmos.

Em algum ponto ao longo do caminho, alguns de nós nos convencemos de que *nossa* alma é *diferente* — está um nível acima do povo em geral, das manadas de filisteus que pisoteiam os átrios do Senhor. Tornamo-nos *connoisseurs* do sublime.

Na verdade, mal a tinta havia secado nos relatos do nascimento de Jesus e começava a funcionar uma pequena indústria, publicando histórias mais "espirituais" do que aquelas que encontramos nos evangelhos. A igreja primitiva foi inundada por incontáveis relatos apócrifos que atenuavam e universalizavam a imagem de Jesus. Esse tipo de literatura era extremamente popular. Aliás, ainda é. Há quem continue a escrever histórias assim nos dias de hoje, histórias que muitos consideram extremamente atraentes.

Nesses relatos da vida cristã, os detalhes não adornados da vida de Jesus são embaçados pelos elementos divinos mais sublimes. O caráter histórico, factual e desagradável da encarnação, o Verbo que se fez carne como revelação plena e completa de Deus é descartado como grosseiro. Coloca-se em seu lugar algo mais refinado e agradável às almas sensíveis. Jesus não era verdadeiramente feito de carne e sangue; antes, entrou temporariamente num corpo humano a fim de nos revelar os mistérios de Deus e nos iniciar nos segredos da vida espiritual. É evidente que ele não morreu na cruz; na verdade, saiu de cena no último instante. O corpo tirado da cruz para ser sepultado não tinha nada de Jesus; era uma espécie de traje que ele usou durante alguns anos e do qual se despiu.

De acordo com esses relatos, Jesus apenas encenou, por um período curto, um Cristo histórico de carne e sangue e depois voltou para uma esfera puramente espiritual. Quem aceita essa versão de Jesus tem liberdade, então, de colocá-la em prática: suportamos a materialidade, a localidade e a família pelo tempo que for necessário, mas não mais que isso. O material, o físico, o corpo — a história, a geografia, as condições do tempo — tudo é uma estrutura temporária; quanto antes percebermos que nada disso tem a ver com Deus e Jesus, melhor.

Esse tipo de idéia tem vários atrativos. O principal deles é que não precisamos mais levar nem as coisas nem as pessoas a sério — isto é, considerá-las com seriedade eterna, seriedade de *Deus.* Tudo aquilo que você toca, cheira ou vê não é de Deus em nenhum sentido direto ou imediato. Poupamo-nos de um bocado de transtornos e aborrecimentos empurrando tudo o que é material e cotidiano para a periferia da nossa vida. As colinas são lindas, desde que inspirem pensamentos elevados; mas, se uma colina representa uma inconveniência para mim, posso arranjar uma escavadeira e me livrar do problema. (Aliás, Jesus não falou algo parecido, sobre usar a fé para nos livrarmos de montanhas? Se uma escavadeira pode fazer o mesmo serviço, não significa que Jesus sancionou essa idéia?)

As pessoas são maravilhosas, desde que sejam bonitas, tenham bons modos, elevem minha auto-estima e me ajudem a desenvolver plenamente meu potencial; mas, se não cheiram bem ou se não se mostram funcionais, certamente merecem ser descartadas. (Foi o que Jesus fez, não? Quando Pedro se mostrou espiritualmente incompetente, Jesus o rejeitou rispidamente com a repreensão: "Arreda, Satanás!"). Se desejamos ser criaturas verdadeiramente espirituais, precisamos nos libertar de tudo o que não é espiritual.

Gostamos da idéia, pois quando resolvemos adotar esse estilo de vida, tornamo-nos membros da elite aristocrática espiritual. Somos chegados de Deus, membros privilegiados do "clube" supremo — o Círculo Íntimo de Almas Esclarecidas.

Essas idéias são tão convidativas e nos fazem sentir tão bem que são raros os cristãos que não experimentam incorporar algumas delas a seu estilo de vida. Nenhuma igreja está a salvo da influência dessas idéias. Ninguém que deseja ter uma vida piedosa é imune à atração que elas exercem.

O TERMO QUE COSTUMAMOS usar para designar esse tipo de espiritualidade extremamente atraente, mas que destrói a alma, é "gnóstico". Phillip Lee estudou em detalhes as várias formas sutis como o gnosticismo tem influenciado as igrejas protestantes americanas, desde as mais tradicionais até as mais liberais. Em sua análise, as igrejas protestantes são mais suscetíveis a essas influências do que a Igreja Católica e a Ortodoxa, mas ninguém escapa. Ele identifica cinco elementos que, em separado, em diferentes combinações, ou todos juntos, carregam o vírus do gnosticismo e ameaçam a saúde do evangelho cristão.[31]

1. O gnosticismo opera com base numa profunda alienação metafísica. O universo é um erro colossal. A criação é alheia à nossa alma mais íntima e autêntica. O Deus verdadeiro não teve e não tem nada a ver com ela; quanto menos nos envolvermos nela, melhor.
2. Existe um saber secreto, um conhecimento (*gnosis*) que pode nos Salvar desse estado miserável. No entanto, não é conhecimento facilmente acessível; deve ser adquirido pela iniciação e pela intuição. É necessário desenvolver e nutrir uma aptidão espiritual.
3. A estratégia para a sobrevivência é o escapismo, a começar pela Fuga do Deus da criação. Esse escapismo é quase total: escapamos de tudo, exceto do nosso ser interior; escapamos do mundo para o nosso ser interior.

---

[31] Ver *Against Protestant Gnostics,* especialmente p. 13-44.

4. As poucas almas que adquirem esse conhecimento secreto e aderem a essa vida constituem uma elite, sendo cada membro uma divindade em si.

5. Toda pessoa é livre para reunir quaisquer idéias, histórias ou técnicas disponíveis para levar adiante esse estilo de vida; nenhuma instituição ou autoridade tem permissão de interferir ou dizer ao "gnóstico" (aquele que "é iniciado no conhecimento") em que crer ou o que fazer.

Em oposição à criação boa do cristianismo, o gnóstico propõe uma criação má. Em oposição a conhecer o Deus que salva, o gnóstico apresenta um saber secreto, um conhecimento místico que pode ser usado para libertar o ser interior da trivialidade e da contaminação humana. É, com efeito, uma fórmula para salvar a si mesmo. Em oposição a viver uma vida de peregrinação na companhia de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi e Isaías, e a seguir Jesus, o gnóstico planeja uma fuga.

Em oposição à vida em comunidade dos filhos de Deus que receberam o mandamento de amarem uns aos outros, o gnóstico se preocupa apenas consigo mesmo. Em oposição à vida comum, à aceitação da família e do trabalho, de cozinhar e costurar, de ajudar os pobres e curar os enfermos — todas as coisas loucas, fracas, humildes e desprezadas "do mundo", honradas pelo apóstolo Paulo (1 Co 1:27-28) —, o gnóstico afirma ocupar uma posição mais elevada dentro da elite, uma posição que o exime das trivialidades sagradas. Em oposição à revelação singular de Deus em Jesus, "o Verbo [que] se fez carne", o gnóstico recusa se prender a qualquer coisa específica, muito menos à singularidade de Jesus. "... Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios" (1 Co 1:23). O gnosticismo é um vírus na corrente sangüínea da religião, e continua reaparecendo a cada geração ou sendo anunciado como algo inteiramente inédito. No entanto, uma observação mais cuidadosa revela que se trata da mesma coisa de sempre com uma nova apresentação. Como diz Eugen Rosenstock-Huessy: "Podemos encontrar o gnosticismo no mundo inteiro hoje em dia. As próprias igrejas estão repletas de suas

idéias".[32] O gnosticismo nos oferece espiritualidade sem a inconveniência da criação, do pecado ou da moralidade, sem a inconveniência de pessoas de que não gostamos ou que "não são como nós". E, o que talvez seja seu maior atrativo, o gnosticismo nos oferece uma espiritualidade sem Deus — pelo menos, qualquer deus que não seja a centelha de divindade que sinto dentro de mim.

PRIMEIRO TEXTO-BASE: GÊNESIS 1—2

A Bíblia como um todo se opõem fortemente a essa espiritualidade própria, desmaterializada e elitista, mas os textos básicos são Gênesis, no Antigo Testamento, e João, no Novo Testamento.

As Escrituras Sagradas começam com dois relatos justapostos da criação: Gênesis 1—2. Ao longo de dois mil anos, esses capítulos têm sido analisados meticulosamente por alguns dos estudiosos judeus e cristãos mais competentes. As verdades e *insights* acumulados são surpreendentes, e há muito o que considerar, ponderar, apreciar e a que responder. Sem dúvida, esses estudiosos, os que ainda estão conosco e os que já se foram, merecem toda a nossa apreciação.

Mas o que muitas vezes é deixado de lado nessa profusão de brilhantismo exegético é a maneira hábil e perfeita como esses textos preparam e conduzem cada um de nós como cristãos comuns e trabalhadores "na terra dos viventes" (Sl 116:9) de hoje em dia. Essas duas histórias da criação colocadas na porta de entrada da Bíblia são, acima de tudo, textos para se viver no tempo e no lugar em que despertamos a cada manhã.

A criação hoje

Custei a perceber a relevância pessoal de Gênesis 1—2. No começo, me distraí com os argumentadores e polemistas interessados principalmente em discutir como as coisas

---

[32] *The Fruit of the Lips, p.86.*

começaram. Na adolescência, envolvi-me com amigos que gostavam de usar esses textos para provocar discussões com evolucionistas e ateus. Mais tarde, me encantei com as palavras, as imagens e a sintaxe, comparando-as e avaliando-as no estudo dos mundos contrastantes, porém ainda fascinantes, das civilizações antigas de Suméria, Assíria, Babilônia e Egito.

Tornei-me, então, pastor e, aos poucos, comecei a perceber como os textos de Gênesis 1—2 são poderosos para tratar da vida como ela se apresenta a nós a cada dia. Como pastor, meu trabalho era orar, ensinar e pregar as Escrituras Sagradas para mães e pais educando seus filhos, agricultores em seus campos de trigo, professores em suas salas de aula, engenheiros construindo pontes, sargentos, capitães e coronéis cuidando da segurança de nosso país, e não para um pequeno grupo de octogenários em casas de repouso.

No decorrer desse trabalho, passei a achar que esses dois capítulos de Gênesis — por mais proeminentes que sejam para introduzir a narrativa momentosa da Bíblia — estavam entre os textos menos interpretados e usados para moldar uma vida obediente e reverente em seguir Jesus na realidade cotidiana e comum de trabalho e adoração.

Logo no início de meu ministério, deixei de ver em Gênesis 1—2 prioritariamente um relato do começo de todas as coisas e passei a ler esses capítulos como um texto adequado para começar a viver agora. No aprendizado de liderar minha congregação numa vida de obediência e adoração seguindo Jesus, o que chamou minha atenção foi a grande semelhança cultural e espiritual entre a realidade na qual estava trabalhando e a dos exilados hebreus no século VI antes de Cristo: o desarraigamento e a privação de um lugar definido, a perda da ligação com a tradição e o culto, a sensação de estar mergulhado numa sociedade estranha e idólatra.

Minha impressão era de que minha congregação e eu estávamos recomeçando a cada semana; não havia consenso moral nem memória comum, todos estávamos longe das cidades onde havíamos crescido. A vida dos membros da

igreja parecia se desenrolar aos trancos e barrancos, com ansiedade e pressa, sem senso de lugar e sem base. Quando percebi que essas eram as mesmas condições em que o povo de Deus havia vivido durante o exílio no século VI antes de Cristo, comecei a ensinar e pregar sobre os textos do exílio em Isaías, que trazem mensagens pastorais maravilhosas, dirigidas a pessoas que haviam perdido o contato com seu tempo e lugar no mundo.

Ao fazer isso, descobri que uma das palavras mais importantes que Isaías usou com o povo exilado foi "criar". Na Bíblia, o verbo "criar" sempre tem Deus como sujeito. Homens e mulheres não criam, *não são capazes* de criar. Mas Deus cria. Quando nada do que podemos fazer resolve e quando nos vemos perdidos e de mãos vazias, estamos prontos para deixar Deus criar. Quando as condições nas quais vivemos parecem completamente alheias à vida e à salvação, só nos resta esperar que Deus faça aquilo que somente ele pode fazer: criar. Os termos "criar" e "Criador" aparecem com mais freqüência na pregação de Isaías sobre o exílio do que em qualquer outro ponto da Bíblia — dezesseis vezes, em comparação com oito ocorrências nas narrativas extensas da criação em Gênesis 1—2.[33] Ao levar a cabo essa incumbência pastoral, percebi como a obra criadora de Deus tem grande relevância pessoal e poder transformador em pessoas que não se sentem criadas, formadas e adequadas para o mundo no qual se encontram.

Sob a influência de Isaías, eu ia do púlpito para quartos de hospital, salas de estar, lanchonetes e reuniões em centros comunitários, orando com homens e mulheres entediados ou arrasados e ouvindo o que tinham a dizer. O verbo "criar" passou do segundo plano, do contexto daquilo que havia acontecido tanto tempo atrás no Egito e na Babilônia, para uma posição de proeminência em minha comunidade, como uma palavra ativamente associada ao

[33] Is 40:26,28; 41:20; 42:5; 43:1,7,15; 45:7,8,12,18; 54:16; 57:18; 65:17,18 duas vezes.

evangelho e referente ao que Deus estava fazendo em meu tempo, no meio do povo exilado com o qual eu vivia.

Depois de vários anos neste caminho, voltei a Gênesis 1—2 e vi o texto com outros olhos, encontrando em suas palavras uma urgência, um vigor e uma relevância que me surpreenderam. Não lia mais Gênesis perguntando: "O que isso significa?"; "Como posso usar isso?". Minhas perguntas passaram a ser: "Como posso obedecer a isso?"; "Como posso participar disso?".

Esses são os textos para nos formar e conduzir a um modo correto de viver e de *atuar* para a glória de Deus, dentro da imensa dádiva da criação. Gênesis 1 é formativo para recebermos a *dádiva do tempo* e vivê-la dentro da criação; Gênesis 2 trata da *dádiva do lugar* na criação.

A dádiva do tempo

Compreender o tempo e honrá-lo são elementos fundamentais para a consciência de nossa identidade e da forma como vivemos. As violações do tempo sagrado se tornam profanações de nossas relações mais íntimas com Deus e de uns com os outros. A santidade é feita de horas e dias, de semanas, meses e anos.

Dentre as muitas profanações que a criação sofreu, uma das principais foi a do tempo. O tempo é o meio no qual fazemos tudo o que diz respeito à nossa vida. Quando o tempo é profanado, a vida é profanada. As evidências mais claras dessa profanação são a pressa e a procrastinação: a pressa nos afasta da dádiva do tempo, na ilusão compulsiva de que podemos possuí-lo e controlá-lo. A procrastinação nos distrai com uma desatenção indolente para com a vida de obediência e adoração por meio da qual ingressamos na "plenitude do tempo". Quer pela ilusão compulsiva, quer pela desatenção procrastinadora, o tempo é violado.

Gênesis 1 não se apressa. E Gênesis 1 não procrastina.

A IRMÃ LYCHEN ME PREPAROU para a prática de Gênesis 1. Fui criado numa cultura espiritual que tratava o tempo com descaso, senão com desprezo. O tempo, com sua

qualidade trivial, era apenas questão de "marcar passo" até que a intervenção final de Deus acabasse com a temporalidade e trouxesse a eternidade. Enquanto isso, havia muito a fazer: testemunhar a amigos, enviar missionários, pregar em praça pública, ir ao presídio nas tardes de domingo para cantar e pregar aos presos. Mas nada cativava nossa atenção por muito tempo. Precisávamos nos certificar de que estávamos preparados e, então, nos apressar e preparar todos que conhecíamos para o fim, para o arrebatamento, para a segunda vinda de Jesus. Não tínhamos tempo para muita coisa além de umas férias muito curtas; não tínhamos tempo de fazer uma faculdade, não tínhamos tempo para descontração. O tempo estava se esgotando. O tempo não era honrado por si mesmo; seu único valor era dar a oportunidade de nos prepararmos para o fim dos tempos. O fim dos tempos era o único tempo sagrado. Todo o resto, dias e semanas, minutos e horas, devia ser usado a serviço do fim dos tempos. Se você não estava usando as horas para algum projeto santificado ou objetivo espiritual, estava perdendo tempo.

A irmã Lychen (todos os membros adultos de nossa pequena congregação eram chamados de "irmãos" e "irmãs") era uma figura importante nesse universo. Era extremamente idosa e pequenina, pouco mais de um metro e meio, e estava ficando cada dia menor. Morava numa casinha em nossa vizinhança e mantinha as cortinas sempre fechadas. Eu passava com freqüência em frente à sua casa a pé ou de bicicleta, e a única ocasião em que a via sair era no domingo, quando a buscávamos de carro para ir conosco à igreja. No momento reservado para testemunho e oração, com uma regularidade litúrgica que desafiava nossos cultos pentecostais antilitúrgicos, ela se levanta e dizia que o Senhor havia lhe revelado que ela não morreria antes da segunda vinda dele em glória. Ela seria arrebatada juntamente com todos os santos, entre as nuvens, e se encontraria com ele nos ares (1 Ts 4:17). Todo domingo, sem falta, ela dava esse testemunho, e eu ficava extremamente impressionado. Quanto estava com uns oito anos de idade,

comecei a calcular quanto tempo ainda me restava na Terra, pois estava certo de que também seria "arrebatado". A irmã Lychen estava com pelo menos noventa anos. Tendo em vista sua fraqueza cada vez maior e a redução de sua estatura — ela encolhia no mínimo dois centímetros por ano —, concluí que ela poderia viver mais cinco ou seis anos e, conseqüentemente, que o arrebatamento seria adiado até então. Eu estaria com catorze anos de idade; significava que nunca chegaria a dirigir um carro, o que, para mim, era uma grande decepção.

A irmã Lychen faleceu quando eu tinha dez anos. Ainda me lembro da confusão em minha mente durante o culto fúnebre. Esperava que o pastor Jones fosse dizer alguma coisa sobre a segunda vinda, mas ele não falou nada. Silêncio. No domingo seguinte, um dos sustentáculos da minha experiência de culto na infância não estava mais lá. Mas o templo não havia desmoronado. A congregação de sempre continuava reunida. Intacta. Nada de arrebatamento. E ninguém sequer parecia notar. A pré-adolescência não é uma época muito propícia para entender a escatologia, de modo que acabei colocando a questão de lado. Dois ou três anos mais tarde, mergulhei de cabeça na adolescência, a idade em que a biologia praticamente elimina a escatologia — tudo girava em torno do presente, do agora, tudo era rápido e imediato, sem ligação entre passado e futuro, ambos igualmente vagos.

Mas, algum tempo depois, tive de lidar com a questão novamente. Quando me esforçava para entrar na vida adulta, lia a Bíblia com mais diligência, prestando atenção na maneira como o evangelho de Jesus era vivido, e não apenas pregado, testemunhado, estudado e memorizado. Fui percebendo que o tempo comum não é um elemento que as pessoas espirituais suportam, toleram ou durante o qual se apressam enquanto esperam pelo fim dos tempos e a transferência instantânea para a eternidade. É uma dádiva da qual participamos na obra presente e diária de Deus. Finalmente entendi: o fim dos tempos influencia o tempo presente e trivial, não o depreciando ou denegrindo, mas o

revigorando, enchendo-o de propósito e significado. O fim dos tempos não é um futuro pelo qual esperamos, mas uma dádiva da plenitude do tempo que recebemos em adoração e obediência à medida que ele flui no presente.

O ritmo

A estrutura rítmica de Gênesis 1 é sua característica mais proeminente. O relato da criação é organizado numa seqüência de sete dias. Seis segmentos da criação começam com a oração "Disse Deus..." e terminam com "Houve tarde e manhã...", seguida do número do dia, de um a seis.

Mas o sétimo dia é tratado de forma diferente, o que lhe dá maior destaque. Em vez de o número estar na oração final, aparece na oração introdutória: "E havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra...". O texto faz referência a esse dia três vezes, enfatizando-o muito mais que aos seis primeiros.

Eis, portanto, o que observamos: a obra criadora de Deus nos é transmitida de forma rítmica: 12345677 7. Há dois conjuntos de atividades criadoras, cada um com três dias. O primeiro conjunto dá forma ao caos pré-criação descrito no versículo 2 (o *tohu*); o segundo conjunto preenche esse vazio pré-criação (o *bohu*). Esses dois conjuntos de dias da criação, dias 1-3 formando o que estava "sem forma" e dias 4-6 preenchendo o "vazio", são seguidos, então, pelo sétimo dia de descanso de criação com ênfase tripla.

Há outra variação rítmica interessante. O terceiro dia de cada conjunto de três dias compreende uma criação dupla. Assim, a cadência passa a ser 1 2 3/3, 4 5 6/6, seguido de 7 7 7.

Quando lemos esse texto em voz alta ou ouvimos sua leitura (como era o caso da maioria das pessoas nos tempos bíblicos), ele penetra o nosso ser. Entramos nos ritmos da criação e descobrimos que estamos internalizando um sentido criacional de regularidade, conectividade e ressonância muito parecido com o que experimentamos com a música. Ao assimilarmos Gênesis 1, vemo-nos "marcando o

compasso": um dois três-três, quatro cinco seis-seis, sete sete sete.

Bruce Waltke transmite a qualidade musical e rítmica do texto de Gênesis 1 chamando-o de "libreto para a vida de todo Israel".[34] Pense em Gênesis 1 como uma ópera ou oratório sobre a criação da vida; ao incorporarmos esse texto, esse libreto, em nosso modo de viver, esses ritmos entram em nós e se expressam em nossa linguagem e trabalho.

É próprio da natureza do tempo ser rítmico; é o ritmo que nos mantém envolvidos e presentes, habitando o tempo, batendo o pé de leve, em vez de permanecermos sentados e observando, medindo-o com um relógio. Esse cerne rítmico é reforçado em Gênesis 1 com várias frases repetidas. Observamos as repetições que demarcam o início ("Disse Deus..." seguido de um imperativo) e a conclusão ("Houve tarde e manhã") de cada um dos seis dias de atividade criadora. Além dos oito atos principais de criação, os verbos são empregados numa forma gramatical que traduzimos usando o imperativo mais quatro vezes, resultando em doze atos criadores especificados. O texto traz, ainda, várias outras repetições que aprofundam a regularidade do pulso e as variações do tempo da criação e nos mantém envolvidos (o pulso) e alertas (as variações).[35]

Somos criados para viver de forma rítmica dentro dos ritmos da criação. Sete dias repetidos numa seqüência de quatro semanas nos coordenam com o ciclo de 28 dias das fases da Lua girando ao redor da Terra. Esse ritmo lunar se

---

[34] "The Creation Account in Gênesis 1.1-3, Part IV: The Theology of Gênesis 1", *Biblio-theca Sacra,* out. 1975: 339.

[35] Outras repetições que reforçam o ritmo são: "e assim se fez", seis vezes; "e viu Deus que isso era bom", sete vezes; "conforme a sua espécie", dez vezes; "separação", cinco vezes; "chamou", três vezes; "criou", cinco vezes; "abençoou", duas vezes; "sede fecundos, multiplicai-vos", duas vezes; "firmamento", nove vezes; "ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto", três vezes; "seres viventes"; três vezes; "aves", seis vezes; "animais domésticos", três vezes; "que rastejam", duas vezes; "répteis da terra", duas vezes; "peixes do mar", duas vezes; "luzeiros", três vezes; "luz", seis vezes.

repete doze vezes no caminho que a Terra e a Lua percorrem anualmente em torno do Sol. Esses ritmos amplos e abrangentes inspiram a regularidade do nascimento na primavera, crescimento no verão, colheita no outono e adormecimento no inverno. O tempo da criação é rítmico. Estamos mergulhados em ritmos.

Também somos feitos de ritmos. Em termos fisiológicos, vivemos dos ritmos da pulsação e da respiração. Nosso coração bate com regularidade, fazendo o sangue circular pelo corpo com impulsos que se repetem sessenta, oitenta, cem vezes por minuto. Nossos pulmões se expandem e contraem, impelindo o oxigênio pelo corpo quinze, vinte, trinta vezes por minuto.

Um aspecto interessante do ritmo é que podemos acelerar ou desacelerar o compasso, mas não podemos eliminar de todo a cadência. Podemos ver isso facilmente na música e na dança, mas a própria criação também é assim. Essa é a natureza da criação da qual fazemos parte. Estamos inseridos no tempo, mas o tempo também está inserido em nós. A criação é chamada à existência não por acaso ou numa cacofonia de ruídos, mas de forma rítmica; ao ouvir e observar, nos integramos nos ritmos. As grandes cadências criativas continuam soando e ressoando ao nosso redor e dentro de nós: "Disse Deus...", "Criou Deus...", "Abençoou Deus...", "Chamou Deus...", "E viu Deus...".

Nas palavras de Jon Levenson, Gênesis "tem um certo sabor litúrgico... uma descrição altamente regular e repetitiva do *processo* da criação, passo a passo, dia a dia".[36] Continuamos a fazer parte desse processo à medida que o texto de Gênesis nos sintoniza, nos coloca no ritmo, nos mantém presentes no tempo da criação: luz e trevas... céu e mar... terra e vegetação... sol, lua e estrelas... peixes e aves... animais e seres humanos. Ao entrarmos no descanso de cada noite e no trabalho de cada dia, os grandes ritmos formativos nos mantêm conscientes e envolvidos nas palavras criadoras

---

[36] *Creation and the Persistence of Evil,* p. 58.

de Deus: "Disse Deus...", "sede fecundos, multiplicai-vos...", "segundo a sua espécie...", "era bom...", "assim se fez...", "houve tarde e manhã...".

É claro que há muito mais em Gênesis 1. Há, também, a obra de cada um dos seis dias que nos leva a atentar para tudo o que está acontecendo ao nosso redor. Mas é pela dádiva do tempo que, em primeiro lugar, nos tornamos presentes e participamos dessa obra. Nada nessa criação existe meramente para ser estudado, analisado, entendido; cada elemento, a "obra" de cada dia, existe, antes de tudo, para ser recebida como uma "nota" integrante e coerente dos ritmos totalmente abrangentes do oratório da criação, na qual respiramos o mesmo ar que Deus soprou sobre o abismo; e, do mais profundo de nossos pulmões — nossa vida —, cantamos e dançamos para a glória de Deus.

Recuperando o ritmo

Mas ainda não acabei de falar sobre a irmã Lychen. Imagino uma situação na qual volto a ter dez anos de idade, mais ou menos um mês antes de sua morte. Vou até a casa dela e bato à porta. Ela abre e me convida para entrar. Não é a primeira vez que vejo sua casa, pois, de vez em quando, minha mãe me mandava levar um prato de biscoitos para ela. De acordo com a rotina, depois que eu entrava, ela ia até a cozinha e buscava um copo de leite para mim. Ficávamos sentados na sala de estar repleta de miudezas e cortinas sempre fechadas. Eu comia uma bolacha e bebia o leite naquela sala escura onde o sol nunca entrava.

Mas, em minha situação imaginária, enquanto ela está pegando o leite na cozinha, abro todas as cortinas. Quando ela volta, exclamo: "Veja, irmã Lychen, o mundo!". Assustada, ela deixa cair o copo, que se despedaça no chão. Aproveitando sua confusão, eu a tomo pela mão e a levo para o outro lado da rua. Descemos uma trilha até um córrego. Eu lhe mostro tartarugas e sapos — duas criaturas que ela nunca havia visto. Mostro um gavião-pescador saindo para apanhar peixe, deixando para trás o ninho no qual se podem ver várias cabecinhas cobertas de penugem. Ela fica maravilhada. Então, um cervo de cauda branca pula do meio

de uma touceira. Ela pergunta o que é, e eu lhe digo que é uma das gazelas de Salomão. Ela fica abismada. Eu fico preocupado. Talvez seja emoção demais para ela. Levo-a de volta para casa e ajudo a limpar o leite derramado e os cacos do copo quebrado.

No domingo seguinte, ela se levanta durante o culto na hora de sempre, mas não diz as palavras habituais. Dessa vez, ela fala: "Um anjo me visitou esta semana e me mostrou maravilhas que eu nunca antes havia contemplado. Ele me disse que voltaria na quinta-feira para mostrar ainda outras coisas. Não estou bem certa se desejo partir logo para 'estar com o Senhor'".

Todas as quintas-feiras eu vou à sua casa, tomo-a pela mão e a conduzo pela trilha até o córrego Lawrence, mostrando-lhe mais maravilhas. Certo dia, ficamos até tarde olhando o sol se pôr, criando um caleidoscópio de cores na superfície da água. Posso ver a expressão de admiração da irmã Lychen. Uma tarde, vemos uma ariramba pegar uma porção de peixinhos e voar embora com um canto de triunfo que mais parece um portão enferrujado se abrindo. Irmã Lychen fica encantada. Em outro dia, trago sanduíches e meio pacote de pão branco; sentamo-nos num tronco à beira da água, almoçamos e damos de comer a dois cisnes e sete ou oito gansos com seus penachos elegantes. Ela fica extasiada.

Enquanto andamos de volta para casa de mãos dadas, ela diz: "E de pensar que tudo isso sempre esteve aí, quase no meu quintal!". A cada quinta-feira, enquanto caminhamos junto ao córrego, ela comenta associações que faz entre os hinos de domingo, os salmos, as Escrituras e o que está sentindo, vendo, lembrando de sua infância. Domingo não é mais o ensaio de uma fuga, o preâmbulo do livramento final; é uma exposição da semana ou, pelo menos, da quinta-feira. Ela nunca diz que o anjo sou eu, mas a cada domingo ela faz um relatório da revelação do anjo de quinta-feira para aquela semana. A última frase do seu relato semanal na hora do testemunho adquire o ritmo de Gênesis: "Não estou bem certa se desejo partir logo".

Então, depois de quatro semanas assim, a irmã Lychen morre.

É CLARO QUE TUDO ISSO não passa de fantasia, na qual, aos dez anos de idade, assumo o papel de um anjo ministro. Mas minha fantasia tem base factual nos anos de infância que passei ouvindo a liturgia dominical da irmã Lychen obliterando o ritmo da criação. Para mim, essa fantasia transformou-se, agora, num modo de vida: a qualidade prática de Gênesis 1 incentiva meus esforços para tentar abrir as cortinas das salas de estar de tantas pessoas que conheço, de levar essas pessoas para fora entre um domingo e outro para que participem dessa ópera grandiosa, vendo, ouvindo, provando, tocando e cheirando o que Deus criou e está criando por meio de sua palavra: céu e terra, plantas e árvores, estrelas e planetas, peixes e aves, vacas leiteiras e cães bassê e, coroando tudo isso, o homem e a mulher, admiráveis, a maravilha das maravilhas!

Digo, portanto, que o *caminho* pelo qual Gênesis 1 — que versa sobre a dádiva do tempo — penetra nosso ser interior é o ato de adoração, o ouvir com fé, o receber a Palavra de Deus em obediência. Mas, se deixamos as cortinas fechadas a semana inteira, nos isolamos das texturas e ritmos, do tempo comum que é o contexto da adoração. A adoração é o instrumento principal usado para nos tornar participantes da obra de Deus; mas, se as cortinas ficam fechadas enquanto esperamos o domingo chegar, não temos contato com o que Deus está fazendo no mundo real.

Essa obra e esses ritmos da criação são reproduzidos em nossa vida e ganham foco na ordem para descansar no sétimo dia, uma ordem que possibilita a nossa participação. Quando saímos do lugar de culto, saímos com olhos revigorados e atentos, com o coração recriado e obediente, e passamos para o mundo no qual somos a imagem de Deus participando da obra criadora de Deus. Tudo que vemos, tocamos, sentimos e provamos traz dentro de si os ritmos de "Disse Deus...", "e assim se fez...", "e era bom...". Sentimo-nos mais à vontade do que nunca dentro da criação.

A dádiva do lugar

Gênesis 1 é estruturado em função do tempo, uma seqüência de sete dias, nos quais Deus faz a criação existir pelo poder de sua palavra. O efeito formativo é rítmico, usa orações métricas e melódicas repetidas para colocar nossa vida confusa, ansiosa e, por vezes, letárgica na cadência constante, segura e sem pressa de Deus enquanto profere sua palavra confiável e eficaz ao longo de seis dias. Esses ritmos chegam, então, ao sétimo dia, que abrange todas as coisas e no qual nos tornamos parte do tempo presente da criação, assimilado e compreendido. É por meio desse sétimo dia contemplativo que passamos a ser participantes da criação. Gênesis 2 é estruturado em função do lugar. O tempo provê o meio pelo qual nos tornamos presentes no momento e a relação rítmica desse momento com todos os outros momentos passados e futuros, dando-nos uma história ao ligar nosso passado com firmeza e vigor; ao mesmo tempo, nos dá uma semente de esperança que cresce e se transforma em expectativa e realização, ligando-nos ao futuro. O lugar é a dádiva que acompanha o tempo; ele nos situa na Terra, onde nos orientamos, encontramos trabalho, experimentamos a liberdade em obediência e a companhia de outros seres humanos em comunidade.

Enquanto a analogia mais próxima para o primeiro relato da criação é a música com sua seqüência de ritmos e temas repetidos, semelhantes a melodias, o segundo relato se assemelha mais a uma história, com um cenário dentro do qual uma trama começa a se formar e os personagens são apresentados. Vemos o ser humano ocupando seu devido lugar no contexto do país, do trabalho e da comunidade.

O lugar

Este segundo relato da criação se desenrola em termos geográficos. O primeiro relato da criação começou com a afirmação: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" e foi estruturado numa seqüência de sete dias. Este segundo relato inverte o par de substantivos, colocando primeiro a

terra e depois os céus; todas as ações ocorrem num só lugar na terra, um jardim. O primeiro relato é abrangente, fala do universo todo e de tudo o que há nele. O segundo relato se concentra na terra e, mais especificamente, num lugar na terra.

O lugar é definido como um jardim, em contaste com o deserto. Um jardim sugere limites e propósitos. Não é "todo lugar" ou "qualquer lugar", indefinido; é localizado: "E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente" (Gn 2:8).

Tudo o que Deus faz ao formar os seres humanos ocorre num lugar. Segue-se que, pelo fato de sermos suas criaturas, não podemos escapar das condições em que fomos criados, pois tudo o que tem a ver com Deus também diz respeito a lugar. Toda vida é local: esta terra, esta vizinhança, estas árvores, ruas e casas, este trabalho, estas pessoas.

Isso parece tão óbvio que nem precisa ser dito. No entanto, em boa parte da vida adulta, minha incumbência tem sido conduzir homens e mulheres na vivência da fé cristã no lugar onde criam seus filhos e trabalham para se sustentar, onde pescam, jogam bola e fazem refeições, e sei que desenvolver uma consciência de lugar como contexto exclusivo e insubstituível para seguir Jesus é extremamente difícil.

Durante 25 anos, um cientista nuclear compareceu fielmente aos cultos de domingo em minha igreja e me ouviu pregar um sermão de trinta minutos. Falei sobre a mensagem de Jesus de perdão e salvação, misericórdia e amor, graça e justiça. Depois do culto, quando saía do templo, esse homem sempre demonstrava sua apreciação: "Muito obrigado, pastor; foram palavras poderosas, uma excelente mensagem". Eram poucos os domingos em que ele não expressava reação positiva ao texto e a sua exposição. Nunca tive motivos para supor que ele não era sincero. Mas, quando ele voltava para casa (o lugar mais importante onde poderia praticar o perdão, o amor e a justiça), maltratava e desprezava a sogra que morava com ele, acumulando durante anos um sem-

número de ressentimentos de ambas as partes. Para esse homem, a palavra de Deus nunca se localizou em seu jardim, nunca se *situou.*

Essa história tem variações infindáveis.

Sempre gostei de ministrar estudos bíblicos, especialmente nos lares ou em retiros, para grupos pequenos de mais ou menos dez pessoas. Quando indivíduos de personalidades e temperamentos distintos discutem, comentam e expressam com veemência o que encontram na verdade revelada de Deus, é como se o ar vibrasse com uma corrente de baixa voltagem enquanto as palavras dos participantes são entretecidas pelo Espírito de modo a formar um contexto coerente e belo, com temas que vão surgindo e sendo improvisados e elaborados em algo quase musical. Mas, ao me encontrar com esses mesmos amigos em seus locais de trabalho ou na rotina doméstica, percebia que havia pouca ou nenhuma concordância entre os *insights* eletrizantes dos estudos bíblicos e as condições de trabalho ou no lar. É tão fácil nos empolgarmos com o evangelho fora do nosso jardim! Mas é em nosso jardim que fomos colocados.

Uma das seduções que dificultam a formação cristã é a construção de utopias, lugares ideais onde podemos viver a vida boa, abençoada e reta inteiramente sem inibições ou interferências. A idealização, seguida da tentativa de construir essas utopias, é um hábito antigo de nossa espécie.

Algumas vezes, procuramos fazê-lo politicamente em comunidades; em outras, socialmente em pequenos grupos; e, por vezes, religiosamente na igreja. O resultado final é sempre tristeza. A utopia é, literalmente, "lugar nenhum". Mas podemos viver num lugar real, e não em lugar imaginado, idealizado ou formado artificialmente.

Em várias ocasiões, quando meu lugar pareceu inadequado para a visão do que eu queria de Deus, uma história me manteve firme onde eu estava: a de Gregório de Nissa, que viveu na Capadócia no século IV. Seu irmão mais velho, o bispo Basílio, providenciou para que Gregório fosse nomeado bispo de Nissa, cidade pequena, desconhecida e

decididamente insignificante. Gregório objetou; não queria ficar esquecido naquele fim de mundo. Seu irmão lhe disse que não desejava que Gregório recebesse, mas que concedesse distinção à igreja.[37] Gregório mudou-se para o lugar que lhe foi designado e ali ficou. As pregações que fez e os textos que escreveu na comunidade continuam até hoje a exercer influência revigorante. Uma das características das exposições bíblicas de Gregório é o modo meticuloso e intenso como lia as Escrituras não apenas em busca de verdades ou idéias, mas como um texto a ser vivido, um texto formativo para a fidelidade e a obediência cristãs. Na comunidade desconhecida de Nissa, longe da adrenalina estimulante da cidade grande, ele olhou ao redor e reconheceu o seu *lugar* na criação, encontrou os preceitos da revelação de Deus no mundo criado, observou as relações e ressonâncias complexas entre o seu lugar e o Cristo da criação.

Esse jardim em que o ser humano é colocado tem nome: Éden. Essa palavra soa agradavelmente; remete a "paraíso", "prazer", "felicidade". Um bom lugar para viver. Mas, como sabemos pela seqüência do relato, o Éden não é um lugar ideal e perfeito. É um lugar onde coisas ruins podem acontecer e, na verdade, algo terrível — nada menos que uma tragédia — aconteceu ali. Um pecado inconspícuo e aparentemente inocente desencadeia uma avalanche de pecados que continua a crescer até hoje, causando destruição e caos em todas as comunidades de nosso planeta.

Esse lugar, esse jardim, não é uma utopia, não é um "lugar nenhum" ideal. É, simplesmente, um local, um ponto, geografia, geologia. Mas o Éden também é um bom lugar, pois mostra a forma pela qual podemos viver para a glória de Deus.

---

[37] *The Life of Moses,* p. xv.

AS ESCRITURAS QUE APRESENTAM a história da salvação insistem em nos firmar inexoravelmente num lugar, sempre e em qualquer situação.

Tudo o que é de importância crítica para nós ocorre em chão firme. Montanhas e vales, cidades grandes e pequenas, regiões e países: Harã, Ur, Canaã, Hebrom, Sodoma, Macpela, Betel, Belém, Jerusalém, Samaria, Tecoa, Nazaré, Cafarnaum, monte Sinai, monte das Oliveiras, monte Gilboa, monte Hermom, Cesaréia, Gate, Ascalom, Azeca, Jericó, Betsaida, Corazim, Emaús, o vale de Jezreel, o vale do Cedrom, o ribeiro de Besor, Anatote e, abrindo a lista, o Éden.

Em momento algum as Escrituras permitem que as questões que, com freqüência, consideramos pertinentes à vida espiritual — idéias, verdades, orações, promessas, convicções — tenham vida própria, separada de pessoas e lugares específicos. A religião/espiritualidade bíblica tem uma baixa tolerância por "grandes idéias", "verdades sublimes" ou "pensamentos inspiradores" desligados das pessoas e lugares em que ocorreram. O grande amor de Deus por nós e seus propósitos para conosco são concretizados nas bagunças da cozinha e do quintal, nas tempestades e nos pecados, no céu azul, no trabalho diário e nos sonhos de nossa vida comum. Deus trabalha conosco do jeito que somos, e não como devemos ser ou imaginamos que devemos ser. Deus lida conosco no lugar onde estamos, e não onde gostaríamos de estar.

As pessoas que querem Deus como fuga da realidade e das condições difíceis desta vida não gostam desse aspecto das Escrituras, nosso guia de vida. Mas essa é a realidade, e não temos como controlá-la.

Porém, para o homem e a mulher que desejam *mais* realidade, e não menos, essa insistência de que toda vida autêntica, toda vida inserida na obra salvadora de Deus é *estabelecida, é situada,* trata-se, certamente, de uma boa nova.

"Éden, da banda do Oriente" é o primeiro nome de lugar na Bíblia. É acompanhado de uma declaração irrestrita

de que o lugar é bom, essencial e fundamental para oferecer as únicas condições possíveis para vivermos verdadeiramente a nossa existência humana.

O ser humano

O texto diz duas vezes que o ser humano foi colocado no jardim: "e pôs nele [no jardim] o homem que havia formado" (v. 8) e "tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim" (v. 15). O homem é *colocado* no lugar que constitui o cenário para a vida humana.

O ser humano é o habitante mais proeminente desse lugar, o jardim plantado por Deus e regado por um grande rio que se divide em quatro braços.

A terminologia é expressiva: o termo usado para ser humano é *adam,* que mais adiante na narrativa adquire a distinção de nome próprio, Adão. O termo para solo é *adamah.* O ser humano, *adam,* é proveniente de *adamah,* o solo. É uma pena que não haja um modo adequado de representarmos essa relação em nossa língua. Poderíamos tentar algo como "terra" e "terráqueo", mas teria um ar de ficção científica. Ou poderíamos usar "pó" e "empoeirado", mas pareceria mais um personagem de faroeste.

Ainda assim, precisamos atentar para as repetições verbais implacáveis nesta narrativa que acumula ressonâncias entre o ser humano e o solo do qual ele é formado. Temos dezoito ocorrências de *adam,* o ser humano; cinco de *adamah,* o solo, complementadas por campo (três vezes) e terra (dez vezes), jardim (cinco vezes) e pó (uma vez). Ao somarmos todos os termos referentes a terra, que designam o elemento de que o ser humano é formado e onde o ser humano é colocado, temos dezenove ocorrências, quase simétricas com as dezoito de *adam,* o termo que associa o ser humano com aquilo de que ele é formado e onde ele é colocado.

No capítulo seguinte, *adam* torna-se nome próprio, mas aqui parece claro que *adam* é genérico, como ocorre em Gênesis 1:27, no qual o termo inclui o homem e a mulher.

Assim *adam,* normalmente traduzido por "o homem", é o ser humano como tal, ou seja, você, eu, ela, ele.

Uma vez que esse texto de Gênesis não trata apenas de como as coisas começaram, mas também de como as coisas estão transcorrendo agora, talvez seja mais exato substituir a tradução "genérica" de *adam* como "ser humano" por pronomes pessoais: nós, vocês.

Somos feitos do mesmo elemento que o lugar em que fomos colocados. Deus nos formou do pó, da terra — a mesma substância na qual andamos todos os dias, construímos a casa, plantamos o jardim, construímos estradas e dirigimos nosso carro.

Wendell Berry não gosta do termo "meio ambiente" como sinônimo de criação, pois estabelece uma distância muito grande entre nós e o lugar onde vivemos. Para ele, dá a impressão de que vemos a terra simplesmente como um lugar onde estamos acampados por acaso. Mas, como ele argumenta, a terra não é algo separado de nós; faz parte de nós e nós fazemos parte dela. Quando se profana a terra, quando se exploram animais e se abusa deles, quando se poluem riachos, a substância da nossa criação pessoal também é profanada.[38]

Não somos donos deste lugar e não podemos fazer com ele o que bem entendemos. Nós *somos* este lugar, uma identidade que temos em comum com todos os nossos vizinhos humanos.

As palavras em latim *humus* (solo, terra) e *homo* (ser humano) são derivadas de um radical comum, do qual também temos o termo "humilde". Essa é nossa origem, segundo Gênesis: pó — pó que o Senhor Deus usou para nos transformar em seres humanos. Quem sabe teremos mais humildade se desenvolvermos uma percepção aguçada de nossa origem e um senso de concordância com ela?

O evangelho de Jesus Cristo não tem lugar para uma espiritualidade geral ou abstrata, que é toda feita de idéias e

---

[38] *Life Is a Miracle,* p. 25.

sentimentos, e que tem como hino oficial "O mundo não é o meu lar / Estou apenas de passagem". A teologia divorciada da geografia só nos coloca em apuros.

Por que é tão difícil *ficar no lugar,* cultivar o jardim onde fomos colocados? Idéias, causas e projetos são importantes, mas, se não se concretizam no jardim onde fomos colocados, nos distraem do trabalho e da companhia presentes e impedem a coordenação perfeita e delicada entre a liberdade e a necessidade que se encontra no cerne de uma vida de obediência livre.

Em sua obra-prima *Expedition to the Pole* [Expedição ao Pólo], Annie Dillard coloca histórias de expedições polares lado a lado com histórias de pessoas como você e eu que vão à igreja para adorar a Deus. Ela mostra a catástrofe que sobrevém às pessoas, quer numa expedição polar, quer sentadas num banco de igreja, quando buscam o Absoluto, o Sublime, quando ignoram ou se mostram indiferentes àquilo que ela chama de "condições" e que eu chamarei adiante de "necessidade". Diz ela: "De um modo geral, não vejo cristãos fora das catacumbas que tenham consciência suficiente das condições".[39]

O fato é que podemos fazer o trabalho de Deus no lugar onde Deus nos colocou: "E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden... e pôs nele o homem que havia formado" (Gn 2:8).

Liberdade e necessidade

Evidentemente, não somos apenas pó. O Senhor Deus soprou nas narinas desse homem de pó, que se tornou, então, "um ser vivente". Uma vez que o sopro de Deus é introduzido nos pulmões dos seres humanos, acumula-se ao nosso redor e dentro de nós uma dignidade enorme.

A dignidade assume configuração particular à medida que uma mudança ocorre na trama narrativa: na primeira metade do capítulo (v. 4-14), Deus nos forma e nos coloca

---

[39] *Teaching a Stone to Talk,* p. 40.

num determinado lugar; na segunda metade (v. 15-25), ele trata conosco de maneira mais pessoal, mais relacional.

Primeiro, Deus nos envolve numa continuação de sua obra criadora: "Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e guardar" (v. 15). Somos colocados para trabalhar, ou seja, temos algo útil a fazer, participando na criação de Deus sob a direção de Deus. Não somos forasteiros neste lugar, nesta terra; não somos estranhos para essa substância da qual somos feitos. O trabalho de que fomos incumbidos — lavrar a terra e cuidar dela — é congruente com o elemento de que somos feitos e com o lugar onde somos colocados. O verbo "guardar" *(shamar)* tem o sentido de "cuidar bem de". Uma tradução apropriada neste contexto é "conservar": vigiamos com o propósito de manter e preservar. A conservação do lugar em que vivemos é a primeira incumbência especificada nas Escrituras.

Vivemos num lugar bom, cheio de árvores "agradáveis à vista e boas para alimento" (v. 9), agradáveis aos olhos e ao estômago. Em seu estudo sobre o tema do capítulo 2 de Gênesis, Lewis Mumford fez o seguinte comentário perspicaz:

> O funcionamento do ambiente natural e da história humana oferece até à mais pobre das comunidades um composto rico, muito mais favorável à vida do que qualquer outro que planos ideais mais racionais conseguiriam se lhes faltasse um solo como esse no qual germinar.[40]

Então, depois da incumbência de lavrar a terra de nossa criação, Deus dá uma ordem: "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (v. 16-17). A ordem anuncia nossa capacidade de liberdade. Se o lugar indica as

---

[40] *The Story of Utopias,* p. 2-3.

condições necessárias para viver, a ordem indica a liberdade necessária para dizer "sim" ou "não", escolher isto ou aquilo, ir para este ou aquele lugar, formular nossas próprias idéias, entoar nossos próprios cânticos. É uma liberdade absolutamente singular em toda a criação.

No momento, estou menos interessado no significado intrigante da "árvore do conhecimento do bem e do mal" do que no simples sentido da ordem como tal. A ordem pressupõe uma capacidade de liberdade. Não somos escravos da necessidade; num sentido fundamental, nós somos livres. Nosso lugar, esta criação, nos é dado de uma forma determinada. Compreende as condições necessárias nas quais vivemos: a gravidade e a segunda lei da termodinâmica, a procriação e nossos genes, as condições do tempo e as estações do ano, só para citar algumas.

No entanto, somos capazes de viver em liberdade dentro deste mundo de necessidade. A necessidade, este mundo que nos foi dado para que nele vivamos, não é, em si, uma limitação, mas um campo no qual podemos praticar e exercitar a liberdade. A combinação da permissão "de toda árvore do jardim comerás livremente" (v. 16) com a proibição "da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás" (v. 17) nos situa num mundo de liberdade e necessidade. Este jardim no qual fomos colocados (e não há nenhum outro!) é onde aprendemos a viver com liberdade.

Conhecer os arredores, sua natureza e suas condições é fundamental para uma vida que glorifica a Deus. Trata-se de tarefa lenta e complicada. Envolve o aprendizado de viver em combinações entrelaçadas e inconstantes, nas variações intermináveis desta terra mapeada entre os pólos inabitáveis da necessidade e da liberdade.

Esta ordem que pressupõe liberdade para obedecer ou desobedecer é a primeira dada nas Escrituras. Define-nos como criaturas livres: não somos predeterminados; podemos decidir o rumo a tomar. Temos a capacidade de dizer: "Vou fazer isso" ou "Acho que não vou fazer aquilo". Não somos condenados a cumprir aquilo que alguns de nossos amigos chamam de "carma". Somos a única parte da criação que tem

essa capacidade, as únicas criaturas que podem dizer "não" ou "sim".

As andorinhas que invejamos, que voam com naturalidade pelo céu, que parecem tão convidativamente livres, na verdade não têm liberdade alguma; praticamente tudo o que fazem é instintivo. Constroem ninhos, alimentam os filhotes e migram no inverno para lugares distantes sem mapa de orientação — uma série de procedimentos incrivelmente complexos, realizados com extrema habilidade e perfeição, mas sem que necessitem decidir um só detalhe. São incapazes de concordar ou protestar. Ser "livre como um pássaro" não é ser livre. Se moramos numa região fria, podemos viajar para os trópicos no outono e desfrutar de sol e calor, ou podemos ficar em casa e remover a neve da frente de nossa porta. A decisão é nossa, pois, ao contrário dos pássaros, somos livres.

Ter liberdade não significa fazer o que dá na cabeça, como agitar os braços e pular de uma ponte, esperando alçar vôo tranqüilamente sobre o rio. Na verdade, a liberdade é incompreensível sem a necessidade. A liberdade e a necessidade são realidades entrelaçadas. Grande parte da arte de viver consiste em adquirir aptidões para negociar com esses dois elementos. No entanto, devemos considerar que é no âmbito do lugar, da dádiva do lugar, que a liberdade e a necessidade nos envolvem numa dialética incessante. A prática dessa dialética faz parte do cerne da condição humana, da essência daquilo que fazemos ao nos juntarmos a Cristo em sua atuação na criação.

Se desprezamos a necessidade, nossa chamada "liberdade" resume-se a cambalear sem rumo e nos agitar desordenadamente, ferindo a nós mesmos e a outros, quer moral quer fisicamente — em geral, ambos. Se desprezamos a liberdade, sujeitando-nos passivamente à necessidade, tornamo-nos lentos; perdemos a particularidade singular de nossa humanidade e afundamos no estado parasitário de consumidores e expectadores.

Somente ao levarmos a sério nosso *lugar,* estudando sua natureza, familiarizando-nos com suas condições,

aprendendo as texturas e sensações desse meio onde trabalhamos e nos divertimos, no qual comemos e dormimos, é que começamos a adquirir experiências pessoais das realidades da liberdade e da necessidade e a aprender que ambas são dádivas de Deus, que cada uma delas é igualmente boa e que não podemos fugir de nenhuma das duas.

Intimidade

Depois de nos formar e nos colocar num lugar determinado (as condições necessárias para viver), de nos dar um trabalho a realizar e ordens a seguir (inserindo-nos numa vida de liberdade), Deus nos inicia no relacionamento humano e nos coloca em intimidade com o outro. O Criador anuncia: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2:18).

Assim como nossa iniciação numa vida de liberdade foi antecedida da incumbência de responsabilidade, trabalho e guarda do jardim, nossa iniciação numa vida de intimidade é também antecedida de uma tarefa, o uso da linguagem: Deus formou os animais e as aves e "trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria" (v. 19). A linguagem é usada pela primeira vez no jardim para dar nome aos animais e aves. Há quem sugira que, ao dar nome aos animais, Adão foi o primeiro poeta, mas creio que a poesia veio mais tarde. Tendo em vista o contexto em questão, é mais provável que ele tenha sido o primeiro naturalista. O nome identifica. Quando realizado de forma correta, o ato de dar nome capta um pouco da essência da vida que o recebe.

Um nome é particular e chama a atenção para o que é particular, para a "natureza", para a qualidade específica. Dois amigos entram numa floresta. Um vê uma porção de árvores, outro vê abetos e carvalhos, pinheiros e olmos. Um olha para o chão e vê montes de folhas e moitas, e o outro olha para baixo e vê sempre-noivas, hepáticas e arnicas. Um olha para o alto e vê uma confusão de movimentos no meio das folhas; o outro olha para cima e vê uirapurus, meirinhos e outras aves cantoras. Qual dos dois demonstra mais

sensibilidade ao jardim e uma relação mais próxima com a vida que transborda dele e ecoa por toda parte em cores e sons, formas e movimentos — e ao Deus que plantou o jardim e que nos coloca nele? E qual dois está mais bem treinado para exercitar a liberdade gloriosa da obediência no contexto das necessidades complexas do lugar?[41]

Os homens e as mulheres que me instruem para que eu possa dar nome ao que se encontra no jardim, vendo e ouvindo a proliferação de vida a meu redor, são tão importantes quanto os que me ensinam a conhecer e entender o Pai, o Filho e o Espírito Santo. John Muir, com seus diários; Annie Dillard, explorando o córrego Tinker; e Wendell Berry, trabalhando em seu sítio no Kentuky têm seu lugar ao lado de Moisés, em Gênesis, como companheiros na aquisição da fluência da linguagem no jardim da criação. Loren Wilkinson e Luci Shaw são tão importantes quanto Karl Barth, P. T. Forsyth e João Calvino contribuindo para que eu me sinta em casa neste mundo que veio a existir e foi formado pela palavra, visando aos propósitos da salvação pelo Senhor Deus.

Mas dar nome aos seres vivos é apenas o primeiro passo no caminho para a intimidade. Por mais maravilhoso, útil e importante que seja, o ato de dar nomes não é suficiente. A incumbência da linguagem que Deus deu ao homem também mostra claramente algo que não está completo. O ato de dar nomes, uma precondição para a intimidade, não produz, por si, intimidade. As criaturas não sabem o nome que receberam. Elas não falam. Elas não respondem e, com isso, trazem à luz uma necessidade que o simples ato de dar nomes não pode preencher: a necessidade de uma resposta relacional, de intimidade.

Essa necessidade não preenchida é expressa de forma sucinta na frase de Gênesis: "Para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea" (v. 20). Neste contexto, uma "auxiliadora idônea" sugere uma pessoa que

---

[41] John Stott reuniu uma vida toda de observações em fotos e prosa que captam a unidade criada subjacente entre aquilo que vemos e aquilo que cremos ao nos familiarizarmos com nosso lugar na terra *(The Birds Our Teachers).*

também possa fazer uso da linguagem, que possa responder, dialogar. Em resumo, uma igual. Por mais gloriosos que os animais e pássaros sejam, não são capazes de conversar. Precisamos de outro indivíduo com o qual possamos nos relacionar. "Uma auxiliadora idônea" sugere "adequação", *k^e^negdo,* outra criatura distinta de mim, mas parecida o suficiente comigo para que haja um relacionamento íntimo caracterizado desde o princípio pelo uso da linguagem — diferente dos animais e pássaros.

E assim o Senhor Deus fez outro ser humano, uma companheira, para suprir a carência de intimidade, "uma auxiliadora idônea" nesse jardim de necessidade e liberdade que é nosso lar. Não se trata apenas de outra criatura para dar nome, identificar e cuidar, mas de uma pessoa com a qual podemos ter intimidade. Ao contrário do pó usado para formar o homem, aqui é usada uma costela, um osso tirado da parte central e crucial do corpo, para formar o outro ser, aquele que é "adequado": a mulher. A reação imediata do homem a esse outro ser é expressa por meio da linguagem: "Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada" (v. 23).

Antes disso, o homem usou a linguagem para dar nome aos animais, porém o texto não cita suas palavras. Essas são as primeiras palavras citadas do discurso humano. Nos capítulos iniciais de Gênesis, ouvimos uma profusão de palavras de Deus: Deus criando, Deus fazendo, Deus descansando, Deus abençoando, Deus ordenando. Agora, ouvimos as primeiras palavras humanas a serem citadas. São palavras de reconhecimento íntimo ("osso dos meus ossos e carne da minha carne") e de relacionamento íntimo ("chamar-se à varoa, porquanto do varão foi tomada").

É significativo que essas primeiras orações expressando intimidade cheguem até nós na forma de poesia, nossa linguagem fundamental da intimidade — a linguagem usada por bebês balbuciantes, por amantes, por devotos que oram. Não se trata da linguagem impessoal e objetiva da prosa, mas da dicção atraente e participativa da poesia,

revelando quem eu sou e envolvendo o outro numa revelação pessoal.

Assim é entregue a dádiva do lugar: homem e mulher, colocados no jardim necessário para trabalhar, desfrutar da liberdade e usar a linguagem, coroados agora com a honra da intimidade.

MUITOS APRECIADORES da criação, ou "amantes da natureza", preferem olhar para o outro lado quando homens e mulheres entram em cena. Gênesis não permite isso. Homens e mulheres são parte integrante da criação tanto quanto o jardim com árvores e rios, animais e pássaros. Anos atrás, um de meus alunos que morava longe da faculdade e tomava ônibus lotado todo dia, comentou com sua esposa pela manhã, quando saía de casa:

— Hoje vou curtir a criação de Deus.

No dia seguinte, despediu-se com as mesmas palavras. No terceiro dia, ela o chamou de volta e perguntou:

— Você não acha que devia ir para a aula hoje? Andar no meio do mato ou na praia um dia ou dois é bom, mas e suas responsabilidades?

Ao que ele respondeu:

— Mas estou indo para a faculdade todos os dias.

— Então, que história é essa de curtir a criação? — perguntou a esposa.

— Todos os dias passo quarenta minutos dentro do ônibus de manhã e outros quarenta à noite. Você consegue imaginar um lugar mais cheio da criação do que esse? Todas essas pessoas foram *criadas,* são criaturas feitas à imagem de Deus, homens e mulheres.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Quer dizer que você nunca leu Gênesis?

NÃO ESTOU SUGERINDO que é fácil nos mantermos sempre atentos a essa ligação apresentada por Gênesis entre animais e árvores e as pessoas no jardim (tendo a mais alta consideração pelos vínculos entre homens e mulheres formados por Deus e que se encontram bem diante de nós) e

as árvores e pássaros igualmente formados por Deus que se encontram ao nosso redor. Ressalto apenas que isso é necessário.

Anos atrás, quando meus filhos ainda eram pequenos, passamos as férias no Parque Nacional Yellowstone. Os parques nacionais são casos raros de grandes realizações governamentais que preenchem nossas expectativas. Assim como nossas igrejas e lugares de culto servem para santificar o tempo,[42] sempre tive a sensação de que esses parques delimitam um lugar sagrado. Ao acompanharem minha esposa e eu em passeios por essas regiões vastas, repletas de beleza e vida selvagem protegida, nossos filhos participaram de tantas conversas sobre a Bíblia quanto na igreja. Eles ouviam sempre esta frase: "Ao passar por aqui, deixe apenas pegadas e leve para casa apenas fotos". Levou anos para nossos filhos descobrirem que era apenas um *slogan* dos parques, e não um versículo bíblico.

Nas férias que passamos em Yellowstone, desfrutando as bênçãos desse lugar sagrado, paramos à beira da estrada junto a um campo de flores. Cerca de vinte metros adiante, uma garotinha de uns cinco ou seis anos de idade estava apanhando um buquê de gencianas. A genciana é uma linda flor alpina azul, uma das minhas prediletas. Em sua ingenuidade, a menina trazia consigo um punhado de flores que provavelmente havia apanhado para a mãe. Quando a vi, senti uma indignação repentina crescer dentro de mim diante de tal profanação daquele solo sagrado e gritei: "Ei, não arranque as flores!". Assustada com o meu berro, a garotinha deixou o ramalhete cair, me olhou com um ar de confusão e assombro, a tristeza se espalhando pelo seu rostinho, e desatou a chorar.

Meus filhos logo brigaram comigo: "O que é isso, pai? Até parece que você não sabe que o Deus que criou as flores também criou aquela menina! Você estragou o dia dela e

---

[42] Abraham Heschel chamou os sábados de "catedrais no tempo". *The Sabbath,* p. 8.

quase matou a coitada de susto!". E continuaram com as repreensões até que o *meu* dia foi para o brejo.

É claro que meus filhos estavam com a razão. Como pude ser tão seletivo em minha consciência de proximidade com a criação? Como pude ser tão sensível para com as gencianas formadas do mesmo pó que eu e tão insensível com uma garotinha também feita do mesmo pó, ou melhor, de substância semelhante à minha própria costela?

O mesmo pó: a genciana, a garotinha, eu. A profanação de um dos elementos afeta os outros. A fim de desfrutarmos, celebrarmos e vivermos essa dádiva do lugar onde o Senhor Deus nos colocou, precisamos aceitar as pessoas ao nosso redor com o mesmo prazer que aceitamos o falcão voando lá no alto e as violetas florescendo aos nossos pés. Os homens e as mulheres, as crianças e os idosos, os belos e os de aparência comum, os cegos e os surdos, os amputados e os paralíticos, os deficientes mentais e os que têm problemas emocionais — cada um é detalhe importante e sagrado da natureza, a criação de Deus.

AS DUAS HISTÓRIA DA CRIAÇÃO são iguais no sentido de que o tema de cada uma é Deus operando na criação. Gênesis 1: Deus (*Elohim,* a soma de todos os poderes criativos) é o sujeito exclusivo de todos os 35 verbos usados nos sete dias da criação. A criação no tempo. Gênesis 2: o SENHOR Deus (*Elohim,* desta vez composto com *Yahweh,* o nome ímpar e pessoal revelado a Moisés) é o sujeito exclusivo dos verbos que formam o homem, plantam um jardim, incumbem-no de um trabalho, dão ordens, formam animais e pássaros, concedem a dádiva da linguagem e moldam um relacionamento de comunhão e intimidade. A criação no lugar.

Gênesis 1—2 se desenvolvem da mesma base: quando nos levantamos pela manhã e olhamos ao nosso redor, imaginando quem somos, como chegamos aqui, de onde viemos e como nos encaixamos no que está acontecendo, a resposta é a mesma: "No princípio, criou Deus os céus e a

terra" (1:1) e "Esta é a gênese dos céus e da terra [...] quando o SENHOR Deus os criou" (2:4).

Para vivermos devidamente, ou seja, para a glória de Deus, não podemos fazê-lo de forma abstrata ou geral. Temos de viver de acordo com certas condições particularizantes em que Deus opera, a saber, o tempo e o lugar, aqui e agora. Gênesis 1 e 2 revelam os elementos formativos de nossa vida. Gênesis 1 nos situa formativamente no tempo; Gênesis 2 nos situa formativamente no lugar.

Hans Urs von Balthasar escreveu com grande veemência e com detalhes sobre a necessidade de compreendermos e apreciarmos a forma como fundamental para a vida, com seu enfoque na vida cristã: "Que é uma pessoa sem uma forma de vida, isto é, sem uma forma que ela escolheu para sua vida, de modo que sua vida se torne a alma da forma e a forma se torne a expressão de sua alma".[43]

Não somos anjos desencarnados. Temos um endereço fixo onde Deus pode nos encontrar. E temos dez dedos nas mãos, dez nos pés, dois olhos, dois ouvidos, um nariz e uma porção de outras partes que constituem um corpo que é, declaradamente, nós mesmos. Isso basta para começar.

UMA TAREFA IMPORTANTE do cristão, porém muitas vezes negligenciada em nossa sociedade e cultura, é observar atenta e detalhadamente a sacralidade da criação. Encontramos indícios da obra criadora de Deus por toda parte à nossa volta e dentro de nós. Vivemos cercados de querubins entoando "Santo, Santo, Santo".

É fácil não perceber. O pecado desfigura tanto a terra quanto as pessoas. A morte é uma visitante freqüente. Nossos ouvidos são agredidos por blasfêmias. Os olhos enevoados e os ouvidos ensurdecidos pelo pecado perdem a glória que se encontra bem diante de nós. Mas não há desculpas. Temos a grande responsabilidade e o privilégio enorme de vivermos diariamente de maneira a dar

---

[43] *The Glory of God,* vol. 1, p. 24.

testemunho das dádivas sagradas imensas do tempo e do lugar. As boas-novas de Jesus, "o primogênito da *criação",* têm como contexto essas dádivas de tempo e lugar, conforme reveladas em Gênesis.

Muitas vezes, em sua afobação e seu zelo de propagar o evangelho, nossa sociedade apressada e tecnologicamente despersonalizada pula o contexto de Gênesis e improvisa uma mensagem que nos permita prosseguir imediatamente com nossa missão urgente. Na maioria das vezes, essas improvisações não levam em consideração os detalhes complexos e as belezas das dádivas de tempo e lugar que Deus nos concede. Mas as boas-novas confiadas ao povo de Deus são as boas-novas de Jesus Cristo, o primogênito da *criação.* A vida e a obra de Jesus, sua crucificação e sua ressurreição são inteiramente fundamentadas e consumadas nas dádivas de tempo e lugar da criação. Não podemos separar o que foi unido.

SEGUNDO TEXTO-BASE: O EVANGELHO DE JOÃO

O evangelho de João é um relato reescrito de Gênesis 1—2. É o relato da criação no qual Jesus Cristo é apresentado simultaneamente como revelação do Criador e como criação. O Criador, o Verbo de Deus, que fez a criação existir por meio de sua palavra (Gn 1), aparece no evangelho de João como Jesus, o Verbo que fez e que continua a fazer a criação existir por meio de sua palavra. A criação, sintetizada e completada no homem e na mulher (Gn 2), é apresentada pelo apóstolo João para nosso entendimento como sendo esse mesmo Jesus, "o Verbo [que] se fez carne", que entrou em nossa história, e "habitou entre nós" (Jo 1:14).

Nossos antepassados explicitaram a identidade de Jesus na declaração "verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem", sendo que "verdadeiramente" significa total e completamente: divindade pura, humanidade genuína. Em Jesus Cristo vemos o Criador operando em

nossa dimensão (verdadeiramente Deus); nele também vemos a criação da qual somos parte (verdadeiramente homem).[44]

O EVANGELHO DE JOÃO é uma apresentação extensa de Jesus Cristo, Criador e criação, operando na criação de Gênesis. É o relato de Gênesis detalhado, personalizado e firmado numa geografia e numa história reconhecíveis. A vida cristã corre o risco permanente de se dissolver em idéias maravilhosas, sentimentos sublimes ou projetos ambiciosos; o evangelho de João, sustentado por Gênesis 1—2, não permite as diluições e desintegrações tão fatais ao modo de vida que busca ativamente a glória de Deus.

Século após século, geração após geração, esse evangelho continua sendo uma de nossas melhores defesas contra uma espiritualidade separada da vida real, da vida em que seguimos a Jesus, um passo de cada vez, da cozinha para o quarto, do estacionamento para o escritório, do santuário para o cemitério, da sala de aula para o parque, lutando contra "as coisas que há no mundo [...] a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 Jo 2:15-16).

Tudo o que aparece em Gênesis 1—2 é vivido na pessoa de Jesus entre homens e mulheres como nós, nas condições em que vivemos (sol e chuva, comprando e vendendo, nascimento e morte, enfermidade e opressão, sexo e religião — seja o que for). A palavra que expressa de modo preciso essa revelação abrangente de Deus na forma humana, vivendo (e não apenas admirando ou discutindo) a criação, é *encarnação:* "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1:14). Encarnação, *em carne,* corporificação.

Não é raro imaginarmos que, se vivêssemos em outra cidade ou numa vizinhança melhor, em condições mais

---

[44] "[O] termo 'Filho do Homem' usado nesse evangelho mantém o sentido de alguém que incorpora em si o povo de Deus ou a humanidade em seu aspecto ideal [...] em momento algum há dúvida de que o evangelista está falando de uma pessoa real, ou seja, de um indivíduo de carne e osso, um representante da raça humana na história, 'Jesus, o Nazareno, filho de José' (1:45). Ele trabalha, se cansa, sente sede, se alegra e entristece, chora, sofre e morre". C. H. DODD, *The Interpretation of the Fourth Gospel,* p. 248-249.

adequadas, se votássemos em governantes mais competentes, se construíssemos escolas melhores, teríamos, quase certamente, uma vida mais espiritual. O evangelho de João afirma: "De jeito nenhum!".

Também é comum procurarmos formas de evitar a monotonia, escapar sempre que possível para algum tipo de êxtase, imaginarmos maneiras de fugir do tumulto do trânsito e da família, de nos relacionarmos com pessoas que pensam como nós e de nos envolvermos em disciplinas e formas de vestir e falar que nos separam dos "outros". O evangelho de João diz: "De jeito nenhum!".

ESTA É A ABORDAGEM do apóstolo João. Ele escreve uma história que usa características dos relatos da criação em Gênesis 1—2 e apresenta Jesus como o Verbo de Deus que, como em Gênesis, continua a fazer a criação existir por meio da sua palavra. Em algum ponto ao longo da linha do tempo, as coisas deram errado (Gênesis também conta essa história), e tornou-se absolutamente necessário repará-las. Como a criação inicial, a reparação se dá pela palavra — Deus faz a nova criação vir a existir na pessoa de Jesus. Mas, nessa história, Jesus não apenas profere a palavra de Deus: ele *é* a Palavra de Deus.

Na companhia dessas palavras, começamos a perceber que as nossas são mais importantes que imaginávamos. Dizer "eu creio", por exemplo, assinala a diferença entre vida e morte. Nossas palavras crescem em dignidade e sobriedade nas conversas com Jesus, pois ele não impõe essa nova criação como solução; ele nos insere nessa criação através de um *relato,* de longas conversas, de relacionamentos pessoais íntimos, de repostas com-passivas, de orações ardentes e — a somatória de tudo isso — de uma morte sacrificial. Na companhia de Jesus, ganhamos intimidade com a criação. Ela deixa de ser algo distante que podemos adotar ou ignorar como bem entendermos. Não podemos nos afastar da criação para cuidar da vida espiritual. Estamos inseridos na criação, fazemos parte dela.

O apóstolo João indica a ligação do seu relato com Gênesis abrindo o evangelho com as palavras iniciais de Gênesis: "No princípio..." (em grego, *en arche).* Em seguida, numa passagem extraordinária de poesia teológica, João identifica Jesus com esse Verbo de Gênesis. O mesmo Verbo que fez toda a criação existir é Jesus que, agora, dá existência a uma nova criação. João expressa isso de forma sucinta e, ao mesmo tempo, abrangente em sua frase incomparável: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1:14).

A tarefa de João agora é mostrar Jesus completamente à vontade na criação de Gênesis com o propósito de nos fazer sentir completamente à vontade nessa mesma criação sagrada. É evidente que a vida é feita de muitas outras coisas além da criação. Temos a história sagrada, a comunidade sagrada (a segunda e a terceira parte deste livro) e, na vivência destas, Jesus também é decisivo. Começamos, porém, com a criação. Não podemos pular o começo e passar para um nível mais elevado: vivemos um dia depois do outro, e não um devaneio sem tempo definido; vivemos na terra, com animais e pássaros, e não em castelos de nuvens; vivemos como homens e mulheres, e não em solidão imperturbada; somos carne que precisa ser alimentada, limpada e vestida. Não podemos viver as dádivas da história da salvação e da comunidade sagrada concedidas por Deus de forma independente das condições da criação de Deus. Jesus não o fez, e nós não podemos fazê-lo.

Será que João estava lidando com pessoas que desejavam encontrar um atalho, pulando a criação a fim de chegar ao "verdadeiro cerne das coisas", mergulhar na "vida mais profunda", viver num "nível espiritual mais elevado" do que outros ao seu redor — aquilo que identificamos anteriormente como o vírus "gnóstico"? Seria de surpreender se ele não estivesse, pois sempre que surge a preocupação com Deus e com uma vida piedosa, esse tipo de atalho para evitar a criação também aparece.

JOÃO É UM ESCRITOR de grande competência, que emprega com habilidade nuanças e alusões. O texto apresenta uma simplicidade convidativa, mas essa simplicidade que esconde *insights* profundos. Seria irreverente e profano reduzir ou resumir seu evangelho a umas poucas "verdades" ou "princípios" (a abordagem gnóstica). Devemos deixá-lo agir à sua própria maneira. Nossa tarefa é nos sujeitar à arte narrativa de João e permitir que ele nos fundamente no Jesus da criação, essa criação na qual Jesus revela a plenitude de Deus; e, depois, seguir Jesus e adotar a vida de fé firmada na criação, cuja plenitude tome forma dentro de nós.

João escreve a história de Jesus de maneira bastante diferente de seus companheiros canônicos Mateus, Marcos e Lucas, que seguem outro plano. A abordagem de João apresenta a mesma história, mas a mudança de tom e de ponto de vista nos envolve de maneira distinta. O romancista John Updike observa que, se considerarmos Mateus, Marcos e Lucas progressivamente sedimentares, João é metafórico — todas as camadas intensamente combinadas em algo muito diferente.[45]

A narrativa de João é constituída principalmente das conversas de Jesus. No relato reescrito que João apresenta da criação de Gênesis, a característica mais conspícua é que Jesus *fala.* Ele é, afinal de contas, o Verbo. Mas, ao contrário das frases curtas de Gênesis, as palavras de Jesus fluem em diálogos e discursos. A oração inicial de João: "No princípio era o Verbo" é detalhada nas conversas de Jesus com pessoas de todo tipo vivendo em quaisquer circunstâncias, conversas curtas e longas, incisivas e complexas, mas todas *conversas.*

Essas conversas se desenvolvem e se acumulam: conversas entre Jesus e sua mãe, Jesus e seus discípulos, Jesus e Nicodemos, Jesus e a samaritana, Jesus e o paralítico, Jesus e o cego, Jesus e os judeus, Jesus e Marta,

---

[45] Citado por Alfred CORN, ed., *Incarnation,* p. 2.

Jesus e Maria, Jesus e Caifás, Jesus e Pilatos e, sem nenhuma mudança de tom ou dicção, entre Jesus e Deus, entre o Filho e o Pai. Em várias ocasiões, as conversas se transformam em discursos, mas o tom dialogal é sempre preservado. Não se trata de declamações para um "mundo" generalizado, mas de conversas pessoais. O Senhor da linguagem usa a linguagem não para dominar, mas para formar relacionamentos de graça e amor, criar comunidades e amadurecê-las em oração.

Nesse universo ricamente dialogal do evangelho, três elementos dão à narrativa uma forma associada distintivamente à "criação": a fórmula *ego eimi,* o uso do termo "sinal" e a menção freqüente da glória.

"Ego eimi"

Quando Deus apareceu a Moisés na sarça ardente e lhe disse que tiraria o povo da escravidão egípcia, Moisés se mostrou compreensivelmente cauteloso. Pediu que Deus se identificasse pelo nome, e a resposta foi: "EU SOU O QUE SOU [...] Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros" (Êx 3:14). Essa expressão se tornou o nome pessoal único de Deus em Israel: "Javé", na forma original hebraica; *ego eimi,* na grega. *Ego eimi,* "eu sou", é o nome mais pessoal de Deus nas Escrituras. Jesus usa essa expressão com freqüência. Toda vez que ele diz *ego* ou *ego eimi,* ouve-se o eco do nome "Javé". Ele toma o Nome para si. Todos os evangelistas mostram Jesus empregando essa fórmula que o identifica com Deus, mas João o faz com muito mais freqüência que os outros três juntos. Quase todos que refletem sobre essa característica percebem, como diz G. M. Burge, que "Jesus está aplicando publicamente o nome divino de Deus — a presença autorizada de Deus — a si mesmo".[46]

---

[46] O chamado *ego* autorizado ocorre 20 vezes em Mateus, 17 vezes em Marcos, 23 vezes em Lucas e 132 vezes em João. A expressão completa *ego eimi* é usada 5 vezes por Mateus, 3 vezes por Marcos, 4 vezes por Lucas e 30 vezes por João. Cf. Joel B. GREEN e Scot MCKNIGHT (org.), *Dictionary of Jesus and the Gospels,* p. 354 e 356.

A freqüência com que a declaração justificadamente célebre de Jesus "Eu sou..." aparece ao longo dessas conversas leva o relato a operar simultaneamente em dois níveis (ou duas dimensões): ouvimos Jesus usando o novo nome de Deus, "Eu sou", como o seu próprio nome e na entonação e forma gramatical mais simples, o uso pessoal do verbo "ser". Por meio dessas conversas que vão se acumulando, percebemos que Deus está dizendo isso com a voz de Jesus, o Deus que fez toda a criação existir, o Deus que se identificou para Moisés como o salvador de Israel, *esse* Deus falando nas conversas e discursos de Jesus — a Palavra e as palavras de Deus.

O uso mais ousado que Jesus fez do Nome se deu durante a Festa dos Tabernáculos no templo em Jerusalém: a festa era associada à expectativa messiânica, e o templo era o lugar honrado de Deus. Justamente nessa ocasião e nesse lugar, Jesus declarou: "Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU" (Jo 8:58). Reynolds Price, um grande romancista, que faz várias observações mordazes sobre as formas e circunstâncias variadas em que Jesus emprega o "Eu sou", chama esse episódio de "ponto culminante das asserções de Jesus acerca de si mesmo".[47] A reação imediata de seus ouvintes mostra que entenderam de imediato o que ele estava dizendo: "Eu sou o próprio Deus, aqui e agora; eu sempre fui, e sempre serei".

Mas os ouvintes de Jesus conheciam as Escrituras: "Aquele que blasfemar o nome do SENHOR será morto; toda a congregação o apedrejará" (Lv 24:16). No mesmo instante, as palavras de Jesus transformaram a congregação numa turba de linchadores; havia pedras de sobra da construção do templo espalhadas por toda parte, de modo que "pegaram em pedras para atirarem nele" (Jo 8:59). Mas ele escapou do apedrejamento.

---

[47] *Three Gospels,* p. 148 e 158.

Em sete ocasiões, Jesus usa "Eu sou/*ego eimi*" com um predicado, uma metáfora que serve de parábola, dando os detalhes de sua natureza e de seus objetivos: o pão da vida (Jo 6:35); a luz do mundo (8:12); a porta para as ovelhas (10:7); o bom pastor (10:14); a ressurreição e a vida (11:25), o caminho, a verdade e a vida (14:6); a videira verdadeira (15:1).

Todas essas metáforas são palavras simples e comuns, que costumamos usar dentro e fora de casa enquanto realizamos nossas tarefas, andando e vendo, crendo e amando. Na verdade, o apóstolo João praticamente não usa em seu relato palavras que não fazem parte de nosso vocabulário desde os cinco anos de idade. Somos incluídos nessas conversas caracterizadas por intimidade e ausência de pressa; somos recebidos de braços abertos como participantes.

Intimidade. Por meio do relato de João, Jesus nos convida para esta vida, a vida de Deus, em termos e circunstâncias imediatamente acessíveis. Usa a gramática mais simples para nos convidar a entrar nesse relato como participantes. Jesus não tenta nos impressionar com palavras compridas ou conceitos pomposos; ele não ostenta suas credenciais; não ameaça nem intimida com demonstrações de autoridade. Jesus conversa com os mesmos tipos de pessoas com quem conversamos quase todos os dias, e em muitos dos quais reconhecemos a nós mesmos.

E ausência de pressa. João é o narrador mais demorado. Ele se move devagar, repete, anda em círculos. Usa as palavras com carinho, saboreando cada uma. Ou, então, destaca uma frase e depois rearranja suas palavras sutilmente, mudando o ângulo de refração e mostrando outra cor. Austin Farrer caracterizou o estilo de João nesse sentido como "meditação divinatória".[48] O ritmo narrativo forte tão

[48] "Ele pega uma frase ou palavra, brinca com ela, repete-a, vira-a do avesso e depois a coloca de lado, e reflete de forma semelhante sobre outra palavra, muitas vezes, que foi deixada de lado no processo de tratar da primeira palavra. Precisamos nos acostumar com essa abordagem e aceitá-la, pois, de outro modo,

pronunciado nos três evangelhos anteriores desacelera em João e se transforma numa caminhada dominical lenta e meditativa.

Ao tentar reconstituir a mordacidade profética de Thoreau para nós, Edward Dahlberg afirmou: "Walden não pode ser empurrado apressadamente para dentro do coração dos homens [...] Induza e sugira".[49] E se o personagem Walden, de Thoreau, não pode ser apressado, muito menos o evangelho de João. Para ler essa história, para *ouvi-la com o coração,* os milhões de leitores apreciadores de João desaceleram seu ritmo para acompanhar o do apóstolo, sujeitando-se às cadências oscilatórias dos diálogos, rejeitando resumos doutrinários que visam economizar tempo e explicar o que João *quer dizer* teologicamente, sem se dar o trabalho de ouvi-lo dizer tais coisas.

Ao observarmos a narrativa de João, percebemos logo que não está muito interessado em relatar algo novo *sobre* Jesus (apesar de fazê-lo em várias ocasiões ao longo do caminho); antes, seu desejo maior é nos atrair para um relacionamento *com* Jesus. "Crer" e "amar" são verbos característicos; nenhum dos dois pode ser realizado às pressas.

Assim, no quarteto dos evangelistas, João tem a última palavra narrativa. À medida que uma geração sucede outra, há o perigo de a criação ser reduzida, por um lado, a mero estudo da natureza ou, por outro lado, a simples doutrina. João renova a qualidade pessoal e original da criação de Deus, planejada primorosamente para crer e amar. O poema de Robert Browning "A Death in the Desert" ["Uma morte no deserto"] , considerado por William Temple "a interpretação mais penetrante do apóstolo João na língua inglesa",[50]

---

ficamos simplesmente desconcertados e irritados com sua recusa em ir direto à questão central e avançar de maneira ordenada" *(A Rebirth of Images,* p. 26).

[49] *Can These Bones Live?,* p. 25.
[50] *Readings in St. John's Gospel,* p. xvii.

apresenta João explicando por que escreveu a história de Jesus da maneira como o fez:

> ... a verdade, amortecida de seu esplendor absoluto,
> Pode precisar do olho do amor para traspassar a dúvida desdobrada.[51]

João oferece o "olho do amor". Até hoje, sempre que o brilho da história da criação é ofuscado por um estudo despersonalizado ou por clichês obscuros, o relato de João é o evangelho mais indicado para penetrar até o esplendor original de Gênesis.

Os sinais

Quase todos ansiamos por sinais — fenômenos sobrenaturais e prodígios de vários tipos. Costuma-se pressupor que o campo extenso da religião é o terreno de onde brota o miraculoso e, quanto mais solo fértil, mais milagres por hectare. Assim, muitas vezes há quem se surpreenda ao descobrir que Jesus mostrou uma clara falta de entusiasmo quanto a esse assunto como um todo. Sem desprezar os milagres em si, Jesus negou categoricamente que fossem prova de autenticidade e advertiu de forma enérgica para não nos deixarmos enganar por essas ocorrências: "Surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Mt 24:24; ver também 2Ts 2:9; Ap 19:20). Além disso, apesar de ter realizado milagres ao longo de sua vida, Jesus recusou duramente usar um sinal milagroso como validação ou prova de sua autoridade divina e respondeu com severidade àqueles que lhe pediram isso: "Uma geração má e adúltera pede um sinal" (Mt 12:39; ver também Lc 23:8 e 1Co 1:22).

Parece claro o suficiente e, vindo de Jesus, bastante autorizado: não se impressione com sinais; não saia em

---

[51] Em *The Poems and Plays of Robert Browning,* p. 301.

busca de sinais. Os milagres não são prova de verdade ou realidade. Os prodígios podem oferecer excelente entretenimento, mas seu valor não vai muito além disso. Num sentido fundamental, não podemos evitar os milagres. Afinal, vivemos em um mundo no qual Deus se encontra sobrenaturalmente ativo, de modo visível e invisível, tanto ao nosso redor quanto dentro de nós, muito além de nossa capacidade de observar, explicar, controlar ou administrar. Seria estranho se, pelo menos de vez em quando, não vislumbrássemos esse "além" em nossa realidade e comentássemos sobre ele — um sinal, um indício da presença ou da atuação de Deus onde não esperávamos vê-la ou ouvi-la e em circunstâncias que não somos capazes de explicar. Mas esses sinais não são uma forma de propaganda ou entretenimento.

João usa o termo "sinal" dessa forma disciplinada.[52] É um de seus termos característicos. Ele não apresenta os sinais de Jesus para provar que ele é superior, para exibi-lo como tal ou, ainda, para separá-lo da criação, mas para nos permitir ver o interior da criação, e não apenas sua superfície; para nos mostrar como Jesus criou todas essas coisas e continua a mantê-las coesas (Cl 1:15-20), prosseguindo com sua obra nessa mesma matéria-prima da criação. Tudo o que Jesus faz é com as mãos profundamente mergulhadas na terra.

Jesus impacienta-se abertamente e até rejeita aqueles que pedem provas miraculosas que validem sua autoridade. Logo depois de "[dar] Jesus princípio aos seus sinais" transformando água em vinho no casamento em Caná (Jo 2:11), o evangelho de João mostra Jesus expulsando aqueles que usavam os átrios do templo como lugar de comércio durante a Páscoa para vender animais para os sacrifícios e trocar dinheiro para os devotos que chegavam com moedas

---

[52] C. H. DODD observa que "a expressão hebraica freqüente *othoth vumoftim, mofet* (em grego, *teras)* significa algo esplêndido ou maravilhoso, um 'milagre' no sentido exato. Mas *oth* (em grego, *semeion)* não conota necessariamente algo miraculoso. O termo é usado sozinho para uma garantia ou penhor entre homem e homem ou entre Deus e homem". *The Interpretation of the Fourth Gospel,* p. 141.

estrangeiras — dois negócios extremamente rentáveis. Jesus condenou essa exploração com palavras severas: "Não façais da casa de meu Pai casa de negócio" (Jo 2:16). Os profissionais religiosos (neste caso, "os judeus") questionaram o direito dele de interferir nas rotinas aceitas e perturbar os procedimentos habituais do templo, causando grande confusão: "Que sinal nos mostras, para fazeres estas coisas?" (v. 18). Ou seja: "Queremos ver seus documentos. Quem lhe deu autorização para invadir o templo desse jeito e agir como se fosse o dono do pedaço? E que história é essa de 'Pai'? Você está num local sagrado, na época da festa mais sagrada do ano. Nós mandamos aqui. Mostre-nos um sinal que autorize esse ultraje".[53] Jesus se recusou a atendê-los. Sua resposta ("Destruí este santuário", v. 19) foi uma declaração enigmática que não serviu de resposta e que, por eles não serem capazes de entendê-la, só os irritou ainda mais. Ao que parece, Jesus não tem tempo para pessoas que exigem feitos sensacionais para validar a verdade ou confirmar a presença de Deus em seu meio.

Sem dúvida, os sinais e prodígios, os milagres e os grandes feitos estão presentes na história; constituem parte importante da história bíblica e de seu prosseguimento e sua consumação na vida cristã; mas fora de contexto, sem a revelação do próprio Deus em Jesus, desligados e afastados de seu posicionamento orgânico na formação complexa e detalhada do povo de Deus, não passam de coisas, produtos miraculosos de consumo comprados e vendidos num comércio religioso.

Há muito tempo, é hábito os leitores do evangelho de João contarem sete sinais, atos de Jesus descritos com certos detalhes pelos quais podemos reconhecer a revelação de Deus em Jesus e crer nela. O verbo central é "crer". João

---

[53] Quando Moisés estava sendo preparado para confrontar o Faraó, Deus lhe deu "sinais" confirmadores — na tradução grega de Êxodo (4:8-9), a mesma palavra *(semeiom)* que João usa em seu Evangelho. Será que encontramos aqui um eco daquele confronto? Talvez.

escreve seu evangelho para despertar a fé, ou seja, a confiança e participação obedientes.

Os sete sinais mostram Jesus dando continuidade às obras realizadas nos sete dias da criação em Gênesis. Seria difícil narrar essas histórias sobre Jesus sem um sentimento de assombro e espanto por nos ser permitido descobrir algo extraordinário, a compreensão de que esses sinais são prova de que Deus continua operando na criação, não o fazendo apenas como engenheiro de manutenção. Ainda assim, João atenua os elementos prodigiosos e deixa claro que nenhum desses sinais foi compulsório, obrigando as pessoas a chegar ao veredicto unânime: "Deus fez isso!".

De acordo com uma regra das Escrituras ignorada com freqüência, não podemos ser *obrigados* a crer. Por sua natureza, a fé requer aquiescência e participação, confiança e compromisso. Quando cremos, nos encontramos no relacionamento mais pessoal e íntimo com o Outro. A fé não pode ser forçada. Se formos ameaçados, seduzidos ou manipulados para crer, a conseqüência não será a fé, mas intimidação, violação ou abuso. Nós nos tornaremos menos do que éramos, e não mais.

João preserva essa idéia de participação e liberdade inserindo cada sinal num relato; o sinal não é algo independente a ser estudado como um objeto em si, mas um momento ou evento de conscientização: Jesus é Deus operando aqui, agora. João também preserva essa idéia de participação espontânea deixando claro que o sinal, em si, não é compulsório; antes, é uma placa de sinalização que aponta para além da pessoa, e pode ou não ser seguida.

Ao que parece, no primeiro sinal, a transformação da água em vinho no casamento em Caná (Jo 2:1-11), a maioria dos convidados nem ficou sabendo da ocorrência do milagre. Os servos, a mãe de Jesus e os discípulos testemunharam o prodígio, mas o texto menciona os discípulos apenas como aqueles nos quais o sinal cumpriu seu propósito: eles "creram nele [em Jesus]". O "mestre-sala", responsável pelo bom andamento da festa, me dá a impressão de ser um esnobe, arrogante em seu papel e indiferente com os servos.

Tudo indica que ele não se deu conta do milagre, pois chamou o noivo de lado e, como especialista em vinhos finos que era, comentou a prática incomum de guardar um vinho tão bom para o final, quando os convidados nem teriam condições de notar a qualidade.

O segundo sinal também começa em Caná, e termina em Cafarnaum (4:46-54). Nele, encontramos tanto uma crítica quanto uma corroboração dos sinais. Ele se inicia em Caná quando um oficial, provavelmente nomeado por Herodes Antipas, vem de Cafarnaum para pedir que Jesus o acompanhe e cure seu filho. A resposta de Jesus é negativa: "Se, porventura, não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum crereis" (v. 48). Não muito diferente da avaliação desfavorável dos sinais relatada por Mateus (Mt 12-.39).[54] Mas o pai não desiste e, em sua persistência, é como se estivesse declarando: "Não me importo com sinais, quero que você cure meu filho!". Então vem a parte interessante. Jesus lhe ordena: "Vai [...] teu filho vive"; e "o homem creu" e partiu, *sem nenhuma prova da cura,* ou seja, independentemente de sinal ou milagre.

O pai creu em Jesus sem a ajuda de um sinal; poderíamos até dizer: sem a distração de um sinal. Foi a palavra de Jesus, e não o sinal, que formou a convicção do homem. Só no dia seguinte, quando se aproximava de sua casa — uma jornada de mais de 30 quilômetros separava Cafarnaum de Caná —, é que o homem ficou sabendo que seu filho havia se recuperado no dia anterior, exatamente na mesma hora em que Jesus, em Caná, dissera que isso aconteceria.

O terceiro sinal, a cura de um paraplégico, se dá no tanque de Betesda (Jo 5:1-18). Esse sinal foi espetacular, pois o homem havia passado 38 anos paralisado. O cenário foi igualmente dramático: um tanque grande não muito longe do átrio movimentado do templo no sábado. Na beira do tanque, inválidos lotavam cinco pavilhões na expectativa de

---

[54] Esta é a única vez que a expressão "sinais e prodígios" ocorre em João, talvez ecoando as palavras de Deus a Moisés: "... multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas. Faraó não vos ouvirá..." (Êx 7:3-4).

ter a saúde restabelecida pelas águas supostamente terapêuticas. Jesus curou o homem com uma pergunta ("Queres ser curado?") e uma ordem ("Toma o teu leito e anda").

Seria de esperar que, ao verem o que Jesus havia feito para restaurar essa preciosa, porém avariada, imagem de Deus na criação as pessoas reagissem com uma fé grata e reverente em Jesus. Afinal, aquele infeliz havia passado tantos anos à beira do tanque quanto seus antepassados passaram caminhando no deserto! Mas aqueles que se consideravam a polícia religiosa atacaram Jesus, acusando-o de profanar o sábado, uma investida que intensificou até se transformar numa trama para assassiná-lo quando ouviram Jesus "fazendo-se igual a Deus". Neste caso, o sinal — uma janela que mostrou Deus operando em Jesus — provocou hostilidade assassina, exatamente o oposto de fé.

O quarto sinal, a alimentação dos cinco mil, se dá num monte da Galiléia, no litoral norte do mar de Tiberíades, por volta da época da Páscoa (Jo 6:1-15). É muito provável que associações com o êxodo do Egito, a refeição salvadora da Páscoa dos judeus e os anos de provisão miraculosa de maná no deserto tenham vindo logo à mente das pessoas que estavam sendo alimentadas. Lembrando-se de Deuteronômio 18:15, concluíram com entusiasmo que havia um novo Moisés no meio deles: "Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo" (v. 14).

Mas só entenderam parte do sinal. Perceberam corretamente que Jesus vinha de Deus e os estava conduzindo à salvação, fornecendo-lhes uma refeição miraculosa. No entanto, interpretaram o sinal incorretamente; "apropriaram-se dele" como ordem para forçar Jesus a se tornar o rei político que os libertaria do domínio romano. Jesus retirou-se para os montes. Não podemos obrigar Jesus a fazer o que achamos que ele deva. Um sinal não é um ingresso em aberto que podemos usar para determinar as prioridades de Jesus segundo os nossos interesses.

No dia seguinte, de volta a Cafarnaum (6:25-30), Jesus tentou corrigir essa interpretação equivocada do sinal como convite para eles obterem apenas o que desejavam para si ("comestes dos pães e vos fartastes") e não como revelação de Deus operando em Jesus, um sinal indicando Deus dando de si para eles (" [a comida] que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará"). Mas eles continuaram sem entender e pediram outro sinal, "para que o vejamos e creiamos em ti".

O mal-entendido levou ao discurso maravilhoso no qual Jesus declara: "Eu sou o pão da vida" (v. 35-59), mas também causou um bocado de murmúrio e controvérsia. Por fim, resultou numa grande deserção de seguidores (v. *66).* Os sinais revelam Jesus como Deus operando entre nós, mas também mostram como muitos de nós não estamos preparados para aceitar e assumir a revelação e como podemos nos tornar contenciosos quando Deus no céu, aquele que adoramos, se mostra envolvido com os detalhes de nossa vida aqui na terra de maneiras que não coincidem com nossas posições preconcebidas.

No quinto sinal, inserido no contexto do quarto, Jesus acalmou uma tempestade no mar enquanto os discípulos remavam de volta para Cafarnaum na noite depois da alimentação dos cinco mil (6:16-21). O sinal é diferente dos outros sete, pois é o único que não apresenta ambigüidade. Revela Jesus como soberano na criação, aceito e recebido como tal de bom grado pelos discípulos. E, o que é mais importante, a narração do sinal gira em torno da expressão *ego eimi* no versículo 20: "Sou eu. Não temais!".

Essa é a forma do nome divino que Jesus emprega para se identificar e que João entrelaça continuamente e com grande habilidade em seu evangelho. Este sinal, que se passa no contexto de outro que envolveu tantas reações inapropriadas, serve de contraponto para o desejo do povo de proclamá-lo rei da Galiléia ao asseverar a soberania absoluta de Deus sobre toda a criação, fazendo por seus discípulos aquilo que eles, com todo o esforço exaustivo de remar, não

podiam fazer por si mesmos, e levando-os aonde não eram capazes de chegar sozinhos.

O sexto sinal, a cura de um homem cego de nascença, ocorre em Jerusalém (9:1-41). O sinal revela Jesus como a encarnação do Verbo de Gênesis: "Haja luz". Foi o primeiro dia de luz para aquele homem que nasceu cego, mas a comunidade de Jerusalém não apresentou um consenso como o de Gênesis, de que isso "era bom". Como o terceiro sinal junto ao tanque de Betesda, esse ocorreu num sábado. Os especialistas religiosos da cidade entenderam a cura exclusivamente como mais um caso de profanação do sétimo dia e expulsaram da sinagoga o cego recém-curado.

O sinal também não foi entendido como tal pelos pais do cego, que, preocupados com sua posição dentro da instituição religiosa, não conseguiram ver Deus operando diante deles. Naquele dia, Jerusalém estava repleta de homens e mulheres cegos que " [amavam] mais as trevas do que a luz" (3:19). Mas o cego de nascença viu. Ele não apenas viu a cidade ao seu redor pela primeira vez, como também viu o sinal para o qual todos os outros se mostraram cegos — viu Deus presente e operando em sua vida, e creu. O verbo "crer" ocorre três vezes em três orações e termina em adoração: "... e o adorou" (9:35-38).

O sétimo sinal é a ressurreição de Lázaro na pequena cidade de Betânia, próxima de Jerusalém (11:1-54). Trata-se do sinal narrado em mais detalhes e com maior elenco — membros da família, amigos entristecidos vindos de Jerusalém, discípulos de Jesus e os principais sacerdotes e fariseus reunidos em conselho. O texto traz o nome de cinco membros desse elenco: Lázaro e suas irmãs Maria e Marta, o discípulo Tomé e o sumo sacerdote Caifás. Trata-se de algo incomum, pois os outros relatos de sinais não citam muitos nomes além de Jesus. O primeiro sinal (água transformada em vinho) fala de Maria, o quarto (a alimentação dos cinco mil) menciona Filipe e André, mas é só.

Os sinais não são histórias comoventes sobre pessoas; são relatos que revelam Deus. É evidente, porém, que, em algum momento, exercem impacto sobre todas as questões

humanas. Assim, neste último sinal, depois de refrear nossa curiosidade pelo tempo necessário para concentrar atenção no que era revelado a respeito de Jesus, João apresenta uma cena mais ampla mostrando toda uma gama de emoções e reações humanas na ressurreição de Lázaro, o sinal da "ressurreição e vida".

Ao descobrir que Jesus pretendia voltar para próximo de onde eles haviam escapado recentemente de serem presos e apedrejados (10:31-39; 11:7-8), Tomé pressupôs que todos seriam mortos e convocou os outros discípulos para ficar com Jesus e morrer com ele. O próprio Jesus chora de compaixão pelos pranteadores e de amor por seu amigo querido. O Mestre fica profundamente comovido. As irmãs Maria e Marta expressam sua decepção por Jesus não ter vindo quando mandaram avisá-lo da enfermidade do irmão — será que detectamos um tom de repreensão na voz delas? E Caifás? Para ele, esse sinal foi a gota d'água, levando-o a pôr em ação o plano de matar Jesus.

NO EVANGELHO DE JOÃO, os sinais e ditos são entrelaçados de modo a dar base abrangente para crer que "Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, [tenhamos] vida em seu nome" (20:31). Ainda assim, os sinais não são fáceis de interpretar e certamente não são compulsórios — em vez de gerar fé, incitaram, com mais freqüência, oposição. Deus se revela em Jesus, mas a revelação raramente se encaixa em nossas expectativas. Temos idéias tão estereotipadas a respeito do que Deus faz e como o faz que, muitas vezes, interpretamos as placas indicativas incorretamente.

À medida que João nos envolve intimamente nos sete sinais descritos, percebemos como, freqüentemente, nossa preocupação e nossa arrogância nos cegam para o que está acontecendo (o mestre-sala no casamento); como nossa idéia fixa do modo que Deus opera nos leva a desconsiderar o que é absolutamente óbvio (as curas no sábado); como, num derramamento de bênção, tentamos controlar Jesus e recrutá-lo para nossas próprias causas (a alimentação dos

cinco mil); como a devastação, a morte ou seus equivalentes emocionais e circunstanciais (as circunstâncias em torno da morte e da ressurreição de Lázaro) empurram Jesus rapidamente do centro para as margens enquanto tentamos nos virar com aquilo que temos: coragem e resignação (como Tomé), acusação e pranto (como Maria) ou retaliação até o extremo do homicídio (como Caifás). Como o oficial de Cafarnaum na passagem anterior do evangelho, Marta foi a única do elenco da ressurreição de Lázaro que creu em Jesus antes de ver o sinal (11:27).

Mas nem sempre é assim. Um sinal, aquele em que Jesus acalma a tempestade, foi entendido pelos discípulos sem confusão nem ambigüidade. Viram Jesus em toda a soberania majestosa, ouviram-no proferir o nome que o identifica com Deus e o receberam de bom grado.

"E, EMBORA TIVESSE feito tantos sinais na sua presença, não creram nele" (Jo 12:37). João cita Isaías para confirmar que isso não é novo. Nós somos assim. Não temos facilidade de reconhecer os sinais da glória de Deus, nem de recebê-lo nos termos em que vem até nós. Mas a boa notícia é que os sinais estão por toda parte. Deus não é mesquinho em sua revelação. No entanto, também não oferece atalhos para nossa participação. Deus não interfere com nossa liberdade ou dignidade usando sinais ameaçadores ou intimidantes.

Não estamos acostumados com isso. Quando alguém deseja que façamos ou compremos algo, estamos acostumados a ouvir argumentos, a receber provas irrefutáveis, promessas de benefícios, a ser bajulados e, por vezes, até ameaçados. Quando uma dádiva ou bênção nos é oferecida sem esses recursos aviltantes e métodos invasivos, não sabemos muito bem o que fazer. Ao ficarmos na companhia de João e seus irmãos e irmãs canônicas, encontramos um modo de viver no qual a vida de Deus nos é concedida à maneira de Deus, em Jesus, e pode ser recebida somente mediante certas formas de fé e amor. Vamos levar algum tempo, mas tendo em vista as condições da criação em

que existimos inescapavelmente, os sinais apontam o caminho com clareza: sujeitar-nos e receber Jesus como ele é relevado em qualquer momento e em qualquer lugar, segui-lo e adorá-lo. E buscar a glória.

A glória

"Glória" é uma palavra cheia de luz transbordando de esplendor extravagante que marca a presença de Deus entre nós. Também é usada para atribuir honra, dignidade e "peso" a montanhas, a condições do tempo e a homens e mulheres, porém seu uso mais proeminente nas Escrituras se dá em relação a Deus. "Ninguém jamais viu a Deus" (Jo 1:18), mas vemos sua glória, o resplendor fulgurante que marca a presença de Deus em nossa dimensão, aqui e agora: no Sinai, no tabernáculo, no templo e, acima de tudo e de modo mais pessoal, em Jesus: "E vimos a sua glória, glória como a do unigênito do Pai" (1:14).

A predileção de João pelo termo "glória" ao recontar o significado de nossa participação na criação é notável. Palavra que se destaca ao longo de todas as Escrituras, não é tão destacada em nenhum outro livro quanto no evangelho de João. "Habitou entre nós", logo no início, é uma imagem impressionante cuja descrição engloba todo o evangelho. Dizer que Jesus, o Verbo que se fez carne, "habitou entre nós" nos leva de volta à Bíblia hebraica, ao livro de Êxodo, quando os hebreus recém-salvos foram instruídos a levantar com todo esmero uma tenda que se tornou o lugar na terra onde Deus se revelava e era adorado (Êx 25:8-9). Séculos depois, Joel profetizou sobre um tempo vindouro: "Sabereis, assim, que eu sou o SENHOR, vosso Deus, que *habito* em Sião" (Jl 3:17; grifo do autor aqui e nas passagens seguintes).

Quando Israel voltou do exílio na Babilônia, ouviu um sermão de Zacarias: "Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e *habitarei* no meio de ti, diz o SENHOR" (Zc 2:10). Ao mostrar a Ezequiel a visão do templo acabado, Deus lhe disse: "... este é o lugar do meu trono [...] onde *habitarei* no meio dos filhos de Israel para sempre" (Ez 43:7).

Assim, quando João nos diz que Jesus, a carne e o sangue do Filho de Deus que todos podem ver, *habitou entre nós,* fica claro que sua intenção é nos fazer entender que Jesus é o novo tabernáculo e o novo templo do povo hebreu. Vocês desejam ver Deus em seu meio, desejam colocar-se na presença de Deus e adorá-lo? Ele está aqui, vivendo no meio de vocês: Jesus — armando sua tenda, construindo uma casa, trabalhando.

É possível que essas palavras dêem espaço a outra associação. Nos tempos rabínicos, muitos anos depois de a Bíblia hebraica ter sido completada, o verbo hebreu "habitar" recebeu uma forma substantiva, *shekinah,* que era amplamente usada na comunidade religiosa hebraica para caracterizar a presença de Deus, Deus habitando no meio de seu povo acompanhado de uma demonstração visível de glória resplandecente. Em várias ocasiões, as Escrituras associam a presença com a glória de Deus (Êx 24:15-16 no Sinai; Êx 40:34 com referência ao tabernáculo; lRs 8:10-11 no templo de Salomão; Ez 44:4 na visão do templo restaurado). *Shekinah* tornou-se praticamente sinônimo de Deus. Quando João coloca em seqüência direta "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" e "e vimos sua glória...", é possível que vários leitores, observando a referência freqüente à glória (34 vezes) em relação a Jesus, tenham ouvido ecos do *shekinah,* da glória que revela Deus, evidente em Jesus (mas especialmente em suas orações: Jo 12:27-28; 17:1,4,5,10,22,24).

Por uma coincidência feliz, as consoantes do verbo grego "habitar" — s, k e n (*skenei*) — são semelhantes às do hebraico "habitar" — sh, k e n (*shakan* e *shekinah*). Os termos em grego e hebraico não apenas tinham o mesmo significado, mas também o mesmo *som,* as mesmas associações reforçadoras entre o lugar onde o povo se reunia e adorava a Deus e a pessoa de Jesus, na qual os fiéis se encontravam com Deus e o adoravam.

Jesus é a pessoa na qual vemos Deus presente, habitando entre nós, Deus aqui e agora. Jesus nos chama a sair das bibliotecas, das salas de aula e auditórios onde

estudamos o passado rico e célebre da revelação de Deus; Jesus desafia nossas preocupações obsessivas com imagens de como e quando Deus finalmente realizará seus propósitos para nós e para a humanidade. "Veja o que está bem diante de você: *Eu sou".* Os sinais estão por toda parte, as palavras ecoam em nossa mente e nosso coração. A glória.

Mas, uma vez que olhamos atentamente para Jesus guiados por João, somos obrigados a reavaliar consideravelmente o que entendemos como glória. Os trovões e raios do Sinai, os rituais complexos, os tecidos e as diretrizes para a adoração na tenda no deserto, os esplendores arquitetônicos do templo de Salomão, a imagem deslumbrante dos querubins giroscópicos do trono de Ezequiel, a oração-poema estrondosa do salmo 29 que rege toda a criação em harmonias sinfônicas — agora, tudo isso é pano de fundo para a glória que vemos em Jesus.

Nada do esplendor transmitido nessas expressões anteriores de glória pode ser desconsiderado ou minimizado em qualquer sentido. Neste momento, porém, essa glória deve ser reconceituada, recebida e assimilada conforme Jesus a revela: um Jesus que pode ser ignorado, um Jesus que não impressiona, um Jesus que sofre, é rejeitado, escarnecido, pendurado numa cruz e — a afronta final e irrefutável — morto e sepultado. Tudo isso está incluído no conteúdo de "e vimos sua glória".

No eixo central de seu evangelho, João apresenta a declaração mais expressiva e crítica, e também mais desconcertante, sobre a glória. Jesus antevê sua morte iminente. Ele diz: "É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto [...] Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome" (12:23-38).

Ao que parece, Jesus tem uma opção. Ele pode pedir ao Pai que o salve da hora da morte. Ele pode pedir que Deus o livre da fornalha ardente e da cova dos leões. Ele pode pedir

que o Pai glorifique o Filho em triunfo, como Moisés atravessando o mar Vermelho, como a marcha de Josué ao redor de Jericó, como a carruagem de fogo de Elias. Ele pode pedir uma alternativa para a morte sacrifical. Ele considera essa possibilidade ou, pelo menos, sabe que ela existe. Mas não é isso que ele pede.

Essas palavras são suscitadas por Filipe e André, que vão procurar Jesus e lhe dizer que alguns gregos desejam vê-lo. Jesus tem uma excelente oportunidade evangelística de usar a curiosidade desses "interessados" para recrutar seguidores gregos. Mas ele ignora o pedido, que provavelmente chamaríamos de "oportunidade". É possível que Jesus tenha percebido que os gregos eram turistas e que só estavam em Jerusalém naquela semana de Páscoa para ver as atrações da cidade, inclusive o Mestre nazareno.

Jesus começa e termina essa passagem com a palavra "glória". A glória, o resplendor da presença de Deus bem aqui em nossa terra sem dúvida tem algo, ou talvez tudo, a ver com a morte e o sepultamento iminentes de Jesus. Para entender isso, precisamos reaprender algumas coisas. Nesse momento, os dicionários e estudos de palavras hebraicas e gregas, as etimologias e definições de que gostamos tanto são radicalmente relativizados. Jesus pega a palavra que define resplendor em nosso vocabulário e a lança na cova mais profunda da experiência, a morte violenta e excruciante. Tudo o que sempre associamos a glória precisa ser remodelado: entramos num mistério.

Mas não se trata de um mistério total. Todo jardineiro entende um pouco desse assunto: a cada primavera, enterramos sementes no jardim e, em poucas semanas, desfrutamos as flores que se abrem e nos alimentamos dos vegetais que crescem. A metáfora permite nossa participação. Como fez em tantas ocasiões, Jesus usa uma experiência conhecida — neste caso, plantar uma semente no solo — para nos conduzir a algo desconhecido, o mistério que ele deseja que adentremos: a glória.

A glória é o que buscamos. Não obstante o que a glória possa ser, não é apenas mais um aprimoramento daquilo que

temos. Acaso supomos que a vida cristã é simplesmente nossa vida humana, biológica, intelectual e moral, desenvolvida e elevada alguns graus acima do nível comum? Acaso imaginamos que a fé em Jesus é um tipo de mecanismo, como o macaco do carro que usamos como alavanca para alcançar um patamar superior de onde temos acesso a Deus?

A figura de Jesus, em conjunto com seu sacrifício imediatamente subseqüente, é totalmente contrária à nossa cultura de buscar cada vez mais. Seria possível Jesus ter deixado isso mais claro? Não nos tornamos mais; tornamo-nos menos. Em vez de nos agarrarmos com mais força àquilo que valorizamos, soltamos. "Quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salva-la-á". "Bem aventurados os humildes de espírito", foi uma outra forma que Jesus usou para expressar essa realidade.

A questão é que devemos deixar Jesus definir para nós o que é glória, pois, de outro modo, será impossível entendê-la. Do nosso ponto de vista, o mais impressionante é que tão poucas pessoas ao redor de Jesus "viram sua glória". Estavam olhando diretamente para ela e não a enxergaram. Detectaram em Jesus uma série de coisas, como ignorância, falta de sofisticação, blasfêmia, desconsideração pela lei, uma oportunidade imperdível de explorar outros, uma ameaça que poderia destruir um modo de vida privilegiado e, por fim, na crucificação, fracasso abjeto.

Um dos dados extraordinários do evangelho de João está no fato de que, apesar de ele declarar explicitamente que foi escrito para crermos em Jesus como Filho de Deus, mostra poucas pessoas crendo nele de fato. Na presença de todos esses sinais, apesar de todas as conversas, orações e discursos nos quais Jesus se identificou repetidamente como Palavra de Deus, *ego eimi,* fazendo a criação, a salvação e a plenitude de vida existirem por meio de sua palavra, não foram muitos os que viram sua glória.

UMA DIFICULDADE séria dentro da realidade da igreja é a dissimulação da glória com substitutos respeitáveis, como

aceitação, honra, sucesso e "relevância". Tentamos compreender, mas falhamos repetidamente. Os gregos não compreenderam. Como turistas visitando os lugares sagrados com suas câmeras prontas e guias de viagem na mão, tentaram contratar Filipe como guia turístico para Jesus. Mas Jesus não posou para as fotografias deles. Ele já estava orando em preparação para a cruz. Havia tempo, vinha fazendo alusões à glória que estava prestes a ser plenamente manifestada ("É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem"), mas de uma forma que ninguém esperava: a morte — uma morte terrível, porém escolhida voluntariamente.

"Diga aos gregos para voltarem para casa e fotografarem o Partenon."

Poucas horas depois dessa justaposição chocante e desconcertante da glória com a morte, Jesus ora por seus discípulos, para que eles (e isso nos inclui) sejam glorificados com a mesma glória: "Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos" (17:22).

A glória com a qual Jesus foi glorificado e que, em sua oração, pediu que Deus nos concedesse é muito diferente dos tipos de glória que nos condicionamos a desejar e admirar. Essa glória não é conspícua. Não é glamorosa. Não é a glória que aparece nas revistas famosas ou em pôsteres de viagem. Não é uma glória que os editores de moda podem ver. Não é uma glória que satisfaz nossas cobiças e nosso ego.

Nem por isso deixa de ser glória. Uma vez que a percebemos, essa glória é o esplendor que irradia de Deus quando ele se muda para a nossa vizinhança. Os seguidores de Jesus precisam reaprender repetidamente o significado de palavras corrompidas por nossa cultura e depreciadas por nosso pecado. Jesus é o dicionário no qual procuramos o significado das palavras. Quando procuramos a glória em Jesus, descobrimos — você está preparado? — obscuridade, rejeição e humilhação, incompreensão e equívoco, vida sacrificial e morte obediente: a presença esplendorosa de Deus iluminando aquilo que o mundo despreza ou ignora.

Assim como a glória era evidente em Jesus para aqueles que observavam os sinais e discerniam indícios com base em suas palavras, também os seguidores contemporâneos de Jesus podem ver esse resplendor. Nós, cristãos, não precisamos esperar a morte para morrer. Não precisamos esperar nosso funeral para entrar na glória. Como Teresa de Ávila, uma das cristãs mais irreverentes e audaciosas, costumava dizer: "A recompensa começa nesta vida".[55]

EIS MINHA TRADUÇÃO do versículo 14 do primeiro capítulo de João:

> A Palavra se tornou carne
> E mudou-se para a nossa vizinhança. Vimos sua glória com nossos próprios olhos,
> A glória singular,
> Tal Pai, tal Filho, Generoso por dentro e por fora,
> Verdadeiro do começo ao fim.

"Mudou-se para a nossa vizinhança" evoca outra memória da minha infância, quando tinha dez anos. Era fim de agosto na pequena cidade de Montana, onde cresci. Um caminhão de mudança chegou à nossa rua e parou na frente da casa ao lado da nossa, que havia ficado vazia vários meses. Esperamos o verão todo para ver se alguém se mudaria, curiosos para saber quem seriam os nossos vizinhos. Então, quando o caminhão chegou, tudo mudou. Era de uma empresa de mudanças conhecida, pintado de vermelho e branco, com um logotipo azul, um caminhão enorme, com meia quadra de comprimento. Ocupou toda a rua, trazendo consigo uma aura de expectativa na vizinhança, a promessa de vida nova.

---

[55] "Meditations on the Song of Songs", em *The Collected Works of Teresa of Ávila,* vol. 2, p. 246.

Em nossa cidade, quando alguém se mudava, costumava telefonar para todos os conhecidos que tinham picape e pedia ajuda. No dia da mudança, cinco ou seis sujeitos com picapes paravam na frente da casa para fazer o transporte. Eu participava da maioria das mudanças, pois a picape vermelha de meu pai, com capacidade para meia tonelada, era sempre muito requisitada. Carregar coisas de casas que até então eu havia visto só por fora, descobrir segredos de porões e sótãos, dar uma espiada nos bastidores da vida das pessoas... tudo isso era uma grande aventura para mim, e eu aproveitava cada instante. Avaliava a vida de cada família de acordo com seus móveis e quadros, formava opiniões com base na organização ou na bagunça dos armários, vasculhava a tranqueira que jogavam fora à procura de pistas que revelassem como viviam. As picapes saíam lotadas. Minha impressão agora é que sempre havia um colchão em cima de tudo e cadeiras da cozinha amarradas lado a lado, a carga toda equilibrada precariamente enquanto partíamos em caravana para a casa nova do outro lado da cidade.

Mas essa experiência agora era inédita: um caminhão de mudança levando mais do que oito ou dez picapes poderiam carregar. Em nossa cidade, mudar era mais uma questão de troca de residências entre pessoas que já conhecíamos ou parentes delas; na maioria, tratava-se apenas uma variação do tema de sempre. Mas aqui havia algo promissor. Meus amigos Freddy e Bob e eu ficamos ali parados, observando, cheios de expectativa, querendo saber como nossa vida estava prestes a ser transformada. Estávamos prontos para uma reviravolta. Com o tédio do fim das férias, estávamos mais do que preparados para um pouco de emoção.

Os novos proprietários da casa só chegariam dois dias depois, de modo que as únicas evidências que tínhamos para avaliá-los eram os objetos que víamos ser descarregados do caminhão. Quem eram essas pessoas? Como seriam como vizinhos? Não desgrudamos os olhos dos carregadores enquanto trabalhavam, sempre alertas para sinais de como

nossa vida mudaria. Ficamos lá o dia todo, observando o que saía do caminhão, fazendo deduções e conjeturas.

Logo no começo, os carregadores tiraram duas bicicletas — isso significava que havia criança na família e que teríamos novos amigos para brincar. Então, vieram os esquis. Morávamos numa região com várias estações de esqui, mas nenhum de nós havia esquiado; esse era um esporte só para crianças ricas — era evidente que o nível de nossa vizinhança estava subindo. Depois apareceu uma moto. Eu nunca havia chegado perto de uma moto antes — quem sabe nos levariam para dar umas voltas? Cada objeto tirado do caminhão era uma pista do que poderíamos esperar de nossos novos vizinhos. Quando um espelho enorme apareceu, tivemos certeza de que a família era rica. Todos os móveis pareciam caros. Havíamos ganhado a loteria. Só de se mudarem para a nossa vizinhança, esses desconhecidos já estavam transformando nossa vida. Nunca mais teríamos tédio. Nunca mais seríamos gente comum.

Dois dias depois, os vizinhos chegaram: senhor e senhora Tipton e seus dois filhos adolescentes, Billy e Cynthia. O carro sofisticado tinha placas de Nova York. Era a cereja do *sundae:* podíamos sentir a cultura e a celebridade do leste passando para nós. De repente, nossa vizinhança ficou melhor, mais interessante e importante. Mal podíamos conter nossa empolgação e expectativa.

Quando João diz que Jesus "habitou entre nós", se mudou para nossa vizinhança, ele nos prepara para nos envolvermos num processo semelhante de observação: procurar sinais, ouvir as palavras e interpretar o que vemos e ouvimos. João desperta nossa curiosidade e nossa expectativa. Queremos saber o que Deus está fazendo em sua criação — somos todos olhos e ouvidos.

Mas naquele verão em que os Tiptons chegaram a Montana, as coisas não deram muito certo. Billy e Cynthia detestavam morar em nossa cidadezinha. Chamavam-na de "vilarejo no meio do mato" e diziam que éramos "caipiras". Nunca sequer chegamos perto daquela Harley Davidson cromada, e a única coisa que eles nos ofereceram foi

desprezo. A julgar pelo que contavam, antes de se mudarem sua vida se resumia a tomar sol na praia, assistir aos jogos dos Yankees, andar nas carruagens do Central Park e caminhar pela Broadway para ver gente famosa. O senhor Tipton nunca falou conosco. Arrogante, ele ia e vinha sem fazer caso de ninguém, sempre com um grande charuto preto na boca, deixando um rastro de fumaça fedida na rua.

Alguns dias depois da chegada deles, nossas mães prepararam pratos de biscoitos e meus dois amigos e eu fomos entregá-los. A senhora Tipton abriu a porta, pegou os biscoitos, agradeceu sem sequer sorrir e fechou a porta. Esperávamos um convite para entrar, ver como aquela gente rica e importante do leste vivia. Meus amigos e eu nos vingávamos, imaginando que cachorro da vizinhança o senhor Tipton havia seguido para pegar aquela coisa que ele gostava tanto de fumar. Um acontecimento aparentemente tão promissor não havia correspondido em nada às expectativas. Foi pura decepção. Bateram a porta na nossa cara. Descobrimos que havíamos interpretado todos os sinais incorretamente.

Mas, no evangelho de João, as pessoas à procura de pistas — os sinais e ditos para os quais o apóstolo chama nossa atenção quando Jesus "se mudou para nossa vizinhança" — viram-se dentro de uma nova criação. No fim das contas, pelo menos alguns dos que observaram e ouviram descobriram que não apenas a vizinhança, mas eles próprios haviam mudado para sempre: tinham visto a glória.

COMENTAMOS SOBRE A expressão de Gênesis "no princípio", usada por João para iniciar o evangelho no qual ele reescreve a história da criação. Outra palavra próximo ao fim do evangelho indica de forma semelhante uma correspondência entre Gênesis e João, convidando a uma reflexão contínua sobre como a criação se torna pessoal e presente para nós ao seguirmos Jesus. Na noite de sua ressurreição, Jesus aparece a seus discípulos — um grupo de seguidores assustados, amontoados numa sala, escondendo-

se do mundo lá fora — e sopra neles dizendo: "Recebam o Espírito Santo" (Jo 20:22).

A expressão usada, "soprou sobre eles" (em grego *enephusesen*) é idêntica à de Gênesis 2, em que o SENHOR Deus soprou vida em Adão, que se tornou, no mesmo instante, "alma vivente". A expressão "no princípio" de Gênesis, que inicia o evangelho de João, é complementada por "soprou nas narinas o fôlego de vida" (Gn 2:7) quando Jesus sopra seu Espírito criador de vida em seus discípulos. O mesmo Espírito que se movia sobre o caos e que se tornou articulado nos oito imperativos "Disse Deus..." que criaram os céus e a terra agora se move nos discípulos para que possam dar continuidade à obra de criação do "primogênito da criação".

Não está claro, a esta altura, que, ao relatar a história de Jesus, João reescreve a história da criação em Gênesis, mostrando Jesus inserindo-se na criação nas mesmas condições em que vivemos hoje? *No tempo:* sem pressa, vagarosamente, na semana de Gênesis, em suas estações, dias e anos (Gn 1:14), que ganham foco em "naquele dia" (Jo 14:20; 16:23), "o meu tempo" (7:6), "a minha hora" (2:4), "a hora" (4:21; 5:25,28; 16:2,25), "esta hora" (12:27). E *no lugar,* no jardim do Éden em Gênesis, com suas árvores e quatro rios, estendendo-se agora a Caná e Betânia, Galiléia e Jerusalém, Samaria e Betsaida, Siloé e Gólgota, Cafarnaum e Cedrom — lugares onde Jesus andou, proferiu nomes, tocou homens e mulheres, comeu e bebeu, foi julgado, morto e sepultado.

Em momento algum Jesus se impacientou com as limitações temporais e passou por uma dobra no tempo ou evitou a espera. Em momento algum Jesus se irritou com as limitações espaciais e substituiu o lugar específico por uma "presença" etérea espiritual e generalizada. Tudo na criação era oportunidade para a glória, a criação toda manifestando a presença esplendorosa de Deus, mesmo e *especialmente* nas ocasiões e lugares mais improváveis; a linha entre o sobrenatural e o natural era sempre delineada. Ele era verdadeiramente Deus nas coisas absolutamente comuns —

cântaros de água, lodo, pedaços de pão, bacia e toalha, os 153 peixes —, coisas que continuamos tocando e usando onde quer que vivamos. E era verdadeiramente homem, proferindo palavras simples que dão conteúdo à salvação — vinho, porta, pastor, água, luz —, palavras que continuamos a usar em nossas atividades diárias.

Os dois verbos principais empregados por João para nos levar a participar da criação de modo voluntário e obediente, a fim de que não sejamos apenas espectadores, quer com aprovação, quer com descontentamento, são "crer" e "amar". Ambos nos envolvem numa realidade maior e diferente da nossa. Nenhum autor dos evangelhos usou esse dois verbos com efeito mais intenso para nos inserir na obra do Criador e da criação.[56]

Quando cremos, aceitamos o que não podemos ver, as coisas do céu. A fé é praticada numa vida de adoração e oração a Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Quando amamos, aceitamos o que podemos ver, tocar e ouvir, as coisas da terra. O amor é praticado numa vida de intimidade e cuidado entre pessoas de nossa família, vizinhança e local de trabalho.

O apóstolo João usa esses dois verbos habilidosamente para cultivar em nós uma atitude responsiva, por meio de Jesus, à toda a gama da obra da criação na qual nos encontramos imersos pelo simples fato de termos nascido, porém mais intensamente pelo fato de termos nascido de novo.

Jesus é nosso acesso à criação como o tempo e o lugar para crermos. Jesus nos insere em tudo o que é material, desde cântaros de água no casamento em Caná até o corpo fétido de Lázaro em Betânia. Coisas, substâncias, corpos são sagrados. Ao pensarmos e agirmos de forma sacramental, aprendemos a crer. Jesus nos conduz a uma consciência

---

[56] João usa "crer" somente em sua forma verbal (*pisteuo*), exceto em uma ocasião, na qual emprega o termo como adjetivo. Essa palavra ocorre 90 vezes em seu evangelho, em comparação com 34 vezes nos outros três evangelhos juntos. Outro verbo para "amar" de uso comum na época (*phileo*) é usado pelo apóstolo 13 vezes, em comparação com 8 ocorrências nos outros três evangelhos.

universal do Espírito, treinando-nos para ser "detetives da divindade",[57] para interpretarmos os sinais e entendermos as palavras como evidências da presença invisível, porém inequívoca, de Deus. Aprendemos a reconhecer a glória.

Jesus Cristo é nosso acesso à criação como tempo e lugar para amar: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16). Crer e amar — nossos caminhos de acesso à criação como seus participantes.

Cultivando o temor-do-Senhor na criação: o sábado e a maravilha

A comunidade cristã nunca supôs que seu trabalho consistisse apenas em atentar para Gênesis e João e declarar a criação como ela é revelada nesses textos. A comunidade *tem* feito isso. Precisamos conhecer a realidade da criação na qual fomos colocados. No entanto, também precisamos cultivar um temor-do-Senhor apropriado e adequado a essa realidade. Precisamos viver de maneira congruente com o lugar em que nos encontramos. Citando Kierkegaard, Karl Barth adverte contra a blasfêmia de usar o que sabemos sobre Deus de forma indiscriminada para apoiar uma vida de suposta retidão e piedade adaptada às nossas especificações pessoais, "sem o tremor que é o primeiro requisito da adoração".[58]

O que devemos fazer, então, para desenvolver esse "tremor", esse temor-do-Senhor, essa vida com atitude responsiva diante de um Deus santo, com base nas condições da criação? Como devemos viver de modo que a admiração e o espanto, que muitas vezes nos ocorrem de forma tão natural e espontânea, não sejam dissipados em preocupações triviais?

---

[57] Ouvi essa frase num sermão, mas não me recordo de quem o pregou.

[58] *The Epistle to the Romans,* p. 279.

Borgmann sugeriu a expressão "prática focal"[59] para nos conduzir a um envolvimento com a vida — o modo como "nos relacionamos com o mundo", como ele diz — que não reduza as complexidades a algo tacanho, que não as abstraia a algo sem vida, que não as manipule de modo a servirem aos nossos propósitos. Uma prática focal nos permite permanecer pessoalmente envolvidos e socialmente responsáveis numa cultura cada vez mais despersonalizada e assustadoramente fragmentada. A prática focal que dá a possibilidade de nos relacionarmos com a criação é a observância do sétimo dia. A igreja primitiva colocou seu selo sobre o mandamento mosaico declarando: "Guarda o Dia do Senhor". Trata-se de uma prática clara, sucinta e inequívoca, como toda prática focal deve ser.

O sétimo dia

> A mente que descansa é cuidada
> De maneiras que não pode intentar:
> É gerada, preservada e compreendida
> Por aquilo que não pode divisar.
> No teu sábado, ó Senhor, vem nos guardar
> Tua vontade prevaleça. Convém, então,
> Que nossa escolha seja uma: nos entregar
> A esse descanso, ou dar-lhe nosso "não".
>
> WENDELL BERRY[60]

O mais impressionante sobre guardar o sétimo dia é que essa prática começa com a decisão de não fazer nada. A palavra hebraica *shabbath,* da qual vem "sábado" em nossa língua, significa simplesmente "cessar [...] parar [...] fazer uma pausa".

---

[59] Albert Borgmann é professor de filosofia na Universidade de Montana. Ver sua obra *Technology and the Character of Contemporary Life.*

[60] *A Timbered Choir,* p. 7.

O termo, em si, não possui nenhum conteúdo religioso ou espiritual: não importa o que você esteja fazendo, pare... Não importa o que você esteja dizendo, cale-se... Sente-se e olhe ao seu redor... Não faça nada... Não diga nada... Descanse as mãos no colo... Respire fundo... A criação é tão infinitamente complexa e tão intricadamente interligada que, se não atentarmos com cuidado e profunda reverência para o que está claramente muito além de nós, é provável que acabemos interferindo — normalmente de modo prejudicial — naquilo que Deus fez e está fazendo, por mais bem-intencionados que sejamos. Assim, comece fazendo nada: observe, adore.

Não demora a ficar claro, porém, que essa prática envolve mais do que simplesmente não fazer e não falar nada. O termo "sétimo dia" aparece em Gênesis no contexto da criação, Deus criando o céu a terra. Ao completar seu trabalho, Deus descansou — parou de falar, parou de fazer (Gn 2.1-4). Em outras palavras, o "não fazer" do sétimo dia [61] se dá num contexto repleto de atividades.

Na verdade, na prática de Israel, o sétimo dia nunca foi apenas um dia de não fazer nada — o contexto não permite essa idéia. A cessação das atividades humanas transformou esse dia numa ocasião de honrar a Deus. Ele trabalhou na criação, o que significa que todo o nosso trabalho é realizado no contexto do trabalho de Deus. O sétimo dia é um ato deliberado de interferência, uma interrupção semanal de nosso trabalho, um decreto para não trabalharmos a fim de podermos observar, ouvir e assimilar essa obra grandiosa e majestosa de Deus, atentar para ela, nortear nosso trabalho segundo o trabalho de Deus.

Uma leitura de Gênesis mostra como o sétimo dia é descrito de maneira contrastante com os seis primeiros dias. Na narrativa de cada um dos seis primeiros dias, a primeira e a última linha são idênticas e pode-se observar repetições freqüentes de palavras e orações conhecidas. Essas duas

---

61 Aqui, é usado o verbo "descansar". O substantivo *shabbath,* o nome do sétimo dia, só ocorre a partir de Êxodo 16:22-30.

características não aparecem na descrição do sétimo dia. Aqui, o número do dia (sétimo) aparece duas vezes, o que não acontece antes.

Temos a nítida impressão de que Gênesis "aponta para o sétimo dia como pista para o significado da criação".[62] As evidências acumuladas mostram que, para vivermos a realidade e o significado da criação, devemos nos envolver inextricavelmente com a observância do sétimo dia. Nas palavras de Peter Forsyth, "o tempo é um sacramento da eternidade".[63] Guardar o sétimo dia é um aprendizado para a prática da eternidade. "A outra vida é, portanto, a outra vida agora", como diz Forsyth.

Os mandamentos

Nosso envolvimento com a criação é explicitado no mandamento do Sinai, para guardar o sétimo dia como santo. O sétimo dia é o único de Gênesis, isto é, o único elemento da criação, usado para constituir um mandamento na revelação do Sinai dada a Moisés (Êx 20:8). O significado imediato e óbvio disso é que o descanso sabático de Deus é algo de que os seres humanos podem participar. Se Gênesis é um texto que visa nos inserir na obra criadora de Deus como participantes, o sétimo dia é nossa porta de entrada. O estudioso judeu Jon Levenson ressalta esse fato: "Gênesis acentua a possibilidade do acesso humano [por meio da observância do sétimo dia] ao ritmo interno da própria criação".[64]

O mandamento do Sinai para guardar o sétimo dia como dia santo é o quarto da lista de dez mandamentos revelados a Moisés. É dado de duas formas, uma em Êxodo e outra em Deuteronômio. Os mandamentos são praticamente idênticos nas duas listas, mas são corroborados por razões diferentes. De acordo com a razão dada em Êxodo, foi isso

---

62 LEVENSON, *Creation and the Persistence of Evil,* p. 100.

63 Cit. RAMSEY, *A. M. P. T. Forsyth:* Período Crucem ad Lucem, p. 116.

64 *Creation and the Persistence of Evil,* p. 111.

que Deus fez; Deus trabalhou seis dias e cessou seu trabalho no sétimo dia (Êx 20:8-11). De acordo com a razão dada em Deuteronômio, quando o povo de Deus era escravo no Egito, só trabalhava, trabalhava, trabalhava — sem cessar, sem alívio; assim, eles próprios não deviam perpetuar essa opressão; deviam parar de trabalhar a cada sétimo dia para que seus servos, animais e filhos tivessem um dia de folga (Dt 5:12-15). O motivo apresentado em Êxodo incentiva uma vida de fé em Deus — guardar o sétimo dia é uma forma de participar daquilo que Deus faz; o motivo de Deuteronômio estimula uma vida de amor — guardar o sétimo dia é uma forma de amar o seu próximo, um ato simples de justiça.

O mandamento de Êxodo para lembrar o sétimo dia é corroborado pelo precedente de Deus, que descansou no sétimo dia. Quando nos lembramos do sétimo dia e repousamos, entramos no ritmo da criação e o mantemos. Movemo-nos no compasso de Deus. A observância do sétimo dia preserva e honra o tempo como a dádiva de descanso sagrado concedida por Deus: ergue um baluarte semanal contra a transformação do tempo num simples bem de consumo; contra a redução do tempo a dinheiro, a aquilo que podemos extrair dele; contra a falta de tempo para Deus, para a beleza ou para qualquer coisa que não possa ser usada ou comprada. É uma defesa contra a pressa que profana o tempo.

O mandamento de Deuteronômio para observar o sétimo dia é corroborado por uma consciência de justiça social na comunidade. Lembramo-nos do sétimo dia e descasamos nele para manter a liberdade da criação e participar dela, para compartilhar a experiência de libertação dos outros e o amor de Deus por eles. A observância do sétimo dia preserva e honra o tempo como a dádiva de liberdade sagrada concedida por Deus: ergue um baluarte semanal contra a procrastinação letárgica que gera opressão, que permite o crescimento da injustiça por não estarmos cuidando com obediência sagrada e amor devoto das pessoas, dos animais e das coisas que Deus colocou ao nosso redor.

A PROEMINÊNCIA DO MANDAMENTO do sétimo dia é reafirmada claramente por Jesus. No judaísmo do tempo de Jesus, o sétimo dia era guardado meticulosamente, mas havia sido removido do contexto da criação/salvação e transformado num instrumento cruel de opressão. As Escrituras registram cinco ocasiões (quatro delas de curas miraculosas) em que Jesus condenou as distorções do sétimo dia e o restaurou como uma dádiva para viver em obediência livre diante de Deus e com ele (Mc 2:23-28; 3:1-6; Lc 14:1-6; Jo 5:1-18; 9:1-41).

Adoração

Então, como incorporar esses ritmos da criação e da observância do sétimo dia à nossa vida para podermos trabalhar em harmonia com a atuação de Deus, de modo a viver de maneira mais ou menos coordenada com Deus em sua criação? A resposta óbvia (pelo menos, a julgar por sua popularidade) pode ser pegar binóculos e começar a observar os pássaros para conhecer melhor os hábitos extraordinários e interessantes dos falcões e das andorinhas; ou pegar uma vara de pesca e aprender a entender os rios, estudar quais insetos os peixes preferem ou o modo correto de lançar a linha de pesca suavemente sobre a água cheia de trutas; ou, ainda, uma máquina fotográfica e uma porção de lentes diferentes e fotografar flores e colibris.

Mas, neste caso, a resposta óbvia não é a certa. Não há nada de errado em observar passarinhos, pescar salmões ou fotografar orquídeas selvagens. Mas para Israel e a igreja, a observância do sétimo dia deve inserir-se em atos semanais de adoração na companhia do povo de Deus. Guardamos o sétimo dia de modo mais adequado quando entramos num lugar de adoração, nos reunimos com uma congregação, cantamos, oramos e ouvimos Deus.

Essa é a sabedoria antiga que desconsideramos por nossa própria conta e risco. Evidências amplas de várias civilizações ao longo de muitos milênios associam a formação do mundo, a criação com a construção de templos visando a

adoração. A criação e organização do mundo são vinculadas continuamente à construção de um lugar de adoração e a uma ordem de adorar nele. A construção dos lugares de adoração visa "concretizar e estender a criação através da representação humana".[65] Isso se faz não apenas pela oração e o louvor, mas também pela aceitação repetida dos mandamentos, das promessas e das bênçãos a fim de praticá-los na criação em que vivemos. Gosto do comentário de Garrison Keillor: "O domingo é esquisito quando não vamos à igreja pela manhã. É o momento da semana em que acertamos nosso rumo. Quando deixamos de fazê-lo, seguimos apenas o nosso próprio nariz".[66]

Assimilamos os ritmos da criação por meio do ato de adoração no lugar e no tempo. A adoração é o meio principal pelo qual mergulhamos nos ritmos e nas histórias da obra de Deus e aprendemos o conceito apropriado do trabalho, de obra criadora. Nosso trabalho não deve ser uma improvisação confusa; antes, deve ser congruente com a *maneira* que Deus trabalha. E isso começa com a observância do sétimo dia: o descanso, a bênção, a consagração, sem os quais a semana da criação não está completa. Os ritmos da criação de Deus, consumados nos mandamentos para descansar no sétimo dia, são reproduzidos em nossa vida por meio de atos de adoração numa estrutura, num lugar e num tempo que permitem nossa participação.

Quando nos dirigimos ao nosso lugar de adoração, adentramos, com uma visão nova e perceptiva e com o coração transformado e obediente, um mundo no qual somos a imagem de Deus participando de sua obra criadora. Tudo que vemos, tocamos, sentimos e provamos traz dentro si os ritmos de "Disse Deus...", "e assim se fez...", "era bom ...". Adquirimos a aptidão de discernir os sinais de Jesus e captar as palavras que revelam sua presença e sua glória. Mais do

---

[65] LEVENSON, *Creation and the Persistence of Evil,* p. xxi.

[66] Citado em Todd ESHTMAN, "Visiting Lake Wobegon".

que nunca, ficamos profundamente à vontade dentro da criação.

A HISTÓRIA QUE NOS MOSTRA isso e, ao mesmo tempo, associa criação e adoração se encontra no livro de Êxodo.

Mais de três mil anos atrás, Moisés desceu do monte Sinai carregando tábuas de pedra com os mandamentos de Deus e trazendo nos lábios a palavra de Deus. Havia acabado de receber a instrução sobre como conduzir os hebreus a uma vida de liberdade madura, obediente e sagrada. Mas o povo que pouco antes fora libertado de um mundo de escravidão opressiva e agora vivia em liberdade — salvo e livre — tinha uma identidade de escravo arraigada dentro de si havia várias gerações. A tarefa não seria fácil e, certamente, não seria rápida — nem mais fácil e, certamente, nem mais rápida para eles do que para nós.

Ao descer do monte Sinai, Moisés transmitiu ao povo uma síntese das instruções e dos mandamentos revelados por Deus (Êx 20:1—24:11) e, depois, voltou ao monte para receber outras prescrições, desta vez, uma série de diretrizes complexas sobre o culto (Êx 24:12—31:18). Tudo foi apresentado em detalhes: a estrutura do culto, os materiais, os sacrifícios e a liderança para o culto. Essas instruções foram apresentadas dentro de uma estrutura séptupla semelhante à de Gênesis, com sete discursos de Deus a Moisés (25:1; 30:11,17,22,34; 31:1,12). O sétimo e último discurso trata do sétimo dia.

Moisés, porém, passou um longo tempo no monte, quarenta dias e quarenta noites. Nesse ínterim, impaciente para prosseguir com sua nova vida de liberdade, o povo decidiu que queria desenvolver o próprio culto. Usando uma expressão de nosso tempo, os israelitas queriam um culto que "pudesse lhes oferecer alguma coisa". Assim, convenceram seu co-pastor, Arão, a lhes proporcionar um tipo de culto que satisfizesse seu desejo de novidade e entusiasmo, algo que, no fim das contas, não passava de um reflexo do mundo egípcio cheio de pompa e extravagância.

Como acontece com freqüência no meio dos excluídos e marginalizados, o mesmo mundo onde sofria a opressão era também objeto de desejo e inveja do povo oprimido.

Sabemos o que aconteceu (Êx 32—33). O bezerro de ouro que eles próprios criaram e adoraram visando seus interesses egoístas — recusando-se a esperar, desprezando o descanso, recusando a contemplação — quase os destruiu. Mas Moisés intercedeu por eles com imensa bondade, e o povo teve a chance de recomeçar. Moisés subiu o Sinai novamente (Êx 34) e, dessa vez, quando voltou, colocou o povo para trabalhar, preparando-o para aquilo que se tornaria o ato central de sua vida, a saber, o culto (Êx 35—40).

Moisés deixa claro que a construção do tabernáculo tem como fim primeiro e último a adoração. A primeira série de mandamentos recebidos no Sinai termina com instruções sobre a observância do sétimo dia; esta segunda série começa com instruções sobre o sétimo dia. O culto é o modo fundamental com que os membros do povo de Deus acompanham o ritmo da criação e encontram seu lugar nela, descobrem quem são e de onde vieram, internalizando as cadências do Deus que fez os céus e a terra, que ordenou "Haja luz", que criou homem e mulher, que disse "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a", que "viu... tudo quanto fizera, e eis que era muito bom", que descansou no sétimo dia e o santificou.

O texto é inequívoco: lembrem-se do sétimo dia e observem-no; apliquem a semana de Gênesis em sua vida nessa prática sublime de contemplação; insiram a criação em seu sistema nervoso; recebam os verbos momentosos da criação em sua alma; façam amizade com este mundo de céu e mar, peixes e aves, animais domésticos e plantas, homens e mulheres.

Duas repercussões verbais de Gênesis nas instruções de culto em Êxodo estabelecem um vínculo ainda mais estreito entre a criação e a adoração. A primeira diz respeito a Bezalel, o mestre de obras encarregado de preparar o local e os utensílios para o culto. Em duas passagens, o texto diz

que "o Espírito de Deus encheu" Bezalel, primeiro quando os planos para o culto são apresentados (Êx 31:3) e, depois, na seqüência do desastre com o bezerro de ouro, quando os planos são executados (35:31). *Ruach elohim* é uma expressão idêntica àquela empregada no início da criação dos céus e da terra: "... e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas" (Gn 1:2). Ao construir o lugar de adoração, Bezalel é ligado à obra divina de criação dos céus e da terra.[67]

A outra expressão do relato da criação em Gênesis que ressoa na obra relacionada ao culto em Êxodo é "terminado a sua obra". "Havendo Deus terminado [...] a sua obra" (Gn 2:2) é retomado no final de Êxodo: "Assim Moisés acabou a obra" (Êx 40:33). Mais uma vez, criação e adoração são colocadas em paralelo.

Inúmeras propostas imaginativas associam a criação em Gênesis ao ato de culto em comunidade, reafirmando e aprofundando os elementos de correspondência entre a criação e a adoração. Muitas dessas propostas são mais fantasiosas do que exegéticas, mas, pelo menos, transmitem a percepção correta de que devemos atentar com grande zelo para nossa cidadania tanto na terra (o mundo da criação) como no céu (o mundo da adoração).[68]

---

[67] A construção de um templo como participação na obra divina da construção do mundo também fica evidente no templo de Salomão, a outra operação de construção de grandes proporções apresentada nas Escrituras. Vários estudiosos investigaram a fundo quão detalhadamente o templo de Salomão reflete e espelha o mundo da criação e, então, recebe seu selo final de Gênesis na oração de dedicação feita por Salomão e proferida na forma de sete petições (lRs 8:31-32,33-34,35-36,37-40,41-43,44-45,46-51). Para um resumo, ver LEVENSON, *Creation and the Persistence of Evil,* p. 90-99.

[68] "A exegese de Fílon continua sendo uma das tentativas mais impressionantes de realizar uma interpretação simbólica coerente, e sua influência na história posterior dificilmente pode ser superestimada. Para Fílon, o tabernáculo era uma representação do universo, com a tenda simbolizando o mundo espiritual e o pátio, o material. Além disso, as quatro cores indicavam os quatro elementos do mundo, o candelabro com suas sete lâmpadas representavam os sete planetas, e os doze pães simbolizavam os doze signos do zodíaco e os doze meses do ano". Brevard CHILDS, *The Book of Exodus,* p. 547-548.

Trabalho

Não podemos entender nem o caráter nem a relevância do sétimo dia sem considerarmos o trabalho e o local onde o realizamos. O trabalho não nos afasta de Deus; antes, dá continuidade a sua obra por nosso intermédio. O sétimo dia e o trabalho não são opostos; são partes integradas de um todo orgânico. Um depende do outro.

A maneira mais óbvia de entender isso é observar que logo na primeira página das Escrituras Deus aparece como trabalhador. Vemos Deus em ação em seu local de trabalho (que, aliás, é o nosso local de trabalho). E, ao longo da narrativa lenta de seu evangelho, João mostra com repetida insistência (27 vezes!) Jesus trabalhando: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (Jo 5:17).

Trata-se de um fato de suma importância. Jesus adota a criação como seu lugar de trabalho; ele antevê sua crucificação como o último retoque dessa semana de trabalho: "[Eu consumei] a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo" (Jo 17:4-5), em paralelo com o sétimo dia de Gênesis: "E havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera" (Gn 2:2). Deus, em Gênesis, e Jesus, em João, não são abstrações — "poder superior", "amor eterno" ou "ser puro" —, mas trabalhadores com um nome, trabalhando num lugar onde nós continuamos a trabalhar.

Nosso local de trabalho é a criação, que nos fornece a luz para trabalhar, o solo sob nossos pés, o céu acima de nós, as plantas e árvores que cultivamos, os ritmos do ano, os peixes, as aves e os animais da cadeia alimentar. À medida que Deus trabalha nos dias da semana e desenvolve cada detalhe, um refrão se repete: "E viu Deus que isso era bom". Bom... bom... bom. Sete vezes nos seis dias, ouvimos: "E viu Deus que isso era bom". A sétima e última declaração é superlativa: "E eis que era muito bom" (Gn 1:31). Bom trabalho. Bom local de trabalho. Então, e só então, vem o sétimo dia. Não podemos entender o sétimo dia corretamente sem considerar o trabalho, assim como não podemos entender o trabalho corretamente sem considerar o sétimo

dia. Wendell Berry cria um rito entre o dia de trabalho e o sétimo dia em mais um de seus poemas sobre o sábado:

> ... o dia de trabalho
> E o sábado vivem juntos em um só local.
> Ainda que mortal e incompleta, essa harmonia,
> É nossa única chance de paz real.[69]

O sétimo dia é o último de uma série de dias de trabalho, cada um considerado por Deus como sendo bom. O contexto de trabalho no qual o sétimo dia se encontra inserido é enfatizado pela repetição tripla da expressão "a sua obra que fizera...", "a sua obra que tinha feito...", "de toda obra que, como Criador, fizera". Mas o caráter distintivo do sétimo dia é transmitido por quatro verbos: "Deus *terminou* sua obra... ele *descansou...* Deus *abençoou* o sétimo dia e o *santificou"* (Gn 2:2-3).

Os quatro verbos nos levam para além do local de trabalho em si. Há mais coisas envolvidas no trabalho além de trabalhar — há Deus: Deus terminando, Deus descansando, Deus abençoando, Deus santificando. Quase todos nós passamos a maior parte do tempo no lugar onde trabalhamos. Mas, sem o sétimo dia, no qual Deus vai além do local de trabalho (mas não se separa dele), esse lugar onde trabalhamos logo perde todo o sentido da presença de Deus, e o trabalho torna-se um fim em si. É esse "fim em si" que transforma um local de trabalho desprovido do sétimo dia em terreno fértil para ídolos. Fazemos ídolos em nosso local de trabalho quando reduzimos todos os relacionamentos a funções que podemos gerenciar, às dimensões do nosso ego e nosso controle.

Hoje em dia, o mundo dos negócios tem dedicado atenção considerável à observância do sétimo dia. Descobriu-se que observar o sétimo dia gera benefícios no local de trabalho no que diz respeito à saúde, relacionamentos e

---

[69] *A Timbered Choir,* p. 14.

produtividade. Isso pode ser verdade, mas não são esses os motivos pelos quais guardamos o sétimo dia. Não estamos interessados, primeiramente, numa vida mais longa, em maturidade emocional, em mais atividade física ou produtividade mais elevada; estamos interessados em Deus e em Cristo ser formado dentro de nós; de igual modo, estamos interessados na criação consumada na ressurreição.

O sétimo dia não diz respeito, em primeiro lugar, a nós mesmos ou às formas como ele nos beneficia, mas a Deus e como ele nos forma. Não diz respeito, em primeiro lugar, ao que fazemos ou deixamos de fazer, mas a Deus terminar, descansar, abençoar e santificar. Trata-se de coisas sobre as quais não temos muito conhecimento; estão além de nós, mas não além de nosso reconhecimento e participação.

No entanto, observar o sétimo dia significa, sim, parar e se aquietar tempo suficiente para ver, com espanto, a maravilha da ressurreição. Ao nos colocarmos em pé ou nos assentarmos em atitude receptiva de surpresa e aberta para o que está além de nós, para aquilo que não podemos controlar, cultivamos o temor-do-Senhor. Nossa alma é formada por aquilo que não podemos executar ou gerenciar: respondemos e participamos daquilo que a ressurreição de Jesus continua a realizar sobre os fundamentos da criação, que é nosso trabalho e local de trabalho.

NA AUSÊNCIA DO SÉTIMO DIA — se não há interrupção regular e ordenada do trabalho e das palavras —, não demoramos a nos envolver completamente com aquilo que estamos fazendo e dizendo, e a obra de Deus é esquecida ou marginalizada. É quando trabalhamos que somos mais semelhantes à divindade, o que significa que é em nosso trabalho que temos mais facilidade para desenvolver pretensões à divindade. Sem o sétimo dia, nosso trabalho torna-se o contexto total dentro do qual definimos nossa vida. Perdemos a consciência de Deus, a percepção de Deus, as visões extraordinárias da ressurreição. Perdemos a capacidade de cantar: "Este é o mundo de meu Pai", e

acabamos cantarolando uma porção de canções egocêntricas sobre aquilo que *nós* fazemos e sentimos.

Trata-se do mandamento mais difícil de ser guardado, do exercício mais difícil de ser cultivado. É uma das práticas mais abusadas e distorcidas da vida cristã. Ao longo dos séculos, não foram poucos os que sofreram sob regimes opressivos de observância do sétimo dia. Também não são poucos aqueles dentre nós que servem de opressores. Hoje em dia, é difícil reunir uma congregação de cristãos que não tenha em seu meio tanto opressores quanto oprimidos. João relata duas curas de Jesus realizadas no sétimo dia (caps. 5 e 9) que servem de advertência severa contra práticas superficiais, legalistas ou opressivas relacionadas ao sétimo dia. Em várias ocasiões, Jesus manifestou posição contrária a pessoas que tinham idéias equivocadas acerca da observância do sétimo dia. (Ver também Mc 3:1-6; 3:23-30; Lc 14:1-6). E um fator que contribuiu para esses conceitos errados foi o rompimento do vínculo entre o sétimo dia e o trabalho.

Não vejo, porém, uma forma de contornar essa questão: a fim de viver corretamente dentro da criação, é necessário guardar o sétimo dia. Devemos parar de correr de um lado para o outro o tempo suficiente para ver o que Deus fez e está fazendo. Devemos nos calar o tempo suficiente para ouvir o que ele disse e está dizendo. Todos os nossos antepassados concordam que, sem silêncio e quietude, não há espiritualidade, não há como levar uma vida atenta e responsiva diante de Deus.

OS CRISTÃOS ORIENTADOS pela observância do sétimo dia podem começar a reconceituar, reestruturar e restaurar o dia do Senhor como um dia que desenvolve o não-fazer e o não-falar — liberando as pessoas ao nosso redor para não fazer nada nesse dia. A reunião dominical para o culto tem uma tradição longa e honrada em nosso grupo e, para a maioria de nós, proporciona a melhor maneira de ouvir e adorar o Jesus ressuscitado. É preciso, porém, manter a simplicidade.

Pastores e líderes de igrejas costumam abarrotar o dia do Senhor de atividades: comitês, reuniões, projetos, missões, atividades sociais. O excesso de trabalhos e palavras perturba o silêncio e a tranqüilidade do sétimo dia. Muitas vezes, por saberem que os membros de suas congregações terão esse tempo disponível para eles no domingo, os líderes conspiram para levá-los a se envolver em tudo que supostamente seja salutar para a alma desses membros e proveitoso para a igreja. Esses líderes podem ser bem-intencionados, mas estão redondamente enganados. A única coisa que fazem é ocupar as pessoas para o Senhor a tal ponto de elas deixarem de ter tempo para o Senhor, e sobrecarregá-las de informação sobre Deus a ponto de não terem nenhuma oportunidade de ouvir Deus.

Se levamos a sério nosso objetivo de viver bem na criação de Deus, podemos começar limpando o entulho dos domingos e, então, nos envolver em formas conjuntas de fazer nada e dizer nada: "Em vos converterdes e em sossegardes, está a vossa salvação; na vossa tranqüilidade e na confiança, a vossa força" (Is 30:15). Cultive a solitude. Cultive o silêncio. Não há nada de novo nesse conselho; é a recomendação central daqueles que vêm nos conduzindo a uma vida obediente e fiel de missão e oração nos últimos vinte séculos. Não tenho nada de novo a dizer sobre esse assunto; porém, estou convencido de que é essencial dizer isto de novo, dizê-lo com urgência, dizê-lo em nome de Jesus, corroborado pela autoridade de Moisés: guarde o sétimo dia — atente para a criação... adore o Criador.

Se nosso desejo é fazer mais do que simplesmente contribuir com uma dimensão religiosa para a desintegração do nosso mundo, mais do que nos juntarmos às multidões que profanam a criação com sua pressa e inquietação frenética e ruidosa, devemos atentar para as dádivas que recebemos e para quem concede essas dádivas. Um passo enorme para a renovação da criação hoje, esse campo no qual o Cristo ressuscitado atua com tanta exuberância, é não dar o passo seguinte: permanecer onde estamos, ouvir nosso Senhor: atentar... adorar.

A maravilha

> O que aconteceu, de fato, durante os últimos sete dias e noites? Sete vezes fomos dissolvidos em escuridão como seremos dissolvidos no pó; tanto quanto sabemos, nosso próprio ser foi apagado do mundo das coisas vivas. Sete vezes fomos ressuscitados como Lázaro e descobrimos, com a chegada do dia, que todos os nossos membros e sentidos se encontram inalterados.
> G. K. CHESTERTON[70]

A atenção e a adoração que a observância do sétimo dia desenvolve geram em nós a capacidade de nos maravilharmos com as condições da criação que permeiam os dias da semana. A ressurreição de Jesus é a narrativa exemplar para vermos esse processo em funcionamento e o colocarmos em prática.

Quando João reescreve Gênesis, a ressurreição de Jesus completa o relato da criação. A semana da criação em Gênesis se consumou quando Jesus descansou ("foi sepultado") no sétimo dia, sábado. Então, Jesus se apresentou vivo para os seus amigos logo cedo na manhã no dia seguinte. Com o passar do tempo, eles perceberam que haviam se tornado parte de uma nova criação, marcada por essa ressurreição no "oitavo dia". Aos poucos, as tradições e os preceitos associados ao sétimo dia foram transferidos para o domingo, chamado de "primeiro dia" (Mc 16:2 e Jo 20:19) e "dia do Senhor" (Ap 1:10).

A maravilha da ressurreição

Os quatro evangelistas completam suas narrativas do evangelho com um relato ou relatos da ressurreição de Jesus. Abordam o acontecimento por ângulos diferentes e fornecem detalhes diversos, mas apresentam um elemento em comum: todos transmitem uma sensação de maravilha, espanto,

---

[70] Citado em Maise WARD, *Gilbert Keith Chesterton,* p. 397.

surpresa. Apesar das várias alusões espalhadas pelas Escrituras hebraicas e das três declarações explícitas de Jesus prenunciando sua ressurreição, quando ela aconteceu, todos foram pegos de surpresa — ninguém fazia idéia de que haveria uma *nova* criação. As primeiras pessoas envolvidas na ressurreição de Jesus também tiveram de lidar com sua morte; viram-se obrigadas, então, a dar meia-volta e lidar com a vida, e o fizeram profundamente maravilhadas.

AO MEDITARMOS SOBRE os quatro relatos da ressurreição, nossa maravilha diante da criação (agora sob a forma de maravilha diante da ressurreição) se acumula. As quatro histórias são sucintas, compactas e narradas com parcimônia. Desse substrato de austeridade narrativa, alguns dados surgem com clareza, dados importantes para nós ao refletirmos sobre o desenvolvimento da maravilha inerente a uma vida correta dentro da criação.

Em primeiro lugar, por mais numerosas que tenham sido as "alusões seguidas de conjecturas"[71] nos séculos anteriores a esse acontecimento, aqueles que estavam mais próximos do fato e melhor preparados para ele quando ocorreu foram pegos inteiramente de surpresa. De modo geral, desconhecemos como o Espírito de Deus forma nossa vida nas condições da criação. Nada aqui é exatamente análogo aos termos que usamos para entender a nós mesmos — desenvolvimento psicológico, por exemplo, ou metafísica moral. Vivemos dentro de um mistério e não devemos fingir que sabemos muita coisa.

Em segundo lugar, é evidente que nenhuma das pessoas envolvidas nas aparições depois da ressurreição procurou se preparar para o que, de fato, aconteceu. Não "tomaram providências" antes de se maravilhar. Os dois grupos religiosos judeus — os fariseus e os essênios — que, na época, se mostravam mais diligentes na preparação do cenário messiânico para algo como esses "novos céus e nova

---

[71] A expressão primorosa de T. S. Elliot para as evidências sempre presentes, porém imprecisamente observadas de Deus operando em nossa dimensão em "The Four Quartets", em *The Complete Poems and Plays, 1909-1950,* p. 136.

terra" que Jesus trouxe consigo estavam olhando para o outro lado e perderam sua manifestação.

Em se tratando da ressurreição de Jesus, todos são novatos. Não há especialistas. Tendo em vista a forma que, em nossos afazeres em geral, nos dedicamos a preparar e a planejar qualquer acontecimento grande e importante, esse é um fato extremamente desconcertante. A maravilha do sétimo dia, a maravilha da criação, a maravilha da ressurreição — não são algo em que nos tornamos peritos. Não são fatos sobre os quais temos algum tipo de controle. Os budistas falam de cultivar a "mente iniciante". Jesus disse que só podemos entrar no reino "como uma criança" (Mc 10:15).

Em terceiro lugar, nos relatos da ressurreição, pessoas de importância secundária (neste caso, as mulheres) desempenham um papel de destaque em termos de percepção e reação, apesar de líderes reconhecidos como Pedro e João não ficarem de fora. Maria Madalena, talvez a mais marginal dentre todos os primeiros seguidores de Jesus, é a principal testemunha da ressurreição e a única pessoa a aparecer nos quatro relatos. O único fato que sabemos acerca de Maria Madalena antes de passar a seguir Jesus é que fora possuída por "sete demônios" e liberta deles. Essa expressão pode ser referência a uma vida moral completamente devassa ou a uma forma extrema de doença mental. Uma dessas condições, ou ambas, presentes antes de ela conhecer Jesus, juntamente com o fato de ser mulher numa sociedade patriarcal, a colocam no círculo de marginalidade mais distante.

Tendo em vista a importância que damos em nossa sociedade a tudo que as celebridades apóiam, precisamos prestar mais atenção em outras vozes. É provável que os homens e mulheres que se mostrarão mais valiosos para nós no desenvolvimento da maravilha decorrente do temor-do-Senhor sejam pessoas à margem da respeitabilidade: os pobres, as minorias, os sofredores e rejeitados, os poetas e as crianças.

Em quarto lugar, a ressurreição foi um acontecimento discreto que se deu num lugar tranqüilo, sem publicidade e sem espectadores. É claro que houve muita energia e emoção (lágrimas e correria, espanto, confusão e alegria), mas nada visando chamar a atenção dos que estavam de fora. (Uma exceção parcial é o terremoto relatado em Mateus, mas o texto diz que as únicas pessoas afetadas foram os soldados romanos que acabaram inconscientes devido a essa ocorrência.)

Considerando a maneira como estamos acostumados a cercar acontecimentos importantes de publicidade para chamar a atenção e, também, a importância deste acontecimento para o evangelho e tudo o que se relaciona a ele, essa discrição é uma grande surpresa. Luzes intensas e amplificação não são acessórios para o cultivo da maravilha.

E, em quinto lugar, o mais importante: a reação à ressurreição mencionada com mais freqüência é o *temor.* Experimentamos temor quando somos pegos de surpresa e não sabemos o que fazer. Experimentamos temor quando nossas pressuposições e conjecturas não são mais capazes de explicar o que estamos enfrentando e quando não sabemos o que está acontecendo conosco. Experimentamos temor quando, sem nenhum aviso, a realidade se mostra mais ou diferente do que pensávamos. O temor-do-Senhor não tem o elemento do pânico. Assim, é acompanhado com freqüência da injunção tranqüilizadora: "Não temas". O "não temas" não resulta numa ausência de temor, mas na transformação em temor-do-Senhor. No entanto, continuamos sem saber o que se passa. Continuamos sem o controle. Ainda estamos mergulhados em mistério.

Nos quatro relatos da ressurreição encontramos seis ocorrências de diferentes formas do radical "temor" (*phobos*): duas vezes como palavra que expressa terror — dos guardas romanos diante do anjo resplandecente no túmulo vazio (Mt 28:4) e dos discípulos perplexos correndo para longe do mesmo túmulo (Mc 16:8); Lucas conta que as mulheres se assustaram, mas que, no mesmo instante, foram tranqüilizadas na presença do anjo no túmulo (Lc 24:5); em

Mateus, primeiro o anjo e depois Jesus dizem: "Não temais", para acalmar as testemunhas assustadas (28:5,10); colocado no contexto dessas palavras tranqüilizadoras, o termo "temor" transmite a idéia de uma alegria reverente (28:8). É acompanhado de várias palavras que evocam maravilhamento: surpreendidas e atemorizadas (*exethanbethesan, ekthambeisthe,* Mc 16:5-6); temor e assombro (*tromos* e *ekstasis,* Mc 16:8); perplexas (*aporeisthai,* Lc 24:4); possuídas de temor (*emphobon,* Lc 24:5); maravilhado (*thaumazon,* Lc 24:12).

A facilidade que esse mesmo radical (primeiro, como substantivo, e depois, como verbo) pode ser usado de forma tão diferente, mas sem confusão no contexto, fica evidente na referência de Mateus: "E os guardas *tremeram espavoridos* e ficaram como se estivessem mortos. Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres disse: *Não temais"* (Mt 28:4-5).

Essas seis referências ao temor ocorrem numa tradição de relatos (a cultura hebraica e as Escrituras) em que a palavra "temor" é usada com freqüência de uma forma que significa muito mais do que simplesmente ficar com medo. Porém, é interessante observar que ela *inclui* todas as emoções que acompanham o medo — desorientação, não saber o que vai acontecer comigo, perceber que há muito mais coisas envolvidas que eu imaginava. E esse "algo mais e diferente" é Deus. Quando isso acontece, começamos a experimentar o temor-do-Senhor.

O temor-do-Senhor é a consciência que desenvolvemos do "algo mais e diferente" que a presença ou revelação de Deus introduz em nossa vida: não sou o centro de minha existência; não sou o total final daquilo que importa; não sei o que vai acontecer em seguida.

O temor-do-Senhor nos mantém alertas para a criação ao nosso redor, mantém nossos olhos abertos — algo está acontecendo e eu não quero perder. O temor-do-Senhor nos impede de pensar que sabemos tudo e, desse modo, de fechar nossa mente ou nossos sentidos para o novo. O temor-do-Senhor nos impede de agir presunçosamente e, portanto,

destruir ou profanar algum aspecto da beleza, da verdade ou da bondade que não reconhecemos ou não entendemos.

Por mais que viajemos pela criação, por mais que fotografemos flores e montanhas, por mais conhecimentos que adquiramos, se não cultivarmos a maravilha, corremos o risco de perder o cerne daquilo que está se passando.

ESSES RELATOS DA RESSURREIÇÃO são permeados pela maravilha cultivada na observância do sétimo dia. Os cinco elementos de surpresa aqui presentes — o despreparo, a inutilidade dos especialistas, a proeminência de companheiros marginais, a excepcionalidade e o temor — conferem uma textura rica à maravilha. A maravilha não segue as linhas das nossas expectativas, especialmente as que se referem a algo que consideramos importante e transformador em nossa vida. E se a ressurreição de Jesus ocupa o centro da obra formativa do Espírito em nossa vida, e estou convicto disso, então uma sensação de maravilha é parte considerável do que acontece: surpresa, perplexidade, espanto — *Deus* operando. E bem aqui — em Jesus, em você, em mim!

Sem a maravilha, encaramos a vida como um projeto de auto-ajuda. Empregamos técnicas; analisamos talentos e potenciais; estabelecemos alvos e avaliamos a evolução. A formação espiritual é reduzida a processo cosmético.

Sem a maravilha, as energias motivadoras para viver bem são sobrepujadas pela ansiedade e pela culpa. Ambas restringem; nos fecham em nós mesmos; nos isolam em sentimentos de inadequação ou indignidade; nos reduzem ao pior. Em vez de sermos formados pelo Espírito que pairava sobre a face das águas e que ressuscitou Jesus dos mortos, somos malformados em uma vida de egomania moral ou atletismo piedoso.

A desintegração da maravilha

Infelizmente, não vivemos num mundo que promove ou incentiva a maravilha. Essa capacidade de nos maravilharmos é natural e espontâneo em todos nós. Quando

éramos crianças, estávamos sempre maravilhados — o mundo era novo e vinha ao nosso encontro com profusão. Vivíamos cada dia em estado de surpresa, acariciando, olhando, provando. As palavras eram maravilhosas. Correr era maravilhoso. Toque, sabor, som. Vivíamos num mundo de maravilhas. Tornamo-nos cristãos e, para nosso deleite, descobrimos que tudo isso é confirmado em Gênesis e em João (e tantas outras partes das Escrituras), e percebemos que a maravilha é profunda e eterna, que fazemos parte de uma criação "muito boa".

Mas, aos poucos, essa sensação de maravilha é espremida para fora de nós. Isso se dá por vários motivos, mas, geralmente, a extinção da maravilha ocorre quando nos desenvolvemos em competência e adquirimos controle sobre nós mesmos e sobre o ambiente ao nosso redor.

O local de trabalho é onde essa diminuição da maravilha se dá de maneira mais constante e completa. É difícil cultivar uma sensação de maravilha no local de trabalho, onde a informação e a competência são

valores-chaves. Não queremos nenhuma surpresa. Não queremos perder tempo simplesmente olhando para algo, imaginando o que pensar daquilo. Somos treinados e depois pagos para saber o que fazemos.

Alguns de nós temos um trabalho que nos empolga; ele exige o nosso melhor e nos recompensa com reconhecimento e satisfação — estamos realizando algo importante que faz diferença, que faz do mundo um lugar melhor, que aumenta a qualidade de vida das pessoas, que nos torna úteis, que nos dá dinheiro para cuidarmos de nós mesmos e de nossos dependentes. O trabalho é maravilhoso. Envolvemo-nos diretamente na obra de criação de Deus e entre as criaturas de Deus. Mas, depois de algumas semanas, meses ou, às vezes, anos fazendo esse trabalho, os sentimentos, as convicções e as idéias reunidos em torno da nossa transformação em cristãos passa a ocupar o segundo plano, dando lugar ao drama central do nosso trabalho com suas exigências exaustivas, estímulos que nos enchem de energia e satisfações deliciosas.

Ao longo do caminho, a primazia de Deus e sua obra em nossa vida dão lugar sutilmente à primazia de *nossa* obra no reino de Deus, e começamos a pensar em maneiras de usar Deus naquilo que fazemos. É uma mudança que mal pode ser percebida, pois continuamos a usar o vocabulário de nossa nova identidade; continuamos a crer em verdades idênticas; continuamos a buscar alvos nobres. Normalmente, demora um bom tempo para aparecer a importância dessa mudança. Mas, quando isso acontece, fica claro que, na verdade, não estamos adorando a Deus, mas recrutando-o como um assistente confiável e valioso.

Ao trabalhar, estamos lidando com aquilo que *nós* sabemos, com o que fazemos bem e sabemos ser o nosso trabalho. Por que não pedir a Deus que nos ajude em nosso trabalho? Afinal, ele não nos convidou a fazê-lo quando disse: "Pedi, e dar-se-vos-á..."? É verdade. Mas o problema é que, ao ser removida do contexto da maravilha da criação/ressurreição, qualquer oração se transforma rapidamente em ato de idolatria, reduzindo Deus a alguém que posso usar para meus propósitos, por mais nobres e úteis que sejam.

Raramente nos ocorre chamar esse comportamento aparentemente inocente e natural de idolatria. Não pensaríamos em colocar uma Nossa Senhora de Aparecida no painel do nosso carro para evitar acidentes, nem construir um santuário para um Buda barrigudo em nossa sala para fazer cessar nossa busca frenética por ilusões, nem tampouco plantar árvores para a deusa cananéia da fertilidade Asserá em nosso quintal para ter tomates maiores em nossas hortas e mais bebês em nossos berçários. Mas, ainda assim, é idolatria — usar Deus em vez de adorar a Deus. A princípio, pode não ser uma idolatria completamente formada, mas é uma semente do tipo de idolatria que floresce no local de trabalho.

Para outros, o trabalho diário é lida penosa, um emprego enfadonho e sem graça no qual nos arrastamos dia após dia, semana após semana. Ao adquirirmos uma identidade cristã, nossa nova criação toma o lugar do tédio

no local de trabalho. Sob a superfície de nossas palavras, orações murmuram como um córrego nas montanhas; em nossa imaginação, cânticos de louvor ressoam alegremente; vemos tudo e todos com outros olhos — somos novas criaturas inseridas em um mundo de maravilhas.

Então, um dia, percebemos que todas as coisas novas que Cristo nos apresentou não incluem o nosso local de trabalho. Ainda estamos atolados no mesmo emprego de dez, vinte, trinta anos atrás. Com nova energia e a idéia de identidade e propósito singulares despertada por nossa conversão, olhamos ao redor e procuramos saída; fantasiamos sobre empregos nos quais poderíamos trabalhar com dedicação total, usando a frase maravilhosa: "Para a glória de Deus".

Algumas pessoas arriscam tudo e largam o emprego enfadonho. A maioria de nós, não: temos de pensar nas prestações da casa e na faculdade dos filhos; não temos o treinamento ou nível de instrução necessário; nosso cônjuge está satisfeito com a situação atual e não deseja colocar em risco a segurança do que já é conhecido. E, assim, aceitamos o fato de que estamos empacados e voltamos a labutar na lama e no tédio diário de nossa rotina.

Mas, além disso, olhamos ao redor e buscamos formas de afirmar e desenvolver nossa nova vida em Cristo fora do lugar de trabalho. E, para nossa alegria, descobrimos logo que temos várias opções. Há um vasto mercado religioso dedicado a satisfazer as necessidades e fantasias de pessoas exatamente como nós. Temos congressos e encontros criados sob medida para nos dar o ânimo de que precisamos. Livros, vídeos e palestras prometem nos revelar o "segredo" cristão daquilo que sentimos falta em nossa vida: segurança financeira, filhos bem-comportados, o peso ideal, sexo exótico, viagens a lugares sagrados, cultos empolgantes, mestres famosos. Esses bens e serviços são sempre promovidos por pessoas bonitas e sorridentes. É óbvio que *elas* não estão entediadas.

Em pouco tempo, estamos na fila para comprar seja lá o que for. E, uma vez que nada que adquirimos corresponde

às expectativas, pelo menos não por muito tempo, logo estamos à procura de outra coisa, e mais outra. Criamos um vício e nos tornamos consumidores de espiritualidades industrializadas.

Isso também é idolatria. Nunca pensamos no termo desse modo, uma vez que tudo o que compramos ou por que pagamos é definido pelo adjetivo "cristão". Mas não deixa de ser idolatria: Deus vendido como produto; Deus despersonalizado e disponibilizado como técnica ou programa. O mercado cristão de ídolos nunca esteve mais aquecido ou foi mais rentável do que hoje.

TODO CRISTÃO QUE SE levanta pela manhã e vai trabalhar entra num mundo no qual a idolatria é a principal tentação, visando seduzi-lo para longe da nova vida que está sendo formada à semelhança de Cristo pela ressurreição.

Os ambientes de trabalho "bons" e "maus" que acabei de descrever apresentam inúmeras variações e combinações, mas as possibilidades — aliás, as probabilidades — de idolatria estão sempre presentes. Se trabalhamos, como é o caso da maioria (as exceções óbvias são as crianças, os idosos, os incapacitados e os desempregados), passamos a maior parte dos dias e a maior parte das horas desses dias num mundo permeado pela criação e aquisição de ídolos.

Quase todos nós passamos tempo considerável no trabalho. Isso significa que, grande parte do tempo, nossa identidade cristã está sendo formada em condições impróprias ou mesmo hostis — ou seja, condições caracterizadas pela intolerância ao mistério (informações e *know-how* são requisitos básicos no local de trabalho), em que a competência e o controle são altamente valorizados (os comportamentos incompetentes e descontrolados garantem uma demissão quase instantânea) e nas quais os relacionamentos pessoais são subordinados e adaptados à natureza do trabalho a ser realizado.

A tecnologia é uma das principais fomentadoras de idolatria nos dias de hoje. Que ironia, não? A idolatria que, pelo menos na imaginação popular, é associada à superstição

— à mente não esclarecida, não instruída, primitiva e infantil, com seus mitos e idéias absurdas —, ganha nova força com a ajuda da tecnologia, associada à pesquisa científica prática e eficiente, ao uso da linguagem pura da matemática para criar um mundo de computadores que dominam o lugar de trabalho. Quase todo mundo está se curvando respeitosamente diante da tecnologia, diante dos computadores — diante de *coisas* impessoais que dominam nosso tempo e nossa imaginação, que fazem promessas extravagantes de controle e conhecimento e que arrancam toda a idéia de mistério, maravilha e reverência de nossa vida.

O local de trabalho sempre foi uma ameaça para a mentalidade do sétimo dia, pois é o lugar onde não nos maravilhamos com muita coisa; em princípio, a maravilha foi praticamente banida. Em nosso local de trabalho, ou sabemos e somos competentes, ou estamos entediados e desatentos. Mas, na cultura de hoje, a ameaça representada por uma vida cada vez mais incapaz de se maravilhar é imensamente mais séria.

Por isso, a formação cristã exige vigilância incessante. O local de trabalho é o ambiente onde a idolatria é sempre reconfigurada, ao nos colocar na posição de controle e oferecer objetos e sistemas que permitem usar habilidades e implementar estratégias no mundo.

A maravilha, aquela disposição abismada de parar o que estamos fazendo, aquietar-nos, olhos e mãos abertos, prontos para receber "algo mais e diferente" não é estimulada no local de trabalho.

A maravilha no local de trabalho

Isso significa que a formação espiritual é "suspensa" durante as horas de trabalho e retomada depois do expediente e nos fins de semana?

Creio que não, pois há algo impressionante a ser considerado: a cena inicial da ressurreição de Jesus ocorre num local de trabalho. Maria Madalena e as outras mulheres estavam a caminho de seu local de trabalho quando

encontraram e aceitaram a realidade da ressurreição de Jesus. A meu ver, o principal lugar de formação espiritual é o local de trabalho.

Então, como nós, que trabalhamos para sobreviver e, portanto, passamos um bocado de nosso tempo todas as semanas num local de trabalho inamistoso ao "maravilhar-se", podemos cultivar a maravilha da ressurreição na qual floresce a formação espiritual?

OS PRIMEIROS PARTICIPANTES do dia da ressurreição — Maria Madalena e a outra Maria, Joana, Pedro, João e Cléopas, e os outros seguidores de Jesus cujos nomes não são citados (Lc 24:10,18; Jo 20:1-10) — haviam, supostamente, guardado o dia anterior, o sábado. Afinal, eram judeus devotos, e é pouco provável que tivessem abandonado os hábitos de uma vida inteira. Na noite de sexta-feira, pouco antes de Jesus ser tirado da cruz e colocado no sepulcro de José, judeus devotos de Jerusalém e Nazaré, de Belém e Cafarnaum, de Alexandria e da Babilônia, de Atenas e Roma, acenderam duas velas para receber o sábado, recitando: "Bendito sejas tu, nosso Deus eterno, rei do Universo, que nos santificastes com teus mandamentos e nos ordenaste acender as velas de *shabbath".*

Uma vela era acesa em memória da ordem de Êxodo: "Lembra-te do dia do sábado, para o santificar [...] não farás nenhum trabalho [...] porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou" (Êx 20:8-11). A outra vela era acesa em memória da ordem de Deuteronômio: "Guarda o dia de sábado, para o santificar [...] não farás nenhum trabalho [...] lembrarás que foste servo na terra do Egito" (Dt 5:12,14-15). Ao pôr do sol de sábado, a oração era repetida, as velas eram acesas novamente e a oração final, a Havdalá, era proferida, encerrando o dia de descanso.

Não é absurdo imaginar os amigos e seguidores de Jesus passando as 24 horas do descanso de Jesus no túmulo também descansando — lembrando e observando. Como a cidade toda, é bem possível que eles estivessem, igualmente,

guardando o sétimo dia. A meu ver, é pouco provável que tenham ido à sinagoga ou ao templo, arriscando a vida ao cultuar com os líderes religiosos que haviam conspirado na crucificação de Jesus. Só sabemos com certeza que, naquele sábado, não fizeram justamente o que eles, ou pelo menos as mulheres em seu meio, mais desejavam fazer, isto é, embalsamar o corpo de Jesus. Não o fizeram porque estavam guardando o sétimo dia, lembrando e observando a obra da criação de Deus e sua libertação da escravidão. Não creio que conversaram ou oraram sobre essas coisas formalmente, realizando um estudo bíblico ou algo do gênero.

Imagino, porém, que uma vida toda de observância do sábado atuou no subconsciente deles, dando-lhes percepção subjacente da imensidão da obra de Deus operando no mundo e da proximidade pessoal de Deus operando neles e por meio deles. A meu ver, a observância do sétimo dia os colocou dentro de um contexto muito maior do que o relatado sobre a crucificação na sexta-feira ou do que seus sentimentos de desolação. A catástrofe, o horror e a decepção enormes da crucificação sedimentaram-se no contexto maior da obra de Deus na criação do mundo e na salvação que gera almas. Nada do que pudessem ou quisessem fazer era importante o suficiente para ter precedência sobre aquilo que Deus havia feito e estava fazendo na criação, dentro do enfoque dos mandamentos de Êxodo e Deuteronômio internalizados na observância fiel do sétimo dia.

Imagino o efeito que toda uma vida de observância do sábado teve sobre aquelas mulheres ao voltarem para casa no fim do sétimo dia, levantarem-se na madrugada seguinte, no primeiro dia da semana, e saírem para embalsamar o corpo de Jesus. Será inacreditável crer que, no meio da angústia de sua desolação, também havia um instinto profundamente desenvolvido de buscar a Deus, uma capacidade de reagir maravilhadas aos mistérios que estavam além delas, uma disposição de se surpreender com aquilo que não entendiam e não podiam prever?

Sua observância do sétimo dia era uma limpeza geral semanal. No dia depois de guardar o sábado, puseram-se a

trabalhar sem o impedimento de ídolos — sem aquelas tentativas sutis, porém obsessivas que se infiltram em nossa vida de servir a um deus, rotina ou programa que pode ser manuseado e controlado. A observância do sétimo dia provocou um distanciamento da maneira mundana de fazer as coisas e de suas próprias compulsões de assumir o controle de tudo. O sábado era dia de resistência deliberada e consagrada à realização de qualquer tipo de trabalho, visando dar liberdade para ver Deus como ele é e o que está fazendo, e responder a ele. A observância do sábado era fundamental para a vida de mulheres e homens que encontraram Jesus vivo no primeiro dia da semana da nova criação.

A capacidade de ver Deus operando em nosso lugar na criação (nosso local de trabalho) e de responder com a maravilha que a ressurreição nos proporciona exige um distanciamento do local de trabalho. Como podemos cultivar esse distanciamento? Repito: guardando o dia de descanso. William Willimon expressa a idéia de forma apropriada:

> Guardar o sétimo dia é demonstrar publicamente que confiamos que Deus cuida do mundo e, portanto, não precisamos fazê-lo. Deus aceita o trabalho humano, mas nossas contribuições para o mundo têm seus limites. Se até mesmo Deus confiou na criação a ponto de saber que o mundo continuaria funcionando enquanto ele descansava, devemos fazer o mesmo".[72]

3. CRISTO ATUA NA HISTÓRIA

Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição [...] também uma espada traspassará a tua própria alma.

LUCAS 2:34-35

---

[72] *The Pastor: The Theology and Practice of Ordained Ministry,* p. 329.

O mundo que nos cerca é temporário e suas leis foram anuladas pelo ato de submissão do Filho de Deus a elas. O Príncipe deste mundo triunfou e, portanto, perdeu.

CZESLAW MILOSZ[73]

EXPLORANDO A VIZINHANÇA DA HISTÓRIA

Num primeiro olhar pela vizinhança ao redor, chama-nos a atenção a abundância de vida — uma rosa se abrindo, um falcão voando, um gato à espreita. Um carvalho branco e uma baleia azul, uma ameba e uma girafa dão testemunho vívido e eloqüente de um mistério que sempre nos escapa, mas que, se reservamos um tempo para ele, nos coloca de joelhos, em adoração. Isso se aplica especialmente à vida humana. Toda vez que um bebê nasce, o evangelho é pregado. O nascimento virginal de Jesus fornece o centro querigmático para todo este universo de experiência no qual recebemos a revelação de Deus enquanto Cristo atua na criação.

Mas assim que nos ajoelhamos em adoração, admirados com a criação, descobrimos que nem tudo é assim tão maravilhoso. Pernilongos invadem nosso piquenique, uma poça congelada faz o nosso carro derrapar e cair numa vala, o jardim que cultivamos com todo carinho é destruído pelo dálmata brincalhão do vizinho. E assim que nos colocamos em pé, estimulados por uma consciência de nossa participação na criação, motivados pela ressurreição e prontos para amar, descobrimos que nem todo mundo considera a vida humana tão maravilhosa. O bebê lindo chora, fica doente, interrompe nosso sono, invade nossa rotina confortável... e, então, começa a crescer e se transformar num pirralho desobediente e rebelde: recusa-se a comer o que preparamos para o jantar, vira o quarto dele de cabeça para baixo. Em pouco tempo, essa criança que ainda outro dia acariciávamos em nossos braços torna-se motivo de dores de cabeça e noites insones.

---

[73] *Milosz's ABC,* p. 83.

Se o mundo é tão maravilhoso, se a vida é tão incrível, por que todos esses problemas, toda essa confusão? Pegamos uma maçã linda, mordemos e descobrimos que está bichada. Esse é o mundo da experiência em que recebemos a revelação de Deus enquanto Cristo atua na história. Tivemos um começo glorioso. Mas, antes de entrarmos em cena, as coisas tomaram o rumo errado e não tardamos em descobrir que vivemos com as conseqüências de uma catástrofe. Grande parte da vida, grande parte de *nossa* vida, consiste em juntar os pedaços da história, em limpar a bagunça.

As formas de espiritualidade que fazem mais sucesso tendem a evitar a história — pelo menos em seus aspectos mais desordenados — como tema e contexto para o desenvolvimento da alma. O universo externo com suas montanhas e praias, repleto de sensações, e o universo interno dos pensamentos e emoções realçados por poesias, canções e meditações são mais apropriados.

A história é delimitada pelo nascimento e pelo novo nascimento, pelo nascimento virginal de Jesus e sua ressurreição — vida, vida e mais vida. Mas entre esses dois momentos de vivificação, também há morte, morte e mais morte. Quando nascemos, vemo-nos num mundo em que a morte é uma preocupação central; quando nascemos de novo, o mundo continua o mesmo. A história é constituída do que acontece neste mundo. A história é o nosso relato dos empreendimentos humanos. Na maioria das vezes, é um relato da confusão que causamos: brutalidade, guerra, fome, ódio, desavença, exploração.

A história trata do que acontece, do que aconteceu e do que acontecerá. Implica lidar com um mundo em que as coisas raramente ocorrem como acreditamos que deveriam. Implica lidar com políticos corruptos, defeitos congênitos, enchentes e vulcões, divórcios e morte, escassez e fome, com a arrogância dos ricos e a privação dos pobres. Algo está terrivelmente errado. Sentimos isso no mais profundo de nosso ser. O acontecimento mais conspícuo da história que suscita em nós essa sensação espontânea de profanação, de sacrilégio ultrajante, é o sofrimento e a morte de Jesus, um

sofrimento e uma morte com os quais, mais cedo ou mais tarde, todos nós estaremos envolvidos quer gostemos ou não. História.

FUI INICIADO TARDIA, porém abruptamente na confusão da história. Cresci num lar cristão com pais atenciosos. Ouvi a história de Jesus e foi educado para a vida no caminho certo. Fui amado e tratado com consideração. Tanto quanto me lembro, foi um tempo que não ficou muito longe do jardim do Éden — uma criação boa e maravilhosa. Vida. Nossa casa simples ficava numa estrada coberta de cascalho nos limites de uma cidade pequena de Montana, três ou quatro quadras depois de onde terminavam as calçadas.

Era uma vizinhança cheia de crianças para brincar, e nenhuma delas freqüentava a igreja. Ainda assim, o fato de não serem batizadas nunca pareceu fazer diferença em nossas brincadeiras infantis (pé na lata, esconde-esconde, taco) e de faz-de-conta (éramos desbravadores e índios). Subíamos em árvores e nadávamos num riacho. Atrás de nosso quintal havia um pasto com vacas e usávamos os montes de esterco seco para demarcar o campo quando jogávamos bola.

Quando comecei a ir à escola, descobri o que o apóstolo João chamou de "mundo" — a sociedade que não considera Deus com reverência nem obediência. Adquiri esse conhecimento por meio de Garrison Johns, o valentão da escola. Garrison, um ano mais velho que eu, morava numa casa de madeira, a cerca de duas quadras da nossa, num terreno cheio de carros e caminhões velhos e enferrujados. Eu havia estado na casa dele apenas uma vez; era um dia frio de inverno, e a mãe dele, uma mulher bonita e esbelta, convidou os gêmeos Mitchell e eu para nos aquecermos com uma tigela de ensopado de alce que ela cozinhava no quintal, no fogão a lenha. Estávamos cortando caminho pelo quintal deles, andando com dificuldade na neve funda; provavelmente parecíamos quase congelados — *estávamos* quase congelados — e ela ficou com pena de nós.

Nessa ocasião, Garrison não estava em casa, e eu só o havia visto de longe. Fosse verão ou inverno, ele vestia sempre uma camisa de flanela vermelha e andava com certa ginga que eu admirava e tentava imitar. Como era mais velho do que eu e morava a certa distância, não fazia parte das brincadeiras e amizades da vizinhança. Eu conhecia sua reputação de menino maldoso, mas a lembrança da bondade de sua mãe diminuiu minha apreensão. Não estava preparado para o que me esperava.

No terceiro ou quarto dia de aula, Garrison me descobriu e me adotou como alvo para aquele ano, oferecendo-me um conhecimento prático do que, 25 anos depois, Richard Niehbur me daria uma compreensão mais sofisticada em sua obra *Christ and Culture* [Cristo e a cultura]. Na escola dominical me ensinaram que não devia brigar, de modo que eu nunca aprendi a usar meus punhos. Fora preparado para o universo mais amplo da vizinhança e da escola decorando versículos como "Abençoai os que vos perseguem" e "Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra".

Não sei como Garrison Johns me descobriu — deve ter sido um sexto sentido dos valentões —, mas sei que me tornei o seu *hobby.* Ele me batia quase todas as tardes na saída da escola. Também ficou sabendo que eu era cristão e começou a me chamar de "mariquinhas de Jesus". Tentei encontrar caminhos alternativos para casa, passando por vielas quase desconhecidas, mas ele sempre estava à espreita e me encontrava. Toda tarde, chegava em casa humilhado e cheio de vergões. Minha mãe explicou que os cristãos sempre haviam sofrido assim no mundo e que era melhor eu me acostumar. Eu devia orar por ele. Os versículos que eu havia memorizado ("Abençoai..." e "Ao que te bate...") começaram a ficar cansativos.

Eu gostava de ir à escola, de aprender uma porção de coisas e de fazer novos amigos, também gostava muito da professora. A sala de aula era um lugar maravilhoso. Mas, quando o sinal tocava todos os dias, eu precisava encarar

Garrison Johns e receber a surra diária que eu me esforçava para assimilar como minha "bênção".

Março chegou. Lembro-me que era março por causa do tempo. A neve estava derretendo, mas ainda não desaparecera completamente. Os dias ficavam mais longos e, quando eu voltava para casa, não estava mais escuro. Então, algo inesperado aconteceu. Um dia eu estava com uns sete ou oito meninos que moravam na minha vizinhança, quando Garrison nos alcançou e começou a me bater de leve e caçoar de mim, preparando-se para a surra final de sempre. A presença de outros meninos era um incentivo; ele sempre se saía melhor diante de espectadores.

Foi então que aconteceu. Algo cedeu dentro de mim. Algo totalmente inesperado e atípico. Por um momento, os versículos bíblicos desapareceram de minha consciência e eu agarrei Garrison pelos colarinhos. Para minha surpresa, e dele também, percebi que eu era mais forte do que ele. Lancei-o ao chão, sentei em seu peito e imobilizei os dois braços com os meus joelhos. Era inacreditável — ele estava debaixo de mim completamente sem ação, à minha mercê. Era bom demais para ser verdade.

Acertei o seu rosto com uma saraivada de socos. A sensação de esmurrá-lo repetidamente foi incrível — o sangue começou a correr de seu nariz criando uma mancha escarlate linda na neve. A essa altura, os outros garotos torciam e me instigavam: "Cega os olhos dele! Arranca os dentes dele!". Gritavam uma torrente de insultos vingativos, mas nada comparado ao que, muito mais tarde, eu leria no livro de Salmos. Olhei para Garrison e ordenei: "Pede água!". Ele recusou. Bati novamente. Mais sangue. Então, minha educação cristã veio à tona. Ordenei: "Diga, 'Eu creio em Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador'". E ele disse. Garrison Johns foi meu primeiro convertido.

Também foi minha iniciação no mundo, o "mundo" que "não é o meu lar". A criação é maravilhosa, mas a história é uma bagunça. Garrison também me mostrou pela primeira vez como é fácil esse mesmo "mundo" entrar em mim e ficar à

vontade sob a superfície da linguagem cristã e das emoções "justas".

Pouco tempo atrás, mudei-me de volta para esse vale de Montana onde cresci, fui surrado por Garrison Johns quase diariamente durante sete meses e, naquela tarde de março de 1938, arranquei sangue de seu nariz e a confissão de fé em Cristo de seus lábios. Outro dia, quando passei de carro pela rua onde ocorreu esse incidente evangelístico, mostrei o lugar exato para minha esposa. Quando voltei para casa, fiquei imaginando que fim Garrison Johns havia levado. Abri a lista telefônica, e lá estava o nome dele com um endereço que fica a pouco mais de quinze quilômetros de minha residência atual. Seria apropriado eu telefonar para ele? Ele se lembraria de mim? Ainda era valentão? E será que ele havia levado adiante a confissão cristã arrancada à força? Um encontro com ele teria como resultado uma antevisão pessoal do Armagedom na qual eu sairia perdendo? Ainda não liguei para ele. Estou adiando o dia do julgamento.

Enquanto isso, continuo a refletir sobre o que significa mergulhar na história. Deus fez tudo bom. Porém, mais cedo ou mais tarde, cada um de nós, sucessivamente, é descoberto por algum Garrison Johns e percebe que nem todos acreditam que nosso lugar nesta vida é assim tão maravilhoso. Estamos cercados de dor, decepção e sofrimento. Às vezes, a aflição diminui por algum tempo; outras vezes, parece que vai nos destruir.

O veredicto final de tudo isso é a morte. Morremos. É estranho, mas praticamente toda morte, até mesmo a dos mais idosos, parece-nos uma intromissão e nos pega mais ou menos de surpresa. Lágrimas e lamentações dão testemunho da sensação íntima de que isso é *errado,* e de que não gostamos nem um pouco da idéia de morrer. A morte deixa claro que algo não está funcionando como deveria e é acompanhada do sentimento de que temos todo direito de esperar algo diferente e melhor.

QUERIGMA: A MORTE DE JESUS

O nascimento de Jesus nos dá acesso à realidade e ao significado da criação: este é o mundo que o Pai revelou por meio de seu Filho. Jesus nos mostra que a criação deve ser vivida e não apenas observada, e sua maneira de fazê-lo torna-se a nossa maneira.

Paralelamente, a morte de Jesus nos dá acesso à realidade e à responsabilidade da história: na maioria das vezes, mas não sempre, ela é confusa: uma rodada diária de planos frustrados, relacionamentos decepcionantes, desalento político, acidentes, enfermidades e valentões em nossa vizinhança. Jesus veio habitar no meio dessa mesma confusão que chamamos de história e na qual vivemos. O mais extraordinário é que ele a aceitou. Para ele, essa aceitação acarretou sofrimento enorme e uma morte aflitiva.

A vida de Jesus não é uma história feliz, não é uma história de sucesso. Antes, é (e vamos tratar disso) uma história de salvação. Seu nascimento desencadeou o massacre de bebês (Mt 1—2); seu ingresso no ministério público o levou a uma provação de quarenta dias no deserto, durante os quais ele lutou contra o mal e foi testado até os limites do corpo e da alma (Mt 3—4). Em Cesaréia de Filipe, num momento em que os discípulos pareceram finalmente entender a identidade de Jesus, Pedro — o mais proeminente dos Doze — mostrou ter maior afinidade com Satanás do que com seu Mestre (Mt 16:15-23). E quando foi cercado pelos clamores de Hosana na entrada triunfal da Páscoa em Jerusalém, sem dúvida um momento de grande celebração, Jesus chorou (Lc 19:28-44; Mt 23:37-39) pelo sofrimento do corpo e pela dor da alma reservados para aqueles homens, mulheres e crianças que se alegravam tão inocentemente.

As lágrimas são o lubrificante da história. As orações, talvez a maior parte delas (dois terços dos salmos são lamentos), são acompanhadas de lágrimas. Todas essas lágrimas são reunidas e absorvidas nas lágrimas de Jesus.

SITUADA NO CONTEXTO MAIS amplo de seu não nascimento, ressurreição e ascensão, a morte de Jesus fora de Jerusalém "sob Pôncio Pilatos" — em 30 d.C, de acordo

com nossos calendários — é essencial para o querigma do evangelho. A morte de Jesus torna-se a proclamação de que nossa salvação está consumada. Não acontece num vácuo; é o acontecimento final de uma longa história de sofrimentos e mortes padecidos e levados a Deus em oração nas Escrituras.

Jesus nasceu num povo com uma longa e contínua tradição de considerar a história reverentemente como o âmbito no qual Deus realiza sua obra de salvação. Uma consciência histórica profunda — a dignidade de seu lugar na história, a presença de Deus na história — explica, em grande parte, a maneira com que o povo hebreu falava e escrevia. Contrariando as tendências do mundo antigo, eles não criavam ou enfeitavam narrativas fantasiosas. Seus escritos não entretinham nem explicavam; antes, revelavam o relacionamento de Deus com homens e mulheres e com o mundo. Davam forma narrativa a pessoas e circunstâncias reais em relação a Deus e à maneira como Deus interagia com elas.

Para os profetas, sacerdotes e escritores que trilharam, gerações antes, o caminho percorrido por Jesus, a história secular não existia. Tudo o que acontecia era permeado por Deus. O povo hebreu se dedicava a observar e participar daquilo que acontecia em seu meio e à sua volta, pois cria que Deus estava pessoalmente vivo e ativo no mundo, em sua comunidade, neles. A vida não podia ser menos que a vida de Deus, por mais impressionantes e misteriosas que fossem suas experiências, quer se tratasse de um eclipse do Sol, de manchas no fígado de um bode ou de vapor saindo de uma fissura na Terra. Deus não podia ser reduzido a fenômenos astronômicos, fisiológicos, geológicos ou psicológicos. Deus estava vivo, sempre e em toda parte, realizando sua vontade, desafiando pessoas com seu chamado, evocando fé e obediência, convidando-os a participar de uma comunidade de adoradores, demonstrando seu amor e compaixão e julgando o pecado. E nada disso em termos "gerais" ou "totais", mas envolvendo tempos determinados, lugares específicos e pessoas de nome conhecido: história.

Para as personagens bíblicas, Deus não é uma idéia a ser discutida por filósofos ou uma força a ser manipulada por sacerdotes. Deus não é uma parte da criação que pode ser estudada, observada e controlada. Deus é uma pessoa — uma pessoa a ser adorada ou desafiada, crida ou rejeitada, amada ou odiada, no tempo e no lugar. Por isso a revelação bíblica é tão abundante em nomes e datas, lugares e acontecimentos. Deus vem ao nosso encontro nas ocorrências comuns e extraordinárias que constituem a substância de nossa vida diária. Ao que parece, nunca ocorreu a nossos antepassados bíblicos que seria possível se relacionarem melhor com Deus escapando da história, "afastando-se de tudo", como costumamos dizer. A história é o meio no qual Deus opera a salvação, como a tinta e a tela são os meios que Rembrandt usou para criar obras de arte. Não podemos nos aproximar mais de Deus nos distanciando da confusão da história.

Mas para quase todos nós não é fácil entender uma história que tem Deus como a presença principal e definitiva. Crescemos acostumados a formar nossos conceitos de história em conformidade com historiadores, estudiosos e jornalistas para os quais Deus diz respeito aos assuntos que estudam ou escrevem ou não está presente neles. Somos muito bem treinados por nossas escolas, jornais e programas de televisão para interpretar a história exclusivamente em termos de política e economia, aspectos humanos e condições ambientais, operações militares e intrigas diplomáticas. Se temos alguma consciência de transcendência, podemos tentar encaixar Deus aqui e ali. Mas os autores bíblicos fazem exatamente o contrário; eles nos encaixam na história em que Deus é a realidade central.

Trata-se de uma mentalidade difícil de adquirirmos, mas, para entendermos a nós mesmos verdadeiramente e vivermos apropriadamente na história em que nos encontramos, temos de consegui-lo. De outro modo, seremos vítimas dos ardis e das negações que nos impedem de participar ativamente do mundo real em que Deus está presente e operando.

Ao orarmos e lermos as páginas das Escrituras tão repletas de história, adquirimos gradualmente a compreensão necessária: ser mulher ou homem significa, sobretudo, relacionar-se com o Deus que usa a realidade comprovadora de nossa experiência diária como material para realizar seus propósitos de salvação em nós e no mundo. Mergulhamos nas narrativas das Escrituras e percebemos que Deus é a presença imperativa e participativa que fornece tanto a trama quanto a textura de cada frase.

Os relatos e orações, as reflexões e orientações, os sermões e decretos entrelaçados nos instruem para adquirirmos percepções de nós mesmos, de nossa humanidade pura e irredutível, que não podem ser resumidas em sentimentos, idéias ou circunstâncias pessoais. Se desejamos uma vida além da biologia, precisamos nos relacionar com Deus e fazê-lo no âmbito histórico de Deus. Se desejamos um relacionamento com Deus conforme ele é revelado na Bíblia, não temos como escapar da história.

A Bíblia não nos fornece um código moral do tipo: "Vivam deste modo", como também não estabelece um sistema doutrinário como: "Pensem assim e viverão corretamente". A Bíblia conta-nos uma história que ocorre em terra firme, cheia de homens e mulheres com características que podemos reconhecer em nós, e, então, nos convida: "Vivam à altura disso. É isso que significa ser humano. É isso que está em questão na iniciação e no amadurecimento como seres humanos". Agredimos a revelação bíblica quando a "usamos" em função do que podemos ganhar com ela ou quando pensamos que ela dará cor e tempero à nossa vida enfadonha. O resultado é um tipo de "espiritualidade de *boutique"* — Deus como decoração, Deus como acessório.

Uma das características extraordinárias da forma como a Bíblia nos instrui para entender a história e nosso lugar dentro dela é a recusa total de encobrir qualquer detalhe. Deus está igualmente presente e ativo na história registrada nas Escrituras e naquela registrada em nossos livros

contemporâneos. A história bíblica trata do mesmo conteúdo histórico que a história européia, africana, asiática e americana. Quando o nome de Deus é deixado de fora, por exemplo, da história da exploração da Amazônia, Deus não está fora; ele continua tão presente e envolvido quanto estava na travessia do rio Jordão.

História é história, seja ela bíblica, seja moderna. A história em que as Escrituras mostram que Deus está envolvido é tão confusa quanto a história relatada pela mídia em que Deus raramente é mencionado, a não ser em blasfêmias. Sexo e violência, estupros e massacres, brutalidade e dolo não parecem elementos apropriados para serem usados no desenvolvimento da história da salvação, mas lá estão eles, espalhados pelas páginas das Escrituras. Talvez algumas pessoas não se ofenderiam tanto se esses indivíduos imperfeitos e réprobos fossem mostrados como exemplos negativos com descrições dramáticas do fogo do inferno e das conseqüências punitivas de viver de modo tão terrível.

Mas a história não é contada exatamente dessa forma. É claro que há conseqüências punitivas, mas o fato é que todas essas pessoas, boas ou más, fiéis ou cheias de falhas, são inseridas na trama da salvação. Na verdade, Deus não precisa de pessoas boas para fazer um bom trabalho. Como afirma um ditado medieval: "Deus escreve certo por linhas tortas". Ele pode operar e, de fato, opera em conjunto conosco, em qualquer condição moral e espiritual em que ele nos encontre. Percebemos, então, que Deus realiza algumas de suas obras mais extraordinárias usando as pessoas mais improváveis.

ESSA É A HISTÓRIA DA qual aprendemos a participar e que aprendemos a aceitar enquanto Deus opera sua salvação na terra. Quando nos dermos conta disso — o que acontecerá, inevitavelmente, se permitirmos que nossa imaginação seja moldada pelas Escrituras — não seremos seduzidos para os desvios habituais que passam longe do

caminho bíblico, ou seja, a intimidação pela história e a exploração da história.

Intimidação. Temos sempre a impressão de que a história é dominada por forças poderosas que obscurecem completamente as pessoas que crêem em Deus: políticos poderosos, exércitos poderosos, financistas poderosos, instituições poderosas. De que adiantam as orações e a adoração quando as comparamos com os "principados e potestades"? Somos tentados, então, a viver na mediocridade, a nos acomodar no aconchego doméstico, a recuar para as linhas laterais, a criar um gueto em que podemos levar nossa vida de fé em Deus com a menor interferência possível do "mundo".

Pessoas tímidas (intimidadas) com freqüência admiram de modo secreto os indivíduos que elas temem. Vivem se comparando negativamente com eles, mas gostariam muito de ser como eles. Como conseqüência, sua imaginação é moldada por uma história que mostra o poder do ser humano e não tem nenhuma consciência da presença de Deus em ação nos acontecimentos. Pessoas assim são tomadas de uma sensação de que Deus se envolve apenas como as questões privadas e domésticas de sua vida interior — aquilo que acreditam ser a sua alma.

Exploração. Outros observam que os grandes realizadores da história conseguem o que querem usando poder e violência, posição e *status,* dinheiro e influência, e concluem que a única maneira de serem relevantes para a realidade da história é juntarem-se a ela em seus termos. É claro que "em seus termos" significa sem Deus, sem oração, sem adoração, sem perdão e amor, sem justiça e graça. Os cristãos têm um longo e triste registro do uso dessa estratégia. O Sacro Império Romano, as Cruzadas e Cromwell são exemplos clássicos, mas são raras as igrejas, movimentos missionários ou escolas que não sofreram sua influência — realizando a obra de Deus à maneira do mundo.

Há outra opção: podemos participar da história e aceitá-la nos termos de Jesus, nos termos do evangelho, nos termos que os ensinamentos milenares das Escrituras nos

preparam para entender e aceitar, a fim de vermos a história como o âmbito no qual Deus opera nossa salvação em seus termos. Desse modo, ficamos livres do risco de recuar diante da história, intimidados por sua grandiosidade e sua conturbação. Além disso, somos protegidos da exploração da história, da suposição de que podemos competir com ela em seus próprios termos usando Deus como trunfo.

A MORTE DE JESUS é o eixo central para aprendermos a lidar com a profanação fundamental da vida, esse sacrilégio que aflige a criação e constitui grande parte do que acontece ao nosso redor — a história. Começamos a tratar da questão "O que há de errado com o mundo?" no ponto em que o evangelho começa: Jesus, morto e sepultado.

A morte de Jesus confirma e valida nossa experiência de que há, na verdade, algo terrivelmente errado e de que não se trata apenas de uma relação de causa e efeito, de como as coisas são. Jesus Cristo, nascido de uma virgem, morre numa cruz — não há lógica física ou espiritual entre as duas partes dessa oração.

O sofrimento de Jesus, registrado em suas lamentações, lágrimas e morte, fornece o texto autorizado do evangelho para descobrirmos nosso lugar na história — essa história que parece tão diferente do que é oferecido e prometido na própria criação, da vida abundante ao nosso redor.

Jesus sofreu e morreu. Essa é a trama que dá estrutura ao relato do evangelho. Os quatro autores dos evangelhos, cada um a seu modo, contam a história da paixão de Jesus — seu sofrimento e morte — e depois acrescentam uma introdução ampliada. Mateus dedica um quarto de suas páginas à paixão; Marcos, um terço; Lucas, um quinto e João, quase metade. Foi para contar essa história do sofrimento e da morte de Jesus que cada evangelista escreveu seu evangelho.

Cada um apresenta a introdução à sua maneira, mas no que se refere ao conteúdo essencial, todos escrevem basicamente do mesmo modo. Esse sofrimento e essa morte

são importantes e repetidos quatro vezes. Precisamos saber que isso aconteceu, como aconteceu e por quê aconteceu. Os evangelistas estão decididos a nos revelar esses acontecimentos com termos que vão muito além das generalidades; precisamos saber com exatidão, detalhe por detalhe, em que estamos nos envolvendo.

SE "VIDA" É A PALAVRA temática entretecida na criação, "morte" é a palavra temática equivalente para a história. Sofrimento e morte são vozes extremamente amplificadas, vozes humanas corroboradas por toda a criação que geme em dores de parto (Rm 8:22), chamando a atenção ao longo da história para a *necessidade* de salvação; o sofrimento e a morte de Jesus são a proclamação histórica definitiva do *meio* para receber esta salvação.

As Escrituras estão repletas dessa linguagem de sofrimento e morte: os relatos da paixão nos evangelhos transbordam para as epístolas e para o Apocalipse — nossos sofrimentos sempre colocados no contexto dos sofrimentos de Cristo; os sofrimentos de Cristo colocados insistentemente junto aos nossos.

> Pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos
>
> 1 Pedro 2:21

> Para o conhecer [a Cristo] [...] e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morre
>
> Filipenses 3:10

> Vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus
>
> Apocalipse 6:9

Jesus morreu. Não há como evitar esse fato fundamental. E, de uma forma ou de outra, eu também vou morrer. Não há como evitar esse fato igualmente fundamental. Nessa conjunção de mortes, a de Jesus e a minha, é onde começo a entender e receber a salvação.

Paulo condensa toda a operação de Deus em nossa vida nas seguintes palavras, e mais nada: "Jesus Cristo e este crucificado" (l Co 2:2), uma morte por crucificação da qual o apóstolo é um participante desejoso(Gl 2:19-20).

Nada no relato sobre Jesus poderia ser mais claro ou apresentado de modo mais inequívoco do que isto: que Jesus escolheu o caminho do sofrimento e da morte; que ele o fez em continuidade com toda a história do povo de Deus antes dele; e que esse sofrimento e essa morte foram querigmáticos. O sofrimento, o pior que a vida pode nos oferecer, é a substância da qual nossa salvação é formada.

Isso significa que, se desejamos viver como seguidores de Jesus, como Jesus quer que vivamos, receber a vida de Jesus como nossa vida, nossa identidade restaurada à imagem de Deus, então precisamos segui-lo nesta confusão que chamamos de história. A história não é aquilo que mantemos a uma certa distância para estudar e analisar. Não deve ser evitada nem negada por um afastamento. Deve ser aceita. O modo com que Jesus o fez torna-se o modo com que nós o fazemos.

O sermão complexo e elegante da igreja primitiva chamado de epístola aos Hebreus é nosso exemplo prático mais vívido do impacto querigmático do sofrimento e da morte de Jesus. Nessa epístola, todo o sofrimento e a morte de Cristo são condensados na oração de salvação por todos aqueles que sofrem e morrem, ou seja, todos nós:

> Ele, Jesus, nos dias de sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da

> salvação eterna para todos os que lhe obedecem, tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque
>
> Hebreus 5:7-10

"Com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas": Jesus desceu às profundezas da história, a recebeu em seu coração e, ao fazê-lo, "tornou-se o Autor da salvação eterna...". O sofrimento e a morte de Jesus, sua paixão, são o combustível da salvação. A morte de Jesus é nosso caminho para a salvação. Não há nenhum outro caminho.

AMEAÇA: MORALISMO

Porém, por mais que admiremos Jesus, por mais hinos que escrevamos e entoemos sobre a morte de Jesus e por mais que celebremos a Semana Santa nas igrejas, essa conversa sobre morte não nos cai bem. Não podemos evitá-la nas pregações, nos hinos e no calendário, mas podemos encontrar formas de nos esquivarmos em nosso modo de vida.

A maneira mais comum que a comunidade cristã tem de evitar ou marginalizar a morte de Jesus é criar um modo de vida seguro, protegido e livre de culpa. Temos um bocado de informação sobre como viver corretamente diante de Deus. Os dez mandamentos fornecem a estrutura clássica para vivermos como devemos. Além disso, temos um suprimento considerável de sabedoria acumulada ao longo dos séculos de fé hebraica e cristã sobre como conduzir a vida com decência e orar com eficácia. Assumimos compromissos sérios de ensinar nossos filhos e outras pessoas "... preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali" (Is 28:10).

Quando as coisas dão errado, no lar ou na sociedade, na igreja ou no governo, é fácil encontrar uma razão moral: a raiz de boa parte daquilo que dá errado no mundo é, evidentemente, a desobediência ou ignorância dos mandamentos bíblicos. Concluímos que, se ao menos

pudermos instruir nossos filhos e pais, nossos políticos e professores, nossos executivos e celeb dades a pensar e agir como devem, as coisas melhorarão consideravelmente.

Tudo isso é verdade.

Porém, no instante em que essa abordagem se torna o nosso princípio norteador para tratar do que está errado no mundo, demos as costas para a cruz de Cristo, para Jesus como nosso salvador. No momento em que a vida moral define o nosso modo de viver, damos as costas para quase tudo o que é revelado nas Escrituras, recusamo-nos a admitir a presença de Deus no que acontece ao nosso redor (história) e, pior de tudo, nos recusamos a lidar com o dado mais importante que sabemos sobre Jesus, substituindo o Jesus real por uma imagem unidimensional e artificial. Na verdade, essa atitude corresponde a uma negação rebelde de Jesus. Somos merecedores, então, de sua repreensão mais séria: "Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens" (Mt 16:23). Quando arrancamos a vida moral do contexto dinâmico da vida de Cristo, também a desarraigamos do solo argiloso e fértil das Escrituras e acabamos segurando uma flor cortada — murcha, caída e, por fim, morta.

Usarei o termo "moralismo" para designar essa traição comum, aparentemente inofensiva, mas, na verdade, trágica de Jesus. Devemos, porém, observar essa palavra com atenção. O radical é "moral", uma palavra magnífica e necessária. A moralidade é construída sobre a realidade de modo tão profundo e inescapável quanto átomos, prótons e nêutrons. Somos seres morais até nosso cerne — o próprio universo é moral. O certo e o errado encontram-se incrustados na criação. As palavras, os atos, as crenças e até mesmo os pensamentos fazem diferença. A moralidade é fundamental e inegociável.

Mas o moral*ismo* é algo bem diferente. Moralismo implica estruturar uma vida na qual não tenho nenhuma necessidade de um Deus salvador. O moralismo é morto; a moralidade é viva. O moralismo opera com base na

capacidade humana e organiza minha vida de maneira que o bom comportamento me proteja de castigos ou desastres. O moralismo opera baseado na força, e não na fraqueza. Usa Deus (ou a revelação de Deus) para não precisar mais de Deus. Os códigos morais não passam de degraus para a independência com relação a Deus.

O moralismo opera de fora para dentro: impõe um comportamento correto ao próprio indivíduo e aos outros. Não traz liberdade nem alegria. É uma estrutura moral imposta à vida. Dentro dessa estrutura, posso ver exatamente onde me encaixo ou não me encaixo, quais ações são certas e quais são erradas. E, uma vez que estou ciente de tudo isso, o que mais há para saber? Ou eu faço o que devo ou não. Ou você faz o que deve ou não. Simples.[74]

Um mito grego muito interessante conta essa história. Procrustes tinha uma casa junto a uma estrada movimentada na Grécia, uma pousada estrategicamente localizada. Embora um tanto corpulento, parecia agradável e bondoso. Gostava de tudo muito limpo e arrumado. E desejava que seus hóspedes saíssem de sua pousada melhor do que haviam chegado, com uma aparência semelhante à de uma estátua grega de proporções perfeitas.

Quase todos os dias, podia-se vê-lo sentado confortavelmente em sua cadeira de balanço na varanda da casa, fumando seu cachimbo, dando as boas-vindas aos viajantes e oferecendo-lhes sua hospitalidade. A fumaça do cachimbo espalhava uma fragrância acolhedora, e a barba muito branca como a de um vovô lhe dava uma aparência confiável. A casa organizada e bem cuidada parecia um abrigo seguro para viajantes cansados. Na maioria das noites, havia um ou dois hóspedes. Depois de recebê-los e lhes servir o jantar, Procrustes os levava aos seus quartos.

---

[74] As conseqüências de considerarmos Deus um moralista ou de nós mesmos nos tornarmos moralistas são mortais. A canção "Perfect", de Alanis Morisette, para a qual um de meus alunos chamou-me a atenção, capta essa idéia corretamente em alguns de seus versos: "Se você for impecável, conquistará meu amor" ou "Amaremos você exatamente do jeito que você é/se você for perfeito" (do álbum *Jagged Little Pill).*

Havia em sua casa uma cama que, de acordo com ele, possuía a propriedade extraordinária de corresponder ao tamanho exato de quem dormia nela. O que Procrustes não contava era como isso acontecia. Depois que seus hóspedes caíam em sono pesado, Procrustes entrava no quarto e completava o seu serviço de hospitalidade. Se a pessoa fosse pequena, era esticada numa roda até ocupar toda a cama; no caso de uma pessoa alta, o que sobrava dos braços e pernas fora da cama era cortado até a pessoa caber no leito. Quer por estiramento ou amputação, todos eram obrigados a se encaixar nas dimensões da cama. Ao partir na manhã seguinte, doloridos ou mancando, seus hóspedes tinham as medidas de um grego perfeito.

Procrustes e sua cama são o espírito do moralismo: uma estratégia aplicada por pessoas que desprezam nossas particularidades e obrigam a nos encaixarmos dentro de um padrão predeterminado.

Trata-se de uma idéia atraente, pois, com um golpe só, eliminamos toda a confusão da história. Além disso, se comprarmos camas semelhantes à de Procrustes e as colocarmos em nossas igrejas e lares, só precisaremos de Jesus e sua cruz como decoração. Se a solução para o mundo é simplesmente forçar ou condicionar todos a terem bom comportamento, não precisamos mais da salvação; precisamos de instrução e treinamento, reformas políticas e renascimento cultural, policiamento mais intensivo e poderio militar superior, mais informação e mais poder.

A palavra "sacrifício" é usada repetidamente nas Escrituras e na teologia para definir o que sucedeu na cruz de Jesus. O conteúdo desse termo vem de séculos de prática hebraica — em grande parte, da refeição pascal — desenvolvida nos sacrifícios levíticos e levada a cabo nos rituais de culto do tabernáculo e do templo. Tudo muito diferente da hospitalidade da pousada de Procrustes.

OBSERVAMOS COMO É fácil e comum evitar Cristo ou esquivar-se dele em sua atuação na criação. Sem dúvida, está bastante claro que Deus se revela no nascimento de

Jesus para afirmar a vida e tudo o que a vida inclui e, depois, para nos envolver nela. Mas algumas pessoas escolhem apenas as partes convenientes e descartam o resto, o que normalmente significa descartar Jesus conforme ele nos é revelado. O termo que resume essa abordagem é "gnosticismo".

Também é comum fecharmos os olhos e tirarmos uma soneca enquanto Cristo atua na história. Não há dúvida de que Deus se revela na morte de Jesus Cristo ao açambarcar tudo o que deu errado na vida e, por meio dessa morte sacrificial, salvar o mundo, nos envolvendo na salvação. Por que tantas pessoas desejam manter-se afastadas da confusão e de Cristo presente no meio dessa confusão, preferindo arrumar a bagunça à distância, contratando instrutores ou impondo regulamentos? Estão decididas a colocar uma cama semelhante à de Procrustes no lugar de um altar cristão. Há um termo perfeito que resume essa abordagem: "moralismo".

PRIMEIRO TEXTO-BASE: ÊXODO

Se a criação fornece o contexto para a atuação de Cristo, a história fornece as pessoas e circunstâncias em meio às quais e dentro das quais Cristo atua "belo em membros, belo em olhos que não são seus". A palavra que caracteriza de modo mais sucinto essa atuação de Jesus na história é "salvação". Se a expressão "Jesus salva" não tivesse sido, há muito tempo, reduzida a um clichê, serviria para resumir adequadamente o que as Escrituras dizem sobre o assunto.

Mas adesivos de carros e pichações isolaram essas palavras tão completamente da história cujo ponto culminante elas constituem, que perderam todo o significado. Precisamos resgatar a *história* da salvação para que as *palavras* da salvação signifiquem algo. A salvação não é um lance passageiro. Não pode ser isolada da textura rica da história; ela abrange todas as coisas, atraindo tudo o que aconteceu e acontece, todas as pessoas designadas pelo nome ou anônimas, para uma relação com a obra de Deus na história.

Os textos que escolhi como base para a identidade cristã dentro da realidade histórica em que a salvação é revelada e recebida são Êxodo e o evangelho de Marcos. Juntos, os dois textos são paradigmáticos para revelar a presença e a obra de Deus na história, a atuação de Cristo em todas as circunstâncias e acontecimentos que ocorrem no tempo e no lugar. Podemos usar a metáfora de um jogo para reunir, numa imagem coerente, tudo o que acontece na história. O nome desse jogo da história é salvação. No entanto, é preciso entender que esse jogo não constitui uma digressão do objetivo principal da história. Ele *é* o objetivo principal. A salvação é o jogo que reúne, no campo da história e na atuação de Cristo, tudo o que acontece em termos gerais e individuais. Não somos espectadores, mas participantes. O que está em jogo é o significado e o resultado final de nossa vida. As conseqüências são de caráter eterno.

AO LERMOS ÊXODO, nossa tarefa é perceber como a salvação funciona na história. Êxodo é "a revelação básica do padrão da atividade divina salvífica em todas as eras".[75] É essencial livrar nossa imaginação de conceitos inapropriados para a realidade da história da salvação conforme é revelada no testemunho bíblico. Nos meios cristãos, é extremamente comum transformarmos "salvar" e "salvação" em abstrações ou princípios que completamos, então, com nossas fantasias ou idéias.

Por certo, a salvação *não* pode ser definida como último recurso para resgatar algumas tábuas e vigas de um navio naufragado. "Salvar" e "salvação" são termos que não chegam até nós como expressões isoladas ou fragmentos de frases, mas como palavras inseridas num relato amplo que possui trama e personagens e que vem se desenvolvendo e sendo narrado ao longo dos séculos. A energia da salvação alcança todas as saliências e reentrâncias da história. A salvação é um grande sistema ecológico, de complexidade muito maior que a da criação, no qual todas as coisas se afetam

---

[75] George A. F. KNIGHT, *Theology as Narration,* p. 20.

mutuamente: o livro de Êxodo se torna "a revelação básica do padrão de atividade divina salvífica em todas as eras".

ÊXODO COMEÇA ESTABELECENDO uma ligação com Gênesis, mais especificamente com a família de Jacó ("setenta [pessoas]") que emigrou de Canaã para o Egito em busca de alimentos. Escaparam da fome, mas acabaram oprimidos pela servidão cruel.

Em seguida, Êxodo retoma a história da salvação mostrando o povo de Deus atolado no lamaçal da história: escravos havia 430 anos, durante os quais os egípcios "lhes fizeram amargar a vida com dura servidão, em barro, e em tijolos, e com todo o trabalho no campo; com todo o serviço em que na tirania os serviam" (Êx 1:14; 12:40). Em seu estudo profundo de Êxodo, o célebre professor Don Gowan escreve: "Se lermos a história como ela é contada e a compararmos com outros pontos sombrios da história de Israel conforme a narrativa do Antigo Testamento, podemos concluir que este momento é retratado como o mais sombrio".[76]

Trata-se de uma idéia importante, pois indica que nossa história clássica da salvação não se baseia em nada que fizemos ou podemos fazer como indivíduos ou sociedade. Começa em condições de impossibilidade humana e da mais absoluta adversidade. Não temos como analisar nossa situação e calcular probabilidades. Nesse beco sem saída da história, livre de estratégias sociais, políticas e terapêuticas, nossa imaginação pode prestar atenção em Deus.

É de praxe os historiadores reunirem as realizações de povos e civilizações para determinar a natureza e o significado de sua influência no curso dos acontecimentos da humanidade. Reis e generais são proeminentes. Observam-se construções e monumentos com reverência. A linguagem é estudada e vestígios da literatura são cuidadosamente analisados. Rotas comerciais são traçadas e suas respectivas

---

[76] *Theology in Exodus,* p. 6.

implicações econômicas são esboçadas. Batalhas e tratados, inundações e fomes, todos deixam suas marcas.

O Egito é uma vitrine para o estudo minucioso dos historiadores. Ao longo de mais de duzentos anos, o Egito antigo tem sido objeto do escrutínio encantado e ávido de arqueólogos e filólogos. Napoleão Bonaparte deu o pontapé inicial com a redescoberta do Egito antigo em 1798 ao navegar para lá partindo da França, desafiando o poder da Inglaterra naquela região. Sua campanha militar não demorou a fracassar, mas trouxe benefícios inesperados: ele levara consigo estudiosos e artistas, que reuniram uma coleção riquíssima de documentos antigos.

Um achado particularmente precioso foi a Pedra de Roseta, uma laje de basalto negro com inscrição em três línguas, sendo uma delas o egípcio escrito em hieróglifos antes indecifráveis. Depois de muitos anos de trabalho árduo, um jovem estudioso francês, Jean-François Champollion, conseguiu decifrar os hieróglifos em 1822. A partir de então, homens e mulheres continuam a vasculhar os túmulos e templos gigantescos do Egito, lendo os textos e reconstituindo a história dessa civilização magnífica e impressionante que dominou o mundo. Sabemos um bocado de coisas sobre as pirâmides de Gizé e a esfinge, o templo de Carnaque, sobre os triunfos e derrotas militares e sobre os deuses e deusas famosos de entalhes e gravuras.

O estudioso norte-americano James Henry Breasted (1865-1935) dedicou-se a traduzir e reunir todo esse conhecimento. Foi seguido por uma série de grandes acadêmicos e por um bando interminável de turistas andando de um lado para o outro com suas câmeras, camelos e interjeições de espanto diante de tanta magnificência. As evidências de poder e beleza inseridas nessa paisagem desértica, construções de três mil, quatro mil e cinco mil anos atrás, nunca deixam de surpreender nossa imaginação.

Mas os escritores bíblicos ignoram tudo isso. Praticamente não têm interesse nas realizações espetaculares de homens e mulheres. Não estão interessados nas

demonstrações arrogantes de ego. Estão interessados em Deus e sabem que não devem procurar sinais de sua presença no que é grandioso, numeroso, obviamente assertivo. Sua abordagem da história é mais semelhante ao espírito e à maneira do poeta William Meredith se expressar:

> Falo do que é despercebido
> Forças que partem o coração
> E sacodem o calçamento —
> Forças ocultas em
> Pessoas e plantas tranqüilas...[77]

Assim, é bastante expressivo que os primeiros nomes a serem citados nesse relato fundamental da obra de Deus na história sejam os de Sifrá e Puá, duas parteiras da classe social e econômica mais baixa daquela sociedade. As duas mulheres desacatam a ordem do rei egípcio e, com esse ato de rebeldia, desencadeiam uma série de acontecimentos históricos que, a seu tempo, colocados lado a lado com a história de Jesus, constituiriam o relato paradigmático da salvação para toda a história. O rei do Egito, também chamado de faraó, talvez o governante mais poderoso da época, não é sequer dignificado com um nome próprio.[78]

Mas o nome dessas duas mulheres hebraicas desconhecidas é revelado e, justamente por isso, elas deixam de ser desconhecidas: Sifrá e Puá. São parteiras. Seu trabalho é trazer bebês ao mundo. Quando o faraó ordena que matem esses bebês, elas desacatam sua ordem de modo simples e sem alarde — um gesto inesquecível. A salvação não é imposta de cima para baixo ou de fora para dentro; ela surge das condições em que nos encontramos, quando a vida

---

[77] "Chinese Banyan", em *The Open Sea*

[78] O título "faraó", que significa, literalmente, "Casa Magnífica", era usado com freqüência para se referir ao rei do Egito, talvez como usamos o termo "Planalto" para nos referirmos ao presidente ou como dizemos "Governo" quando desejamos introduzir um tom de desaprovação ou desprezo, como em "A culpa é do Governo" ou "Não se pode confiar no Governo...". Ver *Anchor Bible Dictionary,* p. 288-289.

é confrontada com a morte. Trabalhando diariamente em tempos e lugares nos quais a vida humana irrompe do ventre e entra para a história, Sifrá e Puá se recusam a obedecer a ordem de matar bebês.

O desejo de promover vida se choca com a ordem para matar. A ordem para matar vem do caráter anônimo e impessoal do privilégio e do poder; o desejo de promover vida vem de duas mulheres que vivem à margem da sociedade, porém são identificadas de modo extremamente pessoal: Sifrá e Puá, representantes dos oprimidos e impotentes. Relatada pelo ponto de vista da invencibilidade, a história consiste, em sua maior parte, de morte; relatada pelo ponto de vista da vulnerabilidade, a história consiste, em sua maior parte, de vida.

No estilo bíblico de escrever a história e participar dela, líderes mundiais são apenas coadjuvantes. Os papéis decisivos são desempenhados por pessoas como Sifrá e Puá. Enquanto não entendermos e aceitarmos isso, esse *posicionamento* da ação, essa fundamentação no que é pessoal e comum, não poderemos participar integralmente da ação principal da salvação.

MOISÉS E ARÃO, QUE LIDERARAM o povo de Deus nas circunstâncias históricas em que a salvação foi revelada e experimentada, eram da mesma região de Sifrá e Puá, a região em que os bebês estavam sendo ameaçados de morte pelas autoridades supremas. Se Sifrá e Puá tivessem feito seu trabalho conforme as ordens do faraó, Moisés e Arão teriam morrido ao entrar no mundo.

Sabemos pouca coisa sobre Moisés, e menos ainda sobre seu irmão Arão. Está claro, porém, que, como suas parteiras protetoras, eles vieram das margens da sociedade: Moisés foi resgatado dos juncos e adotado por uma princesa egípcia, assassinou um valentão egípcio e fugiu para Midiã, defendeu as sete filhas pastoras de Reuel e se casou com uma delas, Zípora. Cada um desses incidentes reforça sua posição de pária.

No que se refere à liderança, ele é apresentado como excepcionalmente despreparado. É inseguro e, como gostamos de dizer, não tem "auto-estima". Quando Deus lhe chama a atenção por meio da sarça ardente, Moisés mostra-se curioso, mas desconfiado. O diálogo entre Deus e Moisés transforma-se numa longa discussão, com Deus o convocando a confrontar o faraó e conduzir o povo hebreu para fora do Egito, e Moisés apresentando objeções subseqüentes:

- Deus diz: Eu te enviarei ao faraó para que livres o meu povo (Êx 3:10).
- Moisés diz: Quem sou eu para fazer isso? (3:11).
- Deus diz: Mas eu estou contigo (3:11-12).
- Moisés diz: Qual é o teu nome? (3:13).
- Deus diz: EU SOU. Diga-lhes o meu nome; eles te ouvirão (3:14-22).
- Moisés diz: Eles não crerão em mim (4:1).
- Deus diz: Leva este bordão; faz estes sinais; eles ouvirão (4:2-9).
- Moisés diz: Envia alguma outra pessoa (4:13).
- Deus, perdendo a paciência, diz: Eu enviarei o teu irmão Arão para te ajudar (4:14-17).

Com isso, Moisés finalmente concorda (como podemos imaginar, ainda com relutância) e começa a se preparar para voltar ao Egito.

É difícil imaginar um candidato mais improvável para assumir a liderança nessas circunstâncias históricas específicas. Como pode o trabalho de salvação ter sido liderado por esse fracassado lerdo, indeciso e sem iniciativa? Como pode o trabalho de salvação ter sido confiado a esse homem cheio de argumentos e desculpas que não demonstra nenhuma reverência diante de Deus, nenhuma prontidão para obedecer à ordem clara de Deus?

Mas talvez este seja o ponto crucial. A salvação é uma obra de Deus: *Jesus* salva. A incompetência pode ser uma qualificação essencial para que, em nossa impaciência e

presunção, não assumamos o controle de tudo e comecemos a gerenciar uma economia ampla e complexa que somos incapazes de compreender. Claro que não estamos completamente no escuro; sabemos de relatos que revelam a obra salvadora de Deus operando em certos momentos da história que nos são acessíveis. Também sabemos o suficiente para participar pessoalmente da vida de salvação nos arrependendo, crendo e seguindo a Jesus, o arquiteto e pioneiro da salvação. Mas nosso conhecimento não passa muito disso. Grande parte do que ocorre na salvação está além da compreensão; vivemos um mistério. Atravessamos esta vida numa "nuvem de desconhecimento".

Assim, Moisés não é um modelo colocado acima de nós como alvo a ser alcançado. Antes, ele é um companheiro que nos mostra o que significa manter os pés no chão, aqui onde Deus opera de modo salvífico nas pessoas e circunstâncias que constituem a parte da história em que nos encontramos.

Mais adiante, quando lermos as páginas iniciais do evangelho de Lucas, encontraremos uma repercussão interessante desse conjunto de "líderes" de Êxodo na obra da salvação. Lucas também começa com duas mulheres de importância secundária, que, como Sifrá e Puá, dão vida em meio ao domínio e opressão exercidos pelo Império Romano, com a diferença de que Isabel e Maria o fazem como mães, e não como parteiras. Lucas apresenta, ainda, dois homens de importância secundária, Zacarias e João, pai e filho, levitas como os irmãos Moisés e Arão, sendo que pelo menos um deles (João) sai do deserto para assumir posição de liderança na trama da salvação.

Deus

Mas tudo isso é preliminar, uma forma de sentirmos as circunstâncias nas quais se dá a salvação. O foco principal e essencial do relato é Deus. A história da salvação é uma história sobre Deus. É Deus fazendo por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. Também é Deus fazendo isso a seu modo, e não de acordo com nossas ordens ou

preferências. Ele não nos consulta quanto ao tempo mais adequado para realizar sua obra.

Isso exige repetição contínua. Nós, seres humanos, com nossas pretensões profundamente arraigadas de ser deuses, vivemos ocupados nos preocupando com questões de salvação e interferindo nelas como se estivéssemos no controle. Mas não estamos. Deus realiza a obra da salvação; é verdade que ele não o faz sem nossa participação, mas é uma obra de Deus feita à maneira de Deus.

A ausência de Deus

A história na qual Deus realiza sua obra de salvação tem origem no meio de um povo cuja principal experiência de Deus é sua ausência. Somos confrontados com esse fato logo no início de Êxodo, quando percebemos que esse povo viveu 430 anos em escravidão. Onde Deus estava durante todo esse tempo? Aquelas palavras da aliança que Deus fez com Abraão, Isaque e Jacó ainda vigoravam? Os anos providenciais de José no Egito não deixaram marcas duradouras?

A experiência da ausência ou do silêncio de Deus por mais de quatrocentos anos antes do Êxodo é um elemento desconsiderado com freqüência pelos comentaristas das Escrituras, porém de grande importância. Essa história extensa de salvação não encobre nada. Há períodos (mais de quatrocentos anos é um bocado de tempo!) em que nada remotamente parecido com a salvação parece estar ocorrendo. De acordo com Donald Gowan: "Vários comentaristas observaram que Deus está, de certo modo, claramente ausente nos dois primeiros capítulos de Êxodo, mas ninguém considerou apropriado ressaltar muito esse fato".[79] É uma pena que não tenham feito isso, pois o intervalo aparentemente interminável no qual o povo experimentou a ausência de Deus repete-se na vida de quase todo mundo, e a maioria não sabe lidar com esse hiato. Precisamos dessa validação de Êxodo de que uma sensação

[79] *Theology in Exodus,* p. 2.

da ausência de Deus faz parte do relato, e que não é excepcional nem evitável, como também não é um julgamento sobre como estamos vivendo.

Quer a experiência da ausência seja medida em semanas, quer em meses ou anos, para quase todos nós ela não se encaixa naquilo que consideramos "normal" segundo nosso conceito de salvação.

No entanto, ela é normal.

Ao observamos nosso livro básico de oração, os Salmos, as orações de nossos antepassados que continuam sendo usadas pelo Espírito Santo para nos ensinar a confiar em Deus, segui-lo e louvá-lo, aprendemos também como é comum experimentar a ausência de Deus. A fé em Deus não nos isenta de nos sentirmos abandonados por ele. Louvar a Deus não é uma vacina contra as dúvidas a seu respeito. Meditar com devoção sobre a palavra de Deus não nos garante a sensação constante de estar "nos braços de Jesus", nem nos protege dos sentimentos de abandono, escuridão e aridez. O salmo 22 é dolorosamente severo, porém não completamente atípico:

> Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?
> Por que se acham longe de minha salvação
> as palavras de meu bramido?
> Deus meu, clamo de dia, e não me respondes;
> também de noite, porém não tenho sossego.
>
> Salmos 22:1-2

Pendurado na cruz, Jesus usou essa oração no momento exato em que estava consumando nossa salvação. Nos lábios de Jesus, essa oração valida a experiência da ausência de Deus como parte da nossa participação na salvação. Perguntas e protestos acerca da ausência de Deus não são secundários na salvação. Os salmistas não se mostram tímidos nem apologéticos ao nos darem permissão de expressar em oração as nossas queixas sobre a maneira como a salvação está sendo realizada:

Por que, SENHOR, te conservas longe? E te escondes nas horas de tribulação?

Salmos 10:1

Até quando, SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o rosto?

Salmos 13:1

Por que te olvidaste de mim?

Salmos 42:9

Desperta! Por que dormes, Senhor? Desperta! Não nos rejeites para sempre! Por que escondes a face e te esqueces da nossa miséria e da nossa opressão?

Salmos 44:23-24

Os meus olhos desfalecem de tanto esperar por meu Deus.

Salmos 69:3

Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre?

Salmos 74:1

Até quando, SENHOR? Será para sempre a tua ira?

Salmos 79:5

Por que rejeitas, SENHOR, a minha alma e ocultas de mim o rosto?

Salmos 88:14

Até quando, SENHOR? Esconder-te-ás para sempre?

Salmos 89:46

Volta-te, SENHOR! Até quando?

Salmos 90:13

Desfalecem-me os olhos à espera da tua salvação.
Salmos 119:123

Essa seleção aleatória e superficial de frases de nosso livro de orações, os Salmos, dá prova extensa de que, nos séculos depois da salvação do Êxodo, assim como nos séculos antes dela, a ausência de Deus foi uma experiência comum entre os salvos.

Esses salmistas, juntamente com Jó, Jeremias e, como não podemos jamais esquecer, Jesus, desenvolvem e enriquecem nosso vocabulário para expressar a ausência de Deus, permitindo que encaremos com honestidade e vivamos com coragem tudo aquilo de que não gostamos e que não entendemos. Oramos no mesmo ritmo que nossos companheiros da Bíblia que, como nós, não apreciavam nem compreendiam todos os elementos da salvação.

R. S. Thomas é outro companheiro valioso nos momentos em que se pode sentir a ausência de Deus. Durante a vida adulta, Thomas ministrou como pastor anglicano num ambiente rural austero nas regiões inóspitas do interior do País de Gales, na Inglaterra. Também foi considerado por muitos "o mais excelente poeta cristão" do século XX (faleceu em setembro de 2000).[80] Nenhum poeta, desde São João da Cruz, explorou em tantos detalhes as dimensões do sentimento da ausência de Deus. Seu poema "Via negativa" é representativo:

De modo algum! Jamais pensei outra coisa senão
Que Deus é aquela grande ausência
Em nossa vida, o silêncio vazio
Dentro de nós, o lugar para onde vamos
Buscando, sem a esperança de
Chegar ou encontrar. Ele mantém os interstícios
Em nosso conhecimento, a escuridão
Entre as estrelas. Dele são os ecos

[80] Peggy ROSENTHAL, "Poet of the Hidden God", em *The Christian Century,* ed. jan/ 2001, p. 4-5.

Que seguimos, as pegadas que ele acabou de
Deixar. Colocamos nossas mãos no
Seu lado esperando senti-lo
Quente. Olhamos para pessoas
E lugares como se ele tivesse olhado
Para eles também; mas não vemos o reflexo.[81]

Esses testemunhos de experiência da ausência de Deus no âmbito da salvação são imensamente importantes. Quer dentro quer fora da igreja, eles raramente são proclamados — não se trata de uma área muito apreciada de nossa vida — e, com freqüência, são reprimidos. Mas, tendo em vista as tendências consumistas de tentar adquirir um deus ou deusa que satisfaça nossos anseios por aconchego e sentimentos agradáveis, esses testemunhos são necessários. São essenciais para nos manter alertas e atentos para o mistério de Deus, cujos "caminhos são inescrutáveis". São fundamentais para evitar que reduzamos o Deus todo-poderoso a um deus-à-minha-disposição. São indispensáveis para colocar limites disciplinados em nossa "voracidade espiritual" coletiva.[82] São imprescindíveis para ampliar nossa prontidão para a salvação além de nossos jardins espirituais cercados com cuidado e cultivados com devoção.

Qualquer conceito de Deus que não leva em consideração o silêncio divino é meia-verdade — é, de fato, uma distorção cruel — que nos deixa vulneráveis à manipulação e à exploração de líderes extremamente dispostos a preencher as lacunas bíblicas que o Espírito Santo não nos revela.

A presença de Deus

EU SOU O QUE SOU é a revelação mais clara e convincente que temos da presença de Deus (sempre,

---

[81] *Later Poems,* p. 23

[82] A expressão é de João da Cruz, que viveu e escreveu em oposição incansável às espiritualidades comodistas de todo tipo.

evidentemente, excetuando Jesus, o Verbo que se fez carne). A expressão é impactante.

Deus se fez presente para Moisés enquanto ele cuidava de um rebanho no deserto de Midiã. Uma sarça ardente que não era consumida pelo fogo chamou a atenção de Moisés; ele se aproximou para ver o que estava acontecendo. Do meio das chamas, Deus proferiu o nome de Moisés, e Moisés respondeu, iniciando-se, assim, um diálogo entre os dois. Deus anunciou a intenção de livrar seu povo da escravidão no Egito e disse a Moisés que desejava que ele os conduzisse para uma "terra boa e ampla". Moisés relutou, mas, depois de uma longa argumentação, concordou e recebeu suas instruções, desencadeando uma série de ações (Êx 3—4).

EU SOU O QUE SOU é a resposta de Deus ao pedido de Moisés por uma identificação. EU SOU O QUE SOU — o nome usado por Deus para si mesmo — indica para Moisés que Deus está vivo, presente para ele, pronto a operar a salvação. Esse nome que revela a essência de Deus, e os conceitos desenvolvidos no seu uso em oração e obediência pelo povo hebreu marcam a desconstrução de todos os modos impessoais, mágicos, manipuladores, abstratos e coercivos de entender Deus.

Ouvir e responder ao EU SOU O QUE SOU fazia dos hebreus testemunhas participantes do magnífico drama histórico da salvação, que desafia e, em seu devido tempo, desintegra todos os estilos de vida contrários, os principados e potestades do mundo contra os quais Paulo posteriormente conclamará os cristãos a lutar (Ef 6:10-20); "todos os reinos do mundo e a glória deles" que Jesus recusou negociar com o diabo (Mt 4:8-10). Em Israel, a adoração ao EU SOU O QUE SOU transformou-se num modo de vida no qual o amor definia os relacionamentos — todos eles, sem exceção: Deus, o próximo, o estrangeiro, o inimigo, a família. Servir e obedecer ao EU SOU O QUE SOU tornou-se uma exploração de todas as dimensões da liberdade — liberdade do pecado, da opressão e da perdição.

EU SOU O QUE SOU, essa expressão de caráter predominantemente verbal, que enfatiza a vida e pela qual aprouve a Deus ser compreendido, foi abreviada para o substantivo verbal de quatro letras *YHWH,* provavelmente pronunciado Javé (e normalmente traduzido como SENHOR). Tornou-se o termo preferido dos hebreus para se dirigirem ou se referirem ao Deus de Israel que se revelou ao seu povo, usado 6.700 vezes no Antigo Testamento, em comparação com 2.500 ocorrências do termo semítico genérico para divindade *Elohim* (traduzido simplesmente como "Deus").

O nome proferido do interior da sarça ardente marcou a revelação definitiva de Deus como presente para nós e pessoal conosco — Deus no meio de nós, relacionando-se conosco. Não mais deuses feitos de madeira e pedra. Não mais deuses que precisavam ser apaziguados, subornados ou cortejados. Não mais deuses adornados com abstrações para especulação filosófica. Não mais deuses escolhidos para desempenhar os papéis principais em dramas de guerras cósmicas e mitos sexuais.

NAQUELE DIA, QUANDO Moisés estava diante da sarça em Midiã, cerca de quinhentos quilômetros para oeste, a milenar civilização egípcia continuava a prosperar. Era uma civilização que impressionava por sua engenharia e sua arquitetura (pirâmides e templos incríveis!), pela religião complexa e o respectivo sacerdócio que procurava controlar todos os aspectos da vida diária, pelos exércitos agressivos e determinados a submeter todos à servidão. O Egito dominava o Oriente Médio.

Mas era um domínio de morte. As pirâmides, os monumentos mais visíveis em sua paisagem, eram túmulos. Tumbas sofisticadas, magníficas em sua arte e decoração incrivelmente complexas e na engenhosidade técnica necessária para sua construção. A julgar apenas pelo seu tamanho, davam a impressão, sob a aparência de imortalidade, que desafiavam tudo, até mesmo a morte, especialmente a morte, e tinham a última palavra. Ainda

assim, eram túmulos, receptáculos para múmias, casas para os mortos.

Ao refletir sobre essas pirâmides, simbólicas de grande parte do que se passava na civilização egípcia, somos tomados de emoções contraditórias de reverência e menosprezo. Mas não por muito tempo, pois aqui a reverência não pode competir com o menosprezo. A reverência que brota espontaneamente dentro de nós ao nos vermos diante de obras tão extraordinárias de engenharia e arte logo é sobrepujada pelo menosprezo ao considerarmos o absurdo de supor que pedras inanimadas poderiam oferecer uma passagem para a vida imortal. A civilização egípcia era obcecada com a imortalidade obtida pelo martelo e o cinzel do escultor e pela arte do embalsamador.

No relato bíblico, o Egito é sinônimo de morte. Toda a magnificência e a arrogância egípcias foram reduzidas naquela sarça ardente à sua essência, um montículo de cinzas. O antônimo do Egito que oferecia morte é Javé, o Deus que oferece vida aqui e agora, o Deus vivo e salvífico.

O nome vindo da sarça não é invocado ou conjurado. Moisés está tratando das suas coisas, distante da ação, muitos anos e quilômetros distante da riqueza, poder e religião do Egito. O nome, o verbo na primeira pessoa, EU SOU, toma a iniciativa. Esse ato marca o histórico ponto crítico no colapso longo e contínuo da comercialização rentável da religião como apólice de seguro, aproveitando-se do medo e das superstições das pessoas em relação à morte.

Um milênio e dois séculos depois, Jesus dá continuidade ao episódio da sarça e o conclui; seus lábios proferem exatamente essas palavras: EU SOU, e ele as encarna em conversas e encontros salvíficos com os perdidos e os moribundos, os confusos e os atormentados, os enfermos e os culpados — todos escravos do pecado —, conduzindo-os a uma vida nova. O evangelho de João apresenta a conclusão de Jesus para a revelação na sarça.

O NOME *EU SOU O QUE SOU* foi estudado, examinado, sondado e considerado em várias línguas por uma série interminável de estudiosos e devotos na tentativa de detalhá-

lo, defini-lo, dizer o que significa. O resultado mais visível desse esforço descomunal ao longo de mais de dois mil anos é o seu caráter inconclusivo. Não há nenhum "resultado".

Deus não pode ser definido. "Javé" não é uma definição.[83] Deus não pode ser reduzido a um "objeto" de nossa investigação ou pesquisa. Os primeiros nomes usados pelo povo de Deus para designá-lo eram todos substantivos: as denominações genéricas Deus *(Elohim),* Deus dos Patriarcas *(Elohey Avoth)*, Deus Todo-Poderoso *(El Shaddai),* Deus Altíssimo *(El Elyon)* e Deus dos Exércitos *(Elohey Tsvaoth)* continuam sendo úteis, mas, agora, todas elas precisam ser entendidas sob a primazia do verbo que não pode ser definido nem sujeito a um exame. No entanto, é um nome que podemos receber e ao qual podemos responder. Deus está ativamente presente em nossa dimensão, e nossa única opção é também estar ativamente presentes, ou não. Nesse sentido, o teólogo C. Vriezen enfatiza a realidade de Deus: '"Eu sou o que sou' significa 'Eu estou lá... onde quer que seja esse lá... Eu estou verdadeiramente lá!'".[84] O paralelo em Êxodo 33:19 serve de corroboração.

Esse nome é intencionalmente enigmático? Revela, mas não conta a história toda? Mostra a intimidade, a presença pessoal, mas preserva o mistério, impedindo a posse e o controle? É um ícone verbal para todos os relacionamentos iniciados por Deus na fé, na amizade e no casamento?

Creio que sim.

A sarça e o nome contrastam com tudo o que se passava no Egito naquela época. O Egito representava o controle supremo, controle sobre uma grande população de escravos, controle da vida depois da morte, controle de um império mundial, controle de um panteão enorme de deuses e deusas, como se, ao reduzi-los a esculturas de pedra

---

[83] "Deus fará conforme Moisés pedir. Seu plano é revelar seu nome, mas primeiro ele se reserva a liberdade de não ser definido, em nenhum sentido, por um nome. Israel também poderá se dirigir a ele, mas não possuí-lo" (GOWAN, *Theology in Exodus,* p. 84).

[84] Citado em Brevard S. CHILDS, *The Book of Exodus,* p. 69.

gigantescas e magníficas, eles pudessem controlar a história por meio de suas manobras sacerdotais.

Mas isso tudo é anti-história. A história é o âmbito da salvação. Tratar pessoas como objetos é uma profanação da obra central da história, que é a salvação. E reduzir Deus a um objeto (ou idéia, ou definição) para que possamos controlá-lo é um absurdo ultrajante, não importa a solenidade com que se fizesse isso (os egípcios eram extremamente solenes). Na revelação do nome na sarça, ao impedir uma definição, Deus preserva sua liberdade para que possamos ter a nossa liberdade.

Gerhard von Rad expressa a idéia da seguinte maneira:

O fato de suma importância é que esse nome não poderia ser coisificado nem manipulado — seu segredo não poderia, de maneira nenhuma, ser reduzido a uma interpretação teológica do seu significado, nem mesmo daquele em Êxodo 3:14. Javé o havia vinculado à manifestação livre da sua revelação própria na história.[85]

Exorcismo

Uma das principais dificuldades em aceitar a história como o âmbito da salvação (para alguns, é uma dificuldade insuperável) é a quantidade enorme de contraprovas assertivas e implacáveis. Os jogadores que mais chamam a atenção no campo da história participam de um jogo bem diferente do de Cristo. A maioria das pessoas — e, sem dúvida, aquelas que recebem a maior parte da atenção e têm os nomes registrados nos livros de história — está envolvida em outros jogos com regras distintas: jogos de guerra, jogos do ego, jogos de dinheiro, jogos de tabuleiro, jogos de beisebol, jogos ao ar livre, jogos de cartas e roletas, jogos dentro da igreja, jogos de sexo, jogos que vão do mortal ao trivial. Jogos de pecado e morte.

Muitos desses jogos, senão todos, são associados a afirmações explícitas ou pressuposições de que elevarão a vida dos participantes excepcionais a um patamar mais

---

[85] *Old Testament Theology,* vol. 1, p. 185.

interessante, mais empolgante, mais expressivo: "Acabe com o tédio"; "Promova a excelência"; "Ande com a elite"; "Firme-se numa posição de poder". Não é difícil detectar pelo menos um vestígio de transcendência em tudo isso, de perceber vozes e asserções abafadas de deuses vendendo seus produtos, fingindo ajudar, salvar, entreter, aprimorar, dar poder. Mesmo que o termo não seja usado — raramente é —, a sugestão é de alguma variação da salvação; seremos resgatados de uma condição na qual nos sentimos atolados em qualquer coisa, desde o tédio até a mais absoluta infelicidade, e teremos uma vida melhor. Mas, a longo prazo, as ofertas se mostram vazias e, com certeza, não oferecem nada parecido com salvação.

A espiritualidade cristã afirma com ousadia que há somente um jogo verdadeiro em andamento na história: a salvação. Tudo o que homens e mulheres fazem acontece nesse campo dentro do qual e sobre o qual Deus é soberano, onde "Cristo atua em mil lugares".

Mas é necessário todo um processo para entendermos esse fato. Foi preciso um longo processo para Israel finalmente entender. Veja como isso aconteceu.

POR VOLTA DE 1250 A.C, os hebreus viviam no Egito como escravos havia mais de quatrocentos anos. Nessa época, o Egito era, desde muito tempo, uma potência mundial. Havia desenvolvido e aperfeiçoado uma das formas mais impressionantes de se fazer passar por Deus, dominando o cenário e a imaginação de povos próximos e distantes, numa sociedade totalitária governada por um ditador que todos criam ser um deus. O esplendor que cercava esse deus-ditador lhe dava credibilidade: arquitetura suntuosa, arte deslumbrante, tudo magnificente, tudo feito de ouro.

Mas o esplendor era inteiramente externo; por dentro, o palácio estava infestado de vermes — abuso, crueldade, superstição, degradação. Os hebreus estavam lá, no meio de tudo isso, mas alheios e impotentes, no lado mais fraco. Será que alguns grupos preservavam na clandestinidade os relatos

antigos dos "patriarcas"? É provável que sim, mas, para a maioria, o centro de todo o poder era o Egito. Depois de 430 anos naquela terra, a memória de Abraão, Isaque e Jacó caíra quase inteiramente no esquecimento.

Nessas condições, é difícil entender o que Deus está fazendo na história, ou mesmo perceber se ele está fazendo alguma coisa, por menor que seja. Para que o povo de Deus possa reconhecer a revelação e operação de Deus como o EU SOU O QUE SOU e responder a elas, é necessário que veja esse lamaçal de mentiras e opressão faraônico como ele é de fato, como um grande mal; mas também, como um mal *não* definitivo, que *não* é a última palavra. Precisam de uma reforma em grande escala em sua visão da realidade egípcia.

É comum pessoas que sofrem intensamente e por muito tempo passarem a considerar seus opressores poderosos, *mundialmente* poderosos e, portanto, os ocupantes da posição mais elevada na hierarquia de realizações humanas. Os hebreus haviam sofrido intensamente, e por muito tempo, uma opressão apoiada por uma religião impressionante — com aqueles templos, estátuas e sacerdotes! Por todos os lados, podiam ver não apenas a oposição dos egípcios, mas também a oposição dos *deuses.* Por mais que protestassem por sua posição de escravos oprimidos dentro do sistema, esse sistema era a única realidade que conheciam. Era impossível imaginar qualquer outra realidade. Se, por algum milagre, fossem libertados de sua condição de servidão, é quase certo que assumiriam uma posição mais elevada na cadeia de opressão e se tornariam, eles próprios, opressores. Fenômeno desse tipo acontece o tempo todo em famílias, negócios, governos revolucionários, sistemas burocráticos e igrejas.

Assim, de que maneira Moisés poderia remover esse verniz de poder, majestade, beleza e sucesso e revelar todo o seu mal, de modo que, ao conduzir seu povo para fora do Egito, eles não levassem consigo para o resto da vida a experiência egípcia como realidade aprovada, a única realidade, e, então, simplesmente a reproduzissem quando chegassem à terra de sua salvação? Se Moisés os conduzisse

para fora do Egito enquanto a imaginação deles ainda estava sob o controle egípcio, não demorariam muito para repetir a "fórmula egípcia de sucesso". Tanto quanto eles sabiam, dava certo e estava dando certo por, pelo menos, mil anos. Se a imaginação do povo não fosse inteiramente purificada do mal em que se encontrava mergulhado, assim que eles próprios tivessem poder acabariam fazendo a mesma coisa, oprimindo os fracos e pisando nos indefesos, intimidando com poder e tamanho os que estivessem debaixo deles, tudo em nome dos deuses.

É NESTE PONTO QUE entram em cena as dez pragas. Elas foram usadas para revelar a futilidade do mal, para purificar a mente dos hebreus de toda admiração invejosa do mal, para demolir sistematicamente qualquer ilusão acerca dos deuses ou pretensões à divindade utilizadas pelo mal para exercer poder sobre homens e mulheres. William Blake escreveu sobre a necessidade de purificar as "portas da percepção"[86] para que possamos ver o que está acontecendo de fato na vida — neste caso, a salvação — e não apenas o que é relatado nos jornais. Cada uma das dez pragas serviu de água, sabão e alvejante para efetuar uma limpeza completa.

Quando nossa mente e nosso espírito sucumbem ao *domínio* do mal, e não apenas aos seus efeitos físicos, passamos a ser controlados por poderes demoníacos. O faraó era a corporificação desse governo no Egito. As dez pragas foram uma forma complexa de exorcismo, uma expulsão de demônios que libertou a imaginação dos hebreus do domínio do mal para terem liberdade de ouvir e seguir seu Salvador e adorar a Deus "em espírito e em verdade" (Jo 4:24). Quando Moisés começou a trabalhar com seus irmãos e irmãs hebreus, eles sofriam de uma "ânsia de espírito" (Êx 6:9), ou "angústia" (NVI), e a única "verdade" à qual tinham acesso era essa grande mentira egípcia.

Mas o Egito e o faraó não eram o "mundo real". Eram o mundo real desfigurado, profanado, endemoninhado. As dez

---

[86] Northrop FRYE (org.), *Selected Poetry and Prose of William Blake,* p. 129.

pragas desconstruíram essa fraude gigantesca item por item, peça por peça, até que não sobrasse nada para cativar a imaginação do povo de Deus. O drama de exorcismo constituído pelas dez pragas libertou os hebreus do modo egípcio de compreender a realidade, limpando sua mente para aceitar a realidade da revelação de Deus, dando energia ao espírito para viver no mundo da salvação. A intenção era que, ao deixarem o Egito, eles estivessem não apenas fisicamente libertos da opressão do mal, mas também mentalmente livres da imaginação maligna que havia esgotado a vida deles por tanto tempo.

As dez pragas serviriam para purificar as "portas da percepção" para que Israel pudesse ver a vida de maneira inteiramente diferente, desmascarando a ilusão do Egito e revelando sua falsidade. Também serviria para libertá-los para um modo de viver diferente quando deixassem o Egito, para viverem a liberdade da salvação. Durante mais de quatrocentos anos eles viveram num mundo que combinava o poder político com o mito religioso para formar uma cultura demoníaca de arrogância e privilégio para poucos e escravidão e degradação para muitos. Essa maneira de experimentar o mundo já havia penetrado profundamente em seus genes. Era preciso uma cirurgia radical para extirpá-la. As dez pragas foram essa cirurgia.

OS ESTUDIOSOS NÃO progrediram muito na identificação do "significado" de cada praga e de sua relevância na cultura, embora esse insucesso não possa ser atribuído à falta de tentativas. No entanto, não precisamos da ajuda de acadêmicos para perceber que o elemento central das dez pragas é a questão da soberania. Cada uma das pragas serviu para testar a soberania. Quem está no controle? Quem dirige os acontecimentos? Acaso é o deus Rá, representado pelo faraó? Ou é Javé, representado por Moisés? Cada uma das pragas trata dessa questão, como uma rodada da Copa do Mundo da Soberania. O faraó corporifica a pessoa do grande deus egípcio Rá; Moisés é o

profeta de Deus que se revelou a Israel como EU SOU O QUE SOU.

Rodada após rodada, o faraó e Moisés se enfrentam, tendo o país todo como arena abarrotada de espectadores. Tanto egípcios quanto hebreus observam cada movimento. Os riscos são altos. O interesse é grande. Dois modos de vida estão em jogo. Dez confrontos. As duas primeiras rodadas terminam empatadas; depois disso, a vitória é sempre de Moisés.

De modo mais amplo, cada praga é relacionada a algum elemento da criação ou ao funcionamento da criação, a um aspecto de como as coisas funcionavam no transcurso natural e habitual da vida diária com a qual todos estavam familiarizados. Nenhuma das pragas é, em si, sobrenatural; todas fazem parte da ordem natural. E, sem dúvida, era de conhecimento geral que o faraó estava no controle de tudo, encarregado de manter a ordem cósmica — era isso que o faraó fazia, essa era a sua função.

Mas à medida que o faraó e Moisés se confrontam, repetidamente, uma após a outra, as formas de vida e as forças sobre as quais se pressupunha que o faraó era soberano atenderam às ordens de Moisés, e não do faraó. Todos na arena — arquibancadas, cadeiras e camarotes lotados — vêem que o faraó não tem controle sobre nada. Cada praga sucessiva deixa clara a sua impotência humilhante em grande escala. Moisés, profeta de Javé, desencadeia e depois repele cada uma das pragas. A soberania presunçosa do faraó é sistematicamente desintegrada. A fraude grandiosa, perpetuada com tanto esforço, de que o faraó controla o funcionamento dos bastidores do mundo é desmascarada. Moisés ridiculariza o soberano do Egito (Êx 10:2).

Ou, para usar outra imagem, as pragas são como a produção de uma peça teatral com dez cenas, e a nação toda reunida na platéia. Em cada uma das cenas, uma bola de aço gigantesca, balançando de uma grande altura, despedaça mais uma parte do modo de vida egípcio. Cada golpe é uma demolição, reduzindo item por item o mito intrincadamente

elaborado da invulnerabilidade egípcia, da soberania faraônica. O mundo egípcio tão poderoso, sancionado por milhares de anos de superioridade, aturdia a imaginação — especialmente dos escravos — com suas estátuas colossais de deuses, seus templos sofisticados e, a maior mentira de todas, seus túmulos imensos em forma de pirâmide se elevando no deserto com a alegação ousada de que preservavam o corpo de um rei mumificado a fim de transportá-lo para a vida eterna. Para quem vive num país assim, não há muito espaço para imaginar qualquer outra coisa. O poder e o tamanho têm propriedade intimidadora.

Cada praga, implacável, inexorável, colidia contra as pretensões de soberania egípcia, um golpe após outro. O drama das dez pragas começa um pouco lento. As duas primeiras que Moisés trouxe ao palco, o sangue e as rãs, são equiparadas por produções dos magos do faraó — um impasse. Na terceira praga, a das moscas, fica claro que os magos do faraó não podem mais acompanhá-lo. Depois da sexta praga, a das úlceras, os magos não apenas são vencidos como também estão fora de ação, incapacitados pelas úlceras; portanto, saem de cena. As quatro últimas, ancoradas pela praga da morte, resolvem de uma vez por todas a questão da soberania. O faraó "toma uma lavada".

Para o povo que está na platéia, é possível que a sucessão de pragas tenha adquirido uma qualidade cômica de desenho animado à medida que a bola de demolição fazia seu trabalho:

- Sangue (Bam!)
- Rãs (Bam!)
- Piolhos (Bam!)
- Moscas (Bam!)
- Pestilência (Bam!)
- Úlceras (Bam!)
- Chuva de pedras (Bam!)
- Gafanhotos (Bam!)
- Trevas (Bam!)
- Morte (Bam!)

Cada golpe soltava o laço da mentira egípcia/faraônica que dominava o mundo e prendia o povo, até não restar mais que um montão de escombros, lixo e corpos. O drama da demolição, com suas dez cenas, foi apresentado a uma platéia lotada ao longo de pouco mais de oito meses.

Há muito tempo, convencionou-se que as dez pragas devem ser interpretadas como atos de julgamento sobre o Egito. Mas a história não é contada dessa forma. Para começar, a palavra "julgamento" é usada apenas três vezes (Êx 6:6; 7:4; 12:12), e até mesmo essas ocorrências são mais relacionadas ao poder e à retidão de Deus do que ao pecado dos egípcios. E a palavra "pecado" é usada apenas uma vez, vinda dos lábios do próprio faraó (9:27). Não. As dez pragas são usadas para desacreditar a alegação de soberania do faraó e estabelecer em seu lugar a soberania de Javé. Nada mais que isso.

NO ENTANTO, AS PRAGAS exercem também uma função importante ao chamarem a atenção para um tema central da teologia espiritual, a saber, a passagem crítica envolvida na transição de uma soberania para outra. Na narrativa de Êxodo, as dez pragas (capítulos 7—11) servem de transição da preparação (caps. 1—6) para a concretização da salvação (caps. 12—15). Pretendo considerar o efeito que as dez pragas tiveram sobre o povo que observou e depois aceitou essa mudança de soberania. Utilizei várias imagens para comunicar o efeito das dez pragas sobre os que as experimentaram: exorcismo, cirurgia, uma competição esportiva, a encenação de uma demolição. Delas, a imagem do exorcismo é a mais apropriada para entender o cerne da questão, pois o exorcismo transmite a interioridade radical do que precisa ser feito, libertando-nos das garras do endemoninhado que se rebela contra o governo de Deus e oprime nossa imaginação, o "espírito de escravidão" citado por Paulo (Rm 8:15).

As dez pragas exorcizam as hipóteses e os conceitos demoníacos que impedem a aceitação plena, de corpo e alma, da salvação de Deus. Na história de Êxodo, os israelitas estão

sendo preparados para a salvação; para continuarem na vida de salvação, precisam de imaginação disciplinada e refinada, livre da sujeira, do fedor e do abuso no qual viveram por tanto tempo; livre para ouvir a palavra da graça e do perdão, para reconhecer o mundo de providência e bênção, para viver uma vida livre de obediência e adoração jubilosa.

Essa avaliação do efeito espiritual das dez pragas é corroborada pela exegese meticulosa de Donald Gowan. Ele ressalta que o verbo "saber/ conhecer" ocorre por toda a seção sobre as pragas (caps. 6—14) "como um fio ligando tudo" (6:7; 7:5,17; 8:10,22; 9:14,29; 10:2; 11:7; 14:4,18).[87] Essa observação nos remete ao primeiro encontro de Moisés e Arão com o faraó, quando os dois pedem a ele que dê permissão para levarem os hebreus ao deserto a fim de oferecerem sacrifícios. O faraó é sarcástico: "Quem é o SENHOR para que lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel? *Não conheço o SENHOR,* nem tampouco deixarei ir a Israel" (5:2; grifo do autor). Nós, que sabemos o que vai acontecer em seguida, pensamos: "Pois bem, ele com certeza vai conhecê-lo — e vai ser logo, logo!". Ele está prestes a ser mandado para a escola para sanar sua ignorância. O currículo será constituído das dez pragas. Mas o faraó não será o único presente na sala de aula — o país inteiro estará lá, com os israelitas nas primeiras carteiras. Nas palavras de Gowan: "O conhecimento é o alvo expresso das pragas".

Eles têm muito que aprender (e nós também). Ao exorcizarem da imaginação dos hebreus a soberania perversa, as pragas livram-nos com eficácia do conceito egípcio da história profundamente arraigado neles, de modo que podem conceber o território imenso da salvação sob a soberania do EU SOU O QUE SOU, o conhecimento que proporciona uma estrutura sólida para a vida que têm diante de si.

A SALVAÇÃO É UM TERRITÓRIO muito mais amplo que a criação. A criação é imensa, uma teia vasta e complexa de elementos que vão desde o comum até o extraordinário.

---

87 *Theology in Exodus,* p. 134.

Tudo é colocado diante de nós para observarmos: desde as extensões de anos luz do cosmo além de nós até a proliferação de formas de vida ao nosso redor e as profundezas das camadas múltiplas de rocha paleolítica abaixo de nós. Mas a salvação é ainda mais extensa; abrange toda a história em que as coisas *acontecem* — tudo o que acontece a homens e mulheres nos corredores da história. Na criação, colocamos os objetos sob um microscópio, os focalizamos num telescópio ou os observamos num laboratório. Eles permanecem relativamente estacionários enquanto os estudamos. Além disso, eles não mentem — uma ameba é aquilo que vemos; nada mais, nada menos. Mas os seres humanos mentem e dissimulam — e não é pouco. Um político pode ser aquilo que diz ser ou não. Um anunciante pode estar dizendo a verdade ou não. É difícil descobrir o que se passa na criação, tão difícil que exige observadores disciplinados e treinados. Mas as dificuldades aumentam exponencialmente na história, esse campo no qual se dá a salvação, em que mentiras são contadas a toda hora; assim, é preciso treinamento para não interpretarmos incorretamente o que está acontecendo, para não inserirmos nossas próprias pressuposições prematuramente nos fatos e permanecermos ignorantes a respeito das maneiras que Deus opera, para não confundirmos nossas experiências da realidade no Egito com a salvação, com a nova realidade para a qual estamos sendo conduzidos.

O conhecimento que adquirimos ao passar pela escola das dez pragas é, fundamentalmente, o conhecimento de Deus e seu modo de operar em contraste com o faraó e seu modo de operar. O faraó emprega tamanho, força e prestígio para controlar e oprimir. Deus emprega um pastor de 80 anos de idade que vivia no deserto e que aparece na companhia de seu irmão, munidos apenas de um bordão, acompanhados da ralé de escravos desprezados, para trazer libertação e salvação para o mundo todo.

O conhecimento adquirido na escola das dez pragas pode ser definido mais precisamente como "discernimento", pois, neste caso, o essencial não é o conhecimento de simples

fatos (apesar de estes também terem o seu lugar), mas uma mente e um espírito claros capazes de discernir entre o bem e o mal, com a habilidade de transpor as ilusões doces e fáceis do diabo e aceitar a verdade dura e repleta de exigências.

QUANDO JESUS PURIFICOU o templo, condensou o drama de oito meses do exorcismo das dez pragas no trabalho de um único dia. Conscientes do contexto de Êxodo, cada um dos evangelistas dá à purificação um lugar de destaque na narrativa — João, no início do ministério (Jo 2:13-16); os outros, no início da Semana Santa (Mt 21:12-13; Mc 11:15-19; Lc 19:45-46). Jesus Cristo, o profeta semelhante a Moisés (Dt 18:15), estava prestes a completar a obra da salvação e manifestá-la onde todos pudessem ver sua consumação. Jesus trabalhou num contexto parecido com o do Egito: o templo de Jerusalém — um lugar ímpio, planejado com extravagância e construído com engenho pelo ímpio rei Herodes e presidido pelo sacerdote igualmente ímpio Caifás, um lugar onde a soberania de Deus havia sido obscurecida a ponto de se tornar irreconhecível. Era um lugar de corrupção e opressão enormes, onde a religião era usada para tiranizar os fracos e os pobres.

A opressão se tornava especialmente clara na Páscoa, a grande festa iniciada sob a liderança de Moisés em Êxodo. Durante a semana da festa, a elite sacerdotal, os saduceus, liderada por seu sumo sacerdote Caifás, arrancava somas astronômicas dos peregrinos que chegavam de todas as partes do mundo para participar da festa. Assim como no Egito 1.200 anos antes, o ouro, o poder e o esplendor dominavam a imaginação do povo no momento e no lugar exatos em que a salvação estava em jogo. Jesus desafiou a soberania de Caifás e dos saduceus confrontando, humilhando e banindo o "covil de salteadores" (Mc 11:17) que havia assumido o controle do lugar de adoração.

Os líderes interpretaram esse ato de Jesus corretamente como questão de soberania: "Com que autoridade fazes estas coisas?" (Mc 11:28). Qual deles se mostraria soberano? O rico Caifás ou o pobre Jesus? Jesus

colocou-se no átrio do templo como uma figura solitária semelhante a Moisés, sobrepujada pela riqueza e pelo poder. De que maneira o povo poderia ver Jesus — pobre e sem nenhuma autorização do sacerdócio e do templo — como ele era de fato, como o autor da salvação? Ele precisou limpar a área para que sua identidade verdadeira pudesse ser vista em contraste com a pomposa fraudulência egípcia.

Assim, ele purificou o templo: expulsou os opressores e impostores, perturbou a rotina e as práticas aceitas de uma religião ímpia bem-sucedida e proferiu as palavras que estabeleceram a soberania de Deus naquele lugar em sua própria pessoa. No ato de purificar o templo, ele purificou o entendimento do povo, limpou sua imaginação — um exorcismo para que, com os olhos abertos para a autoridade soberana de Deus, o povo pudesse distinguir e aceitar a salvação sem distrações, sem entulho. Encontramos na purificação do templo uma repercussão clara das dez pragas.

Seguindo os precedentes bíblicos de exorcismo nas dez pragas e na purificação, a igreja pré-constantina desenvolveu práticas que continuam a ser usadas (ainda que com adaptações e modificações) até hoje, visando preparar os cristãos para aceitar a nova submissão radical à soberania de Deus no âmbito da salvação.

A epístola de Hipólito fornece-nos o primeiro vislumbre do desenvolvimento das práticas pós-bíblicas. Era requerido dos convertidos à fé que entrassem num período probatório (que, em algumas partes da igreja, durava dois anos), no qual se ensinava aos candidatos ao batismo o que significava seguir Jesus. Esses indivíduos eram chamados de "catecúmenos", e só lhes era permitido participar da santa ceia depois que tivessem completado o treinamento. A igreja não queria correr o risco de vê-los denegrindo a salvação com palavras e idéias adquiridas nas sarjetas e nas ruas, nos bazares e bordéis, nas escolas e nos locais de trabalho de sua vida egípcia antes da conversão. Sua imaginação era, com efeito, reeducada para que pudessem entender sua vida e a história na qual viviam de acordo com o vocabulário e as imagens que Deus usou para revelar a si mesmo e os seus

caminhos; sua imaginação era purificada das idéias e pressuposições egípcias.[88] Durante a quaresma, nas últimas cinco ou seis semanas desse período probatório, os preparativos eram intensificados com jejum, oração e exorcismo, e o batismo era realizado na Páscoa.

O trabalho continua: as dez pragas no tempo do Egito, a purificação do templo de Herodes, o catecumenato na cultura do paganismo greco-romano. Trata-se de uma tarefa interminável, porém de suma importância, um exorcismo para remover da imaginação cristã as mentiras e pretensões da cultura, de modo que a soberania de Deus na história possa ser recebida numa vida transbordando de salvação.

Salvação

É impossível exagerar a relevância histórica e as inúmeras implicações pessoais da salvação. Ela sempre excede nossa capacidade de compreender e imaginar. Jamais poderemos abarcá-la com nossa mente. Vemos muito bem o que está se passando: Deus está operando na história; ele cura e ajuda; perdoa e abençoa; toma uma criação arruinada pela obstinação humana e começa o trabalho longo e demorado de transformá-la num lugar sagrado.

No entanto, nossa visão desses fatos é fragmentada e intermitente. É compreensível que, com freqüência, reduzamos a salvação a um punhado desses momentos ou fragmentos. Mas não é isso que devemos fazer. Estamos lidando com a obra de Deus na história numa escala de abrangência que sempre nos escapa. Ao encerrar seu excurso sobre a obra salvadora de Deus na história na epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo mostra-se apropriadamente admirado e reverente diante daquilo que jamais poderemos compreender: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Rm 11:33).

---

[88] Ver Peter TOON, em *The New International Dictionary of the Christian Church,* p. 199; e Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy,* p. 436.

Mas, se não podemos exagerar a importância da salvação, sem dúvida podemos interpretá-la incorretamente. Inserimos nossas próprias idéias naquilo que acreditamos ser a salvação. Podemos criar fantasias salvíficas escapistas que projetam nossa ignorância ou nosso pecado (normalmente, ambos) numa grande tela de desejo. Quando fazemos isso, ficamos incapacitados de entrar na salvação real que Deus está operando neste exato momento ao nosso redor. Ademais, muitas vezes acabamos cheios de raiva, frustração ou amargura quando descobrimos que Deus não faz todas as coisas que imaginamos que deva fazer para ser Deus.

Êxodo é extremamente importante para evitar essas interpretações equivocadas da salvação, inserindo-a numa história, lembrando-a numa refeição, entoando-a num cântico. A história, a refeição e o cântico giram como engrenagens numa transmissão, uma do lado de fora da outra, visando a manter nossa compreensão e nossa participação da salvação íntegras e saudáveis. Cada parte é essencial às outras. De outro modo, a salvação seria reduzida a uma estratégia ou programa para nos tornar adequados para o céu em nossos próprios termos e fazer o mesmo com o mundo ao nosso redor. Mas a salvação nunca é iniciativa nossa. Ela é a obra de Deus na história, e percorre "caminhos insondáveis". A história, a refeição e o cântico nos mantêm em contato com o que Deus está fazendo na história.

A história

> Naquele mesmo dia, tirou o SENHOR os filhos de Israel do Egito, segundo as suas turmas.
>
> Êxodo 12:51

Esse texto bíblico sobre a salvação não nos fornece uma definição categórica do termo; antes, apresenta uma história lembrada e contada com freqüência. A maneira hebraica de entender a salvação não era ler um tratado teológico, mas sentar-se ao redor de uma fogueira com a família e os amigos e ouvir uma história. E como é próprio da

narração, nós, os ouvintes, somos incluídos. É importante reconhecer esse fato desde o início, pois a salvação não é o diagnóstico espiritual de almas, uma aqui, outra lá; é a história de um povo, de uma comunidade com um passado, com antepassados, com experiências em comum.

O episódio central da história milenar da salvação apresentada no Antigo Testamento mostra Israel saindo do Egito e marchando para o leste, para a liberdade. A praga da morte na qual o faraó perdeu seu primogênito foi o elemento que desencadeou os acontecimentos depois de oito meses de negociações sem definição. O faraó e todo o Egito finalmente chegaram a seu limite — "Ide-vos embora" *(leki;* Êx 12:32) — e ficaram felizes por se livrarem dos israelitas. Mas, em vez de seguirem diretamente para sua nova terra, os israelitas foram conduzidos para o sul, em direção ao deserto, e acamparam junto ao mar Vermelho, um beco sem saída.

Enquanto isso, o faraó teve tempo de pensar melhor, percebeu que cometera um grande erro ao deixar todo aquele trabalho escravo escapar, mudou de idéia e colocou seus cavalos e carros para perseguir os israelitas, alcançando-os no local onde estavam acampados. Os poucos dias de liberdade eufórica de Israel terminaram repentinamente. Estavam condenados, presos numa armadilha sem nenhuma saída imaginável. O povo se preparou para um massacre. Então, Moisés disse: "Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do SENHOR que, hoje, vos fará; porque os egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver" (Ex 14:13).

Nisso, a coluna de nuvem colocou-se entre os dois exércitos, formando uma barreira de isolamento durante toda a noite. Ao amanhecer, Moisés estendeu seu bordão de pastor sobre o mar, que se abriu, e Israel atravessou por terra seca. Os egípcios, vendo o que havia acontecido, puseram-se a perseguir o povo, mas as rodas de seus carros atolaram na lama e eles ficaram lá, presos no meio do caminho que cortava o mar. Esse foi o seu fim, sua derrota humilhante. A expressão hebraica é bastante pitoresca: Deus "derrubou os egípcios com um pequeno movimento do dedo"

("derribou"; 14:27), como pulgas tiradas da roupa da cama.[89] Quando o povo de Israel estava seguro do outro lado, Moisés estendeu o braço novamente e as águas se fecharam sobre os egípcios. "Assim, o SENHOR livrou Israel, naquele dia..." (14:30).

É uma história inesquecível contada de forma inesquecível. As dez pragas foram uma longa introdução, uma desintegração implacável da soberania egípcia, peça por peça, terminando numa fuga para a liberdade na noite da décima praga, a praga da morte. Israel livre! Então, a exuberância deliciosa da liberdade que lhes fora negada por tanto tempo lhes foi arrancada cruelmente — presos entre as garras dos carros egípcios e o mar Vermelho. Uma liberdade fugaz, prestes a acabar em massacre. Então, sem que o povo movesse um dedo — Moisés lhes dissera: "Aquietai-vos" (Êx 14:13), e foi o que fizeram —, as águas se abriram e eles foram salvos. Israel nunca se esqueceu desse acontecimento, pois, com a narrativa freqüente, ele foi tecido na imaginação do povo.

Todos os verbos críticos na parte central do relato (Êx 13:17—14:31) têm Deus como agente. O povo clama e se queixa. Moisés obedece a algumas ordens. Mas Deus, e somente Deus, realiza a obra da salvação; doze verbos dos quais Deus é o agente são responsáveis pela ação do relato, tendo "salvar" como verbo final e sintetizador.

A língua hebraica tem um vocabulário rico para relatar aquilo que Deus faz a fim de ajudar seu povo, mas "salvar/livrar" e "salvação/livramento" são, de longe, os termos mais carregados de conotações e os mais comuns (como substantivo, é usado 146 vezes e, como verbo, 354 vezes no Antigo Testamento). Ao ler as Escrituras, deparamo-nos com essa palavra pela primeira vez na história de salvação em Êxodo, primeiro como substantivo ("aquietai-vos e vede o livramento do Senhor"; 14:13) e, em seguida, como verbo ("assim, o Senhor livrou Israel, naquele dia").

---

[89] KNIGHT, *Theology as Narration,* p. 106.

"Salvar/livrar" e "salvação/livramento" formam uma moldura para a história.

Quer como substantivo quer como verbo, o termo é reservado quase exclusivamente para o que Deus faz: Deus é o sujeito, as pessoas são o objeto. Deus faz, nós participamos. Ao que parece, os hebreus eram o único povo entre seus vizinhos que tinha esse sentido exclusivo de salvação como obra realizada única e exclusivamente por Deus. O termo ocorre apenas uma vez (excetuando-se nomes próprios) fora da língua hebraica, na inscrição moabita de Mesa, do século IX a.C.

A Maravilha no Mar[90] deve ser entendida como um milagre sem qualificação. Não foi sequer qualificada pela fé de Israel. Brevard Childs observou com perspicácia: "Até o exato momento do seu livramento, Israel não creu".[91] Devemos entender, desde o início, que a salvação não é limitada por impossibilidades, condições, convenções. A Maravilha no Mar determina como fato fundamental que a salvação consiste naquilo que Deus faz; não é um projeto humano. Vemos, tememos e cremos (14:31), e só. É difícil digerir esse fato, pois crescemos cercados em todas as frentes por "projetos de salvação" (muitos deles nas igrejas) insistindo que nossa participação, a forma com que nos envolvemos, é crítica para o seu sucesso.

Qual foi a última vez que ouvimos nossos pastores, evangelistas ou políticos nos dizer: "Aquietai-vos"? Mas é isso que este texto nos diz. O narrador apresenta essa realidade do modo mais indiscutível e claro possível: a história que mostra a salvação ancora o verbo "salvar" ou "livrar" no milagre absoluto e não qualificado da Maravilha no Mar. Somente Deus realizou essa obra, somente Deus poderia realizá-la.

Mas não é só isso. Devemos, agora, observar que, na seqüência dessa história de salvação, à medida que os

---

[90] A expressão que Donald GOWAN usa para o acontecimento no mar Vermelho. *Theology in Exodus,* p. 131.

[91] *The Book of Exodus,* p. 238.

termos "salvar/livrar" e "salvação/livramento" continuam sendo usados nas Escrituras, quase sempre (porém não exclusivamente) mostram que, em vez de nos remover da situação difícil em que nos encontramos, Deus insere na situação humana algo que não estava lá anteriormente.[92] EU SOU O QUE SOU entra em cena e está presente conosco nas condições em que nos encontramos; ele não elimina essas condições. Elas permanecem as mesmas.

De Êxodo em diante, salvar/livrar e salvação/livramento expressam a obra característica e miraculosa de Deus entre nós, Deus trabalhando conosco de forma séria e salvadora, em nossos problemas e dificuldades, em nossas enfermidades e vícios, em nossas devastações e decepções, em meio a ataques e oposição. Isso não diminui em nada o elemento miraculoso da salvação; no entanto, mostra-nos que a salvação, que é a operação de Deus na história, não é um repúdio da história, não é, tipicamente, um *deus ex machina*[93] que os gregos gostavam tanto de usar em suas produções teatrais mais baratas.

Quem promete ou exige da salvação algo diferente disso está nos oferecendo uma meia-verdade que, no fim, é uma mentira.

A refeição

> Este dia vos será por memorial, e o celebrareis como solenidade ao SENHOR; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo.
>
> Êxodo 12:14

---

92 Ver J. E SAWYER e H-J. FABRY em *Theological Dictionary of the Old Testament,* vol. 4, p. 441-463.

93 Expressão em latim que significa "deus proveniente de máquina", referindo-se a um dispositivo do teatro grego que usava uma máquina constituída de cordas e roldanas para baixar um deus no palco a fim de intervir sobrenaturalmente e salvar alguém das complicações da trama.

Na noite em que deixaram o Egito, os israelitas prepararam e compartilharam uma refeição. Juntamente com a história, a preparação e o consumo dessa refeição são indispensáveis para compreender a salvação. O lugar essencial ocupado por essa refeição no entendimento e na aceitação da salvação é ressaltado pela ordem de Deus para que os israelitas a fizessem juntos "por estatuto perpétuo", isto é, para sempre — ano após ano, no 14º dia do mês de Nisã.

A salvação é o elemento principal. Gênesis 1—2 relatou a história da criação, um assunto de suma importância por si. Mas, nesse momento, nossa atenção é voltada para a obra da salvação sendo realizada na história. O pecado e a morte entraram em cena, depois o julgamento e a promessa, seguidos da aliança e da bênção. O relato ganha intensidade à medida que Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, Jacó, Raquel e Lia, José e seus irmãos e agora Moisés, cada um em sua vez, entram na história.

Começamos a perceber como Deus opera em nossa dimensão. Estamos num ponto da revelação em que todos os elementos da salvação que conhecemos são, por assim dizer, embrionários. Todos esses detalhes trazidos à nossa consciência na exposição de Gênesis—Êxodo resultam num acontecimento que os reunirá numa só ocorrência: a Maravilha no Mar. A salvação.

E, o mais espantoso, o ato que desencadeia essa erupção final e definitiva de maravilha, o ato salvador de Deus, inaudito e insuperável, é uma refeição comum, comida caseira preparada e consumida pela família em sua própria cozinha. A ênfase é sobre a natureza comum do lugar (o lar), do alimento (carne e pão) e daqueles que comem (membros da família). Por certo, não é uma refeição sofisticada, um banquete requintado com vinhos, garçons e sete pratos no cardápio. Não é uma refeição feita à luz de velas, com flores sobre a mesa, música e dança, e todos os convidados "nos trinques".

Trata-se de algo extremamente característico da espiritualidade bíblica: o comum e o miraculoso numa única

linha contínua. Tudo aquilo em que cremos acerca de Deus tem por base o que fazemos no decorrer de qualquer dia comum. Não nos é permitido segregar nossa salvação, afastando-a dos detalhes de viver e ganhar a vida. "Passe o sal, por favor!" e "Ouça a Palavra de Deus!" têm o mesmo peso nas conversas entre os salvos. Os sacramentos são servidos tanto na cozinha quanto no santuário.

Mas essa refeição comum tem um nome especial: Páscoa. Um dia antes de Israel deixar o Egito, cada família abateu um cordeiro de um ano de idade para o jantar. O sangue do cordeiro foi coletado numa bacia e aspergido na verga e nos batentes das portas das casas com um feixe de ramos de hissopo. O cordeiro foi assado e servido com vegetais (as ervas amargas) e pão (asmo). Fizeram a refeição vestidos para a viagem, segurando um bordão. Foram instruídos a comer dentro de casa, com as portas fechadas, e a permanecer ali até o amanhecer.

Enquanto o povo de Israel preparava e comia essa refeição dentro de casa com as portas fechadas, todos os lares egípcios, desde o palácio até a mais humilde choupana, perderam seus primogênitos. Em todos os celeiros e pastos egípcios, os primogênitos dos animais também morreram. Foi a noite da décima praga. Enquanto isso, todo primogênito hebreu, protegido pelo sinal de sangue do cordeiro sacrificado e alimentado pela refeição feita do cordeiro, de ervas e pão, viveu. O primogênito é o símbolo e o portador da vida de cada família — a evidência de nova vida e promessa de que a vida continua são inerentes ao primogênito.

O povo de Deus lembrava-se dessa refeição como a noite em que Deus passou pelo Egito e matou todos os primogênitos do sexo masculino, tanto dos homens quanto dos animais, mas *passou por cima* dos lares hebreus marcados pelo sangue do cordeiro. Desde então, essa é a refeição pascal. O verbo *passar por cima (pessach)* tem mais energia em hebraico, algo como "saltar" os lares hebreus. Mesmo com toda a solenidade daquela noite, será que não sentimos também um tom de celebração nesse "saltar"?

Quando o dia clareou, os israelitas deixaram o Egito como povo livre. Aquela noite da décima praga e da refeição pascal marcou o teste final e decisivo de soberania: o faraó soberano sobre uma nação repleta de morte, com todos os lares lamentando a perda de seus primogênitos; Moisés liderando uma congregação de cerca de um milhão de homens, mulheres e crianças para uma vida de liberdade, vivos, prontos para adorar o Deus vivo, EU SOU O QUE SOU.

MOISÉS ORDENOU AO povo de Israel que repetisse essa refeição pascal todos os anos na primavera, "nas vossas gerações" (12:14,17,42). Nas instruções para a observância futura, essa refeição é estendida de um dia para uma semana de recordação da Páscoa, uma semana comendo apenas pães asmos (sem fermento). A festa dura sete dias, o tempo que Deus levou para criar os céus e a terra. A semana começa no dia 14 do mês e termina no dia 21, contada entre dois sábados. A semana da salvação espelha a semana da criação. O povo de Deus aprende que o Deus criador é o Deus salvador. A criação e a salvação são parte de uma coisa só.

No exílio, Isaías viu a criação e a salvação em paralelo. Logo depois de se referir ao ato de conter as águas do caos na criação, ele retoma a história do mar Vermelho, quando Deus mais uma vez conteve as águas "para que passassem os redimidos" (Is 51:10). A criação e a salvação são justapostas.[94]

É bastante expressivo que essa refeição de salvação não tenha sido exclusivamente israelita. Uma característica inerente é a hospitalidade. Naquela manhã, um "misto de gente" deixou o Egito com os hebreus (Êx 12:38). Escravos, de qualquer raça ou origem, bem como nativos e forasteiros dos vários grupos étnicos da região, podiam tornar-se israelitas pela circuncisão, ser adotados espiritualmente na família e acolhidos para participar da refeição pascal. Os únicos excluídos foram os "estrangeiros", mas, neste caso, "estrangeiro" (*ben nekhar*) significa "filho de um deus

[94] VON RAD, *Old Testament Theology,* vol. 1, p. 138.

estranho" — não uma pessoa de outra nação, mas um politeísta pagão (12:43-49). Qualquer pessoa podia tomar a decisão de se tornar israelita (cf. Rm 9.7). Assim, a Páscoa (salvação) é uma dádiva de Deus, por meio de Israel, para todas as pessoas, homens e mulheres, judeus e gentios, escravos e livres.

O cântico

Então, entoou Moisés e os filhos de Israel este cântico ao SENHOR, e disseram: Cantarei ao SENHOR, porque triunfou gloriosamente; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.

Êxodo 15:1

A salvação é um ato de Deus. Assim, a única resposta apropriada é atentar para esse Deus que salva. Mas a *maneira* com que se dá essa atenção é crítica. Em Êxodo, temos até aqui a narração de uma história e a lembrança do acontecimento numa refeição ritual. O que vem a seguir? Para muitos, o próximo passo para a compreensão da salvação segue as linhas do estudo e da análise; tiramos as nossas concordâncias e dicionários da estante e apontamos nossos lápis. Mas não é o que acontece neste caso: aqui, o Deus da salvação é *adorado.* A história e o ritual são levados agora a um ato de adoração que faz de todo israelita um participante da salvação. Nenhum israelita sequer, nem mesmo Moisés, fez alguma coisa para realizar a salvação.[95] Nesse sentido, não há sobre o que cantar. Assim, se nem Moisés nem os israelitas são o tema, e se a experiência humana também não é o tema, o agente que resta é Deus: "Cantarei ao SENHOR...".

O cântico é um discurso intensificado. A intensificação não se dá pelo acréscimo de palavras ou pela elevação do

---

[95] Diz Brevard CHILDS: "O poema louva a Deus como agente exclusivo da salvação. Israel não cooperou nem sequer desempenhou um papel secundário. A figura de Moisés é completamente omitida. Foi Javé sozinho quem realizou o milagre no mar". *The Book of Exodus,* p. 249.

volume, mas pelo ato de cantar as palavras. O que esse ato de cantar faz? É evidente que nada acrescenta ao significado, pelo menos não em termos objetivos e categóricos. Outra coisa acontece, algo que não se pode explicar com precisão. O cântico não explica, ele expressa; dá testemunho daquilo que está além da letra. O cântico é mais do que um conjunto de palavras, e não há como explicar exatamente o que é esse "mais". O cântico é uma de duas maneiras (o silêncio é a outra) de dar testemunho da transcendência.

Assim, o povo biblicamente formado entoa vários cânticos em seus cultos. "Salmos, e hinos, e cânticos espirituais" (Cl 3:16), e não estudos teológicos ou análises de termos hebraicos ou gregos, fornecem a linguagem principal para aceitar e desfrutar o que Deus faz e quem Deus é em tudo o que diz respeito à salvação. Nas palavras de George Steiner:

> A música torna absolutamente substantiva [...] a presença real em significado nos casos em que essa presença não pode ser mostrada ou parafraseada de modo analítico. A música traz à nossa vida diária um encontro pessoal com uma lógica ou um sentido diferente da razão.
> É, justamente, o nome mais apropriado que temos para a lógica operante nos mananciais do ser que geram formas vitais.[96]

Uma vez que Deus e, portanto, a adoração a Deus não podem ser reduzidos à racionalidade, o cântico sempre foi o ato fundamental de adoração. A música não é acrescentada às palavras para torná-las mais agradáveis; é parte integrante de como as palavras estão sendo usadas — como aberturas para o transcendente, como janelas para o mistério, como participação na dança da Trindade.

---

[96] *Real Presences, p.* 218.

Qualquer abordagem à salvação que não se transforme mais cedo ou mais tarde em adoração — e quanto mais cedo, melhor — distorce e reduz a salvação a um conceito, um programa ou uma técnica que podemos dominar e, portanto, controlar. Mas é evidente que, se podemos realizá-la, ou pelo menos administrá-la, ela deixa de ser salvação. Damos as costas para Deus e montamos as próprias consultorias de salvação. Para encobrir as banalidades dos projetos de salvação que promovemos, tentamos usar propagandas glamorosas ou competir intensamente com as empresas rivais. Em sua maior parte, esses projetos conseguem apenas distrair os clientes, pois, se os produtos de salvação que anunciamos com tanta sofisticação forem examinados de perto, ficará evidente que não passam de imitações baratas. Não é fácil lidar com Deus em sua obra abrangente de salvação, por isso procuramos alguma coisa menor. Anne Edwards, mulher fictícia num romance importante da literatura americana que esboça destemidamente a busca pela presença de Deus, nota como poucos observam os caminhos verdadeiros de Deus.

> Deus estava no Sinai e, semanas depois, o povo dançava diante de um bezerro de ouro. Deus caminhou em Jerusalém e, dias depois, o povo o pregou numa cruz e voltou às atividades diárias. Ao ser confrontado com o divino, o povo se refugiou no banal, como se respondesse a uma pergunta cósmica de múltipla escolha: "Se você vir uma sarça ardente: a) liga para 190, b) assa uma picanha ou c) reconhece Deus?" Como Anne concluíra anos antes, um número cada vez menor de pessoas reconheceria Deus.[97]

A salvação significa Deus fazendo por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. É obra de Deus, que não

---

[97] Mary Doria RUSSELL, *The Sparrow,* p. 100.

podemos equiparar, rivalizar ou imitar. Ela vem de Deus e, portanto, a experiência e a resposta à salvação também dizem respeito a Deus. Sem dúvida, estamos envolvidos — o cântico se inicia com uma saraivada gramatical de verbos e pronomes na primeira pessoa: três verbos e cinco pronomes. Não se trata de uma dissecação laboratorial fria e objetiva de uma proposição teológica. Estamos inteiramente envolvidos no processo, mas não o controlamos nem o dirigimos. O que fazemos é apenas adorar. Cantamos ao Senhor um cântico de salvação. O cântico não explica; ele dá testemunho. Moisés e os israelitas dão testemunho enquanto entoam o cântico. Nesse testemunho de adoração, eles participam do mistério. E nós também.

PORÉM, POR MAIS MISTERIOSO — isto é, irredutível à razão ou à avaliação pragmática — que seja, é impossível não notar o impacto do ato da salvação na maneira com que vivemos: o cântico de salvação redefine a história. Sem o que é expressado e entoado no Cântico de Moisés, a história é definida pelo pecado. Mas a Maravilha no Mar nos conduz a um tipo de compreensão e participação da história definida pela salvação. A Maravilha no Mar e a resposta de adoração no Cântico de Moisés proclamam e celebram uma história definida pela salvação por quem participa da história.

Quando considerada de forma extrabíblica, a história trata do pecado e das implicações do pecado. Como revelação, a história trata da salvação e das implicações da salvação. A Maravilha no Mar vira de cabeça para baixo nosso conceito de história definida pelo pecado. Naquele dia, junto ao mar Vermelho, algo aconteceu sob a liderança de Moisés, algo que marcou para sempre a forma de Israel entender como o mundo funciona. A Maravilha no Mar é lembrada num ato de adoração: na lembrança de que é adoração, o ato de salvação estabelece-se na vida de Israel como o sustentáculo da história. Também é a partir desse sustentáculo que tudo o que acontece na vida deles e na vida das nações é visto e tratado como um aspecto da salvação.

Na história definida pela salvação, o pecado não é menosprezado — o mais provável é que nos tornemos ainda mais conscientes dele —, mas deixa de ser definitivo; a salvação é definitiva. A salvação fornece os termos que determinam os limites, estabelecem as divisas, orientam as condições dentro das quais guerras são travadas, jardins são plantados, casamentos são arranjados, bens e serviços são vendidos e comprados, governantes são eleitos, funerais são realizados, partidas de futebol são jogadas e refeições são preparadas. Esses limites são grandiosos, excedendo em muito aquilo a que estamos habituados. Só a adoração se aproxima dessas condições.

Tendo em vista o grande número de evidências do pecado que nos assalta todos os dias, a história definida pela salvação é praticamente inacreditável. Com séculos de opressão egípcia no passado e ainda mais séculos de inimizade cananéia diante deles no futuro, foi difícil para os israelitas crer. No entanto, também fica bastante claro que, apesar de todas as evidências arremessadas contra eles pela história, os israelitas creram. Nem sempre viveram de acordo com sua crença, mas certamente creram: narravam o relato, faziam a refeição e entoavam o cântico que apresentava a história continuamente como sendo definida pela salvação, e não pelo pecado. Além disso, ainda que de modo intermitente, expressavam sua crença na salvação por meio de uma vida de oração e obediência, de estruturas sociais de justiça e compaixão e de uma vida moral que honrava sua identidade essencial, como homens e mulheres criados à imagem de Deus.

A história definida pelo pecado é entendida, antes de tudo, como a experiência das realizações de homens e mulheres — alguns melhores e outros piores do que nós. Tanto as estatísticas quanto os relatos são assustadores: crueldade, dor, danos, traição, infidelidade, tortura, morte, estupro, abuso, injustiça. Por certo há alguns clarões, mas até mesmo estes são inteiramente comprometidos pela má-fé, pelos motivos corruptos, pela exploração inescrupulosa e pelas boas intenções ignorantes. É impossível encontrar uma

única passagem da história que apresente a humanidade sob a ótica da mais absoluta bondade, da mais pura beleza ou da mais perfeita verdade.

O prazer de alguns historiadores é escolher "grandes" homens e mulheres, indivíduos admirados e celebrados, e tornar público o seu lado negro, os pecados e crimes que conseguiram ocultar enquanto se envaideciam no alto do pedestal da fama. Mas não é necessário um historiador genial para fazer isso. As evidências, ainda que ocasionalmente abafadas, são abundantes — qualquer um pode fazer esse jogo.

Em contraste, a história definida pela salvação aceita essas evidências de pecado, mas discerne com perspicácia a soberania de Deus e a obra da salvação "em tudo, por tudo e sob isso tudo". O apóstolo João apresenta o conceito de salvação de Israel num epigrama: "... porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (Jo 4:4). Pressupõe-se, de maneira irrefletida e ignorante, que "aquele que está no mundo" é definitivo em termos de história. Condensando a obra de salvação bíblica numa única frase, João diz que não é assim, "porque maior é aquele que está em vós". E nós retrucamos: "Maior? Tem certeza? Isso é possível? Não seria um blefe evangélico? Uma pretensão piedosa? Talvez isso seja verdade em termos 'espirituais', mas não em termos históricos". Mas Israel nunca espiritualizou a salvação. O Cântico de Moisés é de caráter enfaticamente histórico; algo *aconteceu.* E o que aconteceu continua a acontecer.

No começo (v. 1-3) e no fim (v. 18) do cântico, bem como em seu centro (v. 11-12), encontramos declarações acerca desse Deus que salva. Entre esses parênteses e ao redor do centro, tudo é história: o que aconteceu no mar (v. 4-10) e o que acontecerá depois do mar, quando eles forem conduzidos para a nova terra (v. 13-17). Essa abordagem é bastante expressiva, tendo em vista nosso hábito de usar a palavra "salvação" quase exclusivamente em referência à alma individualizada, uma condição espiritual que trata de interioridade, de "relacionamento com Deus".

É evidente que a salvação se refere à condição da alma, mas é preciso lembrar que "alma" é um termo totalizante; não existe alma sem história, sem economia e política, ciência e geografia, literatura e artes, não existe alma sem trabalho e família, corpo e vizinhança. O cântico expande a jurisdição da salvação de modo a abranger tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá. Não é uma questão particular, entre homens e mulheres e o seu Deus. Os "capitães" do faraó e os "príncipes de Edom" também fazem parte do elenco, bem como o mar atrás dos israelitas e a terra diante deles.

"Aquele que está no mundo" aparece na história usando vários pseudônimos: o Anticristo, a Serpente, o Diabo, o Satanás, o Tentador, Belzebu, Raabe, Beemote e Leviatã, o Grande Dragão, o Leão que Ruge, o Inimigo, o Mentiroso. Hoje em dia, "aquele que está no mundo" trabalha boa parte do tempo no anonimato, mas pode ser discernido nas "obras das trevas" amplamente divulgadas.

É fácil, e muito comum, essa impressão da onipresença e onipotência do mal intimidar as pessoas, levando algumas a um tipo de apatia moral/espiritual, a doença do "não-há-nada-que-possamos-fazer", e outras à incredulidade total. E um número excessivo de cristãos não instruídos no relato bíblico se adapta ao espírito da época. Sem um conhecimento convicto de que "maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo", isto é, sem uma compreensão *histórica* firme da salvação, muitos acabam vivendo timidamente, escondendo-se pelos cantos como coelhos assustados à procura de tocas religiosas onde mantêm sua fé em dimensões reduzidas; outros vão ao extremo oposto e, comportando-se de modo insuportável, vociferam desprezo espiritual pela história e superioridade sobre ela.

A fim de vivermos plenamente e para a glória de Deus na história — ou seja, nas circunstâncias de nosso lar e local de trabalho, nos acontecimentos de nosso país e do mundo —, precisamos simplesmente de uma compreensão adequada, isto é, *bíblica,* da atuação salvadora central e contínua de Deus na história: Deus *salvando* incessante, inexorável e eficazmente — "incansável, sem pressa, e

silencioso como a luz".[98] A salvação é abrangente. Não se deixe perturbar pelo modo oculto e não divulgado com que a salvação costuma operar. O fato histórico extraordinário e definitivo para Israel é que "[o SENHOR] lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro".

AQUILO QUE ACONTECEU no mar se tornou a primeira confissão de Israel e elemento básico de sua adoração;[99] e o Cântico de Moisés tornou-se seu hino nacional. Ele situa a vida toda dos israelitas como povo de Deus inequivocamente na história. Não oferece um mundo espiritual

"alternativo". Não reduz a vida deles a "mera" história, glorificando Israel ou seus líderes. Trata-se de um mundo onde Deus é soberano e a obra principal desse Deus é a salvação. Essa é a identidade deles e seu lugar no mundo. Assim vieram a existir e para isso estão aqui.

O que vale para Israel também vale para nós: um povo salvo mergulhado numa história determinada pela salvação na qual mantemos um envolvimento de fé e participação, adorando ao Deus da história.

SEGUNDO TEXTO-BASE: EVANGELHO DE MARCOS

O texto-base para a salvação que escolhi do Novo Testamento encontra-se no evangelho de Marcos e apresenta uma excelente correspondência com o texto de Êxodo. Ninguém havia redigido um evangelho cristão antes de Marcos. Ele criou um gênero novo que logo passou a ser uma forma de escrever fundamental e formadora da vida cristã. Estamos habituados a crer que o Espírito Santo inspirou o conteúdo das Escrituras (2 Tm 3:16), mas é verdade que também a forma foi inspirada, essa nova forma literária que

---

[98] Do hino *Immortal, Invisible, God only Wise,* de Walter Chalmers SMITH, *The Hymnbook.*

[99] VON RAD, *Old Testament Theology,* vol. 1, p. 13. Ver também Dt 26:5-26; Js 24:2-13; Sl 78:13,53; 106:9.

chamamos de evangelho. Na época, não havia nada parecido, mas Marcos encontrou excelentes mestres nos contadores de histórias hebreus que nos deram os livros de Moisés e Samuel.

A Bíblia como um todo nos é apresentada na forma narrativa, e é dentro dessa narrativa bíblica extensa que Marcos escreve seu evangelho. Como afirma Wallace Stagner, um de nossos grandes contadores de histórias contemporâneos: "Vivemos principalmente segundo formas e padrões; se as formas são ruins, vivemos mal".[100] O evangelho é uma forma boa e verdadeira, pela qual vivemos bem. A prática de contar histórias cria um mundo de pressuposições, conjecturas e relações do qual participamos. As histórias nos convidam a entrar num mundo diferente de nós e, quando são boas e verdadeiras, num mundo maior do que nós. As histórias bíblicas são boas e verdadeiras, e o mundo no qual elas nos convidam a entrar é o da criação, da salvação e da bênção de Deus.

Dentro desse contexto amplo do relato bíblico, aprendemos como pensar corretamente, comportar-nos moralmente, pregar energicamente, cantar alegremente, orar honestamente, obedecer fielmente. No entanto, ao fazermos qualquer dessas coisas ou todas elas, não podemos abandonar a história, pois, no momento em que o fazemos, reduzimos a realidade às dimensões de nossa mente, de nossos sentimentos e de nossa experiência. No momento em que formulamos nossas doutrinas, criamos códigos morais e nos lançamos numa vida de discipulado e ministério independente de uma reimersão contínua na história em si; abandonamos a presença e a atividade concreta e local de Deus e criamos nosso negócio.

O caráter distintivo da forma "evangelho" é que ela traz os séculos de histórias hebraicas — Deus fazendo o seu relato da criação e salvação por intermédio de seu povo — para dentro do relato sobre Jesus, a consumação madura de

---

[100] *When the Bluebird Sings to the Lemonade Springs,* p. 181.

todas as histórias, de uma forma que é claramente uma revelação — ou seja, o ser divino revelando a si mesmo (e que convida, mais do que isso, *insiste)* em nossa participação.

Tudo isso contrasta com a preferência dos povos antigos pela criação de mitos, que, de uma forma ou de outra, nos transformam em espectadores do sobrenatural. Também contrasta com a preferência moderna pela filosofia moral e pela sabedoria simplista que nos encarregam da nossa própria salvação. "A história do evangelho" é uma forma de explicar uma realidade que, como a encarnação que constitui seu tema, é, ao mesmo tempo, divina e humana. Ela *revela,* ou seja, nos mostra algo que jamais poderíamos imaginar com base em nossas observações, nossos experimentos ou nossas conjecturas e, ao mesmo tempo, nos *envolve,* nos leva a agir como recipientes e participantes, mas sem despejar sobre nós a responsabilidade de fazer as coisas darem certo.

As implicações disso para o nosso modo de viver são enormes, pois a forma em si nos protege de duas das principais maneiras com que saímos dos trilhos: tornando-nos espectadores frívolos que exigem do céu entretenimento novo e cada vez mais exótico; ou moralistas ansiosos que colocam todo o peso do mundo sobre os próprios ombros. A própria forma do texto modela em nós respostas que nos ajudam a não nos tornarmos meros expectadores nem simples moralistas. O evangelho não é um texto que dominamos, é um texto pelo qual somos dominados.

A meu ver, é expressivo que, na presença de uma história, quer sejamos os narradores quer os ouvintes, nunca teremos a sensação de ser especialistas — há coisas demais que ainda não sabemos, possibilidades demais, mistério e glória demais. Até as histórias mais sofisticadas costumam trazer à tona nosso lado criança — ficamos cheios de expectativa, curiosos, responsivos, encantados —, o que, obviamente, é o motivo pelo qual elas são a forma predileta de discurso das crianças. Por esse mesmo motivo, são a forma predominante de revelação usada pelo Espírito Santo, e é por isso que nós, adultos, que gostamos de parecer

especialistas e administradores das questões da vida, preferimos com tanta freqüência explicações e informações.

AO LER O TEXTO DE MARCOS, logo percebemos que ele trata de algumas coisas que aconteceram com Jesus e ao redor dele num pequeno período da história antiga da Palestina sob domínio romano; antes de terminar a leitura, vemos que ele trata de Deus realizando nossa salvação em Jesus Cristo. O próprio Jesus expressa esse fato de modo sucinto: o Filho do Homem veio para "dar sua vida em resgate por muitos" (Mc 10:45).

Em certo sentido, essa história de Jesus e da salvação é um tanto estranha. Ela revela pouco do que nos interessa num relato. Não descobrimos quase nada daquilo que mais desejamos saber sobre Jesus. Não há nenhuma descrição de sua aparência. Nada sobre suas origens, amigos, estudos e família. Como podemos avaliar ou entender essa pessoa? E o texto faz pouca referência ao que ele pensava, como se sentia, suas emoções, suas lutas interiores. Em se tratando de Jesus, há uma reticência surpreendente e desconcertante. Não entendemos Jesus, não investigamos Jesus, não temos uma apresentação de Jesus em nossos termos. Jesus e a salvação que ele corporificou não são bens de consumo.

É evidente que há uma porção de outras pessoas na história — os enfermos e os famintos, as vítimas e os forasteiros, os amigos e os inimigos. E, por implicação, todos nós. No entanto, o sujeito é sempre Jesus. Nenhum acontecimento ou pessoa aparece na história separado de Jesus. Ele fornece tanto o contexto quanto o conteúdo da salvação. Na prática (quando permitimos que Marcos molde a nossa prática), a salvação é a atenção e a resposta que damos a Jesus, aquele que revela Deus. O texto nos instrui nessa atenção e a resposta. Linha após linha, página após página — Jesus, Jesus, Jesus. Nenhum de nós fornece o conteúdo para a nossa salvação. Ela vem de Jesus. O texto não deixa espaço para exceções.

"Colobodactylus"

De acordo com as tradições mais antigas, Marcos escreveu seu evangelho em Roma na companhia e, supostamente, sob a orientação do apóstolo Pedro. Líder dos Doze, colocado em primeiro lugar em todas as listas dos apóstolos, Pedro estava em Roma sendo preparado para o martírio. Em sua presença e sob sua influência, Marcos escreveu sua história sobre Jesus. Pelo menos, é o que diz a tradição.

Em algum ponto ao longo da história, Marcos adquiriu um apelido: Colobodactylus, ou "Dedo de Toco". Uma explicação sugerida para o apelido é que Marcos era um homem grande com dedos desproporcionalmente pequenos — dedos curtos e grossos. Parece um apelido carinhoso, daqueles que damos para amigos com os quais gostamos de brincar: Baixinho, Magrelo, Fofo, Colobodactylus, Dedo de Toco. É fácil imaginar que o apelido surgiu em seu círculo de amigos em Roma, que o viam trabalhar todos os dias escrevendo seu evangelho, que observavam aqueles dedos curtos e grossos movendo-se de um lado para o outro com a pena (estilo) atravessando o pergaminho, e que observaram, em tom jocoso, a incongruência entre os dedos de aparência desajeitada que seguravam a pena e o ritmo rápido do drama que se desenrolava nas frases anotadas. Ao mesmo tempo, é possível que houvesse uma sugestão espirituosa de harmonia entre as mãos obviamente deselegantes de Marcos e aquilo que Reynolds Price descreve como sua "rusticidade astuta de linguagem".[101]

O apóstolo ao qual ele servia também tinha um apelido: *Pedro,* "pedra" em grego. Mas, ao contrário de seu mestre, o apelido de Marcos não pegou — somente em Roma ele era conhecido como Colobodactylus. De acordo com a tradição, depois do martírio de Pedro, Marcos foi para Alexandria, onde se tornou bispo. É provável que não se considerava

---

[101] *Three Gospels,* p. 37.

apropriado chamar um bispo de "Dedo de Toco", de modo que ele recuperou o nome.

A NARRATIVA DE MARCOS é acelerada, sóbria e extremamente dramática. Marcos não se demora, não desenvolve os pormenores, não explica, não divaga. Um acontecimento sucede outro, e os detalhes se acumulam de maneira aparentemente desordenada e despropositada. Uma observação cuidadosa revela um arranjo complexo impressionante e, ao mesmo tempo, discreto e oculto.[102] Como narrador, Marcos é totalmente despretensioso. Ele esconde sua arte, despojando a história de todo refinamento ou sofisticação, tanto de estilo quanto de sintaxe. É um drama sem melodrama. Cada detalhe é escolhido com cuidado meticuloso e colocado em seu lugar com grande habilidade. O agrupamento de linhas narrativas cuidadosamente dosadas transfere Jesus da obscuridade do ensino e das curas itinerantes na região afastada da Galiléia para uma notoriedade pública repentina em Jerusalém. Ali, líderes romanos e judeus se juntam, temendo que Jesus se torne fatal para seus respectivos regimes políticos e religiosos, e o matam.

Esse é o aspecto mais espantoso do evangelho de Marcos: sem que o narrador se intrometa na história com um comentário ou declaração, acabamos convencidos de que Jesus é o Ungido de Deus, presente no mundo para nos salvar dos nossos pecados e mostrar-nos como viver corretamente: "Sigam essa pessoa!".

O contador de histórias mais despretensioso ("Dedo de Toco"!) escreveu esse relato extremamente exigente e revelador.

Uma característica desse texto exige atenção especial. Apesar de ter escrito seu relato sob a influência de Pedro, o mais importante de todos os apóstolos, Marcos praticamente o remove da história, deixando claro que ele é, de fato, o

---

[102] Ver Austin FARRER, *St. Matthew and St. Mark.*

principal pecador. Está em jogo aqui a verdadeira relação entre Jesus e seus seguidores. Como principal apóstolo, Pedro tem o potencial de se colocar num lugar de proeminência ao lado de Jesus. Ao retratar Pedro como o pecador principal, Marcos garante que isso não acontecerá.

Se Pedro, como líder, pode ser impedido de ocupar o centro da atenção junto com Jesus, o mesmo se aplica aos cristãos de todas as épocas. E é isso que Marcos faz. Talvez seja esta sua maior realização como narrador — na presença de Pedro e sob sua autoridade e influência, Marcos impede que o apóstolo tome conta do relato. A glorificação de Pedro é coibida na fonte. Quaisquer qualidades que Pedro tenha porventura adquirido por meio de sua liderança e sua pregação na igreja primitiva são removidas da história; são mantidos somente suas fraquezas e fracassos.

A história de Jesus inclui um grupo de acompanhantes pitorescos, mas nenhum deles é apresentado de forma que possa obscurecer ou comprometer a centralidade única e sem precedentes de Jesus. Pedro é retratado como impertinente, blasfemador e um ser humano desleal. Mas não *simplesmente* Pedro, e sim, Pedro como *líder.* Os outros discípulos escolhidos também não se tornam exemplos a serem admirados ou seguidos. Obstinados e insensatos, eles não passam de um bando de covardes. Sir Edwin Hoskyns e Noel Davey comentam sobre a "brutalidade assustadora" com que Marcos exclui os discípulos de qualquer parte da obra de Jesus.[103]

Em outras palavras, Marcos conta essa história fundamental da salvação de modo a nos impedir de separar qualquer um de nossos líderes como parte de uma elite espiritual e colocá-lo em um pedestal. Esta é uma história de salvação, e o Salvador é Jesus. O narrador não permite que nada na história desvie a atenção do foco central: Jesus. Não há nada nesse relato que apóie nossa preferência por nos relacionarmos com celebridades em lugar do Jesus

---

[103] *The Riddle of the New Testament,* p. 137s.

desprezado. Não há nada de glamoroso ou inspirador nem mesmo sobre o melhor dos líderes: todos eles, até o último homem e a última mulher, são salvos pela graça.

Manter essa simplicidade e esse foco — a salvação se dá por iniciativa e graça de Deus em Jesus — tem se mostrado uma das coisas mais difíceis de realizar na comunidade cristã. Ao longo das gerações, a narrativa de Marcos não nos impediu de desenvolver seitas em torno de celebridades, elevando Pedro e outros à proeminência e, desse modo, proporcionando maneiras de lidar com nossa alma aparentemente mais fáceis do que nos relacionarmos com Deus em Jesus. E não nos impediu de nos distrairmos com novidades espirituais e religiosas que prometem atalhos para o entretenimento da alma. No entanto, o relato de Marcos continua a fornecer a base honesta para a qual nós todos voltamos depois dos desvios que nos afastam de Deus e depois das digressões da alma.

A morte de Jesus

Ao ler o texto de salvação redigido por Marcos, percebemos logo que o relato todo se concentra na narrativa de uma só semana da vida de Jesus, a semana de sua paixão, morte e ressurreição. Destes três itens, a morte é tratada de modo mais extenso e detalhado. Se alguém pedir que declaremos o tema do evangelho de Marcos em poucas palavras, a melhor resposta é: "a morte de Jesus".

Essa afirmação não parece muito promissora, especialmente para aqueles que estão à procura de um texto que oriente seu viver, que alimente a alma. Mas é isso. O relato é constituído de dezesseis capítulos. Nos oito primeiros, Jesus está vivo, caminhando sem pressa pelas vilas e estradas vicinais da Galiléia, dando vida a homens, mulheres e crianças — livrando-os do mal, curando corpos deformados e enfermos, alimentando o povo, mostrando sua soberania sobre a tempestade e o mar, contando histórias maravilhosas, reunindo e treinando discípulos, anunciando que estão no limiar de um novo tempo, o reino de Deus, que naquele exato momento está se manifestando diante deles.

Então, depois de cativar a atenção de todos, quando a força cinética de vida, vida cada vez mais intensa, está no auge, ele começa a falar de morte. Os últimos oito capítulos do evangelho são dominados por palavras sobre a morte.

A mudança abrupta da linguagem de Jesus da vida para a morte (em 8:31-34) também indica uma alteração de ritmo. Durante o relato dos oito primeiros capítulos, a narração se apresenta vagarosa e sinuosa. Jesus parece não se dirigir a nenhum lugar específico — praticamente vagueia de uma vila para outra, retira-se para os montes a fim de orar, cultua nas sinagogas, dá a impressão de que tem tempo para fazer refeições com quem o convidar e passear de barco no lago com seus amigos. Não interpretamos esse ritmo calmo como sem propósito ou indolente, pois a energia e a intensidade sempre aparecem claramente. Mas ao longo desses anos na Galiléia, Jesus parece ter todo o tempo do mundo, o que, evidentemente, é verdade.

Mas ao anunciar sua morte, isso muda. Agora, ele vai direto para Jerusalém. A narrativa passa a ser caracterizada pela urgência, gravidade e por um objetivo. A direção muda, o ritmo muda, o ânimo muda.

Três vezes, em três capítulos subseqüentes, Jesus é explícito: ele sofrerá, será morto e ressuscitará (8:31; 9:31; 10:33).

Então, acontece: a morte. A morte de Jesus é narrada com cuidado e exatidão (Mc 14—15). Nenhuma parte da vida de Jesus é relatada com tantos detalhes quanto sua morte. Não há dúvidas quanto à intenção de Marcos: a trama e o significado da morte de Jesus e a ênfase dada.

Essa ênfase não é uma idiossincrasia de Marcos, uma obsessão mórbida que distorce a história básica, pois as mesmas seqüência e proporção são preservadas por Mateus e Lucas, os sucessores de Marcos no relato do evangelho. Eles desenvolvem o texto de Marcos de várias maneiras, mas preservam as proporções. João, que aborda a história de um ângulo bem diferente, deslumbrando-nos com imagens de luz e vida, na verdade aumenta a ênfase sobre a morte, dedicando metade de suas páginas à semana da paixão. Os

quatro evangelistas fazem essencialmente a mesma coisa: relatam a história da morte de Jesus e redigem suas respectivas introduções a ela. E Paulo — o apóstolo exuberante, apaixonado e hiperbólico — pula toda a narração e vai direto à conclusão: "Cristo [morreu] por nós" (Rm 5:8-9); "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1Co 2:2).

Mas há muito mais coisas envolvidas que o simples fato da morte, apesar de ele ser tratado mais enfaticamente. Trata-se de uma morte cuidadosamente *definida.* É definida como *voluntária.* Jesus não precisava ir a Jerusalém; ele foi por sua vontade. Ele consentiu com sua morte. Não foi uma morte acidental; também não foi inevitável.

Ela é definida ainda como *sacrifical.* Jesus aceitou a morte para que outros pudessem receber vida, "sua vida em resgate por muitos" (Mc 10:45). Ao instituir a eucaristia, ele definiu sua morte explicitamente como sendo sacrifical, ou seja, como um meio de conceder vida a outros: "... tomou Jesus um pão [...] Tomai, isto é o meu corpo [...] A seguir, tomou Jesus um cálice [...] Isto é o meu sangue [...] derramado em favor de muitos" (14:22-24).

E, por fim, essa morte é definida em conjunto com a *ressurreição.* Cada um dos três anúncios explícitos de sua morte é concluído com uma declaração de ressurreição. Essa morte é o caminho para a vida, o caminho para a salvação. Isso não a torna menos morte, mas é uma morte definida de maneira bem diferente daquela com a qual estamos acostumados a lidar.

Contrastando com esse retrato da morte no evangelho de Marcos — Jesus aceitando-a deliberadamente, sua natureza sacrifical e seu contexto de ressurreição — nossa cultura (secular ou eclesiástica) costuma caracterizar a morte como algo trágico ou lidar com ela pela procrastinação.

O conceito da morte como algo trágico é um legado dos gregos que escreveram com grande elegância sobre mortes trágicas. Personagens que viveram com a melhor das intenções, mas acabaram emaranhadas em circunstâncias

que colocam em cena uma falha fatal. Indiferente ao heroísmo ou à esperança, essa falha anula as boas intenções.

A morte de Jesus não é trágica.

A morte procrastinada é um legado da medicina moderna. Numa cultura em que a vida é reduzida a batimentos cardíacos e ondas cerebrais, a morte não pode ser aceita como tendo um significado além de si mesma. Uma vez que a biologia não pode explicar a existência de vida após a morte — o significado, a espiritualidade, a salvação —, cresce o número de tentativas cada vez mais desesperadas de adiá-la ou evitá-la.

A morte de Jesus não é procrastinada.

Opomo-nos às atitudes de nossa cultura em relação à morte deixando que o relato de Marcos modele nossa compreensão da morte de Jesus exatamente como ela é, conforme declara o Credo de Nicéia, "para nós e para nossa salvação".

A HISTÓRIA DA MORTE de Jesus, conforme relatada por Marcos, é uma seqüência dramática de contornos claros constituída de doze cenas. Duas frases (14:1-2) introduzem esse drama. O tempo é definido claramente: dois dias antes da Páscoa, quando milhares de cordeiros estão sendo abatidos para a festa anual. É a celebração ritual da salvação do Êxodo, o acontecimento definidor da história judaica. Nesse momento, os líderes religiosos estão à caça de Jesus. A morte paira no ar.

1. *A unção* (14:3-11). A história da paixão inicia-se no cenário doméstico da casa de Simão, o leproso, em Betânia, onde Jesus e alguns amigos são convidados a fazer uma refeição. Durante essa refeição, uma mulher aparece e unge Jesus, quebrando um vaso de perfume extremamente caro e derramando-o sobre a cabeça dele. Alguns dos convidados se exasperam e criticam a mulher abertamente por tal extravagância e desperdício. Na opinião deles, o perfume deveria ter sido vendido e o dinheiro, distribuído para os pobres. Jesus intervém e defende o gesto da mulher como "uma boa ação" e o interpreta como unção do seu corpo "para

a sepultura". O assassinato de Jesus, que naquele momento está sendo planejado, é aceito como fato consumado. Ao ungir Jesus, a mulher antevê esse fato. Pelo gesto generoso da mulher, o corpo de Jesus, que logo se tornará um cadáver, recebe a unção antecipada para o sepultamento.

Judas imediatamente contrapõe à extravagância da mulher o fechamento de um excelente negócio com os que tramam o assassinato. Se a mulher insiste em desperdiçar dinheiro com Jesus, marcado para morrer, Judas usará essa situação para ganhar dinheiro.

2. *A ceia* (14:12-25). O dia seguinte é Páscoa. Seguindo as instruções de Jesus, os discípulos preparam a refeição. Por toda parte, em Jerusalém, os cordeiros estão sendo abatidos, e a refeição pascal está sendo preparada de acordo com as instruções de Êxodo. É o ritual anual com sua história, sua refeição e seu cântico, que mantém a salvação como centro de sua identidade. Os doze sabem muito bem que seu povo preparava e fazia essa refeição havia mais de mil anos. Nessa noite, Jesus dirige a ceia. Enquanto os discípulos comem, Jesus lhes diz que está prestes a ser traído, entregue nas mãos dos que darão cabo de sua vida e prossegue identificando consigo o pão que estão comendo e o vinho que estão bebendo como seu corpo e seu sangue: "Este pão asmo que vocês estão comendo sou eu, a minha carne; este vinho que vocês estão bebendo sou eu, o sangue do cordeiro pascal abatido em sacrifício, neste cálice diante de vocês aqui na mesa. Minha morte se tornará a vida de vocês".

3. *A oração* (14:26-42). Eles deixam a mesa da ceia e andam cerca de um quilômetro e meio para o leste em direção ao monte das Oliveiras. Enquanto andam, Jesus fala com melancolia sobre a infidelidade iminente dos seus discípulos, mas, em seguida, fala da sua fidelidade infalível para com eles (v. 28). Eles chegam ao Getsêmani, um jardim no sopé do monte das Oliveiras. Jesus pede que esperem por ele enquanto ora. Leva consigo Pedro, Tiago e João para o lugar de oração. Vai um pouco adiante sozinho e ora. É uma oração angustiante: ora ao Pai, pedindo que não seja morto ("este cálice"); também ora expressando sua disposição de ser

morto. Volta para onde havia deixado os três discípulos mais íntimos e os encontra dormindo. Ele os repreende — esperava que estivessem orando com ele e por ele. A seqüência — a oração de Jesus, o cochilo dos discípulos, a repreensão de Jesus — é repetida três vezes. Então, Jesus lhes diz que é hora de partir, hora de comparecer ao seu compromisso com a morte.

4. *A prisão* (14:43-52). Judas aparece na hora certa, liderando uma turba preparada para usar de violência. Judas identifica Jesus com seu famoso beijo de traição, e Jesus é levado preso. Uma espada é erguida, o servo do sumo sacerdote perde sua orelha, mas a resistência não passa disso. Os discípulos fogem o mais depressa possível do Getsêmani, o lugar de sua reunião de oração, entregando Jesus à sua sorte.

5. *O julgamento perante o Sinédrio* (14:53-65). Os líderes judeus se reúnem no pátio do sumo sacerdote. Recrutam as testemunhas que farão as acusações necessárias para justificar a sentença de morte contra Jesus. Não têm dificuldade em conseguir testemunhas — não é espantosa a facilidade com que encontraram pessoas ansiosas para ajudar a matar Jesus? —, mas, como as testemunhas não foram devidamente preparadas, os depoimentos acabam se contradizendo. Impaciente com a confusão desse tribunal irregular, o sumo sacerdote interrompe e confronta Jesus diretamente: "És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?". E Jesus respondeu: "Eu sou". O sumo sacerdote considerou esse "Eu sou" uma blasfêmia, e isso resolveu a questão. O veredicto: culpado. A sentença: morte.

6. *A negação de Pedro* (14:66-72). Enquanto Jesus era julgado pelo sumo sacerdote perante o Sinédrio, Pedro também era submetido a um inquérito (informal) no pátio inferior, com a serva do sacerdote exercendo a função de procuradora e juíza. Sabemos bem que Pedro foi o primeiro a confessar Jesus como o Cristo, a identidade pela qual o sumo sacerdote acabara de basear sua sentença de morte contra Jesus. No exato momento em que o sumo sacerdote interroga

Jesus acerca de sua identidade como Cristo, a serva do sumo sacerdote interroga Pedro sobre sua relação com esse Cristo. No mesmo momento em que Jesus está admitindo, simples e irrestritamente, que é o Cristo, Pedro, com veemência pontuada de imprecações, nega até mesmo ter visto Jesus. E não nega apenas uma vez, mas três. Pedro, o "primeiro" apóstolo: o primeiro a confessar Jesus, o primeiro a negar Jesus.

7. *O julgamento diante do tribunal romano* (15:1-15). É manhã. O Sinédrio leva Jesus, seu criminoso algemado e sentenciado à morte, ao tribunal romano. Jerusalém é uma cidade ocupada sob o domínio de Roma, e os judeus não têm autoridade para matar Jesus. Assim, eles o entregam a Pilatos, o governador romano. Ele interroga Jesus sob o enfoque político: "És tu o rei dos judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes". Nem uma negação, nem uma confissão; na verdade, ele diz: "Essas palavras são suas, e não minhas". Os líderes judeus se alvoroçam e despejam as acusações. Jesus permanece calado.

Devidamente instruído nos procedimentos e assuntos judiciais (Roma era famosa por seu sistema judicial), Pilatos percebe que se trata de uma "armação" e tenta libertar Jesus. Durante a Páscoa, era costume os romanos libertarem um prisioneiro. Seria uma forma conveniente de Pilatos soltar Jesus e se livrar de todo aquele tumulto. Mas, quando ele tenta usar esse expediente, a multidão — incitada pelos líderes judeus — pede que ele solte Barrabás, criminoso político condenado por assassinato. "Mas, e quanto a Jesus", pergunta Pilatos. A multidão ensandecida grita em frenesi: "Crucifica-o!". Pilatos pergunta: "Com que fundamento?". Não se ouve nenhuma resposta a essa pergunta; apenas: "Crucifica-o". Pilatos cede à pressão da multidão ali reunida para a Páscoa. Liberta Barrabás, manda açoitar Jesus e o entrega para ser crucificado. E lá se vai a justiça romana.

8. *A adoração fingida* (15:16-20). Jesus está nas mãos dos soldados romanos que o crucificarão. Os soldados, provavelmente entediados com a falta do que fazer, divertem-se às custas do prisioneiro. Haviam ouvido Pilatos perguntar:

"És tu o rei dos judeus?" e usam a pergunta para improvisar uma encenação — colocam um manto real de púrpura sobre os ombros de Jesus, uma coroa de espinhos em sua cabeça, o proclamam rei, o espancam na cabeça com varas, cospem nele e se ajoelham em reverência fingida. Grande diversão. Levam-no, então, para fora a fim de "entronizá-lo" na cruz.

9. A *crucificação* (15:21 -32). Simão de Cirene carrega a cruz que Jesus havia indicado anteriormente para todos os que o seguissem (8:34). Os soldados usam essa cruz para matar Jesus num lugar medonho — o "Lugar da Caveira" (Gólgota) — às nove horas da manhã, cumprindo a condenação política por sedição ("rei dos judeus"). Dois ladrões também são crucificados com ele, um de cada lado. Não há solenidade: os soldados jogam dados para ver quem ficará com as roupas de Jesus, transeuntes o provocam, os líderes judeus zombam dele, e até seus dois companheiros criminosos de crucificação tomam parte no humor macabro. A crucificação é uma mistura inclemente de vergonha e dor levadas ao extremo.

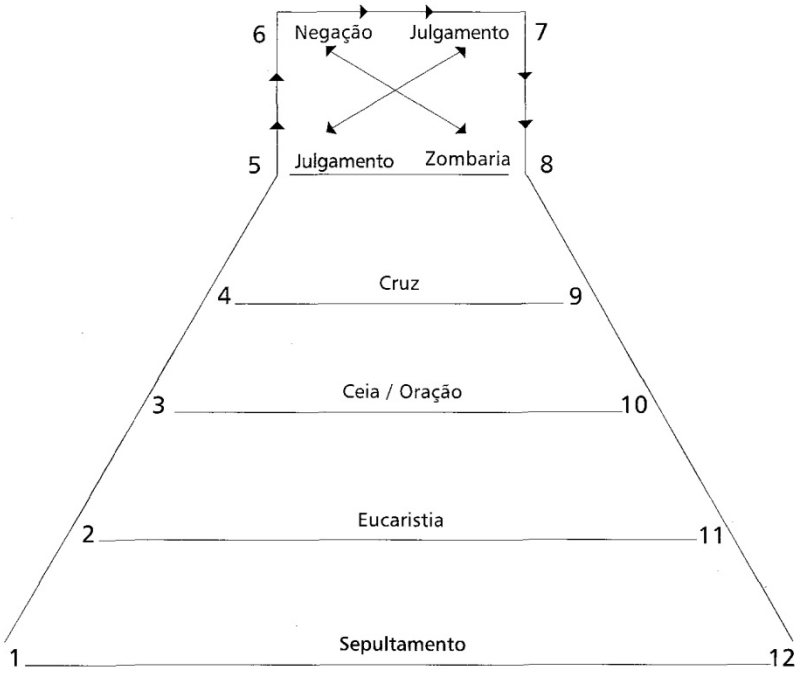
10. *A morte* (15:33-39). Três horas depois, com o sol a pino, o céu escurece. As trevas se estendem pelas três horas seguintes, enquanto Jesus morre lentamente. Às três da tarde, Jesus clama em alta voz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?". As pessoas ao redor da cruz se inquietam, perguntando se algo sobrenatural está prestes a acontecer; um homem coloca uma esponja embebida em vinagre na ponta de uma vara e a empurra contra o rosto de Jesus (será para reanimá-lo a fim de que o espetáculo continue?). Mas nenhum milagre acontece — pelo menos do tipo que todos estão esperando. Jesus clama novamente em alta voz. Dá seu último suspiro. Do outro lado da cidade, o véu do templo que separa o Santo dos Santos se rasga de alto a baixo. Jesus está na cruz há seis horas. O centurião encarregado da crucificação vê tudo e dá seu testemunho: "Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus". Jesus está morto.

11. *As mulheres* (15:40-41). Há "algumas mulheres" junto à cruz, olhando — companhia misericordiosa durante

aquelas seis horas de humilhação e dor, de abandono e escárnio. Elas ficam lá — presença fiel e devota ao longo daquelas horas terríveis. As mulheres são amigas vindas da Galiléia que acompanharam e serviram Jesus. Ficam junto dele até o fim. O texto cita o nome de três delas.

12. O *sepultamento* (15:42-47). A noite se aproxima, noite de sexta-feira. O sábado começa ao pôr-do-sol. Um dos líderes judeus, José de Arimatéia (nem todos os líderes judeus participaram da conspiração para matar Jesus), pede a Pilatos que libere o corpo de Jesus para ser sepultado. Depois de se certificar da morte de Jesus (a garantia vem do centurião), Pilatos entrega o corpo a José. Reverentemente, José envolve o corpo de Jesus numa mortalha de linho e, com toda dignidade, o coloca num sepulcro escavado na rocha, não muito longe do Gólgota, rolando uma grande pedra para proteger a entrada. Tudo isso é observado por duas mulheres que haviam ficado de vigília junto à cruz (as duas Marias).

A NARRATIVA DRAMÁTICA pode ser visualizada por meio da seguinte pirâmide:



As cenas 1 e 12 formam a base; os dois lados opostos ascendem em pares: 2 e 11,3 e 10, 4 e 9; mas, em vez de um ápice, os últimos pares — 5 e 8, 6 e 7 — formam uma cimalha quadrada.

Os segmentos *um* e *doze* (14:8 e 15:46) são cenas de sepultamento: a unção para o sepultamento ("antecipou-se a ungir-me para a sepultura") e o sepultamento propriamente dito ("o depositou em um túmulo") por José de Arimatéia.

As cenas *dois* e *onze* (14:22-24 e 15:40-41) são reuniões eucarísticas dos amigos de Jesus no contexto de sua morte: os discípulos com Jesus quando ele representa sua morte no pão/corpo e vinho/sangue durante a refeição pascal; as seguidoras de Jesus com ele junto à cruz durante as seis horas em que sua carne foi partida e seu sangue, derramado.

As cenas *três* e *dez* (14:36 e 15:34) são orações de Jesus: a no Getsêmani para que o cálice da morte fosse afastado dele, e a de abandono na cruz ao beber desse cálice.

As cenas *quatro* e *nove* (14:43-45 e 15:21) contrastam o homem que trai Jesus com o homem que ajuda Jesus: Judas trai Jesus entregando-o à morte por crucificação, e Simão de Cirene carrega a cruz para Jesus até o Gólgota, o lugar da crucificação.

Juntas, as cenas *cinco, seis, sete* e *oito* formam a cimalha. Aqui, o padrão é mais complexo. As cenas *cinco* e *seis* são seqüenciais: a cena *cinco* (14:53-64) se passa no interior do pátio do sumo sacerdote, quando este declara Jesus culpado com base na acusação religiosa de blasfêmia ("o Cristo, o Filho do Deus Bendito") no julgamento perante o Sinédrio; e a cena *seis* (14:66-70) se passa no pátio inferior, quando a serva do sumo sacerdote leva Pedro a negar Jesus nesse interrogatório paralelo.

As cenas *seis* e *sete* (15:1-15) apresentam Pedro em paralelo com Pilatos, o líder dos apóstolos negando e o líder dos romanos condenando Jesus — uma rejeição dupla: a pessoa mais próxima e a pessoa mais distante de Jesus, ambas o rejeitando; o estrangeiro intruso que não faz a mínima idéia de quem Jesus é ou poderia ser é colocado lado a lado com um membro íntimo do círculo apostólico, o primeiro a reconhecer e confessar a identidade messiânica de Jesus, os dois se juntando para dizer "não" para Jesus.

As cenas *sete* e *oito* (15:16-20) seguem o padrão seqüencial do pátio interno/pátio inferior do sumo sacerdote (como as cenas cinco e seis), mas, desta vez, no pátio do governador romano, para onde Jesus é levado a juízo por acusações políticas ("És tu o Rei dos Judeus?"), Pilatos preside uma paródia de justiça que entrega Jesus para a crucificação como "rei dos judeus" (cena *sete)* seguida da zombaria cruel dos soldados saudando Jesus como "o rei" (cena *oito).*

Também é possível distinguir um padrão quiasmático nessas quatro cenas que formam a cimalha: a negação de Jesus como Cristo por Pedro na cena *seis* liga-se, na diagonal, à zombaria de Jesus como rei pelos soldados na cena *oito;* e o julgamento de Jesus pelos líderes religiosos judeus na cena *cinco* liga-se na diagonal ao julgamento de Jesus pelo líder político romano na cena *sete.*

A narrativa da morte redigida por Marcos é uma complexa teia entrelaçada de ecos, paralelos, contrastes, alusões e repetições. A morte de Jesus reúne tudo em si e dá forma à obra consumada da salvação. Tudo o que faz parte de nosso envolvimento na salvação pode ser encontrado nessa morte.

Nada penetrou a imaginação cristã com tanta profundidade quanto essa morte, com todos os detalhes. Música, arte, literatura, teatro, arquitetura. Mas, acima de tudo, seus efeitos continuam a ser vistos em inúmeros homens e mulheres que, todos os dias, abrem mão de tentar salvar a si mesmos, de tentar fazer alguma coisa por conta própria e procuram tomar a cruz de Jesus e segui-lo. Marcos nos apresenta a história da morte de Jesus de tal forma que ela continua a ressoar e reverberar em nossa vida como nada mais e nada menos do que a salvação.

Nossa salvação

Tanto em Êxodo quanto no evangelho de Marcos, fica claro que não contribuímos em nada para nossa salvação. No entanto, somos convidados a participar. Na primeira metade do evangelho, pessoas de todo tipo são atraídas para junto de Jesus, experimentando sua compaixão, as curas, o livramento, o chamado, a paz. Vemo-nos implicitamente incluídos. Na segunda metade do evangelho, essa experiência de participação pessoal se torna explícita.

No centro do evangelho de Marcos há uma ponte entre os anos na Galiléia em que se narra a vida de Jesus e as últimas semanas em Jerusalém, concentradas em sua morte. Na verdade, essa ponte é estratégica para nos guiar a uma participação na salvação coerente com a vida e a morte de Jesus descritas por Marcos com tanto cuidado. Creio ser evidente que Marcos não era um jornalista escrevendo boletins diários das atividades de Jesus no século I. Também não era um publicitário tentando nos envolver numa causa com ambições históricas. Seu evangelho é a teologia espiritual em ação, uma forma de escrever que nos leva a participar do texto.

Marcos 8:27—9:9 é a passagem que serve de ponte, no centro do relato, entre as várias evocações de vida na Galiléia, ocupando simetricamente um lado, e a viagem resoluta a Jerusalém e a morte, ocupando o outro.

A passagem de transição é constituída de duas histórias. A primeira, o chamado de Jesus à renúncia enquanto ele e seus discípulos se dirigem a Jerusalém, fornece a dimensão ascética da salvação (8:27—9:1). A segunda, a transfiguração de Jesus no monte Tabor, fornece a dimensão estética (9:2-9).

As histórias começam e terminam com declarações acerca da identidade de Jesus como Deus em nosso meio: primeiro Pedro afirmando: "Tu és o Cristo" (8:29); depois, a voz do céu dizendo: "Este é o meu Filho amado" (9:7). Numa extremidade, o testemunho humano e, na outra, a atestação divina.

Antes de considerarmos essas duas histórias, desejo enfatizar a necessidade de mantê-las no contexto e ligadas entre si. O contexto é a vida e a morte de Jesus, aquele que revela Deus. Jesus é o tema do evangelho de Marcos. Fora de contexto, essas duas histórias dão espaço para inúmeras interpretações equivocadas. Não podem ser consideradas isoladamente. Não oferecem uma teologia espiritual pronta para ser explorada em nossos próprios termos.

Além disso, elas são organicamente ligadas. Não devem ser separadas uma do outra. São um ritmo de duas batidas numa única vida de salvação, e não duas formas alternativas de existir na história, de participar da obra salvadora de Deus na história. As histórias reúnem os movimentos ascéticos e estéticos, o "não" e o "sim" que trabalham juntos no cerne da vida de salvação. A participação na salvação, conforme esta é revelada em Jesus, exige o emprego apropriado e diferenciado dessas duas palavras: "não" e "sim".

O ascético

Em primeiro lugar, consideremos o movimento ascético, o "não" de Deus em Jesus. As palavras de Jesus são breves, porém severas: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (8:34). O ascetismo diz respeito à vida percorrendo o mesmo caminho de Jesus rumo à sua morte.

Dois verbos se destacam na frase e chamam nossa atenção: negar-se a si mesmo e tomar sua cruz. Renúncia e morte. Parece um assalto, um ataque. Recuamos.

Mas, então, observamos que essas duas negações estão inseridas entre duas ocorrências do verbo "seguir", primeiro no infinitivo e depois no imperativo. A frase começa com "Se alguém quer vir após" (*akolouthein*) e termina com "siga-me" (*akoloutheitô*). Jesus está indo a algum lugar; ele nos convida a acompanhá-lo. Não há nada de hostil nesse chamado. Na verdade, ele parece bastante glorioso. Aliás, a glória é tanta que o verbo momentoso "seguir" a faz resplandecer sobre os verbos negativos que pedem renúncia e morte.

A salvação sempre tem um forte elemento ascético. Seguir a Jesus significa *não* seguir as práticas de procrastinação e negação da morte de nossa cultura e *não* buscar a vida compulsivamente amparados por ídolos e ideologias que nos levam a uma vida tão estreita e depreciada que mal pode ser chamada por esse nome.

Em termos gramaticais, a negação, a capacidade de dizer "não", é uma das características mais impressionantes de nossa língua. A negação é nosso acesso à liberdade. Somente os seres humanos podem dizer "não". Os animais não podem dizer "não". Eles fazem o que o instinto determina ou é fixado neles por treinamento. "Não" é uma palavra de liberdade. Não preciso fazer aquilo que minhas glândulas ou minha cultura ordenam. O "não" criterioso e devidamente usado nos impede de correr por uma série de becos sem saída, de serpentear por uma porção de desvios esburacados; também nos livra de distrações debilitantes e sacrilégios sedutores. A arte de dizer "não" nos liberta para seguir Jesus.

Se seguirmos à risca o texto de Marcos, jamais associaremos asceticismo com negação da vida. A prática ascética remove o entulho do ego com suas pretensões de divindade, criando um espaço amplo para o acesso do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ela prepara para um tipo de morte que nossa cultura não entende, limpando a área para a dança da ressurreição. Sempre que nos vemos perto de alguém que faz isso corretamente, percebemos a leveza de seus passos, a vivacidade de seu espírito, a facilidade de rir. Moule escreveu que essas negações em favor de Cristo "talvez tenham de entalhar linhas profundas no coração e na vida; mas o cinzel nunca desfigura o brilho do material que está esculpindo".[104]

O estético

Junto com o ascético, Marcos apresenta o elemento estético. Este é o "sim" de Deus em Jesus. Pedro, Tiago e João vêem Jesus ser transfigurado diante deles no monte, dentro de uma nuvem de esplendor, juntamente com Moisés e Elias, e ouvem a bênção de Deus: "Este é o meu Filho amado; a ele ouvi" (9:7). O estético se refere à vida no monte com Jesus.

A palavra "beleza" não é usada no relato, mas foi isso que os discípulos experimentaram e é o que nós experimentamos — a beleza de Jesus transfigurado, a lei e os profetas, Moisés e Elias absorvidos na beleza de Jesus, a beleza da bênção "Meu Filho amado...": tudo se encaixa, o interior resplandecente de Jesus transbordando para o monte; história e religião lindamente personificadas e conduzidas a uma harmonia profunda e ressoante: a declaração de amor.

A salvação tem sempre um forte elemento estético. Subir o monte com Jesus significa encontrar a beleza que tira nosso fôlego. Ficar na companhia de Jesus envolve contemplar sua glória, ouvir o vasto diálogo entre gerações, constituído da lei, dos profetas e do evangelho, que se desenrola em Jesus, escutar a confirmação divina da revelação em Jesus. Quando

---

[104] *Veni Creator,* p. 104.

o Espírito de Deus aparece, reconhecemos a beleza de sua figura.

Jesus transfigurado: ele é a forma de revelação, "e a luz não incide sobre essa forma de cima para baixo, nem de fora para dentro; antes, ela irrompe do interior dela".[105] A única resposta adequada à luz é manter os olhos abertos, atentar para aquilo que é iluminado — adoração.

O estímulo estético na salvação diz respeito ao treinamento da percepção, à aquisição de uma sensibilidade por aquilo que é revelado em Jesus. Não nos saímos bem nesse departamento. Nossos sentidos foram embotados pelo pecado. O mundo, com toda a sua celebração ostentadora da sensualidade, é inexoravelmente antiestético, embotando as sensações com feiúra e barulho, esgotando a beleza das pessoas e coisas para que se tornem funcionalmente eficientes, desprezando a estética que não pode ser colocada num museu ou num jardim. Nossos sentidos precisam ser curados e restaurados a fim de poderem receber as visitações e manifestações do Espírito, o Espírito Santo de Deus, e responder a elas, pois, como disse Jean Sulivan: "O *insight* fundamental da Bíblia [...] está no fato de que o invisível só pode falar por meio do perceptível".[106]

Este nosso corpo com seus cinco sentidos não é impedimento para a vida de fé; nossa sensualidade não é uma barreira para a espiritualidade; é apenas um acesso a ela. Tomás de Aquino tinha a convicção de que a *negação da sensualidade é* condenável e a rejeição dos sentidos muitas vezes conduz ao sacrilégio.[107] Quando o apóstolo João quis asseverar a alguns cristãos primitivos a autenticidade da sua experiência espiritual, apresentou como testemunhas os sentidos da visão, da audição e do tato: "O que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos [...] e as nossas mãos apalparam" (1Jo 1:1). Na primeiras frases de sua primeira espístola, o apóstolo apela a seus sentidos a testemunharem sete vezes.

---

[105] Hans Urs von BALTHASAR. *The Glory of the Lord,* vol. 1, p. 151.
[106] *Morning Light,* p. 18.
[107] Citado por Belden LANE, *Landscapes of the Sacred,* p. 81.

Os relatos colocados por Marcos em posições estratégicas são orientação essencial a participarmos da salvação realizada na pessoa de Jesus, uma afirmação gloriosa justaposta à negação severa. Na companhia de Jesus, nosso corpo tão magnificamente equipado para ver, ouvir, tocar, cheirar e provar sobe o monte (um ato fisico corajoso), onde, em atônita adoração, somos treinados para ver a luz e ouvir as palavras reveladas por Deus.

PARECE SIMPLES. E é. Marcos não recorre a sutilezas — apresenta a realidade claramente. Mas ele também sabe que, por mais óbvia que ela seja, é fácil nos equivocarmos. A reação inicial de Pedro, tanto na história do caminho ascético quanto na história do monte estético, foi errada.

No caminho, Pedro tentou evitar a cruz; no monte, tentou apreender a glória. Pedro rejeitou o caminho ascético, oferecendo a Jesus um plano melhor, um modo de obter a salvação no qual ninguém teria de sofrer. Na repreensão mais severa registrada nos evangelho, Jesus o chamou de Satanás e o colocou de castigo. Pedro rejeitou o caminho estético, oferecendo-se para construir capelas memoriais no alto do monte, uma forma de adoração na qual ele poderia tomar a salvação de Jesus e transformá-la numa franquia, oferecendo algo palpável e prático. Dessa vez, Jesus simplesmente o ignorou.

A tendência de Pedro de se equivocar nos mantém alertas. Século após século, nós, cristãos, continuamos nos equivocando — e o fazemos de várias maneiras. Não entendemos corretamente o elemento ascético da salvação; e também não entendemos corretamente o estético. Nossos livros de história estão repletos de aberrações ascéticas e estéticas. Todas as vezes que nos tornamos desleixados na leitura do texto da salvação no evangelho de Marcos e nos afastamos de Jesus, nos equivocamos.

MAIS UMA OBSERVAÇÃO. Os dois relatos, posicionados estrategicamente no centro do Evangelho, não constituem o

centro da história. Devemos nos lembrar sempre de que a história narrada por Marcos é sobre Jesus, e não sobre nós. Na verdade, se removêssemos essa parte (8:27—9:9), o texto continuaria narrando a mesma história. Nada nessas narrativas do caminho e do monte é essencial para a compreensão da história de Jesus, de como ele viveu, foi crucificado e ressuscitou dentre os mortos. Mesmo sem esses episódios do caminho e do monte, ainda saberíamos tudo o que Marcos escolheu nos contar sobre Jesus como a revelação de Deus, um registro completo da obra de salvação realizada por Jesus.

No entanto, não ficaríamos sabendo (pelo menos, não tão bem) qual é nosso lugar na história da salvação. Nessa passagem que serve de ponte, Marcos nos chama de lado e convida a nos tornar participantes plenos da salvação, mostrando como fazê-lo. Não apenas *ouvimos* que Jesus é o Filho de Deus e nos *tornamos* beneficiários de sua expiação, como também somos convidados a morrer sua morte e viver sua vida com a liberdade e a dignidade de participantes.

E, o que é mais espantoso: entramos no centro da história sem nos tornarmos o centro da história.

A salvação está sempre exposta ao perigo do egocentrismo. Quando fico perplexo com as questões de minha alma, há sempre o risco de começar a tratar Deus como simples acessório em minha experiência. Assim, a salvação exige grande vigilância. Entre outras coisas, a teologia espiritual é um exercício dessa vigilância; é a disciplina e a arte de treinar pessoas para participação plena e madura na história de Jesus, impedindo-as, ao mesmo tempo, de assumir o controle da história.

Por isso, o evangelho de Marcos, tendo Êxodo como precedente, é o nosso texto-base. Fica evidente que as histórias do caminho e do monte na parte central são prolépticas — eles antevêem a crucificação e a ressurreição de Jesus. Elas nos envolvem e treinam nas negações ascéticas e nas afirmações estéticas, mas não se atem a isso; fazem-nos avançar em fé e obediência para a vida de salvação

consumada final e exclusivamente no "não" definitivo e no "sim" glorioso de Jesus crucificado e ressurreto.

CULTIVANDO O TEMOR-DO-SENHOR NA HISTÓRIA: A EUCARISTIA[108] E A HOSPITALIDADE

O que devemos fazer diante de tudo isso? Diante da confusão da história em que nos encontramos, da morte querigmática de Jesus anunciando as boas-novas da salvação, dos perigos constantes de um moralismo que nos propõe assumir o controle de nossa vida, dos textos fundamentais de Êxodo e do evangelho de Marcos? O que nos resta fazer?

Continuando a usar a expressão de Albert Borgmann, "prática focal", deparamo-nos com a ordem do Senhor: "Fazei isto...": comei o pão e bebei o cálice, o corpo e o sangue de Jesus. Recebei a eucaristia. Foi isso que Jesus ordenou. E é isso que os cristãos têm feito desde então (ICo 11:23-26; Lc 22:19). Recebemos Jesus crucificado. Lembramos a morte de Jesus e recebemos seu corpo partido e seu sangue derramado pela remissão de nossos pecados. Estendemos nossas mãos abertas e recebemos o que Deus fez por nós em Jesus. Não tomamos o que nos foi concedido fazendo o que bem entendemos com essa dádiva; nos assentamos à Mesa, comemos e bebemos. Tornamo-nos aquilo que recebemos. Cristo é, nós somos.

Ao receber a eucaristia, reafirmamos nossa identidade: "Cristo em vós [em mim!], a esperança da glória" (Cl 1:27). Ao receber a eucaristia, revivemos e relembramos a Páscoa de Êxodo e da última ceia.[109] Cada vez que recebemos a eucaristia, permitimos novamente que Jesus nos leve a penetrar com ele no drama abrangente de sua morte que nos une como participantes devotos da vida de salvação. Antes de

---

[108] Como a igreja de um modo geral, uso os termos "eucaristia", "refeição", "mesa" e "ceia do Senhor" como sinônimos.

[109] O texto não deixa claro se a última ceia de Jesus foi, de fato, a Páscoa dos judeus; os estudiosos se mostram divididos a esse respeito. No entanto, está claro que a refeição foi preparada e comida no ambiente da Páscoa e que foi relacionada a ela, uma refeição de salvação.

nós fazermos qualquer coisa, recebemos o que Deus *fez* por nós *em Cristo.*

Considerando os conflitos e as variações que, na prática, caracterizam a igreja cristã em todos continentes e ao longo dos séculos, é surpreendente que essa ceia tenha sido realizada com tanta constância e semelhança sob a ordem de Jesus: "Fazei isto...". Encontramos motivos diferentes e desenvolvemos teologias diversas para entender o que Jesus faz quando nos alimenta com essa refeição e o que fazemos ao recebê-la; mas, ao participar da Mesa, seja em pé, seja assentados, seja ajoelhados, tendo Jesus como anfitrião, continuamos a fazer exatamente o que ele nos ordenou: comemos o pão e bebemos o cálice "em memória de mim" e "[anunciamos] a morte do Senhor, até que ele venha".

Dentro de um espectro extremamente amplo que tem os ortodoxos de rito grego, os católicos romanos e os anglicanos agrupados numa extremidade; as frentes missionárias, as comunidades cristãs independentes e os carismáticos na outra; e, no centro, os batistas, metodistas, presbiterianos e congregacionais, continuamos a obedecer a essa ordem. (A única exceção, conforme observarei mais adiante, são os quacres.)

A eucaristia

> Pão do mundo, em misericórdia partido Vinho
> da alma, em misericórdia derramado
> Por aquele que as palavras da vida foram proferidas
> E em cuja morte nossas transgressões foram apagadas;
>
> Olha para o coração entristecido,
> Olha para as lágrimas do pecador arrependido,
> E que tua ceia seja para nós lembrança.
> De que tua graça é da nossa alma fiel sustança.
>
> REGINALD HEBER[110]

Recebemos a eucaristia. Essa é nossa prática focai do temor-do-Senhor ao participarmos da atuação de Deus na

[110] *The Presbyterian Hymnal.*

salvação.[111] De acordo com as instruções do apóstolo Paulo, dois fatos acontecem na eucaristia: a memória e a anunciação de Jesus.

"Em memória de mim". O termo grego *anamnesis,* traduzido por "memória", é mais do que uma atividade mental; é uma reconstituição, na própria ceia, do que Jesus fez. Implica mais do que trazer à lembrança o ato de Jesus; implica participarmos agora, ao redor desta Mesa, do que ele fez e continua a fazer.[112] A memória combina palavras e atos: Cristo como um todo é representado, falando-nos em palavras, oferecendo-se em ações. Lutero e Calvino, dois teólogos proeminentes da Reforma, asseveraram com ousadia a presença real de Cristo na eucaristia — essa *anamnesis* ritual da maneira físico-espiritual de Deus salvar desde o Êxodo, passando por Jesus, até agora.

"Anunciais a morte do Senhor." Esse é o segundo fato que acontece quando a eucaristia é recebida. Jesus morreu na cruz para nos salvar (o mundo! Jo 3:16) dos pecados. A ceia é uma parábola anunciada, a proclamação em palavra e ação da morte sacrificial de Jesus na condição de "Cordeiro [pascal] de Deus que tira o pecado do mundo!" (Jo 1:29). O que fazemos de mais importante no âmbito da salvação, o ato fundamental de obediência para o cristão que deseja continuar a aprofundar a participação na salvação, é receber o corpo e o sangue de Cristo na ceia. A salvação se realiza nessa morte, e somente nela.

Memória e anunciação são os pólos magnéticos da eucaristia: operam simultaneamente, mas em contraposição polar: participar da ceia "em memória" é uma reorientação constante para o pólo norte pela ação de Cristo na cruz que realiza a salvação, e "anunciar" é uma reorientação constante

---

111 Uma excelente exposição do significado da eucaristia em termos exegéticos, históricos e com referência ao presente, tanto para protestantes quanto para católicos, pode ser encontrada em F. Dale BRUNER, *Matthew, a Commentary,* vol. 2, p. 956-970.

112 Gregory Dix: "Nas Escrituras tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, *anamnesis* e o verbo cognato têm o sentido de 're-[e]vocar' ou 're-[a]presentar' diante de Deus um acontecimento do passado, de modo que se torne, *aqui e agora, operante por seus efeitos". The Shape of Liturgy,* p. 161.

para o pólo sul pela articulação do Cristo crucificado em palavras e atos querigmáticos, pois "como ouvirão se não há quem pregue?" (Rm 10:14). Se esses dois elementos forem isolados um do outro, a bússola da eucaristia — que mantém nossa vida que participa da salvação no mesmo rumo e no ritmo da vida de Cristo, que realiza a salvação — deixa de funcionar corretamente.

A eucaristia é um baluarte que nos impede de reduzir nossa participação na salvação ao exercício de práticas devocionais diante de Deus ou de sermos recrutados para cumprir tarefas para Deus. Por mais difícil que seja entender, não estamos no controle da salvação e não podemos acrescentar nada a ela. Se tivermos de decidir por nossa conta o que é apropriado, acabaremos apenas nos distraindo ou nos iludindo.

A salvação é um modo de vida no qual o que não podemos fazer por nós mesmos é feito por Jesus na cruz. Na ceia, renovamos a compreensão e a obediência nessa realidade da salvação e recebemos repetidamente o que não podemos tomar ou realizar por nossa conta, mas apenas receber. "Fazei isto". A ceia, recebida no temor-do-Senhor, é a memória e a anunciação que mantêm a salvação firmemente arraigada em Cristo, única e exclusivamente nele.

Assim como a observância do sétimo dia protege a criação do sacrilégio de ser apropriada por nós, a eucaristia protege a salvação de ser dominada por nossos sentimentos e projetos. Tudo o que fazemos no âmbito da salvação deve estar firmemente arraigado na morte de Cristo na cruz. Receber a eucaristia é uma prática definidora, a prática focai que nos mantém atentos e responsivos para Jesus como Salvador presente. O desenvolvimento dessa responsividade consciente é fundamental para todas as nossas ações.

Como outros aspectos do temor-do-Senhor, receber a eucaristia é um ato profundamente arraigado no solo do "não-fazer". Nessa passividade intencional e disciplinada, conscientizamo-nos de que a obra da salvação é muito mais ampla e profunda do que nós simplesmente. E uma obra realizada em nós — mais enfaticamente em nós —, mas

também é muito mais e é diferente de nós. A história toda está sujeita à salvação de Deus. Uma compreensão profunda desse fato impede que nossa vida de salvação seja vivida num gueto. Cultivamos o temor-do-Senhor para que esta salvação, a maneira de Deus tratar daquilo que está errado no mundo e em nós, se desenvolva e amadureça em nós nas condições de Deus, e não nas nossas.

Ao nos fundamentarmos no "não-fazer", ganhamos tempo e espaço para perceber que há muito mais sendo feito em nós do que podemos compreender. Em sua obra salvadora, Deus faz por nós o que não podemos fazer por nós mesmos — e simplesmente deixamos que Deus opere. Muito (mas não tudo) do que as outras pessoas dizem sobre nós é errado. E muito (mas não tudo) do que nós mesmos acreditamos ser não é verdade. Isso significa que muito do que pensamos precisar e que pedimos também é errado — não necessariamente pecaminoso, mas inapropriado para uma vida de salvação.

A eucaristia é a ação definidora praticada na comunidade cristã que nos lembra sempre ser Jesus Cristo o Salvador do mundo e o nosso Salvador, e nós, pecadores necessitados de salvação. A eucaristia *é* o ato sacramentai que nos leva a uma participação material com Cristo (comer pão e beber vinho) enquanto ele dá a própria vida "por nós e para a nossa salvação" (credo de Nicéia). Sem a eucaristia como prática focai, é extremamente fácil deixar a imaginação correr solta e considerar Jesus o grande exemplo que devemos imitar, o grande Mestre com o qual temos de aprender, ou o grande herói no qual nos inspiraremos. E, sem a eucaristia, é extremamente fácil desviarmos para uma espiritualidade dominada por idéias sobre Jesus, em vez de receber vida de Jesus. A eucaristia diz um "não" claro para tudo isso. Ela coloca Jesus em seu lugar: morrendo na cruz e nos concedendo essa vida sacrificada. Ela também nos coloca em nosso lugar: abrindo nossas mãos e recebendo a remissão dos pecados, isto é, a salvação.

A comunidade cristã nunca vai deixar de ensinar comportamento moral, de instruir acerca dos mandamentos

de Moisés, dos preceitos de Jesus e das exortações de Paulo, de tratar das idéias e verdades das Escrituras e de educar os cristãos a seguir Jesus e obedecê-lo nas muitas e variadas condições da história em que estamos inseridos. Por mais importante, porém, que seja tudo isso, não podemos ocupar o lugar central. Desenvolvemos nossa participação na atuação de Cristo na história seguindo-o até a cruz e recebendo sua vida à medida que nos é entregue por ele nos elementos da eucaristia.

Sacrifício

A eucaristia é uma refeição, o prolongamento e a consumação da refeição pascal de Êxodo. Como tal, é uma refeição sacrificai. O sacrifício ocupa o centro da obra da salvação. É a maneira de Deus tratar daquilo que está errado na história, ou seja, daquilo que há de errado conosco, individual e coletivamente. É a maneira de Deus tratar do pecado.

Sacrifício. Todas as maneiras que temos de lidar com o que há de errado no mundo, quer o "errado" se chame "pecado" quer não, contrastam claramente com a abordagem divina. Em geral, empregamos a força, livrando-nos do que está errado destruindo, reprimindo ou policiando; a educação, ensinando a diferença entre certo e errado; o entretenimento, distraindo as pessoas do que há de errado no mundo ao fornecer-lhes emoção e divertimento, férias temporárias de tudo o que não está certo; ou o desenvolvimento econômico, oferecendo incentivos e oportunidades para melhorar a vida das pessoas a fim de que — por desânimo ou desespero, raiva ou retaliação — não criem uma desordem fora de controle. Todas essas abordagens têm algum mérito. Em maior ou menor escala, todas elas tornam o mundo um lugar melhor. Mas nenhuma delas é a maneira de Deus realizar a salvação. Deus escolheu o sacrifício.

O sacrifício sempre envolve elementos materiais: farinha, cereais, cordeiros, bodes, pombos, bois, incenso. Na Bíblia, as pessoas construíam altares e ofereciam sacrifícios. Coisas. O livro de Levítico é a fonte mais completa de informações

sobre a realização desses sacrifícios. É um curso extensivo para treinar a imaginação a fim de compreendermos que praticamente tudo o que fazemos diz respeito a Deus, mas que só a intervenção divina pode tornar nossos atos e nossa vida dignos de Deus. Assim, oferecemos a nós mesmos, o " [nosso] corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Rm 12:1), representados por nossas ofertas.

Essas ofertas devem ser o melhor que temos, o melhor que podemos fazer. Mas esse "melhor" não é oferecido a Deus para lhe mostrar como somos bons; não é uma tentativa de obter aprovação dele. Essas ofertas são o que temos de melhor porque também são reconhecimento de que nosso melhor não é bom o suficiente. Assim, colocamos o que temos de melhor no altar para ver o que Deus pode fazer com isso, para ver se ele pode fazer mais do que fomos capazes. Abrimos mão do que temos de melhor e o entregamos a ele. E o que acontece em seguida?

Um sacerdote acende o fogo sob a oferta e a queima. O fogo transforma nossa oferta (nossa vida) em fumaça com um aroma agradável que sobe a Deus. Nossa vida bem-intencionada ou rebelde, inadequada e cheia de pecado, é transformada diante de nós em algo que não podemos ver; no entanto, ouvimos o sacerdote nos declarar perfeitos, perdoados, curados e restaurados. Deus usou a substância dos nossos pecados para nos salvar deles.

E Jesus se fez pecado por nós (2Co 5:21). Oferecido no altar da cruz, ele se tornou a nossa salvação.

Em geral, as histórias de salvação secularizadas são, na verdade, histórias de salvamento. Uma pessoa de fora aparece e nos tira da dificuldade em que nos encontramos. Jesus Cristo trabalha de dentro para fora, entrando na situação de dificuldade, recebendo-a em si, tornando-se o sacrifício que é transformado na vida de salvação. A cruz do Senhor Jesus é o sacrifício realizado para sintetizar todos os sacrifícios, o sacrifício final, o sacrifício que consumou e consuma a salvação.

Ritual

O preceito de Jesus mais respeitado produziu um ritual — um arranjo metódico de ações e palavras que os cristãos reproduzem em todo lugar e toda ocasião em que desejam lembrar e anunciar a salvação. O ritual é uma forma de preservar a continuidade da ação e a integridade da linguagem ao longo do tempo entre pessoas de diferentes hábitos e visões, predisposições e inclinações. Costumamos desenvolver rituais para manter interações humanas fundamentais. Os rituais vão desde gestos simples, como um aperto de mãos, até as solenidades, como casamentos, funerais e os ritos elaborados de coroações reais com suas procissões grandiosas e ornamentação sofisticada.

A utilidade do ritual está no fato de retirar uma ação humana considerada essencial para a vida comum do âmbito imediato de influência das pessoas, protegendo-a de alterações, revisões e edições indevidas e separando-a de estados de ânimo e disposições pessoais. Acontecem muito mais coisas do que aquelas de que tenho consciência ou posso participar. A realidade é maior do que eu. O ritual me insere numa realidade mais ampla sem exigir que eu a entenda ou mesmo a "sinta" naquele momento. O aperto de mãos e o "olá", por exemplo, me colocam numa posição de encontro amistoso sem exigir que, a cada vez, eu invente uma saudação ou comentário apropriado para as circunstâncias. Poupa um bocado de tempo, e ainda mantém uma ligação apropriada com a realidade.

"Os rituais são sinais positivos para o nosso inconsciente, indicando que é hora de ele entrar em ação", diz Anne Lamott.[113] No entanto, o ritual apresenta ainda outra dimensão útil. Ele preserva o mistério e nos mantém em contato com ele. Isso porque a realidade não apenas é mais ampla do que eu e minhas circunstâncias imediatas, como também está além de minha compreensão. Os rituais preservam esse mistério, protegem certos aspectos essenciais da realidade de serem reduzidos às dimensões de meu interesse, de minha inteligência ou consciência.

---

[113] *Bird by Bird,p.* 117.

Assim, o aperto de mãos preserva o mistério de um ser humano — homem ou mulher, representado até na saudação humana mais informal — de ser reduzido às minhas emoções inconstantes; a cerimônia do casamento protege da exploração o mistério do sexo e da família; os ritos funerais conferem dignidade ao mistério da morte e testemunham acerca de algo que vai muito além da morte; a coroação de um rei ou rainha submete o governo humano ao mistério soberano e transcendente de Deus ou dos deuses.

O ritual protege da redução, degradação e exploração os elementos comuns, porém essenciais da vida humana. Não posso assumir o controle de um ritual, posso apenas participar dele — ou não. Também não posso participar sozinho de um ritual; outras pessoas estão envolvidas. Assim, um ritual, simplesmente como ritual, me impede de manter qualquer ilusão de que sou auto-suficiente, ao mesmo tempo que me impele para uma vida com os outros.

Essas reflexões dão textura ao nosso entendimento da eucaristia como prática focai para viver a salvação. Quando a salvação é recebida de forma eucarística junto com outros que "fazem isto" à mesa do Senhor, é mais difícil buscá-la como projeto pessoal e individual; quando se recebe a salvação ao comer do pão/carne e beber do vinho/sangue de Jesus, não se pode reduzi-la facilmente a uma fórmula ou abstração. "Fazei isto" *(poieite,* plural) é, necessária e intencionalmente, uma ação conjunta.

Configuração

Gregory Dix, monge anglicano inglês, apresentou, em agosto de 1941, um texto que deu proeminência ao que chamamos de "configuração da liturgia". Ele não descobriu, por assim dizer, essa "configuração" — outros antes dele haviam observado os elementos —, mas explorou as implicações e associações de modo mais amplo do que todos os outros até ele, criando um texto acadêmico formidável. Observou que a refeição eucarística apresenta uma configuração quádrupla tanto na prescrição das Escrituras quanto na prática da

igreja desde o início. Quatro verbos — tomar, abençoar (ou agradecer), partir e dar — dão a configuração da ceia.

Eis o registro de Marcos sobre a ceia do Senhor:

> E, enquanto comiam, tomou *[labon]* Jesus um pão e, abençoando-o *[eulogesas],* o partiu *[eklasen]* e lhes deu *[edoken]* , dizendo: Tomai, isto é o meu corpo. A seguir, tomou Jesus um cálice e, rendo dado graças, o deu aos seus discípulos; e todos beberam dele. Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos.
>
> Marcos 14:22-24; ver também textos paralelos.

Esses quatro verbos — tomar, abençoar, partir e dar — ocorrem praticamente na mesma seqüência nos relatos da multiplicação dos pães para os cinco mil e para os quatro mil.

Para os cinco mil: "Tomando *[labon]* ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou *[eulogesen]*; e, partindo *[klasas]* os pães, deu-os *[edoken]* aos discípulos..." (Mc 6:41; ver textos paralelos).

Para os quatro mil: "Ordenou ao povo que se assentasse no chão. E, tomando *[elaben]* os sete pães, partiu-os *[eklasen]*, após ter dado graças *[eucharistesas]*, e os deu *[edidou]* a seus discípulos, para que estes os distribuíssem, repartindo entre o povo" (Mc 8:6; ver textos paralelos).

A narrativa de João da alimentação dos cinco mil acrescenta vários detalhes, incluindo o discurso de Jesus no qual ele declara: "Eu sou o pão da vida". Mas o padrão verbal é o mesmo, exceto pela omissão de "partir": "Jesus tomou os pães, e tendo dado graças *[eucharistesas],* distribuiu-os *[diedoken]* entre eles" (Jo 6:11).

Lucas, em seu evangelho, inclui outra refeição, a ceia em Emaús, com verbos idênticos na mesma seqüência: "E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando *[labon]* ele o pão, abençoou-o *[eulogesen]* e, tendo-o partido *[klasas],* lhes deu *[epidedou];* então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram..." (Lc 24:30-31).

Anos depois de Jesus ter sido o anfitrião dessas refeições, o apóstolo Paulo escreveu à congregação irrequieta e briguenta

de Corinto. Um dos pontos problemáticos era a desordem na celebração da ceia do Senhor. Em sua repreensão e correção, Paulo usa os mesmos verbos empregados pelos evangelistas:

> Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou *[elaben]* o pão; e, tendo dado graças *[eucharistesas],* o partiu *[eklasen]* e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.
>
> ICoríntios 11:23-36.

O último verbo usado pelos evangelistas, "dar", não aparece aqui, mas fica implícito.

Lançando mão dos verbos "tomar", "abençoar", "partir" e "dar", Mateus, Marcos, Lucas, João e Paulo relatam como Jesus alimentou os milhares, os doze e os dois, para estruturar a ceia pela qual lembramos e anunciamos Cristo e a salvação. (A expressão "dar graças" é usada duas vezes como sinônimo do segundo verbo: "abençoar".) Desde o início, o culto na comunidade cristã assumiu essa forma quádrupla, que continua em vigor.

Tomar

Jesus toma o que lhe entregamos. Nossa oferta fica implícita em seu ato. Oferecemos aquilo que temos do mundo da criação, dos campos, rios e mares: cebolas e peixes, pão e vinho, bodes e ovelhas; os cinco pães de cevada e os dois peixes que o menino anônimo entregou a Jesus para alimentar os cinco mil (Jo 6:9); a refeição simples que Cléopas e seu amigo preparam para Jesus na vila de Emaús (Lc 24:30-31); os peixes frescos que os sete discípulos pescaram no mar da Galiléia e que Jesus incluiu no café da manhã que comeu com eles na praia depois da ressurreição (Jo 21:10).

Sempre há alguns em nosso meio que desejam destilar a "espiritualidade" da vida, separá-la do material, até que reste somente a essência pura da alma. Mas essas ofertas que Jesus Cristo toma são significativamente materiais. O gesto da viúva de dar as duas pequenas moedas (Lc 21:1-4), pedaços de metal praticamente sem valor, é citado por Ireneu como prova do valor sagrado do elemento material na economia da salvação.[114]

Mas a oferta também é enfaticamente pessoal: somos nós, são nossos pecados e virtudes, é tudo o que somos, mesmo quando isso não represente muito. Como disse Agostinho a comungantes que haviam acabado de fazer sua profissão de fé: "Vós estais sobre a mesa, vós estais no cálice".[115] Oferecemos e tomamos. Ele não recusa nada do que somos, nada do que fizemos.

Essa oferta (o ofertório) que Jesus recebe de nós, é o primeiro movimento da eucaristia; coloca a salvação num ambiente de plena aceitação. Deus nos recebe exatamente como somos e também aquilo que lhe entregamos. Deus não toma à força; Deus não nos explora; Deus não nos obriga. Ele toma aquilo que oferecemos. "A coerção não é um atributo de Deus".[116]

As pessoas acostumadas a "obrigar" os filhos (ou alunos, ou funcionários) a realizar certas tarefas, a se comportar de determinada maneira ou apresentar uma aparência de acordo com padrões estabelecidos "para o seu próprio bem" têm mais dificuldade de lidar com esse fato. Mas o que, por vezes, é apropriado para os nossos filhos e para outros, visando a assimilação de hábitos morais e comportamentos responsáveis, não serve de precedente para o modo como Deus nos trata. Ele se revela como nosso Salvador em Cristo; ele nos cerca com uma criação abundante; ele nos leva até sua cruz; ele nos convida para sua Mesa. E ele toma nossa oferta e a usa como substância para a salvação. Em todas as

---

114 Citado por Dix, *The Shape of Liturgy,* p. 117

115 Idem, p. 118.

116 *Epistle to Diognetus,* citado por Douglas STEERE, *Dimensions of Prayer,* p. 19.

mesas às quais nos assentamos, trazemos primeiro, e acima de tudo, a nós mesmos. E Jesus aceita; ele nos aceita.

Abençoar

Aquilo que oferecemos a Jesus, ele oferece a Deus com ação de graças *(eucharist* significa ação de graças). Ele não examina para ver se tem defeitos, não avalia nem calcula o valor, não critica nem rejeita nossas ofertas. "Dois peixes? Foi só isso que você conseguiu?." Não podemos imaginar Jesus dizendo algo assim. Ele ora por essas ofertas e pelas vidas por trás delas, oferecendo ao Pai o que lhe entregamos.

O texto escriturístico não registra as palavras usadas por Jesus nessa bênção. E bem provável que tenha sido uma bênção simples, daquelas que costumavam ser pronunciadas à mesa, agradecendo a refeição ali disposta, uma oração comum feita por ocasião das refeições segundo o judaísmo de sua época e não muito diferente das orações que nós e nossos filhos fazemos antes do café da manhã, do almoço e do jantar.

Mas, à medida que os cristãos continuaram a participar dessa ceia como um ato focado na adoração, a oração eucarística (as ações de graças, a bênção) foi sendo elaborada e expandida de modo a incluir ações de graças pela criação, encarnação e redenção, uma repetição das palavras de Jesus ao instituir e ordenar a observância do ritual, a consagração do pão e do vinho, uma oração pelos elementos da ceia e, na conclusão, uma doxologia e a oração do Pai Nosso. Na oração é condensado todo o significado da eucaristia abrangendo a vida de Jesus e a nossa vida.

Mas não é só isso. Na ceia com os discípulos, quando Jesus abençoou a refeição com uma oração, ele lhes disse claramente que aquela refeição de pão e vinho era, ao mesmo tempo, de alguma forma (ele não explicou), sua vida, sua carne e seu sangue, e que, ao continuarem a comer e beber essa refeição, eles o estariam recebendo. No dia seguinte, essa carne e esse sangue foram oferecidos na cruz como sacrifício por nossos pecados e se tornaram nossa salvação.

A cruz no Gólgota foi o altar da salvação no qual Jesus foi sacrificado. Jesus é tanto o sacrifício quanto o sacerdote que oferece o sacrifício. O sacrifício consumou a nossa salvação. Esse é o ato central e definidor da história.

Quando, portanto, repetimos a eucaristia no culto em comunidade, entendemos que esse mesmo Jesus, aquele que é o Verbo da criação, encarnação e redenção, que se ofereceu "como sacrifício pleno, perfeito e suficiente pelos pecados do mundo todo", nos inclui na oferta — nosso corpo, apresentado como sacrifício vivo (Rm 12:1), nossa carne e nosso sangue salvos pela carne e pelo sangue dele, para que "o pão que partimos possa ser a comunhão do corpo de Cristo, e o cálice de benção que abençoamos possa ser a comunhão do sangue de Cristo".[117] A eucaristia não representa diante de Deus apenas a última ceia, mas também, como Dix escreve, "o sacrifício de Cristo em sua morte e ressurreição; e as torna 'presentes' e operantes pelos seus efeitos nos que comungam".[118]

Essa oração de bênção reúne todos nós e tudo aquilo que somos em tudo o que Cristo é e faz por nós.

Partir

Nossas ofertas não permanecem como trazemos. Muitas vezes, nos aproximamos da Mesa com nossos modos mais refinados e uma postura presunçosa de auto-suficiência. Somos superficiais, desempenhamos um papel, somos atores polidos e cheios de pose no jogo da vida. Mas o Jesus que nos salvou precisa ter acesso àquilo que está dentro de nós e, para isso, ele revela o nosso interior, nossas inadequações, nossos "disfarces". Quando estamos à Mesa, não temos permissão de nos fechar em nós mesmos. A quebra de nosso orgulho e auto-aprovação não é algo ruim; ela nos abre para uma nova vida, para a ação salvadora. Chegamos revestidos com uma crosta, endurecidos dentro de nós mesmos. Não

---

[117] Os trechos citados são do *Book of Common Worship,* da Igreja Presbiteriana dos EUA, o livro de liturgia que tenho usado quase toda a minha vida.
[118] Dix, *The Shape of Liturgy,* p. 162.

tardamos em descobrir que Deus trabalha profundamente em nós, abaixo das mentiras e poses da superfície, e produz vida nova. Não podemos permanecer fechados em nós mesmos nesse altar: "Coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51:17): o corpo partido, o sangue derramado.

Este terceiro verbo, "partir", se referia, quase certamente, ao simples ato de partir e distribuir o pão. Uma página antes em sua carta aos Coríntios, Paulo usa o simbolismo de um único pão que é "o corpo de Cristo" como metáfora para a unidade fundamental de nossa vida em comum: "Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo" (1Co 10:17). Mas, desde o princípio, os cristãos viram nesse pão partido do qual todos comemos na eucaristia um sinal apontando para Jesus na cruz, seu corpo partido em sacrifício para que sua vida pudesse se tornar a salvação do mundo. Os manuscritos gregos mais confiáveis registram as palavras de Jesus na ceia como "este é o meu corpo por vós". No entanto, em vários manuscritos ligeiramente mais recentes, a palavra "partido" *(klomenon)* foi inserida na oração, "este é o meu corpo *partido* por vós" (ver a versão alternativa de 1Co 11:24) indicando que os primeiros cristãos associavam o ato de partir o pão com o fato de Jesus ter sido "partido" na cruz.

Isaías 53 forneceu as imagens para esse tipo de reflexão/meditação e o vocabulário que não demorou a permear o conceito cristão dos sofrimentos de Jesus, sua paixão, como elemento central para nossa salvação.

> Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.
>
> Isaías 53: 5

> Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado.
>
> Isaías 53:10

Esse "partir" torna impossível entender nossa participação na salvação como uma vida de serenidade imperturbada, sem

sofrimento, uma vida protegida de perturbações, privilegiada, isenta de dor, humilhação e rejeição. O "partir" elimina qualquer alusão de que a salvação pode ser um programa de auto-ajuda. Descobrimos isso inicialmente em Jesus — o corpo partido, o sangue derramado — e, depois, em nós mesmos.

Dar

O último verbo é dar. Jesus nos devolve o que levamos até ele, o que somos; e recebemos o que ele dá. Essa é a santa ceia. No entanto, não recebemos de volta exatamente aquilo que entregamos. Nossa oferta foi transformada no que Deus dá, naquilo que chamamos de "maravilhosa graça". Tudo o que levamos até Jesus nos é devolvido, mas com abundância — os doze cestos mostram essa liberalidade (Mc 6:43); os sete cestos mostram a generosidade (Mc 8:8). Tudo à Mesa e todos ao redor da Mesa tornam-se evangelho, que é distribuído a todos que têm fome e sede de justiça.

Comemos o pão e bebemos o cálice e sabemos que Cristo está em nós, "a esperança da glória" (Cl 1:27). Comemos o pão e bebemos o cálice e sabemos que "Cristo vive em mim" (Gl 2:20). Paulo usa a expressão "em Cristo" repetidamente — está sempre detalhando a comunhão vivida com Cristo naquilo que é representado pela eucaristia. Jesus não poderia ser mais claro a esse respeito: essa vida abundante, essa vida resgatada, essa vida de salvação é uma vida de comunhão, um relacionamento íntimo de amor sacrificai no Pai, no Filho e no Espírito Santo e com cada um deles.

A comunhão em Cristo e com Cristo se reflete na comunhão que temos uns com os outros. Uma vida eucarística é vivida inteiramente, do começo ao fim, em comunidade.

Isso significa que não existem cristãos solitários no âmbito da salvação. Não existem cristãos independentes. Não existem cristãos auto-suficientes. Não existem cristãos misantropos. No momento em que o adjetivo é acrescentado, ele anula o substantivo. A salvação não é um acordo privado com Deus. Pela ação de Deus em Cristo, estamos ligados a

toda a criação que "aguarda a revelação dos filhos de Deus" (Rm 8:19). Qualquer conceito de salvação que nos separa dos outros é falso e, mais cedo ou mais tarde, dificulta nossa participação no que Deus em Cristo está fazendo na história: salvar o mundo.

"Fazei isto" significa tudo, a eucaristia litúrgica quádrupla que Cristo ordenou, a refeição sacramentai. Não podemos escolher entre um verbo e outro. Trata-se de um modo de vida orgânico e rítmico que nos envolve em tudo o que Cristo está fazendo a partir da cruz. E assim que participamos da atuação de Cristo na história, praticamos e desenvolvemos nosso envolvimento nela. Essa é a configuração da eucaristia. Essa é a configuração do evangelho. Essa é a configuração da vida cristã. "O cristianismo veio a existir desse modo, pela refeição eucarística. A ceia do cordeiro é o acontecimento central, instituído com a instrução de se repetir", escreve Albert Borgmann.[119] Para os cristãos, a eucaristia é a repetição regular do ato de fundação do cristianismo.

Hospitalidade

> Não podemos amar a Deus a menos que nos amemos uns aos outros e, para isso, precisamos conhecer-nos uns aos outros. Conhecemos o Senhor no partir do pão, e nos conhecemos uns aos outros no partir do pão, e não estamos mais sozinhos. O céu é um banquete e, quando há companheirismo, a vida também é um banquete, mesmo que feito com um naco de pão.
>
> Dorothy Day[120]

A história de Abraão e Sara nos carvalhais de Manre preparando uma refeição para os três desconhecidos (Gn 18:1-15) tornou-se, para os cristãos, o momento crítico de hospitalidade como presença trinitária. Se pretendemos viver a obra de salvação de Cristo na vida comum de todos os dias e dar testemunho dela, não precisamos ir longe para descobrir maneiras conformes com a ordem de Cristo "Fazei isto" e, ao mesmo tempo, facilmente disponíveis. A salvação,

---

119 *Technology and the Character of Contemporary Life,* p. 207.
120 *The Long Loneliness,* p. 285.

definida de modo eucarístico na adoração, continua a ser expressa e praticada nos atos diários de hospitalidade. A eucaristia, na qual lembramos e anunciamos a salvação de Cristo, transborda do cálice do santuário para os detalhes de vida comum.

Refeições

É impressionante quanto da vida de Jesus é relatada em contextos definidos por refeições.

Desde o início, as pessoas perceberam como Jesus era visto com freqüência fazendo refeições com pessoas marginalizadas, homens e mulheres que não eram considerados aceitáveis nos círculos religiosos. Hoje em dia, provavelmente os chamaríamos de "os incrédulos". Ele tornou-se conhecido por beber e comer fora dos lugares tradicionais e por não ser muito seletivo na escolha da companhia à mesa: "Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!" (Lc 7:34).

Uma história bastante conhecida na igreja primitiva relata um episódio escandaloso ocorrido quando Jesus comia na casa de um fariseu chamado Simão. Uma mulher que não fora convidada entrou na casa e colocou-se atrás de Jesus (que provavelmente estava reclinado junto à mesa). Chorando, ela lavou os pés dele com suas lágrimas e secou-os com os cabelos. E, como se isso não fosse suficiente, massageou os pés dele com um perfume caro. E Jesus deixou. Ao que parece, todos sabiam que a mulher era prostituta (Simão usou o eufemismo "pecadora"). Ao ser criticado por Simão, Jesus defendeu sua anuência à presença da mulher naquela refeição usando o que poderíamos chamar de argumento evangelístico: "Por isso te digo: perdoados estão os seus muitos pecados", e a despediu dizendo: "A tua fé te salvou; vai-te em paz" (Lc 7:47,50).

Em outra refeição com um fariseu, desta vez com "um dos principais fariseus", ele desafiou e censurou o esnobismo social, um arremedo de hospitalidade que, na verdade, a destruía (Lc 14:1-14).

Um dia, ao passar por Jericó, Jesus se convidou para comer na casa de Zaqueu, homem de má reputação. Apresentou, então, uma interpretação evangelística do que estava fazendo ao comer com esse homem desprezado por todos por ser um coletor de impostos corrupto, dizendo: "Hoje, houve salvação nesta casa [...] Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido" (Lc 19:1-10).

Jesus desfrutava com freqüência a hospitalidade de seus amigos Lázaro, Maria e Marta em Betânia. Em uma dessas refeições, fez uma distinção inesquecível entre a recepção ansiosa de Marta, que dificilmente podia ser chamada de hospitalidade, e a recepção afetuosa que Maria ofereceu ao seu hóspede, ouvindo atentamente seus ensinamentos (Lc 10:39-42).

Dois dos ensinamentos mais importantes de Jesus sobre a hospitalidade passaram a fazer parte da prática comum da igreja primitiva como testemunhos visíveis da realidade da salvação sendo operada no mundo quando reunimos pessoas em nosso lar e as convidamos a assentar-se à mesa (Lc 14:12-14 e Mt 25:31-46). Jesus reforçou em várias ocasiões o caráter central da hospitalidade contando parábolas que falavam de comida e bebida, refeições e banquetes (Lc 14:15-24; 15:22-32; 16:19-21; 17:7-10). Ele estava treinando a imaginação de seus ouvintes (nós!) para ver a salvação sendo operada num estrangeiro, num vizinho pedindo pão no meio da noite, num mendigo à porta de um homem rico. Tanto Lucas quanto João apresentam refeições despretensiosas em seus últimos relatos de hospitalidade, o jantar em Emaús depois da ressurreição (Lc 24:13-35) e o café da manhã na praia do mar da Galiléia também depois da ressurreição (Jo 21:1-14).

Creio que é bastante expressivo que Lucas, que mais referências faz em seu evangelho a "salvar" e "salvação" (21 ocorrências, em comparação com catorze em Mateus, catorze em Marcos e seis em João), também tenha o maior número de referências a Jesus fazendo refeições ou contando histórias sobre refeições. Comparado com os evangelhos dos outros três autores, Lucas apresenta uma tendência mais

evangelística, fazendo a ligação entre a mensagem da salvação na história e os que se encontram fora da história.

A freqüência das referências à hospitalidade em Atos (4:32-35) e nas epístolas (Rm 16:23; Hb 13:1-3; 1Pe 4:9; 1Jo 3:16-18; 3Jo 5-8) mostra como a refeição se tornou, em todos os sentidos, uma prática focai na igreja primitiva, visando a participação na obra salvadora de Jesus. A citação final, 3João 5-8, é particularmente instrutiva, uma vez que contrasta dois líderes da igreja, Gaio e Diótrefes, tomando por base suas práticas de hospitalidade. Gaio é hospitaleiro, sacrificial e generoso com estrangeiros, recebendo de braços abertos os "cooperadores da verdade". Diótrefes, pelo contrário, é cheio de si, recusando-se arrogantemente a oferecer hospitalidade.

Joachim Jeremias, um dos grandes estudiosos de questões eucarísticas, observou a ligação existente entre a última refeição e todas as refeições que Jesus teve com pessoas de todo tipo e condição com as quais conviveu. Seu comentário é penetrante:

> Na realidade, a 'refeição fundadora é apenas um elo de uma longa cadeia de refeições que Jesus compartilhou com seus seguidores e às quais eles deram continuidade depois da Páscoa [...] a última ceia tem raízes históricas nessa cadeia de reuniões.[121]

Contextos de hospitalidade, especialmente associados a refeições, são as ocasiões mais acessíveis e naturais para cultivar a prática focai da eucaristia em nossa vida diária. Nosso testemunho contínuo de nossa participação na obra da salvação no temor-do-Senhor é configurado de modo eucarístico ao redor da mesa de nossa cozinha. As refeições diárias com a família, os amigos e convidados — todas elas, atos de hospitalidade — são os cenários mais naturais e freqüentes para desenvolver as implicações pessoais e sociais da salvação.

Mas há um problema. A prática da hospitalidade está em baixa. Um número cada vez menor de famílias senta-se ao

---

[121] *New Testament Theology,* parte 1, p. 289-290.

redor da mesa para comer. A refeição, que costumava ser um momento de reunir famílias, vizinhos e "forasteiros", não está na moda. Tendo em vista a proeminência da ceia em nossa vida de adoração e a importância das refeições na obra salvadora de Jesus, é surpreendente que se dê pouca atenção em nossos meios à relação entre a refeição e nossas refeições. Nossa surpresa se transforma numa sensação de urgência quando reconhecemos que um dos principais meios de evangelização, talvez *o principal,* usado por Jesus foi a refeição. Será que o cenário predileto de Jesus para realizar a salvação no âmbito da história está à nossa disposição apenas de forma secundária? Será que, ao marginalizar as refeições de hospitalidade em nossa vida diária, não prejudicamos o trabalho de evangelismo? Há algo que possamos fazer sobre isso?

A desintegração da hospitalidade

É claro que há algo a se fazer a esse respeito. Não sobrevivemos como comunidade cristã por dois mil anos (quatro mil, se contarmos nossos antecessores hebreus) nos "[conformando] com este século" (Rm 12:2), enquadrando-nos nas tendências sociológicas de nossa época, permitindo descuidadamente que sejamos assimilados pelas práticas do mundo.

Talvez o ponto de partida seja a linguagem. Hospitalidade e refeições são atos complexos que exigem atenção aos detalhes e normalmente envolvem indivíduos conhecidos. Os atos pessoais de dar e receber são elementos essenciais. A hospitalidade não tem abstrações — oferecemos a pessoas específicas, arrumamos as camas, descascamos os legumes, cozinhamos o arroz e o feijão e passamos o café. Desses detalhes irredutíveis nascem metáforas e comparações orgânicas e relacionais.

Mas, desde muito tempo, as máquinas e suas metáforas têm dominado não apenas nosso modo de vida, mas também a maneira que falamos sobre nosso modo de vida. E, quanto mais máquinas, menos pessoas. Quanto mais máquinas,

menos relacionamentos. Quanto mais máquinas, menos particularidade. As máquinas podem ser produzidas em massa e, por sua vez, tornar-se máquinas de produção em massa que fazem sempre a mesma coisa da mesma forma. A medida que o "mito da máquina"[122] se torna predominante em nosso pensar e falar, nossa percepção das complexidades da alma e das operações específicas da salvação atrofia-se visivelmente. O trabalho e o tempo necessários para lidar com pessoas atrasadas, obstinadas ou ineficientes são trocados pela conveniência de fazer as coisas de modo rápido e previsível pelo uso de dispositivos tecnológicos.

À medida que essa troca é feita com mais freqüência e em mais lugares, a prática mais evidente que se perde é a refeição e, com ela, suas metáforas. O "mito da máquina" toma conta da imaginação. As refeições exigem tempo, são ineficientes e não são "produtivas". Assim, as refeições são modernizadas, tornadas eficientes e individualizadas — os elementos pessoais, relacionais e comunitários são abreviados o máximo possível. A "cultura da mesa" (uma expressão de Borgmann),[123] tão ampla e abrangente, é empurrada para as margens. A centralidade da refeição em nossa vida é reduzida ao extremo.

E claro que continuamos a nos alimentar, mas o universo cultural complexo da refeição se desintegrou. O crescimento exponencial das refeições *estilo fast-food* indica que há pouco tempo livre para conversas; a explosão no número de restaurantes deixa claro que a preparação de alimentos e sua limpeza são feitas cada vez menos em casa; na maioria dos lares, o aparelho de televisão é presença dominante nas refeições da família, praticamente eliminando os relacionamentos pessoais e os diálogos; a freqüência com que se usam refeições semiprontas e congeladas vai minando a cultura das receitas de família e o trabalho em conjunto. Todos esse fatos, e outros, indicam que a refeição não é mais

---

122 A expressão é de Lewis MUMFORD, *The Myth of the Machine,* vol. 1: Technics and Human Development.

123 *Technology and the Character of Contemporary Life,* p. 201-6.

facilmente acessível ou natural como cenário onde encontrar o Cristo ressurreto em nossa vida diária e comum.

No entanto, todos nós ainda fazemos refeições. E, portanto, a refeição continua sendo a principal condição, se assim o desejarmos, na qual podemos manter contato íntimo com a história e participar da dinâmica eucarística da salvação na história. Mas, tendo em vista a desintegração generalizada e insidiosa da hospitalidade, é necessário resgatá-la de modo mais consciente e deliberado. Quando percebermos quanto os gestos de hospitalidade são parte integrante do evangelismo, talvez nos mostremos mais conscientes e deliberados em sua prática.

Uma vida de hospitalidade nos mantém em contato íntimo com nossas famílias e com as tradições em que fomos educados, pessoalmente disponíveis para amigos e convidados, moralmente relacionados aos famintos e sem lar e, talvez o mais importante de tudo, participando do contexto e das condições nas quais o Senhor Jesus viveu sua vida, usando a linguagem empregada por ele para a salvação do mundo.

OUTRA MUDANÇA QUE contribui para a desintegração da hospitalidade e da vida eucarística implícita em sua prática é o rompimento do vínculo linguagem-lugar. Normalmente damos testemunho da salvação que Cristo consumou na cruz (que chamamos de evangelismo) de forma verbal. O "ide e fazei" iniciado pela ordem de Jesus "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28:19) é realizado em nosso meio principalmente pela ação de dizer algo. Esse tipo de testemunho e de pregação costuma ser separado de um contexto local enriquecido por relacionamentos pessoais contínuos envolvendo responsabilidade e trabalho. A linguagem é, quase sempre, repetitiva e dominada pela retórica da propaganda e das relações públicas. É uma linguagem apropriada para multidões de desconhecidos, mas de utilidade duvidosa para transmitir um conteúdo pessoal, e a obra de salvação realizada por Jesus é absolutamente pessoal. Essas estratégias de evangelismo de predominância

verbal são, caracteristicamente, dirigidas a pessoas que não conhecemos ou que conhecemos pouco. Essa maneira de usar palavras para dar testemunho da salvação (a prática do evangelismo) está, sem sombra de dúvida, à margem do padrão bíblico.

E um trabalho do próprio Diabo separar a *linguagem* da salvação do *cenário* da salvação, de separar as palavras dos relacionamentos pessoais, de tornar a salvação uma "causa" ou "projeto" que pode ser executado da maneira mais eficiente e impessoal possível. Mas o evangelho não permite isso. Na história de nossa salvação encontramos o autor da salvação realizando sua obra salvadora nas texturas ricas de lugares e pessoas, e, com freqüência surpreendente, no contexto de uma refeição.

Devemos sempre ter em mente que salvação é a obra de Deus em Jesus *na história.* E a história nunca é generalidade. A história é, por sua natureza, constituída de elementos específicos: lugares que podem ser determinados, épocas que podem ser datadas, pessoas cujos nomes podem ser citados, acontecimentos que podem ser identificados. A maneira como participamos da salvação precisa ser coerente com a maneira como Jesus realizou a salvação, a saber, em todos os detalhes imediatos que constituem a história — não uma "história do mundo" em geral, mas uma história local e pessoal apresentada na forma de relato.

E por isso que a prática focai de participar da obra salvadora de Jesus não é um ato verbal isolado, mas uma refeição, um acontecimento que envolve todos os sentidos e que só pode ocorrer em lugares específicos com pessoas específicas, exigindo linguagem pessoal e interativa. Uma refeição envolve a participação pessoal no nível mais elementar de nossa vida. É praticamente impossível permanecermos isolados ou indiferentes quando compartilhamos uma refeição com alguém.

Uma vida sacrificial

A palavra que pulsa tanto no centro da eucaristia sagrada quanto das refeições em nosso lar é "sacrifício". Ao

ingressarmos nesse campo vasto da salvação e perguntarmos como podemos nos envolver de modo apropriado na obra de Cristo, devemos atentar para o termo "sacrifício", pois tudo nesse âmbito deve ser feito de acordo com o modo de Jesus.

O acontecimento central da obra salvadora de Jesus é um sacrifício. Trata-se de um fato sem nenhuma ambigüidade — ele sacrificou sua vida na cruz do Calvário. Os testemunhos dos evangelhos tornam claro que sua morte não foi um erro da justiça romana, nem um ato cruel e inexorável do destino como nas tragédias gregas. Jesus a *aceitou plenamente* como sua vocação, avisando seus discípulos com muita antecedência: "Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10:45). Ao se aproximar do momento culminante do sacrifício, ele os preparou (e também a nós) meticulosamente, dizendo-lhes três vezes que sofreria, seria rejeitado e morto (Mc 8:31;9:31;10:34). Também disse que ressuscitaria, mas que isso só aconteceria mais tarde.

Em três ocasiões, Jesus lhes disse claramente o que estava fazendo. No último instante, também orou três vezes pedindo ao Pai para providenciar outro meio de salvar o mundo, um meio que não envolvesse o sacrifício. Mas não havia outro meio. *"Este é* o caminho; andai por ele" (Is 30:21; grifo do autor). E quando, durante aquela noite de oração no Getsêmani, ficou claro para Jesus como ele já havia deixado claro para os discípulos que não havia alternativas, ele concordou em se entregar como sacrifício por "nós e para nossa salvação". Ele se entregou como o sacrifício que corrigiria o que há de errado com o mundo.

O apóstolo Paulo, o grande pregador e intérprete de Jesus, não conhecia outro caminho. Ele tomou a cruz de Cristo como texto para sua vida e seu ministério. "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (ICo 2:2). Ao fazer um retrospecto de sua vida enquanto escrevia aos filipenses, Paulo mostrou-se contente em permanecer nesse mesmo caminho, compartilhando "dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte" (Fp 3:10). Foi justamente *essa* vocação que Jesus convidou

os discípulos a assumir: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me" (Mc 8:34).

A meu ver, não há nada mais difícil no evangelho cristão do que passar das páginas das Escrituras e dos livros respeitados de teologia para as conjecturas e práticas da vida cristã diária. Poucos em nosso meio discordariam do que Jesus disse, do que Paulo escreveu, do que Calvino pregou. E, no entanto, tratando-se da verdadeira aceitação, na maioria das vezes, encontramos outro caminho. Começamos nossas orações matinais pedindo como Jesus: "Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo..." (Mc 14:36). E ficamos no "contudo". Em vez de completar a oração de Jesus ("não seja o que eu quero, e sim o que tu queres"), consideramos outras possibilidades. Se todas as coisas são possíveis para o Pai, talvez haja outro modo de fazer algo para resolver o que há de errado com o mundo, um modo pelo qual eu possa ajudar a melhorar as coisas sem viver uma vida sacrificai. Na linguagem de hoje, oramos: "O sacrifício não é um dos meus dons — desejo servir a Deus com meus pontos fortes, com meus talentos". E estranho, mas o sacrifício nunca aparece nos resultados dos testes de personalidade de ninguém.

Para pessoas como nós, educadas numa cultura de fazer coisas (pragmatismo) e cuidar de nós mesmos (individualismo), o sacrifício não parece óbvio, tampouco atraente. Não há nada numa vida de sacrifício que corresponda ao nosso desejo bem-intencionado de fazer diferença no mundo tratando de seus problemas e tornando-o um lugar melhor para nossos semelhantes e para nós mesmos.

Mas os caminhos da autopromoção e da auto-ajuda para a salvação, tão correntes em nosso meio, só nos fazem descer ainda mais às profundezas do abismo. Não há outro caminho senão o do sacrifício. Annie Dillard, uma das teólogas menos convencionais, porém mais apaixonadas de nosso tempo, dá

um veredicto implacável: "Vida sem sacrifício é uma abominação".[124]

Deixar de participar do sacrifício de Jesus como meio para a salvação é condenatório. O fracasso de nossas boas intenções substitutivas na obra da salvação não poderia ser mais evidente. O evangelho indica apenas um meio de participar da obra de Jesus — viver uma vida sacrificial em seu nome.

O PROBLEMA DE UMA palavra como "sacrifício" é que parece grandiosa e, portanto, pode ser facilmente obscurecida numa série de generalidades. Uma palavra magnificente é logo sufocada por um sem-número de telefonemas, reuniões, tarefas a cumprir e urgências políticas. Mas *há* um modo de mantê-la em foco sem grandiosidade, um modo humilde e comum — o da hospitalidade eucarística.

A hospitalidade é a prática diária de manter o sacrifício dentro de uma perspectiva local e imediata: ao preparar e servir uma refeição para familiares e convidados, estamos nos entregando a outros. Todo alimento sobre a mesa é vida concedida e oferecida para que outros (inclusive nós) possam viver. Como Hans Urs von Balthasar observa: "O sacrifício e a refeição são interligados".[125] As refeições oferecem oportunidades diárias tanto de dar quanto de receber numa vida sacrificai, de ver como ela funciona em detalhes, de observar as emoções e os efeitos, de descobrir as dificuldades.

Quando estamos falando sobre a salvação do mundo, uma tigela de arroz parece um ponto de partida insignificante. Mas Jesus não o considerou assim. Acaso desejamos substituir a humildade de Jesus por nossa grandiosidade? Preparar e cozinhar, servir e fazer refeições são atividades

---

[124] *Holy the Firm,* p. 15.
[125] *Mysterium Paschale,* p. 97.

sancionadas por Jesus que fornecem estrutura diária para nossa participação na obra da salvação.[126]

O que fazer, então? Devemos considerar as refeições com a mesma seriedade que as Escrituras; considerar a cozinha como um elemento tão essencial para a obra da salvação quanto o santuário. As refeições são uma estratégia ofensiva para combater a desintegração inexorável da hospitalidade que se apoderou do mundo ocidental de hoje. A refeição é uma prática focai para reconstituir em nosso cotidiano, tudo o que compõe a refeição eucarística da qual participamos no sacrifício de Cristo para a salvação do mundo.

A refeição comum é o principal meio pelo qual cuidamos de nossa necessidade física de alimento, de nossa necessidade social de diálogo e intimidade, de nossa necessidade cultural de dar continuidade a tradições e cultivar uma vida de sacrifício congruente com a vida sacrificial de Jesus, uma vida definida de forma eucarística. A refeição é uma reunião extraordinária de vida. Todos os alimentos sobre a mesa foram plantados, cultivados e colhidos por homens e mulheres que dedicaram aptidões e trabalho árduo a plantio, cultivo e colheita. A menos que sejamos agricultores, a maior parte do que se encontra sobre a mesa, senão tudo, é fruto do trabalho (e, por vezes, do carinho) de outros.

O mundo complexo do solo e das condições do tempo é o *iceberg* gigantesco sob a batata, a alface e o bife servidos à nossa mesa. Tudo o que é servido foi colhido, transportado e entregue. Depois, foi cortado, picado, moído, refinado, assado, cozido, temperado, enfeitado. À medida que é servida e consumida, a refeição se desenvolve num ato de comunhão: conversas, emoções, prazeres experimentados pelos sentidos, orações e agradecimentos infiltram-se naquilo que, em termos materiais, não passa de elementos químicos e

---

[126] O comentário de Julian GREEN é apropriado neste contexto: "O diabo é um grande moralista e um grande puritano. Ele sugere austeridades descomunais que, como ele sabe muito bem, causarão tragédias espirituais. Ele nunca sugere pequenos sacrifícios, seu alvo é o grandioso, o sensacional, tudo o que é impressionante, tudo o que instiga a imaginação". *Julian Green Diary 1928-1957,* p. 294.

calorias. Depois, há o trabalho de limpar, lavar e guardar os restos, acompanhado de preparativos e expectativas da refeição seguinte. Uma trama extremamente elaborada de envolvimento se encontra por trás, por baixo e ao redor até da mais simples refeição que servimos ou que nos é servida.

É possível que servir, preparar e fazer uma refeição seja o processo cultural mais complexo de que os seres humanos participam. E um microcosmo de realidades intricadas, combinadas de modo a formar a cultura que dá significado à vida diária de todos nós: homens, mulheres e crianças — e Jesus. Mas não se trata de cultura como a que vemos em museus; é totalmente imediata, pessoal e interativa — interagindo com as matérias da criação e com as pessoas com as quais vivemos. Uma vez que é tão inclusiva (qualquer pessoa pode ser incluída na refeição), tão universal (todos nós precisamos comer), tão abrangente (engloba todo o espectro da existência física e cultural) e tão inexoravelmente social (dependemos, necessariamente, de pessoas conhecidas e desconhecidas), a refeição provê suprimento interminável de metáforas para praticamente tudo o que fazemos como seres humanos.

Essas metáforas quase sempre sugerem algo profundamente pessoal e comunitário: dar e receber ("Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos"), conhecer e ser conhecido ("Provai e vede que o SENHOR é bom"), aceitar e ser aceito, abundância e generosidade ("terra que mana leite e mel"). A refeição abre um leque de variações infinitas sobre a necessidade, o prazer e a comunhão.[127]

OS QUATRO VERBOS QUE Jesus empregou na ceia continuam a colocar a salvação em prática todas as vezes que nos assentamos à mesa para uma refeição. O primeiro e o último verbo eucarístico — "tomar" e "dar" — são termos

---

[127] Margaret VISSER explora de modo extremamente detalhado e fascinante as implicações extraordinárias de uma refeição comum, em *Much Depends Upon Dinner.*

referentes a trocas generosas. Toda mesa — da cozinha, de um piquenique ou de um banquete — é um lugar de dar e receber. Ali ninguém deve nada. Todos à mesa compartilham uma necessidade. Tudo é graça. A cada refeição, identificamos camadas sucessivas e abundantes de generosidade inerente. Nossa imersão diária nessa generosidade, o dar e receber no centro da hospitalidade e da salvação, nos mantém diariamente em contato com o universo em que Cristo opera a salvação do mundo.

Os verbos situados na parte central da eucaristia — "abençoar" e "partir" — são termos de sacrifício. Quando nos sentamos à Mesa do Senhor, estamos num lugar de sacrifício, do sacrifício de Jesus. Obedientes e esperançosos, nos colocamos deliberadamente na presença de Deus a fim de que nossa vida seja formada sacrificialmente. A vida de Jesus, oferecida ao Pai em bênção, foi sacrificada para remover o pecado do mundo, e entrou na história como a salvação do mundo.

A vida de sacrifício encontra-se profundamente arraigada na refeição comum. Os atos de abençoar e partir penetram nas trivialidades da nossa vida. Em nossas refeições, participamos dos elementos de uma existência sacrificial e os praticamos enquanto uma vida é entregue para que outra possa viver. Pode ser a vida de uma cenoura ou de um pepino, pode ser a vida de um peixe ou de um pato, pode ser a vida de um cordeiro ou de uma novilha. Mas é também a nossa vida, entregue a outros com generosidade e em serviço. Participar de uma refeição nos envolve num mundo complexo e sacrificial de abençoar e partir o pão. A vida se alimenta de vida. Não somos auto-suficientes. Vivemos pela vida, sustentados pelas vidas que são entregues a nós e por nós.

Tudo o que ocorre em nossa vida junto à Mesa do Senhor pode, se assim permitirmos, nos orientar e moldar quando voltamos para nossa mesa da cozinha. Aquilo que está diante de nós, de modo supremo em Jesus na cruz e na eucaristia, é infundido na maneira como vivemos com os outros e para eles, expresso na linguagem do cotidiano como "Passe a

salada, por favor!" ou, como Jesus disse em uma de suas conversas mais memoráveis: "Dá-me de beber" (Jo 4:7).

NA SANTA CEIA, ASSUMIMOS nosso lugar no mundo extraordinariamente generoso da salvação, abundante em graça. Participamos dessa salvação recebendo a vida sacrificada de Jesus no pão e no vinho, lembrando e anunciando "a morte do Senhor, até que ele venha" (1Co 11:26). Saímos da mesa. Por onde começamos a fazer nossa parte diária de lembrança e proclamação? Vamos para casa, onde nossos relacionamentos são mais íntimos e complexos, com pessoas às quais temos mais acesso, e onde temos as responsabilidades que definem nossa obediência. Reunimo-nos no trabalho de preparar, servir e fazer refeições com nossos familiares e amigos, vizinhos e desconhecidos. Pãezinhos e café com leite pela manhã, arroz com feijão e alguma carne no almoço e ensopado de carne no jantar. Todas as refeições — café da manhã, almoço e jantar —, não importa o cardápio, onde e com quem estamos, nos colocam na companhia de Jesus, que fez suas refeições com pecadores e se entregou por nós.

Iniciamos a lembrança e a proclamação da salvação à mesa da eucaristia. Damos continuidade em todas as refeições que fazemos. Para o cristão, todas as refeições são derivadas e se estendem da refeição eucarística para os atos diários de comer e beber, para nossa mesa à qual o Cristo crucificado e ressurreto se encontra presente como anfitrião.

Todos os elementos da vida formada de modo eucarístico estão presentes cada vez que nos assentamos para fazer uma refeição e convidamos Jesus para ser o anfitrião. Pensando bem, é algo maravilhoso — a ação mais comum de nossa vida, fazer refeições, pode refletir e continuar a mais profunda de todas as operações, a salvação. A fusão do natural com o sobrenatural que testemunhamos e com a qual nos envolvemos na forma de liturgia tem continuidade, ou pode ter continuidade, na mesa de nossa cozinha.

4. CRISTO ATUA NA COMUNIDADE

Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós [...] eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.

JOÃO 17:11,23

Somos todos membros uns dos outros, e um de nós é Jesus Cristo.

AUSTIN FARRER[128]

Quando nos detentos para olhar ao redor e ver onde estamos, descobrimos-nos num lugar incrivelmente belo, variado, primoroso. Beleza de tirar o fôlego. Maravilhas indescritíveis. Erguemos os olhos para as montanhas e vemos Deus: louvor e gratidão brotam espontaneamente dos lábios — obrigado! Exultamos com a criação.

Mas esse lindo lugar é também perigoso. Há pessoas loucas por aí com armas; há furacões e motoristas bêbados; os raios atingem a terra aleatoriamente; os pernilongos atrapalham nossos piqueniques. Apertamos o cinto de segurança, ensinamos os filhos a não falar com estranhos e usamos repelente. Não é raro clamar por socorro. Estamos atolados no lamaçal da história.

Esse lugar belo e cheio de perigos também é, de algum modo, um lugar misterioso e inevitável, o *meu* lugar, o *nosso* lugar. Não somos turistas; não somos expectadores tirando fotografias dos penhascos e das campinas, de chalés simpáticos e de pessoas exóticas. Não temos tempo de sobra para escrever cartas cheias de entusiasmo para os nossos amigos contando as belezas que admiramos e os perigos que tememos. Fazemos parte desse lugar: não ficamos só olhando ao redor com admiração, ou olhando com temor — *interagimos.* E *desejamos* interagir, *desejamos* participar.

Somos como uma criança pequena. Por algum tempo, nos contentamos em deixar nossos pais prepararem as refeições e nos alimentarem, mas aos três ou quatro anos de idade, dizemos: "Me deixa fazer!" ou "O que posso fazer?". Dizemos

---

[128] *Lord, I Believe,* p. 39.

isso muito antes de podermos completar alguma tarefa sem fazer bagunça, mas isso não importa — queremos fazer parte do que está acontecendo. Na verdade, não é algo que decidimos; é inevitável: tudo do lado de fora toca algo aqui dentro, dentro de mim, dentro de você, dentro de nós: "*Respondeo etsi mutabor*" — "Respondo, ainda que eu seja mudado".[129]

A participação está em nossos genes. Insistimos em nos envolver no que está acontecendo. Essa é uma das características irreprimíveis de nossa vida. Não nos contentamos em ser expectadores. Desejamos ajudar, participar da criação, da história. Sabemos que, de uma forma ou de outra, fazemos parte de tudo isso e desejamos participar. E evidente que também não faltam sinais de passividade e indolência dentro de nós e ao nosso redor. Mas pessoas assim nunca são consideradas positivas, nunca são admiradas. Temos uma percepção intuitiva de que a passividade é sinônimo de perda, deficiência, anemia do espírito, algo subumano. E, se não conseguimos despertar, encontramos estimulantes artificiais para injetar em nossa vida a capacidade de reagir, mesmo como expectadores apenas de outros que participam do jogo.

CRISTO ATUA NA COMUNIDADE de pessoas com quem vivemos, e queremos participar dessa atuação. Vemos o que Cristo faz na criação e na história e queremos nos envolver diretamente com nossas famílias, amigos e vizinhos. No entanto, surgem dificuldades. Mais cedo ou mais tarde, todos que seguimos Jesus nos vemos na companhia de homens e mulheres que também desejam se envolver. Não demoramos a perceber que muitos desses nossos colegas trabalhadores e voluntários não são muito do nosso agrado, e alguns despertam em nós a mais completa antipatia — uma mistura de santos e pecadores, sendo que, algumas vezes, é mais difícil aturar os santos do que os pecadores. Jesus não

---

[129] Eugen ROSENSTOCK-HUESSY, *I Am an Impure Thinker,* p. 2.

parece muito seletivo na escolha dos filhos que ele deixa entrar em sua cozinha para ajudar a preparar as refeições.

DURANTE GRANDE PARTE da minha vida vocacional, fui responsável pelo cuidado de uma comunidade como essa e tive várias oportunidades de refletir sobre as implicações desse envolvimento.

Quando me tornei pastor, não conhecia muito sobre a complexidade da comunidade em geral e, mais especificamente, de uma comunidade de santos; estava absorto diante das glórias da criação e na operação dramática da salvação na história. Viajava de uma cidade para outra, de uma instituição de ensino para outra. Fui incumbido de grupos de pessoas com as quais devia estudar, trabalhar, desfrutar momentos de lazer — mas tudo era um tanto passageiro.

Então, deixou de ser passageiro — e foi o que fez as coisas mudarem de figura: uma congregação, chamada impropriamente de povo de Deus. Para o bem e para o mal, pessoas específicas. Em várias ocasiões, me supreendi preferindo a companhia de gente de fora da minha congregação, de homens e mulheres que não seguiam a Jesus. Ou, pior ainda, preferindo a companhia do meu ego soberano. No entanto, descobri logo que minhas preferências não eram corroboradas pelas Escrituras nem por Jesus.

Não foi fácil chegar a essa convicção, mas, no fim, não havia como escapar da realidade: é impossível haver maturidade na vida espiritual, obediência na caminhada com Jesus e integridade na vida cristã sem uma imersão na comunidade, aceitando-a totalmente. Eu não sou eu por mim mesmo. É na comunidade,[130] e não no individualismo tão alardeado em nossa cultura, que Cristo atua.

---

[130] A Bíblia nos oferece um vocabulário rico que dá textura a termos gastos como "comunidade": povo, povo de Deus, congregação, grande congregação, igreja, povo escolhido, sacerdócio santo, nação santa, santos (sempre no plural), escolhidos, Israel de Deus, casa, templo, família, corpo, assembléia. Usarei todos eles, mas convém observar que *todos* os termos são coletivos.

EXPLORANDO A VIZINHANÇA DA COMUNIDADE

Quando eu era adolescente, uma das visões que enchia minha mente de cor, resplendor e glória era a Revolução Francesa. Na verdade, eu sabia pouco sobre esse acontecimento. Algumas impressões vagas, episódios e nomes formavam uma mistura desordenada em minha imaginação, produzindo um drama de puro romance, emoção e o triunfo da justiça. Se, naquela época, eu tivesse acesso ao vocabulário que tenho hoje, provavelmente usaria o termo "sagrado" para resumir essas impressões: algo espiritualmente ardente, extravagante e glorioso.

Eu tinha uma imagem de homens e mulheres dedicados e idealistas com declarações retumbantes de liberdade, igualdade e fraternidade em seus lábios, marchando num mundo corrupto e pecaminoso, purificando-o com suas idéias e atos corretos. Nomes como Marat, Robespierre e Danton ecoavam com um tom de retidão em meus ouvidos. As masmorras terríveis da Bastilha eram sombras profundas em contraste com o fogo da libertação que ardia com pureza. O heroísmo e a vilania travavam um conflito apocalíptico. A guilhotina era um instrumento do Juízo Final, separando as ovelhas dos bodes.

Assim, não turvada pelos fatos, minha imaginação teceu uma belíssima fantasia da gloriosa Revolução Francesa.

Quando entrei na faculdade, fiquei encantado ao saber da existência de um curso sobre a Revolução Francesa. Tive de esperar um ano, pois não fazia parte da grade curricular dos calouros, mas a espera só serviu para abrir o meu apetite. Ao voltar no segundo ano, imediatamente me matriculei nesse curso. Foi uma das minhas maiores decepções na faculdade. Trazia comigo grandes expectativas — como é comum acontecer com adolescentes que se envolvem em questões adultas —, mas não foi nada do que eu esperava.

A professora era uma senhora idosa de pequena estatura, de cabelos finos e despenteados. Usava vestidos de seda escura de corte indefinido e falava em tom baixo e tímido. Era uma pessoa extremamente simpática e academicamente qualificada em história européia. Mas, como professora de

Revolução Francesa, era uma tragédia. Sabia tudo sobre os franceses, mas nada sobre a revolução.

De minha parte, sobrava ignorância sobre o assunto, e os poucos fatos que havia memorizado eram quase todos equivocados. No entanto, estava certo de uma coisa: havia sido uma revolução. As revoluções viram tudo de cabeça para baixo. São lutas titânicas entre vontades antagônicas. Estimulam o desejo de uma vida melhor de liberdade e *prometem* essa vida. Algumas vezes, cumprem suas promessas e libertam o povo — na maioria das vezes, não. Mas, depois de uma revolução, nada permanece exatamente o mesmo.

Porém, ao assistir aquelas aulas dia após dia, ninguém teria suspeitado disso. O malogrado Marat, a assassina Charlotte Corday, a Bastilha sombria, a guilhotina sangrenta, o oportunista Danton, a leviana Maria Antonieta e o cruel Luís XIV — todos os personagens e cenários daquela época pitoresca e violenta eram descritos com o mesmo tom monótono e cansado. Em suas aulas, todos pareciam iguais, todos eram apresentados ordenadamente como espécimes catalogados, como borboletas num quadro sobre o qual havia se acumulado uma década ou mais de poeira.

Por um bom tempo depois desse curso, não podia ouvir falar da Revolução Francesa que logo começava a bocejar.

ALGUNS ANOS MAIS TARDE, já como pastor, ficava estarrecido ao ver homens e mulheres de minha congregação bocejando. Matt Ericson cochilava todos os domingos; sempre conseguia terminar o primeiro hino, mas, dez minutos depois, pegava no sono. Red Belton, um adolescente sempre zangado, sentava-se no último banco, longe das vistas dos pais, e lia histórias em quadrinhos. Karl Strothheim, que cantava no coral, passava bilhetes e cochichava com Luther Olsen sobre a bolsa de valores. Uma mulher me despertava a esperança — todos os domingos trazia um caderno e fazia anotações em forma de taquigrafia de tudo o que eu dizia. Pelo menos uma pessoa estava prestando atenção! Então, descobri que ela estava planejando

se separar do marido e usava o culto para praticar estenografia para ter uma profissão e poder se sustentar.

Na maioria, tratava-se de pessoas agradáveis. Conheciam a fé e as histórias cristãs e chegavam no horário todos os domingos. Mas bocejavam. Como podiam fazer uma coisas dessas? Como era possível pegar no sono dez minutos depois de cantar "A Deus demos glória com grande fervor"? Como se interessar por um herói de história em quadrinhos enquanto a epístola aos Romanos era lida? Como alguém poderia contentar-se em treinar taquigrafia quando o Cristo ressurreto estava presente em palavra e sacramento?

Ao que parecia, eu tinha uma congregação de santos e pecadores que sabiam tudo sobre a vida cristã, exceto que o evangelho havia redefinido tudo e todos, colocado tudo e todos num relacionamento participativo com um Deus santo. Ocorreu-me que a santidade é para os cristãos o que a revolução foi para os franceses do século XVIII, a *energia* que criou uma comunidade de homens e mulheres livres imersos numa nova vida. A comunidade com a qual eu estava trabalhando conhecia bem o termo "cristão", e seus membros se consideravam cristãos. Mas, e quanto ao *sagrado?* Ao Espírito Santo? Ao ardor? Ao fogo ardendo na comunidade?

Eu sabia que tinha um bocado de trabalho pela frente. Quando fui ordenado pastor e chamado para dirigir uma congregação, imaginei que minha incumbência seria ensinar e pregar a verdade das Escrituras para que essas pessoas conhecessem a Deus e soubessem como ele opera a salvação; imaginei que deveria ajudá-las a tomar decisões morais para poderem viver felizes para sempre com uma consciência limpa. Imaginei que deveria orar com elas e por elas, reunindo-as na presença de um Deus santo que fez os céus e a terra e enviou Jesus para morrer por nossos pecados. Percebi, então, que se tratava de mais que apenas um aprendizado correto, mais que ajoelhar-se nas manhãs de domingo. O que estava em jogo era a *vida* — a vida *deles,* a *alma* deles, a alma deles *em comunidade.* As pessoas podem pensar corretamente, comportar-se de modo adequado, cultuar com educação e, ainda assim, não viver bem — ter

uma vida anêmica, de individualismo egoísta, uma vida entediada, insípida e trivial.

Foi então que comecei a me interessar seriamente pelo termo "sagrado" como um atributo da comunidade, aquilo que Gerard Hopkins descreveu como "o viço mais precioso no recôndito das coisas".[131] Procurei descobrir o que o "sagrado" significava em meu local de trabalho, em minha congregação, a comunidade do povo de Deus da qual eu fora designado pastor. Quando percebi que o "sagrado" é para a congregação o que "revolução" foi para a política francesa do século XVIII, não demorei a ver que minha ignorância a respeito da realidade da igreja do século XX não era muito diferente de minha desinformação, em tempos passados, sobre a realidade da França no século XVIII — uma ignorância perpetuada por fantasias cheias de romantismo.

Da mesma forma que havia me faltado conhecimento da revolução em si, me faltava, agora, instrução acerca do sagrado. Comecei a procurar sinais, evidências do sagrado — vidas santas, comunidade santa, Espírito Santo. E comecei a prestar atenção no que as Escrituras e a teologia me diziam sobre as implicações de fazer parte dessa comunidade formada pelo Espírito Santo. Depois de muita investigação, descobri que o ponto de partida é a ressurreição de Jesus.

QUERIGMA: A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Ao mesmo tempo que respeita nossa experiência, o evangelho não a toma como ponto de partida. Não começamos uma vida de santidade ambicionando esse tipo de vida, desejando ser bons, realizados, plenos ou querendo fazer parte do plano maior para todas as coisas. Algo vem antes de nós, a saber, a ressurreição de Jesus. Viver uma vida de santidade, o equivalente cristão de revolução, começa com a ressurreição de Jesus.

A ressurreição de Jesus fundamenta toda a vida cristã na atuação de Deus pelo Espírito Santo. A vida cristã começa

---

[131] "God's Grandeur", em *The Poems of Gerard Manley Hopkins,* p. 27, 66.

como uma comunidade reunida no lugar de impossibilidade, o sepulcro.

Assim como o nascimento de Jesus nos insere na criação e sua morte nos insere na história, a ressurreição nos insere na vida em comunidade, a comunidade sagrada — a comunidade da ressurreição. A ressurreição de Jesus é o ponto de partida querigmático para vivermos na comunidade do Espírito Santo.

A ressurreição de Jesus é a última "peça" querigmática, que, juntamente com seu nascimento e sua morte, coloca as boas-novas, o evangelho, em movimento e dá origem à vida cristã. Tudo o que é necessário para a vida cristã está diante de nós e foi colocado em ação *dentro de nós.* A maneira de vivermos a vida — os impulsos e desejos de participar do que Deus está fazendo nas maravilhas da criação e na confusão da história — é ativada pela ressurreição de Jesus. Toda vida digna de receber esse nome é decorrente da atuação de Deus em Jesus por meio do Espírito Santo: "Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita" (Rm 8:11). Paulo não se cansa de apresentar variações sobre esse tema. George Steiner fala das "nuanças ricas da ressurreição".[132] É o que chamamos de vida de *santidade* dentro da comunidade sagrada. Uma vida de ressurreição.

Estou usando o termo "querigmático" para identificar os movimentos críticos da vida de Jesus — nascimento, morte, ressurreição — que revelam com tanta clareza o ser de Deus *para* nós, *por* nós e, agora, *em* nós. São querigmáticos porque constituem uma anunciação, uma proclamação de algo que aconteceu de modo inteiramente independente de nós, mas que torna presente a realidade em que vivemos. E, pelo modo como isso acontece, percebemos que é uma realidade maravilhosamente boa e acessível que permite nossa participação. Deixamos de ser reduzidos a nós mesmos. Não

---

[132] *Errata,* p. 77.

precisamos mais controlar nossa vida e a dos outros ao redor para "sermos alguém", como se diz com tanta freqüência. O Cristo ressurreto, revivido pelo Espírito Santo, está no controle de tudo. Sabendo disso, deixamos de imaginar que devemos aceitar tudo o que chega até nós e aproveitá-lo da melhor maneira possível.

Cada um desses momentos é uma proclamação: *isto* — este nascimento de Jesus, esta morte de Jesus, esta ressurreição de Jesus — é algo que não podemos fazer por nós mesmos, algo pelo qual não podemos receber crédito, que não conseguimos controlar, que não somos capazes de reproduzir de maneira alguma. É algo feito em nosso favor. Podemos apenas ouvir, crer e ingressar nessa realidade de Deus-por-nós que nos é concedida tão generosamente tanto no contexto quanto no conteúdo de nossa vida.

Os relatos do nascimento, da morte e da ressurreição apresentam simetrias, mas também diferenças: experimentamos o nascimento e a morte, pelo menos em termos biológicos, em condições que nos parecem naturais; mas a ressurreição é inteiramente sobrenatural. Jesus não ressuscitou a si mesmo; ele foi ressuscitado. E nós não ressuscitamos a nós mesmos; somos ressuscitados.

É ESSENCIAL ASSIMILAR ESSA realidade e se apropriar dela, entender que a ressurreição não só aconteceu no passado, mas acontece no presente. Muitas vezes, transformamos a ressurreição numa questão de apologética apenas e fundimos seus relatos num lingote de doutrina; para Jesus (e para Paulo interpretando Jesus), a ressurreição é, acima de tudo, questão de viver numa criação maravilhosa, de aceitar a história da salvação e, depois, assumir nosso lugar na comunidade sagrada: "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20:22). Recebam este Espírito Santo pelo qual Jesus acabou de ser ressuscitado dentre os mortos para que vocês possam continuar a participar da vida de ressurreição de Jesus em suas orações e na obediência.

E algo que acontece, e não algo que fazemos acontecer. Quanto mais nos envolvemos no que Deus está fazendo,

menos exercemos o controle; quanto mais participamos da obra de Deus revelada em Jesus, mais ele opera em nosso favor e por meio de nós. Quanto mais praticamos a ressurreição, menos isolados ou sozinhos ficamos, pois descobrimos que essa ressurreição, que diz respeito a uma relação tão intensamente pessoal no Pai, no Filho e o Espírito, ao mesmo tempo nos mergulha em relacionamentos nunca antes experimentados com nossos irmãos e irmãs. Gostemos ou não, somos uma comunidade. Não escolhemos estar nessa comunidade; fazemos parte dela em virtude da ressurreição de Jesus.

Vivemos a vida cristã numa tradição rica de "formação pela ressurreição". A ressurreição de Jesus fornece a energia necessária e as condições pelas quais " [andamos] na presença do SENHOR na terra dos viventes" (Sl 116:9). A ressurreição de Jesus cria e disponibiliza a realidade na qual somos formados como novas criaturas em Cristo pelo Espírito Santo. A cultura do faça-você-mesmo e da auto-ajuda permeou nossa imaginação a tal ponto que não damos muita atenção ao maior fato de todos, a ressurreição. E o motivo pelo qual não lhe damos muita atenção é que a ressurreição não é algo que podemos usar, manipular, controlar ou aperfeiçoar. E interessante que o mundo não tenha tido tanto sucesso na tentativa de comercializar a Páscoa, transformando-a num bem de consumo, como teve com o Natal. Quando não somos capazes de entender e controlar alguma coisa, perdemos o interesse. Mas a ressurreição não está disponível para nosso uso; é única e exclusivamente operação de Deus.

OS QUATRO EVANGELISTAS concluem seu relato sobre Jesus com a ressurreição. No entanto, João faz algo mais que requer atenção especial em nossas considerações acerca da *comunidade* da ressurreição.

Este é o texto que trata dessa questão: "[Jesus] soprou sobre eles [seus discípulos reunidos] e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo" (20:22). Alguns dias antes da ressurreição, na noite antes de sua crucificação, Jesus teve uma longa

conversa com seus discípulos, preparando-os para o que estava prestes a acontecer. Ao longo de toda a conversa, ele lhes prometeu repetidamente, com variações, que, depois de partir fisicamente, estaria presente com eles no Espírito (14:15-17, 25-26; 15:26; 16:7-11, 13-14). No dia da ressurreição ele cumpriu essa promessa: "Recebei o Espírito Santo". Ele se substituiu por ele mesmo.

A ressurreição é a obra do Espírito Santo em Jesus, ressuscitando-o dentre os mortos e apresentando-o aos discípulos; a ressurreição também é a obra do Espírito Santo naqueles que crêem em Jesus e o seguem.

A história do dia de Pentecostes, da formação da comunidade da ressurreição, é apresentada em Atos 1—2. E o relato da vinda do Espírito Santo sobre os seguidores de Jesus, tendo como resultado a vida de Jesus sendo vivida neles. No entanto, há também um relato de algo ocorrido cinqüenta dias antes de Pentecostes. É a história por trás de Pentecostes e, como muitas histórias que aparecem em segundo plano, é essencial para primeiro compreender e depois participar da história que ocupa o primeiro plano.

João é o único evangelista que apresenta esse relato (Jo 13—17). É a história de como Jesus passou sua última noite com os discípulos. Eles não sabiam que, mais tarde, naquela mesma noite, Jesus seria preso e, no dia seguinte, morto diante de seus olhos aterrorizados. Não sabiam que os anos maravilhosos que haviam passado com Jesus terminariam ao meio-dia de sexta-feira numa crucificação sangrenta, repleta de escárnio e humilhação. Não sabiam que aquela era a última noite com Jesus. E, evidentemente, não faziam a mínima idéia de que, três dias depois, haveria uma ressurreição.

Mas Jesus sabia. Assim, ele se pôs a prepará-los para dar continuidade àquilo que tinha começado. Eles não faziam idéia do que estava para acontecer. Nos anos subseqüentes, esses discípulos ignorantes e alheios a tudo isso falariam do que Jesus vinha fazendo e fariam o mesmo e até "outras obras maiores" (14:12). Mas como?

O modo como fizeram isso é o modo como fazemos, a nossa maneira de continuar a seguir Jesus quando não podemos vê-lo. Prepare-se, porém, para uma surpresa — ou, talvez, uma decepção, pois Jesus não faz nada que desperte atenção. Ele não realiza milagres espalhafatosos para ser lembrado, não apresenta metáforas emocionantes para manter sua mensagem em foco. Se, porém, ele não usa milagres nem metáforas (que ele sabe fazer muito bem), o que sobra? Os discípulos devem, sim, dar continuidade à vida de Jesus quando ele não estiver mais fisicamente presente. Mas como?

Todos estão jantando. Jesus sai da mesa, pega uma bacia com água e uma toalha e começa a lavar os pés de seus discípulos. Pedro objeta, mas Jesus não lhe dá importância e continua lavando (13:1-11). Então, Jesus começa a falar; fala durante um bom tempo — é a conversa ou discurso mais longo de Jesus de que temos registro. Os discípulos ouvem. Em oito ocasiões os discípulos (cinco deles são citados pelo nome) fazem comentários ou perguntas curtas que Jesus incorpora à conversa (13:12—16:33). Por fim, Jesus ora. Enquanto ora, funde a vida que eles viveram juntos com a que os discípulos continuariam a viver, fundindo nessa oração a vida e obra dele com a vida e obra deles numa identidade: seria a mesma vida, quer as pessoas vissem e ouvissem Jesus quer vissem e ouvissem Pedro, Tome ou Filipe vivendo-a (cap. 17).

Foi assim que Jesus escolheu passar aquela noite com seus discípulos, preparando-os para a transição do tempo de Jesus presente para o tempo de Jesus ausente. Começa lavando os pés dos discípulos, ajoelhado diante de cada um deles, sujando as mãos com a sujeira dos pés de cada um. Termina orando ao seu Pai e Pai deles para que continuem a desejar ser coerentes com o que ele tem feito.

O padrão é o mesmo para nós: em tudo o que fazemos em nome de Jesus, começamos ajoelhados diante de nossos irmãos, amigos e vizinhos e terminamos "levantando os olhos para o céu", orando ao Pai. Lavar pés sujos e orar ao Pai santo são os atos que emolduram nossa vida. Não podemos

viver a vida de Jesus nem realizar sua obra, a não ser dentro dos limites que ele determinou.

No entanto, há mais aqui; muito mais. Entre a lavagem dos pés e a oração há uma conversa. Jesus resume o teor dessa conversa em uma só frase: "Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei" (16:7).

O ESTILO DA CONVERSA que nos prepara para a continuação pentecostal da vida de Jesus à maneira de Jesus é tão importante quanto as palavras em si. É um estilo que cultiva a participação relacionai. Convém comparar o estilo do relato de João com os três autores que o antecederam na redação dos evangelhos.

Mateus, Marcos e Lucas escreveram o evangelho seguindo um mesmo padrão. A narrativa acompanha Jesus durante mais ou menos três anos de vida pública, a maior parte na Galiléia, e culmina com a semana em Jerusalém. Quase toda a ação ocorre durante os três anos na Galiléia, à medida que os evangelistas nos mostram o que Jesus faz e diz e nos familiarizam com as diferentes reações de homens e mulheres: seguindo-o, questionando, interpretando incorretamente, alguns reconhecendo Deus revelado nele e crendo, alguns o odiando e, por fim, o matando.

Os evangelistas são escritores competentes que nos fazem acompanhar os dias de Jesus com intensidade crescente até a semana de comemoração, traição, escárnio, rejeição — e glória. Em retrospectiva, podemos ver que a preocupação central dos três é levar Jesus (e nós) a Jerusalém e à última semana de Páscoa na qual a verdadeira ação — sofrimento, crucificação, ressurreição — se desenrola. Fornecem conteúdo narrativo suficiente apenas para se certificarem de que entenderemos que é a nossa salvação e a salvação do mundo que está sendo consumada.

Voltamos, então, para o evangelho de João. Desde a primeira linha, sabemos que estamos num universo literário inteiramente diferente. Vemo-nos envolvidos num mundo de

conversas longas e demoradas, discursos reflexivos que detalham algo que acabou de acontecer (normalmente algo que Jesus fez). Ao contrário da linguagem incisiva e aforística de Jesus com a qual estamos habituados, encontramo-nos em sua companhia enquanto ele se demora, se repete, toma uma frase e depois a coloca de lado, dá voltas e depois a retoma, como alguém segurando uma pedra preciosa contra a luz, girando-a lentamente para que possamos observar as diversas cores refratadas.

Mateus, Marcos e Lucas escrevem como remadores de caiaques num rio de correntes fortes e com algumas corredeiras até; não deixam dúvida que seguem o curso do rio. João, por outro lado, se assemelha mais com alguém numa canoa no meio de um lago tranqüilo, vagando sem pressa, remando lentamente para observar todos os detalhes das margens, as formações rochosas, uma garça pescando no meio dos juncos, movendo-se ao sabor das águas e parando para traçar a forma das nuvens refletida na superfície límpida do lago.

Na metade do evangelho de João (cap. 12), temos a impressão de que a ação acelera o passo: Judas critica Maria com cinismo quando ela unge Jesus; a euforia do domingo de Ramos supera a intriga para matar Lázaro; a multidão ouve o trovão depois da oração de Jesus e se agita; Jesus se esconde discretamente e depois aparece de repente, bradando frases curtas, urgentes e apocalípticas. A adrenalina começa a correr. Devidamente instruídos pelos colegas canônicos de João, sabemos, evidentemente, o que vem em seguida. Na página seguinte, encontraremos a verdadeira ação — prisão, julgamento, crucificação.

Viramos a página. O quê? João interrompe a ação abruptamente e nos convida para a conversa/discurso mais longo de Jesus (13—17). Na Bíblia anotada em grego que utilizei para escrever este livro, ocupa dezessete páginas. Os dois discursos mais longos até então eram o do Pão da Vida (cap. 6), com seis páginas, e o da Luz do Mundo (cap. 8), com cinco páginas.

O que João está fazendo?

Ele está nos desacelerando. Está nos acalmando. Está pedindo que nos calemos e ouçamos. Está nos dizendo para desligar o telefone celular, guardar o *palmtop* e prestar atenção nessa história que pensamos conhecer tão bem. João está nos convidando a ficar na companhia de Jesus e desfrutar um tempo de formação espiritual. Está nos preparando para a ressurreição — e para Pentecostes.

NÃO É DIFÍCIL ENTENDER a essência da conversa. Jesus diz duas coisas repetidamente. Ele fala a seus amigos que está partindo: "Deixo o mundo e vou para o Pai" (Jo 16:28). Contei quinze ocasiões nessa conversa em que, de uma forma ou de outra, Jesus diz aos seus discípulos que os está deixando. Ele diz, também repetidamente, que está enviando o Espírito Santo: "... eu vos enviarei da parte do Pai" (15:26). O Espírito Santo, também denominado "Consolador" e "Espírito da verdade", é chamado pelo nome e por pronomes 26 vezes. Quinze vezes Jesus lhes diz que está partindo; 26 vezes ele se refere ao Espírito que ele e o Pai estão enviando.

"Estou partindo... estou enviando...".

Jesus está partindo, o Espírito Santo está chegando.

Jesus está partindo. Eles não o verão novamente. Mas a partida não é um abandono (14:18). Ele não ficará incomunicável (14:13). Não está simplesmente indo embora, descuidado e desatento.

O Espírito Santo está chegando. Permanecerá dentro deles, fazendo no interior deles o que Jesus fez no meio deles. O Espírito Santo, a maneira de Deus estar presente conosco, tornará a vida e a obra deles coerentes com a vida e a obra de Jesus. Assim como Deus esteve presente para eles em Jesus, Deus neles estará presente para outros.

A partida e o envio trabalham simultaneamente, nos dois sentidos. A ausência de Jesus do meio deles torna-se a presença do Espírito dentro deles. Tudo o que Jesus disse e fez no meio deles deve ter continuidade em seus (nossos!) atos e palavras.

- Eu lhes lavei os pés; lavem os pés uns dos outros (13:14).

- Eu amei vocês; amem-se uns aos outros (13:34; 15:12).
- Vocês me viram; vocês verão o Pai (14:9).
- Vocês me viram trabalhar; vocês farão meu trabalho (14:12).
- Eu estive com vocês; o Espírito estará com vocês (14:16-17).
- Eu vivo; vocês também viverão (14:19).
- Vocês estão em mim; eu estou em vocês" (14:20).
- Eu os estou ensinando; o Espírito os ensinará/lembrará (14:25-26).
- Permaneçam em mim; eu permanecerei em vocês (15:4).
- Eu fui odiado; vocês serão odiados (15:18-25).
- O Espírito dará testemunho; vocês clarão testemunho (15:26-27).
- Eu vou; ou Espírito virá (16:7).
- Ainda não terminei o que tenho a dizer; o Espírito lhes dirá (16:12-15).

Na oração (cap. 17), essa congruência entre o que experimentaram na presença de Jesus e o que experimentarão na vinda do Espírito torna-se ainda mais explícita:

- Eu não estou mais no mundo; eles estão no mundo (17:11).
- Pai, somos um; que eles também possam ser um (17:11,22-23).
- Não pertenço ao mundo; eles não pertencem ao mundo (17:16).
- Você me enviou ao mundo; eu os envio ao mundo (17:18).
- Eu me santifico; eles são santificados na verdade (17:19).
- Você está em mim e eu em você; que eles também possam estar em nós (17:21).
- Você me ama; você os ama (17:23,26).

A CONVERSA É TORTUOSA e assistemática. Não é o que costumamos considerar como forma apropriada de ensino. Mas Jesus não está esclarecendo, explicando ambigüidades; ele as está tornando vividas, pulsantes. Não há nenhum esboço e nenhuma transição. Faltam definições. A conversa nos faz mergulhar na presença de outrem, a presença de Jesus nos preparando para o Espírito. Não demora e estamos atentos mais ao que ele é do ao que ele diz; somos atraídos para essa rede harmoniosa de preocupação relacionai, partindo e enviando, sentindo nossa alma ser permeada pelo vínculo entre Jesus não presente e o Espírito presente.

Também encontramos nessa conversa uma quantidade mínima de imperativos. Jesus não está dizendo como praticar a formação espiritual — "como fazer" —; ele está nos dizendo como é feito. A formação espiritual é, essencialmente, aquilo que o Espírito faz, formando a vida de ressurreição de Cristo em nós. Nossa participação aqui é tão significativa quanto foi na criação do universo (a obra do Espírito na criação) e na preparação de Jesus para a salvação (a obra do Espírito no batismo de Jesus).

A obra do Espírito, por outro lado, é extensa e inclui a formação da comunidade da ressurreição. O que podemos e devemos fazer é estar disponíveis — aceitar a partida e a perda do toque e da companhia fisicamente tranqüilizadores. Disponíveis para aceitar o que é enviado pelo Pai em nome de Jesus. Disponíveis de modo receptivo e obediente. Disponíveis orando como Maria: "Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra" (Lc 1:38).

HÁ ALGUNS ANOS, recebemos um telefonema de nosso filho: "Mãe, pai, a Lynn está grávida. Vamos ter um bebê". O primeiro filho deles. Mais importante ainda, nosso primeiro neto. Alguns dias depois, pegamos o carro e fizemos a viagem de duas horas até o Seminário de Princeton, onde os dois estudavam. Enquanto Jan transbordava de empolgação, eu tentava sentir alguma coisa. Tínhamos três filhos, de modo

que um bebê não era uma novidade tão extraordinária. Além disso, ainda faltavam seis meses para a criança nascer. A expectativa de Jan crescia à medida que nos aproximávamos de nosso destino. Eu continuava indiferente, como se a notícia ainda não tivesse me atingido.

Ao voltarmos para casa no dia seguinte, me queixei da minha falta de empolgação, emoção que Jan tinha para dar e vender. "O que há de errado comigo? Por que não estou sentindo nada?". E Jan respondeu: "Porque você nunca engravidou".

"E o que eu posso fazer?" Ela sugeriu que eu construísse um berço.

Chegando em casa, visitei a biblioteca pública e encontrei fotos de berços. Decidi por um estilo colonial coberto. Desenhei esboços, fui à madeireira, verifiquei o que tinham em estoque e escolhi um mogno-de-honduras. Quase todas as tardes, voltava uma hora mais cedo do escritório na igreja, ia para a minha bancada e trabalhava no berço. Decidi dar o acabamento com aplicações de óleo de tungue. Peça por peça, poli todo o berço com a lixa mais fina, passei palha de aço e apliquei o óleo.

Cada aplicação realçava mais a cor; depois de várias aplicações, a madeira parecia irradiar luminosidade. Trabalhei cada peça do berço, moldando, segurando, esfregando repetidamente. A receita de Jan funcionou: engravidei. Uma semana após a outra moldando aquele berço, minhas mãos e dedos trabalhando a madeira, ungindo-a com camadas sucessivas de óleo que faziam o mogno brilhar, imaginando o bebê que logo ocuparia aquele espaço, orando com gratidão e expectativa pela vida na barriga cada vez maior de Lynn. Quando terminei o móvel, estava pronto, preparado para receber a dádiva de uma nova vida.

Pense na conversa de Jesus, com suas imagens e repetições, como a construção de um berço. As imagens: a continuidade da vida de Cristo em nós é baseada no ato físico de ajoelhar-se, tendo como elementos materiais os pés sujos, uma bacia com água e uma toalha (cap. 13); a vida de Jesus

continuando em nós é oferecida em oração ao Pai santo, o qual, sem dúvida alguma, continua até hoje respondendo fielmente a essa oração de Jesus por nós (cap. 17). E as repetições: as palavras de Jesus sendo infundidas em nossa imaginação — "Estou partindo... estou enviando..." —, o vazio, a plenitude. Jesus partindo de modo visível, o Espírito chegando de modo invisível. Ressurreição.

Em geral, não temos muita paciência para esse tipo de coisa. Quando nos vemos diante de algo importante, especialmente tão dramático quanto o Pentecostes, gostamos de estabelecer metas e desenvolver estratégias. Mas não é o que João faz. Ele nos conta uma história sobre Jesus. Ele nos leva para a companhia de Jesus de tal modo que somos formados à maneira de Jesus; ele nos leva até o cômodo onde Jesus está orando ao Pai, intercedendo por nós: "... para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim" (17:22-23) — uma comunidade de ressurreição. Isso porque a ressurreição não é uma experiência particular. Não nos torna auto-suficientes ou autônomos. Ela se dá numa comunidade de amigos.

AMEAÇA: SECTARISMO

Quando Jesus disse: "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20:22), ele o o fez para a comunidade reunida. Na descrição de Lucas da vinda do Espírito Santo, vemos que ela se deu sobre a comunidade, pelo menos 120 seguidores de Jesus que estavam orando e esperando, "todos reunidos no mesmo lugar" (At 2:1).

Somos uma comunidade. Sozinhos, nada somos por nós mesmos. Nascemos em comunidades, vivemos em comunidades, morremos em comunidades. Os seres humanos não são criaturas solitárias e auto-suficientes. Ao percebermos tanto a necessidade quanto a natureza de nossa vida em comunidade, também nos conscientizamos da dificuldade, da complexidade e, como cristãos que seguem a Jesus, das seduções ao nosso redor para encontrar um modo mais fácil, uma comunidade modificada, reduzida e adaptada às preferências individuais, um "condomínio fechado".

Assim como o gnosticismo é a ameaça mais comum à vida receptiva e de adoração na criação, e o moralismo é a ameaça constante à vida de sacrifício e hospitalidade na história, também o sectarismo é o pecado que "jaz à porta" (Gn 4:7), pronto para atacar, colocando em perigo a convivência generosa e amorosa dentro da comunidade.

O sectarismo é tão comum na comunidade em que Cristo atua quanto o gnosticismo na criação e o moralismo na história. Como ocorre com as duas primeiras ameaças, os limites e as definições não são fixos — trata-se mais de uma tendência, uma atração constante exercida por algo menor, uma redução que nos permite exercer controle. O sectarismo implica deixar deliberada e propositadamente a comunidade maior, a "grande congregação" que aparece com tanta freqüência em Salmos, o conjunto de céus e terra, e enveredar por um caminho de interesses específicos com outros, sejam poucos, sejam muitos, que tenham pontos de vista e gostos semelhantes aos nossos. Mas a intenção clara de Deus desde o início é abençoar "todas as famílias da terra" (Gn 12:3), e a esperança que guardamos é de que "ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2:10-11).

O sectarismo é para a comunidade o que a heresia é para a teologia, uma remoção intencional de parte do todo. Essa parte é, evidentemente, boa — uma obra de Deus. Mas, separada do todo, fica sem contexto e, portanto, reduzida. Perde o acesso àquilo que precisa receber do todo e deixa de dar sua contribuição essencial ao todo. Não toleraríamos alguém que tentasse vender uma Bíblia composta apenas dos cinco livros prediletos de algum pastor famoso, separados do conjunto de 66 livros e encadernados em couro legítimo. Não aceitaríamos que um *marchand* cortasse uma tela de Rembrandt em quadrados de 5 centímetros e os vendesse lindamente emoldurados. Por que, então, muitas vezes nos alegramos e celebramos quando a comunidade de Jesus é dividida em grupos contenciosos e competitivos? E por que a

pergunta retórica de Paulo: "Acaso, Cristo está dividido?" (ICo 1:13) continua a ser ignorada um século após outro?

AO PASSARMOS DA CRIAÇÃO para a história e desta para a comunidade, encontramos níveis crescentes de complexidade. Uma consideração acerca dessas complexidades pode esclarecer a natureza da ameaça sectária. Só a criação já é suficiente para ocupar uma vida inteira de estudos. Poetas e cientistas estão sempre chamando nossa atenção para os detalhes que insistimos em ignorar. Observamos como a estabilidade relativa e a transcendência da criação se expandem na imanência da história marcada por grandes movimentos e acontecimentos interpenetrantes que se desenvolvem exponencialmente à medida que homens e mulheres agem e falam, fazem amor e guerra, exploram e inventam, compram e vendem, constituem famílias e formam governos. Jornalistas procuram acompanhar tudo o que acontece a cada hora, a cada dia. Estudiosos procuram entender e discernir o significado dos acontecimentos.

Mas essa complexidade espantosa avança de modo espetacular e se torna ainda mais intricada quando tratamos de almas em comunidade, de nossa existência em comum. O universo dentro de nós e em nosso meio — nossos corpos e almas em comunidade — é mais complexo do que os universos fora de nós, os âmbitos formidáveis da criação e a da história. Não é nada fácil analisar e compreender as florestas tropicais. E preciso uma inteligência aguçada e ampla para juntar as partes que constituem a história da civilização asteca. Mas o que dizer da alma humana em comunidade? Por onde começar?

Esse é um universo com mistérios que não se prestam a análises laboratoriais e estudos de campo. Nós, seres humanos, pelo menos a maioria de nós, não ficamos parados o tempo suficiente para ser estudados de forma impessoal e objetiva por algum suposto especialista. Recusamos ser reduzidos. Recusamos ser explicados e, com isso, ser desconsiderados.

É compreensível que nos sintamos sobrepujados e recuemos diante das complexidades. Nossa percepção central acerca de nós mesmos é, evidentemente, o "eu" — "eu, eu mesmo e mais ninguém", como alguns costumam dizer. Mas, depois de algum tempo, percebemos que a existência é muito mais do que "minhas" necessidades, "meus" desejos e impulsos. Nascemos sem nosso consentimento. Então, esperneando e berrando, somos arremessados para dentro da criação e da história. Recebemos algumas semanas, talvez alguns meses, para desfrutar da ilusão de centralidade, como se fôssemos os únicos ocupantes deste universo, mas logo começa um processo longo, lento e árduo de socialização, a passagem do "eu" para o "nós": há outros membros em nossa família, vivemos numa vizinhança, as glórias da criação se descortinam diante de nós, as aventuras, os perigos, as surpresas e catástrofes da história começam a penetrar nosso casulo e, então — vejam só! —, descobrimos que nos encontramos inescapavelmenre *envolvidos* naquilo que está acontecendo e nos damos conta que não temos como sair desse envolvimento. Quer a idéia nos agrade quer não, somos participantes de um circo de três picadeiros: criação, história e comunidade.

Podemos tentar nos retrair — aliás, é o que muitos fazem —, juntar nossos brinquedos e voltar para casa, como diriam nossos filhos. Essa é uma reação bastante comum. Parece uma opção fácil, mas, a longo prazo, mostra-se ineficaz. Ao que parece, estamos todos presos uns aos outros ("todas as famílias da terra!") na grande esfera da criação, enquanto o drama da história se desenrola diante de uma platéia lotada. Mas isso não significa que precisamos gostar dessa situação, que não podemos tentar encontrar algo que exija menos de nós e que seja mais controlável. Que tal uma facção, uma seita? Não exatamente uma negação da comunidade, mas a exclusão do maior número possível de seus membros e uma redefinição conveniente para mim.

O ESTÍMULO DO SECTARISMO tem suas raízes no egotismo, na presunção de que não preciso dos outros e de que o valor

deles se limita àquilo que podem fazer por mim. O egotismo reduz a vida a meus apetites, minhas necessidades e preferências. O resultado do egotismo é a expulsão do Jardim. Mas, uma vez que estamos "por nossa conta", a leste do Éden, descobrimos que não conseguimos nos defender sem alguma ajuda, de modo que unimos forças com outros indivíduos por uma questão de necessidade, insistindo, ao mesmo tempo, em nossa independência e excluindo todos os que não correspondem às nossas preferências. Tornamo-nos uma seita.

As seitas são constituídas de homens e mulheres que reforçam seu egotismo básico juntando-se a outros que buscam tipos semelhantes de amor exagerado pela própria personalidade, que gostam das mesmas comidas, que acreditam nos mesmos ídolos, que participam dos mesmos jogos, que desprezam os mesmos intrusos. Logo no início da história humana, o egotismo transformou-se em sectarismo, tendo como objetivo comum a construção de uma torre para alcançar o céu sem a necessidade de relacionamento com o Deus do céu. A tentativa desintegrou-se, gerando uma miscelânea de seitas, cada uma incompreensível à outra. Babel é a cidade natal do sectarismo. Com o chamado de Abraão, iniciou-se o movimento longo, lento, complexo e contínuo de reunir todos esses indivíduos numa comunidade, o povo de Deus. O nascimento da comunidade de Jesus no dia de Pentecostes foi um repúdio implícito, porém enfático, e uma inversão do sectarismo de Babel.

COMO ACONTECE COM tanta freqüência nas questões da experiência humana, os gregos nos oferecem uma ilustração perfeita, uma história esclarecedora do egotismo que dá origem ao sectarismo. É a história de Narciso.

Narciso era um rapaz extremamente belo. Todas as moças se apaixonavam por ele. Elas o adoravam, se atiravam a seus pés e o tratavam como uma celebridade glamorosa com todos os atributos de um deus. Mas Narciso não ligava para essas moças. Ele as repelia, ignorava e rejeitava, desprezando a adulação. Narciso estava ocupado demais para dar atenção a

elas; ele próprio era toda a companhia de que precisava. Não podia perder tempo com ninguém; ele próprio exigia toda a sua atenção.

Uma das moças que Narciso desprezou pediu aos deuses que a vingassem, e sua oração que foi respondida de imediato. (As divindades gregas adoram responder a esse tipo de oração.) A grande deusa Nêmesis ouviu o pedido da moça desconsolada e se pôs a tratar de Narciso. No mundo grego, os deuses e deusas não deixam as pessoas com esse tipo de comportamento desumanizador escaparem impunes. Nêmesis decretou: "Aquele que não ama a outros amará somente a si mesmo". Um dia, Narciso curvou-se sobre uma lagoa para beber água e viu o reflexo de si mesmo. Nossa! Ele já sabia que era especial; sabia que as moças viviam competindo para receber sua atenção. Mas não fazia idéia de que era *tão* lindo.

No mesmo instante, ele se apaixonou por seu reflexo e exclamou: "Agora eu sei o que todas aquelas moças vêem em mim, não é de admirar que se apaixonem por mim — *eu* estou apaixonado por mim! Como poderia deixar de olhar para tanta beleza refletida nessa água?". Narciso não conseguiu se afastar de sua imagem. Ajoelhado junto à lagoa, ele definhou, preso a um longo olhar de veneração por si mesmo. O mundo todo foi reduzido a essa imagem, Narciso adorando a si mesmo. Narciso foi ficando cada vez menor, até não sobrar nada; sustentou-se do seu ego e morreu de fome. O egotismo é suicídio. Até hoje, a única coisa que resta de Narciso é uma flor branca, um monumento frágil no cemitério do egotismo.

NARCISO PODE PARECER um personagem improvável nos meios cristãos. Homens e mulheres tão radicalmente reorientados nesta criação grandiosa transbordante de maravilhas, tão amavelmente convidados a participar da história à mesa eucarística onde há tanto a receber e compartilhar, podem parecer imunes, pelo menos, às formas mais infundadas de egolatria.

E, no entanto, os descendentes de Narciso continuam aparecendo em nossas comunidades de almas criadas e salvas. Ficam tão obviamente deslocados no contexto da revelação bíblica que seria de esperar que fossem notados de imediato e radicalmente banidos. Na maioria das vezes, porém, são recebidos de braços abertos, bajulados, colocados em cargos de liderança e transformados em celebridades. São homens e mulheres cuja vida teve o centro focai deslocado do próprio "eu" para o Salvador pelo culto prestado a um Deus soberano, pessoas que foram redefinidas de papéis ou funções pessoais para os de filhos e filhas de Deus e irmãos e irmãs uns dos outros.

E um fenômeno estranho ver um seguidor de Jesus subitamente obcecado pela alma que *ele* salvou, ocupando-se em cultivar diligentemente a própria espiritualidade. A auto-espiritualidade tornou-se a marca registrada de nosso tempo. A espiritualidade do "eu". Uma espiritualidade de egocentrismo, auto-suficiência e desenvolvimento próprio. Hoje em dia, pessoas de todas as partes do mundo, cristãos redefinidos pela revelação de Deus no nascimento, morte e ressurreição de Jesus, põem-se a desenvolver o elemento divino dentro de si e abandonam cônjuges, filhos, amigos e congregações.

Além de ser estranho, esse fenômeno é absurdo. Para começar, complica nossa inclusão na oração de Jesus por seus amigos prestes a se dispersar, pedindo "que rodos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós [...] a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade" (Jo 17:21,23). Além disso, esse fenômeno remove o mandamento do amor — a ordem fundamental e insistentemente repetida — de sua posição de controle e influência em nossa vida. É evidente que não pensaríamos em eliminar o mandamento do amor, mas com freqüência o empurramos para a margem e, desse modo, o relativizamos. Escolhemos pessoas, lugares e ocasiões para colocá-lo em prática. Em outras palavras, o confinamos às quatro paredes de uma seita.

Todavia, a vida de santidade, a vida de ressurreição não é projeto independente. Somos *povo* de Deus e não podemos viver uma vida santa e de ressurreição como indivíduos isolados. Não somos uma comunidade autodefinida; somos uma comunidade definida por Deus. O amor que Deus derrama em nós cria uma comunidade na qual se reproduz em nosso amor uns pelos outros.

RARAMENTE O NARCISISMO aparece em sua forma grega pura. Desenvolvemos maneiras de manter nossas predisposições narcisistas sem atrair (esperamos nós) a atenção de Nêmesis. Normalmente, evitamos a aparência do individualismo crasso por meio do sectarismo. A seita é uma fachada para o narcisismo. Reunimo-nos com outras pessoas em nome de Jesus, mas definimos essas pessoas de antemão de acordo com nossos gostos e nossas predisposições. Isso não passa de disfarce para o individualismo: reduzimos a comunidade a condições favoráveis ao "eu" imperial.

O impulso sectário é forte em todos os ramos da igreja, pois oferece uma aparência extremamente conveniente de comunidade sem as dificuldades decorrentes de amar pessoas que não aprovamos ou de deixar Jesus nos conduzir a relacionamentos com todos os homens e mulheres que procuramos evitar. Uma seita é constituída pela redução de uma comunidade, livrando-nos daquilo que não nos agrada, daquilo que nos ofende, sejam idéias ou pessoas. Em vez de ingressarmos em comunidades da ressurreição, formamos clubes religiosos. As seitas são os cupins na casa do Pai.

A tentativa de reduzir a comunidade da ressurreição a seita é ameaça perpétua. Deus não tinha isso em mente quando derramou seu Espírito sobre os seguidores de Jesus reunidos em oração naquele dia memorável em Jerusalém.[133]

---

[133] Não parece haver muito que possamos fazer para eliminar o sectarismo institucional herdado por todos nós. No entanto, qualquer espiritualidade digna desse nome pode e deve resistir a atitudes e a um espírito de sectarismo e se recusar a criar uma espiritualidade formada de reduções ou exclusões. A diversidade no corpo de Cristo não é, necessariamente, o mesmo que sectarismo. A diversidade na comunidade pode, de fato, ser sinal de saúde, como o é numa

PRIMEIRO TEXTO-BASE: DEUTERONÔMIO

A vida cristã não é um projeto independente. Somos *povo* de Deus e não podemos viver a vida cristã sozinhos. Vivemos em comunidade, independentemente de desejarmos ou reconhecermos esse fato. A Bíblia não deixa espaço para cristãos solitários. Ao sermos criados e salvos, recebemos a ordem de colocar em prática a criação e a salvação na comunidade reunida por Cristo por meio do Espírito Santo. Deuteronômio e Atos são textos de grande relevância para nos fundamentar nesse universo, nessa comunidade na qual Cristo atua.

DEUTERONÔMIO OCUPA UMA posição estratégica em nosso entendimento do processo de constituição do povo de Deus. Ele trata da formação da comunidade do povo de Deus, acima de tudo. Seria difícil superestimar o poder do último livro do Pentateuco de moldar nossa participação na comunidade. Apresentado na voz de Moisés, Deureronômio prega o significado e a formação de uma comunidade sagrada. Baseando-se no conteúdo fundamental da criação e salvação narrado nos quatro primeiros livros do Pentateuco, a linguagem de Deuteronômio ganha o tom de sermão.

Depois de longo período de treinamento (quarenta anos!), as palavras são dirigidas ao povo considerando-o capaz de realizar aquilo para o qual foi criado e salvo: viver como povo de Deus na terra prometida de Deus. Viver uma vida de santidade. Viver a revolução da criação/ salvação. Foi necessário um bocado de tempo para os israelitas crescerem; agora, encontram-se no limiar da maturidade e são chamados para amar. O amor é o ato mais maduro dos seres humanos. Tanto nas estatísticas de Deuteronômio quanto no sermão de Moisés, o termo "amor" ocupa lugar de destaque.

---

floresta ou numa fazenda. As denominações, em si, não são destrutivas, mas, se funcionam como seitas excludentes, competitivas e arrogantes, destroem aquilo que proclamam.

A história

Deuteronômio encaixa-se numa história que confere relevância ao significado de sermos reunidos e formados pelo Espírito Santo como comunidade da ressurreição. O rei Josias e o profeta Jeremias desempenham papéis importantes no relato. Em 2Reis 22—23 e em 2Crônicas 34—35 encontra-se o registro de uma série de fatos ocorridos por volta de 622 a.C. em Jerusalém.

Eis a história. Josias subiu ao trono por volta de 640 a.C, aos oito anos de idade — aparentemente jovem demais para ser rei. O início de seu reinado numa idade tão tenra foi decorrente de um ato de violência: seu pai, Amon, foi assassinado por um grupo de conspiradores num golpe palaciano sangrento. Os assassinos foram presos e mortos imediatamente por outro grupo, que, então, salvou Josias e se apressou em coroá-lo, transformando-o no rei mais jovem a se assentar no trono de Judá. Josias foi morto pelo faraó egípcio numa batalha em Megido em 609 a.C. O início e o fim de seu reinado foram marcados pela violência. No entanto, os 31 anos em que reinou foram absolutamente extraordinários, o que, em grande parte, pode ser atribuído a Deuteronômio.

Josias herdou uma grande confusão moral e política. É provável que seu avô, o rei Manasses, tenha sido o pior rei que Judá teve. Nos 51 anos de seu governo, encheu o reino de todo tipo imaginável (e inimaginável até) de mal. Naquele tempo, a Assíria era a potência mundial predominante. Havia intimidado o mundo por trezentos anos e adquirido a característica de transformar a perversidade numa forma de arte — crueldade, tortura, lascívia, magia negra, mediunidade, bruxaria, feitiçaria, sacrifícios de crianças. Não deixavam nada de fora.

Por mais improvável que pareça, tendo em vista sua linhagem como líder do povo de Deus, Manasses era grande admirador de tudo que fosse proveniente da Assíria e importou grande parte de sua perversidade para Judá e Jerusalém. Inspirado nos cultos assírios, construiu, por todo o país, santuários que misturavam sexo e religião; erigiu obscenos pilares fálicos em homenagem à deusa Asserá;

encheu o templo de Salomão de imagens e relíquias imundas e até construiu anexos no templo destinados à prostituição masculina. É difícil imaginar situação pior: uma cloaca moral, um pesadelo espiritual, a criação profanada, a salvação repudiada, a comunidade sagrada arruinada. Amom, o pai de Josias, seguiu o caminho de Manasses, mas, dois anos depois, o assassinato interrompeu sua trajetória. Foi nessas condições que, aos oito anos de idade, Josias foi colocado no trono de Judá.

Segundo se supõe, as pessoas que salvaram Josias de ser morto pelos assassinos de seu pai também se mantiveram ao redor, guiando-o e aconselhando-o durante a infância até ele ter maturidade suficiente para governar por conta própria. O registro bíblico não traz essa história. Terá sua mãe, Jedida, exercido alguma influência? Sabemos apenas dos resultados: aos dezesseis anos, ele "começou a buscar o Deus de Davi, seu pai" (2Cr 34:3). Aos vinte, estava governando sozinho e começou a limpar a bagunça deixada por Manasses, purificando o país das idolatrias do sincretismo de sexo e religião (34:3). Adotou Davi como exemplo em todas as questões de governo: ele "andou em todo caminho de Davi, seu pai, e não se desviou nem para a direita nem para a esquerda" (34:2).

Quando Josias estava com 22 anos, encontrava-se em andamento uma grande reforma no santuário e Hilquias, o sumo sacerdote, descobriu um rolo de pergaminho contendo o "Livro da Lei do SENHOR, dado por intermédio de Moisés" (34:14). O "Livro" era Deuteronômio.[134] Josias, ao ouvir a leitura do livro, transformou-o imediatamente em seu texto-base para completar a reforma que iniciara seis anos antes. Foi um momento crítico de seu reinado: ele encontrou seu texto. Sem hesitar, pôs-se a realizar a reconstrução abrangente de seu país como comunidade do povo de Deus.

---

[134] Seu nome não é citado em Reis e Crônicas, mas foi identificado como tal no início da história da igreja por Atanásio, Crisóstomo e Jerônimo, identificação confirmada por todos os estudiosos de hoje.

QUATRO ANOS DEPOIS DE Josias ter iniciado o movimento de reforma, Jeremias recebeu seu chamado para ser profeta e começou a pregar o arrependimento, usando uma linguagem em que podemos observar várias afinidades com palavras e expressões do livro de Deuteronômio. Ao que parece, o rei e o profeta estavam em pleno acordo. Em retrospectiva, temos a nítida impressão de que Deuteronômio forneceu o texto que Deus usou na vida de Josias e Jeremias para salvar o povo da extinção. Um de nossos estudiosos mais competentes de Deuteronômio faz uma avaliação incomum: a reforma "revolucionou todos os aspectos da religião israelita".[135]

Jeremias e Josias tinham aproximadamente a mesma idade. (De acordo com uma hipótese plausível, Jeremias era dois anos mais velho que Josias.) Jeremias cresceu no lar de um sacerdote no vilarejo de Anatote, cerca de 3 quilômetros e menos de uma hora de caminhada do palácio real em Jerusalém, onde Josias morava. Teriam sido amigos de infância? O rolo de pergaminho foi descoberto no templo pelo sumo sacerdote Hilquias. O pai de Jeremias era um sacerdote chamado Hilquias. O pai de Jeremias foi o mesmo sacerdote que descobriu o pergaminho de Deuteronômio? Talvez.

De qualquer modo, com a descoberta do pergaminho, Josias iniciou um movimento enérgico de reforma por todo o reino, usando como texto o livro de Deuteronômio. Quatro anos depois da descoberta do rolo de pergaminho, Jeremias recebeu o chamado para ser profeta. Não há evidências sólidas de que Josias e Jeremias trabalharam em conjunto no movimento de reforma, mas tudo leva a uma resposta afirmativa. Jeremias menciona o nome de Josias quatro vezes (Jr 3:6; 25:3; 36:1-2) e faz alusão a ele mais uma vez (Jr 22:15-16). A julgar pelos registros de suas pregações (o livro de Jeremias), podemos ver que boa parte de seu discurso reflete a linguagem de Deuteronômio. Quando Josias foi morto na batalha de Megido, Jeremias pregou o sermão em seu funeral (2Cr 35:25).

---

[135] Moshe WEINFELD, "Deuteronomy 1—I1", *The Anchor Bible,* vol. 5, p. 37.

Por treze anos, Josias e Jeremias, o jovem rei e o moço chamado para ser profeta, foram aliados no trabalho de dirigir uma grande reforma em Judá, reconduzindo o povo de Deus — arrasado, dizimado e corrompido — à sua condição de verdadeira comunidade adoradora. Josias derrubou os santuários de sexo e religião e os pilares fálicos abomináveis e destruiu as fornalhas usadas para o sacrifício de crianças — uma faxina geral. E Jeremias pregou seus sermões de arrependimento e perdão, chorou rios de lágrimas lamentando as profundezas da degradação à qual o povo havia descido, condenou a venalidade e as mentiras que passavam por religião nas pregações populares da época, desafiou as mensagens levianas e vulgarizadoras que garantiam ao povo estar tudo bem: "Curam superficialmente a ferida do meu povo" (Jr 6:14).

EM CERTO SENTIDO, a reforma não durou muito tempo — exatamente treze anos. O Egito e a Babilônia, então, se livraram da Assíria (o que foi bom), mas conquistaram Judá (o que não foi bom) e não tardou para a Babilônia exilar Judá. Em outro sentido, porém, a reforma liderada por Josias e pregada por Jeremias formou um povo de Deus que não apenas sobreviveu à derrota política em grande escala, à escravidão e ao exílio, mas até prosperou. A reforma de Josias, que usou Deuteronômio como seu texto-base, formou ("re-formou") o povo de Deus numa comunidade de adoração e amor que durou mais quinhentos anos de muito sofrimento e ataques até ser novamente "re-formada" pelo Espírito Santo como comunidade da ressurreição de Jesus Cristo.

As campinas de Moabe

Deuteronômio é um sermão. Na verdade, é uma série de sermões. E o sermão mais longo da Bíblia e, possivelmente, o mais longo da história. Apresenta Moisés, em pé nas campinas de Moabe, pregando ao povo de Israel reunido diante dele. É seu último sermão. Quando ele o completar, deixará o púlpito, subirá a um monte e morrerá.

O cenário é comovente, repleto de emoção. Moisés havia entrado no relato bíblico da salvação como um bebê nascido no Egito sob ameaça de morte. Agora, 120 anos depois, com a visão mais aguçada do que nunca e caminhando com facilidade, ele prega esse sermão imenso e morre, ainda transbordando de palavras e vida.

Esse sermão cumpre o objetivo de todos os sermões: toma as palavras de Deus, escritas e proferidas no passado, junta a experiência humana ancestral e pessoal da congregação que está ouvindo e, então, reproduz as palavras e a experiência como um só acontecimento atual, do momento presente. Um sermão transforma palavras *sobre* Deus em palavras *de* Deus. Converte tudo o que ouvimos ou lemos a respeito de Deus e de seus caminhos numa proclamação pessoal das boas-novas de Deus. Um sermão transforma água em vinho, converte pão e vinho no corpo e no sangue de Cristo. Um sermão torna novamente pessoal o que, um dia, foi presente e pessoal para Isaque e Rebeca, Rute e Boaz, Davi e Abigail, Maria e Isabel, Pedro e Paulo, Priscila e Áquila. Para você. Para mim.

Nenhuma palavra proferida por Deus é apenas objeto espiritual a ser estudado; nenhuma experiência humana é história morta a ser simplesmente lamentada ou admirada. O uso contínuo e insistente que Moisés faz dos termos "hoje" e "agora" ao longo de seus sermões mantém o povo alerta e responsivo. Uma série completa de experiências humanas recebe vida e salvação pela revelação plena de Deus. É o que Moisés está fazendo em seu púlpito magnífico nas campinas de Moabe: Vivam isto! Agora!

Outro papel do sermão na comunidade do povo de Deus é servir, contínua e poderosamente, de principal meio de conversão gramatical da linguagem de "eles" para "nós", de "era" para "é", de "outrora" para "agora". Mesmo que seja inepto ou sem a técnica adequada, um sermão que preserva a linguagem local e pessoal da comunidade pode ser proveitoso.

As campinas de Moabe foram a última parada na jornada de quarenta anos que levou os israelitas da escravidão do

Egito para a liberdade na Terra Prometida. O povo de Israel tivera várias experiências como comunidade: livramento, caminhadas sem rumo, rebeliões, guerras, providência, adoração, orientação. Ouvira várias coisas da parte de Deus: os mandamentos, as condições da aliança, os procedimentos para os sacrifícios.

Agora, ao pregar seu grande sermão nas campinas de Moabe diante do rio Jordão, com os israelitas prontos para atravessá-lo e tomar posse da nova terra, Moisés se certifica de que eles não deixarão nada para trás, nem sequer um detalhe de sua experiência da revelação de Deus: coloca no tempo presente toda sua experiência de salvação e providência (cap. 1—11) e toda a revelação dos mandamentos e da aliança (caps. 12—28); e encerra tudo com uma ordem e uma bênção para iniciá-los na fé e na obediência *de hoje* (caps. 29—34). "Vamos."

SER SALVO É FÁCIL; DIFÍCIL — terrivelmente difícil — é tornar-se uma comunidade.

No relato que temos diante de nós, nada poderia ser mais fácil, do ponto de vista humano, do que ser salvo. Essas pessoas, nossos antepassados na salvação, prepararam uma refeição de cordeiro, legumes e pão, comeram e simplesmente saíram a pé do Egito, deixando para trás quatrocentos anos de escravidão, seguindo Moisés para leste até um mar impassível. Lá, ficaram olhando enquanto Moisés estendia seu bordão sobre as águas. Espantados, viram as águas se dividirem até a outra extremidade, revelando uma passagem seca, provavelmente pavimentada com asfalto de Sodoma e Gomorra. Atravessaram. Quando alcançaram a margem oposta, olharam para trás e viram os cavalos e carros egípcios perseguindo-os a toda velocidade. Em pânico, amontoaram-se à espera da morte, que avançava contra eles pelo caminho que cortava o mar. Então, quando o exército do faraó espalhava-se por toda a extensão daquela estrada miraculosa, cavalos galopando, carros se aproximando com um barulho ensurdecedor e homens gritando, o mar se

fechou sobre os egípcios. O povo estava salvo. Moisés, o líder de fala titubeante, assume o papel inesperado de chantre, como se tivesse feito isso a vida inteira, e os dirige no cântico do grande hino de salvação:

> Cantarei ao SENHOR, porque triunfou gloriosamente;
> lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.
> O SENHOR é a minha força e o meu cântico;
> ele me foi por salvação;
> este é o meu Deus; portanto, eu o louvarei;
> ele é o Deus de meu pai; por isso, o exaltarei.
> O SENHOR é homem de guerra;
> SENHOR é o seu nome.
>
> Êxodo 15:1-3

Os montes ressoaram com o hino de salvação; com o passar do tempo, esse cântico tornou-se o hino nacional dos israelitas. Miriã e as mulheres pegaram seus tamborins e começaram a dançar. Cântico de salvação, dança de salvação. E o povo, que não havia feito outra coisa senão andar e olhar, começou a cantar e dançar. O que poderia ser mais fácil?

Três dias depois, o povo se queixava porque a água tinha gosto desagradável. Deus lhes deu água fresca (Ex 15:23-25). Um mês e meio depois, voltaram a se queixar porque não gostavam da comida. Deus lhes deu "pão do céu", o maravilhoso maná, com instruções sobre como recebê-lo. Mas o povo desobediente e obstinado desprezou as instruções e procedeu a seu modo (cap. 16). Mais uma vez, houve problema com a água, e os israelitas insatisfeitos descontaram sua frustração em Moisés, irando-se a ponto de se mostrarem dispostos a matá-lo (Êx 17:1-7). Nos três primeiros meses de sua salvação, encontramos catorze referências da incapacidade do povo de agir como comunidade.[136]

---

[136] O vocabulário é revelador: "murmurar", nove vezes (15:24; 16:2,7 [duas vezes],8 [duas vezes],9,12; 17:3); "contender", três vezes (17:2 [duas vezes]; 17:7); e dois exemplos de desobediência (16:20,28).

Quando Jetro, sogro de Moisés, o encontrou no deserto, trazendo consigo a esposa e os filhos de Moisés para ficarem com ele, ficou assustado com o que viu: Moisés passava todo o tempo, de manhã até à noite, resolvendo desentendimentos e rixas dessa congregação briguenta. Jetro o ajudou a organizar um sistema judiciário para que o genro não precisasse fazer tudo sozinho. A simples necessidade de um sistema abrangente como esse mostra a natureza contenciosa do povo (Ex 18:13-27). Essas pessoas salvas não tinham a mínima idéia de como poderiam conviver.

MOISÉS COMEÇA SEU sermão nas campinas de Moabe repetindo os acontecimentos ocorridos antes de sua chegada àquele local. Quando os israelitas partiram do monte Sinai rumo a Canaã, demoraram apenas onze dias para chegar a Cades-Barnéia, à porta da Terra Prometida (Dt 1:2). Mas as queixas, a má vontade e o espírito desobediente passaram dos limites — eles ainda não eram capazes de viver como comunidade na nova terra —, e Deus os enviou de volta para o Sinai para começar da estaca zero. Foram necessários mais 38 anos para voltarem, desta vez, preparados para entrar na terra —, um período de treinamento rigoroso para se tornarem uma comunidade capaz de viver livremente obediente e fiel em amor (2:14).

Agora, nas campinas de Moabe, Moisés recapitula as experiências pelas quais passaram ao longo dos quarenta anos, lembrando-lhes que essa espera era conseqüência da resistência obstinada, da indiferença e da relutância em aceitar os mandamentos e as promessas de Deus. Não foram seus inimigos nem o terreno acidentado que estenderam a jornada de onze dias para quarenta anos; isso aconteceu porque "murmurastes nas vossas tendas" (1:27).

Porém, mesmo depois de quarenta anos de treinamento intensivo no deserto, eles ainda estavam longe de ser uma comunidade ideal. E, como veremos logo mais, nunca serão, assim como nós nunca seremos. As comunidades utópicas não fazem parte do relato bíblico. Mas o povo de Israel havia

dado um passo na direção certa. Antes de despedi-los para herdar a terra, Moisés repassa com eles alguns fatos básicos. Começa com os princípios nos quais os iniciou quarenta anos antes no Sinai, as Dez Palavras que definiram as condições para viver em comunidade; acrescenta a elas um credo simples que fornece um enfoque comum; depois fala das prescrições gerais, selecionando e revisando as instruções do Sinai que serviriam de diretrizes para as questões do cotidiano que os aguardavam.

"Dez Palavras": as condições

Costumamos chamá-las, convencionalmente, de Dez Mandamentos, mas o texto hebraico fala de Dez Palavras (Dt 4:13; 10:4; Êx 34:28). As Dez Palavras definem as condições necessárias para uma comunidade do povo de Deus livre, amorosa e justa desenvolver-se e prosperar. Os três adjetivos — livre, amorosa e justa — são fundamentais.

A comunidade é um organismo intricado e complexo. E constituída de várias pessoas com diversos estados de espírito, idéias, necessidades, experiências, dons e dores, desejos e decepções, bênçãos e perdas, inteligência e estupidez, vivendo numa relação mútua de proximidade e respeito e adorando a Deus com fé. Não é fácil e não é simples. As condições, definidas pelas Dez Palavras, pelo menos tornam esse convívio possível. Nenhuma das condições é onerosa. Todas são, ao mesmo tempo, necessárias e inegociáveis.

Nenhuma comunidade digna desse nome existiu por muito tempo ignorando ou se rebelando contra essas condições.

AS DEZ PALAVRAS SÃO dispostas em quintetos, em dois grupos de cinco.[137] O primeiro quinteto determina as condições referentes a Deus; o segundo, as referentes aos seres humanos. Quando os dois quintetos, de um a cinco e

---

[137] Nem sempre as Dez Palavras são organizadas ou numeradas da mesma forma. Para uma discussão sobre as variações, veja Moshe WEINFELD, "Deuteronomy 1—11", p. 242-250.

de seis a dez, são colocados em colunas paralelas, chama primeiro a atenção o fato de serem formulados de maneira completamente diferente. Cada palavra do primeiro quinteto de condições referentes a Deus é formulada pela inclusão da expressão "o SENHOR teu Deus" e desenvolvida pela apresentação de um contexto, ou um motivo, ou uma expansão ou um fundamento para o mandamento. No segundo quinteto, que trata das condições referentes ao ser humano, cada palavra é ordem direta, sem rodeios: "Não...". E não me pergunte por quê.

A fim de vivermos em comunidade, o relacionamento com Deus que não podemos ver deve ter precedência sobre o relacionamento com os homens e mulheres que podemos ver. Assim, para que, na pressa de resolver as coisas verdadeiramente práticas que ocupam nossa mente, não permitamos que o invisível passe despercebido, para que não deixemos de atentar para a enorme seriedade do que está em questão e não coloquemos Deus em segundo plano, nosso ritmo é desacelerado pela expansão de cada palavra: há razões aqui que talvez não lhe tenham ocorrido, há conseqüências aqui das quais talvez você não tenha consciência, há um contexto envolvido que insere esse mandamento num universo muito mais amplo que aquele que você vê ao redor neste momento. Eis um quinteto de condições referentes a Deus sem as quais uma comunidade não pode existir. Reflita. Perceba. Imagine. Aceite. Adore.

E se vamos viver em comunidade, o relacionamento com homens e mulheres que vemos todos os dias deve ser encarado de frente. Talvez isso não seja tão óbvio quanto parece, pois não há nada mais comum em nosso meio do que transformar as pessoas com quem vivemos em abstrações, agrupando-as em categorias, idealizando-as ou demonizando-as, tratando-as de modo impessoal, como princípios ou projetos. Os imperativos absolutos em *staccato* no segundo quinteto nos impedem de projetar nossas preferências e aversões em outros, de despersonalizá-los e depois nos relacionar com eles da maneira que julgarmos mais apropriada. Eis aqui um quinteto de condições

referentes ao ser humano que não podem ser desrespeitadas caso desejemos viver em comunidade, não obstante nossos sentimentos ou idéias. Use nomes. Respeite. Ouça. Honre. Aceite. Sirva.

Primeira palavra

> Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim.
>
> Deuteronômio 5:6-7

Deus em primeiro lugar. A presença de Deus em nosso tempo, o agora, se dá onde também estamos presentes, nas condições em que vivemos, nós e nossos familiares e amigos, nossos vizinhos e os estrangeiros em nosso meio, e nossos inimigos também. Essa é a nossa vizinhança. E esse é o Deus que vive aqui e está prestes a nos dizer o que fazer. Mas sua ordem não é dada num vácuo; antes, é dada no contexto rico e amplamente conhecido da salvação da escravidão. Antes de ele nos dizer o que fazer, nos mostra o que fez; ele nos salvou de uma vida de escravidão. Não somos mais escravos sem nenhuma escolha. Somos livres para dizer "sim" ou "não". Nossa liberdade é dádiva da salvação de Deus. Isso ficou claro? Então, estamos prontos para ouvir a primeira palavra: "Não terás outros deuses diante de mim". Nossa escolha. E nossa porque Deus, tendo nos libertado, não violará nossa liberdade impondo-se sobre nós. A comunidade na qual vivemos não é formada por coerção. Ninguém é *obrigado* a viver com os outros a quem Deus salvou. Mas, se desejamos viver em comunidade, essa é a primeira condição: Deus sem rivais, Deus, sem considerar secretamente outras opções.

Segunda palavra

> Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra; não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniqüidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.

Os ídolos são não-deuses e, como tal, são muito mais convenientes para nós do que Deus, pois temos o prazer tanto de criá-los, usando nossa maravilhosa imaginação e aptidão de forma criativa, quanto de controlá-los. São deuses destituídos da divindade para que nós possamos continuar a ser deuses de nós mesmos. Temos inúmeras formas de fazer ídolos. As possibilidades são incontáveis e vão desde os céus acima de nós até a terra ao nosso redor e o mar abaixo de nós. Não é de se admirar que a criação e a adoração de ídolos sempre foi o jogo religioso predileto.

E, pelo fato de ser uma prática tão satisfatória para nós, é difícil entender por que é considerada errada. Afinal, é um ato espiritual. Estamos tratando daquilo que tem significado transcendente. Estamos adorando, um ato religioso por excelência e, portanto, sempre uma ação boa. A questão, porém, é que, em última análise, é um ato absolutamente vazio ou, pelo menos, totalmente desprovido de Deus.

Terceira palavra

> Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.
>
> Deuteronômio 5:11

O termo "Deus" não é um nome ou conceito a ser usado indiscriminadamente; não é ornamento verbal para dar cor ou ênfase ao nosso discurso. Deus é santo e soberano. Deus é aquele que dá sentido às palavras, que define a vida e tudo o que há nela. Não damos sentido a Deus; não podemos dar ênfase ou autoridade a quem somos ou ao que fazemos ou dizemos acrescentando o nome "Deus", por mais impacto que pareça causar. Quando reduzimos Deus a um nome entre outros, mais cedo ou mais tarde, todos os outros nomes se tornam despersonalizados, meras cifras empregadas para identificar outros de acordo com sua função ou papel, sem levar em consideração a dignidade e a reverência inerentes a cada pessoa e cada coisa. A própria linguagem acaba

perdendo sua capacidade de expressar maravilha, adoração, intimidade e, acima de tudo, fé e amor. Uma palavra — qualquer palavra, mas começando pelo nome "Deus" — usada "em vão" logo é reduzida a termos que sugerem consumo descartável.

A blasfêmia, o uso do nome de Deus para amaldiçoar, manifestar rejeição ou desprezo, é apenas o modo mais óbvio de usar o nome de Deus "em vão". A advertência da Terceira Palavra abrange todas as formas de uso descuidadas, impensadas e vulgarizadas do nome de Deus — e, talvez, seja dirigida especialmente para aqueles que se consideram crentes devotos em Deus. A linguagem em si, a começar pelo nome "Deus", é uma dádiva sagrada e preciosa que possibilita a vida em comunidade. Uma das práticas essenciais para a vida em comunidade é o cuidado reverente com a maneira de usar a linguagem. Isso começa pelo modo de dizermos "Deus", mas estende-se para o modo de empregarmos a linguagem quando estamos em torno da mesa de jantar, fazendo compras no supermercado, escolhendo um sapato na loja ou falando ao telefone.

Quarta palavra

> Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o SENHOR, teu Deus. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro das tuas portas para dentro, para que o teu servo e a tua serva descansem como tu; porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o SENHOR, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado.
>
> Deuteronômio 5:12-15

A ordem de guardar o sábado é um dos mandamentos pronunciados com mais freqüência na comunidade hebraica, provavelmente (caso a experiência contemporânea possa ser apresentada como prova) porque era transgredido com muita freqüência. Por que é tão difícil "guardar o sábado"? Por que

a santidade do tempo é descartada tão fácil e impensadamente? Por que esse mandamento solene, comunicado no contexto de uma autoridade tão augusta e sustentado por mais palavras de corroboração do que qualquer outra das nove palavras (fazer ídolos vem logo atrás), é tratado com tanta leviandade? E por que, mesmo quando é observado, e muitas vezes em sua própria observância, envolve transgressão do seu significado fundamental? Jesus, que viveu de acordo com a lei, teve vários desentendimentos com pessoas que estavam guardando o sábado, mas fazendo-o de uma forma que anulava o que era ordenado.

E porque não gostamos de abrir mão do controle? E porque desejamos ser importantes e vistos como membros atuantes da comunidade? E porque, se baixarmos a guarda, alguém se aproveitará de nós ou tomará nosso lugar? Tudo isso é possível, ou até provável.

Mas a comunidade não pode se desenvolver sem o sétimo dia. A observância desse dia nos faz dar sossego uns aos outros pelo menos uma vez por semana. O sétimo dia interrompe o domínio opressor, seja emocional seja físico, que alguns de nós exercem sobre outros, um domínio que impede a espontaneidade do amor e do sacrifício.

Observamos que o motivo dado para a observância do sétimo dia aqui é diferente do apresentado em Êxodo. Lá, o texto diz para guardarmos o sétimo dia porque Deus o guardou. Uma vez que ele descansou no sétimo dia, também descansamos nesse dia e voltamos a entrar nos ritmos de trabalho e repouso da criação. Em Deuteronômio, o texto diz que a observância do sétimo dia é uma simples questão de justiça; evita que os mais fortes explorem os mais fracos, mesmo em se tratando de pais e filhos, patrões e empregados, e até mesmo senhores e seus cavalos e mulas. Todo indivíduo recebe um dia para recobrar a dignidade simples de ser ele mesmo ou ela mesma dentro da comunidade, não importa sua função ou posição. Isso inclui até os cães e gatos.

Quinta palavra

> Honra a teu pai e a tua mãe, como o SENHOR, teu Deus, te ordenou, para que se prolonguem os teus dias e para que te vá bem na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá.
>
> Deuteronômio 5:16

Por que as mães e os pais são incluídos neste quinteto das Dez Palavras, o quinteto que define as condições referentes a Deus para viver em comunidade? Talvez para dificultar o hábito de colocar Deus num compartimento sagrado separado da vida diária. Ou, talvez, para enfatizar que o modo como devemos nos relacionar com Deus sempre tem sua equivalência na experiência diária. E que experiência diária é mais equivalente a ser filho de Deus do que ter pai e mãe?

Este mandamento nos mostra como reverenciar e honrar o Deus que não podemos ver honrando os pais que podemos ver. O mandamento para honrar os pais fundamenta, nos elementos específicos da vida diária, as ordens para honrar a Deus. A vida com outros é vivida de acordo com as condições (principalmente nas pessoas) que nos são dadas, e não nas que escolhemos. E nada nos *é dado* de maneira mais incondicional do que nossos pais. Ninguém pode escolher os próprios pais. E não é fácil crescer nos relacionando com eles.

Depois dos primeiros meses e anos de impotência, nos quais dependemos dos cuidados e do amor do pai e da mãe, começamos a sentir gradativamente uma sensação de interferência da parte deles. Além disso, demoramos a entendê-los ou nunca conseguimos; eles nos antecedem e muitas coisas a respeito deles são um mistério para nós — honramos e respeitamos o que ainda não conhecemos. Claro que não é sempre assim, mas isso acontece com freqüência, pois até os mais ineptos percebem logo que crescer não significa apenas "tornar-me *eu* mesmo". Eu sou quem sou num relacionamento de honra e reverência para com outras pessoas — e o primeiro e mais duradouro relacionamento do qual temos consciência é com os pais.

A educação apropriada que nos afasta da incompreensão e desobediência aos pais e nos conduz a um estilo de vida que honra pai e mãe também desenvolve um modo de vida que honra a Deus dentro dos parâmetros definidos pelas quatro primeiras palavras, esse Deus que está além da nossa compreensão e que também é conhecido por interferir em nossa vida. É por isso que a comunidade hebraica leva tão a sério a desonra aos pais (ver Êx 21:15,17; Lv 20:9; Dt 27:16; Pv 20:20; 30:11; Ez 22:7). A sentença que recai contra aqueles que amaldiçoam a Deus e aos pais é a mesma (cf. Lv 24:15-16 com Ex 21:17; Lv20:9; Dt 21:18-21).

Em seu comentário sobre o Decálogo, Fílon traçou um paralelo entre a honra devida a Deus e a honra devida aos pais:

> Os pais se encontram a meio caminho entre a natureza de Deus e a natureza do homem e participam de ambas [...] A meu ver, os pais são para os seus filhos aquilo que Deus é para o mundo [...] a diferença é que Deus criou o mundo, enquanto os pais criaram apenas seres individuais.[138]

Essas são as considerações que colocam a quinta palavra como mandamento final do primeiro quinteto, no qual "o SENHOR teu Deus" aparece em todos os mandamentos e não, como fazem alguns, no início da segunda tábua que trata dos relacionamentos humanos.

SE ENTENDERMOS O primeiro quinteto como uma explanação detalhada do mandamento de amar a Deus (Dt 6:5-6), devemos compreender o segundo quinteto como uma explicação do mandamento de amar ao próximo (Lv 19:18). A mudança abrupta de estilo confere a essa tábua uma austeridade em *staccato* — o texto não dá razões nem sugere motivos: são cinco imperativos absolutos.

Sexta palavra

> Não matarás.

---

[138] Ver WEINFELD, *Deuteronomy 1 —11,* p. 311.

Deuteronômio 5:17

A vida é sagrada e inviolável. Não apenas minha vida, mas também a sua. Não simplificamos nossa vida livrando-nos de outras vidas, por mais inconvenientes, repulsivas ou insuportáveis que nos pareçam. Nenhuma pessoa pode ser removida do meio da comunidade pelo voto da comunidade, nem, certamente, por um veto.

Sétima palavra

Não adulterarás.

Deuteronômio 5:18

O casamento é sagrado e inviolável. A intimidade de uma união realizada mediante votos é protegida da predação sexual. O desejo sexual não tem permissão de criar vida própria. A sexualidade envolve a comunidade; não é uma questão particular.

Oitava palavra

Não furtarás.

Deuteronômio 5:19

As coisas são sagradas e invioláveis. As coisas deste mundo — árvores e rios, jardins e desertos, dinheiro e ferramentas, carros e cachorrinhos — são dádivas concedidas à comunidade, e cada um de nós é responsável por guardá-las e cuidar delas (Gn 2:15). Não são objetos de pilhagem. As coisas deste mundo não estão à disposição apenas dos mais fortes e mais espertos.

Nona palavra

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Deuteronômio 5:20

As palavras são sagradas e invioláveis. O termo hebraico traduzido aqui como "falso" é o mesmo termo traduzido como "em vão" na terceira palavra. As palavras que usamos sobre o

nosso próximo ou para ele são tão sagradas quanto aquelas que usamos sobre Deus ou para ele. Conversas frívolas e vazias que rebaixam ou vulgarizam pessoas são sacrílegas e mentirosas. A linguagem é o sangue que dá vida à comunidade; se o sistema circulatório adoecer, a comunidade adoece e sucumbe a males como a mentira e a fofoca.

Décima palavra

> Não cobiçarás a mulher do teu próximo. Não desejarás a casa do teu próximo, nem o seu campo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.
>
> Deuteronômio 5:21

A última palavra do quinteto sobre o amor ao próximo penetra até o cerne. Até aqui, os mandamentos trataram de atos manifestos. Este trata de uma disposição interior — desejar o que é de outrem, o que não tenho, em vez de prezar o que tenho. Cobiçar é fantasiar uma vida diferente da que me foi concedida. Quando temos o hábito de cobiçar pessoas ou coisas (normalmente ambas), logo tramamos formas de impor nossa vontade sobre elas e conquistá-las a qualquer custo. Nada é sagrado. A cobiça é como uma infestação silenciosa de cupins; se não for detectada, as vigas acabam cedendo e o chão desaba. Nenhuma das nove palavras anteriores está imune à ação oculta e ardilosa da cobiça. A comunidade precisa permanecer vigilante.

Em termos gramaticais, o segundo quinteto poderia ser uma única oração, cada palavra ligada à seguinte pela conjunção "e". "Não matarás *e* não adulterarás *e* não...". O quinteto é uma cadeia contínua de mandamentos interligados. Nenhum funciona sozinho. E tudo ou nada.

ESSAS SÃO AS CONDIÇÕES necessárias para se viver em comunidade. Com freqüência, as Dez Palavras são individualizadas como um código para a moralidade pessoal. É uma forma inadequada de vê-las; são condições para a vida *em comunidade,* como povo de Deus em sua totalidade. Na

vida criada pela palavra de Deus e vivida na história não há atos privados — tudo é pessoal, mas nada é privado. Tudo o que fazemos é ligado a todo o resto. Quando algum de nós transgride até mesmo uma só dessas palavras condicionais, as implicações para a comunidade são imediatas e, por vezes, enormes (ainda que nem sempre aparentes).

"Ouve, Israel": o credo

> Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR.
> Deuteronômio 6:4

É o credo de Israel. Em hebraico, são apenas seis palavras: *Shema'Yisrael, YHWH elohenu, YHWH 'ehad.* Mas essas seis palavras eram suficientes para manter Israel leal e com os olhos fixos somente em Deus. Israel estava inserido numa cultura de muitos deuses. Os israelitas conviviam com pessoas extremamente religiosas que difundiam e expressavam suas afeições e expectativas religiosas de várias maneiras. Essas culturas — dos cananeus, filisteus, moabitas, egípcios, assírios, babilônios e outros — eram pitorescas e empolgantes, um grande circo de deuses e deusas acompanhados de espetáculos paralelos que prometiam as últimas novidades do Hades e mistérios do céu. Ofereciam de tudo para todos.

Comparados com toda essa extravagância multicolorida de seus vizinhos, a fé e o culto de Israel pareciam sem graça. Mas não sua vida; a vida em Israel não era sem graça. A fé os mantinha ancorados na realidade. A realidade e verdade de Deus. A fé os impedia de imaginar que a vida pode ser melhorada por uma coleção de deuses e deusas — ou de qualquer outra coisa; não há necessidade de acumular coisas, nem de procurar por todos os cantos do mundo *insights* novos, experiências inéditas, contos exóticos. A fé dava à comunidade um centro e uma referência: um SENHOR, somente um SENHOR.

Mas, juntamente com a sinceridade ardente, a austeridade simples e a seriedade resoluta desse credo, também há evidências de uma jocosidade que se infiltrou nas reflexões e

orações de nossos antepassados que leram, oraram e copiaram palavras e expressões com esse tom nos rolos de pergaminho das Escrituras da comunidade de adoradores. Essa jocosidade veio à tona por um grupo de estudiosos hebreus dos séculos VIII e IX da era cristã na cidade de Tibério, na região costeira da Galiléia, onde receberam o nome de "massoretas".

Essa jocosidade aparece no modo de copiar o credo: copiaram a última letra da primeira palavra, "ouve" *(shema*) em tamanho maior do que o das outras letras. Fizeram o mesmo com a última letra da última palavra "único" ('*ehad).* Com isso, a última letra da primeira palavra *(ayin* ou a) e a última letra da última palavra *(dálete* ou *d)* do credo, copiadas em letras maiores e com traços mais fortes, se destacam de modo a formar o termo hebraico *'ad,* que significa "testemunho". O credo é um *testemunho* daquilo que ordena e centraliza a vida da comunidade; e a comunidade que recita o credo é, analogamente, uma *testemunha.*

Acho isso muito simpático. A meu ver, não se trata de frivolidade, mas de uma seriedade lúdica de estudiosos que consideraram o texto de forma imaginativa e prática, saboreando suas possibilidades. Não estão apenas martelando uma letra após a outra obstinadamente; para eles, as letras têm vida, e eles vêem as possibilidades de participar dessa vida e convidar outros a fazer o mesmo. O credo de Israel não é um dogma árido sobre Deus; é um testemunho. E, quando o recitamos, também nos tornamos testemunhas.

MAS NÃO É SÓ ISSO. Aquilo em que se crê, que é testemunhado, é colocado imediatamente em ação: "Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração" (Dt 6:5-6).

O amor é a única ação apropriada para colocar o credo em prática. E evidente que seguem outras ações, mas este é o começo de tudo, de toda ávida que procede da presença, da natureza e dos mandamentos de Deus: *"Amarás* o SENHOR teu Deus".

Por mais corretos que estejamos a respeito do que cremos sobre Deus, por mais precisa que seja a expressão de nossa crença ou por mais magnificente e persuasiva nossa forma de pregá-la, escrevê-la ou declará-la, se o amor não moldar nosso modo de falar e agir, falsificamos o credo, confessamos uma mentira. A crença sem amor destrói vidas. A crença sem amor transforma o melhor dos credos em arma de opressão. Uma comunidade que crê, mas não ama ou coloca o amor em segundo plano — não importa seu sistema de crenças, ortodoxia doutrinária ou "declaração de visão" —, não demora a se tornar uma "sinagoga de Satanás" (Ap 2:9).

O "amor" é a palavra-chave de Deuteronômio, sua palavra mais característica. No entanto, não é uma palavra açucarada, sentimentalizada. Antes, reúne todos os nossos sentimentos de afeição, emoção e intimidade em algo mais fundamental e permanente, uma estrutura de lealdade ardente e exclusiva a Deus. Sem essa estrutura da fé fornecida na aliança de Deus conosco, o amor humano se desgasta ou atrofia, transformando-se num capricho da imaginação.

E bastante expressivo que, ao responder à pergunta do escriba: "Qual é o principal de todos os mandamentos?" (Mc 12:28-30), tenha sido esse o mandamento escolhido por Jesus como primeiro e incomparável, que sustenta todos os outros.

"Estes são os mandamentos, os estatutos e os juízos": As instruções de vida

Depois das Dez Palavras, que definiram as condições para a comunidade, e do Credo, que centraliza a comunidade somente em Deus e numa vida de amor, temos várias páginas de orientações que visam facilitar as complicações diárias da vida em comunidade (Dt 12—28).

As prescrições de Êxodo e Levítico, dadas no Sinai quarenta anos antes, são praticamente deixadas para trás pelos israelitas; elas cumpriram seu propósito. Não são ignoradas, mas a maioria delas não precisa se repetir: aquela infinidade de instruções para construir o lugar de culto, a mobília e os

utensílios para o culto, os altares, as mesas e os candelabros; descrições de como os sacerdotes devem se vestir; procedimentos para realizar os sacrifícios, de tal modo que a vida, em sua totalidade, pudesse ser visualizada e praticada em relação à misericórdia generosa e à graça indulgente de Deus. Moisés deixa isso tudo fora de seu sermão nas campinas de Moabe.

Outras partes não são excluídas, mas reexaminadas à luz da iminência da vida em conjunto na nova terra. A vida diária envolve centenas de detalhes que não podem ser deixados ao encargo da decisão individual imediata: detalhes do tipo "e se...". E se você matar alguém por acidente? E se uma virgem for estuprada? E se...?

Se desejamos viver em comunidade, não podemos colocar de lado coisas desse tipo, confiando que serão resolvidas entre homens e mulheres de boa vontade que, afinal de contas, são "salvos". Precisamos lidar com esses detalhes rotineiros da boa convivência.

MOSHE WEINFELD FALA de uma "abordagem humanitária singular" que caracteriza os "estatutos e juízos" de Deuteronômio.[139] O exemplo mais visível disso encontra-se nas Dez Palavras. Elas são copiadas quase palavra por palavra de Êxodo, com exceção de três referentes à observância do sétimo dia, onde o motivo que corrobora esse mandamento passa da questão teológica (guardamos o sétimo dia porque Deus descansou nele) para uma questão de justiça (nossas famílias, servos e animais precisam de repouso do trabalho contínuo); e com exceção da décima palavra, na qual o primeiro objeto da cobiça proibida é "a esposa do teu próximo", considerando a esposa em primeiro lugar, antes da "casa do teu próximo" que aparece no início da formulação de Êxodo (20:17). Esse verso representa a primeira de várias ocasiões nos estatutos e juízos de Deuteronômio em que se manifesta consideração pela dignidade das mulheres.

---

[139] *Deuteronomy 1 — 11,* p. 20.

ÊXODO TRAZ UMA CENTENA de versículos com instruções ("estatutos") que fornecem orientação para as necessidades diárias da vida no deserto (cap. 21—23), enquanto Levítico traz 335 versículos desse mesmo tipo de instrução (cap. 17—26), e todos servem de ponto de partida para Deuteronômio. A combinação desses 435 versículos é expandida para 439 em Deuteronômio (cap. 12—28) — a vida diária assentada na Terra Prometida está prestes a se tornar bem mais complexa. Muitas (talvez a maioria) das instruções são dirigidas, detalhe por detalhe, a condições locais culturalmente definidas que não têm muita relação com as condições em que vivemos hoje, três mil anos depois, numa democracia altamente tecnologizada.

Ainda assim, é impressionante que tanto cuidado seja dedicado aos detalhes de viver como povo de Deus em comunidade. As Dez Palavras definem as condições para viver em comunidade. O Credo fornece o enfoque unificador (somente Deus) e o motivo integrador (o amor). Dito isso, porém, ainda há um sem-número de detalhes do tipo "e se...?" que precisam ser tratados a fim de que a vida em comunidade não se embarace incessantemente nas minúcias.

Mas, ao contrário da apresentação das primeiras instruções em Êxodo e Levítico, Deuteronômio não é redigido como um código civil, tratando de questões financeiras com indenização por infrações. O tom geral aqui é de "garantir a proteção do indivíduo e, especificamente, dos indivíduos que necessitam de proteção".[140] São incluídas questões de direitos humanos, com uma preocupação especial com as mulheres, a família, a forma de tratamento dos escravos, o cuidado pelos pobres, os direitos de propriedade e até questões ambientais — questões que, ainda hoje, precisam ser consideradas detalhadamente em nossa comunidade.

Generalizações extremamente amplas e impositivas (as Dez Palavras; o Credo!), ainda que necessárias e fundamentais,

---

[140] WEINFELD, *idem,* p. 20. Também p. 30-35 para detalhes.

não servem de defesa contra os pecados supostamente "pequenos" ("... as raposinhas, que devastam os vinhedos", Ct 2:15) que homens e mulheres de boa vontade cometem inadvertidamente ou por ignorância (e, por vezes, como devemos reconhecer, com malícia piedosa), prejudicando a comunidade. G. E. Wright, bastante perceptivo em seu estudo desse texto, selecionou esses "estatutos e juízos" — tão facilmente ignorados ou descartados como arcanos — denominando-os "a glória do código deuteronômico".[141]

Moisés — Conclusão

Tendo em vista a magnificência de Deuteronômio à medida que a comunidade é "re-imaginada" por meio do sermão de Moisés, a conclusão de sua fala tem um tom de sobriedade. Recebemos detalhadamente as instruções sobre os fundamentos da comunidade nas condições reais da vida diária do povo de Israel (e nossa, como seus descendentes). "Deuteronômio [...] alcança uma eloqüência sóbria, sincera e tocante que o separa de toda a literatura da Bíblia".[142]

No entanto, apesar dessa sobriedade sincera, quase todos nós temos uma tendência incorrigível de romantizar as questões "espirituais". Nosso impulso é sair pelas tangentes da fantasia utópica, supondo que, se Deus nos envolveu em tudo isto, e se estamos devidamente comprometidos, a comunidade resultante deve ser idílica. A história de Moisés que encerra Deuteronômio com os dois poemas magníficos de sua autoria, o cântico (cap. 32) e a bênção (cap. 33), evita que a aplicação prática do sermão em nossa crença e nossa obediência se desvaneça numa neblina superficial de romantismo, que dissipemos as realidades práticas da salvação em cânticos sentimentais e discursos entusiásticos.

A vida de criação e salvação não consiste em pensar ou falar sobre Deus, mas em *viver* a dádiva de Deus: uma vida livre, uma vida de amor dentro das famílias e nos locais de trabalho sob circunstâncias de dificuldade, fracasso,

---

141 George Arthur BUTTRICK e outros (orgs.), *Interpreter's Bible, vol.* 2, p. 474.
142 Idem, p. 311.

decepção e dissabor — condições de pecado e morte. E Moisés é um dos exemplos clássicos nas Escrituras de fracasso e dissabor, da maneira com que as condições de pecado e morte se mostram inevitavelmente inerentes à comunidade em geral, mas particularmente à comunidade do povo de Deus.

Avançamos nesse texto de instruções básicas para a comunidade em oração e reflexão, percebendo o que significa viver juntos em obediência e amor, viver de forma imaginativa nessa jornada terrível, com as mortes e a desobediência; ouvimos o sermão que utiliza tudo o que está à mão como matéria-prima para a esperança e a promessa e, então, transforma tudo em responsabilidade, na capacidade de respondermos; todos se tornam participantes das palavras que constituíram o mundo, constituíram a salvação e, agora, constituem a comunidade. Essa deve ser a versão menos romântica de comunidade escrita até hoje: detalhada, honesta, específica, estimulante, sem ilusões.

DEPOIS QUE MOISÉS pregou seu sermão, escreveu-o, entregou aos sacerdotes e ordenou que o lessem para a congregação (homens, mulheres, crianças e estrangeiros) a cada sete anos, durante a Festa do Tabernáculo, comemoração outonal dedicada a lembrar a providência divina ao longo dos quarenta anos no deserto. Deuteronômio devia ser a instrução de vida do povo; a cada sete anos, os israelitas deviam fazer um curso de reciclagem (Dt 31:9-13). Em seguida, Moisés nomeou Josué para assumir a liderança e conduzir o povo ao outro lado do rio Jordão, à nova terra.

O cenário apresentado nas campinas de Moabe naquele dia é ideal: uma congregação de pessoas livres, completamente instruída na adoração e na obediência, prontas para entrar na terra da promessa. O sermão de Moisés colocou tudo diante deles de forma vivida e prática, suas frases e relatos magníficos ecoavam nos ouvidos do povo. Josué segura as rédeas da liderança que Moisés acabou de colocar em suas mãos. Moisés e Josué estão

diante da Tenda da Congregação; a coluna de nuvem, representando a presença de Deus no meio deles, aparece em sinal de confirmação e bênção. Um momento de emoção e realização. Um final perfeito.

Porém... Porém, há mais uma coisa. Deus tem uma conversa em particular com Moisés. Para Moisés, não deve ter sido agradável de ouvir; e, para nós, certamente não é agradável de ler. Mas precisamos ler a fim de estar preparados para viver como uma comunidade sagrada. Eis uma paráfrase do que Deus disse:

> Moisés, você está para morrer e ser sepultado com seus antepassados. Assim que isso acontecer, esse povo se levantará e se prostituirá com os deuses estranhos da terra na qual estão entrando. Eles me abandonarão e romperão a aliança que fiz com eles (31:16) [...] Assim, quero que você faça o seguinte: copie este cântico e ensine o povo de Israel a entoá-lo. Eles o considerarão como meu testemunho contra eles (31:19) [...] Eles se envolverão com outros deuses e os adorarão (31:20) [...] Quando tudo começar a se desintegrar, quando muitas coisas terríveis acontecerem, este cântico estará com eles como testemunho de quem eles são e daquilo que deu errado. Seus filhos não se esquecerão deste cântico; eles o entoarão.
>
> Não pense que eu não sei o que eles estão tramando fazer pelas minhas costas, pelas suas costas. E eles ainda nem entraram na terra, nessa terra que eu lhes prometi (31:22).
>
> Assim, Moisés, naquele mesmo dia, escreveu este cântico e o ensinou aos filhos de Israel (31:22).

O cântico dá os ritmos e as metáforas que manterão as experiências do povo de Israel, tanto seus pecados quando o cuidado de Deus para com eles, vivas e presentes para esclarecer e estimular a vida de adoração, amor e obediência da comunidade sagrada nas gerações subseqüentes. No entanto, não deve ter sido um fim muito agradável para Moisés. Ele dera tudo de si. Havia pregado seu último e mais primoroso sermão. Tinha escrito um livro extraordinário de sabedoria, amor e graça. Transferira sua autoridade para as mãos competentes de Josué. A coluna de nuvem havia enchido o ar com a luz resplandecente da presença de Deus.

Então, Deus sussurra para Moisés: "Só mais uma coisa, Moisés: tudo está prestes a se desintegrar; os israelitas não vêem a hora de você sair de cena para mergulharem de cabeça na religião orgíaca de sexo e fertilidade da cultura cananéia. Portanto, escreva uma última mensagem para ser lida depois de sua morte — redija-a na forma de cântico para que as crianças possam aprendê-la, para serem capazes de juntar os pedaços e recuperar essa comunidade sagrada que você começou e à qual você serviu tão competente e fielmente nesses quarenta anos".

No FIM DE SUA VIDA, Moisés entrega a liderança a Josué, ensina o cântico ao povo, abençoa a comunidade tribo por tribo e depois marcha para o alto do monte Nebo, para o cume de Pisga, de onde contempla a Terra Prometida que se estende até onde a vista pode alcançar. Ali ele morre. E Deus o sepulta (cap. 34).

SEGUNDO TEXTO-BASE: LUCAS/ATOS

Do quarteto inicial de aurores sobre Jesus, somente Lucas dá continuidade ao relato, mostrando a transição dos apóstolos e discípulos para a próxima geração. O mais impressionante — e Lucas emprega para esse fim sua arte literária com grande habilidade — é que se trata, essencialmente, do mesma história: a história de Cristo recapitulada na história cristã. Assim como Moisés reúne os quarenta anos de história da salvação desde o mar Vermelho até as campinas de Moabe em seu sermão de Deuteronômio e os converte na realidade presente, pronta para ser vivida na Terra Prometida de Canaã, Lucas reúne os trinta anos da vida de Jesus e os coloca em seu relato da primeira comunidade cristã à medida que ela se desenvolve ao longo dos trinta e poucos anos seguintes de sua existência — cristãos vivendo a vida de Jesus no Império Romano.

LUCAS/ATOS, UMA OBRA em dois volumes, coloca lado a lado a vida de Cristo e a vida da comunidade cristã. Na noite

solene de sua partida, Jesus dissera aos discípulos que seus seguidores dariam continuidade ao trabalho começado por ele: "Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai" (Jo 14:12). Em sua última oração com eles e por eles, ele coloca em paralelo a vida dele e a de seus seguidores: "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo" (17:18). A tarefa de Lucas é explicitar em detalhes esses dois "envios", o envio de Jesus ao mundo pelo Pai e o nosso envio ao mundo por Jesus.

A HISTÓRIA DE JESUS não termina com Jesus. Ele continua na comunidade de homens e mulheres que se arrependem, crêem e seguem. O sobrenatural não cessa em Jesus. A salvação de Deus, que se tornou articulada, visível e particular em Jesus, continua a ser articulada, visível e particular nos homens e mulheres que foram ressuscitados para uma nova vida nele, a comunidade da ressurreição.

O Espírito Santo

É muito provável que Lucas seja o único autor gentio do Novo Testamento. Também é o único evangelista que não foi testemunha ocular de Jesus. Todo seu conhecimento sobre Jesus é proveniente de outros, especialmente dos apóstolos, e também de todas as testemunhas a quem ele conseguiu ter acesso. Ele afirma que escreveu apenas "depois de acurada investigação de tudo desde sua origem" (Lc 1:3). Dentre os autores dos Evangelhos, ele tem a experiência ímpar de conhecer Jesus exclusivamente pela obra do Espírito Santo na comunidade dos seguidores de Jesus.

Portanto, é compreensível que o Espírito Santo seja proeminente no pensamento de Lucas e domine seu vocabulário. Os outros autores dos Evangelhos viram, ouviram e tocaram Jesus, comeram com ele, caminharam pelas estradas com ele, oraram com ele, ouviram-no contar histórias e ensinar, viram-no ser crucificado, foram

testemunhas de sua ressurreição e viram-no subir ao céu. Lucas recebeu tudo isso de segunda mão. O Espírito Santo, a maneira de Deus estar presente conosco, transformou esses relatos em experiências de primeira mão. Assim, é bastante natural que Lucas, cuja experiência com Jesus se deu exclusivamente por meio do Espírito Santo, se refira a ele com mais freqüência do que seus colegas evangelistas.[143]

Seu Evangelho começa com a visitação do Espírito Santo resultando em concepção; o livro de Atos começa de forma parecida, também com uma visitação do Espírito Santo resultando em concepção. O Evangelho relata a concepção de Jesus, o Salvador. Atos relata a concepção da igreja, a congregação dos salvos. As concepções realizadas pelo Espírito Santo devem ser entendidas como começos paralelos nas narrativas paralelas: Jesus e a comunidade de Jesus concebidos pelo Espírito Santo.

A concepção de Jesus

No Evangelho de Lucas, a concepção de Jesus é mostrada em conjunto com a concepção anterior de seu primo, João. João é concebido pelo Espírito Santo no ventre de Isabel, que já havia passado da idade de ter filhos. Seis meses depois, Jesus é concebido pelo Espírito Santo no ventre de Maria, uma virgem sem nenhuma experiência sexual. Isabel e Maria ocupam os extremos da impossibilidade de concepção. Isabel, uma mulher idosa e estéril que já havia passado da menopausa, e Maria, uma jovem virgem.

A primeira referência ao Espírito Santo se dá na mensagem do anjo Gabriel a Zacarias, anunciando que ele vai ser pai: "Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho [...] [ele] será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno" (Lc 1:13-15). Seis meses depois, o mesmo anjo Gabriel aparece na casa de Maria e lhe anuncia que ela terá um bebê. Quando Maria questiona a ingenuidade angelical de Gabriel acerca da

---

[143] Marcos tem apenas seis passagens nas quais o Espírito é mencionado; Mateus tem doze; João, quinze e Lucas, dezessete (possivelmente dezoito); em Atos, o Espírito aparece 57 vezes. Ver Joseph FITZMYER, *The Gospel According to Luke (I—IX),* p. 227.

reprodução humana — "Isso é impossível; sou uma virgem" —, Gabriel lhe diz: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra" (1:35).

Ainda há mais. Quando Maria visita Isabel, esta fica "possuída do Espírito Santo" e abençoa Maria (1:41).

Quando Isabel dá à luz João, Zacarias, o pai do menino, fica "cheio do Espírito Santo" e profetiza (1:67). Passados 33 dias do nascimento de Jesus, seus pais o levam ao templo para realizar a cerimônia de "purificação" prescrita por Moisés. Simeão, apresentado como um homem sobre o qual repousava o Espírito Santo e ao qual esse mesmo Espírito havia feito uma revelação (2:25-26), encontra Maria e José no templo e, "movido pelo Espírito" (2:27), toma o menino Jesus em seus braços e abençoa a criança e os pais.

Ao que parece, Lucas deseja deixar claro para nós que Deus está criando e confirmando a vida ativamente nesse contexto de absoluta impossibilidade. Sete vezes nesses dois capítulos iniciais, o Espírito Santo (ou Espírito) *é* descrito em relação a cinco pessoas: João, o bebê ainda no ventre; Maria, a virgem; Isabel, a grávida que concebeu por um milagre; Zacarias, o sacerdote idoso; e Simeão, o devoto.

No entanto, é importante observar que os nascimentos, em si, são completamente naturais. Os dois foram antecedidos por uma gravidez de nove meses. Os bebês nascidos em condições improváveis (de uma mulher estéril e de uma virgem) tiveram infância normal, foram desmamados, adquiriram aos poucos a capacidade de comer alimentos sólidos, um dia rolaram de bruços e começaram a engatinhar, andar e correr, balbuciaram ruídos que, de um dia para outro, se transformaram em palavras e depois, surpreendentemente, em frases.

Por mais miraculoso que o Espírito Santo seja na concepção da vida propriamente dita, ao que parece, ele não abrevia nem pula nada do que é humano. Não há nada numa vida concebida pelo Espírito Santo que a isente da sorte comum da humanidade. Ele não omitiu nada em Jesus, que foi "tentado em todas as coisas, à nossa semelhança" (Hb 4:15) e não omite nada em nós. Isso significa, é claro, que

não há absolutamente nada em nós inacessível ou incapaz de santidade. A humanidade, em si, é divinamente preciosa. O processo longo, complexo, repleto de perigos e, com freqüência, doloroso de crescimento do feto para a infância, desta para a idade adulta da geração e criação de filhos e, por fim, para a velhice é aceito e provido de significado e dignidade à medida que Deus, em Cristo, continua presente em nós e para nós pelo seu Espírito Santo.

A concepção da comunidade

Aproximadamente 33 anos depois, as últimas palavras de Jesus aos seus seguidores são: "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo" (At 1:8). Os amigos de Jesus terão o mesmo começo que ele, com o Espírito Santo. Os seguidores de Jesus Cristo se tornarão uma comunidade da ressurreição no mundo ("ao descer sobre vós o Espírito Santo") da mesma forma com que Jesus se tornou o Salvador do mundo ("sobre vós o Espírito Santo"). As operações do Espírito Santo naqueles sete judeus marginalizados reunidos em Lucas 1—2 estão prestes a ser reproduzidas nos seguidores de Jesus reunidos em Jerusalém à espera de que Jesus lhes envie "a promessa de [seu] Pai" (Lc 24:49; cf. At 1:4-5).

Cinqüenta dias depois da Páscoa fatídica na qual Jesus foi crucificado, e dez dias depois de sua ascensão ao céu, o Espírito Santo desceu sobre os cristãos que o aguardavam em Jerusalém. Naquele dia, o dia de Pentecostes, foi concebida a comunidade sagrada da igreja como a conhecemos hoje. Maria, a mãe de Jesus, foi a única pessoa daquele grupo central de sete que participou tanto da concepção e do nascimento de Jesus como da concepção e nascimento da comunidade (At 1:14). O Espírito Santo que concebeu Jesus no ventre de Maria concebe agora a comunidade de Jesus com um grupo de (pelo menos) 120 seguidores. E Maria está lá para ver e participar.

As referências ao Espírito Santo se intensificam. As dezessete no evangelho de Lucas aumentam para 57 em

Atos, um documento aproximadamente do mesmo tamanho que o evangelho. Não estamos perdendo de vista o enredo básico da história de Jesus: o que a comunidade faz, diz e ora é ligado àquilo que Jesus faz, diz e ora. Essa é a mesma história acerca de Jesus que lemos no evangelho, mas sem a presença de Jesus de forma visível e audível. O Espírito Santo é a forma de Deus estar presente e ativo no meio de nós, como esteve presente em Jesus.

DUAS VEZES NO EVANGELHO e no começo de Atos, quando Jesus fala aos seus amigos que lhes enviará o Espírito Santo, também diz que essa vinda do Espírito será acompanhada de *poder:* "Permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24:49); e "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo" (At 1:8).

"Poder" é um termo-chave para entendermos o que podemos esperar quando o Espírito Santo "nos reveste" e "vem sobre nós". O dicionário, porém, não é a fonte apropriada para consultarmos o significado dessa palavra. Em geral, os dicionários são ferramentas maravilhosas e extremamente úteis, mas nas questões do evangelho, não servem para muita coisa. Isso porque tudo no evangelho é pessoal, relacionai e expresso em detalhes. Não há generalidades. Toda palavra é inserida na história e, no sentido mais abrangente, encarnada em Jesus, "o Verbo [que] se fez carne". Isolada no dicionário, a palavra não tem contexto e, portanto, nenhuma relação, nenhuma "carne". As pessoas interessadas em viver a verdade, e não apenas adquirir informação, precisam descobrir o significado de uma palavra procurando-a na história, e não no dicionário.

As duas primeiras vezes que o evangelista Lucas emprega o termo "poder" são esclarecedoras. A primeira é na anunciação feita por Gabriel a Maria: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra". Aqui, o poder do Espírito Santo faz uma mulher ficar grávida. Todas as cinco referências ao Espírito Santo em Lucas 1—2 são relacionadas à gravidez e ao nascimento.

Trata-se de uma forma de uso do termo "poder" extremamente interessante e nada convencional. A fecundação é associada à intimidade e à atividade sexual, à delicadeza e à reciprocidade. Se o ato sexual é impessoal, indelicado ou forçado, é considerado violação. Se tivermos o cuidado de deixar que a história dê o significado de "poder", é inconcebível (literalmente!) entendê-lo como algo impessoal ou imposto pela força. Podemos acrescentar uma passagem do profeta Zacarias como nota de rodapé às palavras de Gabriel: "Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR." (Zc 4:6) — o poder sinônimo de "força" não tem nada a ver com o modo com que o Espírito opera.

A segunda ocorrência do termo "poder" no evangelho de Lucas aparece no relato da tentação de Jesus no deserto. Jesus *é* tentado pelo Diabo a ordenar que pedras se transformem em pão, a se tornar o governante de todos os reinos do mundo e a provar sua divindade realizando um espetacular número circense, atirando-se do alto do templo e providenciando que um anjo o salve no último instante. Cada tentação é relacionada ao exercício de poder: poder de impor sua vontade sobre a criação, de impor sua vontade sobre as nações e de se tornar celebridade.

Cada um desses exercícios de poder poderia ter, e no caso de Jesus certamente seria, um sentido bom: alimentar muitas pessoas, governar o mundo com justiça, demonstrar a providência miraculosa e constante de Deus às pessoas nas ruas. Jesus disse "não" a cada um deles. Por quê? Porque, em cada caso, teria sido um poder usado de forma impessoal, abstraído de relacionamentos, sem nenhum envolvimento em amor, um poder por imposição.

Em cada caso — e as citações que Jesus faz de frases do relato nas três ocasiões ressaltam isso —, teria sido um uso de poder arrancado do contexto e, portanto, da participação da vida das pessoas. Seja qual for o significado do poder do Espírito, ele não inclui a força intimidadora. Por certo, não é o acontece quando um pavio acende uma banana de dinamite (cujo nome vem do termo grego *dynamis,* que

significa "poder"). O poder de Deus é sempre exercido de forma pessoal, criando, salvando e abençoando. Nunca é uma aplicação impessoal de força externa.

Depois das três recusas veementes de usar o poder para fazer coisas boas na forma errada, Lucas diz: "Então, Jesus, no poder do Espírito, regressou para a Galiléia... E ensinava nas sinagogas, sendo glorificado por todos" (Lc 4:14-15). À medida que a narrativa prossegue, observamos em detalhes que, ao ensinar, em palavras ou em atos, Jesus é sempre pessoal e relacionai. Empregando o "poder do Espírito", Jesus é contrastado explicitamente com as três formas despersonalizadas e descontextualizadas de uso de poder no deserto: poder de socorrer os famintos, de fazer justiça e de evangelizar por meio de um milagre.

Quando a comunidade exerce poder isolado da história de Jesus, tenta manipular pessoas ou acontecimentos de formas que prejudicam a intimidade e os relacionamentos pessoais, podemos ter certeza de que ela não o faz no poder do Espírito Santo; trata-se de uma obra do Diabo. Por mais que seja invocado maneira ruidosa, freqüente ou piedosa nessas ocasiões, o Espírito Santo não se envolve de maneira nenhuma com tais blasfêmias religiosas.[144]

As orações

Se o Espírito Santo — a maneira de Deus estar conosco, operando por meio de nós e nos falando — é a forma pela qual se mantém o vínculo entre a vida de Jesus e a vida da comunidade de Jesus, a oração é a principal forma pela qual a comunidade recebe ativa e participativamente essa presença, essa operação e essas palavras. A oração é nossa forma de estar atentamente presentes para o Deus que está presente em nós pelo Espírito Santo. Assim, não é surpreendente ver que Lucas, cuja tarefa é manter e

---

[144] Nas Escrituras e na vida de Jesus, o poder *é* sempre associado a fraqueza, humilhação, amor, coragem, esperança, derrota: ver Is 53 e ICo 11; Sl 69 e ICo 1; Mc 15 e 1Pe 2.

desenvolver as ligações orgânicas entre Jesus e sua congregação de seguidores, nos leva com freqüência à oração.

Um quinteto de orações

A oração é definida como a linguagem comum da comunidade, a língua franca, por assim dizer, à medida que os relatos de concepção, gestação e nascimento de João e Jesus nos são apresentados, esses relatos que formam a base necessária para o relato do evangelho. Cinco orações articulam uma linguagem de ouvir e crer, uma linguagem de participação receptiva e responsiva enquanto Deus, por meio de sua palavra, traz à existência a vida de Jesus e a da comunidade de Jesus.

As cinco orações foram adotadas pela comunidade e usadas como cartilha para a formação da sintaxe básica de um povo que deve sua existência e sua identidade à presença e à palavra do Espírito Santo em seu meio. Foram instituídas como elementos básicos de nossa vida em conjunto, mantendo-nos atentos e responsivos ao Espírito Santo dentro de nós e em nosso meio por meio da prática da oração. Na igreja, costumam ser chamadas pela(s) primeira(s) palavra(s) em latim:

- *Fiat mihi* (Lc 1:38).
- *Magnificat* (1:46-55).
- *Benedictus* (1:68-79).
- *Gloria in excelsis* (2:14).
- *Nunc dimittis* (2:29-32).

O "Fiat mihi"

"... que se cumpra em mim conforme a tua palavra" é a resposta de Maria à anunciação do anjo de que ela conceberá pelo Espírito Santo e dará à luz uma criança, o "Filho de Deus". A oração começa quando Deus se dirige a nós. Primeiro Deus fala; nossa reação, nossa resposta é nossa oração. Este é o conceito básico da prática da oração: nunca iniciamos a oração, mesmo que pensemos ser este o caso.

Algo aconteceu, quer tenhamos consciência quer não, *alguém* se dirigiu a nós antes que abríssemos a boca. Assim como aprendemos a falar nossa língua materna por meio de uma imersão inicial na linguagem dos pais, irmãos e de outras pessoas ao redor, também aprendemos a orar em resposta ao que é dito repetidamente pelo Espírito Santo nas Escrituras e em cânticos, numa história e num sermão, em palavras sussurradas ao coração e em testemunhos claros. Com base nessa oração, a primeira no relato do evangelho, muitos consideram Maria a cristã arquetípica, a pessoa que ouve e recebe, crê e se sujeita à palavra que concebe Cristo em nós.

O "Magnificat"

"A minha alma engrandece ao Senhor...". A segunda oração desse quinteto é, apropriadamente, também de Maria. Aqui, ela ora em resposta à bênção de sua parenta idosa Isabel, grávida de cinco meses. Antes de orar meia dúzia de palavras, percebemos que essa moça conhece a história de sua família, as Sagradas Escrituras, que relatam as maneiras como Deus falava e operava no meio de seu povo desde dois mil anos antes.

Reconhecemos que as palavras empregadas em sua oração são provenientes e adaptadas da oração que Ana, sua antepassada de mil anos antes, fez quando ficou milagrasamente grávida de Samuel (ISm 2:1-10). O cerne da oração de Maria, como da oração de Ana, envolve três grandes inversões na maneira com que experimentamos o mundo quando Deus concebe nova vida em nós: Deus estabelece sua força e dispersa os arrogantes (Lc 1:51); humilha os poderosos e exalta os humildes (v. 52); sacia os famintos e manda os ricos embora vazios. Os orgulhosos, os poderosos e os ricos são colocados em seu devido lugar; Deus, os oprimidos e os pobres são vistos em sua verdadeira condição, preenchidos com dimensões de majestade, inteireza e dignidade. Há uma revolução (à maneira de Deus, e não nossa) despontando no horizonte.

A oração de Maria nos transporta para o mundo amplo da palavra prometida de Deus em seu processo de

cumprimento. E um mundo repleto de criação e maravilha, história e salvação. A oração expande nossa imaginação e nos torna participantes gratos e alegres do que já foi e do que está por vir.

O "Benedictus"

"Bendito seja o Senhor, Deus de Israel". Zacarias, que havia ficado mudo desde o dia em que Gabriel lhe anunciou a concepção de João no ventre de Isabel, recobra a fala no dia em que seu filho recebe o nome e *é* circuncidado. A primeira coisa que Zacarias faz é orar. Suas palavras, guardadas durante nove meses no "ventre" de Isabel, agora irrompem em louvor e profecia. Sua reação anterior irresponsiva à palavra de Deus transmitida por Gabriel é transformada pelo Espírito Santo numa bênção que reúne a revelação de Deus a Abraão, Davi e todos os santos profetas e coloca seu bebê junto deles, um profeta de oito dias de idade que "[precederá] o Senhor, preparando-lhe os caminhos" (v. 76). A linguagem é característica de Isaías. A salvação está a caminho.

A oração de Zacarias nos coloca junto daqueles que Deus usou para realizar sua obra neste mundo e daqueles que ele ainda usará. Há uma grande congregação de pais e mães, profetas e apóstolos, amigos e vizinhos que constituem a comunidade da ressurreição. A oração nos torna participantes dos diálogos de várias gerações ao redor do trono.

O "Gloria in excelcis"

"Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra...". O cenário é um campo próximo a Belém. E noite. Pastores cuidam de suas ovelhas; é o seu local de trabalho. Jesus acabou de nascer num estábulo não muito longe dali. De repente, os pastores são envoltos em luz, um anjo anuncia o nascimento de Jesus e, então... Então, algo incrível acontece: um coral magnífico de anjos aparece, cantando louvores a Deus no céu e paz a nós na terra. A oração dos anjos une o que tem origem no céu com o que acontece na terra: é a

primeira indicação que temos da oração instrutiva de Jesus "assim na terra como no céu".

A oração dos anjos nos coloca junto não apenas da "comunidade dos santos", como faz o *Benedictus* de Zacarias, mas de "toda a congregação do céu". Por mais terrenos que nos sintamos, por mais monótono e trivial que seja o nosso trabalho (naquela sociedade, pastorear ovelhas era o equivalente a ser empacotador de supermercado hoje em dia), nossas orações nos dão um lugar no coral que expressa todas as harmonias e melodias contidas no céu.

O "Nunc dimittis"

"Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo". Essa oração final do quinteto de Lucas é feita no templo, um contexto institucional, numa ocasião religiosa. A ocasião é a "purificação" prescrita por Moisés para as mães quarenta dias depois de darem à luz (Lv 12:2-8). Quando José e Maria levam o menino Jesus ao templo para a cerimônia ("para fazerem com ele o que a lei ordenava", v. 27), são abordados por Simeão, que foi dirigido pelo Espírito Santo para se encontrar com os pais e com Jesus. Essa é a única das cinco orações proferidas em local público.

A oração de Simeão é de consumação. Aquilo pelo que ele vem orando sua vida toda ("salvação [...] luz para revelação aos gentios [...] glória do teu povo Israel...") está presente nesse menino. Simeão toma a criança em seus braços e a abençoa; também abençoa os pais. Simeão tem em seus braços o propósito e o sentido de sua vida. Agora está pronto para morrer. Depois de uma longa vida de oração esperançosa e testemunho fiel, ele sai de cena e dá lugar a Jesus — uma entrega, uma renúncia. Sua expressão "segundo tua palavra" é idêntica à de Maria no *Fiat mihi.*

Maria e Simeão, a primeira e a última pessoa desse grupo a orar, formam uma dupla complementar: a moça começando em submissão à palavra de Deus; o homem idoso terminando em submissão à palavra de Deus. A palavra de Deus não apenas inicia todas as orações, como também fornece a gramática e o vocabulário e as conduz à consumação. Na

oração, Deus tem a primeira e a última palavra. Considerados em conjunto, Maria e Simeão definem os limites e o conteúdo principal da linguagem da comunidade, que chamamos de "oração", feita com submissão e fé, "segundo tua palavra".

Essas cinco orações articulam a série de respostas ao que o Espírito Santo faz ao criar e moldar a comunidade. Essas orações de concepção, gestação e nascimento fornecem vocabulário e sintaxe para a participação nas formas de falar e operar do Espírito em nossa vida, como ele o fez no passado, faz no presente e fará no futuro.

Histórias sobre a oração

Na seqüência, Lucas conta três histórias que não são mencionadas pelos outros evangelistas e que Jesus usa para ensinar aos seus seguidores a natureza básica e a necessidade da oração — as orações do vizinho, da viúva e do pecador.

A história do vizinho (11:5-13) entretece a oração na urdidura da vida diária. O que é mais natural do que cuidar de um amigo que aparece inesperadamente à meia-noite? Do que se ver despreparado para essa necessidade inesperada depelo Espírito Santo encontrar algum alimento na dispensa? Do que não desejar ser perturbado e ter a família inteira despertada de um sono profundo no meio da noite? Assim, Jesus insere a oração (uma conversa entre uma pessoa e Deus) numa história de dois vizinhos: um que pede algo ao outro inesperadamente e numa hora inconveniente, perturbando a rotina habitual.

Será que vemos a oração como ritual formal com protocolos específicos, com seu próprio vocabulário e sintaxe, modos e gestos, restrita a determinadas horas e lugares? Imaginamos que a oração é, de uma forma ou de outra, algo supérfluo que fazemos depois de as necessidades básicas terem sido providas, algo a que nos dedicamos quando e se temos tempo e disposição? Em caso afirmativo, nossos conceitos e suposições estão errados. A oração não é linguagem ritualizada produzida cerimonialmente para uma

audiência com a realeza celestial. Nosso relacionamento com Deus é tão imprevisível, espontâneo e impossível de planejar quanto a convivência com nossos vizinhos.

O comentário de Jesus sobre a história estende nosso conceito de oração para as interações da vida comum, a vida de pedir, buscar e bater à porta. Jesus incorpora a linguagem relacionai de pedir e receber, fundamental para a vida de filhos e pais, em nosso conceito de oração.

A história da viúva (Lc 18:1-8) coloca as pessoas mais fracas e menos influentes de nossa sociedade em pé de igualdade e legitimidade com as figuras reconhecidamente poderosas. Na estrutura social em que Jesus vivia, as viúvas ocupavam a posição mais inferior de autoridade e influência. Não estavam habituadas a ser ouvidas por pessoas em cargos importantes; depois de uma vida inteira sendo ignorado, é difícil "orar sem cessar".

Blaise Pascal argumentou, em contrapartida, que Deus ordenou que orássemos a fim de nos conceder a "dignidade da causalidade".[145] A oração, a conversa com Deus, não é determinada por distinções sociais ou de classe; é uma conversa na qual homens, mulheres e crianças, viúvas e juizes, sábios e insensatos, santos e pecadores são iguais, todos se encontram na mesma condição, tendo o mesmo acesso ao ouvido, à atenção e à consideração de Deus.

As pessoas em geral, especialmente aquelas que ocupam os degraus inferiores da "escala de influência", não estão acostumadas com isso. Uma vida toda de experiências nos diz que, "se você conhece alguém importante", tem mais chance de ser ouvido. Nossa vida é repleta de cartas de recomendação e referências, endossos, prêmios concedidos a celebridades que dão credibilidade às palavras e garantem audiência. É inevitável que essas experiências se infiltrem em nossa prática da oração. Especialmente quando estamos acostumados a ser ignorados, desprezados, esquecidos na fila de espera, internalizamos essas humilhações por tanto tempo que, ao orarmos, dificilmente somos ousados como a

---

[145] *Pensées and Provincial Letters,* n. 513, p. 166.

viúva. Na verdade, Jesus está dizendo: "Acostumem-se com isso". Acostumem-se a ser ouvidos por Deus.

Então, Jesus coloca a história da viúva de lado e pergunta aos seus ouvintes, especialmente àqueles que se acostumaram a ser ignorados pelas pessoas importantes e, desse modo, pararam de pedir a Deus o que precisavam: "Contudo, quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?" (v. 8). Acaso encontrará esse tipo de recusa fiel e persistente de abandonar a oração entre "seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite"? Acabaremos desistindo e deixaremos de orar porque os ouvidos moucos do mundo destruíram completamente nossas expectativas de ser ouvidos por Deus?

Na terceira história (Lc 18:9-14), o pecador leva a oração até o fundamento, cava até chegar ao granito firme, o alicerce honesto e inabalável a partir do qual a vida autêntica de oração pode ser edificada. Com os pés nessa base sólida, o pecador está alicerçado nas condições essenciais para a oração: uma consciência profunda e entranhada de necessidade e uma compreensão interior de que Deus é o único que pode supri-la. A oração não é trivial, não é um aceno caprichoso para o alto. A oração é urgente, uma questão de vida ou morte: "O Deus, sê propício a mim, pecador!" (v. 13).

Pose, pretensão e afetação são grandes perigos que ameaçam a oração. A ignorância não é impedimento e, sem sombra de dúvida, o pecado também não. A grande tentação que sempre jaz à porta é usar a oração como forma de evitar Deus; usar a linguagem de Deus para evitar o relacionamento com Deus; usar o nome de Deus como anteparo atrás do qual se esconder de Deus. Os clichês são a revelação verbal de que, na verdade, se trata apenas de arremedo de oração.

O fariseu é apresentado como elemento contrastante com o pecador. No mundo ao redor de Jesus, o fariseu é o protótipo da pessoa religiosa autodefinida e autoconsciente, que trabalhou diligentemente para adquirir competência justa e habilidade piedosa. No aprendizado da conduta devida e da

moralidade adotadas em seu modo de vida (as mulheres não podiam fazer parte do clube), era praticamente impossível ao fariseu não adquirir também ares superiores de esnobismo em relação a todos os miseráveis confusos e fracassados que enchiam as ruas e vielas da cidade.

Ele usa a linguagem da oração para se distanciar desses "outros". Prossegue empregando as palavras de oração para se distanciar de Deus, transformando-o num espelho diante do qual ele pode se admirar em auto-elogio. Em seu arremedo de oração, o fariseu tem consciência apenas de si mesmo: eu, eu, eu, eu — quatro declarações do ego. Onde está Deus em tudo isso? Na melhor das hipóteses, é um ouvinte impessoal.

Se a oração do vizinho introduz a linguagem sagrada da oração nas dificuldades da vida diária e a oração da viúva dá aos oprimidos de um mundo discriminador e injusto a garantia de audiência perante o Juiz de toda a terra, a oração do pecador livra-nos, sem nenhuma cerimônia, das orações pré-fabricadas que entulham tantas vidas e nos leva de volta às bases, à necessidade da misericórdia de Deus, de modo que possamos participar em primeira mão da vida de Jesus. Com o vizinho, a viúva e o pecador atuando em nossa imaginação, não conseguiremos encontrar muito na vida dos seguidores de Jesus que não possa ser motivo de oração; ou seja, daquilo que temos pela frente, pouco ou nada ficará desprovido da operação do Espírito Santo, que fará em nós o que fez em Jesus.

A comunidade de oração

As cinco orações que marcam o começo da vida de Jesus no evangelho de Lucas e as três histórias de oração que instam nossa participação ativa nessas orações encontram ligações narrativas no livro de Atos, no qual lemos a história da formação da comunidade de Jesus. Da mesma forma como foi instituída como linguagem básica para os participantes da obra do Espírito na concepção, gestação e nascimento de Jesus, a oração é instituída aqui como linguagem básica da

comunidade que vem a existir pelo Espírito e, depois, continua a orar com naturalidade, ousadia e honestidade como aprendeu a fazer por meio das histórias de Jesus.

ANTES DE JESUS DELXAR seus seguidores quando subiu ao céu, "determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai", isto é, como ele definiu, ser "batizados com o Espírito Santo" (At 1:4-5). No entanto, eles estavam pensando em outras coisas e queriam saber: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (1:6).

Esses seguidores ainda tinham muito que aprender. Jesus lhes diz para esperar pelo Espírito Santo. Eles não estão ouvindo; interrompem com perguntas sobre cronogramas e programas: "Quando?". Mas a oração não é um recurso para satisfazer nossa curiosidade; antes, é meio pelo qual criamos ligações com a vida de Jesus. Temos a nítida impressão de que o programa deles para restabelecer o "reino" impediu que ouvissem, de fato, o que Jesus havia acabado de lhes dizer. Jesus disse: "Esperem!"; eles responderam: "Quando?". E esse "quando" se parece muito com "quando vamos receber nossas atribuições dentro do reino para começarmos a controlar as coisas?". Jesus fala de esperar até que sejam imersos na presença de Deus, que será a presença de Jesus na vida deles; eles perguntam quando as coisas vão começar a andar para que possam assumir a liderança do reino de Deus.

Jesus lhes disse que o "quando" não era da conta deles; que, no estado em que se encontravam, não eram competentes para trabalhar no reino; naquele momento, a única coisa importante para eles era receber o Espírito. O próximo item da lista não seria "o próximo item" — seria mais do mesmo, em continuidade (por meio do Espírito Santo) com aquilo que haviam vivido na companhia dele desde o começo. Então, Jesus partiu.

Dessa vez, eles ouviram e esperaram. E, ao esperarem, "perseveravam unânimes em oração" (1:14). Uma das orações

foi um pedido de orientação para encontrar o substituto de Judas no grupo dos Doze. Essa oração resultou na escolha de Matias, testemunha apostólica da ressurreição.

Depois de dez dias, esses homens e mulheres que estavam esperando e orando receberam o que Jesus e seu Pai haviam prometido: o Espírito Santo, a presença ativa de Jesus e do Pai neles. As orações passaram a ser mais do que *suas* orações — oravam além do que eram, além do que sabiam, "segundo o Espírito lhes concedia que falassem" (2:4). Os devotos reunidos em Jerusalém, vindos de todas as partes do Oriente Médio para a festa de Pentecostes, ouvem os seguidores de Jesus orarem e ficam admirados ao perceberem que cada um os ouvia "na sua própria língua" (2:6,11).

O povo fica perplexo; alguns fazem piadas. Pedro prega um sermão que coloca tudo na devida perspectiva: não se trata de algo novo — era uma continuação do que Deus vem fazendo há muito tempo. Para documentar sua declaração, ele cita o profeta Joel, cujos escritos eles haviam lido ávida inteira, e Davi, cujas orações eles haviam feito ávida inteira (Sl 16; 132; 110), e relaciona todas essas citações a Jesus. Muitos ("quase três mil") entendem, se convertem e são batizados. A comunidade de Jesus está formada e em andamento.

E ESTÁ ORANDO. A linguagem comum da comunidade é a oração (At 2:42). Na história da comunidade de Jesus que Lucas continua a contar, a oração aparece tanto de forma implícita quanto explícita: quando Pedro e João foram libertos da prisão e voltaram para relatar o que lhes havia ocorrido, os irmãos da comunidade, "unânimes, levantaram a voz a Deus" (At 4.24-31); quando o trabalho de atender às necessidades das pessoas tornou-se excessivo, os Doze reuniram a comunidade e nomearam diáconos para esse trabalho, de modo que *eles* próprios pudessem se "[consagrar] à oração", cuidando para que ela não fosse diluída ou dissipada (6:1-6).

Enquanto era apedrejado até a morte, Estêvão orou — a oração era a linguagem mais natural e profunda em seu interior (7.59); em Damasco, cego e sem comer a três dias, Saul orou pedindo ajuda, que lhe foi dada por meio de Ananias e do Espírito Santo (9:10-19); em Jope, Pedro foi levado à casa de Dorcas, que acabara de morrer; ali, "pondo-se de joelhos, orou" — reação espontânea (9:36-43); toda ação na história magnífica e decisiva de Cornélio deu-se no contexto da oração (10:2,9,30-31); a primeira linha de defesa da comunidade contra as tramas assassinas do rei Herodes Agripa I foi a oração (12:5,12); quando precisou de orientação para expandir, a comunidade orou (13:3); novas igrejas foram constituídas e moldadas pela oração (14:23); quando a decisão do Concilio de Jerusalém foi transmitida, o seu conteúdo — fruto de muitas orações — foi descrito na expressão maravilhosa: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (15:28).

Quando Paulo e Silas chegaram a Filipos, procuraram "um lugar de oração" (16:13,16); quando foram presos, os dois missionários transformaram o cárcere filipense imediatamente numa capela de oração, onde "oravam e cantavam louvores a Deus" (16:25); a despedida triste de Paulo dos presbíteros efésios terminou quando, "ajoelhando-se, [Paulo] orou com todos eles" (20:36); depois de passar sete dias em Tiro, Lucas, que na época estava viajando com Paulo, relata que, "ajoelhados na praia, oramos" (21:5); quando Paulo contou, mais uma vez, a história de sua conversão a uma multidão de judeus hostis em Jerusalém, mencionou que Jesus lhe falou "enquanto orava no templo" (22:17).

Em sua última ida a Roma, uma viagem repleta de tempestades, pouco antes de o navio naufragar, Paulo dirigiu-se à tripulação dizendo-lhes o que havia acontecido enquanto ele orava na noite anterior — uma mensagem de consolo e segurança divinos (27:23-26); na manhã do naufrágio, Paulo, falando aos passageiros e à tripulação, 276 pessoas ao todo, rogou que comessem e "deu graças a Deus" (27:35-36); e, em Malta, a ilha do naufrágio, quando ficou

sabendo que o pai de um homem que fez amizade com eles estava enfermo e à beira da morte, Paulo, "orando, impôs-lhe as mãos, e o curou" (28:8).

A freqüência e a persistência da linguagem da oração na comunidade de Jesus ficam evidentes ao longo de toda a narrativa; no entanto, não é inoportuna. Não somos instados a orar nem recebemos exemplos de oração. Trata-se apenas do modo como a comunidade usa a linguagem. Lucas não comenta esse fato como incomum ou forçado. Pelo contrário: a oração é a linguagem natural e espontânea da comunidade.

Os indesejados

Outra característica visível da narrativa integrada de Lucas sobre Jesus e a comunidade de Jesus é a ênfase que dá à aceitação e inclusão de pessoas acostumadas a ser excluídas: os forasteiros, os indesejados, os intrusos. Lucas não é o único a fazer isso, mas vai além de seus colegas evangelistas. Será que, como cristão da segunda geração, ele observa um crescimento na preocupação com quem é "de dentro" e quem é "de fora"? Será que os veteranos estão tentando proteger a "pureza" da comunidade de sofrer qualquer diluição ou contaminação? Não seria a primeira vez.

Quando se pôs a escrever seu evangelho e Atos, é bastante provável que, como gentio, Lucas tenha experimentado em várias ocasiões a exclusão da comunidade de Jesus provocada por bem-intencionados guardiães da integridade e da santidade de Deus. Ele percebeu que, com freqüência e persistência, o lugar mais hospitaleiro do mundo, a comunidade da ressurreição, pode tornar-se, de um dia para outro, cruelmente inospitaleiro.

LUCAS CONTA, EM SEU EVANGELHO, uma seqüência de três histórias sobre Jesus que escancaram as portas do reino e da comunidade para pessoas marcadas pela cultura como párias, homens e mulheres que Joel Green descreveu como "os menores, os perdidos e os excluídos".[146]

---

[146] *The Gospel of Luke,* p. 24.

As histórias são contadas no transcorrer de uma conversa ao redor da mesa de jantar. Lucas relata na passagem que leva a esse jantar que Jesus estava andando com alguns estudiosos da religião ("intérpretes da lei") e fariseus. Estavam a caminho da casa de um líder dos fariseus para a última refeição do sábado. Mas, ao que parece, não foi uma caminhada descontraída. Os companheiros do fariseu "o estavam observando" (14:1). Essa expressão *(parateroumenoi auton)* conota suspeita. Esse é o termo que Lucas emprega mais adiante em Atos para descrever como Paulo se encontrava sob o olhar mortífero de seus inimigos às portas de Jerusalém (At 9:23-24). Numa passagem anterior do evangelho, Lucas relatou que os fariseus observavam Jesus com olhar crítico, "a fim de acharem de que o acusar" (Lc 6:7). E, na última semana da vida de Jesus, os principais sacerdotes, "observando-o, subornaram emissários" a fim de encontrar pretextos para executá-lo (Lc 20:20).

Assim, no sábado em que é convidado para uma refeição com esse líder dos fariseus, Jesus está sendo observado por olhares acusadores. Os fariseus viram o que ele estava fazendo, tocando leprosos, andando na companhia de mulheres, contando histórias elogiosas sobre samaritanos, incluindo gentios como se fossem seus pares, tratando os publicanos odiados e prostitutas desprezadas com dignidade. Ao se aproximarem da casa onde foram convidados a jantar, Jesus vê um homem enfermo com hidropisia e o cura, um ato de provocação que certamente causaria ofensa, uma vez que era sábado.

Então, ele exaspera ainda mais os outros convidados com uma pergunta que não permite crítica a seu ato: "Qual de vós, se o filho ou o boi cair num poço, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado?" (Lc 14:5). Jesus estava alimentando fartamente as suspeitas deles. As histórias acumulavam-se a seu redor, e seus inimigos as colecionavam como provas. Por isso *observavam-no* tão de perto. Corria o boato de que Jesus convidava pessoas indesejadas e inadmissíveis para entrar no reino, mas esses fariseus fariam

todo o possível para impedir que isso acontecesse. Será esse o modo de formar uma comunidade de justos?

Mas, quando ele entra na casa e se assenta para fazer a refeição de sábado, o ar puro da hospitalidade encontra-se inteiramente poluído pelas suspeitas acusadoras e o aroma agradável da refeição, arruinado pelo mau hálito desses cães de guarda ferozes, os defensores da comunidade. A refeição, um cenário convidativo para conversas abertas e honestas, é descaracterizada. Quem dá o tom são os vigilantes religiosos implacáveis.

AS TRÊS HISTÓRIAS A SEGUIR, contadas por Jesus, trazem o verbo "chamar" *(kaleó);* normalmente, ele é traduzido por "convidar". É um termo hospitaleiro que atrai a pessoa para um âmbito de relacionamento. Porém, cada história de Jesus revela a inospitalidade que pode se esconder tão facilmente por trás do acolhimento aparentemente afetuoso.

A primeira história (14:7-11) critica o orgulho dos convidados mais ilustres e proeminentes ao redor da mesa. Trata-se de uma mesa em que os convidados são classificados de acordo com sua proximidade do anfitrião. Mas Jesus observa que, em vez de esperarem o anfitrião indicar o lugar a cada um, os próprios convidados escolheram onde sentar, cada um tentando ocupar a posição de maior honra. Jesus lhes pergunta: "E se, depois de todos se acotovelarem e empurrarem desse jeito, o anfitrião tivesse chegado e escolhido uma pobre coitada (por exemplo, uma prostituta) que você acabou de empurrar para o lugar mais distante, e a tivesse colocado no lugar mais elevado que você tomou para si? E se ele tivesse rebaixado você ao último lugar?" *(The Message).* Seria uma humilhação e tanto.

A segunda história (14:12-14) é uma observação espirituosa e ousada acerca do anfitrião, questionando suas motivações ao convidar esse grupo específico de pessoas para jantar com ele. Aquilo que, na superfície, parece hospitalidade generosa, Jesus discerne como estratégia interesseira para obter convites semelhantes para a casa dessas pessoas — uma garantia social de olho em contatos

proveitosos. "Então por que você não convidou um samaritano que acabou de se mudar para sua vizinhança e não conhece ninguém na cidade?".

A terceira história (14:15-24) começa com a declaração de um convidado anônimo: "Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus". A essa altura, a tensão ao redor da mesa era quase insuportável tanto para os convidados quanto para o anfitrião. Será que, na esperança de aliviar esse clima pesado, o homem muda de assunto, falando de comer pão no reino futuro de Deus para desviar a atenção das histórias de Jesus que estavam deixando todos tão constrangidos, forçando-os a encarar a inospitalidade deles no presente? Se é essa a intenção, o artifício não funciona.

O convidado anônimo está se referindo ao banquete celestial magnífico no fim dos tempos (mencionado anteriormente em 13:20) para o qual os fariseus em torno daquela mesa estavam certos, obviamente, de ser convidados. Mas Jesus percebe de imediato a incompatibilidade entre tal suposição e a inospitalidade deles para com todos os párias condenados pela sociedade que ele insiste em convidar: "os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos" (14:21). Jesus está dizendo que, ao *observarem-no* cheios de suspeita e desaprovação, esses líderes estão rejeitando o convite de Deus para o banquete final.

"Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus" é, nesse contexto, apenas um clichê vazio e diversivo. Jesus o ataca e desmascara. "Francamente. Vocês fazem idéia de como as pessoas ao redor desta mesa fazem pouco do convite de Deus para jantar?"

Jesus dá três exemplos: eles são como a pessoa que recusa o convite porque precisa tratar de um negócio ("comprei um campo"); porque surgiu algo mais interessante para fazer ("comprei cinco juntas de bois"); ou, ainda, para atender a uma exigência urgente ("casei-me"). Todas essas recusas não passam de desculpas esfarrapadas. Se houvesse qualquer intenção de levar o convite a sério, teria sido possível tomar providências, mesmo quanto ao casamento — especialmente quanto ao casamento.

As pessoas ao redor da mesa participam de uma refeição de sábado, que, para elas, é uma antevisão semanal no banquete do fim dos tempos no reino. Os convidados são todos indivíduos do mesmo nível, homens social e teologicamente aprovados. É de conhecimento geral que há, entre eles, categorias claramente definidas de pessoas que jamais seriam convidadas para uma refeição como essa. E nessas categorias rejeitadas encontram-se justamente as pessoas que Jesus está buscando incluir no convite de Deus. De acordo com Jesus, a recusa de seus companheiros de mesa de convidar pessoas desse tipo é uma recusa de comparecer ao jantar para o qual eles próprios foram convidados. A história de Jesus revela o sacrilégio absurdo de recusarmos convidar membros da comunidade que desaprovamos e, ao mesmo tempo, pressupormos tranqüilamente que nosso convite para o banquete de Deus no fim dos tempos está garantido.

TOMANDO COMO PONTO de partida um texto de Isaías sobre o qual ele já havia pregado na sinagoga em Nazaré, Jesus cita os convidados tipicamente indesejados: os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos (Lc 14:13,21). Em sua narrativa, Lucas acrescenta os samaritanos, leprosos (e outros com enfermidades que os tornavam ritualmente impuros), os publicanos odiados, os gentios e as mulheres. Seu intuito é mostrar como Jesus e sua comunidade demonstram que para os seguidores de Cristo não existem convidados indesejados.

Desde o começo, Jesus confronta a hostilidade dos discípulos contra os samaritanos e põe um ponto final nela (Lc 9:51-56). Numa ocasião posterior, Jesus usa o samaritano desprezado numa de suas histórias mais conhecidas, obrigando-nos de maneira absolutamente inesquecível a abandonar as tentativas de definir nosso próximo em termos éticos ou sociais e, sem alarde, a simplesmente nos tornarmos os próximos de qualquer pessoa com quem nos deparamos (Lc 10:29-37); a inclusão dos

samaritanos tem continuidade na comunidade de Jesus pelo ministério evangelístico de Filipe em Samaria (At 8:4-25).

A condição de samaritano é combinada com a de ser leproso para inserir uma pessoa duplamente indesejada na história sobre a aceitação e cura oferecidas por Jesus (Lc 17:11-19). Zaqueu, um coletor de impostos odiado, é incluído de forma proeminente quando Jesus o identifica no meio da multidão e se convida para comer na casa dele (Lc 19:1-10). A questão séria do que fazer com os gentios, apresentada na figura simbólica do centurião romano postado em Cafarnaum cujo filho Jesus curou (Lc 7:1-10), é retomada com outro centurião, Cornélio, em Cesaréia (At 10) e expandida exponencialmente (porém não sem muita oração e deliberação!) no Concilio de Jerusalém, convocado especificamente para esse fim (At 15). Depois disso, com Paulo assumindo a liderança como principal missionário, os gentios passaram a ser incluídos sem mais perguntas. Mais da metade do relato sobre a formação da comunidade de Jesus é dedicada à aceitação e inclusão dos gentios (At 13—28).

Entre os "indesejados" que foram convidados e aceitos na comunidade, as mulheres são colocadas em pé de igualdade com os gentios no que se refere ao tempo e à atenção de Lucas. Todos os evangelistas incluem as mulheres, porém Lucas mais do que os outros. Observamos anteriormente a proeminência de Isabel e Maria nas histórias de concepção e nascimento de João e Jesus no início do evangelho. Lucas inclui várias histórias de mulheres que não aparecem nos outros evangelhos: a viúva de Naim e a ressurreição de seu filho (7:11-17); a prostituta que ungiu os pés de Jesus com perfume (7:36-50); a história de Maria e Marta (10:38-42); a mulher encurvada que foi curada num sábado (13:10-21).

As histórias de mulheres continuam no livro de Atos: o tratamento injusto das viúvas gentias, um problema resolvido com a nomeação de diáconos que garantiriam a igualdade de tratamento para todos (6:1-6); a morte de Dorcas em Jope e a oração de Pedro que a trouxe de volta à vida (9:36-43); o episódio divertido no qual Maria, mãe de

João Marcos, e sua serva entusiasmada, Rode, deixam o recém-encarcerado apóstolo Pedro em pé na rua batendo à porta (12:12-17); a conversão de Lídia, uma comerciante de Filipos (16:11-15); a libertação de uma serva das mãos dos homens que a estavam explorando (16:16-18); a menção de Dâmaris como convertida importante em Atenas (17:34); o papel crítico que Priscila teve, com seu marido Áquila, na vida de Paulo, em Corinto (18:1-4), e na de Apoio, em Éfeso (18:24-28).

Lucas deixa claro que a presença de mulheres na história de Jesus era normal: "Os doze [...] e também algumas mulheres" constituíam o grupo de discípulos (Lc 8:1-2); insere a referência comovente às mulheres que Jesus chamou afetuosamente de "filhas de Jerusalém", que choraram enquanto o seguiam no caminho para a crucificação (23:27-31); e lemos ainda que "os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia" ficaram junto à cruz quando ele morria (23:49).

Essa inclusão abrangente das mulheres continua, porém de modo bastante natural e sem alarde, na comunidade subseqüente: enquanto os seguidores de Jesus esperam obedientemente em oração pelo Espírito Santo, com os Doze — cujos nomes são citados — estão "mulheres", inclusive "Maria, mãe de Jesus" (At 1:14); o sermão de Pedro no dia de Pentecostes inclui referências do profeta Joel ao espírito de Deus sendo derramado sobre "vossas filhas" e "até sobre os meus servos e sobre as minhas servas" para documentar o que havia acabado de ocorrer (2:17-18); à medida que a comunidade se expandiu para a Europa gentia, passou a ter a participação de "mulheres gregas" (17:12).

Quando Paulo faz uma parada em Tiro em sua viagem para Jerusalém, é acompanhado até o navio "por todos, cada um com sua mulher e filhos" (21:5); quando Paulo passa alguns dias em Cesaréia numa visita ao diácono Filipe, o texto diz, quase como aparte, que Filipe tinha quatro filhas solteiras "que profetizavam", ao que parece, um papel natural e aceito na pregação à comunidade (21:8-9); até mesmo a irmã de Paulo recebe menção honrosa como mãe do rapaz

que salvou a vida do apóstolo de uma emboscada preparada para matá-lo (23:16).

Ao avaliar a forma como Lucas inclui e honra as mulheres, Joel Green conclui que '"os doze' e as mulheres' personificam o significado do discipulado para Lucas".[147] Isso num mundo que costumava não aceitar mulheres como testemunhas. O que causa perplexidade depois de dois mil anos é que, apesar de os gentios já terem sido aceitos, há muito tempo, na comunidade como participantes plenos, ainda há diversas áreas e situações em que as mulheres são marginalizadas e, por vezes, completamente excluídas de aspectos importantes da vida da comunidade.

Os julgamentos

O evangelho de Lucas e o livro de Atos dos Apóstolos terminam com julgamentos, primeiro diante do sistema judicial religioso e, depois, do político. Os julgamentos oferecem informações de primeira mão para entendermos o que a comunidade de Jesus pode esperar do mundo e o que o mundo pode esperar de nós.

JESUS FOI ACUSADO PERANTE o sumo sacerdote Caifás e, em seguida, entregue ao governador romano Pilatos e ao rei idumeu Herodes Antipas (Lc 22:63—23:25). Cerca de trinta anos depois, Paulo foi acusado primeiro perante o sumo sacerdote Ananias e seu conselho religioso, o Sinédrio (At 23:1-10), e, em seguida, perante o governador romano Félix (At 24). Dois anos depois, Félix foi sucedido pelo governador Festo, e Paulo defrontou-se com Festo e com o rei Herodes Antipas II no banco dos réus (At 24—26).

Assim, primeiro Jesus e, trinta anos depois, Paulo foram julgados pelo sistema judicial religioso e político da época. Tanto Jesus quanto a comunidade de Jesus são colocados na defensiva. Nada do que Jesus proclamou e a comunidade continuou a proclamar e fazer encontrou aprovação na

---

147 *The Gospel of Luke,* p. 317.

cultura religiosa e política da época. Os líderes responsáveis pela religião judaica e pela lei romana, aqueles que, a seu próprio ver, recebiam ordens respectivamente de Deus e de César, tiveram dificuldade em lidar com Jesus e com a comunidade de Jesus. No fim das contas, o veredicto dessas autoridades foi contrário a Jesus e à comunidade de Jesus.

Jesus é julgado, Paulo é julgado: os dois julgamentos, separados por um intervalo de trinta anos, dão ao nosso único Salvador e ao nosso primeiro pastor um púlpito diante dos principais governantes do país, aqueles que detinham todo o poder, que moldavam a cultura. O que mais chama a atenção nesses dois julgamentos é o fato de que nem Jesus nem Paulo impressionaram as autoridades. Na verdade, trata-se de algo extraordinário. Primeiro Jesus e depois Paulo recebem, ainda que por um curto período, a atenção dos líderes mais importantes daquela parte do mundo e não os convertem, não os colocam de joelhos, nem mesmo são levados a sério por eles. Mas, ao que parece, a indiferença era mútua; Jesus e Paulo também não levaram muito a sério os tribunais nos quais eram julgados.

Se desejamos nos manter fiéis à história que estamos lendo, esses julgamentos nos obrigam a abrir mão da idéia de que a comunidade cristã que vive de forma correta e obediente pode, se assim decidirmos, se enfeitar o bastante para conseguir a admiração do mundo. A essa altura, temos documentos de sobra para nos livrar desse tipo de idéia. Cerca de 1.800 anos de história do povo hebreu, coroados com uma exposição completa em Jesus Cristo, mostram que a revelação de Deus é rejeitada com muito mais freqüência do que aceita; há muito mais pessoas que a desprezam do que as que a recebem, e foi atacada ou ignorada por todas as principais culturas ou civilizações que receberam seu testemunho: o Egito magnífico, a Assíria violenta, a Babilônia belíssima, a Grécia artística, a Roma política, a França do Iluminismo, a Alemanha do nazismo, a Itália do renascimento, a Rússia marxista, a China maoísta e a América sempre em busca da felicidade.

A comunidade do povo de Deus sobreviveu a todas essas culturas e civilizações, mas sempre como minoria, sempre marginal a tudo que está em voga, nunca estatisticamente relevante. Paulo é acerbamente sucinto: "Não foram chamados muitos sábios [...] nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento [...] Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas" (ICo 1:26,28).

Isso nos faz pensar. Se nós, seguidores de Jesus, parecemos ter conquistado um lugar confortável na sociedade e na cultura, como conseguimos fazer o que Jesus e a comunidade de Jesus não conseguiram? Como é possível, depois de vinte séculos de rejeição, os cristãos presumirem que a aclamação por número é um selo da aprovação divina?

A relevância da igreja nunca esteve nos números. Sua mensagem raramente (na verdade, quase nunca) foi aceita pelos fortes e poderosos. De tempos em tempos são apresentadas estratégias visando conquistar para Cristo líderes "importantes", homens e mulheres dos altos escalões do governo, do mundo dos negócios ou da mídia. Não é uma prática corroborada por precedentes bíblicos. Evidentemente há cristãos em postos elevados da política e no panteão das celebridades, mas, ao que parece, sua posição e seu *status* não têm nenhum significado importante no que se refere ao reino de Deus.[148] As Escrituras e a história não dão garantia nenhuma de que, se conseguirmos "posicionar" homens e mulheres cristãos em cargos de liderança, poderemos melhorar a eficácia da comunidade no tocante a culto, missões ou evangelismo.

Jesus é julgado

Jesus mostrou-se tão indiferente em relação aos tribunais em que foi julgado que nem sequer tentou comunicar sua missão e sua mensagem aos presentes.

---

[148] José, Daniel e Ester são mencionados com freqüência como exemplos bíblicos de pessoas que viveram sua fé em ambientes de poder político, mas deve-se observar que nenhum deles colaborou para a conversão dos reinos nos quais serviram. Estavam dando seu testemunho fiel com humildade e servindo ao povo de Deus de forma providencial.

O primeiro tribunal foi o conselho judeu, o Sinédrio, presidido pelo sumo sacerdote Caifás. Jesus foi julgado por heresia, acusado de afirmar ser o Messias e, portanto, culpado de blasfêmia.

Mateus e Marcos relatam o julgamento de forma parecida com Lucas. Quando teve a chance de responder às acusações de blasfêmia, Jesus "guardou silêncio" (Mt 26:63). Pressionado por Caifás a admitir sua identidade messiânica, Jesus retrucou: "Tu o disseste" *("Su eipas";* em Marcos, a resposta é "Eu sou", *"Ego eimi");* explicou, então, rapidamente sua declaração com alusões ao salmo 110 e Daniel 7: "Vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu" (Mt 26:64, citando Sl 110:1 e Dn 7:13). Trata-se de uma afirmação ultrajante aos ouvidos do sumo sacerdote e que só reforçou a acusação de blasfêmia.

A resposta de Jesus sobre sua identidade messiânica é expandida no relato de Lucas sob a forma de acusação: "Se vo-lo disser, não o acreditareis; também, se vos perguntar, de nenhum modo me respondereis", ao que acrescenta as alusões auto-incriminatórias ao salmo 110 e a Daniel 7. A pergunta direta: "Logo, tu és o Filho de Deus?", Jesus dá a resposta indireta: "Vós dizeis que eu sou" (Lc 22:67-70).

O relato de João sobre os acontecimentos nesse tribunal é o mais completo dos quatro. Das respostas de Jesus ao interrogatório feito pelo sumo sacerdote Caifás e seu sogro Anás, apenas o segmento sobre Anás é relatado. Às perguntas de Anás, Jesus responde: "Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto. Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse". Nisso, um guarda esbofeteia Jesus por sua insolência. Jesus, por sua vez, esbofeteia (verbalmente) o soldado: "Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se falei bem, por que me feres?" (Jo 18:19-23).

Nenhuma das palavras de Jesus relatadas pelos evangelistas no julgamento religioso pode ser chamada,

verdadeiramente, de defesa. Jesus não faz nenhuma tentativa de esclarecer ou refutar as acusações de blasfêmia. Numa atitude que varia do retraimento lacônico à insolência, ele não afirma nem nega.

O JULGAMENTO POLÍTICO subseqüente é por sedição. Jesus é acusado de se declarar rei. Naquele tempo, o país estava infestado de grupos terroristas revolucionários (zelotes) determinados a se libertar do domínio romano; Jesus é acusado de ser um desses líderes terroristas. O julgamento é presidido por Pilatos, governador romano.

Mateus, Marcos e Lucas relatam que Jesus proferiu apenas três palavras: "Tu o dizes" (duas em grego, *"Su legeis)* em resposta à pergunta de Pilatos: "Es tu o rei dos judeus?" (Mt 27:11). Ao ser acusado pelos sacerdotes e anciãos judeus que estavam lá para apresentar provas contra ele, "nada respondeu". Quando Pilatos o convidou a se defender, "Jesus não respondeu nem uma palavra" (Mt 27:12,14).

Lucas acrescenta um detalhe, relatando a participação de Herodes Antipas, o rei fantoche da Galiléia e filho de Herodes, o Grande, que, cerca de trinta anos antes, havia fracassado na tentativa de matar Jesus. Ao ficar sabendo que Herodes estava em Jerusalém, Pilatos encaminha Jesus a ele a fim de que o rei o interrogue. Herodes fica encantado; há tempos quer ver esse homem que vinha causando certa agitação em sua jurisdição da Galiléia; acredita que pode até convencê-lo a mostrar-lhe um milagre. Será que ele faz idéia de que o homem diante dele naquele dia é exatamente aquele que seu pai havia tentado matar? No entanto, Herodes não se sai melhor do que Pilatos: "Jesus, porém, nada lhe respondia" (23:9).

Como no julgamento religioso, João apresenta um diálogo mais extenso. A pergunta sobre sedição: "És tu o rei dos judeus?" (18:33), Jesus responde: "Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?", ao que Pilatos replica, "Porventura, sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?". E Jesus responde, "O meu reino não é deste

mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui" (v. 34-36).

A declaração de Jesus desperta a atenção de Pilatos: "Logo, tu és rei?". No fim das contas, talvez se trate, de fato, de um caso de sedição.

Mas Jesus responde: "Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (v. 37).

A essa altura, Pilatos percebe que a conversa não vai a lugar nenhum e perde o interesse. Subitamente entediado com o processo, ele encerra o interrogatório com uma pergunta cínica: "Que é a verdade?" (v. 38).

Pilatos conclui que Jesus é inocente da acusação de sedição e propõe libertá-lo. Mas as objeções iradas dos sacerdotes e guardas judeus o intimidam. Tudo se complica. Ele fica sabendo que Jesus afirmava ser "Filho de Deus" (19:7). De repente, Pilatos se assusta. Com uma ansiedade supersticiosa, ele percebe que, afinal, talvez não esteja tratando de questões políticas, a saber, de uma ameaça ao governo por um zelote local desejoso de tomar o trono. Será possível que um dos deuses antigos resolveu aparecer e Pilatos está diante de algo muito maior do que imaginava? E se estiver lidando com um deus de verdade, e não com um homem com delírios de realeza?

Mais uma vez, o governador romano tenta libertar Jesus. Volta à sua sala do tribunal e pergunta: "De onde és?". Jesus não responde. Enfurecido com a insolência, Pilatos diz: "Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?" (19:9-10). Jesus não faz caso da ameaça: "Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem" (v. 11).

Será que, de algum modo, Pilatos percebe que ele próprio está sendo julgado? Tudo indica que sim, pois, agora, ele se esforça ao máximo para sair dessa situação difícil e libertar

Jesus. Porém, uma vez que não é um homem de caráter firme, acaba cedendo à pressão da multidão. Entrega o "rei" para ser crucificado (v. 12-16).

Paulo é julgado

Trinta anos depois, na sua vez de aparecer diante das autoridades, Paulo, pelo menos, apresenta seu testemunho. Contrastando com a postura taciturna de Jesus, o apóstolo é totalmente fluente. Nem por isso é mais bem-sucedido. É ouvido, mas a audiência parece indiferente.

O processo que leva o apóstolo Paulo a ser julgado no tribunal religioso judeu em Jerusalém é tortuoso, desenrolando-se depois de ele ter sido preso sob a acusação de perturbar a paz. Os judeus da Ásia acusam Paulo de profanar o templo, levando gentios para o lugar santo. Há uma grande confusão, e uma multidão tomada de intenso ódio arrasta Paulo para fora do templo com a intenção de matá-lo. O tribuno romano responsável por policiar a cidade ouve o tumulto, chega correndo com seus soldados e salva Paulo. Sem saber o que se passa, primeiro o tribuno prende Paulo e depois o interroga, tentando entender a situação (At 21:27-36).

O tribuno havia pressuposto que Paulo era o homem que ele estava procurando, um revolucionário egípcio que havia instigado uma rebelião e criado um acampamento terrorista no deserto junto com quatro mil assassinos. Quando o tribuno percebe o equívoco, deixa Paulo falar à multidão. O povo se acalma enquanto Paulo lhes conta uma história, falando de sua participação na execução de Estêvão, dando testemunho de sua conversão no caminho para Damasco e da comissão recebida de Deus para levar o evangelho aos gentios. Quando ele faz menção aos gentios, a multidão volta a se agitar, e o tribuno é obrigado a intervir novamente para salvar Paulo do linchamento. Determinado a chegar ao fundo da questão, ordena que Paulo seja amarrado e açoitado, na expectativa de que a tortura o faça dizer a verdade. Paulo não se deixa intimidar pelo tribuno e recorre aos seus direitos de cidadão romano. O tribuno cancela o açoitamento, mas,

ainda curioso sobre o que provocou o intenso sentimento de ódio dos judeus contra Paulo, ordena que seja feita uma audiência no tribunal religioso judeu e apresenta o caso de Paulo (At 21:37—22:30).

Preside a audiência o sumo sacerdote Ananias, sucessor de Caifás, que havia presidido o julgamento no qual Jesus foi acusado de blasfêmia. As primeiras palavras que saem da boca de Paulo transformam o julgamento em briga. Ofendido pela declaração inicial do apóstolo, Ananias ordena que batam na boca do réu. Paulo responde ao sumo sacerdote com um insulto. Na seqüência, o apóstolo provoca uma discussão acirrada entre os membros do tribunal, um desentendimento que se torna violento. E muito provável que as agressões tenham sido fisicas, pois o tribuno, temendo pela vida de Paulo ("que Paulo fosse despedaçado por eles"), cancela tudo e leva o apóstolo para a segurança do quartel (23:1-11).

A essa altura, o tribuno romano percebe que a situação está fora de sua alçada. No dia seguinte, envia Paulo escoltado para o governador romano Félix na cidade de Cesaréia, pouco mais de 90 quilômetros de distância de Jerusalém.

O julgamento seguinte é realizado num tribunal romano. O sumo sacerdote Ananias, seus anciãos e um advogado de Jerusalém apresentam a queixa contra Paulo, acusando-o de instigar uma revolta no templo e perturbar a paz.

Paulo faz sua defesa diante do governador Félix. Responde às acusações apresentadas pelos judeus por meio de Tértulo, o advogado de acusação. O governador Félix parece ouvir com interesse, mas demora a tomar uma decisão. Assim, Paulo fica detido indefinidamente. Tanto Félix quanto sua esposa judia Drusila consideram Paulo um homem interessante e se encontram com ele em várias ocasiões, nas quais conversam "a respeito da fé em Cristo Jesus [...] da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro" (At 24:24-25).

Fica evidente que Félix está interessado no que Paulo tem a dizer, mas que também teme as implicações. Ao mesmo

tempo, é evidente que não está preocupado em fazer justiça; sem condenação ou sentença, mantém o apóstolo detido em sua prisão, convenientemente próximo e à disposição para entretê-lo com discussões teológicas. As conversas se arrastam por dois anos, mas não parecem dar nenhum resultado. Quando Félix é sucedido no governo por Festo, mantém Paulo encarcerado para "assegurar o apoio dos judeus" (24:27), uma atitude que não condiz com o aclamado sistema judicial romano.

Depois de dois anos na prisão, Paulo é levado a julgamento novamente em Cesaréia, desta vez diante de Festo, o governador recém-nomeado. Os judeus apresentam as mesmas acusações, e Paulo volta a negá-las. Festo não se define; deseja manter relação amigável com os judeus. É provável que suspeite (por sugestão de Félix?) que as acusações são falsas. Indeciso, procura ganhar tempo, sugerindo que o julgamento seja retomado em Jerusalém. Cansado de tanta indefinição, Paulo reivindica seu direito como cidadão romano de ser julgado em Roma. Festo — a essa altura satisfeito com a oportunidade de se livrar dele — consulta seus conselheiros e atende ao pedido: "Para César irás" (At 25:12). Finalmente, a questão se resolve.

Supõe-se que Paulo tenha sido enviado novamente para a prisão a fim de aguardar a deportação para Roma e o julgamento lá. Alguns dias depois, o rei Herodes Agripa II e sua esposa Berenice chegam para fazer uma visita de estado e dar as boas-vindas ao novo governador. E interessante que, depois de todo esse tempo, os "Herodes" continuem na história. Esse Herodes é neto de Herodes, o Grande, que tentou matar o menino Jesus. Como seu tio-avô Herodes Antipas, que ficou curioso para conhecer Jesus no julgamento em Jerusalém (Lc 23:8), Herodes Agripa II mostra-se curioso para conhecer Paulo, esse missionário de Jesus. Vários anos antes, seu pai, Herodes Agripa I, mandara executar Tiago, filho de Zebedeu, e prender Pedro (At 12:1-3). Sempre aparece um Herodes nessa história.

O governador Festo concorda em satisfazer a curiosidade de Herodes Agripa e o convida a examinar Paulo e ouvi-lo

falar. Festo transforma a reunião num acontecimento formal repleto de oficiais militares e líderes proeminentes da cidade (25:23). E, apesar de não se tratar de um julgamento oficial, mas de uma audiência para fazer um levantamento dos fatos (Festo está tentando encontrar uma acusação formal que legitime seu apelo ao tribunal romano), o discurso de Paulo perante as pessoas reunidas no auditório (26:2-29) só perde em extensão, entre os sermões e discursos em Atos, pelo de Estêvão. Suas palavras são tanto uma defesa quanto uma pregação fervorosa, incluindo até um apelo: "Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas [...] Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias" (26:27-29).

O que Paulo diz é extremamente interessante, e o rei Agripa e Berenice certamente prestam atenção, mas ninguém no tribunal parece ser muito afetado pelo discurso. O principal motivo de estarem lá é a curiosidade em conhecer esse pregador encarcerado. Será que esperavam um espetáculo pirotécnico sobrenatural para dar um pouco de emoção à sua vida parasitária, entediada e indolente?

UM MEMBRO DA FAMÍLIA herodiana aparece em cada um dos julgamentos — Herodes Antipas, no julgamento de Jesus, e Herodes Agripa II no julgamento de Paulo. Seu papel no processo é secundário, são apenas coadjuvantes, mas sua presença nos leva à seguinte reflexão: a comunidade de Jesus tratava o Mundo[149] com um descaso surpreendente. Se há um nome que é sinônimo de Mundo no século I da era cristã, esse nome é Herodes, qualquer Herodes. Os Herodes personificavam as vaidades do Mundo, aquilo que, por vezes, chamamos de "coisas mundanas", questões de influência e *status,* pompa e circunstância, e busca pela satisfação dos próprios prazeres, o que ainda pode ser resumido na

[149] Uso "Mundo" com M maiúsculo para destacá-lo deliberadamente como o "mundo" que rejeita Deus, conforme a expressão de João: "Não ameis o mundo" (1Jo 2:15).

expressão "se virar no mundo". E mais do que curioso a comunidade de Jesus continuar a adular pessoas como Herodes na esperança de obter sua aprovação, recrutando-as como aliadas e usando sua influência para a causa do reino.

Herodes Antipas e Herodes Agripa saíram há muito do cenário histórico, sendo lembrados apenas como figuras comuns que representam certo diletantismo espiritual e teatralidade enganadora. Mas, em suas respectivas épocas, Antipas e Agripa foram figuras importantes. Ainda assim, a comunidade de Jesus não se deixou impressionar. A presença de Antipas e Agripa nos julgamentos permitiu que a comunidade tivesse acesso a homens em posições influentes.

A família Herodes em sua totalidade (cinco Herodes são mencionados na história do evangelho) permeava o cenário cultural e social da época. Não eram necessariamente benquistos — na verdade, geralmente eram desprezados —, mas é preciso reconhecer que sabiam como "se virar no mundo". Apesar de serem membros do povo conquistado da raça semita num mundo dominado pela política romana e pela cultura grega, todos os Herodes conseguiram alcançar o *status* de celebridades. Se você deseja "se sair bem" nesse tipo de mundo, deve aprender com os Herodes. Eles eram especialistas em "princípios de liderança" no mundo em que a comunidade de Jesus começou a ser formada.

Porém, a comunidade não dá nenhum sinal de estar interessada nesses princípios. Ao serem julgados diante do mundo, Jesus e Paulo poderiam facilmente ter interpretado a presença de um Herodes no tribunal como canal para influenciar os governadores romanos — afinal, os Herodes eram compatriotas com vínculos influentes em Roma e poderiam ter servido de ponto de partida para levar a mensagem do evangelho aos líderes políticos e culturais mais poderosos da época.

De certa forma, os Herodes sintetizam o tipo de pessoa pelo qual a comunidade de Jesus muitas vezes se sente atraída, ansiosa por obter sua aprovação, recrutá-la como aliada e usar sua influência para a causa do reino.

Mas nem Jesus nem Paulo seguiram esse caminho. A atitude de ambos é, basicamente, de frieza desinteressada. Não há nenhuma bajulação, nenhum sinal daquilo que vemos com tanta freqüência em nosso meio na presença de pessoas importantes: "Que oportunidade maravilhosa! Vamos aproveitá-la ao máximo... eles são líderes influentes". Jesus praticamente os ignora. Paulo dá seu testemunho fielmente, mas não tenta se aproveitar para conquistar o favor deles.

A chave para entender a interação da comunidade com o Mundo é o fato de que os Herodes oferecem a possibilidade de influenciar Roma. Esses homens são mestres da "influência". Os dois Herodes estão curiosos para conhecer os homens sendo julgados: Antipas se interessa por Jesus e Agripa, por Paulo. Essa curiosidade é excelente recurso a ser explorado para o reino. Mas nem Jesus nem Paulo se valem desse expediente; em vez de "aproveitá-lo", eles o ignoram.

Por quê? Porque Jesus e a comunidade de Jesus sabem que as condições nas quais o evangelho é propagado pelo mundo não têm nada a ver com influência, riqueza ou poder. O contexto inegociável a partir do qual eles operam é formado por Jesus, a cruz e a Trindade. Nem celebridade nem "oportunidade" distraem Jesus e a comunidade de Jesus.

O mundo é um lugar sedutor. Se começamos a atender aos seus interesses, satisfazer suas curiosidades, moldar nossa linguagem às suas formas de expressão e sintaxe e adotar seus critérios de relevância, abandonamos nossos princípios norteadores.

Muitas vezes, o que ocorreu nos julgamentos de Jesus e Paulo, julgamentos que contrastaram Jesus e Paulo com a praxe do Mundo, se dissipa de nossa consciência e é substituído por suposições dominadas pelas oportunidades, técnicas e realizações. Jesus e Paulo não se deixaram seduzir.

A DINASTIA HERODIANA se estendeu por cerca de sessenta anos, do nascimento de Jesus até a formação e o desenvolvimento inicial da comunidade cristã. Os Herodes são figuras secundárias, quase insignificantes na história de Lucas sobre Jesus e a comunidade dos cristãos. Mas eles e

os de sua laia continuam a dominar a imaginação das pessoas, o que não exclui membros da comunidade de Jesus, pessoas que desejam fazer diferença no mundo — "para Jesus". Representam o caso extraordinário de uma dinastia incrivelmente bem-sucedida em obter celebridade, influência e riqueza sob as condições menos auspiciosas. O governo romano só estava interessado em usá-los para seus propósitos, e a maioria dos judeus os desprezava.

Ainda assim, conseguiram alcançar proeminência pública, personalizando tudo o que pode ser conquistado em circunstâncias adversas. O mundo herodiano era de riqueza e influência, de pompa e circunstância, de crueldade e autopromoção, de arrogância e satisfação dos próprios prazeres. Eles eram pessoas que sabiam como conseguir o que queriam. Para quem deseja fazer coisas grandiosas para Deus, os herodianos são, sem dúvida, uma inspiração. Fica absolutamente claro, porém, que Jesus e Paulo escolheram o caminho mais estreito, o caminho que terminou em morte por crucificação para Jesus e prisão e morte para Paulo.

"Akolutos"

Atos termina num tom tranqüilo: Paulo em prisão domiciliar em Roma, recebendo visitantes e conversando. O livro encerra com a palavra provocante *akolutos,* "sem impedimento algum" (At 28:31). *Akolutos* sugere um campo vasto, completamente aberto para a comunidade sagrada em um mundo sem fronteiras. Logo no início de seu evangelho, Lucas expande nossa imaginação de modo a entendermos que nada menos do que o mundo inteiro é palco para contar a história de Jesus: "Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se" (Lc 2:1).

E agora, cerca de 62 anos depois, Paulo está em Roma, o lugar onde esse decreto foi publicado, mas sob prisão domiciliar, acorrentado a um soldado romano encarregado de vigiá-lo: Paulo, forçosamente confinado aos seus aposentos e "pregando o reino de Deus [...] com toda a intrepidez, sem impedimento algum" (28:31). Sem impedimento algum? De

acordo com Howard Marshall, "toda a ênfase encontra-se nessa última expressão".[150] E uma ironia? Paulo, imobilizado por grilhões romanos, não parece representar uma estratégia promissora para realizar a salvação do mundo predita quando Jesus disse à comunidade incipiente: "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas [...] até aos confins da terra" (At 1:8). Ou será que "sem impedimento algum" é a palavra final escolhida cuidadosamente por Lucas para expressar o *meio* pelo qual o Espírito Santo realiza a formação do Reino neste mundo?

Na geografia do século I, Roma era o mundo todo; o cidadão comum não conseguia pensar além de Roma. Na imaginação popular, o império abrangia os "confins da terra". É nesse lugar que o principal pregador e mestre da comunidade de Jesus foi colocado. Ainda que ninguém naquela época tivesse consciência disso, a comunidade de Jesus, representada na pessoa de Paulo sob prisão domiciliar em Roma, está em via de se tornar uma comunidade mundial. Essa comunidade de Jesus não é paroquial, provinciana; nunca se pretendeu que fosse confinada a um gueto ou limitada por questões como raça, cultura ou política. Já em Roma, ainda que sem o apoio de evidências externas, está preparada para receber o mundo inteiro em seu meio.

Sem impedimento algum? Paulo não pode sair de casa. Acabou de ter uma conversa decepcionante com os líderes da comunidade judaica local que sequer tinham ouvido falar dele e que, depois de escutá-lo, foram embora discutindo o que ele havia dito. Paulo se despede deles com uma citação mordaz da profecia de Isaías: "O coração deste povo se tornou endurecido" (At 28:20-27). Ele não é mais bem-sucedido com a liderança judaica de Roma do que foi com os líderes judeus de Jerusalém. Enquanto isso, Nero está ensandecido, e os cristãos estão sendo martirizados por atacado na cidade. Em breve, Paulo será incluído na matança. Sem impedimento algum?

---

[150] *The Acts of the Apostles,* p. 427.

Tendo em vista o cuidado com que Lucas utiliza as palavras, não há dúvida de que ele quer dizer, literalmente, sem impedimento algum. No entanto, não se trata de uso literal reducionista, fruto de uma mente pedante e indiferente ao passado. A essa altura, Paulo e Lucas — que está escrevendo a história da comunidade de Jesus — estão perfeitamente a par dos *meios* da graça, de *como* o Espírito opera a salvação e forma a comunidade. Eles conhecem e experimentaram essa maneira, a maneira de Jesus, do Espírito, da cruz, da ressurreição, e sabem como ela opera. Eles viveram essas narrativas dos evangelhos e de Atos, viveram-nas intimamente, participaram delas em oração e obediência, e sabem que "sem impedimento algum" é a expressão exata a ser usada na conclusão. A lentidão da justiça, graças à qual Paulo permanece esquecido na prisão, a obstinação religiosa que afastou a liderança judaica da comunidade de Jesus, os massacres que enchem a cidade de repulsa diante dos cadáveres de cristãos não são considerados impedimentos. "Sem impedimento algum" destaca-se como a última palavra.

Não fica evidente, a esta altura, que, ao longo de toda a narrativa sobre a formação da comunidade de Jesus, os meios usados não são convencionais, são contraculturais e estranhos para aqueles que não sabem nada sobre a ressurreição? Mas, depois que a ressurreição é introduzida na história, todas as maneiras de operar precisam ser (repensadas, (re)imaginadas e (re)trabalhadas. Os meios do mundo não podem mais ser usados para alcançar os fins do Reino.

Após assimilar aquilo que Deus fez e está fazendo na criação e na salvação, esta é a realidade mais difícil e, ao mesmo tempo, mais importante de aceitar na vida cristã: que nos tornamos participantes voluntários não apenas *daquilo* que Deus faz, mas de *como* ele opera. Todos nós crescemos e estamos cercados por um mundo que não faz caso da ressurreição, no qual o poder e o dinheiro, a informação e a tecnologia, a cobiça e a avareza, o orgulho e a ira são os meios normais e aprovados de alcançar os objetivos do

mundo. Meios que, aliás, são eficientes e eficazes. Uma pessoa inteligente e determinada pode conseguir quase tudo o que deseja aperfeiçoando e usando esses meios. Os Herodes são o exemplo perfeito.

Mas, se a última palavra de Lucas está correta e representa Paulo e a comunidade de Jesus com exatidão, esses nossos antepassados estão bem à frente de nós no caminho que leva ao envolvimento perceptivo e discernidor usando *o* meio, o *único* meio, apropriado para realizar a obra do evangelho.

"Sem impedimento algum" é a expressão exata. Ela nos diz que todas as dificuldades ou obstáculos que se avultam numa imaginação intocada pelo batismo não têm nenhum valor nas prioridades do reino, onde a ressurreição, a ação do Espírito que traz Jesus à vida no presente define os meios. "Sem impedimento algum" conota cerra ausência de esforço. Paulo, que representa a comunidade de Jesus em Roma e, como tal, é testemunha da ressurreição, não está mais competindo segundo os meios do mundo. *O simples fato de ele estar lá é* suficiente: disponível, acessível a outros, sem levantar a voz, sem brigar para ser liberto das cadeias que o prendem, sem ser depreciado pela liderança judaica que se recusa a ver e ouvir, livre para oferecer o corpo massacrado dos cristãos em intercessão sobre o altar da cruz de Jesus. Ele não está exatamente sem fazer nada. Há algo sacrificial envolvido — nas palavras de um de nossos mais excelentes teólogos espirituais, "a supressão da autoconsciência, uma certa inclinação precisa da vontade, de modo que esta se torne transparente e oca, um canal para a obra".[151]

Não é fácil adquirir essa presença espontânea, mas também não é impossível — não devemos supor que se trata de uma simples questão de temperamento ou de circunstâncias. No que diz respeito tanto ao temperamento quanto às circunstâncias, Paulo era a última pessoa do mundo a exemplificar a equanimidade da ressurreição. Nas primeiras páginas de Atos ele aparece como perseguidor

---

[151] Annie DILLARD, *Teaching a Stone to Talk,* p. 68.

ferrenho dos cristãos, zelosamente dedicado a prendê-los e, pelo menos no apedrejamento de Estêvão, cúmplice na morte deles. Era, por natureza, homem impetuoso, emotivo e dado a explosões de raiva e sofreu um bocado no decorrer do seu trabalho e de suas viagens. Quando Paulo disse aos filipenses: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Fp 4:11), não obstante as circunstâncias, isso se deveu, consideravelmente, ao fato de ele ter aprendido a viver de acordo com os meios do Espírito, e não do mundo.

Aprender a viver na comunidade de Cristo é, em grande parte, uma questão de se familiarizar e se disciplinar de acordo com os meios pelos quais o Pai, o Filho e o Espírito Santo operam formativamente entre nós: a saber, pelo Espírito Santo da parte de Deus e pela obediência dedicada da nossa parte; pela hospitalidade; pela inclusão na comunidade dos estranhos rejeitados pelo mundo; e pelo desenvolvimento de um desprendimento em relação aos poderosos aclamados pelo mundo e aos seus expedientes, exemplificados especialmente nos líderes e nas celebridades.

A comunidade de Jesus trai seu Mestre com muito mais freqüência e de forma muito mais prejudicial pela *maneira* como fala e age do que por qualquer coisa que diz ou faz. A raiva e a arrogância, a violência e a manipulação são causas muito mais proeminentes da profanação da comunidade sagrada do que o erro teológico ou os lapsos morais.

Sem impedimento algum. Expressão final extraordinária e memorável que Lucas usa para caracterizar Paulo e, por extensão, toda a comunidade de Jesus. Além disso, é oportuna para a comunidade de Jesus dos dias de hoje, constantemente tentada a utilizar os meios do mundo para realizar a obra de Jesus. *Sem impedimento algum:* contente e tranqüila, experiente e perspicaz em viver a vida de Jesus à maneira de Jesus, em viver a congruência entre a realidade da ressurreição e os meios pelos quais damos testemunho e vivemos obedientemente dentro dessa realidade.

CULTIVANDO O TEMOR-DO-SENHOR NA COMUNIDADE: BATISMO E AMOR A vida da ressurreição é extremamente atraente. O

nascimento e a morte de Jesus se reúnem de maneira surpreendente e pessoal na ressurreição do Mestre. Agora, descobrimos que *nossa* vida, *nosso* nascimento e *nossa* morte se reúnem na ressurreição: a ressurreição de Jesus torna-se nossa ressurreição. Lemos as palavras de Paulo: "Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo..." (Cl 3:1) e perguntamos: "Se?". Não: "Uma vez que...". Ele "nos deu vida juntamente com Cristo" (Ef 2:5); "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2:20).

As histórias de ressurreição dos quatro evangelistas são combinadas por Paulo na linguagem da participação pessoal e comunitária. A vida cristã é uma vida segundo a ressurreição de Jesus, uma vida consumada pelo Espírito.

Mas, como nos âmbitos da criação e da história, descobrimos que, também em relação à comunidade, muitas vezes nossas respostas espontâneas ao envolvimento com aquilo que Deus fez e está fazendo são inapropriadas. Em vez de participarmos do que Deus já está fazendo, acabamos ignorando e evitando essa obra ou interferindo nela.

Ignoramos a comunidade de Jesus quando juntamos um grupo de pessoas que, a nosso ver, tem muito mais potencial para realizar a obra do reino de Jesus do que os meramente batizados. Recrutamos líderes motivados e talentosos, capazes de captar uma visão e implementá-la prontamente. Colocamos de lado os parâmetros das Escrituras, desenvolvemos descrições de cargo para discípulos e saímos à procura de candidatos para essas "vagas".

Evitamos a comunidade de Jesus quando assumimos discretamente uma atitude de espectadores. Não somos indiferentes. Apreciamos e elogiamos. Admiramos, exclamamos e somos inspirados. Tudo isso, porém, do conforto de nossas cadeiras cativas, apoiando a comunidade com nosso aplauso e realizando tarefas voluntárias aqui e ali, quando temos vontade.

Interferimos na comunidade criada pelo Espírito quando tentamos assumir o controle. Descobrimos a dádiva maravilhosa da vida nova em Cristo — propósito, significado e gratidão correndo por nossas artérias; mal podemos nos

conter —, arregaçamos as mangas e começamos a dar ordens para o Espírito, impondo nossa visão de como a comunidade deve ser administrada. Afinal, somos razoavelmente competentes em conquistar metas, fazer boas obras e motivar outros. Conhecemos a verdade e as metas do evangelho. No entanto, não paramos para aprender a fazer as coisas *à maneira* de Jesus. Assim, acabamos fazendo a coisa certa da maneira errada e servindo de empecilho.

Ignorância, evasão e interferência são dificuldades enormes e persistentes no desenvolvimento de uma vida de participação dirigida pelo Espírito entre aqueles que, no batismo, são "ressuscitados com Cristo", vivendo juntos na congregação da ressurreição. Nenhum de nós é totalmente inexperiente na tarefa de viver e trabalhar com outros. Afinal, ela faz parte do crescimento — é aquilo que chamamos de "socialização". Aprendemos a fazer isso em vários contextos, na família, na escola, no trabalho, nos esportes, tocando numa banda ou orquestra, participando de um grupo de escoteiros, do Rotary ou do Lions Clube.

É compreensível que transfiramos para a igreja o que aprendemos nesses contextos diversos. Porém, na maioria das vezes, o que aprendemos não é apropriado nessa comunidade — ou, pior do que inapropriado, é errado. A comunidade da ressurreição é única. Como podemos participar apropriadamente dessa comunidade sagrada? No que se refere aos meios, os paralelos e as relações com outros grupos de pessoas com os quais nos associamos são mínimos. Precisamos recomeçar e perguntar: "Qual é a qualidade única desta comunidade para a qual fui convidado e como posso participar dela corretamente?".

Como nas áreas paralelas da criação e da história, a resposta curta para essa pergunta é cultivar o temor-do-Senhor. Ao cultivar o temor-do-Senhor, desenvolvemos um respeito reverente pelo que está acontecendo e, então, com modéstia, mas também com prazer genuíno, começamos a fazer o que precisa ser feito. De modo gradual, porém infalível, a prática do temor-do-Senhor desloca nossa atenção da preocupação com o que podemos ou devemos fazer para a

assimilação atenta do que Deus tem feito e da maneira como ele continua a operar em Jesus pelo Espírito Santo.

A prática focai para cultivar o temor-do-Senhor na comunidade é o batismo, que alcança sua maturidade na prática do amor.

Batismo

> O cristianismo diz respeito à água: "Todos vós os que tendes sede, vinde às águas". Diz respeito ao batismo, conforme determinado por Deus. Diz respeito à imersão total, a cair dentro de algo elementar e se *molhar.* A maior parte do que fazemos da vida neste mundo visa nos manter secos, com boa aparência, com a cabeça fora da água. Mas no batismo, em lagos, na chuva, em tanques e fontes, você aceita fazer algo burlesco, pois é, ao mesmo tempo, sagrado e absurdo. Diz respeito a entrega, a ceder a tudo que não podemos controlar; é uma disposição de deixar o equilíbrio e o decoro e se *encharcar.*
>
> Anne Lamott[152]

Nos evangelhos, o batismo ocupa uma posição inicial e proeminente dentro da história: primeiro, João batizando, preparando o caminho para Jesus e, depois, batizando Jesus: João batizando, Jesus sendo batizado. O batismo de Jesus no Jordão foi caracterizado pela descida do Espírito sobre ele e dentro dele, acompanhada de uma voz do céu: "Este é o meu filho amado", confirmando sua identidade no momento em que iniciava seu ministério de revelação do reino de Deus. Ao entrar na água "sem forma e vazia", enquanto o Espírito (a pomba) pairava sobre as águas, vislumbra-se a cena de Gênesis 1. Trinta anos depois, o Espírito desceu sobre a primeira comunidade de cristãos, que começou, então, a falar em línguas e realizar a obra do Reino de Deus no mundo. Seu primeiro ato foi batizar três mil convertidos no dia de Pentecostes. Para praticamente todas as nossas tradições cristãs, com exceção da Sociedade dos Amigos (os quacres), o primeiro ato definidor que marca a vida da comunidade da ressurreição é o batismo sagrado.

---

[152] *Traveling Mercies,* p. 231.

UM PASTOR AMIGO MEU foi incumbido de iniciar uma nova congregação. Uma pessoa nessa posição precisa de toda ajuda possível. Quase tudo deve ser feito do zero. Logo no início, uma mulher abordou meu amigo e disse: "Pastor, deixe-me ajudá-lo. Tenho facilidade em organizar e motivar pessoas. Trabalhei muito tempo com serviço comunitário e gostaria de usar minha experiência e minhas habilidades para ajudar essa igreja nova a crescer".

Meu amigo agradeceu a ajuda e sugeriu: "Que tal se começássemos com algumas conversas, refletindo e discutindo aquilo que faremos juntos? Proponho que no próximo mês e meio nos encontremos uma vez por semana e gastemos algum tempo lendo e conversando sobre o que João Calvino escreveu acerca do batismo. O batismo, tanto em termos presentes quanto futuros, definirá e fundamentará o que é distintivo nas pessoas que constituirão esta congregação. Uma comunidade eclesiástica não é exatamente igual a nenhum outro grupo de pessoas. Estamos tratando de almas, vidas inteiras, sem deixar nada de fora, vidas imersa em Deus". Depois de duas semanas, a mulher perdeu o interesse.

SEM SOMBRA DE DÚVIDA, o batismo coloca o nosso nome pessoal e único na companhia da Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo. Uma vez que não batizamos a nós mesmos — é sempre um ato realizado em nós em nome do Deus tripessoal na comunidade —, a vida da ressurreição pela qual adquirimos a verdadeira identidade é aceita como anterior e externa a tudo o que possamos fazer por nós mesmos. Nesse momento, deixamos de ser somente nós mesmos sozinhos; a partir de então, somos nós mesmos na comunidade de pessoas igualmente batizadas.

Ao ingressarmos na comunidade da ressurreição, o batismo sagrado redefine nossa vida em termos trinitários. O batismo é, ao mesmo tempo, morte e ressurreição, renúncia e aceitação. No batismo, nosso nome é pronunciado com o

Nome — Pai, Filho e Espírito Santo —, e estamos preparados para entender nossa vida de forma abrangente e comunitária como filhos do Deus tripessoal. Recebemos novo rumo, deixando de seguir o próprio caminho e vivendo, agora, como membros da comunidade que segue Jesus. Nessa nova vida, nada podemos fazer sozinhos. Como Barth insistiu com tanta veemência, em se tratando de Deus, somos sempre novatos.[153]

Trindade: o Nome

O conceito teológico de Deus como Trindade é a parte central controladora do ocorrido no batismo. Somos batizados em nome da Trindade. O batismo é uma imersão no Deus triuno, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. As implicações são enormes: agora participamos da companhia do Deus criador do céu e da terra, do Deus que entra na história e estabelece a salvação como sua ação definitiva e do Deus que forma uma comunidade para adorar e dar testemunho de suas palavras e suas obras. Deus entendido como Trindade, Deus em três pessoas, lança os alicerces conceituais para a vida na comunidade da ressurreição.

Três aspectos ficam imediatamente claros: o batismo em nome do Deus tripessoal significa que nossa identidade essencial é, como a dele, enfaticamente *pessoal;* o batismo em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo significa que somos recebidos como *participantes* plenos na totalidade de Deus; o batismo em nome da Trindade significa que há muito no que diz respeito a Deus, muito mais do que jamais seremos capazes de compreender; ao sermos batizados adentramos um *mistério.*

O aspecto pessoal

Ao insistirmos em que Deus é tripessoal — Pai, Filho e Espírito Santo, Deus inerentemente relacionai, Deus em comunidade —, entendemos que Deus é enfaticamente pessoal. A única maneira de revela-se é pessoalmente. Ele é

---

153 *The Christian Life,* p. 80.

pessoal sob as designações pessoais de Pai, Filho e Espírito Santo, apenas: nunca impessoalmente, como força ou influência, ou abstratamente, como idéia, verdade ou princípio. Portanto, é evidente que não pode ser conhecido impessoal ou abstratamente.

Não estamos acostumados a isso. Somos educados em instituições que nos instruem na aquisição de fatos e dados, de definições e diagramas, de explicações e análises. As escolas fazem isso com extrema competência. Quando estudamos indivíduos, seres humanos ou Deus, aplicamos os mesmos métodos: analisando, definindo, classificando, traçando quadros e perfis. O singularmente pessoal e particular é eliminado da grade curricular; significa remover o que é mais importante em relação a nós: amor, esperança e fé; pecado, perdão e graça; obediência, lealdade e oração, elementos relevantes para a compreensão e o desenvolvimento como pessoas.

O fato é que, ao sermos estudados como espécimes de laboratório, o o aprendido fica no mesmo plano do conhecimento adquirido por meio de uma autópsia. A única maneira de conhecer outra pessoa é num relacionamento pessoal, e isso envolve pelo menos níveis mínimos de confiança e risco.

A longa educação nas escolas e a imaginação intocada pelo batismo normalmente nos levam a transferir esses métodos reducionistas e despersonalizados para nosso conceito de Deus. Ao fazê-lo, porém, não encontramos muita coisa, pois Deus é totalmente pessoal, interpessoal, relacionai, dando e recebendo, amando e dirigindo. Não há nada no Pai-Filho-Espírito que não seja comunal.

Portanto, a única forma de aprender sobre o Pai-Filho-Espírito é entrando na comunhão, na companhia da Trindade: orando e ouvindo, permanecendo calados e atentos, nos arrependendo e obedecendo, pedindo e esperando. Tendo em vista a educação a que somos submetidos nas escolas, é fácil usar palavras de forma abstrata e tratar o evangelho como informação. Porém, a Trindade nos impede de fazer isso. A Trindade nos adverte

para não supor que podemos nos trancar num quarto livres de pessoas e distrações para simplesmente ler, estudar e meditar e, com isso, conhecer a Deus. A Trindade é nossa defesa contra todas as tentativas de viver a vida cristã de maneiras que despersonalizam o evangelho, Deus ou as outras pessoas e que destroem a alma.

Quando somos batizados dentro da comunidade em nome da Trindade, nossa vida torna-se relacionai de modo mais completo e profundo que nunca, não apenas com Deus, mas com os outros membros batizados.

A participação

Ao enfatizarmos que Deus é tripessoal como Pai, Filho e Espírito Santo, recebemos um conceito de Deus que acolhe participação. Ao sermos batizados, somos levados *para dentro* da vida comunal da Trindade. A vida espiritual é uma participação no ser e na obra de Deus, que nunca deixa de participar do que faz. Ele não delega. Ele não administra do alto de um cargo impessoal. Ele não se separa de sua comunidade usando escalões de anjos-secretários por meio dos quais temos de marcar uma audiência. Uma vez batizados, começamos a entender o que significa participar daquilo para o qual imaginávamos não estar adaptados ou qualificados.

Não estamos acostumados com isso. À medida que nossas responsabilidades aumentam, quase todos nós adquirimos as habilidades necessárias para fazer nosso trabalho com eficiência, o que normalmente implica não participarmos pessoalmente. Enviamos memorandos, preparamos tarefas para delegar, desenvolvemos programas, estabelecemos metas, organizamos comissões. E muito mais fácil guiar e motivar as pessoas de longe do que "envolver-se" com elas. E muito mais fácil e rápido depender da tecnologia para viagens e comunicação, construção e plantio, entretenimento e gerenciamento, do que mergulhar naquilo que precisa ser feito. Mas, toda vez que seguimos essa linha, o envolvimento com a realidade, concernente a pessoas ou coisas, diminui e, conseqüentemente, há menos de nós, menos vida.

Quando trazemos esses hábitos gerenciais e tecnologizados para nosso relacionamento com Deus, logo passamos a tratar com um ídolo, um deus-coisa no qual podemos projetar nossos planos e estratégias, nossos programas e nossa devoção. O mundo da religião está repleto desse tipo de coisa. Algumas pessoas ganham rios de dinheiro ajudando outros a construírem deuses-coisas ou deuses-idéias. Muita gente parece se sentir extremamente realizada em ouvir líderes lhe dizer como usar Deus em benefício próprio — afinal, os líderes são tão entusiasmados, tão convincentes!

No entanto, só podemos participar de quem Deus é *como* ele é. Ele não está disponível para realizar nossas fantasias ou satisfazer nossas exigências. Deus não *é* um tipo de energia ou função indefinida esperando em algum lugar até aparecermos com a técnica correta ou com a senha certa para colocá-lo em ação. Está sempre ativo, intensa e incessantemente ativo, criando e salvando, curando e abençoando, perdoando e julgando. Ele estava ativo dessa forma como Pai, Filho e Espírito Santo muito antes de entrarmos em cena, e revelou claramente que deseja que nos envolvamos no que ele faz. Ele nos convida a participar. Ele nos recebe de braços abertos na dança da Trindade, que descrevi anteriormente como *perichoresis*.

Quando somos batizados, inserindo-nos *dentro da* comunidade em nome da Trindade, somos redefinidos como participantes da obra e do ser de Deus. Há muitas maneiras de sair bem no mundo sem nos envolvermos excessivamente com pessoas e coisas. Mas o mesmo não se aplica à vida cristã. Quanto mais entendemos Deus como Trindade, mais percebemos que somos recebidos como participantes de tudo o que Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — está fazendo. Além disso, cada ato de participação é único — Deus não nos alistou para um exército que marcha em formação fixa. Somos mergulhados em particularidades, e não absorvidos em generalidades.

O mistério

Costuma-se dizer que a Trindade é um mistério. Sem dúvida, isso é verdade. Teólogos escrevem grossos livros sondando a extensão infinita do mistério. Porém, não é um mistério envolto em escuridão que só podemos apalpar e sobre o qual só podemos conjecturar. Esse mistério nos dá a entender que nunca saberemos tudo sobre Deus. É um mistério que nos impede de ousar empregar o que sabemos para controlar ou manipular Deus. E um mistério no qual cultivamos uma postura de culto, adorando o que não podemos entender inteiramente, recebendo aquilo para o quê ainda não temos nome.

Não é um mistério que nos deixa no escuro, mas um mistério no qual somos tomados pela mão e conduzidos gradativamente para dentro da luz, uma luz com a qual nossa alma não está acostumada, mas, ainda assim, uma luz na qual nos reconhecemos como pessoas na companhia de um Deus pessoal, nos tornamos participantes de todas as operações de Deus e desenvolvemos uma identidade de humildade e receptividade, um não-saber na presença do Deus que nos conhece.

Em se tratando de Deus e da vida cristã, há sempre mais, muito mais. Tanto que, se mantivermos em mente esse "mais", nunca correremos o risco de reduzir Deus à dimensão das nossas necessidades ou da nossa imaginação. O "mais" é um mistério de luz: a Trindade sobrepuja nossa compreensão, mas não de forma intimidante; somos convidados a estar presentes e adorar.

Deus formulado como Trindade nos confronta com uma grandeza, uma imensidão, uma profundidade que não podemos administrar, controlar ou reduzir para nos relacionarmos com ele em nossos próprios termos. Deus é mais do que podemos compreender. "Um Deus que pode ser compreendido não é Deus". Não podemos "conhecer" a Deus de uma forma que explica tudo a respeito dele. A única maneira que temos de nos aproximar de Deus é pela adoração: santo, santo, santo.

Não estamos acostumados com isso. Queremos "ficar por dentro". Respostas fornecem credenciais de competência.

Agora que fazemos parte dessa comunidade que logo no início de sua existência adquiriu a reputação de transtornar o mundo (cf. At 17:6), queremos fazer jus à nossa reputação. Desenvolve-se uma pressão, algumas vezes interna e outras externa, para sermos "relevantes" para a sociedade, para reduzir Deus, ajustando-o às necessidades das pessoas, às expectativas da igreja ou às nossas ambições.

Mas Deus não é um bem de consumo que podemos usar; não é uma verdade da qual podemos lançar mão para explicar ou provar aquilo que, por natureza, está além da compreensão. Num mundo funcionalizado, no qual praticamente todas as pessoas são treinadas para se enxergar em função do que são capazes de fazer, de sua competência, de sua habilidade, somos confrontados com a Trindade. Na Trindade, deparamo-nos com a realidade de que não estamos no controle, de que não somos capazes de servir às pessoas nas condições delas, mas apenas em função de quem Deus é em si mesmo. Não sabemos o suficiente — se reduzimos Deus àquilo que as pessoas desejam ou àquilo que "funciona", deixamos muita coisa de fora; na verdade, deixamos de fora quase tudo do Deus que "habita em luz inacessível" (1Tm 6:16).

Trindade: o ato de nomear

A prática focai do batismo é fundamental para a formação de nossa identidade. No batismo somos nomeados: "em nome". Essa é nossa identidade, quem somos. Eu — Eugene, mas não apenas Eugene —, Eugene na comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que também inclui Dorcas e Richard, Fletcher e Charles, Mildred e Yvonne, George e Berenice. Se você deseja saber quem sou e quais são minhas motivações, por misericórdia, não pergunte o meu QI e não aplique um teste de personalidade em mim. Examine-me na companhia do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A TRINDADE É PARTICULARMENTE relevante para os cristãos em tempos de confusão. Nossa era certamente pode

ser considerada um desses tempos. Tendo em vista o caos em que se encontram as tradições teológicas, religiosas e culturais, as opções que mestres e publicitários religiosos oportunistas nos oferecem para lidarmos com Deus e/ou com a alma são incalculáveis. Em tempos de desespero, somos tentados a buscar uma resposta rápida e uma solução eficiente. Mas a resposta rápida quase sempre é excessivamente simplificada, deixando de fora todos os elementos complexos da verdade; a solução eficiente geralmente é despersonalizada, pois as pessoas exigem muito tempo e causam inúmeras complicações. Nessas condições, a Trindade é nossa formulação teológica mais prática para não perdermos o contato com os fundamentos cristãos: ela nos mantém ligados à grandiosidade extraordinária de Deus e, ao mesmo tempo, à sua proximidade pessoal. Meditar e orar no nome da Trindade é essencial para manter nossa vida tão abrangente quanto pessoal nestes tempos em que o demônio usa todas as estratégias ao seu alcance para nos tornar tacanhos e mesquinhos.

A partir do momento em que somos "re-nomeados" em nome da Trindade, conhecemo-nos de outra forma, de uma forma singular, oposta ao nome pelo qual somos chamados por nossos pais e professores, por nossos amigos e patrões, por nossos vizinhos e inimigos. De repente, conseguimos ouvir o tocador de tambor diferente do qual o poeta norte-americano Henry David Thoreau nos fala. Nossos olhos são abertos para ver, com Moisés, "aquele que é invisível" (Hb 11:27). Nosso nome batismal nos chama para um modo de vida que segue Jesus.

DOIS IMPERATIVOS TRAÇAM O caminho dos cristãos batizados ao vivermos juntos na comunidade da ressurreição. Nenhum dos dois é difícil de entender, mas é preciso uma vida inteira de atenção e disciplina para ser moldado por eles. As palavras são "Arrependa-se" e "Siga". Esses termos são unidos e interiorizados por um terceiro imperativo: "Ore".

"Arrependa-se" é o "não" e "Siga" é o "sim" da vida batizada. As duas palavras devem ser praticadas em

condições variáveis ao longo de toda a vida comunal e na vida individual. Nunca chegamos a dominar essas ordens a ponto de podermos passar para esferas mais elevadas. Elas são básicas e permanecem básicas.

"Arrependa-se" é uma palavra de ação: mude de direção. Você está indo para o lado errado, pensando coisas erradas, imaginando tudo ao contrário. A primeira providência a tomar ao começarmos a vida na comunidade é parar tudo o que estamos fazendo. Não importa do que se trata, é quase certo que está errado; não importa quanto nos esforçamos e quão bem-intencionados somos. Praticamente tudo em nossa cultura nos leva a pensar que controlamos nossa vida, que somos a medida de todas as coisas, que tudo depende de nós.

Estamos viajando por uma estrada larga, pavimentada de boas intenções, engenhosamente planejada com tecnologia de ponta para nos levar a um lugar a que alguém nos disse ser nosso desejo chegar, e queremos chegar a esse destino com um mínimo de inconveniência e o máximo de eficiência e rapidez. É uma estrada congestionada, barulhenta e poluída, com muitos acidentes e fatalidades. No entanto, ela nos leva até o destino que alguém nos disse ser nosso desejo alcançar, de modo que relevamos quase tudo ao longo do caminho.

Então, vem a palavra batismal: arrependa-se. Dê meia-volta. Mude sua maneira de pensar, de imaginar. Deixe o barulho, a poluição, o tumulto, a eficiência que despersonaliza, a pressa propiciada pela tecnologia. Grite um "não" definitivo e inegociável. Estamos em solo sagrado e precisamos protegê-lo da profanação de ser pisoteado indiscriminadamente.

Não começamos a vida da ressurreição acrescentando algo à nossa existência, mas renunciado à vida frenética do ego, limpando o entulho cultural e religioso, dando as costas para aquilo que, com freqüência, resumimos como "o mundo, a carne e o diabo".

Depois disso, siga. Siga Jesus. Seguir o Senhor Jesus Cristo é o "sim" batismal subseqüente ao "não". Renunciamos à iniciativa e adotamos a obediência. Renunciamos às

asserções insistentes e passamos a ouvir silenciosamente. Observamos Jesus trabalhar, ouvimos Jesus falar, acompanhamos Jesus Cristo em novos relacionamentos, até em lugares estranhos e com pessoas estranhas. Andar com o Senhor Jesus, observar o que ele faz e ouvir o que ele diz são práticas que se desenvolvem numa vida receptiva e responsiva a Deus, ou seja, numa vida de oração.

A oração é a linguagem batismal aprendida e usada na comunidade dos batizados. Isso porque seguir Jesus não é marchar atrás dele como robôs em formação rígida. A prática de seguir penetra nosso ser, é interiorizada, chega aos nossos músculos e nervos; torna-se oração. A oração é aquilo que se desenvolve em nós depois que saímos do centro e começamos a responder ao centro, Jesus. E essa resposta é sempre física, um ato de seguir, pois Jesus está se dirigindo para algum lugar: ele vai para Jerusalém e para o Pai. Seguimos Jesus na companhia de seus seguidores, cultivando uma vida de oração em nome de Jesus, descobrindo que o Espírito está orando ao Pai em nós e por meio de nós. Estamos no universo da Trindade, no qual tudo é atenção e adoração, sacrifício e hospitalidade (comunhão), obediência e amor.

O amor

> O amor nunca é abstrato. Não se associa ao universo ou ao planeta ou à nação ou à instituição ou à profissão, mas ao único pardal na rua, aos lírios dos campos, "a um destes meus pequeninos irmãos".
>
> Wendell Berry[154]

Se o batismo é a prática focai que fornece nossa identidade na comunidade em que Cristo atua, o amor dá nome ao modo de vida congruente com essa identidade. O batismo nos forma na prática do amor. Vimos a maneira como Deuteronômio prega o amor detalhadamente como característica predominante da comunidade do povo de Deus. Observamos que a comunidade crista primitiva, conforme apresentada em Lucas/Atos, abre suas portas de par em par e convida generosamente todos os indesejados, "os menores,

---

[154] *What Are People For?,* p. 200.

os perdidos e os excluídos", a entrar. Mas esse amor não é item de catálogo, um produto que os cristãos podem simplesmente encomendar; é o modo de vida que permeia e resume o pensamento e o comportamento dos seguidores de Jesus na companhia da Trindade. Em paralelo com o sábado/maravilha na criação e a eucaristia/hospitalidade na história, o batismo/amor é a prática focai que desenvolve o temor-do-Senhor na comunidade.

Mas "amor" é uma palavra enganosa de nossa linguagem. Nenhuma outra palavra *é* mais confundida, mal interpretada, distorcida e mal utilizada do que "amor". Para complicar, é uma palavra terrivelmente vulnerável a clichês e, quase sempre, esvaziada de seu significado pela tagarelice e pela fofoca. É inteiramente voltada para o "eu", para interesses próprios. A grandeza do amor é reduzida à mesquinhez do ego.

Muitas vezes, essa palavra é empregada pela mesma pessoa e na mesma conversa de maneiras contraditórias — com seriedade e frivolidade, sobriedade e sentimentalismo, de modo refletido e jocoso. É usada na adoração a um Deus santo e como eufemismo para o sexo, pura e simplesmente. É usada para revelar intimidades e promessas do coração, e como fachada para mentiras de todo tipo. Uma quantidade incalculável de violência, tanto emocional quanto física, ocorre em relacionamentos que começam em amor. Não há nenhuma outra experiência humana em que fracassemos com tanta freqüência, em que sejamos tão seriamente feridos, soframos tão profundamente e sejamos tão cruelmente enganados quanto no amor.

Ainda assim, continuamos a ansiar por amor, a sonhar com ele, a procurá-lo. Walter Percy chamou um de seus romances de *Love in the Ruins* [Amor nas ruínas], um epitáfio que um número grande de comunidades poderia adotar. Assim, quando homens e mulheres da comunidade cristã recebem a responsabilidade de dizer uns aos outros que Deus os ama, que ordenou a todos que se amassem mutuamente, e quando assumem a responsabilidade de

oferecer orientação e instrução na vida de amor, sabem que não estão diante de uma tarefa simples.

Na verdade, é difícil imaginar uma tarefa mais formidável e aparentemente impossível. Tendo em vista sua importância enorme para nosso modo de vida, é essencial que tenhamos uma compreensão correta. Precisamos ouvir cada conversa atentamente e ler cada livro criteriosamente a fim de discernir a verdade e as implicações da palavra "amor".

PARA ENTENDER A NECESSIDADE difícil, porém inexorável de amar na comunidade cristã, nossa melhor fonte de orientação é a primeira epístola de João. A carta (que, na verdade, se parece mais com um sermão) trata diretamente de uma comunidade cristã primitiva não identificada que passa por uma fase tortuosa e confusa com referência ao amor, elemento fundamental na vida cristã. O autor (também não identificado, mas apontado pelas tradições primitivas como o apóstolo João) é um pastor. Sua tarefa, que também é nossa tarefa, consiste, primeiro, em insistir na essencialidade irredutível do amor e, depois, esclarecer duas das maneiras mais comuns pelas quais o amor é desintegrado.

Definindo uma identidade de amor

A comunidade que recebeu essa carta pastoral encontrava-se num estado caótico. Ao tratar do seu comportamento, o pastor João usa as palavras e expressões "mentir" ou "mentiroso" (cinco vezes: 1Jo 1:6,10; 2:4; 4:20; 5:10); "odeia" ou "odiar" (quatro vezes: 2:9,11; 3:15; 4:20); "procede do diabo" (3:8); e "pratica o pecado" (3:4). Também faz referência à falta de amor ou recusa em amar (3:10,14; 4:8), ao auto-engano (1:6) e à recusa em ajudar alguém necessitado (3:17).

Uma congregação muito longe de ser ideal. E, no entanto, nada incomum. Não se trata, de maneira alguma, de uma situação rara no meio das comunidades do povo de Deus descritas tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Na verdade, é a norma, como tem sido ao longo dos dois mil anos de história cristã. Essas congregações de santos e

pecadores em nome de Jesus não se entendem muito bem. Quem se afiliar a uma igreja na expectativa de participar de uma congregação feliz, harmoniosa e unida terá uma grande decepção. Podemos pressupor, também, que essa pessoa não leu as Escrituras com muita atenção. De vez em quando, há exceções, algumas até bastante honrosas, mas todas as comunidades cristãs estão sempre em progresso, formadas de pecadores batizados em diversos estágios de desenvolvimento na vida de amor.

As pessoas não são aceitas na comunidade mediante a apresentação de credenciais comprovando suas aptidões no quesito amor; também não mantemos nosso lugar na comunidade realizando avaliações periódicas dos outros membros nesse quesito. Estamos aqui para ser formados ao longo de toda a vida numa comunidade de amados, amados de Deus que estão sendo transformados em um povo que ama a Deus e uns aos outros da maneira que Deus nos ama e segundo seus termos.

É um trabalho demorado. Somos aprendizes lentos. E, apesar da paciência infindável de Deus para conosco, não temos paciência uns com os outros. Pessoas de fora que observam nosso progresso vergonhosamente lento e irregular no amor se perguntam por que nos damos a esse trabalho. Na verdade, o fazemos porque Deus é amor: ele nos criou em amor; ele nos salvou em um ato de amor; ele ordenou que amássemos uns aos outros. O amor é o oceano no qual nadamos. E daí se muitos só ficam andando de um lado para o outro na parte rasa e outros mal conseguem percorrer distâncias curtas nadado estilo cachorrinho? Estamos aprendendo e vemos a possibilidade de, um dia, nadar com facilidade, com braçadas longas e tranqüilas nos lugares mais fundos.

E por isso que a comunidade à qual João se dirige e na qual a mentira e o ódio são tão evidentes é, ainda assim, tratada continuamente com termos afetuosos e relacionais. Essas pessoas são identificadas no início como "filhinhos meus" *(teknia movi),* expressão carinhosa usada sete vezes (2:1,21,28; 3:7,18; 4:4; 5:21). Têm a mesma identidade aos

olhos de Deus: "filhos de Deus" (*tekna theou) é* usado quatro vezes (3:1,2,10; 5:2).

"Amados" *(agapetoi),* a mesma palavra usada pelo Pai para Jesus em seu batismo, é aplicada à comunidade seis vezes (2:7; 3:2,21; 4:1,7,11). "Irmãos" *(adelphoi),* que, neste caso, inclui os dois gêneros, é usada metaforicamente (e, por vezes, traduzida como "irmãos e irmãs") em cinco ocasiões para identificar membros da congregação na intimidade da vida em família (3:10,13,15,17; 5:16). "Pais" *(pateres)* e "filhinhos" *(paidia),* também metáforas que definem a identidade em termos de relacionamento pessoal, são usadas duas vezes cada uma (2:13,14,18).

Todos esses termos são relacionais e ocorrem em contextos de afeição (porém, não de sentimentalismo). Só podemos nos relacionar verdadeiramente em comunidade quando nos entendemos numa linguagem de amor, criados à imagem do Deus que é amor, como pessoas, "[nascidas] de Deus" (5:4,18). O amor, termo relacionai por excelência, é o substrato que prove nossa identidade fundamental em comunidade.

Não importa quão bem ou mal recebemos e damos amor, como é nosso desempenho ou qual é nosso papel ou nossa função — somos seres essencialmente relacionais, e a comunidade existe para nos identificar como tal, para nos chamar de "amados [...] filhinhos [...] filhos de Deus...", em oposição a todas as contra-identidades impostas pelo mundo. Não é raro sermos rotulados desde cedo por termos não relacionais: estudante, artilheiro, esperto, baixinho, folgado. Ao ingressar na idade adulta, os rótulos continuam: advogado, marceneiro, açougueiro, professor, líder, subordinado, sem-graça.

Esses rótulos são inevitáveis e alguns podem até ser úteis, mas o elemento comum é que são impessoais e parciais; quando se referem a nós como um todo, e geralmente é o caso, distorcem nossa identidade essencial. Refletem uma visão extremamente limitada ou, o que é pior, equivocada de quem somos de fato.

Uma das principais tarefas da comunidade de Jesus é cultivar o amor ao longo de toda a vida em meio à confusão das famílias, vizinhanças, congregações e missões. O amor é complexo, exigente, glorioso e profundamente humano, e honra a Deus, mas — eis o detalhe importante — nunca é um produto acabado, nunca é uma realização; em maior ou menor grau, é sempre imperfeito. Por que, então, definir nossa identidade em função de algo que nunca pode ser satisfeito? Há tantas outras maneiras mais fáceis de dar sentido e relevância à nossa condição humana: aderir a um credo ou guardar um código moral prescrito são os exemplos mais comuns em congregações.

A crença e o comportamento são essenciais, mas, como selo característico do cristão, falta-lhes uma coisa: relacionamento. Ambos são suscetíveis a abstrações ou programas. As abstrações (aprender a crença correta) são boas; os programas (aprender o comportamento correto) são bons; mas é possível dominar as abstrações e realizar os programas de maneira impessoal. Na verdade, é mais fácil ser bem-sucedido em ambos impessoalmente.

Ensinar as pessoas a pensar correta e claramente é, em grande parte, um processo cognitivo. Aprendemos as palavras certas e adquirimos as imagens apropriadas para pensar, imaginar e responder a Deus em Cristo. Tudo isso é importante. Ainda assim, é possível — e não apenas possível, mas comum — pensar de forma correta e viver de forma errada, impessoal. O conhecimento não é transformado automaticamente em atos de amor.

Treinar pessoas para se comportarem moralmente é, em geral, um processo programático. Somos treinados para reagir corretamente, obedecer a determinadas regras, respeitar limites, evitar perigos e cumprir metas. Mais uma vez, é possível — e não apenas possível, mas comum — comportar-se de forma impecável e viver de forma errada, egoísta.

Não faltam cursos educacionais para ensinar a forma correta de pensar sobre Deus em comunidade — estudos bíblicos, cursos para catecúmenos e classes de escola

dominical. Temos inúmeros programas criativos para treinar comportamentos conformes com os mandamentos das Escrituras, para ajudar, curar, formar missões e evangelizar o mundo. Mas quem já ouviu falar de um curso sobre amor? E quem já ouviu falar de um programa para desenvolver amor? Isso não existe porque o amor não permite ser reduzido a algo possível de se lecionar em sala de aula ou formulável num programa.

A aula é atraente porque exclui tudo o que não diz respeito à matéria em questão. Em essência, essa abordagem não tem nada errado; aliás, tem muita coisa boa. Precisamos organizar as idéias, saber quem somos e com que lidamos. Nas salas de aula, tratamos principalmente de conceitos e conhecimento. Mas aprender a amar não é um processo que pode ser reduzido a idéias sobre amor.

O programa é atraente porque simplifica pela despersonalização: nele, todos fazem a mesma coisa visando o mesmo objetivo. Em essência, essa abordagem também não tem nada errado; aliás, tem muita coisa boa. Pode nos ajudar a realizar objetivos comunitários para a glória de Deus. Mas a prática do amor é única e exclusivamente pessoal. Não pode ser simplificada numa função.

O perigo não está nas idéias, mas na mentalidade acadêmica que abstrai coisas e pessoas de relacionamentos particulares, transformando-as em conceitos. O perigo também não está nos programas, mas na mentalidade programática com sua rotina de colocar de lado a causa pessoal, a fim de se dedicar com mais eficiência a uma causa impessoal. Essa abordagem não apenas é perigosa, mas também sacrílega, pois são justamente as particularidades relacionais e a intimidade pessoal que ocupam o centro de nossa identidade dada por Deus e formada pelo Espírito Santo como amados que recebem a ordem de amar.

Tomando a carta do pastor João como referência para o desenvolvimento de nossa identidade como filhos de Deus, vemos a exigência contínua de que nos recusemos a sacrificar os compromissos que, como comunidade, firmamos com o mandamento de amor que Jesus nos deu em favor de

uma identidade que possa ser obtida mais fácil ou rapidamente com base num credo comum ou numa causa comum.

O batismo define nossa identidade pela imersão na Trindade enfaticamente relacionai — Pai, Filho e Espírito Santo. Ao mesmo tempo, também é uma redefinição de nossa vida na comunidade dos amados, uma comunidade caracterizada pelo amor — os filhos amados de Deus, irmãos e irmãs criados em amor e que receberam a ordem de amar.

A desintegração do amor

O amor é a expressão mais elevada e completa da revelação de Deus: "Deus é amor" (1Jo 4:16). Também é a expressão mais elevada e completa da pessoa humana: "Se amarmos uns aos outros [...] o seu amor é, em nós, aperfeiçoado" (4:12). Ao usar lJoão como texto-base para o desenvolvimento do amor na comunidade dos amados, precebemos claramente que, na congregação de João, os dois principais "perturbadores da paz" na prática do amor são o pecado e o anticristo, impedimentos que continuam presentes em nossas comunidades.

O pecado

As pessoas com quem vivemos em comunidade são pecadoras — sem exceção. Quando nutrimos ilusões de construir e desenvolver comunidades livres de pecados, realizando periodicamente uma faxina geral e eliminando tudo que contamine ou ofenda, acabamos fazendo uma de duas coisas: contentamo-nos com as aparências agradáveis, polidas, convidativas e familiares, e temos como resultado uma comunidade que não passa de um clube moral; ou nos tornamos indivíduos irados e mesquinhos, atacando as pessoas da congregação, culpando-as por serem filhos rebeldes e incorrigíveis e assumindo o papel de reformadores para nos certificarmos de que todos pensem e ajam corretamente.

As comunidades cristãs sofrem de um problema sério de ingenuidade. No meio de um povo cujo texto norteador das práticas de vida é a Bíblia, livro no qual a constatação de que "todos pecaram" (Rm 3:23) é fato documentado em quase todas as suas páginas, essa é uma grande ironia. Contentamo-nos com aparências convencionais ou campanhas de reforma, sendo que nenhuma dessas abordagens contribui para uma visão mais aguçada ou perspicaz das sutilezas do pecado operando em nosso meio. Em vez de diagnosticarmos a alma, desenvolvemos programas — educacionais, políticos, econômicos — que podem ser (e geralmente são) realizados sem os relacionamentos ativos de amor que exigem envolvimento pessoal. Ao longo desse processo, marginalizamos as práticas que desenvolvem o amor na comunidade: amizades dedicadas, compreensão compassiva e, acima de tudo, o perdão do pecado. É o perdão do pecado que liberta homens e mulheres para amar e, nessa liberdade, impõe que amem.

Mas, para receber perdão pelos pecados é preciso que haja, antes, uma consciência de que pecamos e somos pecadores. Também deve haver a compreensão de que o pecado não é acidental nem "consertável".

Na verdade, um dos maiores impedimentos para uma vida de amor, conforme a descrição de 1João, era a negação da pecaminosidade por parte de vários membros da comunidade. O pastor João não faz rodeios: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos" (1:8); "Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso" (1:10).

Por que alguém diria que não tem pecado, que não peca? Para começar, isso torna a vida muito mais simples. Significa que não precisamos nos preocupar com relacionamentos; que não precisamos levar os outros a sério; e que não precisamos lidar com Deus de maneira pessoal, pois o pecado é, basicamente, uma palavra ou ato despersonalizante. Em essência, não significa quebrar uma regra, mas romper um relacionamento.

João sabe que jamais compreenderemos o amor da maneira certa se não entendermos o pecado corretamente, e a grande dificuldade de entender o pecado assim é nossa tendência de negá-lo ou minimizá-lo. Não faltam eufemismos: erro, imprudência, engano, falha, incorreção, negligência, deslize, descuido, vacilo, estupidez, burrada, mancada, gafe e assim por diante. Mas raramente se fala em pecado. Acontece que vivemos numa cultura insensível ao pecado. Faço, aqui, uma distinção entre pecado e imoralidade ou crime. O pecado é a recusa em se relacionar com Deus e que transborda para relacionamentos incorretos com outros — ou é pessoal, ou não é nada. A imoralidade e o crime, em contrapartida, são transgressões de regras ou padrões da sociedade, ou violações de outras pessoas. Nesse caso, o que está em questão é o comportamento, e não o caráter pessoal. O pecado, porém, é relacionai.

A recusa em tratar do pecado é uma recusa em tratar de nossos relacionamentos. E, se não tratamos dos relacionamentos, não podemos amar. O amor é um ato relacional por excelência, assim como o pecado é um ato anti-relacional por excelência. Se eu digo que não peco ou que, para mim, o pecado é uma questão secundária, na verdade estou dizendo que o amor também não é importante para mim. George Herbert sabia muito bem que o pecado e o amor tinham de ser tratados em paralelo para que fossem compreendidos em profundidade: "Existem duas realidades vastas, imensas [...] Poucos, porém, são os que as sondam: Pecado e Amor".[155]

Mas João as sonda. Ele dá grande ênfase ao pecado porque faz o mesmo com o amor. Não podemos viver de forma impessoal, por abstrações; não podemos viver pela aquisição de informações, pela conclusão de um projeto. É preciso que a *pessoa* esteja envolvida *nestas* Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e *nestas* pessoas: Herman, Abigail, Rodolfo, Jennifer.

---

[155] "The Agony", em *Major Poets of the Earlier Seventeenth Century,* p. 217.

Quando precisamos promover melhorias em nossa comunidade, raramente escolhemos o pecado como ponto de partida. Em geral, os trampolins para o auto-aperfeiçoamento e para reformar o mundo ao nosso redor são o conhecimento, o poder e a riqueza. E os recursos que reunimos para lidar com eles são, em termos amplos, as escolas, a política, os negócios, a medicina e o sistema judiciário.

Temos escolas para sanar a ignorância que nos impede de lidar corretamente com o mundo e a realidade. Aprendemos para poder viver melhor e mais humanamente. O conhecimento é fundamental para viver bem. Usamos os processos políticos para curar a fraqueza que nos torna impotentes diante da crueldade, da injustiça e da opressão. A política é uma das principais formas de exercer poder a fim de fazer o bem, de garantir a justiça, de dar alívio aos sofredores e de proteger as vítimas.

As estruturas políticas (governos e organizações) são centros de poder para fazer o bem. Temos negócios para ganhar o dinheiro que nos livra da pobreza, que, por sua vez, nos deixa inseguros e sem recursos para fazer qualquer outra coisa além de sobreviver. Os negócios alicerçam uma economia na qual as pessoas podem obter dinheiro suficiente para ter um padrão de vida confortável. E assim por diante.

O mais interessante nessas abordagens para melhorar nossas comunidades é que podemos consumir a vida inteira nos dedicando a uma ou várias delas sem nunca pensar no pecado. Da mesma maneira, podemos trabalhar sem ter de nos preocupar com o amor.

Se o problema do mundo não é o pecado, mas a ignorância, então precisamos encontrar a fórmula certa, a técnica certa, os pensamentos certos para nos levar de volta às nossas verdadeiras origens, à nossa identidade real. Todos crescemos numa cultura de confiança enorme, porém quase totalmente indiscriminada, na educação como solução para os nossos problemas. Tomamos por certo que, se conseguirmos melhorar nossas escolas, então nossa vida social, política e pessoal também será melhor, mas quase não temos motivos para continuar esperançosos. Muitas escolas,

com seu *status* simbólico de lugares de esclarecimento, agora são consideradas por muitos como locais perigosos para o corpo e para a mente.

Se o problema do mundo não é o pecado, mas a fraqueza, então precisamos melhorar os processos políticos e levar outros a fazerem o mesmo. Precisamos de um presidente, de senadores, deputados, governadores, juizes e prefeitos que trabalhem em favor dos fracos, protejam os vulneráveis e controlem a criminalidade. Na verdade, temos uma democracia, mas os resultados sociais não são nada animadores. Nossos cidadãos têm os direitos de voto, influência e liberdade. E, de modo geral, fica claro que vivem de modo inadequado, frívolo, compulsivo e egoísta.

Se o problema do mundo não é o pecado, mas a falta de dinheiro, então precisamos desenvolver negócios, corporações, bancos e empreendimentos financeiros pelo mundo para que as pessoas possam trabalhar, produzir safras, extrair minérios e petróleo, ganhar mais dinheiro e desenvolver prosperidade a fim de que não tenham necessidades não supridas e fiquem satisfeitas com sua vida. No que se refere a ganhar dinheiro, somos tão bem-sucedidos quanto qualquer outra nação na história. Mas as conseqüências assustadoras disso são cobiça, exploração, desonestidade e a busca por satisfazer os próprios prazeres a qualquer custo.

EM 1910, G. K. CHESTERTON escreveu um livro chamado *Whats Wrong with the World* [O que há de errado com o mundo]. Era o início do século XX, e o país transbordava de idéias e planos para tornar o mundo um lugar melhor. Socialistas, anarquistas e utopistas de vários tipos apresentavam suas propostas para questões como pobreza e economia, guerra e paz, ignorância e educação, enfermidade e saúde, mediocridade e eugenia, propostas para consertar o que estava errado no mundo. Era uma época de otimismo, e todas as sugestões supunham que, para consertar o que estava errado, só precisávamos encontrar as idéias certas e a

tecnologia certa. Os jornais transbordavam de conselhos inteligentes.

No entanto, eram impessoais: programas ou planos de redistribuição de renda, aprovação de leis, desenvolvimento de mecanismos ou ferramentas, reformas no sistema educacional. Nenhum deles deixava de ter seus méritos, mas nenhum era pessoal. Nenhum identificava o cerne daquilo que estava "errado", ou seja, a recusa de interagir de modo relacionai e responsável com o que está "certo" no mundo, isto é, com

Deus. Não é de admirar que nem a palavra "pecado" nem a palavra "amor" apareciam nessas propostas.

O livro de Chesterton era uma coleção de suas colunas de jornal nas quais ele chamava a atenção para a omissão evidente de qualquer consciência de Deus ou pecado entre seus contemporâneos tão brilhantes. Se tivesse que resumir a polêmica semanal de Chesterton dirigida aos eruditos de sua época que acreditavam ser capazes de tornar o mundo um lugar melhor sem se preocupar com Deus ou com o pecado, sugeriria simplesmente o termo "eu". O que há de errado com o mundo? Eu.

Somos criados para viver de modo relacionai e responsável uns com os outros e com nosso Criador e Salvador. Quando não o fazemos, fica logo evidente que há "algo de errado com o mundo" e que em algum lugar desse "algo errado" há um "eu". De acordo com o apóstolo João, esse é o ponto de partida para tratarmos do problema do mundo.

O único lugar, literalmente *o único lugar* onde o pecado é levado a sério em comunidade é a comunidade cristã, a congregação. Mas, por mais estranho que pareça, até mesmo aí ele não é levado suficientemente a sério. Muitas vezes, nossa comunidade da ressurreição se deixa influenciar pelo mundo ao seu redor, e permitimos que sua identidade seja moldada por uma busca por educação para combater a ignorância; por poder, para aliviar a fraqueza; por dinheiro, para ajudar as pessoas a viverem de modo mais satisfatório e realizador.

Dificilmente o pastor que escreveu 1João negaria que há uma série de coisas que as escolas, os governos e os negócios, juntamente com os tribunais e hospitais, podem e precisam fazer como parte de nossa vida em comum neste planeta. Ele começa, porém, insistindo que não podemos ignorar nem negar a realidade colossal do pecado e de nossa pecaminosidade. Há algo errado no cerne de quem somos, algo errado em termos relacionais e pessoais entre nós e os outros ao redor e entre nós e Deus.

A única maneira de tratar disso é pelo perdão. Se negamos ser pecadores, valendo-nos apenas de generalidades ou eufemismos para expressar a realidade do pecado, o perdão não faz nenhum sentido para nós. Ficamos incapacitados, portanto, de praticar aquilo para o que fomos criados e salvos com a finalidade de fazer melhor, ou seja, o amor: amar a Deus, amar Henry, amar Emily.

Em 1João, porém, o pecado não é um rótulo condenatório; não é uma acusação. É um diagnóstico, um *insight* revelador de nossa condição, de modo que possamos saber o que fazer e aonde ir para participar de uma vida de amor, de *um modo de vida* definido pelo amor, e não apenas de um amor fragmentário e fugaz. Como comunidade, somos norteados por uma realidade incomensurável que nos liberta do pecado como um câncer da alma, como um desperdício silencioso de amor. Essa realidade incomensurável é o perdão:

> O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.
>
> 1João 1:7

> Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.
>
> 1João 1:9

> Se, todavia, alguém pecar, remos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.
>
> 1João 2:1-2

[Ele] enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.
1João 4:10

Purificação, perdão, expiação. Uma vida de amor em comunidade é assegurada por uma vida de perdão por Deus. Aquilo que não podemos fazer por nós mesmos por meio da educação, do governo ou da economia, Deus faz por nós em Cristo. Esse é o alicerce, o único alicerce, sobre o qual a comunidade do amor pode ser formada.

"Expiação" *(hilasmos) é* o termo joanino que dá mais ressonância a esse ato incomensurável de absolvição do pecado, reproduzindo séculos de experiência do povo hebreu com o perdão dos pecados, com uma volta à estaca zero. Vemos nessa experiência milhares de homens e mulheres que, ao longo de milhares de anos, saíram do lugar de adoração com o coração leve e a consciência purificada; que voltaram a seus lares e locais de trabalho com a certeza de estar vivendo na presença de um Deus bondoso que os amava, motivados e livres, mais uma vez, para praticar o mandamento do amor na comunidade do povo de Deus. O pecado, com todas as suas incapacidades, é tirado do centro e substituído pelo amor — o amor de Deus acessível, ativo e vigoroso na comunidade dos amados, com o foco agora inteiramente voltado para o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

A negação do pecado e os programas ou estratégias decorrentes disso para desenvolver um modo de vida que o marginaliza ou o trata com indiferença é tão comum que recebeu um nome: perfeccionismo. Trata-se de um dos pecados mais mortais para a comunidade da ressurreição. E mortal porque os que seguem esse caminho estão convencidos de que podem viver sem pecado, desde que se esforcem o suficiente e encontrem as técnicas ou princípios corretos. Uma vez que isso não é possível (Paulo e João, entre outros, declaram esse fato com veemência), ou os perfeccionistas negam que qualquer um de seus atos possa ser chamado de pecado ou, então, adquirem um verniz que lhes confere uma aparência impecável. E mortal porque

anestesia a consciência de pecado pessoal e, portanto, a percepção de Jesus em sua obra mais importante e essencial de perdão na cruz: o milagre sem precedentes da expiação (*hilasmos).*

É por isso que, com freqüência, os perfeccionistas tornam-se viciados em trabalho; ao ignorarem a ubiqüidade do pecado, insistem na ilusão de que, se completarem só mais uma missão, se alcançarem a excelência em apenas mais um ato de devoção, se evitarem a contaminação ao se apartarem de mais um cristão indigno desse nome e conseguirem implementar com sucesso só mais um projeto, poderão se elevar acima de todos os outros ao seu redor. Alguns perfeccionistas atingem metas impressionantes e realizam feitos extraordinários, mas também acabam sem amigos, muitas vezes sem família, sem perdão — pois nunca precisam dele — e sem amor. O perfeccionismo assume proporções trágicas quando afeta uma comunidade inteira.

O perfeccionismo é, no fundo, um pecado adolescente. Pode-se dizer que os adolescentes, quase por definição, nada sabem sobre o pecado. Sabem sobre "pecados", daquele tipo que transgride os dez mandamentos. Mas pressupõem que, com o tempo, os superarão e estão convencidos de que, se todos (a começar por seus pais) soubessem o que eles sabem e compartilhassem seus sonhos, o mundo logo seria melhor.

Mas não é assim. O modo de vida cristão não elimina o pecado da comunidade. Os cristãos não se tornam impecáveis. A única abordagem sensata (e bíblica) do pecado é a expiação/perdão, cujo centro sacrificial e operante é Jesus Cristo — o perdão motivado pelo amor. O pecado confessado e perdoado nos liberta para desenvolver relacionamentos de amor com nosso Senhor e uns com os outros.

DEPOIS DE ENFATIZAR que nenhum de nós é desprovido de pecado, João prossegue insistindo que não devemos praticar o pecado, ou seja, pecar descuidada, deliberada e despreocupadamente como se não fizesse nenhuma

diferença. Faz diferença, sim — em nossa capacidade de amar e na capacidade de outros receberem nosso amor.

A primeira referência ao pecado na primeira epístola de João nos diz para não enganarmos a nós mesmos, negando que pecamos (1:8,10); mais adiante, encontramos outro par de orações que parece cancelar o primeiro:

> Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado [...] esse não pode viver pecando.
>
> 1João 3:9 (ver 3:6)

> Sabemos que rodo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado.
>
> 1João 5:18

Como podemos entender isso? Em primeiro lugar, o pecado ressaltado na carta é a recusa ou falta de amor. A ampla gama de pecados possíveis que podemos cometer é concentrada aqui nas violações do amor em nossos relacionamentos com pessoas. Nossa identidade como amados de Deus não permite nenhum outro modo de vida senão o de amar aos outros. A declaração direta "não pode viver pecando [...] não vive em pecado" significa simplesmente que não há exceções, não há desculpas.[156]

Ademais, o que "não pode" acontecer na vida de pessoas cuja identidade se define por serem filhos amados de Deus é um modo de vida que exclui o amor. É o que se evidencia no uso das expressões "vive na prática do pecado" e "viver pecando", ou seja, "pratica o pecado". Os cristãos são a comunidade dos amados. Ser amado e amar constitui nossa identidade essencial. O que simplesmente *não podemos* fazer é adotar um modo de vida que, impensada ou deliberadamente, se dedique a pecar e, mais especificamente,

---

[156] J. L. Houldon compara esta frase com expressões comuns do discurso quotidiano, como um pai ou uma mãe que diz "Meninos, não façam isto ou aquilo", sabendo perfeitamente que o farão. Ver *A Commentary on the Johannine Epistles,* p. 94.

a não amar, ou, o que é pior, a odiar (2:9,11; 3:13,15; 4:20).[157]

Os anticristos

O segundo elemento que "perturba a paz" da comunidade dos amados e contribui para a desintegração do amor como prática definidora e universal de sua vida comum é a presença de anticristos.

As cartas de João são os únicos documentos bíblicos que trazem o teimo "anticristos" (1João 2:18,22; 4:3; 2João 7). No contexto das cartas, não é difícil entender o sentido do termo. Porém, tendo em vista o clima apocalíptico de nosso tempo, é preciso observar que não se trata, evidentemente, de referência ao ser perverso oposto a Cristo que deseja dominar o mundo — a figura exageradamente grandiosa que fascina tantos "profetas do juízo final". Para começar, o termo usado por João está no plural: "muitos anticristos" (2:18).

O importante, porém, é que João está se referindo a pessoas que, ao negarem a humanidade de Jesus, negam a existência de absolutamente qualquer traço humano nele e o apresentam como um ser puramente divino. Na época em que essa carta foi escrita muitos líderes religiosos atraiam inúmeros seguidores para essa doutrina, que, parecendo extremamente "religiosa" ou "espiritual" é na verdade uma negação total da encarnação. Negam que Deus tem um corpo. Negam que Jesus se tornou carne e sangue, a mesma substância nossa. Negam que "o Verbo se fez *carne* e habitou entre nós" (Jo 1:14; grifo do autor). Essa encarnação, esse tornar-se carne é justamente o elemento mais extraordinário e distintivo do evangelho cristão.

A princípio, esse Jesus superespiritual parece atraente: sobrenatural, glorioso e miraculoso. Numa era repleta de "espiritualidades" como a nossa, é fácil considerar o Jesus superespiritual como um aperfeiçoamento, uma evolução para uma forma mais elevada de espiritualidade.

---

[157] Ver B. F. WESTCOTT, *The Epistles of John,p.* 104.

Mas esse Jesus desumanizado puxa o tapete da comunidade dos amados. O amor dirigido a um Jesus desumanizado se dissolve numa estética do sublime. Quando Jesus é despojado de todas as características humanas, nosso amor por ele perde todos os detalhes relacionados ao cotidiano com familiares e vizinhos. Assim, é mais fácil e agradável amar um Jesus desumanizado do que um cônjuge difícil, ou um adolescente rebelde, um vizinho mal-educado ou um cunhado insuportavelmente chato — todos eles humanos ao extremo.

Mas o pastor que escreve essa epístola não quer saber de um Jesus "espiritual". João conhece unicamente Jesus como o Deus encarnado que ele ouviu com os próprios ouvidos, viu com os próprios olhos, tocou com as próprias mãos (1Jo 1:1), com o qual comeu e caminhou por toda a Galiléia.

E CURIOSO QUE AS comunidades cristãs sempre tiveram mais dificuldade de assimilar, aceitar e seguir o Jesus que é carne e sangue como nós do que o Jesus que é "um com o Pai". As interpretações mais equivocadas e mortais acerca de Jesus nestes dois mil anos de cristianismo são, de longe, aquelas relacionadas aos que desprezam, ignoram ou negam a humanidade de Cristo. Ao que parece, para um grande número de pessoas é muito mais fácil crer num Jesus inteiramente divino que não suja as mãos com a humanidade do que crer num Jesus com terra debaixo das unhas. Jesus é excelente como salvador de almas e revelador de segredos da vida espiritual, mas, em se tratando de questões relacionadas à vida neste mundo cruel ou dentro de uma família briguenta, Jesus não é de grande ajuda.

João não tolera essa idéia e oferece à comunidade uma regra simples e prática para separar a verdade acerca de Jesus das mentiras: "Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio *em carne* é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo" (1Jo 4:2-3; grifo do autor). O espírito do anticristo nega que Jesus era verdadeiramente humano como nós.

Um Jesus desumanizado nos permite desenvolver uma prática do amor desvinculada das pessoas. Ficamos livres para praticar um amor a Deus que consiste numa mistura de música, montanhas e histórias que enchem nosso coração de pensamentos e sentimentos inspirados sem todas as distrações e incômodos das pessoas. Um Jesus desumanizado é um Deus-conosco desumanizado que nos dá permissão de moldar a vida de amor visando exclusivamente nossa conveniência, sem nos envolver em sacrifícios e paciência.

Amar um Jesus desumanizado significa amar de forma inteiramente desvinculada de qualquer coisa específica que homens e mulheres estejam fazendo na comunidade. Tornamo-nos amantes de idéias e sentimentos, de êxtase e novidade. Mas, por certo, não do Deus que se revelou tão enfaticamente em carne e sangue humano. E, de modo algum, de nossos irmãos e irmãs, pelo menos não daqueles que não nos oferecem vislumbres de sublimidade ou êxtase.

E difícil realizar o esforço enorme de amar pessoas pelas quais não temos nenhum afeto especial quando temos diante de nós essa opção oferecida por um anticristo, por um cristo que não é Cristo, um cristo que podemos cultuar e adorar e no qual podemos crer sem o incômodo de ter de lidar com a humanidade dentro de nós e ao redor. A opção oferecida pelos anticristos sempre foi um escape conveniente para não amar pessoas reais, conhecidas. Muitos homens e mulheres da comunidade de João estavam se aproveitando disso.

O PECADO E O ANTICRISTO são paralelos na desintegração do amor como prática fundamental da comunidade dos amados. O pecado reduz as pessoas ao nosso redor a funções ou objetos, de modo que podemos usá-las, manipulá-las ou ajudá-las condescendentemente. São despersonalizadas, de modo que não precisamos nos relacionar com elas. E, no momento em que isso acontece, evidentemente não há amor — é impossível haver amor, pois ou o amor é relacionamento ou não é nada. De forma paralela, o anticristo eleva o Deus que está em nosso meio a uma idéia ou sentimento. Cristo é

desumanizado, de modo que não precisamos nos relacionar com Deus. No momento em que isso acontece, é claro, não há amor, pois ou o amor é relacionamento, ou não é nada.

A vida em comunidade, no cerne da qual se encontra o amor a Deus e o amor ao próximo, é vivida em meio ao pecado e aos anticristos. Não há como escapar ou se desviar dessas condições permanentes. No entanto, podemos ser treinados para nos manter alertas em realação a elas.

Podemos ser treinados para reconhecer o pecado como uma falta de disposição de viver em relacionamentos e, portanto, em amor. Podemos ser treinados para reconhecer os modos de vida não-relacionais que nos são apresentados na comunidade — princípios e abstrações, causas e programas — e entender que não passam de substitutos para o amor. E, em vez de negar ou ignorar nossos pecados, podemos confessá-los e receber, de joelhos, o perdão de Jesus e a purificação e, então, nos levantar e amar uns aos outros.

Podemos, ainda, ser treinados para reconhecer os anricristos como homens e mulheres que nos dizem que Jesus não foi humano como nós — "Isso é impossível, afinal, ele é Deus!" — e reconhecer que, apesar de todas as palavras sofisticadas sobre Cristo, apesar de toda a superespiritualidade que exibem, essas pessoas são justamente o que sua designação indica: anricristos. Quando nos dizem que somos apenas pessoas, gente comum e pouco importante e que a preocupação maior dos cristãos deve ser com grandes idéias, causas urgentes e visões inspiradoras, e não com pessoas desinteressantes e inconvenientes que nos fazem desanimar, podemos mergulhar novamente na história de Jesus. Podemos nos colocar de joelhos outra vez e adorar esse Jesus na trivialidade de sua humanidade e, depois, nos levantar e voltar para nossos familiares e amigos mais uma vez para amá-los.

A ÚLTIMA LINHA DE 1JOÃO é abrupta: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos". Uma conclusão descabida? Até aqui, João

não disse uma única palavra acerca dos ídolos. Porém, ao observamos com atenção, vemos que se trata de uma injunção apropriada, talvez até genial.

O pastor João nos instrui acerca de nossa identidade como filhos amados de Deus que amam uns aos outros. Ele o faz colocando Jesus no centro e enfatizando sua humanidade plena, ou seja, sua vida pessoal e relacionai de amor por nós. Ele integra isso à ênfase sobre a *nossa* humanidade, ou seja, sobre nossa vida pessoal e relacionai de amor uns pelos outros.

Ele nos adverte acerca da despersonalização, da desumanização de Jesus — que nos livra da humanidade de Jesus para não precisarmos lidar com a nossa. Ele nos adverte acerca de nossa despersonalização, de nossa desumanização, que ocorre quando negamos as evidências claras de nossa humanidade, de nosso pecado, para não precisarmos nos preocupar com a humanidade de outros. Combinados, esses dois atos desumanizadores praticamente eliminam o ato mais humano que somos capazes de realizar, o ato de amar. Então, ele volta e dá essa ordem memorável: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos".

Ídolos? Por que ele introduz os ídolos nessa última linha? Por que faz dessas as suas últimas palavras? Simplesmente porque um ídolo é um deus sem nada de Deus. É Deus despersonalizado, Deus "não-relacionado", um deus que podemos usar e recrutar para nossas causas, sobre o qual podemos fantasiar sem jamais precisar (ou talvez a expressão mais apropriada seja "chegar a") receber ou dar amor, e continuar vivendo, aos trancos e barrancos, com nossa mais absoluta humanidade. A essência da idolatria é a despersonalização. O ídolo é uma forma de divindade que não exige nenhum relacionamento pessoal. O ídolo é uma forma de divindade que posso manipular e controlar. O ídolo inverte a relação Deus/criatura: agora eu sou o deus e o ídolo é a criatura.

A comunidade do amor

O aspecto mais característico do amor cristão é o fato de ele ser uma ordem. O amor não é recomendado, incentivado, nem se busca como uma meta; ele é ordenado: "Ora, temos, da parte dele, este *mandamento:* que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão" (1Jo 4:21; grifo do autor). E ordenado não como um item entre outros, mas como o centro inegociável da vida da comunidade.

Trata-se de uma tarefa assustadora, porém inevitável: nada menos que *comunidade* (ninguém está sozinho nessa história); nada que não seja *amor* (Deus não se contentará com nada menos que nossa maturidade, nossa humanidade essencial).

Se fosse possível impor a comunidade, ela ao menos seria administrável. A coerção permite obter uniformidade e ordem perfeitas, mas o resultado não é comunidade, mas uma paródia grotesca de comunidade; é nazismo. A comunidade só pode se desenvolver com liberdade.

Assim, apesar de ser ordenado, o amor que define nossa vida em comum deve ser espontâneo, pessoal, oferecido voluntariamente pelos membros da comunidade: nossa vida deve ser constituída de um acúmulo de atos de amor — provavelmente defeituosos, imperfeitos, imaturos, precipitados e confusos, mas, ainda assim, de amor. E, mesmo que isso não nos agrade, atos de amor leal.

Estamos mergulhados em realidades magníficas e maravilhosas. Criação! Salvação! Ressurreição! Mas, quando saímos de dentro das águas do batismo e olhamos ao nosso redor, observamos, para nossa surpresa, que a comunidade dos batizados é constituída de pessoas exatamente como nós — inacabadas, imaturas, neuróticas, trôpegas, rudes, que se esquecem das coisas com facilidade e que sempre desafinam na hora de cantar. É plausível Deus ter colocado todas essas questões de importância eterna nas mãos de gente desse tipo? Muitos olham bem para tudo isso, meneiam a cabeça e acreditam que a resposta a essa pergunra é "não". Mas essa é a dificuldade permanente de viver uma vida de amor dentro da comunidade dos amados. É melhor nos acostumarmos com isso.

O que me impressiona aqui é como João é incansavelmente persistente em sua ênfase no amor, mesmo estando ciente de como falhamos nisso com freqüência. Ele sabe tão bem quanto qualquer um de nós que é impossível ser inteiramente bem-sucedido na prática do amor, mas, ainda assim, ele insiste. Ele se recusa a dourar a pílula e qualificar a ordem de outra maneira: "Ora, temos, da parte dele, *este* mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão" (1Jo 4:21; grifo do autor).

Se afirmamos ser fiéis a Jesus, mas desobedecemos o mandamento de amar, João nos chama de mentirosos (2:4). Sua linguagem é clara e direta, não exatamente a que consideramos pastoral. Mas é assim que esse pastor expressa a verdade. Por melhor que seja nossa conduta, por mais que transbordemos de palavras de inspiração, se odiamos nosso irmão ou nossa irmã, estamos "nas trevas" (2:9,11), ou seja, não passamos de levianos falando besteira. Se recusamos amar outra pessoa, não importa quem ela seja, somos Caim, o homicida. A recusa em amar é um ato de homicídio! (3:15). *Isso* nos chama a atenção. João não deixa escapatória. Ele até inclui um ato aparentemente tão pequeno e desprovido de emoção, talvez até de intenção, como deixar de ajudar alguém necessitado como um exemplo da recusa em amar (3:17).

Uma reação extremamente comum a essa insistência absoluta e incansável no amor é sair à caça de definições. O que, exatamente, ele quer dizer com "amor"? Defina esse termo, por favor. No entanto, não encontramos nenhuma ajuda em definições minuciosas.

De toda a gama de comportamentos humanos, o amor é o que apresenta um contexto mais específico. Não existe nenhum ato humano mais inserido no contexto imediato e dependente dele. Se desejamos entender o significado do amor, é praticamente inútil procurar num dicionário. Os atos de amor não podem ser enlatados e usados segundo a nossa conveniência. Todo ato de amor requer um doar, responder e servir criativo, pessoal e apropriado — específico quanto ao contexto —, tanto da parte de quem ama quanto da parte de

quem é amado. Tendo em vista as dimensões comunitárias inteiramente pessoais e particulares, e singularmente contextuais, envolvidas até no mais simples ato de amor (a complexidade das circunstâncias e as condições inevitavelmente locais), num certo sentido é impossível dizer a uma pessoa como deve amar, de modo que as Escrituras nem sequer tentam.

Em vez de explicações, definições ou generalizações, João se contenta com um nome, Jesus, e uma história relacionada a ele. "Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos" (3:16). Deixa, então, que cada um de nós encontre o modo específico, mas sempre pessoal e relacionai, de amar como Jesus amou: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (4:19).

Aprendemos como amar ao sermos amados. O amor não vem embutido nos genes. Vários fenômenos essenciais à existência humana ocorrem sem que haja aprendizado ou prática: respiramos; o coração bombeia o sangue e o faz circular; quando saímos do ventre materno, já temos o reflexo de sugar plenamente desenvolvido; chutamos, agitamos os braços e gritamos; aconchegamo-nos, dormimos e fazemos ruídos com a boca, tudo sem que nos tenham ensinado.

A medida que nos desenvolvemos fisicamente, entram em cena alguns elementos que exigem instrução e prática: leitura e escrita; aptidões sociais, artísticas e atléticas; conceitos emocionais e relacionais; habilidade para consertar a transmissão do carro, programar um computador ou viajar para a Lua. No topo dessa lista de comportamentos aprendidos, de identidades adquiridas, está o amor.

De lima forma ou de outra, todos sabem disso, mas, quando passamos dos trinta anos de idade, depois de termos fracassado tantas vezes, o amor parece tão fora de nosso alcance que nos contentamos com uma identidade humana mais acessível, como aquela associada a tocar violino, jogar futebol, consertar o carro ou ir à Lua. Ao deparar com a artilharia de frases sobre o amor em João, temos a impressão

de que ele não é muito prático. Damos de ombros e dizemos: "Eu tentei, tentei e ainda tentei de novo. Acho que não sou muito bom nessa história de amar e, ao que parece, os amigos com os quais tentei também não são. Que tal algo mais realista?".

Mas, em vez de desistir, João diz: "Não existe coisa mais prática do que esta. Você não se lembra de ter ouvido que *o Verbo se fez carne e habitou entre nós?* Quer algo mais prático do que *habitou entre nós?* E quanto a *Deus amou ao mundo de tal maneira que deu...?* O *mundo* não é algo prático? Não estou apresentando algo esdrúxulo ou inapropriado. É isto que você é, esta é sua identidade: *amado por Deus.* Mas ser amado não é tudo. Ser amado cria uma pessoa que pode amar, que *deve* amar. Receber amor é ponto de partida para dar amor".

É claro que isso envolve purificação radical da sua imaginação, remoção das cracas, dos parasitas e do encardido acumulado ao redor da palavra "amar" para que Jesus e a história de Jesus fiquem claros. Não significa que tudo o que você experimentou, imaginou ou fantasiou sobre o amor é totalmente errado. Mas, na maior parte, senão na totalidade, essas coisas são fragmento de algo maior, uma só peça de um quebra-cabeça com mil peças. A história toda, a figura completa na caixa do quebra-cabeça, é a imagem de como Deus ama, apresentada claramente por Jesus, que, neste exato momento, está vivo e vivendo em nossa comunidade (Mt 18:20). A história de Jesus é a história de um amado que se tornou amante. Agora é sua vez: ame seu irmão, ame sua irmã, ame seu vizinho.

E João nos diz isso repetida e incansavelmente. Alguns o consideram enfadonho. Será? Talvez as repetições transmitam a idéia de paciência. Talvez, com elas, João esteja dizendo que será um processo demorado. Mas não há problema: ele não vai desistir de nós, e Deus também não. Ninguém pode apressar essas coisas. E ninguém pode medir e avaliar nada tão intrincadamente complexo e multifacetado. Estamos diante de profundezas e mistérios, de uma

sacralidade que não deve ser violada por intromissão, interferência ou manipulação.

Talvez toda essa linguagem do amor seja enfadonha, como é o *Bolero* de Ravel, a repetição de um mesmo tema várias vezes em vozes e volumes diferentes. Mas os músicos não consideram o *Bolero* enfadonho. E os cristãos que se encontram numa comunidade de amor não consideram o mandamento de amar enfadonho. João diz "ame" de uma forma, depois muda o ângulo e diz novamente, muda o tempo verbal e experimenta com ele, emprega as formas negativa, afirmativa e, depois, negativa. Apela para nossas experiências, refresca nossa memória com alusões aos evangelhos, insiste na autoridade presente de Jesus em tudo isso, levanta sua voz aqui e ali, acrescentando palavras picantes como "mentiroso" ou "homicida", "ódio" e "anticristo". Mas todas as frases dizem mais ou menos a mesma coisa: Deus ama você; Cristo mostra como o amor funciona; agora, ame. Ame, ame, ame, ame. Ame sem rodeios, sem desculpas, sem reservas.

> O Amor me deu as boas vindas: mas minha alma se recolheu,
> Culpada de impureza e pecado. Mas o Amor, tão
> perspicaz, vendo que eu enfraquecia
> Tão logo,
> Aproximou-se de mim e perguntou docemente,
> Se algo me faltava. Ao que respondi: falta um convidado digno de estar aqui:
> E o Amor disse: Tu o serás. Eu, o inclemente,
> o ingrato? Ah, meu querido,
> Nem sequer posso olhar para ti. O Amor tomou minha mão e, com um sorriso replicou,
> Quem fez os olhos? Não fui eu? E verdade, Senhor, mas eu os desfigurei: que minha vergonha
> Vá para onde merece estar. E não sabes tu, pergunta o Amor, quem levou a culpa sobre si?
> Meu querido, eu te servirei. Assenta-te, diz o
> Amor, e prova do meu alimento:
> Então me assentei e comi.[158]

[158] George HERBERT, "Love (3)", em *The Country Parson: The Temple,* p. 316.

EPÍLOGO

COMO ARIRAMBAS SE INCENDEIAM...

Na década de 1960, eu estava confuso, sendo levado de um lado para outro por "todo vento de doutrina". Na verdade, não eram os ventos de doutrina que estavam me deixando confuso, mas os ventos dos tempos. Havia muita coisa acontecendo no mundo, na cultura: personalidades carismáticas, como Kennedy e Luther King, movimentos revolucionários no sul dos Estados Unidos, Timothy Leary e a cultura das drogas, ecologia, hippies, Vietnã... Tanta coisa importante a fazer, tantas vozes urgentes chamando... Não me faltava "só uma coisa" — faltavam muitas coisas, e todas elas exigiam minha atenção.

Eu morava numa cidade pequena, a pouco mais de 30 quilômetros de Baltimore, cidadezinha que se transformava rapidamente num subúrbio. Minha denominação havia me enviado para lá a fim de reunir uma congregação e organizar uma igreja. Comecei confiante e cheio de energia. Tinha apoio organizacional e sustento financeiro adequados e me sentia fortemente motivado. Minha missão havia sido articulada com clareza.

Mas, com o passar do tempo, fui me indispondo cada vez mais com meus conselheiros sobre os meios e métodos propostos para garantir a viabilidade numérica e financeira da congregação. Recebi livros sobre estatística e sociologia para ler. Fui inscrito em seminários sobre programação de estratégias eficazes para atingir a classe média.

Não demorei a entrar em crise: um abismo havia sido aberto entre o que eu pregava do púlpito e como liderava nossa comissão de planejamento. Senti que minha atitude para com os homens e as mulheres que se reuniam na congregação estava sendo moldada silenciosamente pelo modo como eu planejava usá-los para ser bem-sucedido em minha incumbência de pastor de uma igreja nova, sem muita consideração por oferecer o pão da vida à alma dessas pessoas. Descobri que estava pensando de forma competitiva

em relação a outras igrejas da cidade, calculando maneiras de vencê-las no jogo dos números.

Havia me tornado extremamente pragmático em tudo o que dizia respeito a métodos e meios. Em momento algum vacilei em minhas convicções teológicas, mas tinha um trabalho a fazer — colocar uma igreja em funcionamento — e estava disposto a usar qualquer meio disponível para isso: apelar para os instintos consumistas das pessoas, usar princípios abstratos para unir o entusiasmo, apresentar nossos objetivos com *slogans* atraentes, criar imagens publicitárias que realçassem o ego.

Certo dia, minha esposa e eu fomos assistir a uma palestra que me mostrou outra maneira de ser. Ela veio na hora exata para me socorrer em meio à confusão em que me encontrava. O palestrante ofereceu uma imagem definidora que deu forma a minha vida pessoal como seguidor de Jesus e a minha vida vocacional como pastor e escritor, companheiro de outros seguidores de Jesus.

O palestrante era Paul Tournier, médico suíço, que na meia-idade transferiu seu local de trabalho do consultório, com a respectiva mesa de exames e laboratório, para a sala de estar de sua casa, diante de uma lareira. Dedicou o resto de sua vida a usar palavras, ouvir e falar no contexto dos relacionamentos pessoais como meio de praticar sua vocação de cura. Deixou de lado uma forma de praticar a medicina voltada quase exclusivamente para o corpo e adotou uma prática médica que tratava, em primeiro lugar, da pessoa como um todo, um ser integrado, constituído de corpo, alma e espírito. Escreveu uma porção de livros;

eu os li todos. Creio que não são mais publicados e, em retrospecto, não diria que eram livros excelentes. Seu estilo era pessoal e repleto de relatos, mas eram permeados por um espírito de graça perspicaz que eu considerava extremamente atraente.

Ao percorrer os trinta e poucos quilômetros do hospital até em casa, minha esposa e eu fomos conversando sobre como havíamos apreciado a palestra. Entre um comentário e outro, minha esposa falou da excelente tradução. Ao que perguntei:

"Que tradução? Não havia ninguém traduzindo". E ela respondeu surpresa: "Eugene, ele estava falando francês. Você não sabe nada de francês; claro que tinha alguém traduzindo". Então, me lembrei da tradutora, uma senhora mais ou menos da mesma idade de Tournier, que ficou ao seu lado, um pouco atrás dele, passando suas palavras do francês para o inglês. Foi tão discreta e despretensiosa e manteve-se de tal forma em segundo plano que mal percebi sua presença e, dez minutos depois do fim da palestra, nem me lembrava dela.

Além disso, o próprio Paul Tournier causou uma impressão muito forte em mim. Ao longo da palestra, fui percebendo cada vez mais uma congruência entre quem ele era e o que ele dizia. Ele morava havia muitos anos na Suíça, mas o que estava dizendo agora em Baltimore parecia uma expressão precisa e madura de tudo o que ele vivia. Assim como a tradutora assimilara-se ao palestrante, com suas palavras em inglês transmitindo não apenas o significado, mas o espírito das palavras em francês, também as palavras dele eram uma coisa só com sua vida — não apenas o que ele sabia e havia feito, mas quem ele era.

A transparência daquele homem ficou marcada em minha memória. Não havia nenhuma dissonância entre palavra e espírito, nenhuma pretensão. A transparência da tradutora correspondeu à do palestrante — nenhum ego, nenhuma consciência de si mesma. Mais tarde, me lembrei do comentário de T. S. Elliot sobre Charles Williams: "Alguns homens são menos que sua obra, outros são mais. Chas. Williams não pode ser enquadrado em nenhuma das categorias. Conhecer o homem teria sido suficiente; conhecer seus livros é suficiente [...] [Ele era] o mesmo homem em sua vida e em seus escritos".[159]

Foi isso que percebi em Tournier naquele dia: ele escrevia o que vivia, ele vivia o que escrevia; na palestra daquele dia, falando pessoalmente em Baltimore, ele era o mesmo que em

---

[159] Citado por W H. AUDEN na introdução a Charles WILLIAMS, *The Descent of the Dove,* p.v.

seus livros escritos na Suíça. Uma vida de *congruência.* Essa é a melhor palavra que consigo imaginar para indicar minha experiência depois dessa conversa sobre teologia espiritual.

A VIDA CRISTÃ É A PRÁTICA vitalícia de tomar em consideração os detalhes da congruência — congruência entre fins e meios, entre o que faço e maneira como o faço. É isso que admiramos num atleta cujo corpo responde com graça, precisão e submissão total às condições da situação: como Michael Jordan perfeitamente unido à quadra, ao jogo, ao basquete e aos seus companheiros de equipe. Ou uma apresentação musical na qual Mozart, um Stradivarius e Ytzhak Perman se fundem e se tornam indistinguíveis um do outro na música. Isso também ocorre com certa freqüência nos lugares mais modestos: uma criança brincando distraidamente; uma conversa na qual as palavras se tornam movimentos de um balé, revelando todo tipo de beleza, verdade e bondade; uma refeição que conduz amigos à consciência silenciosa de afeição e celebração, numa mistura dos sentidos e dos espíritos que confere ao jantar uma dimensão quase eucarística.

Congruência é o que Gerard Manly Hopkins demonstra no verso: "Como arirambas se incendeiam", do soneto do qual tirei a metáfora central para esta conversa sobre teologia espiritual. Começamos com o soneto de Hopkins, na esperança de que ele daria o tom da conversa, ao reunir um conjunto deslumbrante de imagens para fixar nossa atenção na sensação de propriedade e inteireza que experimentamos quando percebemos a congruência total entre o que uma coisa é e o que ela faz: ariramba, libélula, uma pedrinha rolando para dentro de um poço, a corda tangida de um violino, o badalar de um sino — o que acontece e a maneira como acontece, unidos de forma indistinguível. Hopkins prossegue falando de nós, homens e mulheres ("cada coisa mortal"), dando forma a quem e ao que somos.

Mas o que arirambas, libélulas e pedrinhas fazem sem esforço exige um desenvolvimento de nossa parte, uma formação em nossa verdadeira identidade, uma

transformação em pessoas em que os meios pelos quais vivemos são congruentes com os fins. Mas a imagem final de Hopkins não nos mostra alcançando finalmente o que a libélula e a corda tangida fazem apenas porque a biologia e a física assim determinam; sua última imagem mostra como Cristo vive e age em nós de modo a levar nossa vida a expressar essa congruência interior e exteriormente, uma congruência de fins e meios, tendo Cristo como os meios e o fim, atuando pelos nossos membros e nossos olhos voltados para o Pai, pelos traços de nosso rosto, para que vivamos a vida de Cristo à maneira de Cristo.

As PALAVRAS DE JESUS que mantêm isso em foco são: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14:6).

Durante boa parte da vida, venho tentando encontrar maneiras de falar e escrever sobre a vida cristã que darão testemunho das implicações da habitação formal do Espírito Santo de Deus em nós — ou seja, a *maneira* de Jesus. Somente quando praticamos a verdade de Jesus à maneira de Jesus é que temos a vida de Jesus. Não considero isso fácil.

É muito mais fácil falar sobre aquilo em que os cristãos crêem, a verdade do evangelho formulada em doutrinas e credos. Reunimos um rol magnífico de teólogos e estudiosos eruditos e eloqüentes que nos ensinaram a pensar com cuidado e proficiência sobre a revelação de Deus em Cristo por meio do Espírito Santo, e os estudamos com apreciação e bom proveito.

E mais fácil também falar sobre aquilo que os cristãos fazem — o comportamento apropriado para os seguidores de Jesus, descrito nos mandamentos e nos códigos morais, formulado em declarações de visão e estratégias de missão; a vida como desempenho de um papel. Nunca faltaram professores, pais e pastores para nos instruir acerca da moral e dos costumes do reino de Deus.

Mas, para mim, o que ocupa o topo da lista é a vida cristã conforme ela é *vivida,* com essa percepção de congruência entre quem Cristo é e quem eu sou; vivida nesta interseção

congestionada de nosso país com o reino de Deus; Cristo atuando em meus membros e em meus olhos.

INFELIZMENTE, DOIS ELEMENTOS absolutamente fundamentais para a vida cristã são contrários à maioria dos elementos de nossa cultura, o que torna esta interseção um campo confuso, cheio de acidentes, com trânsito complicado e irritação de sobra. Em primeiro lugar, a vida cristã não diz respeito a nós; diz respeito a Deus. A espiritualidade cristã não é um projeto de vida visando o auto-aperfeiçoamento, não é uma questão de desenvolver uma "vida mais profunda". É certo que fazemos parte dela. Porém, não somos os sujeitos. Também não somos a ação. Somos incluídos por meio de algumas preposições: Deus conosco (Mt 1:23), Cristo em mim (Gl 2:20), Deus por nós (Rm 8:31). *Com... em... por...:* palavras poderosas de ligação que estabelecem relações, mas que, em nenhum caso, nos tornam sujeitos ou predicados. Somos a parte final de um complemento prepositivo.

A grande fraqueza da espiritualidade de nosso país é que ela diz respeito inteiramente a *nós:* realizar nosso potencial, participar das bênçãos de Deus, expandir nossa influência, encontrar nossos dons, dominar os princípios pelos quais podemos obter alguma vantagem sobre os competidores. E quanto mais há de nós, menos há de Deus.

E verdade que, mais cedo ou mais tarde, somos convidados ou nos mandam fazer algo. Porém, ao atender ao convite ou à ordem, não nos tornamos jamais os sujeitos nem os agentes da vida cristã. Aquilo para que somos convidados ou ordenados é o que gosto de chamar de participação preposicional. As preposições que nos ligam a Deus e à sua operação em nós e no mundo — o *com,* o *em,* o *por* — são de grande importância, mas representam, essencialmente, maneiras e meios de nos envolvermos, de participarmos daquilo que Deus está fazendo.

Essas maneiras e meios são o segundo elemento fundamental da vida cristã e também um elemento contrário à maioria dos elementos de nossa cultura. As maneiras e

meios devem ser apropriados para o fim a que servem. Não podemos participar da obra de Deus e, então, insistir em fazer as coisas à nossa maneira. Não podemos participar da construção do reino de Deus usando os métodos e as ferramentas do Diabo. Cristo é o *caminho,* bem como a verdade e a vida. Quando não fazemos as coisas à maneira dele, transformamos a verdade em confusão e deixamos de participar da vida.

Meu vizinho em Montana, o filósofo Albert Borgmann, é nosso porta-voz mais eloqüente e importante nessas questões, desmascarando os perigos de permitir que a tecnologia determine como vivemos, ditando os meios pelos quais nós, em suas palavras, "nos envolvemos com o mundo". Não é preciso passar muito tempo com Borgmann, quer pessoalmente quer por meio de seus livros, para perceber que os métodos que usamos hoje se encontram em crise profunda, uma crise em nosso *jeito* de viver. Permitimos que um modo de vida saturado pela tecnologia nos desligasse do que é essencial para nossa humanidade, em relação tanto a coisas como a pessoas.

Como resultado, vivemos uma vida muito aquém da ideal: os relacionamentos se atrofiam, o prazer diminui, a vitalidade desvanece. Borgmann coloca a "cultura da mesa" — o processo de preparar e servir refeições e a limpeza depois delas — no centro da vida bem-vivida. A mesa, tudo o que faz parte do processo de preparar, servir e desfrutar uma refeição exige *envolvimento* (palavra importante para Borgmann) — a menos, é claro, que usemos a tecnologia disponível e compremos comida congelada, nos desligando do contato direto com a comida e ligando a TV como substituto para a conversa, um desligamento decorrente. Usada indiscriminadamente, a tecnologia desencarna a vida, o extremo oposto do que acontece em Jesus na encarnação, na *corporificação* de Deus entre nós. Não temos como viver uma

vida mais semelhante à de Jesus adotando um modo de vida menos semelhante ao dele.[160]

Borgmann é diretor do departamento de filosofia da Universidade de Montana e dedicou parte considerável de sua vida a compreender e discernir como a tecnologia afeta nosso modo de viver, como o jeito de fazer as coisas e os meios utilizados (tecnologia), quando impensados e inapropriados, corrompem ou destroem exatamente aquilo que buscamos. Borgmann não é contra a tecnologia; na verdade, tem grande respeito por ela. Apenas não deseja que ela acabe conosco — e ela está acabando conosco. De modo extremamente detalhado e refletido, ele responde à pergunta proposta tão brilhante e insistentemente por Walker Percy em seus vários romances: "Como é possível sabermos tanto, sermos capazes de fazer tanto e vivermos tão mal?".

E essa preocupação que motiva uma vida de ariramba, a preocupação com a teologia espiritual: o enfoque na *maneira* pela qual vivemos a vida cristã, nos *meios* que empregamos para corporificar a realidade e praticar os mandamentos de Jesus, que se fez carne entre nós.

HÁ MAIS UMA COISA que desejo dizer. Este é um trabalho lento, que não pode ser apressado. Também é um trabalho urgente, que não pode ser procrastinado. A vida ao redor está se deteriorando rapidamente. A vida no centro — vida do evangelho, vida do reino — está sendo comprometida, distorcida e degradada em ritmo assustador. Na interseção de nosso país, o lento e o urgente não são compatíveis; um anula o outro. Mas, no caminho cristão, a paciência e a urgência andam juntas. Por mais urgente que isso seja, não há pressa. Não pode haver pressa. A impaciência é a antítese de uma vida congruente.

---

[160] Para análise detalhada das várias maneiras como esse desvanecimento da vida se dá numa cultura na qual a tecnologia é empregada indiscriminada e irrefletidamente, veja Albert BORGMANN, *Technology and the Character of Contemporary Life*. Richard R. GAILLARDETZ escreveu uma interpretação extremamente proveitosa da obra de Borgmann no contexto real da vida cristã cotidiana em *Transforming Our Days*.

Assim, o que desejo dizer é que a paciência é um pré-requisito. A formação do espírito, o cultivo da alma, a percepção de uma congruência prática entre o caminho e a verdade, tudo isso é trabalho lento que requer paciência interminável. Infelizmente, em nossa sociedade a paciência não é muito apreciada. Estamos com pressa; somos viciados em atalhos; gostamos de carros de corrida e *fast food*. Uma das características mais valorizadas de nossa tecnologia tão alardeada é a velocidade com que podemos obter e fazer coisas.

Mas a vida humana é infinitamente complexa, intricada, misteriosa. Não há atalhos para nos tornarmos os indivíduos que a criação definiu que fôssemos. Não podemos elevar o nosso nível de congruência injetando anabolizantes. A paciência é uma condição difícil de aceitar numa cultura saturada de tecnologia que suporta — pior, que despreza — a lentidão. Assim, a paciência é descartada e, como conseqüência, quanto mais rapidamente nos movemos, menos existimos; nossa velocidade nos reduz.

Falar de teologia espiritual dentro de nossa realidade parece, por vezes, absurdo. É um modo de vida aparentemente muito frágil nesta cultura de tecnologia maciça, de liderança arrogante, de empurrões e cotoveladas, de consumismo insaciável. Viver à maneira de Jesus? Arirambas e libélulas? Pedrinhas lançadas à beira de um poço? Tudo tão ineficiente, tão ineficaz. E, no entanto... No entanto, Jesus nos diz que é assim que devemos viver.

RICK BASS, EXCELENTE ESCRITOR, é outro vizinho meu do estado de Montana. Mora em Yaak, região selvagem e quase despovoada a pouco mais de 100 quilômetros da minha casa. Além de ótimo escritor, é um ambientalista fervoroso. Não o conheço pessoalmente, mas já acompanhei sua atuação e gostei bastante do que vi. Os ambientalistas têm uma preocupação profunda com esta criação; mas muitos deles também são intratáveis, irascíveis e por vezes violentos. Rick Bass é de estatura baixa, franzino, vigoroso e parece estar

quase sempre rindo. Faz festas para lenhadores e mineiros, criando oportunidades para desenvolver uma boa comunicação com eles e uma relação de entendimento. Pouco tempo atrás, Bass escreveu um ensaio que considero leitura obrigatória para qualquer um que deseja viver bem, especialmente como seguidores de Jesus em nosso país, mergulhados nesta cultura impaciente, sempre à procura de atalhos.

Ele descreve como, toda vez que era confrontado com uma tarefa difícil e complexa, se imaginava construindo uma parede, assentando pacientemente um tijolo após o outro até que, a seu tempo, o trabalho estivesse completo. Um trabalho lento, contínuo e cuidadoso, tijolo por tijolo. Porém, nos últimos tempos, ele mudou a metáfora. Depois de ler sobre geleiras, descobriu que elas são a força mais poderosa do mundo. Não há nada, literalmente nada, que possa deter uma geleira. Ela é formada pela neve que caí e se acumula ao longo do tempo — dois centímetros hoje, meio centímetro ontem, uns poucos flocos finos na semana passada. A camada de neve vai se tornando mais funda e sendo comprimida pelo peso do acúmulo. Transforma-se em gelo, que é coberto com mais neve, que também se torna gelo, ano após ano. Durante um longo tempo, nada acontece, mas quando a geleira alcança uma espessura de cerca de 20 metros, começa a se deslocar e, uma vez em movimento, nada pode detê-la.

Essa é a metáfora que Rick Bass adotou para si ao continuar a exercer sua vocação de escrever e testemunhar. Ele observa que uma teoria acerca da origem das geleiras diz que elas "são resultantes de uma oscilação, um pequeníssimo solavanco na rotação da terra [...] sua formação é algo simplesmente miraculoso que se dá porque, por um longo tempo, a terra fica inclinada um trilionésimo de grau para *este* lado e não para *aquele* lado". E comenta:

> Quando estou sozinho no meio do mato e a luta parece insignificante ou inútil, ou quando estou numa reunião e sou atingido por golpes de todos os lados, digo a mim mesmo que as

> coisas pequenas importam — e creio nisso. Se o seu coração se inclinar, mesmo que alguns graus, para a esquerda ou para a direita em relação ao centro, mas com determinação e tempo suficientes, um dia haverá uma oscilação e o gelo começará a se formar onde, por muito tempo antes, não havia gelo nenhum. Se esse processo for mantido ao longo de uma vida, duas ou três, um dia — *inevitavelmente* — o gelo começará a se deslocar.[161]

Ou, usando nossa metáfora, veremos "Cristo atuando em mil lugares, belo em membros, belo em olhos que não são seus, para o Pai, nos traços do rosto de homens dissimilares".

[161] *The Roadless Yaak,* p. 114.

BIBLIOGRAFIA

ANCHOR Bible Dictionary. New York: Doubleday, 1992.

ÁVILA, St. Teresa of. Meditations on the Song of Songs. Em *The Collected Works of Teresa of Ávila,* Washington, D. O: Institute of Carmelite Studies, 1980, vol. 2.

BALTHASAR, Hans Urs von. *The Glory of the Lord.* San Francisco: Ignatius, 1982, vol. 1.

_____. *Mysterium Paschale:* The Mystery of Easter, Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

BARRET, William. The Faith to Will. Em *The American Scholar,* 1978, p. 526. BARTH, Karl. *Church Dogmatics.* Edimburgo: T&T Clark, 1936.

_____. *Credo.* New York: Charles Scribners Sons, 1962.

_____. *The Epistle to the Romans,* trad. Edwyn C. Hoskyns. London: Oxford University Press, 1933.

_____. *The Christian Life.* Grand Rapids: Eerdmans, 1981. BASS, Rick. *The Roadless Yaak.* Guilford,Conn.: Lyons, 2002.

BERRY, Wendell. *The Gift of Good Land.* San Francisco: North Point Press, 1981.

_____. *Life is a Miracle:* An Essay against Modern Superstition. Washington, D. O: Counter-point, 2000.

_____. *A Timbered Choir.* Washington D. C: Counterpoint, 1998.

_____. *What Are Peopley* for? San Francisco: North Point, 1990.

BORGMANN, Albert. *Technology and the Character of Contemporary Life:* A Philosophical Inquiry. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

BROWN, Raymond. *The Birth of the Messiah.* Garden City, N. Y.: Doubleday, 1977.

BROWNING, Robert. A Grammarians Funeral. Em *The Poems and Plays of Robert Browning.* New York: Modern Library, 1934.

BRUNER, F. Dale. *Matthew, a Commentary.* Dallas: Word, 1990.

BUTTRICK, George Arthur *et al.* (Orgs.). *Interpreters Bible.* New York: Abingdon-Cokesbury, 1953.

CHESTERTON, G. K. *Tremendous Trifles.* Beaconsfield, England: Darwen Finlayson, 1968.

CHILDS, Brevard. *The Book of Exodus.* Filadelphia: Westminster, 1974.

CORN, Alfred (Ed.). *Incarnation: Contemporary Writers on the New Testament.* New York: Viking, 1990.

DAHLBERG, Edward. *Can These Bones Live?* Ann Arbor: University of Michigan Press, 1967.

DAY, Dorothy. *The Long Loneliness.* San Francisco: Harper and Row, 1952.

DILLARD, Annie. *Teaching a Stone to Talk.* New York: Harper and Row, 1982.

_____. *Holy the Firm.* New York: Harper and Row, 1977.
DIX, Gregory. *The Shape of the Liturgy.* London: Dacre, 1945.
DODD, C. H. *The Interpretation of the Fourth Gospel.* Cambridge: Cambridge University Press, 1953. ELIOT, T. S. *The Complete Poems and Plays, 1909-1950.* New York: Harcourt, Brace and Co., 1952.
ESHTMAN, Todd. Visiting Lake Wobegon. Em *The Lutheran,* feb. 2002. FEE, Gordon. *God's Empowering Presence.* Peabody, Mass.: Hendrickson, 1994.
FARRER, Austin. *A Rebirth of Images.* Westminster: Dacre, 1949.
_____. *St. Matthew and St. Mark.* Westminster: Dacre, 1954.
_____. *Lord, I Believe:* Suggestions for Turning the Creed into Prayer. Cambridge, Mass.: Cowley, 1989. FITZMYER, Joseph (S. J.). The Gospel According to Luke (I - IX). *The Anchor Bible.* Garden City, N. Y.: Doubleday, 1981.
FRYE, Northrop (Org.). *Selected Poetry and Prose of William Blake.* New York: Modern Library, 1953.
GAILLARDETZ, Richard R. *Transforming Our Days.* New York: Crossroad Publishing, 2000.
GARDNER, W. H.; MACKENZIE, N. H. (Org.). *The Poems of Gerard Manley Hopkins.* London: Oxford University Press, 1967.
GOWAN, Donald E. *Theology in Exodus.* Louisville: Westminster/John Knox, 1994.
GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke.* Grand Rapids: Eerdmans, 1997.
_____; MCKNIGHT, Scot. (Org.). *Dictionary of Jesus and the Gospels.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1992.
GREEN, Julian. *Julian Green Diary 1928-1957,* trad. Anne Green. New York: Carroll and Graf, 1985.
GUNDTON, Colin. *The One, the Three, and the Many:* God, Creation, and the Culture of Modernity. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
HEBER, Reginald. *The Presbyterian Hymnal.* Louisville: Westminster/John Knox, 1990.
HERBERT, George. The Agony. Em
LEWALSKI, Barbara K.; SABOL, Andrew J. (Orgs.). *Major Poets of the Earlier Seventeenth Century,* New York: Odyssey, 1973.
_____. Love (3). Em WALL JR., John N. (Org.). *The Country Parson; The Temple.* New York: Paulist, 1981.
HESCHEL Abraham. *The Sabbath.* New York: Farrar, Straus, and Giroux, 1951.
HOSKYNS, Edwyn; DAVEY, Noel. *The Riddle of the New Testament.* London: Faber and Faber, 1931.
HOULDON, J. L. *A Commentary on the Johannine Epistles.* London: Adam and Charles Black, 1973.
JEREMIAS, Joachim. *New Testament Theology.* London: SCM, 1971.

KNIGHT, George A. F. *Theology as Narration.* Grand Rapids: Eerdmans, 1976.
LACUGNA, Catherine. *God for Us:* The Trinity and Christian Life. San Francisco: Harper-SanFranciso, 1973.
LAMOTT, Anne. *Bird by Bird.* New York: Pantheon, 1994.
_____. *Traveling Mercies.* New York: Pantheon, 1999.
LANE, Belden. *Landscapes of the Sacred.* New York: Paulist, 1988. LEE, Phillip. *Against Protestam Gnostics.* New York: Oxford University Press, 1987.
L`ENGLE, Madeleine. *The Weather of the Heart.* Wheaton, Ill.: Harold Shaw, 1978.
LEVENSON, Jon. *Creation and the Persistence of Evil.* Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1988.
MARSHALL, I. Howard. *The Acts of the Apostles.* Grand Rapids: Eerdmans, 1980.
MEREDITH, William. *The Open Sea.* New York: Alfred Knopf, 1958.
MILOSZ, Czeslaw. *Miloszs ABC.* New York: Farrar, Straus, and Giroux, 2001.
MOULE, H. C. G. *Veni Creator.* London: Hodder e Stoughton, 1890.
MUMFORD, Lewis. *The Story of Utopias.* New York: Viking, 1962.
_____. *The Myth of the Machine,* vol. 1: Technics and Human Development. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1967.
NEWBIGIN, Lesslie. *The Light Has Come.* Grand Rapids: Eerdmans, 1982.
NIEBUHR, Reinhold. Em *The Nature and Destiny of Man,* vol. 2. New York: Charles Scribner's Sons, 1941.
NISSA, Gregory of. *The Life of Moses,* trad. Abraham J. Malherbe e Everett Ferguson. New York: Paulist, 1978.
OTTO, Rudolf. *The Idea of the Holy.* London: Oxford University Press, 1923.
PASCAL, Blaise. *Pensées and Provincial Letters.* New York: Modern Library, 1941.
PEDERSEN, Johannes. *Israel:* Its Life and Culture. London: Oxford University Press, 1926, vol. 1.
PRICE, Reynolds. *Three Gospels.* New York: Scribner, 1996.
RAMSEY, A. M. *P. T.Forsyth:* Período Crucem ad Lucem. London: SCM, 1974.
ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *The Fruit of Lips:* Or Why Four Gospels. Marion Davis Battles (Org.). Pittsburgh: Pickwick Press, 1978.
_____. *I Am an Impure Thinker.* Norwich, Vt.: Argo, 1970.
ROSENTHAL, Peggy. Poet of the Hidden God, *The Christian Century,* jan. 2001: 4-5.
RUSSELL, Mary Doria. *The Sparrow.* New York: Ballatine, 1996.
SAWYER, J. E; FABRY, H-J. Em *Theological Dictionary of the Old Testament,* vol. 4 Org. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

SMITH, Walter Chalmers. *The Hymnbook.* Filadelphia: Presbyterian Church, 1955.
STEERE, Douglas. *Dimensions of Prayer.* New York: Harper and Row, 1962.
STEGNER, Wallace. *When the Bluebird Sings to the Lemonade Springs.* New York: Random House, 1992.
STEINER, George. *Grammar of Creation.* New Haven: Yale University Press, 2001.
_____. *Real Presences.* Chicago: University of Chicago Press, 1989.
_____. *Errata.* New Haven: Yale University Press, 1997.
STOTT, John. *The Birds Our Teachers. Wheaton, Ill.*: Harold Shaw, 1999.
SULIVAN, Jean. *Morning Light.* New York: Paulist, 1988.
TEMPLE, William. *Readingsin St. John`s Gospel.* London: McMillan, 1959.
THOMAS, R. S. *Later Poems.* London: Papermac, 1984.
THOREAU, Henry David. *Walden, ou, A vida nos bosques [e A desobediência civil].* São Paulo: Aquariana, 2001. TOON, Peter. *The New International Dictionary of the Christian Church.* Org. J. D. Douglas. Grand Rapids: Zondervan, 1974.
VISSER, Margaret. *Much Depends upon Dinner.* New York: Grove, 1986.
VON RAD, Gerhard. *Gênesis.* London: SCM Press, 1961.
_____. *Old Testament Theology.* New York: Harper and Brothers, 1962.
WALTKE, Bruce. The Fear of the Lord: the Foundation for a Relationship with God. Em
PACKER, J. I.; WILKINSON, Loren (Orgs.). *Alive to God:* Studies in Spirituality Presented to James Houston. Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1996.
_____. The Creation Account in Genesis 1.1-3, Part IV: The Theology of Genesis 1. Em *Bibliotheca Sacra,* out. 1975.
WARD, Maise. *Gilbert Keith Chesterton.* Baltimore: Penguin [1944] 1958.
WEINFELD, Moshe. Deuteronomy I—II, em *The Anchor Bible,* vol. 5. New York: Doubleday, 1991.
WESTCOTT, B. F. *The Epistles of John.* Grand Rapids: Eerdmans, 1979.
WILLIMON, William. *The Pastor.* The Theology and Practice of Ordained Ministry. Nashville: Abingdon, 2000. WILLIAMS, Charles. *The Descent of the Dove.* New York: Meridian, 1956.
MORISETTE, Alanis. *Jagged Little Pill.* Maverick Records, 1995.